JAQUELINE DE OLIVEIRA BRANDÃO

Xavier de Carvalho - correspondente parisiense do matutino *O País* (Rio de Janeiro, 1909-1919)

ASSIS

2023

JAQUELINE DE OLIVEIRA BRANDÃO

Xavier de Carvalho - correspondente parisiense do matutino *O País* (Rio de Janeiro, 1909-1919)

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Doutora em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social.

Orientador: Alvaro Santos Simões Junior

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

ASSIS

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

B817x

Brandão, Jaqueline de Oliveira
Xavier de Carvalho: correspondente parisiense do matutino *O País* (Rio de Janeiro, 1909-1919) / Jaqueline de Oliveira Brandão. — Assis, 2023
410 f. : il.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Dr. Alvaro Santos Simões Junior

1. Carvalho Júnior, José Xavier de (1861-1919).
2. Periódicos brasileiros - Rio de Janeiro (RJ).
3. Transferências culturais. I. Título.

CDD 079.81

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE JAQUELINE DE OLIVEIRA BRANDÃO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 10 dias do mês de maio do ano de 2023, às 14:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de JAQUELINE DE OLIVEIRA BRANDÃO, intitulada **Xavier de Carvalho - correspondente parisiense do matutino O País (Rio de Janeiro, 1909-1919)**. A Comissão Examinadora foi constituida pelos seguintes membros: Prof. Dr. ALVARO SANTOS SIMÕES JUNIOR (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação / UNESP/FCL-Assis, Prof. Dr. JOÃO CLÁUDIO ARENDT (Participação Virtual) do(a) UFES/Vitória-ES, Profa. Dra. JOELMA SANTANA SIQUEIRA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Letras / UFV/Viçosa-MG, Profa. Dra. TANIA REGINA DE LUCA (Participação Presencial) do(a) Departamento de História / UNESP/FCL-Assis, Profa. Dra. DANIELA MANTARRO CALLIPO (Participação Presencial) do(a) Departamento de Letras Modernas / UNESP/FCL - Assis. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Ao meu pai,
José Hugo de Oliveira (*in memorian*),
que na sua humildade,
sonhou em ter seus filhos doutores.
E ao meu filho,
Thomas de Oliveira Brandão,
que desde seu nascimento,
tem provado ser um milagre de Deus na minha vida

AGRADECIMENTOS

Pretendo ser justa ao reconhecer que este trabalho é fruto de muitas mãos generosas que conduziram as minhas por este caminho tão desafiador, mas estou ciente de que talvez me faltem palavras para expressar o quão agraciada e agradecida sou por tanto apoio dispensado a mim. Foi um período de desenvolvimento acadêmico e, sobretudo, pessoal, na medida em que sou parte integrante de todo resultado aqui alcançado que, por sua vez, só foi possível em razão de pessoas que fizeram parte dessa trajetória. É chegado, portanto, o momento de externar a minha imensa gratidão a todas elas.

Primeiramente, dou graças a Deus pela vida e pela saúde, especialmente por me permitir sair ilesa do período pandêmico que passamos e que compreendeu a realização deste trabalho. Agradeço a Deus por todas as ricas chances e oportunidades que tem me dado, mesmo eu não sendo digna, tampouco merecedora. Sem a confiança de que sempre estive sob seu poderoso amparo em meio a tantos sofrimentos, há muito já havia desistido; por isso, glorifico a Deus por mais essa vitória e Lhe agradeço pela força, sustento e sabedoria que confiou a mim.

Este texto só pode ser escrito graças à sólida, embora diminuta rede de apoio que tenho e com a qual posso contar a qualquer momento. Meu agradecimento repleto de amor dispenso ao meu incansável marido, Danilo de Almeida Brandão, por ser o meu porto seguro, por me conceder o privilégio de ter a segurança em desbravar trajetos por vezes turbulentos, mas sempre com a certeza de poder contar com o seu respaldo e fortaleza. Sou grata a ele também por nunca medir esforços e sempre apoiar e incentivar meus projetos e sonhos, pelas incontáveis vezes que se desdobrou para exercer não somente o seu papel perante a nossa família, mas também o meu, quando a pesquisa exigia demasiadamente de mim e por seu amor incondicional, que me dá a confiança de que jamais estarei sozinha.

Indubitavelmente a minha maior motivação para alcançar a melhor versão de mim mesma encontra-se nos meus filhos, Theo e Thomas de Oliveira Brandão. Uma vez que a minha história ganhou o capítulo mais perfeito com a chegada deles, procuro evoluir ao ponto de merecê-los como presentes de Deus que, de fato, são em minha vida. Em razão

disso, lhes sou eternamente grata pela dádiva e pelo orgulho que desfruto por me permitirem realizar a mais bela das missões e por me proporcionarem usufruir do mais nobre de todos os sentimentos, aquele mais próximo do amor de Deus por nós, que é o amor de mãe. Agradeço, então, por serem o meu combustível, por me mostrarem que sou capaz de enfrentar os maiores desafios e por serem a razão da minha existência, bem como a força para seguir em frente sem jamais desistir.

Aos meus saudosos pais, Maria José de Oliveira e José Hugo de Oliveira, que enquanto viveram nunca mediram esforços para me proporcionar condições suficientes para explorar o mundo que eu escolhi percorrer e, mesmo após a passagem de ambos, continuam a me inspirar através dos exemplos que me legaram. À minha mãe, agradeço pelo abrigo, alento, força, e sabedoria que sempre dedicou à minha criação; à ela e aos seus conselhos devo os meus maiores atos de fé e coragem. Ao meu pai, em sua infinita humildade e paciência, mais do que agradecer, dedico esta tese; seu companheirismo e sua presença em cada fase importante da minha vida estão sendo dolorosamente sentidos nesta conquista do maior sonho compartilhado por nós: o Doutorado. Por outro lado, tenho a plena convicção de que estaria orgulhoso por me ver atingindo mais um objetivo e isso acalma meu coração.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Alvaro Santos Simões Junior, por ter confiado em mim e me guiado por essa caminhada com humanidade e dedicação, sendo sempre um exemplo de profissional e inspiração para qualquer um que se aventure pelas veredas da pesquisa. Sou grata, ainda, pelo seu incentivo munido de muita paciência e sabedoria que me rendeu uma orientação precisa e sincera; seus ensinamentos foram essenciais para a composição desta tese e para minha formação docente. Sem seu acolhimento e empatia, nada disso seria possível, tendo em vista que tive o privilégio de desfrutar de sua generosa compreensão nos momentos de dificuldade pelos quais enfrentei.

Sou grata aos meus familiares que sempre torceram pela minha felicidade e realização. Agradeço especialmente aos meus irmãos Mauro e Agnaldo pelo carinho e incentivo e também às minhas cunhadas e aos meus sobrinhos, que sempre demonstraram tamanho apreço pela minha jornada.

Neste espaço, estendo meus agradecimentos à pessoa que se tornou minha companhia durante toda a trajetória do doutorado e não apenas o sujeito sobre o qual a

minha pesquisa foi dedicada. Portanto, sou grata a Xavier de Carvalho, não somente pelo legado que nos deixou a partir do exercício de sua profissão ou pelo fato de ter se tornado um mediador cultural e contribuído para o enriquecimento cultural de nações como o Brasil, a França e Portugal, mas também por expor sua humanidade, compartilhando os reveses de sua vida particular, que em muitos aspectos correspondia com os meus.

Agradeço à Débora Brauner e ao Anderson Andrade, amigos de graduação, que tive o prazer de reencontrar na pós e que compartilharam comigo conhecimentos tão valiosos, bem como momentos de descontração. Sou grata também à Juliane Camargo e à Bárbara Ciciliato, que no momento final da escrita desta tese, ressurgiram para compartilharmos os desafios e as expectativas da realização deste sonho. Agradeço sobretudo à minha querida amiga, Lurdes Micaelly Neris Ferreira, que me estendeu a mão no momento de maior turbulência nessa trajetória, que não poupou esforços para me acudir e ajudar a recolher os meus caquinhos, quando eu já não tinha forças para me reerguer sozinha, mas principalmente por se tornar a mais impecável definição de amizade verdadeira na minha vida. Para finalizar os agradecimentos aos amigos, mas não menos importante, agradeço à Alessandra Collodel de Farias, que chegou na minha vida no exercício da sua profissão de psicóloga e hoje faz parte da minha trajetória de uma forma tão lata e significativa - a ponto de me sugerir leituras que inclusive compõem esta tese - que eu jamais poderia deixar de expressar aqui o tamanho da minha gratidão.

Sou imensamente grata à Profa. Dra. Eliane Galvão, que através de sua admirável generosidade, me acolheu na supervisão do meu estágio de docência, me fez sentir útil e capaz de grandes feitos não só dentro de uma sala de aula, mas também fora dela e me ensinou que a gentileza e a humanidade são a essência do bom profissional, independentemente de títulos. Agradeço por me estender a mão, mesmo sem me conhecer, e depositar tanta confiança em mim. Me sinto privilegiada por nossas vidas terem se cruzado e extremamente feliz pelo fato do Programa de Pós-Graduação em Letras da Unesp de Assis contar com a coordenação de uma mulher ímpar, que preza pela qualidade da pesquisa e pela excelência dos profissionais que estão sendo formados.

Deixo registrado aqui também, meus agradecimentos à Faculdade de Ciências e Letras - UNESP de Assis, por ter sido meu segundo lar nos últimos anos, por me proporcionar a vivência de inúmeros momentos felizes, por me apresentar tantas pessoas queridas e por me (trans)formar na pessoa e profissional que eu sou hoje. Aproveito o ensejo para demonstrar minha gratidão aos funcionários da Seção de Pós-Graduação, em

especial ao Marcos Francisco D'Andrea, por ter sido sempre tão solícito, simpático e paciente comigo. Aos funcionários da biblioteca "Acácio José Santa Rosa" e do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários.

Sou grata às Profas. Dras. Daniela Mantarro Callipo e Tania Regina de Luca por terem gentilmente aceitado o convite para participar do meu Exame Geral de Qualificação, pela leitura atenta da versão anterior desta tese, pelas valiosas sugestões, que enriqueceram o presente trabalho e pelos elogios tão carregados de gentileza que concederam a mim. Agradeço também aos professores membros da banca examinadora (titulares e suplentes) da defesa, às Profas. Dras. Daniela Mantarro Callipo, Joelma Santana Siqueira e Tania Regina de Luca, bem como ao Prof. Dr. João Cláudio Arendt, por aceitarem o convite para contribuírem para a fase final e, por isso, mais importante do trabalho, bem como pela disposição em lê-lo e dispensarem seus conhecimentos para o benefício dele.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Por isso, sou imensamente grata à essa fundação, que em tempos nebulosos e desafiadores, me proporcionou a oportunidade de levar o meu sonho adiante e me dedicar integralmente à realização desta tese.

Não sinto o mesmo gosto nas palavras
oiseau e pássaro
Embora elas tenham o mesmo sentido.
Será pelo gosto que vem de mãe? de língua mãe?
Seria porque eu não tenha amor pela língua
de Flaubert?
Mas eu tenho.

Manoel Bandeira

RESUMO

A imprensa brasileira constitui um terreno fecundo para o estudo das transferências culturais entre Brasil e França, especialmente no período em que não apenas ela se encontrava em processo de formação, mas a própria nação estava em vias de consolidação de sua identidade. Dentre o vasto conjunto de bens inéditos propagados através das transferências culturais desse momento, o destaque foi dado para aqueles que foram veiculados pela imprensa carioca, mais especificamente através da coluna "Cartas de Paris", do jornal *O País*, escrita pelo correspondente estrangeiro, José Xavier de Carvalho Júnior (1861-1919), no intervalo de 1909 a 1919. Em função disso, a intenção é comprovar que o lisboeta Xavier de Carvalho pode ser considerado um agente das transferências culturais e portanto um mediador cultural (*passeurs culturel*), tendo em vista que desempenhou um papel significativo na divulgação da cultura europeia, fundamentalmente no que tange a literatura, sobretudo a francesa, não apenas no Brasil, como também em seu país de origem, contribuindo até mesmo para a circularidade das transferências culturais ao disseminar a cultura brasileira na Europa. Tudo isso em um momento de efervescência não somente nas artes, mas em todos os âmbitos de um período, conhecido como a *Belle Époque*, que semeava largamente seus frutos, experimentados inclusive por aqui. Naquele tempo verificava-se o advento da vanguarda futurista europeia, fato que coincide com os prenúncios do Modernismo brasileiro. Por outro lado, o nacionalismo exacerbado vigorava, culminando em um dos períodos de maior tensão da humanidade: a I Guerra Mundial. Dessa forma, a ênfase dada ao engajamento de Xavier de Carvalho, em sua função social no exercício da profissão de correspondente internacional, foi capaz de desvendar a sua contribuição às nações que tiveram a oportunidade de se apropriar desses bens culturais, aclimatando-os aos próprios contextos e, por isso, tornando-os legítimos e originais através de um autêntico processo de mestiçagem. Por intermédio da atividade profissional realizada por Xavier de Carvalho na imprensa, foi possível explorar o papel de correspondentes internacionais e traçar um panorama de tal ofício diretamente de Paris em outros jornais brasileiros contemporâneos ao *País* e ainda examinar o gênero adotado pelos correspondentes no exercício de sua profissão, portanto, a crônica jornalística. Ainda que o trabalho de Xavier de Carvalho caracterize-se pela visada dos bastidores, é possível identificar o seu engajamento em inúmeros temas que, por sua vez, são capazes de demonstrar a sua função social como um mediador cultural, bem como promover a latinidade, colaborar para a causa feminista, denunciar as desventuras da classe burguesa, realizar propagandas de guerra em prol da França, se posicionar em relação à guerra ideológica e expor a decadência moral do ilustre brasileiro, Oliveira Lima, aos olhos dos aliados no período de guerra. O jornal *O País* também é apresentado em algumas de suas principais singularidades, inclusive em relação ao seu posicionamento perante a guerra. A partir dos dez últimos anos de contribuição de Xavier de Carvalho para o jornal *O País*, foi construída uma ficha de indexação, que encontra-se em apêndice, composta pelas edições que traziam as colaborações do correspondente acerca dos temas relacionados à cultura e à literatura, de forma resumida. Tendo *O País* como suporte, também foram redigidas, com a ortografia atualizada, algumas amostras de crônicas que compõem as "Cartas de Paris", a título de exemplificação, que acham-se em anexo.

PALAVRAS-CHAVE: Xavier de Carvalho; *O País*; transferências culturais; mediador cultural; "Cartas de Paris".

ABSTRAC

The Brazilian press constitutes a fertile ground for the study of cultural transfers between Brazil and France, especially in the period when not only was it in the process of formation, but the nation itself was in the process of consolidating its identity. Among the vast set of unpublished assets in studies propagated through the cultural transfers of that moment, the highlight was given to those that were published by the Rio de Janeiro press, more specifically through the column "Cartas de Paris", of the newspaper *O País*, written by the foreign correspondent, José Xavier de Carvalho Júnior (1861-1919), from 1909 to 1919. As a result, the intention is to prove that the Lisbon-born Xavier de Carvalho can be considered an agent of cultural transfers and therefore a cultural mediator (*passeurs culturel*), bearing in mind that it played a significant role in the dissemination of European culture, fundamentally with regard to literature, especially French literature, not only in Brazil, but also in its country of origin, even contributing to the circularity of cultural transfers by disseminating Brazilian culture in Europe. All this in a moment of effervescence not only in the arts, but in all areas of a period known as the *Belle Époque*, which widely sowed its fruits, experienced even here. At that time, the advent of the European Futurist avant-garde was taking place, a fact that coincided with the precursors of Brazilian Modernism. On the other hand, exacerbated nationalism prevailed, culminating in one of the periods of greatest tension of humanity: the First World War. In this way, the emphasis given to Xavier de Carvalho's commitment, in his social function in the exercise of the profession of international correspondent, was able to reveal his contribution to the nations that had the opportunity to appropriate these cultural assets, acclimatizing them to their own contexts and, therefore, making them legitimate and original through an authentic process of miscegenation. Through the professional activity carried out by Xavier de Carvalho in the press, it was possible to explore the role of international correspondents and draw an overview of such office directly from Paris in other contemporary Brazilian newspapers in the country and also examine the genre adopted by correspondents in the exercise of their profession, therefore, the journalistic chronicle. Although Xavier de Carvalho's work is characterized by a behind-the-scenes approach, it is possible to identify his engagement in numerous themes that, in turn, are capable of demonstrating Xavier de Carvalho's social function as a cultural mediator, as well as in promoting of Latinity, in collaboration with the feminist cause, in denouncing the misfortunes of the bourgeois class, in carrying out war advertising in favor of France, in positioning itself in relation to ideological war and in exposing the moral decay of the illustrious Brazilian, Oliveira Lima, to the Allied eyes during wartime. The newspaper *O País* is also presented in some of its main singularities, including in relation to its inclination towards war. From the last ten years of Xavier de Carvalho's contribution to the newspaper *O País*, an indexing form was built, which is found in an appendix, consisting of editions that bring the correspondent's collaborations on themes related to culture and literature, in brief. Some samples of chronicles that make up the "Cartas de Paris" were also written, with updated spelling, as an example, which are attached.

KEYWORDS: Xavier de Carvalho; *O País*; cultural transfers; cultural mediator; "Cartas de Paris".

RÉSUMÉ

La presse brésilienne constitue un terreau fertile pour l'étude des transferts culturels entre le Brésil et la France, surtout à l'époque où non seulement elle était en voie de formation, mais la nation elle-même était en voie de consolider son identité. Parmi le vaste ensemble d'actifs inédits dans les études propagées à travers les transferts culturels de ce moment, l'accent a été mis sur ceux qui ont été publiés par la presse de Rio de Janeiro, plus précisément à travers la rubrique "Cartas de Paris", du journal *O País*, écrit par le correspondant étranger, José Xavier de Carvalho Júnior (1861-1919), de 1909 à 1919. En conséquence, l'intention est de prouver que Xavier de Carvalho, né à Lisbonne, peut être considéré comme un agent de transferts culturels et donc un médiateur culturel (passeurs culturels), sachant qu'il a joué un rôle important dans la diffusion de la culture européenne, fondamentalement en ce qui concerne la littérature, notamment la littérature française, non seulement au Brésil, mais aussi dans son pays d'origine, contribuant même à la circularité des transferts culturels en diffusant la culture brésilienne en Europe. Tout cela dans un moment d'effervescence non seulement dans le domaine des arts, mais dans tous les domaines d'une période dite de la Belle Époque, qui a largement semé ses fruits, vécus jusqu'ici. A cette époque, l'avènement de l'avant-garde futuriste européenne a lieu, un fait qui coïncide avec les précurseurs du modernisme brésilien. D'autre part, un nationalisme exacerbé prévalait, culminant dans l'une des périodes de plus grande tension de l'humanité: la Première Guerre mondiale. Ainsi, l'accent mis sur l'engagement de Xavier de Carvalho, dans sa fonction sociale dans l'exercice du métier de correspondant international, a pu révéler son apport aux nations qui ont eu l'opportunité de s'approprier ces biens culturels, en les acclimatant à leur propres contextes et, par conséquent, en les rendant légitimes et originaux par un authentique processus de métissage. Grâce à l'activité professionnelle exercée par Xavier de Carvalho dans la presse, il a été possible d'explorer le rôle des correspondants internationaux et de dresser un aperçu de ce bureau directement de Paris dans d'autres journaux brésiliens contemporains du pays et également d'examiner le genre adopté par les correspondants. dans l'exercice de leur métier, donc, la chronique journalistique. Bien que le travail de Xavier de Carvalho se caractérise par une approche des coulisses, il est possible d'identifier son engagement dans de nombreux thèmes qui, à leur tour, sont capables de démontrer la fonction sociale de Xavier de Carvalho en tant que médiateur culturel, ainsi que dans la promotion de la latinité, en collaboration avec la cause féministe, à dénoncer les malheurs de la classe bourgeoise, à mener une propagande de guerre en faveur de la France, à se positionner par rapport à la guerre idéologique et à dénoncer la décadence morale de l'illustre brésilienne, Oliveira Lima, aux yeux des Alliés en temps de guerre. Le journal *O País* est également présenté dans certaines de ses principales singularités, notamment par rapport à son penchant pour la guerre. A partir des dix dernières années de contribution de Xavier de Carvalho au journal *O País*, une fiche d'indexation a été construite, que l'on retrouve en annexe, constituée d'éditions qui rapportent les collaborations du correspondant sur des thèmes liés à la culture et à la littérature, en bref. Quelques exemples de chroniques qui composent les “Cartas de Paris” ont également été rédigés, avec une orthographe mise à jour, à titre d'exemple, qui sont joints.

MOTS-CLÉS: Xavier de Carvalho; *O País*; transferts culturels; médiateur culturel; "Cartas de Paris".

LISTA DE FIGURAS:

Figura 1 - Página da coluna “Cartas de Paris” no *País*..... 27
Figura 2 - Xavier de Carvalho..... 76
Figura 3 - Busto de Camões, por Luigi Betti..... 90
Figura 4 - Busto de Camões, por Clara Menéres..... 91
Figura 5 - Rafael Xavier de Carvalho..... 161
Figura 6 - Manuel de Oliveira Lima..... 193

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 16

1. XAVIER DE CARVALHO: O CORRESPONDENTE INTERNACIONAL DO *PAÍS* NA SUA FUNÇÃO DE AGENTE DAS TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS..... 28

1.1 TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS: A IMPRENSA COMO ELO ENTRE BRASIL E FRANÇA..... 30
1.2 XAVIER DE CARVALHO: UM MEDIADOR CULTURAL..... 41
1.3 *O PAÍS*: UM IMPORTANTE SUPORTE PARA AS TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS..... 53
1.4 CRÔNICA: A "FILHA DO JORNAL" QUE FOI PARAR NOS LIVROS..... 57
1.5 AS CRÔNICAS DE XAVIER DE CARVALHO 64
1.6 O CORRESPONDENTE INTERNACIONAL E SUA FUNÇÃO DE INTERMEDIAR CULTURAS: XAVIER DE CARVALHO..... 68
1.7 PANORAMA DA ATIVIDADE DE CORRESPONDENTE INTERNACIONAL EM PARIS NO ANO DE 1909..... 71

2. OS BASTIDORES DOS EVENTOS ARTÍSTICOS, INTELECTUAIS E HISTÓRICOS NAS "CARTAS DE PARIS" 78

2.1 A ESTÁTUA DE CAMÕES, O NACIONALISMO E AS QUESTÕES POLÍTICAS E RELIGIOSAS. 79
2.2 XAVIER DE CARVALHO: UM APOIADOR DA CAUSA FEMINISTA..... 95
2.3 A *BELLE ÉPOQUE* E AS DESVENTURAS DA CLASSE BURGUESA SEGUNDO XAVIER DE CARVALHO..... 110
2.4 O ESTILO ARTENOVISTA NO BRASIL: UM PRODUTO DAS TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS..... 115
2.5 O FUTURISMO AOS OLHOS DE XAVIER DE CARVALHO..... 116
2.6 FUTURISMO NO BRASIL: MESTIÇAGEM..... 127

3. A I GUERRA MUNDIAL NAS CRÔNICAS DE XAVIER DE CARVALHO..... 140

3.1 XAVIER DE CARVALHO: UM CORRESPONDENTE DA I GUERRA MUNDIAL..... 142
3.2 A PROPAGANDA DE GUERRA POR XAVIER DE CARVALHO E OS EFEITOS EM SUA VIDA PESSOAL..... 153
3.3 GUERRA IDEOLÓGICA: A BARBÁRIE ALEMÃ E O POSICIONAMENTO DE XAVIER DE CARVALHO..... 162
3.4 O "VELHO AMIGO" OLIVEIRA LIMA: DA GLÓRIA AO INFORTÚNIO..... 173
3.5 A INCLINAÇÃO DO *PAÍS* NA I GUERRA MUNDIAL CONFORME AS CRÔNICAS DE XAVIER DE CARVALHO..... 194

CONCLUSÃO..... 203

REFERÊNCIAS..... 211

APÊNDICE..... 219

ANEXO..... 391

INTRODUÇÃO

Através da experiência obtida no Mestrado[1], em que o trabalho com periódicos pôde ser praticado, foi possível descobrir a pertinência e a riqueza das fontes primárias para o desenvolvimento de uma pesquisa original na área da literatura. Ao tomarmos ciência da existência da coluna "Cartas de Paris", escritas por Xavier de Carvalho no jornal *O País*, nos vimos diante de um rico manancial de possibilidades inéditas de pesquisa nos âmbitos da cultura de forma geral e também da literatura, já que tais domínios eram assumidamente privilegiados pelo correspondente desde o anúncio de inauguração da coluna.

Nesse sentido, objetiva-se estudar a coluna do correspondente do *País* em Paris, portanto de Xavier de Carvalho, como um fenômeno das transferências culturais, resgatando sua figura do limbo do esquecimento para reposicioná-la na história como um mediador cultural. Secundariamente, pretende-se iluminar a atividade de correspondente estrangeiro em jornais brasileiros, bem como as relações franco-luso-brasileiras nos âmbitos artísticos, mais especificamente literários e culturais; estudar os aspectos do campo literário, as divergências e as tentativas de afirmação dos intelectuais no âmbito literário diante da centralidade da cultura parisiense, que acaba sendo o modelo e o meio das intermediações também fazem parte dos nossos objetivos.

Nos propomos a lançar um olhar ao gênero pelo qual os correspondentes internacionais tecem suas colaboração, portanto a crônica jornalística, para então destacar algumas características das crônicas de Xavier de Carvalho. Além disso, intentamos percorrer as "Cartas de Paris" em busca de temas relacionados à cultura e à literatura para enfim traçar uma apuração dos eventos artísticos, intelectuais e históricos de realce com base nas deliberações do correspondente do *País* em Paris.

A contribuição de Xavier de Carvalho, como correspondente internacional do *País* na capital francesa, teve início pelo menos a partir de 1890 e, logo no início de 1891, tornou-se, com exclusividade, o responsável por inaugurar e nutrir a coluna "Cartas de Paris", que perdurou até 1919, ano de sua morte. No entanto, restringimos a nossa

[1] BRANDÃO, Jaqueline de Oliveira. *A presença de Eça de Queirós e de Fradique Mendes no jornal paulistano O Pirralho (1911 - 1918)*. 2018. 294 f. Dissertação (Mestrado em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

investigação aos dez últimos anos de sua colaboração, portanto de 1909 a 1919, especialmente por abranger o período do intenso recrudescimento das vanguardas europeias.

Os temas elegidos pelo correspondente para as "Cartas de Paris" são os mais variados: crimes, acidentes, greves, denúncias, política, festas, obituários, missas, conflitos diplomáticos etc. Todavia, as atenções foram concentradas nas manifestações culturais e nos eventos ligados à literatura, como, por exemplo, publicação de novos livros, conferências, peças de teatro, concertos musicais, sessões de cinema e homenagens a literatos. Interessam-nos também informações sobre associações, clubes, banquetes, viagens, além de palestras, eventos e exposições ligadas às artes plásticas, já que a pintura, a arquitetura e a escultura não podem estar alheias, pois muitas das manifestações literárias estavam consoantes com essas artes e em autêntico processo de renovação.

Diante disso, notamos a relevância de apurar o que poderia ser de conhecimento do público leitor brasileiro sobre os principais fatos de cunho cultural e literário ocorridos na Europa através de suas crônicas escritas no período histórico que precede a Semana de Arte Moderna, tida como um dos principais marcos que deu início ao modernismo brasileiro, que coincide especialmente com a vanguarda europeia do futurismo.

Pretende-se averiguar como, porventura, se deu o processo de mestiçagem, na medida em que os nossos intelectuais recebiam as notícias escritas por Xavier de Carvalho. Identificar a forma em que foram feitas as aclimatações, assimilações e adaptações conforme a nossa realidade tornou-se de interesse para a nossa pesquisa e fundamental para os estudos das transferências culturais.

Além disso, para a história da literatura brasileira, é relevante observar o trabalho de Xavier de Carvalho especialmente nesse período em que se anunciavam as transformações que delineariam os contornos da modernidade, uma vez que se configura um momento em que a nossa literatura se encontrava em fase de afirmação de sua originalidade.

Intencionando legitimar *a afirmativa de que Xavier de Carvalho pode ser considerado um mediador cultural e, portanto, um agente das transferências culturais entre França, Brasil e também Portugal*, nos fundamentamos especialmente nos textos que compõem o livro *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*, organizado por Valéria Guimarães, além dos compostos por Espagne, Gruzinski

e Joyeux-Prunel. Desse modo, a perspectiva teórica que baliza o nosso trabalho é a das transferências culturais em âmbito transnacional, das quais trabalhamos no primeiro capítulo desta tese.

Para que as considerações a respeito das transferências culturais especialmente entre Brasil e França intermediadas por Xavier de Carvalho fossem mais significativas, percebeu-se a necessidade de trazer à luz as noções basilares dos conceitos e dos tópicos em pauta, tais como: a mestiçagem, a imprensa periódica brasileira em sua gênese, o contexto histórico-literário, bem como a atuação dos correspondentes que, por si só, já nos oferece oportunidades para refletir sobre o processo de mediação.

Em franco desafio a ideias arraigadas de imitação e atraso cultural, amparadas em uma suposta centralidade das nações mais importantes da Europa, diante das quais se curvariam as periféricas, tais pesquisas se voltaram antes, considerando especificamente o contexto brasileiro, para "o movimento *entre* Europa e Brasil e não o fluxo de ideias e mercadorias *da* Europa *para* o Brasil" (ABREU; MOLLIER, 2016, p. 13, grifos dos autores). Tanto é real a circularidade de bens culturais entre Brasil e França, que as crônicas de Xavier de Carvalho ocupam-se abundantemente da presença brasileira por lá e da exponencial relevância dessa dinâmica.

No entanto, como parte dos objetivos desta pesquisa, é exequível ao menos rastrear as edições da coluna "Cartas de Paris" escritas por Xavier de Carvalho com a finalidade de examinar o papel desempenhado por ele na divulgação das ideias culturais e literárias europeias em um período fundamental para a constituição das artes e da intelectualidade brasileira. Temos como interesse principal a identificação específica das notícias que os letrados brasileiros tinham dos movimentos intelectuais e também das vanguardas artísticas e literárias, especialmente do futurismo, e como, quiçá, fizeram delas um produto legítimo.

Xavier de Carvalho é apresentado de forma a destacar a sua função de mediador cultural a partir de seu ofício de correspondente internacional do *País* na capital francesa, através de uma breve biografia. As apresentações foram estendidas ao veículo que viabilizou esse processo de transferências culturais, isto é, o jornal *O País*, que se tornou suporte indiscutível de intermediação entre polos culturais distintos.

Da mesma forma, ainda no primeiro capítulo, a trajetória da crônica foi percorrida, já que ela é o gênero eleito pelos correspondentes internacionais, bem como por Xavier

de Carvalho na coluna "Cartas de Paris", para exercer seu ofício, mas também como objeto e produto das transferências culturais, na medida em que o cronista construía o retrato de Paris para os leitores do *País*.

Para que a função desempenhada por Xavier de Carvalho no jornal carioca fosse abalizada, foi necessário realizar um exame do início da prática da profissão de correspondente internacional ou enviado especial pelos órgãos da imprensa brasileira, uma vez que, a partir da década de 1880, a imprensa brasileira, principalmente os jornais do Rio de Janeiro, contavam com a notável contribuição de portugueses.

Ademais, houve a preocupação de identificar o panorama das correspondências estrangeiras em alguns dos jornais brasileiros e realizar um retrato de colunas semelhantes à "Cartas de Paris" em outros diários cariocas contemporâneos ao *País*. A intenção foi a de investigar quem poderia estar fazendo um trabalho semelhante ao de Xavier de Carvalho diretamente da França e traçar um perfil dessas outras colunas, apresentando uma descrição dessas colaborações de correspondentes internacionais, enfatizando os conteúdos culturais.

O desígnio principal desse panorama é a identificação de Xavier de Carvalho como sendo um dentre muitos correspondentes internacionais ou sua caracterização como um jornalista que desenvolveu seu trabalho de forma exclusiva. Foi sondada uma amostragem de dez jornais diários, durante todo o ano de 1909 ou no ano de estreia deles: *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Comércio*, *A Noite*, *Jornal do Brasil*, *O Imparcial*, *A Capital*, *O Século*, *A Imprensa* e *A Notícia*.

Além disso, a preocupação em apresentar o contexto histórico que condicionou a produção das crônicas de Xavier de Carvalho de 1909 a 1919 em sua contribuição para *O País* foi levada em consideração. Ao percorrer esses dez últimos anos da coluna "Cartas de Paris", foi possível dividir o período em dois momentos significativos, não apenas pelos fatos históricos que os compreendem, mas principalmente pela abordagem promovida por Xavier de Carvalho em suas crônicas. A primeira fase, contemplada pelo segundo capítulo, é tomada pela euforia da *Belle Époque*, já a segunda, que se aborda no terceiro capítulo, é assinalada pelas causas, eclosão, transtornos, auge e fim da I Guerra Mundial. Contudo, existe um fator que une essas duas fases, pois ambas estão marcadas pela exacerbação do nacionalismo, por isso, as alusões sobre esse viés também foram observadas.

O resgate das evidências do acentuado nacionalismo francês será suscitado a partir dos fatos relatados por Xavier de Carvalho em suas crônicas, já que são recorrentes os episódios de hostilidades a estrangeiros e a tudo que lhes era associado. São constantes, por exemplo, as ocasiões em que monumentos em homenagem a personalidades estrangeiras erigidos em Paris eram depredados enquanto a atmosfera entusiasta da *Belle Époque* vigorava. Xavier de Carvalho não apenas estava envolvido de forma engajada em cada um desses eventos, como também buscava envolver seus leitores através de suas crônicas que compreendiam desde os bastidores, com os principais acontecimentos, até o desfecho dos fatos e suas repercussões.

Também houve o resgate, dentre tantas funções sociais de Xavier de Carvalho, dos episódios que demonstram a sua afinidade com a causa feminista. Foi possível constatar elementos ambíguos em seus relatos sobre o tema, o que não poderia deixar de existir, já que, até mesmo hoje, a nossa sociedade encontra-se no limbo inerente, por vezes em polos extremos, em relação ao feminismo; mas, sobretudo nos foi permitido testificar, através de suas correspondências para o *País*, que Xavier de Carvalho teve papel relevante e até mesmo revolucionário como apoiador da causa feminista.

Faz-se necessário destacar que ao afirmarmos que Xavier de Carvalho pode ser considerado um apoiador da causa feminista, levamos em consideração que se trata de um feminismo limitado ao contexto em questão. Nesse sentido, o conceito de feminismo deve ser entendido como flexível e complexo, que abrange processos de transformações, rompimentos e resistências ao longo dos anos; sendo assim, olhar para o passado em que compreende a existência de Xavier de Carvalho como um possível adepto do feminismo (momento em que o movimento estava tomando maiores proporções, já que o século XIX é tido como o de nascimento do feminismo na França), pode não corresponder com a noção que temos na contemporaneidade e mesmo hoje divergências sobre o feminismo ainda existem.

A cidade francesa que Xavier de Carvalho escolheu para viver não é apenas a capital do seu país, mas também a capital mundial das luzes e o símbolo maior da *Belle Époque*. Aos olhos do correspondente internacional do *País*, Paris acaba sofrendo pelo esnobismo, hipocrisia, egocentrismo e preconceito da alta sociedade, que é incansavelmente exposta em diversas manifestações culturais e denunciadas por ele nas “Cartas de Paris”.

O Brasil também viveu uma espécie de *Belle Époque* e em todas as instâncias. O conceito de *art nouveau*, compartilhado por artes distintas, teve sua aplicabilidade de forma especial no âmbito da literatura brasileira e por isso pode ser considerado um produto das transferências culturais e objeto da mestiçagem. Os princípios vanguardistas e os esforços em contrapor-se ao academicismo tiveram uma de suas mais fortes expressões, senão a mais forte, no futurismo, que é o movimento mais explorado nas "Cartas de Paris", através de uma visada dos bastidores, como é comum nas crônicas de Xavier de Carvalho.

Os olhares voltados para a recepção da vanguarda futurista no Brasil se justifica pelo fato de que, desde o início, os interesses por Xavier de Carvalho e também pelo período eram justamente observar a repercussão das vanguardas europeias no Brasil através da mediação dele como correspondente parisiense do *País*; uma vez que as notícias obtidas sobre ele eram em relação à sua relevância como jornalista, mas também por ser uma das poucas vozes - tanto no jornalismo brasileiro, quanto no português - que se colocava favorável a uma vanguarda da época, no caso o decadentismo-simbolismo. Ele próprio foi considerado um dos introdutores desse movimento em Portugal e, por isso, pôde ser considerado um autor atualizado e simpático às novidades, características que poderiam se manter em relação às vanguardas do início do século XX.

No entanto, a hipótese de que Xavier de Carvalho poderia ser um difusor das vanguardas artísticas que estavam se manifestando no período privilegiado pela nossa pesquisa não foi confirmada, já que o correspondente demonstrou um lado mais convencional e conservador, talvez até mesmo pelo avançar da idade, ao tecer restrições bastante sérias em relação ao futurismo, ecoando, dessa forma, os críticos que viriam se pronunciar contrariamente aos futurista de São Paulo, por exemplo. Dessa forma, a leitura das crônicas dos dez últimos anos de contribuição de Xavier de Carvalho revelou que essa temática não foi um dos assuntos frequentemente privilegiados pelo correspondente e quando o era, não revelava matizes favoráveis ou positivas, como esperávamos. Por outro lado, fez-se relevante resgatar as ocasiões em que as vanguardas foram mencionadas por ele, e nos determos no futurismo, já que foi a vanguarda mais aludida nas "Cartas de Paris".

As várias tendências artísticas europeias chegaram até aqui através das transferências culturais e indubitavelmente afetaram a consciência da nossa elite intelectual. No entanto, talvez tenha sido o tom contestatório dos ideais futuristas de

Marinetti que melhor tenha atraído os espíritos desafiadores do grupo modernista de 1922 no Brasil, que encontrou nos manifestos o formato ideal para divulgar e defender seus anseios libertários.

A introdução do futurismo nas artes brasileiras - proporcionada pelo dinamismo dos meios de comunicação em massa e pelo desenvolvimento dos transportes, ao se estabelecerem as transferências culturais - além de ter incitado debates em prol da revolução artística, também impulsionou a reflexão sobre a nossa dependência cultural diante dos países europeus. A proposta de renovação formal e temática da literatura brasileira do início do século XX inegavelmente levou em conta os conceitos basilares da vanguarda futurista europeia, embora o nacionalismo incutido tenha tentado rechaçar tal influência, visando a contrariar até mesmo seus princípios enquanto formadores de pressupostos.

Encarar o Brasil como espaço de recepção do futurismo europeu, em um momento de tentativas de redefinição da literatura e todas manifestações artísticas próprias, acaba nos transportando para um contexto artístico e cultural de combate ao academicismo, especialmente ao parnasianismo reinante no período, que talvez tenha sido a missão propulsora de todos os outros embates ligados à construção da Semana de 22 e, por extensão, do nosso modernismo.

Os vanguardistas brasileiros assumiram a tarefa de construir uma realidade nacional resvalando em algumas controvérsias, visto que visavam a edificar a arte brasileira tendo como ponto de partida os modelos europeus, ao mesmo tempo que ambicionavam a autonomia. Marcando o rompimento entre a arte tradicional e a moderna, o auge do processo foi a Semana de Arte Moderna, tida como uma das principais promotoras de novas estéticas artísticas, que reuniam várias tendências capazes de transformar a realidade cultural brasileira.

Embora Cadido (2000, p. 128-129) assevere que “os nossos modernistas se informaram pois rapidamente da arte europeia de vanguarda, aprenderam a psicanálise e plasmaram um tipo ao mesmo tempo local e universal de expressão, reencontrando a influência europeia por um mergulho no detalhe brasileiro”, essa dialética entre o cosmopolitismo e o localismo na produção de uma síntese entre a proposta europeia e a demanda nacional pela própria identidade, notabilizando as figuras dos índios e dos negros, por exemplo, ao buscar uma renovação estética a partir de uma reconfiguração

dos temas da arte foi, na verdade, um processo, o que não invalida a existência de alguns conflitos de âmago nacionalista, enfim superados no segundo tempo do movimento modernista.

Além disso, faz-se importante ressaltar que estudos atuais (especialmente os realizados em comemoração ao centenário da Semana de Arte Moderna), sobre o modernismo brasileiro põem em cheque a predominância da Semana de 1922 na incitação e promoção de estéticas vanguardistas, como é comumente observável nos estudos sobre o período. No entanto, devemos entender a Semana de Arte Moderna como parte do processo muito mais amplo e repleto de manifestações, mas que indiscutivelmente marcou a história da literatura brasileira, bem como relata Eduardo Jardim ao resgatar o princípio de que "o modernismo literário e artístico dos anos 1920 é manifestação de um movimento amplo, iniciado no final do século XIX, que atravessou várias décadas do século XX, tendo por propósito modernizar a vida brasileira" (JARDIM, 2022, p. 14)

Evidentemente as questões históricas revelam-se nas crônicas de Xavier de Carvalho, mesmo porque a sua cobertura abrange um período de tensão, em que a cultura estava sendo condicionada e sofria impactos de fatores políticos e econômicos. Suas crônicas já mostravam, por exemplo, que havia uma grande inquietação antes mesmo do início efetivo da guerra, inclusive ao denunciar episódios relevantes do período conhecido como "paz armada", bem como o eclodir da I Grande Guerra, a partir da qual há a reorganização da cultura europeia e mundial.

O trabalho de Xavier de Carvalho é de integração e divulgação da cultura cosmopolita francesa em Portugal e no Brasil. Porém, ele se encontra em um contexto de hostilidade a esse cosmopolitismo em um momento de acirramento do nacionalismo, em que fica latente o desejo de bloqueio das fronteiras, e isso recrudesce depois, no caso da guerra, quando o plano cultural francês, ou quiçá latino, era associar a cultura germânica à barbárie.

Aparentemente a aliança da latinidade, ou seja, a união dos países latinos contra a "barbárie germânica" é forjada. A partir de então, em tese, o discurso revela-se retificado e, em lugar das diferenças, se instauram os pontos de união desses países, em um esforço por fortalecer os vínculos entre eles.

Em meio ao grande conflito e no papel oficial de correspondente de guerra, Xavier de Carvalho faz uma campanha ferrenha em favor da França em todos os veículos de

comunicação para os quais ele contribuía. A intensidade do grau de envolvimento de Xavier de Carvalho em favor da França se tornou literalmente íntimo; por isso, o seu empenho afetou de forma demasiada sua vida pessoal, a ponto de ter seu filho como uma das vítimas não apenas de suas propagandas persuasivas, mas também da guerra.

Apesar do clima arrasador da guerra, o correspondente internacional do *País* não deixou de noticiar os principais acontecimentos da capital Francesa, inclusive os de cunho intelectual, em um período marcado pela guerra ideológica, sobretudo entre alemães e franceses, da qual resultava a atribuição aos alemães da alcunha de bárbaros. Esses conflitos tiveram repercussão significativa para o Brasil através de uma das figuras de maior realce no âmbito diplomático e intelectual brasileiro: Oliveira Lima. Dono de uma personalidade ambígua e controversa, seus comportamentos tomaram a mesma direção em seu posicionamento diante dos países envolvidos no conflito. Suas atitudes e declarações foram polemicamente consideradas uma desonra por Xavier de Carvalho e parte da intelectualidade francesa.

Houve também a preocupação em identificar o posicionamento do jornal *O País* durante a guerra. Para isso, foi preciso verificar alguns editoriais que pudessem comprovar aquilo já poderia ser suposto ao ler as "Cartas de Paris". Sendo assim, a identificação da inclinação do jornal carioca na I Guerra Mundial se deu não somente pelas contribuições de Xavier de Carvalho, mas principalmente pelos editorias assinados por João Lage, o diretor do *País*.

Para que os nossos trabalhos fossem otimizados, na medida em que os temas de interesse pudessem ser acessados com mais praticidade, mas também visando maior perceptibilidade da dimensão do trabalho de Xavier de Carvalho e intencionando principalmente oferecer, a quem possa interessar, um apanhado dos assuntos priorizados no nosso trabalho, criamos uma tabela de indexação, em apêndice, composta pela data em que o texto foi publicado no *País*, a data em que foi escrito pelo correspondente, os números da edição do jornal, bem como das páginas e das colunas que se encontram no *País* e, por fim, pela coluna "Temas de interesse cultural e literário", que é constituída pelos conteúdos julgados relevantes pelo correspondente a esse respeito.

O material analisado foi recolhido diretamente do jornal *O País*, em sua versão digitalizada disponível no site da Biblioteca Digital, da Fundação Biblioteca Nacional[2], uma

[2] Disponível em: https://bndigital.bn.gov.br/

vez que esses textos nunca foram publicados em livros, mas obtidos mediante consulta no portal da Hemeroteca Digital, que nos oferece uma pesquisa mais personalizada ao acervo de periódicos.

Importante salientar que contamos com uma realidade inovadora de pesquisa proporcionada pelos avanços tecnológicos. No entanto, a inegável facilidade de acesso de quantidades significativas de periódicos digitalizados opõem-se a alguns inconvenientes; dentre eles, a imaterialidade nos traz certa dificuldade de leitura e de organização de um corpus tão vasto, como este em que nos detemos. O aspecto intangível torna-se contraproducente sobretudo em relação à impossibilidade de averiguar algumas particularidades de cunho morfológico, bem como o tamanho e o tipo de papel.

Embora Xavier de Carvalho seja um nome relativamente pouco conhecido hodiernamente, revisitar a sua colaboração para os nossos periódicos foi fundamental para assegurar-lhe um lugar de visibilidade no meio intelectual brasileiro. Destaque-se, nesse sentido, o ineditismo da proposta, uma vez que ainda não contamos com muitos estudos sobre a produção de Xavier de Carvalho de forma geral, mas para jornais, especialmente os brasileiros, tais estudos são completamente raros. Portanto, buscamos contribuir para a história literária à luz de fontes primárias, tais como os periódicos que formam um manancial riquíssimo das mais variadas referências e são responsáveis por nos permitir compreender um vasto legado cultural que, por sua vez, é capaz de nos oferecer a compreensão do nosso passado como fator determinante do nosso presente.

Apenas a nível de exemplificação, inserimos a seguir, a quarta página do jornal *O País*, do dia 1º de janeiro de 1909, edição de número 8856, em que houve a publicação de uma colaboração de Xavier de Carvalho para a coluna "Cartas[3] de Paris". A qualidade da imagem não permite a leitura do texto, por isso, ele se encontra redigido na íntegra e com a ortografia atualizada em anexo; por outro lado, é possível dimensionar como as publicações das "Cartas de Paris" eram realizadas. A demarcação das duas primeiras colunas da página sinaliza a posição em que se encontra em tal edição; nela é possível identificar o nome da coluna, logo abaixo está o local e a data da correspondência, portanto, Paris, 11 de dezembro de 1908, seguida pelo sumário, que contém os títulos das crônicas, as crônicas em si, que são separadas pelo sinal de asterisco (*) e a assinatura de Xavier de Carvalho, para finalizar.

[3] Nesta edição de 1909, o nome da coluna ainda vinha no singular, portanto, "Carta de Paris", mas a maioria das ocorrências, o nome está no plural, ou seja, "Cartas de Paris".

A correspondência em questão, foi eleita não apenas porque é a primeira publicação das "Cartas de Paris" do período recoberto pela nossa pesquisa, mas principalmente porque exemplifica perfeitamente as características típicas da coluna. Essa correspondência levanta assuntos variados, como por exemplo os embaraços para identificar a autoria de um crime; a visita nada diplomática do ditador venezuelano, Cipriano Castro, à França, e o regresso do deputado brasileiro Rodolfo de Miranda ao Rio de Janeiro; tais assuntos não são contemplados na tabela de indexação por não se tratar de temas relacionados à cultura e à literatura. Por outro lado, as outras crônicas dessa edição foram indexadas, porque abordam as seguintes temáticas: a recepção da peça *Foyer*, uma conferência em esperanto sobre o Brasil, as publicações sobre o Brasil em jornais italianos publicados em Paris e a reprodução de uma carta de Jaime de Séguier sobre o lançamento de *Poesia Humana*, de Xavier de Carvalho.

A outra edição de "Cartas de Paris" tomada como base para compor o anexo foi publicada no dia dois de maio de 1909 e tem como assunto principal a festa da intelectualidade franco-brasileira em homenagem a Machado de Assis. Através dela, é possível identificar o papel de Xavier de Carvalho como um mediador cultural, ao demonstrar sua função de promotor de eventos que visam estabelecer boas relações entre os países, evidenciando que sua mediação não se dava apenas por meio da sua função de correspondente, mas também na promoção de manifestações intelectuais. Outro aspecto importante abordado nestas "Cartas de Paris" é o reconhecimento da visibilidade da figura de Oliveira Lima na Europa, tanto que foi o conferencista da celebração e também um dos homenageados, mas que se tornou uma desonra posteriormente, por causa de seu posicionamento durante a guerra.

A terceira e última reprodução das "Cartas de Paris" anexa é o anúncio comovente da morte de Rafael Xavier de Carvalho, filho do correspondente do *País* em Paris.

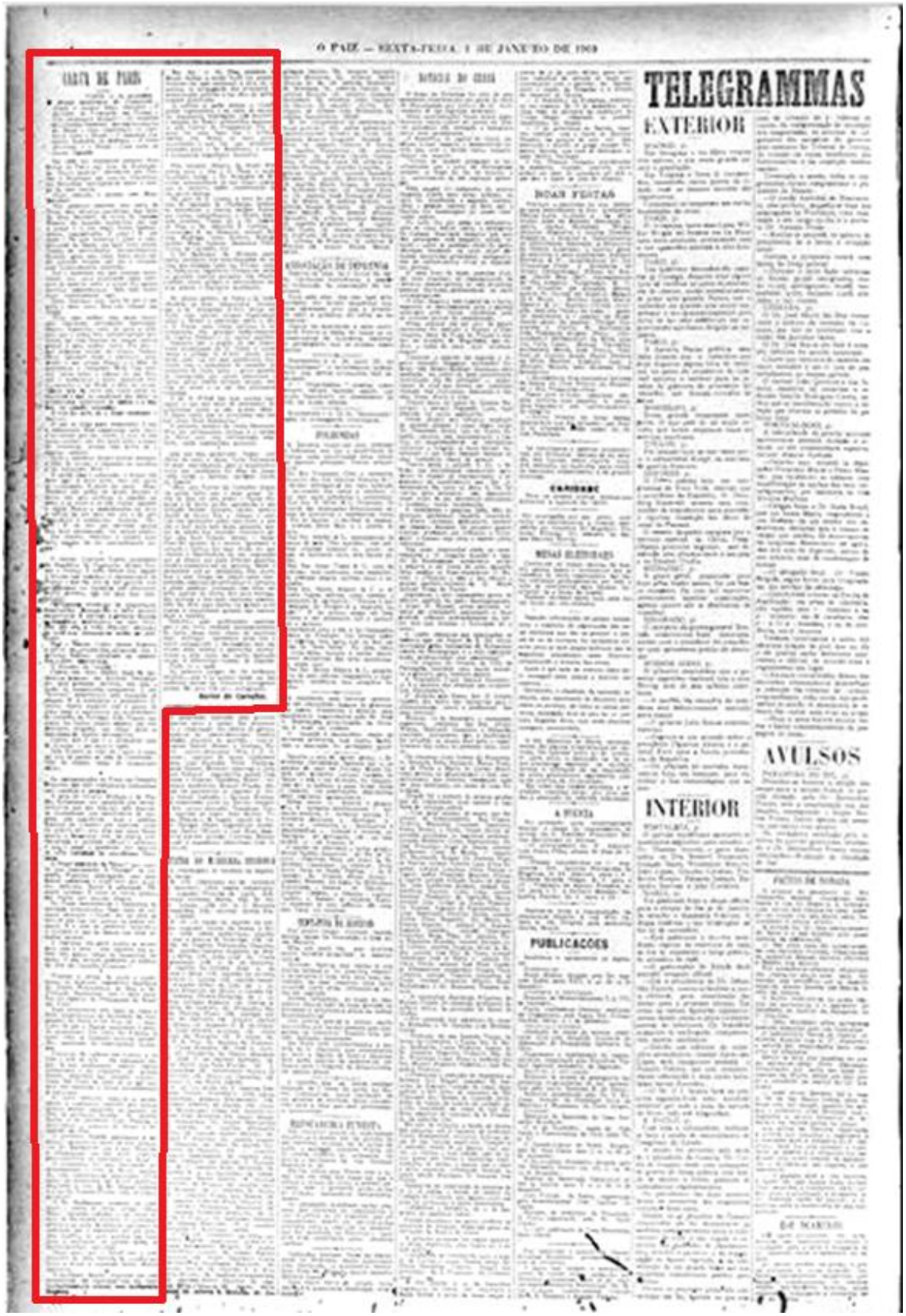

Figura 1 - Página da coluna “Cartas de Paris” no *País*

CAPÍTULO PRIMEIRO

1. XAVIER DE CARVALHO: O CORRESPONDENTE INTERNACIONAL DO *PAÍS* NA SUA FUNÇÃO DE AGENTE DAS TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS

O processo de transferências culturais e a identificação de um mediador são essenciais para os estudos sócio-literários, em especial quando se adota os periódicos como objeto de pesquisa, já que são capazes de contribuir para o descortinamento do nosso passado literário, artístico e histórico. Por isso buscamos compreender, neste primeiro momento, tais conceitos para, enfim, empregá-los à personalidade alvo de nossos estudos: Xavier de Carvalho.

Durante séculos, as relações culturais foram compreendidas inadequadamente de uma perspectiva eurocêntrica e essa unilateralidade permitiu um julgamento depreciativo das outras culturas, como as americanas, que faziam parte desse processo verdadeiramente bilateral, ainda que assimétrico. Essa noção equivocada advém de interpretações, enfim superadas na contemporaneidade, de que o Velho Mundo sobrepunha-se como centro disseminador de todos os tipos de benesses e progressos, inclusive culturais e "civilizatórios", enquanto o Novo Mundo, em seu primitivismo, aparentemente não era capaz de proporcionar utilidade alguma.

O olhar interacionista sobre a globalização da cultura que parte do aspecto intercambiário entre as conexões transatlânticas finalmente foi devidamente sistematizado em teoria a partir dos estudos e pesquisas de Michel Espagne e Michel Werner, em 1988. A partir de então, os conceitos anacrônicos de original e cópia, bem como de superior e inferior são desconstruídos, na medida em que os estudiosos apregoaram que todo e qualquer objeto cultural deve ser compreendido como produto de interações; sendo assim, de cada nova imbricação surge um produto completamente novo, caindo por terra todo o referencial sobre a questão de originalidade, tida a partir de então como um processo comum mediante as incontáveis conexões culturais existentes e possíveis.

Destaca-se também que para que haja a efetivação das transferências culturais é essencial que inter-relações aconteçam; por seu turno, para que esse fenômeno seja

efetuado, são necessários não somente o envolvimento, mas também a atuação de agentes, sejam pessoas, produtos ou objetos, que façam a mediação entre os polos culturais envolvidos. Independente das formas de contato entre os espaços culturais, o elo intermediário pode ser um indivíduo, ou um conjunto deles, ou ainda qualquer criação dele, como um livro, uma música, ou outro tipo de obra de arte. Nesse sentido, a atividade de um agente das transferências culturais, ou um mediador cultural não está delimitada à esfera humana, mas condicionada a ela, uma vez que necessita dela, em alguma fase do processo, para se efetivar.

Ao cruzar esferas geográficas distintas ou até mesmo realizar interações com o povo culturalmente diverso através de qualquer recurso, o mediador passa por um processo de partilha e absorção de bens culturais. Mesmo que de forma completamente despretensiosa, involuntária e até inconsciente, a atividade do mediador cultural é manifestada na medida em que ele promove a difusão e favorece as trocas culturais. Sendo assim, as transferências culturais são sobretudo a condução de bens culturais para um novo prisma e não somente a um deslocamento territorial. A partir desses conceitos, abordados no segundo ítem deste capítulo, buscaremos associar o papel desenvolvido por Xavier de Carvalho, como correspondente internacional em Paris do jornal carioca *O País*, aos princípios relativos ao conceito de mediador cultural, ou de um agente das transferências culturais.

Com vistas às transferências culturais, o terceiro ítem deste primeiro capítulo ocupou-se do suporte que viabilizou a efetivação de tal processo a partir da atuação de Xavier de Carvalho, portanto o jornal diário carioca, *O País*. Para em seguida, nos dois próximos ítens, lidar com a crônica jornalística de correspondente internacional, gênero adotado por Xavier de Carvalho para suprir a coluna “Cartas de Paris”; tornou-se relevante também suscitar algumas marcas do estilo de escrita do correspondente através das crônicas, que figuraram como sendo o ponto de encontro entre Brasil, França e até mesmo Portugal. Essa especificidade, a saber, a interligação de diferentes culturas como pressuposto do desempenho de Xavier de Carvalho, é assunto para o sexto ítem deste primeiro capítulo.

Para finalizar o capítulo, realizamos uma breve pesquisa em jornais diários contemporâneos ao *País*, no momento da atuação de Xavier de Carvalho, para levantarmos a relação de atividades semelhantes à do correspondente internacional em

Paris, para assim termos uma ideia da exclusividade ou da trivialidade do trabalho realizado por ele.

1.1 TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS: A IMPRENSA COMO ELO ENTRE BRASIL E FRANÇA

O conceito de transferências culturais foi proposto pelo francês Michel Espagne em companhia do alemão Michel Werner, a partir de estudos compilados sobretudo na obra *Transferts. Les relations interculturelles dans l'espace franco-allemand (XVIIIe-XIXe siècles)* de 1988, para refletir os movimentos de trocas e ligações entre diferentes culturas, tendo como premissas a alemã e a francesa.

A concepção de transferências culturais denota uma noção de movimento, circulação, interação, cruzamento, troca, um ir e vir de bens materiais ou imateriais, de arte ou não, com ou sem a finalidade de uso intelectual; desta forma, não se caracteriza apenas como uma ideia de fonte que jorra tais bens sobre os subalternos, em um sentido único, o que nos levaria ao antigo conceito de influência, que supõe o juízo de superioridade do original sobre a cópia.

Os estudos de Espane e Werner, nesse sentido, derrubam a noção de influência, que evidencia a unilateralidade dos movimentos culturais, tendo em vista que desconsidera a dinâmica recíproca do "ir e vir" dos bens culturais e contempla as práticas comparativas baseadas especialmente no fluxo quantitativo. No entanto, independentemente da quantidade dos bens oriundos de outra área cultural, ao se somar às peculiaridades identitárias próprias daquela esfera cultural, resultará um produto completamente novo e original, posto que seria impossível uma transferência cultural geográfica resguardar o *status* originário de qualquer que seja o bem cultural, já que o produto da transferência é sempre um produto que surgiu da mistura, da metamorfose, da mestiçagem. Para mais, o processo de transferências culturais não é compreendido por Espagne e Werner simplesmente como um deslocamento territorial, mas acima de tudo como a condução de um bem cultural para outra perspectiva.

Uma vez que não há uma cultura essencialmente pura, ou seja, uma "cultura nacional" ou uma "identidade fixa" (JOYEUX-PRUNEL, 2003), não é possível que haja a superioridade de uma nação ou área cultural sobre a outra; por isso, a concepção de um centro que irradia objetos culturais às extensões periféricas é insustentável. O que

realmente se pode afirmar é que há relações dinâmicas "entre dois sistemas autônomos e assimétricos" (ESPAGNE, 1988 apud JOYEUX-PRUNEL, 2003, p.149-62).

As pesquisas sobre transferências culturais propõem a noção de "descentramento[4]" (*décentrement*) (JOYEUX-PRUNEL, 2003), haja vista que uma área cultural que dissemina seus bens para além de suas fronteiras não deve considerar as referências oriundas de seus domínios como centrais, pois essa transferência ocorre "para integrar círculos concêntricos maiores" (ESPAGNE, 2013, p. 6-7). Caso esse conceito de descentramento não seja acatado, a relatividade de centro será radical, já que o particular não coincide com o global.

Em verdade, os historiadores de determinada área cultural, em seus estudos, sempre privilegiaram o seu contexto em detrimento de outro. "Sejam quais forem as razões desse etnocentrismo, ele pouco estimulou a exploração das misturas" (GRUZINSKI, 2001, p. 55). Desse mesmo ponto de vista, é possível garantir que, "quando se aborda uma transferência entre dois espaços culturais, não se pode de forma alguma considerá-los cada um como homogêneo e original: cada um é, em si, o resultado de deslocamentos anteriores; cada um tem uma história feita de sucessivas hibridações" (ESPAGNE, 2013, p. 3), que é o fenômeno de transmissões dentro de uma mesma área cultural. Por isso, em maior ou maior grau, todos os países são mestiços, bem como as suas literaturas e qualquer outra produção cultural.

Como observado, além do processo de mestiçagem, as nações passam por hibridações, que são as "misturas que se desenvolvem dentro de uma mesma civilização ou de um mesmo conjunto histórico – a Europa cristã, a Mesoamérica – e entre tradições que, muitas vezes, coexistem há séculos" (GRUZINSKI, 2001, p. 62). Dessa forma, é importante ressaltar que todo espaço cultural está associado à inúmeras transferências anteriores; portanto, toda e qualquer cultura sofre constantes intersecções ao longo do tempo para que seja formada. Por isso, seja qual for a nação, indubitavelmente ela é mestiça.

É importante destacar que o processo de transferências culturais só acontece quando um dos polos deseja ou simplesmente aceita os bens oriundos da outra esfera

[4] *Déscentrement* - termo utilizado por Béatrice Joeyux-Prunel em*Les transferts culturels – um discours de la méthode*. Disponível em: https://www.cairn.info/revue-hypotheses-2003-1-page-149.htm. Acesso em: 15 ago. 2019.

cultural. A disposição do receptor em assimilar aquilo que é estrangeiro vem acompanhada pelas suas próprias conjunturas e o produto dessa relação é a mestiçagem. Nesse sentido, destaca-se que somente a partir dos interesses do receptor que a transferência cultural é desencadeada e por causa desses mesmos atrativos é que ela se concretiza, haja vista que a sistemática que envolve a fase de seleção e assimilação do bem cultural é concluída com a sua remodelação.

A imprensa é o suporte privilegiado das transferências culturais e, como mediadora cultural por excelência, em qualquer parte do mundo, ela é capaz de proporcionar trocas consideráveis, que por sua vez viabilizam a idiossincrasia das nações, já que é um veículo poderoso em qualquer que seja a esfera (política, econômica, artística, social etc.).

A partir de estudos das fontes primárias fica manifesto que as relações entre duas áreas culturais existem de forma relativamente análoga. Por isso, não são válidas as concepções que declaram a existência de uma exportação de uma cultura para outra, em que a influência exercida pela primeira sobre a segunda exista conforme a centralidade daquela em relação a esta.

Na verdade, essa ideia de unilateralidade de transportação de cultura torna-se obsoleta. Quando se concebe o vínculo cultural entre o Velho e o Novo Mundo não podemos considerar que ele tenha ocorrido "em termos de simples imposição de modelos, mas antes de hibridação e apropriação" (THÉRENTY; VAILLANT, 2010, p. 23, trad. nossa).

Por mais que o desenvolvimento da imprensa cotidiana no Brasil tenha iniciado somente a partir da vinda da família real portuguesa para cá, em 1808, é impossível afirmar que as nossas experiências de leitura não tenham contribuído para a sua evolução, uma vez que ela não surgiu em um "terreno vazio" (GRANJA, 2012, p. 137), pois desde o século XVIII, pelo menos, havia por aqui a circulação de impressos.

Tendo o Oceano Atlântico como via de mão dupla entre o Velho e o Novo Mundo, para o processo de transferências culturais, é relevante destacar o quanto os meios de transporte, bem como as inovações e os aprimoramentos técnicos nas difusões de informações contribuíram para consideráveis transformações sociais e reconfiguraram a atividade dos periódicos no último quartel do século XIX.

O tempo da travessia entre a Europa e a capital brasileira, Rio de Janeiro, em meados do século XIX foi significativamente reduzida com a implantação do vapor nas rotas do Atlântico Sul, uma vez que o mesmo trajeto, que durava cinquenta e quatro dias, passou, desde então, a ser realizado em vinte e nove dias e, a partir dos anos 1880, em apenas vinte e dois dias (LUCA, 2016, p. 113), intensificando as transferências culturais e facilitando também as relações humanas, não somente a circulação de mercadorias.

Ao levarmos em consideração que as interações sociais durante as viagens marítimas proporcionavam intercâmbios artísticos, de objetos, notícias e experiências, propiciando, inclusive, conexões linguísticas, é possível entender que os paquetes tornaram-se pontos de encontros anteriormente inimagináveis e que contribuíam para as transferências culturais, uma vez que eram "espaços comuns de trocas em escala e ritmo inéditos, que descortinavam novas possibilidades para a produção cultural e o confronto de opiniões, informações e ideias" (LUCA, 2016, p. 113).

Para além do contexto das viagens, o continente europeu e o americano fomentavam tais trocas mútuas também por intermédio da imprensa, que a essa altura conquistava evoluções técnicas expressivas, como:

> [...] a fabricação de papel contínuo, a prensa cilíndrica e o vapor, ao que se seguiram as cada vez mais rápidas prensas mecânicas, as rotativas e, nos decênios finais da centúria, a mecanização da composição pelo linotipo. Multiplicavam-se as novidades que saíam das tipografias – livros, revistas, jornais, folhetos, estampas, panoramas, propagandas e cartazes – produzidos em escala industrial, isto é, cada vez mais baratos e atraentes, graças à incorporação da imagem, novidades de grande alcance e que propiciava inéditas experiências de visualidade (LUCA, 2016, p. 113).

Os jornais, pela sua capacidade de circulação em espaços transnacionais, sempre deram suporte à transmissão de ideias, hábitos e notícias em geral. Assim que aclimatado ao contexto de recepção e adequado ao público leitor, esse meio de comunicação é e sempre foi capaz de condicionar a eficácia da instauração do produto das transferências culturais, ou seja, a mestiçagem.

A palavra mestiçagem é usada por Gruzinski (2001, p.62) "para designar as misturas que ocorreram [...] entre seres humanos, imaginários e formas de vida, vindos dos quatro continentes – América, Europa, África, e Ásia". A mestiçagem é, portanto, a derivação daquilo que veio de outrem conglobado às singularidades daquele que o

recebeu; por isso, esse produto é algo absolutamente novo, uma vez que, "toda passagem de um objeto cultural de um contexto para outro tem por consequência uma transformação de seu sentido, uma dinâmica de ressemantização, que só pode reconhecer plenamente se levarmos em conta os vetores históricos da passagem" (ESPAGNE, 2013, p. 1).

Certamente a França, como o país da Europa com a maior radiação cultural e literária, nos proporcionou uma gama muito maior de bens culturais, posto que a nossa identidade estava em vias de construção, mesmo porque "a identidade define-se sempre, [...], a partir de relações e interações múltiplas" (GRUZINSKI, 2001, p. 52); portanto, com base nas transferências culturais. Por isso, não são simétricas as inter-relações entre Brasil e França no tocante às transferências culturais; no entanto, ambas as áreas culturais são igualmente autônomas e ambas identidades passaram por processos de mestiçagens para que houvesse a definição de cada uma delas. Episódios como esse fazem parte das características já destacadas pelos historiadores que cunharam tal termo.

Além do mais, estranho seria se esse fato fosse diferente, já que um país em processo de legitimação da sua independência e concretização de sua identidade nacional, como o Brasil, certamente haveria de buscar os melhores modelos disponíveis nos diversos contextos interacionais, bem como aqueles oriundos da França. No entanto, "deve-se sobretudo observar que uma tradição intelectual, pretendendo constituir uma moralidade cívica nacional, constrói-se a partir de referências importadas" (ESPAGNE, 2013, p. 3-4). Sendo assim, até mesmo as nações mais consagradas no que tange à erudição carecem de parâmetros externos, caso a intenção seja o equilíbrio da ordem local.

Os objetos culturais oriundos da França, ao entrarem em nosso contexto histórico e de acordo com o horizonte de expectativa de cada um, foram apropriados, transformados e adequados ao nosso ambiente. À vista disso, a essência das transferências culturais traz consigo "a lógica da ação de reinterpretar e da transformação do objeto transferido", em razão de que "as partes não ganham sentido senão quando relacionadas ao todo." (GUIMARÃES, 2012, p. 151). Sendo assim, a mensagem decodificada pelo receptor é definida conforme o seu contexto de acolhida e não de acordo com o contexto de transmissão.

Não é possível determinar, tampouco comprovar as transferências culturais com total rigor, mesmo porque o seu resultado é um produto inteiramente inédito. Nesse

mesmo sentido, o jornal, como suporte, "permite a fragmentação de referências, [por isso] fica difícil traçar com precisão um único sentido de circulação da informação" (GUIMARÃES, 2012, p.150).

O Brasil, como um país de gênese mestiça, não poderia experimentar a formação de sua imprensa periódica de modo diferente, uma vez que ela não se constituiu de maneira autônoma, mas contou com processos de transferências culturais, que lhe renderam o desenvolvimento de suas singularidades e de sua identidade.

A imprensa brasileira começou a ser vigorosamente instaurada nas primeiras décadas do século XIX com a chegada da corte portuguesa que, a partir de seus interesses, trouxe consigo práticas e hábitos culturais em sua maioria inéditos no nosso país, dentre eles a expansão da leitura de textos de imprensa, embora estes já circulassem, em menor escala, por aqui já no século XVIII. Na primeira década do século XIX, como um dos principais vieses do projeto de modernidade e também civilizador da colônia, a imprensa irrompeu no Brasil, mas foi, até 1820, censurada pelo governo.

A *Gazeta do Rio de Janeiro*, lançada em setembro de 1808, foi o primeiro jornal impresso no Brasil; no entanto, a sua atividade era basicamente restrita às informações oficiais do governo e, obviamente, a sua linha editorial era em defesa do poder absoluto da monarquia, já que era tido como o jornal oficial da Corte.

Por esse motivo, assuntos relacionados à Família Real e de interesse dela eram enfocados; sendo assim, as relações com os países europeus, não somente Portugal, mas também França e Inglaterra, por exemplo, eram demonstradas e desde o primeiro número (*Gazeta do Rio de Janeiro*, 10 set. 1808) é possível observar a ocorrência das transferências culturais abalizadas pelo jornal, que trazia notícias também de Amsterdã, Gotemburgo e Londres. Além disso, a *Gazeta do Rio de Janeiro* também circulava em Portugal, concretizando a circularidade desse bem cultural. Ademais, há o papel do publicista Hipólito José da Costa, de 1808 a 1822, com o *Correio Brasiliense*, editado em Londres, mas direcionado ao Brasil, que também contribui para o caráter encíclico dos bens culturais do período.

Por outro lado, somente em vias da proclamação da Independência - a partir de 1821, com a suspensão da censura - é que a imprensa brasileira teve a oportunidade de publicar os interesses do seu povo sem retaliações do governo. A liberdade de imprensa contribuiu para o aumento das publicações periódicas não somente no Brasil, como

também em Portugal e esse fato contribuiu para a formação de uma rede transatlântica sólida pela qual se intercambiavam as mais variadas notícias.

Desde então, a atuação de viajantes, jornalistas, livreiros, escritores, tradutores, ou seja, intelectuais de maneira geral, no desempenho de um papel significativo de mediação, acabou disseminando por aqui amostras bem-sucedidas dos maiores órgãos da imprensa ocidental, o que permitiu aos nossos homens de letras a inspiração para a criação de uma imprensa original.

A produção cultural brasileira era uma somatória de produtos, especialmente editoriais, decalcados de países mais desenvolvidos, como Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra, Portugal, mas sobretudo França, verdadeira matriz ao se tratar de referências disseminadas pelo mundo, justamente por ser mundialmente reconhecida como arquétipo de civilização.

O progresso do jornal, que o fez atingir a modernidade cultural, foi encabeçado por volta de 1830, na França (CAMPARELLI, p. 30, 2012). O nascimento dessa "cultura midiática[5]", edificada a partir do jornal, possibilitou a disseminação de inovações literárias, na medida em que se tornou um sistema discursivo potente, que se estendeu pelo mundo e subsidiou aportes significativos para a formação não apenas da imprensa brasileira, mas também da nossa literatura, já que esta pôde desfrutar da disposição de comunicação que o jornal é capaz de proporcionar.

Sendo assim, a construção da nação brasileira está intrinsecamente integrada à história da literatura brasileira que, por sua vez, foi intensamente viabilizada pelos órgãos de imprensa. Portanto, "a revisão da história literária sob a perspectiva das transferências culturais permite destacar a circulação de modelos suscetíveis de fundar literaturas nacionais" (ESPAGNE, 2013, p. 6), que, ao serem reinterpretados conforme o novo contexto, legitimam a própria singularidade.

O Brasil e a França começaram a estreitar os seus laços a partir das transferências culturais de forma mais aguda a datar de 1822, com a decretação da nossa independência. Esse momento foi marcado por certa negação do vínculo com Portugal, fato que de maneira alguma invalida todo o processo de mestiçagem que havia acontecido e que

[5] "Cultura midiática" é um termo cunhado por Jean-Yves Mollier ao referir-se à "revolução cultural silenciosa", ocorrida no final do século XIX, que causou uma espécie de perturbação nas estruturas mentais e possibilitou o seu surgimento, ancorada no estabelecimento de estruturas mentais para transmissão em massa (MOLLIER, 2008, p. 159-190).

nunca deixou de acontecer entre ambos os países, mesmo quando o ideal brasileiro era a busca pela afirmação da identidade própria. Por outro lado, em se tratando especificamente de literatura, esse recalque contra os portugueses, na prática, poderia corresponder à necessidade de dissimular a nossa submissão em relação à nossa antiga metrópole, bem como pondera Candido ao dizer que "a nossa rebeldia estereotipada contra o Português, representando um recurso de autodefinição, recobria no fundo um fascínio e uma dependência. Todo o nosso século XIX, apesar da imitação francesa e inglesa, depende literariamente de Portugal, através de onde recebíamos não raro o exemplo e o tom da referida imitação" (CANDIDO, 2000, p. 118).

No entanto, já em 1816, a atuação de mediadores começava a se intensificar em virtude da Missão Artística Francesa, que foi amparada por D. João VI, objetivando a criação da Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro (CAMPARELLI, 2012, p. 30). Sendo assim, o modelo arquetípico cultural, de civilização e modernização da colônia e também do Brasil independente era a França.

A imprensa nacional começou a viver momentos mais favoráveis, no período regencial, especialmente por experimentar um modelo de publicação baseado na imprensa francesa, em particular no jornal de Émile de Girardin, *La Presse*, que em 1836 apostou em romances-folhetins e ilustrações, por exemplo. Esse modelo foi reproduzido por aqui e atingiu grandes êxitos, assim como aponta Molina (2015, p. 232) ao dizer que "a febre do romance-folhetim se d[eu] a partir de 1838, quando a imprensa brasileira seguiu o exemplo de *La Presse*".

Por outro lado, a presença de mediadores culturais franceses por aqui foi constante e muito significativa. A atuação dos mais notáveis impressores e livreiros, como Pierre Plancher, Junius Villeneuve, irmãos Laemmert e Baptiste-Louis Garnier, por exemplo, foi de suma importância para a composição da identidade da imprensa brasileira que, de fato, "não se constituiu de maneira autônoma, mas [...] como um sistema de inter-relações, no seio da qual a intensa atividade de mediadores, - [...] homens de letras em geral - ocupa um lugar central" (COOPER-RICHET, 2012, p. 21)

Camparelli (2012, p. 30) também menciona que a proximidade das culturas brasileira e francesa aguçou ainda mais o interesse dos nossos intelectuais cosmopolitas mais abastados pela capital cultural das décadas iniciais do século XIX. Além disso, o

Brasil, com a gradual emancipação cultural de Portugal, resignava-se aos ditames da cultura francesa.

O afrancesamento tornava-se um fenômeno progressivo e cada vez mais exequível por aqui, já que, reforçados pela patente francofilia brasileira, estavam os interesses comerciais do cobiçado país europeu, especialmente em relação ao escoamento de periódicos para o mercado exterior (GUIMARÃES, 2014, p. 23). Nesse sentido, muito da circulação de jornais franceses no Brasil se deu como resultado das grandes tiragens proporcionadas pela revolucionária e superior malha tipográfica da França, que se consolidava, já em meados do século XIX.

O Brasil - através da sua maior porta de entrada que era a capital, Rio de Janeiro - submetia-se aos princípios socioculturais franceses e orgulhosamente ostentava os hábitos e modos de vida afrancesados adquiridos e, na mesma intensidade, os jornais brasileiros curvavam-se ao modelo de imprensa desse país europeu. Nesse sentido, por aqui, começara a ser comuns inaugurações de periódicos que tinham publicações em francês; não muito raro, era possível encontrar jornais escritos na sua totalidade na língua de Victor Hugo.

Entre os anos de 1827 e 1896, ao menos vinte e dois[6] periódicos em língua francesa foram produzidos na capital brasileira (PERUCHI, 2018, p. 461); dentre eles está *L'Indépendant: Feuille de Commerce, Politique et Littéraire* (abril a junho de 1827), sendo o primeiro periódico em francês no Brasil de que se tem notícia, foi impresso e editado pela tipografia do francês Pierre Plancher-Seignot, também editor do *Jornal do Comércio*, e da *Revue Française – Littérature, Sciences, Beaux-arts, Politique, Commerce* (1830-1849). O seu sucessor imediato, *L'Écho de l'Amérique du Sud* (até março de 1828), de E. Sevène, também foi produzido na tipografia de Plancher. Ambos os periódicos nos dão a dimensão da forma significativa por que a francofilia atingiu o Brasil, embora tenham tido vida curta. Já em 1854, o *Courrier Du Brésil* (1854-1862), do também francês Adolphe Hubert, buscou associar informações sobre a nossa capital

[6] A saber: *L'Indépendant* (1827); *L'Écho de l'Amérique du Sud* (1827-1828); *Le Courrier du Brésil* (1828-1830); *Le Messager* (1831-1833); *Revue Française* (1839-1840); *Le Nouvelliste* (?-1848); *Revue Bresilienne* (1830); *L'Alcyon* (1841); *L'Écho Français* (1849); *Courrier du Brésil* (1854-1862); *Le Messager du Brésil* (1878-1884); *Ba-ta-clan* (1867-1871); *L'Écho de l'Atlantique* (1858); *Figaro-Chroniqueur* (1859); *Le Nouvelliste* (1863); *L'avenir du Brésil* (1885); *L'Empire du Brésil* (1887); *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* (1859-1860); *La Gazette du Brésil* (1867-1868); *France et Brésil* (1874-1875); *Le Gil-Blas* (1877-1878) e o *Almanach de Brésil Republicain* (1895-1896)

nacional de forma mais abrangente na tentativa de agregar leitores e talvez por isso tenha tido uma vida mais longeva.

Tais exemplos revelam que os periódicos brasileiros escritos na língua francesa e dirigidos por franceses tinham a finalidade de informar ou proporcionar entretenimento aos emigrados, sem desatender jamais a classe dominante, composta especialmente por integrantes da corte, que tinham o domínio da língua. Mas, acima de tudo, nos evidenciam que a imprensa francófona brasileira nasceu com tendências ao cosmopolitismo e à transnacionalidade, já que o Rio de Janeiro era tido como a principal metrópole da América do Sul e onde eram abrigados estrangeiros de todos os países; além do mais, a língua comum para o estabelecimento de comunicação intelectual era o francês, talvez porque era essa a língua franca naquele momento (GUIMARÃES, 2015, p. 14-15).

Embora a imigração francesa para o Brasil tenha sido módica, especialmente quando comparada à italiana e à espanhola, o ramo editorial brasileiro (mas não só ele) se beneficiou com a vinda de indivíduos que promoveram atividades significativas na tipografia e edição, por exemplo. Nesse sentido, o grupo que se engajou na atividade impressora proporcionou trocas culturais e tecnológicas, na medida em que a "tímida imprensa francesa que evoluía ao lado do incipiente jornalismo nacional, servi[u]-lhe de modelo e inspiração" (GUIMARÃES, p. 22), mas também estabeleceu interações profícuas para essa nação que buscava as melhores referências para a formação de sua identidade.

Torna-se relevante destacar que a imprensa francófona brasileira se formou através de uma "intrincada rede de relacionamentos e trocas culturais", em que a predominância da dita "influência" francesa não passa de mera questão (ego/)francocêntrica, já que é possível "perceber [...] a importância desses *passeurs culturels* dentro da dinâmica sociocultural do ambiente intelectual da época, e fica clara a profusão de mediações e redes formadas pelo relacionamento entre editores, jornalistas, correspondentes, tradutores, homens de letras e de negócios do lado de cá e de lá do Atlântico" (GUIMARÃES, 2015, p. 63).

Ainda que o modo de se fazer jornalismo demonstrado nos periódicos franceses publicados no Brasil registre pontos irônicos e arrogantes, é a história da imprensa brasileira, com seu estilo e engajamento, que estava sendo criada e contada a partir de diálogos constantes, com os quais os franceses atuaram de forma decisiva na sociedade

que os acolheu, embora não se considere unívoco nesse processo de conexões transnacionais.

Por outro lado, e no sentido inverso do local de publicação, é possível retornar ao ano de 1830, em que *O Patriota Brasileiro: Periódico Mensal*, publicado pela Livraria dos Estrangeiros, fundada pelo francês Antoine-Augustin Renouard, teve a oportunidade de ser o primeiro jornal brasileiro na França. Antes dele, no entanto, foi inaugurada em 1829, a *Revue des Deux Mondes*, ainda que publicada na França, sua circulação não se restringia ao país europeu, mas também era veiculada no Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. O perfil editorial adotado pela *Revue* era notadamente intelectual e, embora indiscutivelmente francocêntrica, não deixava de promover diálogos entre a França e os países do "outro mundo", dentre eles, o Brasil.

Em 1836, surgiu *Nitheroy. Revista Brasiliense: Ciências, Letras e Artes*, criada pelo "Grupo de Paris", formado em 1834 e composto pelos brasileiros Gonçalves de Magalhães, Manuel de Araújo Porto-Alegre, Francisco Sales Torres Homem e Azevedo Coutinho, que se mantinham reunidos às voltas do Instituto Histórico de Paris, do qual também eram membros fundadores. Embora a revista tenha publicado apenas dois números, neles seus editores buscaram abordar as mais variadas esferas do conhecimento e, acima de tudo, afirmar não somente a existência, mas sobretudo a relevância da literatura brasileira. Por esses feitos, conquistamos as mais expressivas intervenções de mediadores culturais brasileiros em outras terras.

A exemplo de *Nitheroy. Revista Brasiliense: Ciências, Letras e Artes*, obtivemos informações, através das "Cartas de Paris", da existência de periódicos publicados em Paris, mas direcionados ao Brasil, em língua francesa, como é o caso do semanário *Courrier du Brésil (O País*, 13 maio 1914, p. 3), na época dirigido por Fernando Mendes de Almeida Junior, e da *Tribune Franco-Brésilienne*, inaugurada em 1914, dirigida pelo Sr. Rosemberg e tida por Xavier de Carvalho, que inclusive foi um de seus colaboradores, como "uma revista da intelectualidade do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo (*O País*, 9 jun. 1914, p. 1-2)".

Enquanto as imprensas brasileiras e francesas participavam desse legítimo processo das transferências culturais, na medida em que ambas mantinham periódicos direcionados e publicados visando a outra, um dos marcos mais relevantes da imprensa brasileira e também para as transferências culturais acontecia, mais especificamente a

partir de 1874, quando a prática jornalística brasileira inaugurou uma nova fase com os telegramas, já que o nosso país foi ligado à Europa, via Portugal, por cabo submarino; sendo assim, as notas telegráficas chegavam aqui através das agências especializadas em uma velocidade sem precedentes. A agência de notícias sediada em Paris, Havas-Reuter, nesse mesmo ano, inaugurou uma filial no Rio de Janeiro e, a partir de então, "os jornais precisavam local, data e, por vezes, a hora exata do acontecimento" (LUCA, 2016, p.114), inaugurando uma percepção de tempo e uma perspectiva de espaço antes inimagináveis.

Embora a reprodução dos telegramas remetidos pelas agências de notícias tenha sido significativa para a imprensa brasileira, não atendia por completo às expectativas dos periódicos, uma vez que, relatos pormenorizados eram impraticáveis nos telegramas e, certamente por esse motivo, os maiores jornais mantiveram a atividade de correspondentes internacionais para coletar relatos de forma mais exclusivas. A prática de financiar a estadia de tais correspondentes começou a popularizar-se por aqui no final da década de 1870 e a eles cabiam o exercício de "contextualizar e analisar as compactas notícias recebidas pelos fios dos telégrafos, cujo custo era ainda bastante elevado, e remeter ele mesmo as novidades que considerasse muito importantes" (LUCA, 2016, p. 115). A esta profissão daremos maior destaque a seguir, quando a associaremos às transferências culturais, ao papel do mediador cultural e a Xavier de Carvalho.

1.2 XAVIER DE CARVALHO: UM MEDIADOR CULTURAL

Xavier de Carvalho colaborou em jornais brasileiros, pelo menos, de 1890 a 1919. No já citado *O País*, foram quase trinta anos de atividade como cronista, nessa modalidade especial de correspondente estrangeiro. Através de pesquisas preliminares, as referências encontradas comprovam o interesse por seus escritos, já que eram intensamente acompanhados. Seu nome figurava em vários jornais que transcreviam suas notícias e, por vezes, publicavam a integralidade de sua coluna por anos a fio.

Conforme dados biográficos retirados do *blog Almanaque Republicano*[7], Xavier de Carvalho, desde muito jovem e ainda em Portugal, associou seu nome à imprensa, uma

[7] Disponível em: http://arepublicano.blogspot.com/2009/10/xavier-de-carvalho.html. Acesso em: 22 fev. 2019.

vez que aos quinze anos já publicava poemas, sendo colaborador de vários jornais e, em 1879, na cidade do Porto, fundou o jornal *Centro Republicano Radical*.

Destacou-se também na política, haja vista que foi responsável por manifestações de esquerda, movido por seus ideais republicanos. Através de seu ofício na imprensa, sempre produziu ações de campanha política e foi fundador de diários de combate e agitação política, como *O Norte Republicano*, *O Combate*, *Estado do Norte* e o já citado *Centro Republicano Radical*. Fundou também, no Porto, em 1879, a revista *A Mulher*.

Em 1885, Xavier de Carvalho mudou-se para Paris a convite do amigo conterrâneo, Mariano Pina, que então acabara de se tornar diretor-proprietário da revista *Ilustração* e precisava de colaboradores; sendo assim, Xavier de Carvalho desempenhou a função de secretário-redator da *Ilustração* e ocupou também um cargo de relevo no jornal *L'Ermitage*. Como franco-maçom, fez parte da diretoria da revista *Révolution Cosmopolite* (1886-1887) e tornou-se correspondente de *A Província*, jornal do *Porto*, além do *Correio da Noite* e *Diário Popular*, ambos de São Paulo. Manteve o pseudônimo de Octávio Mendes para assinar suas crônicas em *O Século* e *O Mundo*.

O ano de 1889 foi marcado pelo rompimento dos vínculos profissionais e, quiçá, de amizade entre Xavier de Carvalho e daquele que o inseriu em Paris. Ao que se sabe, no jornal portuense *A Província*, Xavier de Carvalho teceu críticas à presença de literatos, um deles Mariano Pina, na comissão portuguesa na Exposição Universal de 1889, sugerindo que os mesmos fossem substituídos por industriais sérios e comerciantes honestos, o que atingia diretamente a Pina.

Tal rompimento deu-se por uma carta de Mariano Pina dirigida a Xavier de Carvalho, no dia cinco de julho de 1889, em que dizia:

> O número da *Província* de 2 de julho corrente, acaba de me convencer plenamente de que nós andamos divergindo em muitos pontos, e de que não podemos, como dizem os franceses: -*Faire bon ménage ensemble*. Parece-me portanto da maneira conveniente desligarmos-nos de relações de interesse, e cada qual seguir o caminho que mais lhe convier, havendo entre nós apenas as relações pessoais e de boa camaradagem jornalística, que tínhamos antes de nos ligarmos pela *Ilustração*. Acredite que é com bastante mágoa que me vejo forçado a escrever estas linhas, - mas deves compreender que todas as leviandades devem ter um limite, e que as tuas progridem assustadoramente. Em todo caso, separados como vamos ficar, sempre me encontrarás, se alguma vez precisares d'um camarada sincero e dedicado. E acredita-me *sans la moindre rancoeur*.

A colaboração mais intensiva e sistemática de Xavier de Carvalho para *O País*, do Rio de Janeiro, começou a partir de seu desligamento da revista *Ilustração*, já que a coluna mantida por ele iniciou em 23 de março de 1891. Tal colaboração é apenas mencionada em sua biografia disponibilizada no *blog Almanaque Republicano*, que não oferece mais detalhes sobre a modalidade de publicações e o tempo de sua contribuição.

Em 1892, fundou a *Société des Études Portugaises*, sendo o seu secretário durante muitos anos. Para revistas portuguesas como *Boêmia Nova* (Coimbra, 1889), *A Geração Nova* (Porto, 1894-1895) e *A Arte* (Porto, 1895-1897), Xavier de Carvalho colaborou com conteúdos literários. Em 1900, lançou a revista quinzenal *Le Portugal à l'Exposition*, durante a Exposição Mundial de Paris. Em 1907, através de um considerável patrocínio do rei, Xavier de Carvalho dinamizou a *Revue de Société des Études Portugaises.*

Através de um pseudônimo coletivo, Maraschino & Cia, Xavier de Carvalho principiou sua obra poética; trata-se de uma participação em paródia do livro de Guerra Junqueiro, *A velhice do Padre Eterno*, glosado como *A velhice da Madre Eterna*. Dentre suas produções estão a *Apoteose Camoniana* (1886), *Le Portugal* (1900) e *Poesia Humana* (1908). Seu estilo literário também é descrito em sua biografia:

> Nos seus escritos destaca-se o carácter insólito das suas temáticas. Com a publicação do poema "As Anémicas", em *A Província* (setembro de 1886), Xavier de Carvalho fica marcado pela introdução do Decadentismo em Portugal. Em março de 1889, com o soneto "Simbólica", dedicado a Mallarmé (publicado na *Ilustração*), denota a tentação sensual num sujeito ascético. Em maio seguinte, no poema "A Torre Eiffel", denota a crença no progresso técnico pujante que se fazia sentir. Na revista coimbrã *Jornal para Todos*, publicou "As Impuras". Em maio de 1890 publica um dos seus poemas mais conhecidos, porque ligado à introdução do movimento decadentista, "A Nevrose do Gás". [...] a sua obra é irregular e compósita, cheia de afectações de linguagem e uma afrancesada nevrose do gás, valendo mais pela divulgação das novas tendências da poesia francesa em Portugal do que pela coerência interna e por uma verdadeira originalidade.

Xavier de Carvalho acompanhou o movimento cultural em seu país, tanto que seu nome ficou para a história literária como um dos introdutores do decadentismo português e acabou sendo um dos divulgadores das novidades literárias europeias aqui no Brasil; por isso, se tornou intermediário das culturas portuguesa, francesa e brasileira.

Além do mais, Xavier de Carvalho foi um poeta muito atento ao momento cultural vigente. Talvez por isso, empenhou-se em pôr o leitor dos jornais, para os quais

colaborava, a par do que acontecia na Europa de modo geral e mais especificamente em Paris, onde residia, e em Portugal, sua terra natal, onde deixou parentes e amigos com os quais mantinha contato assíduo.

Se não o único, Xavier de Carvalho certamente foi um dos raros intelectuais que tinha uma visão relativamente positiva do decadentismo-simbolismo, o que chega a contrastar com outros, que também eram correspondentes, quiçá mais prestigiados do que ele, mas que eram contrários e apresentavam um ponto de vista extremamente negativo desse movimento, como é o caso de Pinheiro Chagas e Maria Amália Vaz de Carvalho.

Com o início da república em Portugal, em 1910, Xavier de Carvalho manteve contato com figuras de realce mundial, pois se tornou adido de imprensa na embaixada portuguesa em Paris. Com o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, como correspondente de guerra, tornou-se porta-voz dos republicanos na França. Em 1915, perdeu um filho para a guerra. Em 1917, voltou a Portugal para realizar conferências e, em 1919, retomou seus escritos poéticos com *Cantos épicos da Guerra.*

No mês de agosto de 1919, Xavier de Carvalho faleceu em Paris e seu corpo foi sepultado no cemitério de Pantin. A *Gazeta de Notícias*, no dia 3 de agosto de 1919 (p. 3), noticiou seu falecimento, bem como o *Correio Paulistano* e *O País*. De acordo com o necrológio de Xavier de Carvalho publicado no jornal *O País* (*O País*, 3 ago. 1919, p. 4), seu colaborador, apesar de português, dedicou-se intensamente aos assuntos do Brasil e, desde muito cedo, deixou seu país de origem, "atraído pela fascinação irresistível da vida literária" na França, para melhor praticar sua especialidade, que era a crônica jornalística.

O necrológio também nos dá a informação de que Xavier de Carvalho perdeu um filho na batalha conhecida como "a ofensiva de Champanhe" em defesa da França durante a I Guerra. Esse fato foi bastante abordado na coluna "Cartas de Paris" e, pelo que se supõe das leituras de suas crônicas, abalou severamente o cronista, debilitando a sua saúde.

Através de pesquisas no *País*, durante todo o restante do ano de 1919 e boa parte do ano seguinte, não encontramos mais nenhuma ocorrência das "Cartas de Paris", fato que nos leva a crer que o jornal não prosseguiu com a coluna, tampouco compensou a ausência de Xavier de Carvalho como correspondente internacional em Paris, pelo menos não imediatamente. Para além dos tradicionais telegramas, as notícias oriundas de Paris publicadas no *País*, eram arremedos de textos de correspondentes internacionais em Paris

de outros jornais, especialmente estrangeiros. Sendo assim, eram comuns publicações que traziam como subtítulo ou manchetes sentenças semelhantes a: "O correspondente em Paris, do *Svenska Dagblad*, informa [...]"; "*La Tribuna* recebeu do seu correspondente em Paris a informação [...]"; ou ainda, "A declaração feita ao correspondente em Paris do *New York Times*, hoje aqui recebida [...]".

Xavier de Carvalho pode ser considerado um mediador cultural, uma vez que dedicou parte relevante de sua vida ao ofício de correspondente internacional, fato que, por si só, concretiza a conduta de intermediário entre países distintos. Mesmo que provavelmente sem ter a real noção da dimensão da sua atuação e o potencial da sua intervenção, intermediava as relações triangulares entre Brasil, Portugal e França, na medida em que se dedicava à tarefa específica de acompanhar, detalhar e até mesmo avaliar as produções culturais, mais propriamente literárias, do outro lado do oceano, inteirando os "seus contemporâneos, seus compatriotas, seus irmãos de raça ou de classe" (SARTRE, 2004, p. 56) sobre tudo que lhes julgava pertinente.

Certamente, em muitas ocorrências, Xavier de Carvalho transmitiu bens culturais sem estar completamente consciente de sua atuação como um mediador cultural, configurando aquilo que Cooper-Richet (2013), denominou de *passeur* involuntário. Por outro lado, é impossível desconsiderar que a atuação de Xavier de Carvalho tenha sido de forma voluntária, não apenas pelo simples fato de exercer sua profissão de correspondente internacional, que por si só demanda essa noção, mas especialmente na medida em que nele transparecia, em inúmeras oportunidades, o desejo de ser parte da difusão cultural a qual ele buscava promover e viabilizar através de suas crônicas, no cumprimento da função de um mediador entre mundos remotos. Em todo caso, seja de forma voluntária ou involuntária, Xavier de Carvalho fez o suficiente para agir como um facilitador das trocas culturais e, por isso, é possível legitimar a afirmação de que ele foi um mediador cultural.

Nas contribuições do correspondente para *O País*, as notícias de Paris ou da França de um modo geral (uma vez que são comuns estadias ou visitas a outras cidades francesas, como Nancy, Lyon e também Bordéus, onde se refugiou no período de guerra) obviamente são privilegiadas, mas também existem coberturas do correspondente internacional do jornal carioca em outros países europeus.

Com o artigo intitulado “Na exposição de Bruxelas” (*O País*, 30 jun. 1910, p. 4-7), por exemplo, o correspondente relata que foi escalado pelo *País* para acompanhar o evento, que teve a participação do Brasil como destaque, especialmente por ser um grande exportador de café, mas também pela a atuação expressiva do ministro do Brasil em Bruxelas, Oliveira Lima, e a participação do presidente Hermes da Fonseca.

“Da Holanda” (*O País*, 18. dez. 1911, p. 4-6) também foi um artigo que abordou a cobertura de um evento denominado Conferência Internacional do Ópio, realizado na cidade holandesa de Haia. A Conferência contou com a participação de Rui Barbosa, que foi intensamente ovacionado pelo seu discurso. Além disso, o correspondente relatou que não deixou passar a oportunidade de visitar os museus de Amsterdam, já que as artes lhe interessavam.

Já no dia 18 de julho de 1913, *O País* trouxe uma contribuição de Xavier de Carvalho para uma de suas colunas permanentes, “Ecos e Fatos” (p. 1-2), cujo relato foi sobre a Exposição Internacional de Gante, cidade portuária belga. Na ocasião, mais uma vez o café brasileiro, especialmente o paulista, teve grande visibilidade. O correspondente também mencionou que teve a chance de encontrar o vice-cônsul do Brasil em Bruxelas, Victor Orban, e o maestro brasileiro Macedo.

A “Seção Portuguesa”, do jornal *O País*, esporadicamente recebia contribuições de Xavier de Carvalho; ao longo dos dez anos privilegiados pelo nosso trabalho, identificamos doze ocorrências; delas, quatro eram a própria coluna “Cartas de Paris” realocadas para tal subdivisão. No dia 20 de outubro de 1917 (p. 4-5), por exemplo, a “Seção Portuguesa” trouxe uma publicação do correspondente, que possivelmente era uma espécie de reprodução do texto enviado ao *Jornal de Notícias*, de Portugal, já que ele se dirigiu aos leitores como sendo o cronista de tal jornal.

O artigo tratava da formação do comitê português do Voluntariado du Travail, do qual Xavier de Carvalho era membro e cujo objetivo era angariar um dia por semana de trabalho prestado à França, ou 150 francos anuais, dos estrangeiros que viviam no país, em meio à guerra. No entanto, o Brasil também foi aludido, na medida em que o correspondente elenca os nomes dos membros do comitê brasileiro; nesse sentido, é possível que esse seja o motivo da reprodução no *País* do texto originalmente destinado ao *Jornal de Notícias*, contudo é relevante destacar justamente o elo entre Brasil, Portugal e França criado pelo correspondente.

Através de uma tentativa de sistematização e melhor estruturação, *O País* inaugurou, no dia 1º de dezembro de 1917, o "Suplemento Português", tal anexo teve 169 edições, vida relativamente curta, já que seu último número é datado no dia 18 de maio de 1918, pouco mais de cinco meses do início da reestruturação.

Encontramos apenas uma contribuição de Xavier de Carvalho no "Suplemento Português" (*O País*, 10 mar. 1918, p.7), cujo título é "Saudação aos soldados portugueses"; nela, Xavier de Carvalho constrói um texto narrativo repleto de lirismo em louvor à honra e coragem dos soldados em combate na primeira grande guerra, sem deixar de tecer agradecimentos e homenagens aos abatidos, bem como saudações e desejos de triunfo a todos aliadófilos envolvidos, inclusive aos familiares.

Para além da ampla contribuição ao *País*, temos notícias de que a colaboração de Xavier de Carvalho foi ampla para jornais brasileiros. A título de exemplo, encontramos publicações do correspondente no jornal carioca *O Século*, como o artigo intitulado "Pintores Paulistas" (*O Século*, 5 fev. 1909, p. 3). No *Século* também são comuns reproduções de contribuições de Xavier de Carvalho a outros jornais, bem como o artigo "As condecorações em França", (27 set. 1910, p. 2) originalmente destinado ao *Diário Popular*, de São Paulo, e do próprio *O País*, como a reprodução de uma das crônicas de "Cartas de Paris" intitulada "O perigo alemão" (*O Século*, 8 jan 1916, p. 1).

Na *Gazeta de Notícias*, salvo as frequentes menções em "Casa de Doidos", é recorrente a aparição do nome de Xavier de Carvalho em notícias sobre eventos que contaram com a sua presença ou organização, especialmente a frente da *Société des Études Portugaises*. As homenagens a brasileiros, como Julia Lopes de Almeida promovidas pelo correspondente em Paris, ou ainda quando ele próprio é homenageado, como em ocasião das comemorações da entrada de Portugal na guerra são comuns. Além disso, não encontramos contribuições de Xavier de Carvalho diretamente destinadas à *Gazeta de Notícias*, mas muitas de suas "Cartas de Paris" são mencionadas pelos colaboradores da *Gazeta* seja para ratificá-las, seja para refutá-las, ou ainda e com maior constância, para divulgar os episódios noticiados pelo correspondente.

O papel de Xavier de Carvalho como correspondente internacional e mediador cultural representa por si só as premissas dos estudos sobre transferências culturais, já que, ao intermediar objetos culturais entre seu país de origem, o país em que vivia no momento em que escrevia, o Brasil e os demais países europeus, que também ganharam

espaço em suas crônicas, ele se torna um representante das noções básicas de tais estudos, pois "uma transferência cultural nunca ocorre somente entre duas línguas, dois países ou duas áreas culturais: quase sempre há terceiros envolvidos. Portanto, deve-se representar antes as transferências culturais como interações complexas entre vários polos, diversas áreas linguísticas". (ESPAGNE, 2013, p. 139)

Sua função não era apenas informar aos brasileiros e portugueses o que se passava de mais relevante nos outros países da Europa, em especial na França, adotando um processo de reprodução dos principais órgãos da imprensa, mas tinha que ter sensibilidade suficiente para pressupor o assunto capaz de agradar ao público, conjeturar a demanda e instigar os consumidores do jornal pelo assunto elegido por ele.

Não temos informações de que Xavier de Carvalho tenha vindo ao Brasil, seja a trabalho ou a passeio, e por isso sua percepção de mundo deveria ser muito aguçada, uma vez que ao ser contratado por um jornal de um país que ele não conhecia, implicava uma visão para além das fronteira de sua realidade para alcançar e conquistar o seu público leitor na tentativa de estabelecer aproximações com um contexto que ele nunca vivenciou efetivamente. Nesse mesmo sentido, o jornal *O País* assumiu o risco ao contratar um português, que vivia em Paris e que poderia trazer informações do ambiente que conhecia e que não culminava com o que ele deveria atingir.

Ainda que, ao promover conexões plurilaterais, o correspondente não tenha agido de forma completamente voluntária, diante da complexidade envolvendo as teorias das transferências culturais da nossa contemporaneidade e outras vinculadas a elas, torna-se razoável ponderar que a proporção, ou mesmo a relevância desse alargamento cultural promovido por ele, definitivamente não eram, tampouco podiam ser de seu conhecimento. Embora haja momentos em que indiscutivelmente Xavier de Carvalho evidencia a intenção de integrar culturas diferentes, as noções que cercam os conceitos de transferências culturais, inclusive o de mediador cultural, sequer poderiam ser postuladas por ele diante do quase um século que separava a sua atividade das teorias aqui aludidas.

Nesse sentido, é possível legitimar a afirmativa de que Xavier de Carvalho foi um mediador cultural, tendo em vista que concretiza sua conduta de intermediário entre países distintos, mesmo porque "o escritor é mediador por excelência, e seu engajamento é a mediação" (SARTRE, 2004, p.62).

Xavier de Carvalho não se comportava exatamente como um crítico de arte ou literário aos moldes atuais, já que os assuntos abordados por ele nas "Cartas de Paris" estendiam-se por vários âmbitos e, em relação à dimensão artística ou literária, suas apreciações não eram aprofundadas, mesmo porque não havia espaço suficiente para isso, já que era preciso ocupar-se dos mais variados assuntos; sendo assim, não ofereciam parâmetros necessários para tal atividade, especialmente quando comparamos as críticas de arte realizadas na contemporaneidade. Por outro lado, as avaliações de obras literárias, exposições de artes plásticas, concertos, peças teatrais, apesar de sucintas demonstrava conhecimento técnico e eram sempre munidas de certo refinamento, ironia e um acentuado grau de denúncia, o destaque é devido sobretudo ao fato de Xavier de Carvalho demonstrar propriedade ao emitir os juízos de valor.

Para além dessa propensão à crítica de arte e literatura, é possível entender que alguns de seus textos abrangiam determinada perspectiva doutrinária, na medida em que tornavam-se os "testemunhos" de seus ideais artísticos. Estando Xavier de Carvalho "imerso no fluxo da produção literária a que se refer[ia]", seus textos "apresentam uma certa experiência literária e cultural mais ou menos sedimentada, provinda de [sua] atividade criativa propriamente dita" (REIS, 1999, p. 490). Nesse sentido, sua inclinação ao decadentismo-simbolismo pode ter influenciado na criação de suas crônicas e sobretudo nas suas avaliações, especialmente ao demonstrar restrições às produções futuristas, em uma tentativa de educar ou instruir os leitores, como veremos no capítulo seguinte.

Além disso, suas crônicas exerceram efetivamente o papel de mediação, já que, por outro lado, difundia temas, sugeria leitura, revelava autores, divulgava obras, deliberava posições favoráveis ou desfavoráveis às obras, mesmo que de forma superficial, e, acima de tudo, não transcrevia simplesmente as notícias internacionais, mas emitia opinião, ao tecer comentários e até mesmo críticas, independentemente do assunto, revelando o uso estético da linguagem através de sua escrita e tornando suas crônicas singulares a partir de seus ideais.

Todo esse trabalho contribuiu para a abertura e acolhimento de conteúdos sobre a cultura e a literatura estrangeira por aqui. Em virtude disso, o público leitor, especialmente os intelectuais do nosso país, sequiosos por novidades do mundo ocidental, puderam ter o acesso facilitado às principais novidades, fato que, se não contribuiu para

a construção do mundo letrado brasileiro, indubitavelmente fez parte da nossa história literária.

Por esse motivo, nossa atenção também se volta ao contexto de publicação e ao órgão de imprensa pela qual ela se dá, ou seja, o jornal *O País*, tendo em vista que, para o escritor, o meio de publicação não pode ser desconsiderado, já que "determinados fatores interferem na escrita", mesmo porque "a periódica regularidade gera atitudes enunciativas distintas e específicas" (FEITOSA, 2013, p. 187), bem como o público leitor, assim como assevera Reis e Peixinho (2004, p.18) ao considerarem que "a natureza do jornal ou da revista e o público que lhe é usual interferem igualmente na escolha do tema, no tom estilístico adotado e na extensão do texto; o lugar geográfico dessa publicação pode ser (e geralmente é) determinante, pois será sempre diferente escrever [...] de Paris para um jornal do Rio de Janeiro", ou de Lisboa para jornais portugueses, ou de Paris para jornais lisboetas, ou ainda de Paris para leitores parisienses.

O estilo é uma maneira única de ver as coisas, é o segredo do autor, é a forma de encarar o mundo, por isso é uma questão de visão. Apenas através do que é escrito é que desvendamos a visão de mundo do outro. O estilo "se situa fora do pacto que liga o autor à sociedade" (BARTHES, 2004, p.12), é algo inconsciente de quem escreve, por essa razão, ele está para fora da arte. "É verdade que os temas sugerem o estilo, mas não o comandam" (SARTRE, 2004, p. 23), até mesmo porque, há maneiras distintas de se escrever sobre a mesma coisa.

Tendo em vista que nem o estilo, tampouco a língua são frutos de escolhas, é importante evocar que essa última nos é imposta, pois antecede a nossa existência, uma vez que já nascemos em um código; sendo assim, a língua é um "objeto social por definição, não por eleição" (BARTHES, 2004, p. 10). Entre a língua, que funciona como uma "negatividade", portanto como "o limite inicial do possível", e o estilo, que é a "necessidade que amarra o humor do escritor à sua linguagem" (BARTHES, 2004, p.12), está a escrita, que, por ser uma função, é uma atividade consciente, portanto é passível de escolha.

Através dessa perspectiva, o engajamento do escritor apenas se dá por completo através da "relação entre a criação e a sociedade", que é a escrita, já que ela "é a linguagem literária transformada em sua destinação social, é a forma captada em sua intenção humana e ligada assim às grandes crises da História" (BARTHES, 2004, p.12-13). Nesse

sentido, é possível dizer que o escritor escolheu desvendar o mundo para os outros homens para que estes assumam suas responsabilidades, já que “a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele” (SARTRE, 2004, p. 21).

A escrita exprime a “reflexão do escritor sobre o uso social de sua forma e a escolha que ele assume” ao exercitar sua liberdade; sendo assim, a escrita manifesta a seleção da área social para a qual o escritor opta por estabelecer “a Natureza da sua linguagem” (BARTHES, 2004, p. 14) e “o universo do escritor só aparecerá em toda a sua profundidade no exame, na admiração, na indignação do leitor” (SARTRE, 2004, p. 51), uma vez que a escrita só será efetivada a partir da leitura; por esse motivo o escritor apela para a liberdade de seu público.

A linguagem do autor, por sua vez, é composta pela tradição e pela pressão da história, que eventualmente impõe novas questões; desta maneira, a história acaba estabelecendo ao escritor uma “linguagem livremente produzida”; por isso, “a linguagem nunca é inocente: as palavras têm uma memória segunda que se prolonga misteriosamente no meio das significações novas” (BARTHES, 2004, p.15); consequentemente, a escrita é o produto da liberdade do escritor de escrever e de suas reminiscências.

Os brasileiros que tinham acesso à coluna “Cartas de Paris” puderam se informar e consequentemente se instruir sobre o que de mais relevante, do ponto de vista de Xavier de Carvalho, havia na produção cultural europeia, uma vez que seus textos cruzaram os mares e foram lidos por aqui, onde o sistema literário concluía seu processo de consolidação. É importante destacar que o índice de analfabetismo era enorme no período da contribuição de Xavier de Carvalho para os jornais brasileiros. Para termos uma ideia, no ano da proclamação da república, 1889, cerca de 82,6% da população não sabiam ler; este número foi melhorado em 1900, caindo para 69,4%; mas logo em 1920 houve um aumento na taxa, atingindo 71,2% da população brasileira (FERREIRA; CARVALHO, 2018, p. 5-6).

As crônicas de Xavier de Carvalho, apesar de serem de cunho mais informativo, nos revelam o seu engajamento social, ou seja, seu agir dentro da sociedade, na medida em que o uso estético da linguagem apresenta seu posicionamento em relação ao assunto por ele elegido e abordado perante a sociedade, refletindo seu empenho na realização da sua livre escolha e reverberando os ecos de seu passado.

No posto de correspondente internacional e, por isso, exercendo a atividade de mediador cultural, Xavier de Carvalho certamente elegia os assuntos a serem abordados em suas crônicas conforme o país para onde as enviaria, ou seja, Brasil ou Portugal, levando em consideração as diferenças entre o país emancipado e sua antiga metrópole, não apenas visando a conquistar o interesse dos leitores em ambos os países, mas também contribuir para sanar suas deficiências, uma vez que "os correspondentes em Paris, mas também outros mediadores mais conscientes dos recursos culturais e econômicos [...] utilizam [...] a imprensa para transferir de maneira mais ou menos organizada aquilo que lhes parece pertinente para o desenvolvimento de seus países" (BOTREL, p. 58-9, 2012).

Como mediador, Xavier de Carvalho estava atento às evoluções e aos progressos dos países mais desenvolvidos e transmitia seu testemunho para o Brasil, mas também para Portugal; por isso, recorria, bem como relata Cooper-Richet sobre a atuação de mediadores culturais, "à mídia moderna com o intuito de difundir para o outro lado do Atlântico, em direção à jovem nação brasileira, mas também em direção a Portugal com vistas [...] as 'Luzes' e os avanços científicos europeus, sobretudo franceses" (COOPER-RICHET, 2012, p. 98).

Dentre tantas atribuições como correspondente, Xavier de Carvalho tinha o encargo de informar, analisar, instruir bem como distrair seu público e certamente atrair mais leitores; para tanto, buscava familiarizá-los com uma realidade desconhecida, da qual ele era testemunha ocular e, de fato, a sensação que se pode ter ao ler suas crônicas é de que somos apresentados ao cotidiano parisiense do qual ele vive.

São comuns crônicas de relatos sobre os flanares de Xavier de Carvalho em Paris, inclusive acompanhado por pessoas de renome, como Olavo Bilac e Anatole France. Os diálogos eram sobre o assunto em pauta e sempre remetiam a personalidades e fatos de realce no momento. As deambulações por cafés, *boulevards*, teatros, salas de cinemas e até mesmo por bairros boêmios, que segundo o correspondente eram bem mais frequentados por ele na sua juventude, rendem crônicas que sugerem ao leitor a participação em tudo o que movimentava o cenário parisiense de forma singular, já que são imersos em experiências inusitadas proporcionadas por um observador atento.

É visível que as suas escritas enviadas ao *País* não contam com muitos recursos rebuscados ou excesso de ornamentos; por isso, é possível afirmar que seus discursos são francos e diretos, mas "seja qual for seu refinamento, o estilo tem sempre algo bruto: ele

é uma forma sem destino, é o produto de um surto, não de uma intenção, é como uma dimensão vertical e solitária do pensamento" (BARTHES, 2004, p. 10-11). "O escritor é um parasita da 'elite' dirigente. Mas, funcionalmente, ele atua contra os interesses daqueles que o sustentam, [às vezes esse] conflito se disfarça, mas existe sempre" (SARTRE, 2004, p.66). Talvez por isso, as passagens sarcásticas e irônicas, tanto na sua função pragmática como complicadora, são mais presentes em suas crônicas quando o alvo são os burgueses e aristocratas, por exemplo.

1.3 *O País*: UM IMPORTANTE SUPORTE PARA AS TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS

É no jornal *O País* que se encontrou o maior número de contribuições de Xavier de Carvalho. Sendo assim, faz-se necessário o apontamento de suas principais características. Para isso, o site da Biblioteca Nacional Digital[8] fornece dados relevantes.

Fundado em 1º de outubro de 1884 (com a redação instalada na rua do Ouvidor - n. 63, na cidade do Rio de Janeiro, a então capital do Império), pelo brasileiro João José dos Reis Júnior (1846-1922), um negociante bem-sucedido que ostentava os títulos de segundo visconde e conde de São Salvador de Matozinhos, concedidos ao seu pai pela monarquia portuguesa. Há significativa confusão entre esses dois personagens e não é raro que se atribua ao português João José dos Reis (1820-1888) a fundação do periódico.

O País foi inaugurado em um momento de grande agitação sócio-política, tendo em vista que não apenas o movimento antiescravista estava em ascensão, mas também o conflito entre a monarquia e o exército. Desde o início de suas atividades, *O País* precisou empregar estratégias que o tornassem singular e atraíssem a atenção do público leitor, buscando superar seus concorrentes, especialmente o *Jornal do Comércio*, *Gazeta de Notícias* e o *Correio da Manhã*, em temas de interesse e inovação.

O País - como todo o Brasil, desde de 1874 - estava conectado à Europa via cabo submarino; sendo assim, as notícias internacionais sempre estamparam as suas páginas, mesmo porque, além das informações oriundas de agências de notícias, o diário prezava

[8] Disponível em: https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-paiz/. Acesso em 24 ago. 2018.

pela manutenção de correspondentes nas principais capitais europeias, como é o caso de Xavier de Carvalho em Paris.

Rui Barbosa foi seu primeiro diretor, mas logo foi substituído por Quintino Bocaiúva, o responsável pelo caráter republicano do jornal. Com a proclamação da República, *O País* se consolidou como grande influência na vida política brasileira, alcançando números recordes de tiragens e por isso trazia, entre os anos de 1888 e 1895, o *slogan*: "*O País* é a folha de maior tiragem e de maior circulação na América Latina". Conforme revelam os estudos de Ana Cláudia Suriani da Silva e Tania Regina de Luca, "o constante aumento da tiragem [do *País*], de início na casa dos 11 mil exemplares, chegou a 30.600 em 1889" (SILVA; LUCA, 2022, p. 12).

O País foi um diário conservador de circulação extensa e tido como "o mais robusto órgão governista da República Velha". Se destacou pela participação decidida nas campanhas abolicionista e, embora se declarasse neutro e apartidário, mesmo contando com a direção de um republicano, sua suposta imparcialidade não foi exatamente efetivada, ao demonstrar as tendências políticas de Quintino Bocaiúva. Ulteriormente ficou conhecido pelo seu situacionismo especialmente por apoiar os governos da Primeira República.

Em 27 de abril de 1890, o jornal foi vendido para uma sociedade denominada Antônio Pereira Leitão & Cia, mas, em 14 de novembro do mesmo ano, essa parceria foi desfeita para compor outra. Desde então, associaram-se a Antônio Pereira Leitão e Belarmino Carneiro. Em 1901, Bocaiúva se desligou da direção de *O País*, cargo que foi ocupado por João de Sousa Laje, conhecido por apoiar os governos em busca de vantagens, acirrando ainda mais a já estabelecida rixa com o *Correio da Manhã*, principal órgão de oposição aos governos. No entanto, a fidelidade ao governo de Arthur Bernardes, por causa do estado de sítio, rendeu ao *País* um grande descrédito. Laje transferiu a direção do diário a Alves de Souza em 1924, fato que não alterou o governismo da folha.

Com a Revolução de 1930, a sede de *O País* foi incendiada. Por determinação da Junta Governista Provisória, a circulação do jornal foi suspensa de 24 de outubro de 1930 a 22 de novembro de 1933. Sua reinauguração se deu sob nova direção; Alfredo Neves foi quem tentou reerguer o diário, porém, sem sucesso, já que em 18 de novembro de 1934 *O País* suspendeu definitivamente suas atividades.

A primeira página do jornal *O País* do dia 22 de março de 1891 anunciava que, dentro de dois dias, seria inaugurada a publicação da coluna "Crônica de Paris" (*O País*, 22 mar. 1891, p. 1). O responsável por manter a coluna seria Xavier de Carvalho, tido como um brilhante prosador, que "reúne à originalidade dos seus processos de escrever com uma grande segurança crítica, visão rápida e feliz dos acontecimentos e das pessoas".

O escritor português já era bastante respeitado na imprensa brasileira e contribuía esporadicamente para *O País* como correspondente internacional em Paris. Sua aptidão como cronista era reconhecida pela imprensa brasileira e seu nome desde cedo esteve vinculado a ela. Equitativamente, como poeta, Xavier de Carvalho também ocupava um lugar de renome dentre seus contemporâneos em terras tupiniquins, bem como salienta Lopes Trovão ao considerá-lo "um dos talentos mais vigorosos de Portugal moderno" (*O País*, 15 set. 1890, p. 8).

Mesmo a essa altura, para qualquer jornal brasileiro que prezava a informação, a novidade e também intencionava alcançar maior reconhecimento pela sua modernidade e alcance, contar com a contribuição de um correspondente, inclusive estrangeiro, em Paris tornava-se um evento memorável.

Na edição de estreia, Xavier de Carvalho tratou de apresentar aos leitores o que, porventura, eles encontrariam ao longo das publicações da coluna, destacando que os assuntos abordados por ele seriam os mais variados conforme os principais acontecimentos da semana e que não lhe escaparam os "assassinatos célebres, crimes de sensação, política do dia, intrigas diplomáticas, sucessos de teatro e livraria, escândalos dos *faubourgs* elegantes, os últimos roubos, os últimos discursos da câmara, os últimos casos cômicos do *boulevard*, enfim toda a vida política, artística, intelectual e moderna de Paris" (*O País*, 24 mar. 1891, p.1) e tudo mais que fosse de interesses dos brasileiros.

Xavier de Carvalho mencionou que a intenção era a de informar os leitores sobre os fatos relevantes logo no dia corrente e que "quase dia a dia" as notícias da Cidade-Luz seriam enviadas por ele; no entanto, não especifica exatamente a periodicidade da atualização da coluna, ou com que regularidade remeterá suas crônicas.

Portanto, o que se pressupõe é que conforme a relevância dos fatos ocorridos em Paris a notícia seria imediatamente destinada ao *País*. Contudo, a partir das observações, especialmente do período contemplado por este trabalho, é possível averiguar uma certa constância, ao menos dos dias dos despachos dos textos, que ocorreram em boa parte das

vezes semanalmente, o que não significa que são publicados com a mesma frequência. Em contrapartida, são notórios hiatos que ultrapassam em muito esse intervalo de uma semana, bem como é possível encontrar, com menos frequência, correspondências com interstício menor do que sete dias. Portanto, não é possível estabelecer um padrão quanto à frequência de publicação do material remetido por Xavier de Carvalho de Paris.

Tanto do anúncio da estreia, como das palavras de Xavier de Carvalho na edição inaugural da coluna é possível depreender que o nome dessa seção seria "Crônica de Paris", mas esse título nunca foi utilizado. A primeira publicação foi denominada de "Carta Parisiense" e perdurou por um tempo, pelo menos até 1905, já que houve a variação para "Cartas de Paris", a constância desse último título se dá a partir de 1908 até 1919, último ano da coluna.

É plausível considerar que a preferência pelo título "Carta Parisiense" e posteriormente "Cartas de Paris" ao invés do primeiro anunciado, isto é, "Crônica de Paris", pudesse incutir um atrativo maior aos leitores, já que a missiva é capaz de oferecer uma miscelânea de assuntos. Supostamente, os editores do jornal resolveram fazer essa alteração na intenção de ativar todo o imaginário em torno do gênero carta, que, por ser de Paris, fato que por si só já é um grande atrativo, também pode trazer questões mais subjetivas, que é direcionada ao indivíduo e não ao coletivo, distanciando-se assuntos puramente insípidos e objetivos, tais como eram os telegramas, em sua impessoalidade, que simplesmente informavam as notícias e, em princípio, tinham como propósito a divulgação da realidade dos fatos assim como havia acontecido.

Toda essa especulação em volta do provável motivo da alteração do título da coluna nos leva a uma representação implícita do público leitor brasileiro, particularmente dos jornais, que porventura eram mais facilmente seduzidos por "cousas miúdas". O gênero carta, com toda sua carga subjetiva, pressupõe assuntos de livre escolha, que carregam consigo certo tom de mexerico e, desde muito cedo, (1836, pelo menos) textos similares tiveram espaço garantido nos jornais, isso porque, por intermédio de seus ares descompromissados, alcançavam todos os tipos de leitores, revelando a sua rentabilidade ao abordar todos os tipos de conteúdo.

Apesar de manter alguns elementos protocolares e tipológicos do gênero epistolar, como a data da correspondência e a assinatura no final, o corpo do texto não é propriamente uma carta e, para os parâmetros do gênero crônica jornalística para a época

na França, é possível e viável mantermos tal denominação; mesmo porque a crônica também é miscelânica. Além disso, o título "Carta" ou "Cartas" é comum para correspondências estrangeiras, bem como foi a contribuição de Ramalho Ortigão na *Gazeta de Notícias*.

Sendo assim, é possível conjecturar que a escolha do título "Cartas de Paris" para a coluna de Xavier de Carvalho tenha sido feita para expressar a oposição em relação à impessoalidade do telégrafo, tendo em vista que a mensagem telegrafada era sempre um relato curto e ficava-se à espera de um relato completo, que estava então ao encargo do correspondente, que construiria seu texto a partir de parâmetros pessoais, que, por sua vez, são muito frequentes em cartas. Embora o texto escrito por Xavier de Carvalho não pertença ao gênero carta, a adoção do título com a palavra "Carta" demanda a pessoalidade que as notícias do telégrafo não são capazes de oferecer aos leitores.

Dentre os aspectos relevantes a serem destacados, o gênero desses textos escritos por Xavier de Carvalho na coluna "Cartas de Paris" é justamente o que merece ênfase. Ao considerar apenas o nome da seção, poderíamos julgar estarmos diante do gênero epistolar; no entanto, na edição inaugural, o próprio correspondente disse que iria "desfilar ao longo das [...] *crônicas* [...] os sucessos da semana parisiense" (*O País*, 24 mar. 1891, p.1, grifo nosso); além disso, Xavier de Carvalho se autodenominou cronista. Apesar de ambos os gêneros terem intersecções tipográficas em comum, cremos que o gênero que melhor designa os textos do correspondente internacional seja realmente a crônica.

1.4 CRÔNICA: A "FILHA DO JORNAL" QUE FOI PARAR NOS LIVROS

O século XVII foi marcado pelo surgimento de um novo segmento de comunicação abalizado pela imprensa jornalística, na Europa. O jornal inaugurou um fenômeno ligado à conectividade cultural jamais visto em toda a história da humanidade até então; seu *modus operandi* alcançou proporções inimagináveis ao interligar lugares diferentes em um período em que as práticas da leitura e da escrita ainda eram significativamente restritas. Tal revolução, em termos de comunicação mundial associada a um suporte midiático, fundou uma espécie de mundo novo que não apenas refletia o mundo externo e original, mas era uma espécie de decalque, um substituto dele.

A atividade artística dos grandes escritores sempre foi associada à jornalística, tanto que muitos deles passaram pela imprensa e deixaram por lá grandes contribuições a ponto do sistema de escrita jornalística ser reformulado ao mesmo tempo que contribuía para a difusão das inovações formais da literatura moderna. Torna-se comum, entre os literatos, o aproveitamento da matriz jornalística em sua composição literária e o inverso talvez seja ainda mais constante.

Do nascimento ao longo da evolução da imprensa brasileira muitos intelectuais e aspirantes ao mundo das letras estiveram envolvidos com as práticas jornalísticas. Basicamente todos os escritores renomados atuaram, em alguma fase da vida, em jornais, que acabavam sendo uma maneira de exercitar a escrita, garantir o sustento e também alcançar o reconhecimento do público leitor. Porém, o acesso ao jornal e, consecutivamente a toda produção de ordem literária era restrito a uma minoria, ao levarmos em conta, sobretudo a elevada taxa de analfabetismo.

Machado de Assis, um dos maiores luminares, se não o maior, da nossa literatura, sob o pseudônimo de Manassés, relatou sobre a dificuldade que se encontrava em atingir a população por causa do alto número de brasileiros analfabetos, através da coluna "História de quinze dias", da *Ilustração Brasileira*, ao dizer que "A nação não sabe ler. Há só 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler; desses, uns 9% não lêem letra de mão, 70% jazem em profunda ignorância" (*Ilustração Brasileira,* 15 ago. 1876, p. 10).

Embora tenha havido grandes percalços, a relação de troca e a referencialidade entre os textos literários e jornalísticos são de frequente assiduidade desde os primórdios. O jornal, como uma base de acolhimento de textos literários, também serviu-se de idiossincrasias oriundas da literatura, especialmente a escrita narrativa e outras técnicas e recursos retóricos literários.

Lúcia Granja (2018, p. 101) considera que o jornal no século XIX inaugura um "sistema midiático" capaz de criar "uma referencialidade e uma literalidade deslizantes", uma vez que "a circulação das formas textuais fazia-se constantemente no hipertexto do periódico cotidiano". Dessa forma, as comunicações dinâmicas e trocas tipológicas, congênitas e idiossincrásicas entre os textos jornalísticos e literários se acentuaram na medida em que o processo de plasticidade formal das páginas se tornou mais maleável. Essas circulações forneceram produtos expressivos para ambos os segmentos, que foram

eficientes até mesmo para as eclosões de inovações do porte do advento das vanguardas literárias do século XX.

O jornal cotidiano serviu de propulsor na concepção do texto ficcional oitocentista. O texto jornalístico e o texto literário desde então demonstraram certa compatibilidade e afinidade até então inimagináveis, que chegaram a ir além de um suposto parentesco ao atingir uma espécie de matrimônio.

Nas últimas décadas do século, portanto em um período de modernização dos centros urbanos, de afloramento de novos hábitos e gostos, inclusive literários, a imprensa jornalística tem papel fundamental, uma vez que mesmo antes da passagem de século ela já havia alcançado inúmeros aprimoramentos inovadores em termos técnicos e editoriais, deixando de ser folhas tipográficas para tornarem-se grandes empresas jornalísticas.

É possível conjecturar que essa aliança entre o texto jornalístico e o literário estabeleceu-se com uma literatura experimental no espaço do rodapé e se consolidou através do romance folhetim e da crônica, dentre outros gêneros no mesmo local. Sendo assim, o jornal angariou um papel importante no campo ficcional e pode ser tido como um suporte dinâmico do universo literário.

A crônica, segundo Coutinho (1971, p.105), é um gênero literário que pertence ao grupo em que os autores empregam um método de comunicação direta com o leitor, uma vez que "há uma explanação direta dos pontos de vista do autor, dirigindo-se em seu próprio nome ao leitor ou ouvinte". A esse grupo pertencem, além da crônica, o ensaio, o discurso, a carta, as memórias etc.

Como "filha do jornal", dado que se originou do espaço destinado ao folhetim, portanto do rodapé, a crônica não aspira à durabilidade, tampouco os cronistas anseiam à pompa dos grandes poetas e romancistas, pois se utilizam da perspectiva dos que escrevem do "simples rés-do-chão"; portanto, valem-se de uma linguagem próxima da oralidade e, por isso, mais natural e familiar. E sendo "filha do jornal", a crônica não nasceu propriamente com ele, "mas só quando este se tornou cotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível", que se deu na primeira metade do século XIX (CANDIDO, 1992, p. 15).

Historicamente, seu desígnio estava voltado a informar e comentar, mas aos poucos foi adquirindo ares mais descompromissados e praticando o humor. A etimologia

da palavra "crônica" decorre da origem grega (Kronos – tempo); segundo Afrânio Coutinho, "é o relato dos acontecimentos em ordem cronológica" (1971, p. 108). No entanto, com o passar do tempo, semanticamente a palavra esteve ligada à literatura e ao jornal: "é um gênero específico, estritamente ligado ao jornalismo" (COUTINHO, 1971, p.108).

No contexto francês, *La Presse* foi o veículo responsável por introduzir o novo gênero e Delphine de Girardin foi quem o criou através de moldes e temas ampliados de atuação:

> Delphine de Girardin, ancienne muse et poétesse romantique, femme d'Émile de Girardin, le créateur de *La Presse*, est cependant celle qui fonde veritablemente le genre de la chronique, qui lui fixe ses codes et ses stratégies. Lorsque Émile de Girardin présente le feuilleton de *La Presse* le 21 septembre 1836, il établit ainsi le programme du "Courrier de Paris", feuilleton hebdomadaire du vicomte de Launay, pseudonyme de Delphine de Girardin: "Un bulletin de livres nouveaux, des pièces en répétition, des modes nouvelles, des coutumes et usages nouveaux, de la musique en vogue, des objets de curiosité". Delphine de Girardin étend plus largement ses domaines de compétence et élit les thèmes de prédilection de la chronique[9]. (THÉRENTY, 2007, p. 241-2)

Por ser um gênero jornalístico com um forte sustentáculo documental, a crítica não encarou a crônica como um gênero propriamente literário e, em uma tentativa de remissão, consideravam-na como um gênero "menor". Compartilhando do mesmo sentimento dos críticos, os historiadores tiveram a boa vontade de redimi-la, especialmente pelo seu caráter documental, ao desempenhar a função de testemunho histórico de um dado momento (SOARES, 2014, p. 12).

A escrita em prosa é uma prática que carrega consigo uma moral e está em uma relação estrita com a linguagem; por isso, independe do gênero para se fazer realizar através do código da linguagem verbal. No texto "A vida ao rés-do-chão", Antonio Candido (1992, p. 13-22) comenta o admirável caráter de gênero menor que a crônica possui; admirável, porque seu melhor atributo é estar próxima a nós, já que sua aparente

[9] Delphine de Girardin, ex-musa e poetisa romântica, esposa de Émile de Girardin, o criador de *La Presse*, é, no entanto, quem realmente fundou o gênero da crônica, que fixou seus códigos e estratégias para ela. Quando Émile de Girardin apresentou o fascículo de *La Presse* em 21 de setembro de 1836, estabeleceu assim o programa do "Courrier de Paris", fascículo semanal do visconde de Launay, pseudônimo de Delphine de Girardin: "Um boletim de novos livros, peças em repetição, novas modas, novos costumes e usos, música da moda, objetos de curiosidade". Delphine de Girardin amplia suas áreas de atuação e elege os temas preferidos da crônica.

despretensão é humanizadora, pois a crônica, como texto que aspira ser familiar aos seus leitores, encontra na oralidade o que há de mais natural, "e isto é humanização da melhor", ainda que não deixe de recuperar "certa profundidade de significado e certo acabamento de forma", características que a tornam "uma inesperada embora discreta candidata à perfeição".

Desde o século XIX, considerar a crônica como um gênero literário significava, sobretudo, legitimar a nacionalidade brasileira dela, uma vez que seu contributo insólito e inusitado não integrava puramente a tradição ocidental; por outro lado, a raiz europeia jamais foi negada. Contudo, a aclimatação por aqui realizada foi tão singular que, no século XX, as crônicas deixaram de ser restritas aos jornais e ganharam também as páginas dos livros, alcançando o mérito de serem consideradas o primeiro gênero genuinamente nacional.

A respeito dessa nova realidade editorial é possível afirmar que, a partir da década de 1930, os cronistas renomados organizavam coletâneas e competiam com outros gêneros já consagrados como o conto e até mesmo o romance (SOARES, 2014). Apesar da crítica conservadora condenar a invasão, editoras surgiam especificamente para publicar crônicas, sobretudo na década de 1960, considerada um marco importante de transição, já que a crônica não está totalmente vinculada à efemeridade do jornal e adquire *status* mais perceptível de obra literária proporcionado pela materialidade do livro.

Já em 1958, Brito Broca[10] asseverava que o destino da crônica no Brasil, apesar da influência, não segue o mesmo fluxo habitual em comparação à França, que é o de "morrer nos jornais e nas revistas", justamente porque uma nova forma de crônica estava sendo criada por aqui, afastando-se, por vezes, do verdadeiro sentido da palavra, bem como de algumas de suas características, ao abster-se do caráter documental e histórico ainda sustentado pelos franceses. No entanto, a crônica em França foi adaptando-se ao desenvolvimento ao jornalismo:

> Effectivement, le reportage à la française a détrôné la chronique, sans doute parce que, entreprise plus démocratique, plus consensuelle, il se confondait avec la montée d'un journalisme de masse. Mais en même temps le moule de la chronique comme étude physiologique et travail sur le mot d'esprit a contribué à créer un certain type d'écriture de reportage qui se distingue nettement du journalisme anglo-saxon. La

[10] Brito Broca, *Crônica na atualidade literária francesa*. O estado de S. Paulo, São Paulo, 13 de set. 1958, p.1

> chronique, parce qu'elle a constitué aussi la matrice d'un sous-genre romanesque, le "roman-chronique", et du poème en prose, forme sans doute, entre 1830 et 1890, le genre pivot des journaux[11]. (THÉRENTY, 2007, p. 268-9)

Nesse sentido, a crônica francesa continuou sendo mais jornalismo do que literatura, ao contrário da nossa. Por isso, Brito Broca propõe que seja atribuído um termo adequado para classificar os textos encontrados nos jornais brasileiros em que prevalecem o valor formal e o apuro estilístico, já que são "prosa poemática, humor lírico, fantasia etc", mas que ainda chamamos de crônica.

Com esse tratamento literário e poético somado à materialidade do livro, a nossa crônica adquire outras condições de durabilidade, mesmo porque o seu veículo natural, por sua efemeridade, não contribui para que haja longevidade e pressupõe um texto despretensioso e de fácil leitura. A partir do momento em que a crônica passa do jornal para o livro conquista perenidade, transcende a notícia por conta do apuro poético e alcança o padrão de arte literária.

A literariedade da crônica não está necessariamente no meio de difusão, mas na excelência do cronista ao trabalhar esteticamente a informação sobrepujando o cotidiano e produzindo um efeito constante de contemporaneidade, características que o trabalho puramente jornalístico não exige. A notícia torna-se parte de um todo carregado de intervenções subjetivas, matizes estilísticas e até mesmo posicionamento ostensivamente declarado pelo cronista.

A naturalidade com que a crônica foi desenvolvida por aqui lhe rendeu uma originalidade que a consolidou como um gênero nosso; no entanto, seria negligência desvinculá-la de sua origem francesa no século XIX. Nesse sentido, a crônica talvez não seja exatamente um novo gênero da literatura brasileira, tendo em vista que o nosso modelo conserva alguns princípios tipológicos da crônica francesa e, a partir desse ponto de vista, talvez não seja possível afirmar que houve o surgimento propriamente dito de um gênero de origem nacional.

[11] De fato, a repostagem francesa destronou a crônica, sem dúvida porque, empreendimento mais democrático, mais consensual, confundiu-se com a ascensão do jornalismo de massa. Mas, ao mesmo tempo, o molde da crônica como estudo fisiológico e trabalho sobre o chiste contribuiu para criar um certo tipo de redação de reportagem que se distingue claramente do jornalismo anglo-saxão. A crônica, porque constitui também a matriz de um subgênero romântico, o "romance-crônico", e do poema em prosa, sem dúvida formou, entre 1830 e 1890, o gênero central dos jornais.

No Brasil, a crônica alcançou um desenvolvimento singular, a originalidade do formato "teve aqui um florescimento de fato surpreendente como forma peculiar, com dimensão estética e relativa autonomia, [...] bastante expressiva no conjunto da produção literária brasileira" (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 53). Mesmo sendo indiscutível o fato de que foi aqui que ela atingiu inovação e modernidade, porventura, essa versão brasileira da crônica pode ser considerada uma categoria ou modalidade nova e inovadora do gênero.

É certo que a atividade da imprensa brasileira do século XIX era intensamente desenvolvida baseada nos modelos franceses; apesar disso, não quer dizer que a nossa performance jornalística era mero simulacro ou reprodução deles, mas resultado de processos de hibridação e apropriação; mesmo porque, "é a conjuntura do contexto de acolhida que define largamente o que pode ser importado ou ainda o que, já presente em uma memória nacional latente, deve ser reativado para servir nos debates em curso" (ESPAGNE, 1999, p. 23, trad. nossa).

Da mesma maneira, a crônica foi aclimatada por aqui, onde seu desenvolvimento tomou um rumo peculiar; em contrapartida, não se anula o fato de que o modelo não foi dos países nossos vizinhos ou qualquer outro país europeu, por exemplo, mas o francês. A partir dessa perspectiva obsoleta, é possível afirmar que houve certo acatamento do contexto hierárquico, levando em conta a hegemonia francesa da época; por outro lado, esse fato não impossibilita aclimatações culturais variadas resultando em um produto inteiramente novo, na medida em que há a transformação profunda do objeto passado de um sistema a outro, como no caso da crônica.

A crônica, no Brasil, evoluiu independentemente do seu desenvolvimento no contexto francês, já que calcou seu itinerário próprio, ao lidar com demandas predominantemente nacionais e a ter os brasileiros como elemento de referencialidade. Com o passar do tempo, as peculiaridades da crônica brasileira diferenciaram-na não apenas dos modelos europeus originais ou até mesmo contemporâneos, mas também de suas produções oitocentistas, em um processo constante de hibridação, contribuindo para uma configuração moderna do gênero.

Coutinho (1971, p. 120) faz uma classificação dos diferentes tipos de cronistas brasileiros e estabelece cinco categorias: a crônica narrativa, eleita por cronistas como Fernando Sabino; a crônica metafísica, como as de Machado de Assis e Carlos

Drummond de Andrade; a crônica poema-em-prosa, que é o caso das crônicas de Rubem Braga, Manuel Bandeira e Raquel de Queirós; a crônica-comentário, que tem como representante José de Alencar, e a crônica-informação, que, sendo a "mais próxima do sentido etimológico, é a que divulga fatos, tecendo sobre eles comentários ligeiros" e sendo menos pessoal do que a crônica-comentário.

Adotando essa classificação, é possível rotular Xavier de Carvalho, como um cronista de inclinações mais arraigadas ao perfil da crônica-informação, mas com propensão à crônica-comentário, já que, pelo que foi possível observar, muitas de suas crônicas são de cunho essencialmente noticioso; no entanto, suas observações pessoais são sempre encontradiças em assuntos estimados por ele. Em verdade, o correspondente conseguia mobilizar os mais diversificados protocolos do gênero, bem como a descrição, a subjetividade, o humor e a digressão para imergir seus leitores em experiências únicas ao serem transportados para a sua realidade.

Nesse mesmo sentido, bem como é assinalado por Coutinho, a própria natureza da crônica faz com que ela seja flexível e por isso os vários tipos de crônicas podem se fundir; além disso, os cronistas tendem a percorrer os mais variados assuntos, fato que permite extrema liberdade em relação a essa classificação.

O cronista se transformou em um agente intermediário entre a vida cultural e o seu respectivo público, uma vez que sua incumbência era cobrir os eventos da semana, quinzena ou mês, cumprindo o cronograma previamente estabelecido e preenchendo o espaço estipulado no jornal. A partir dessa perspectiva, é possível afirmar que a atividade de Xavier de Carvalho e até mesmo suas crônicas, como produto dela, podem ser consideradas objetos das transferências culturais do correspondente internacional, que passa a ocupar o papel de mediador.

1.5 AS CRÔNICAS DE XAVIER DE CARVALHO

Os eventos eruditos, mas também (ou sobretudo) as conversas mundanas serviram como uma espécie de molde para a crônica jornalística de Xavier de Carvalho, que mantinha uma conversa informal com seus leitores e fazia desse diálogo regular um esquema de conversação ao estabelecer referências diretas com os leitores e também ao

retomar e arrematar assuntos já aludidos. Tais estratégias acabam por construir um retrato de Paris em dois momentos distintos, mas ambos de grande efervescência, apesar de pertencerem a polos opostos: a *Belle Époque* e a I Guerra Mundial.

A crônica jornalística é o gênero ao qual Xavier de Carvalho esteve arraigado durante a maior parte de sua trajetória dentro do jornal *O País*. Alguns artifícios literários, especialmente os próprios dos recursos narrativos, são utilizados pelo cronista para relatar os principais acontecimentos da semana e essas estratégias conduzem o leitor para uma experiência literária mais intimista e corriqueira, esse é um dos fatos que permite Lucia Granja considerar que "a crônica é o ponto de encontro entre o escritor e o público" (GRANJA, 2000, p. 8).

Xavier de Carvalho buscava estabelecer diálogos com os seus leitores - por vezes até mesmo direcionado a uma parcela deles, como é o caso das leitoras mulheres. São frequentes as evocações do tipo "querido leitor", ou ainda perguntas como "Estou certo de que falei sobre [...], lembras?". Esse fato evidencia o tom coloquial adotado por ele e transparece o interesse em firmar vínculos de intimidade e confiança com o seu público.

As crônicas de Xavier de Carvalho exigem, por vezes, um pacto de leitura implícito, não apenas relacionado às notícias veiculadas pelo jornal durante o período em que não havia a publicação da crônica, mas sobretudo ao aludir a obras e personagens literários que, se não fossem conhecidos pelos leitores, comprometeria a compreensão do texto, como é o caso do anúncio dos bailes de carnaval, na Grande Ópera, em que o correspondente comenta os preparativos para as festividades, mas assevera que os foliões "parecem uma geração criada por Des Esseintes, o herói do *À Rebours* de Huysmans" (*O País*, 4 abr. 1914, p. 1-2).

Des Esseintes é a personagem que encarna o espírito decadentista do *fin-de-siècle* por excelência, especialmente no que tange à sua dificuldade de se inserir no mundo e de se relacionar com as pessoas, optando pela evasão do convívio cotidiano. Além disso, o protagonista de *À Rebours* personifica perfeitamente a essência do dândi ao cultuar o artifício e o estético, por esse motivo é tido como o precursor dessa efígie emblemática da literatura. Nesse sentido, a falta de referências dificulta o entendimento das crônicas que são capazes de retratar um período e auxiliar na compreensão da história.

Mesmo não sendo tão comuns, as digressões existem. Tal recurso é encontradiço especialmente quando Xavier de Carvalho pretende elucidar ou até mesmo criticar o

assunto em causa e, para isso, interrompe a narração, afastando-se temporariamente do tema que está em discussão, acrescentando outro aparentemente diferente, para vinculá-los de alguma forma posteriormente.

Xavier de Carvalho emprega digressões que associam o clima às intempéries políticas, por exemplo. O carnaval também é frequentemente alvo de avaliações marcadas por recursos estilísticos e de linguagem, que são relacionadas ao clima, como na ocasião em que as chuvas de confetes e purpurinas foram substituídas por uma grande e real chuva, um verdadeiro "pé-d'água" (*O País*, 8 abr. 1914, p. 2), intensificando os ares paradoxais do carnaval do ano de 1914, que continha uma "alegria fúnebre".

Ao que tudo indica, essa energia antitética e sinestésica emanava também da "áspera e sobrecarregada atmosfera política", marcada pelo assassinato do editor do *Figaro*, Gaston Calmette, por Henriette Caillaux, segunda esposa do ministro das finanças, Joseph Caillaux, que vinha sofrendo represálias do jornal por sua postura pacifista em relação à Alemanha durante a Segunda Crise Marroquina, desde 1911, e que provavelmente também tinha provas de que o relacionamento do casal havia começado antes mesmo do fim do primeiro casamento do ministro, sendo este o verdadeiro motivo do crime.

Por isso, o correspondente relatou que por sobre as ruas de Paris escorria "sangue, que se confund[ia] com a massa vermelha dos confetes esmagados na rua, no lamaçal..." e, conclui expressando saudosismo dos tempos de festa, paz e culto à vida, representados pela "clara e doce alegria do céu azul, do sol brilhante, iluminando as almas, o sol, pai da vida, criador de todas as energias", que a tempos vêm sendo invadidos pelos "dias cinzentos, de chuva e de lama" e portanto, de morte.

As crônicas de Xavier de Carvalho são escritas conforme a relevância dos acontecimentos julgados por ele; por isso é comum que haja a retomada dos assuntos que porventura não tiveram conclusão no momento em que foram introduzidos. Geralmente eventos culturais seguem essa perspectiva, já que primeiramente é feito o anúncio, a retomada da sua divulgação com novas informações, o relato e apreciação do acontecimento e por fim a repercussão na sociedade. Por vezes, a trama se estende demasiadamente, de tal forma que a sequência dos fatos segue os princípios de um folhetim rocambolesco da vida real, como no caso do monumento em homenagem a Camões, que veremos a seguir.

Em se tratando de repercussão na sociedade, buscamos identificar como as crônicas de Xavier de Carvalho eram recepcionadas por aqui. Através de buscas pelos jornais contemporâneos à contribuição do correspondente em Paris, encontramos o seu nome suscitado amiúdadas vezes na coluna "Casa de Doidos", nutrida por Olavo Bilac e tantos outros colaboradores, como Guimarães Passos, Pedro Rabelo e Coelho Neto, na *Gazeta de Notícias*. O teor das menções seguiam algumas finalidades, sendo a principal delas criticar, de forma sarcástica, a coluna mantida no *País* por Xavier de Carvalho, ao deixar patente a ideia de que suas crônicas só traziam obviedades, ou ainda ironizar o estilo de escrita do jornalista. O emprego da ironia era tanto que o nome do correspondente era habitualmente aludido como "o inefável Xavier de Carvalho":

> O inefável Xavier de Carvalho deu-nos uma grande nova: "Estamos afinal no século XX, amigo leitor". E mais outra: no último dia do ano findo, os restaurantes regurgitavam de gente: "Em muitos deles era impossível entrar, não havendo uma mesa desocupada". Santo Deus, que enchente! É incrível que não havendo uma mesa desocupada, não houvesse um único lugar à mesa. Credo! (*Gazeta de Notícias*, 29 jan. 1901, p.1)

Para além desses pontos, o trabalho de Xavier de Carvalho também foi questionado, na medida em que suas crônicas traziam informações que já não eram mais novidades para os seus leitores, tendo em vista que possivelmente o ítem abordado pelo correspondente internacional já havia sido veiculado através dos telegramas e quando chegavam até aqui, pelo paquete, a banalidade já se havia efetivado. Além dessa questão de logística, o conteúdo referia-se à situação pregressa em relação à data da postagem, quanto mais da publicação no *País*. Em todo caso, é notória a busca por brechas concedidas por Xavier de Carvalho para ironizá-lo.

Por outro lado, a insistente vexação por parte de Olavo Bilac e seus companheiros, na "Casa de Doidos", pode ser considerada questionável, especialmente ao levarmos em consideração a concorrência jornalística e o fato de Xavier de Carvalho ter apregoado preceitos simbolistas-decadentistas, de forma inovadora, indo completamente na contramão dos ideais parnasianos aos quais Olavo Bilac vinculava-se, por exemplo. Mas, de qualquer forma, é importante destacar que suas informações, por mais que, às vezes, soassem triviais, o poder de atualização sobre os fatos relevantes e em especial os de interesse literário é inegável.

O artigo intitulado "À margem do dia", assinado por Joe (João do Rio), na *Gazeta de Notícias* (9 abr. 1914, p. 1), por exemplo, embora saliente a agilidade dos telegramas em detrimento das correspondências vindas pelo paquete, declara que "não é preciso ler os jornais franceses; basta ver o que dizem os correspondentes. Como reflexo é típico o Xavier de Carvalho". Nesse sentido, faz-se necessário apontar a utilidade da coluna nutrida pelo correspondente do *País* em Paris e evidenciar a sua contribuição ao aproximar o Brasil da França e vice-versa.

Nesse sentido, para que sua tarefa como correspondente fosse bem executada, foi preciso que Xavier de Carvalho considerasse o interesse dos assinantes e consumidores do jornal carioca, levando em consideração o horizonte de expectativas e as particularidades de leitores que, além de pertencerem a um país localizado do outro lado do Atlântico, tratava-se de um país que ele não conhecia. Fato que não o impediu de viabilizar o estabelecimento de um diálogo direto com seus destinatários, ao ponto de criar aproximações, que favoreciam o compartilhamento de vivências e a discussão de opiniões.

1.6 O CORRESPONDENTE INTERNACIONAL E SUA FUNÇÃO DE INTERMEDIAR CULTURAS: XAVIER DE CARVALHO

A crônica jornalística de correspondente internacional é uma qualidade específica do gênero e, sobretudo a partir das últimas décadas do século XIX, era prática comum nos jornais brasileiros. A denominação correspondente era utilizada de forma genérica; no entanto, hodiernamente há pelo menos outras duas designações que podem ser equivalentes às funções de um correspondente primevo: o correspondente internacional e o enviado especial.

O correspondente internacional é um jornalista autopautado, já que ele mesmo define e apura o assunto a ser publicado; no entanto, ele deve enviar regularmente seus textos, pois tais produções mantêm uma coluna do jornal. O correspondente reside fixamente no local (cidade, região, país, continente) a ser coberto jornalisticamente, onde pode constituir fontes estratégicas e manter seus contatos para que as informações, por ele noticiadas do lugar onde desenvolve seu trabalho, sejam atraentes para o país do jornal em que contribui.

Já o enviado especial é o jornalista que sai de seu país de origem para cobrir ou investigar um evento já pré-determinado e que, portanto, produz uma crônica ou uma série delas sobre o assunto em pauta. Depois de cumprida sua tarefa, retorna para a cidade-sede do jornal para o qual trabalha.

A tradição de promover a ida de enviados especiais para o exterior a fim de cobrir acontecimentos de relevo para serem noticiados em jornais brasileiros ou de manter correspondentes em outros países começou a se estabelecer desde que o jornalismo se tornou a nossa principal ferramenta de informação, especialmente a partir das décadas finais do século XIX, bem como salienta Luca: "Essa prática de manter correspondentes permanentes – e/ou financiar viagens para obter relatos exclusivos – começou a generalizar-se no Brasil na década de 1880, quiçá pelo fato de a mera reprodução dos telegramas não atender às necessidades dos periódicos (LUCA, 2018, p. 27-8).

Santa-Anna Nery, entre os brasileiros, pode ter sido um dos precursores no exercício de tal tarefa. O intelectual residia em Paris desde fins de 1874, de onde atuava como correspondente do *Jornal do Comércio*. Já Joaquim Nabuco talvez seja um dos pioneiros a sair do país na condição de correspondente, pois em dezembro de 1881 partiu para Londres especificamente para o exercício da função também pelo *Jornal do Comércio* (LUCA, 2016, p. 115).

No ano seguinte, em meados de 1882, foi a vez de Lopes Trovão ir para Paris encarregado de remeter novidades para o jornal *O Globo*, de Quintino Bocaiúva (LUCA, 2016, p. 115). Em 1884, Adelino Fontoura havia sido enviado ao Velho Mundo com a incumbência de ser correspondente do jornal *Gazeta da Tarde*, de José do Patrocínio (SIMÕES JUNIOR, 2017, p. 43).

A propósito dessa atividade jornalística, Brito Broca (1991) assinala que *Cidade do Rio*, jornal que também pertenceu a José do Patrocínio, em julho de 1890, enviava o ainda jovem, mas já prestigiado, Olavo Bilac para a Europa como seu correspondente e ressalta que tal iniciativa ainda era uma prática inusitada: "Enviar um jornal representante à Europa, naquele tempo, não era coisa comum e seria mesmo uma das primeiras vezes que o fato se verificava. Coubera a Patrocínio essa iniciativa. Promover, porém, a ida de um "enviado especial" ao Velho Mundo constituía um acontecimento de outro alcance". (BROCA, 1991, p. 138-9)

No entanto, infere que a imprensa brasileira e sobretudo os principais jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo mantinham correspondentes, em especial, na França e em Portugal, uma vez que as "Crônicas de Paris ou Cartas de Lisboa eram comuns em nossa imprensa desde 1870, mais ou menos" (BROCA, 1991, p. 139).

Brito Broca não deixa de mencionar que a *Gazeta de Notícias*, sob a direção dinâmica de Ferreira de Araújo, contava com a colaboração de Ramalho Ortigão e Eça de Queirós como correspondentes europeus. Além disso, o mesmo jornal enviou, também em meados de 1890, o escritor Pardal Mallet à Argentina para cobrir o movimento revolucionário que afligia aquele país. Olavo Bilac, por sua vez, desempenhou tal tarefa em mais de uma ocasião. De abril de 1904 a outubro do mesmo ano, o escritor retornou à Europa, então como correspondente de *A Notícia* (SIMÕES JUNIOR, 2017, p. 43-4).

O jornal *O País* recebia colaborações de inúmeros portugueses, assim como de Xavier de Carvalho, que mantinha a coluna "Carta de Paris". Guiomar Torresão contribuía para a coluna "De Lisboa ao Rio de Janeiro" (SIMÕES JUNIOR, 2015, p. 6). José Maria Alpoim também enviava suas crônicas para a coluna "Cartas de Lisboa" de tal diário. Justino Montalvão e Santo Tirso são, do mesmo modo, citados (GUIMARÃES, 2009, p. 53).

Outros órgãos da imprensa brasileira publicavam assiduamente textos de autores portugueses, dentre eles, os já aludidos Ramalho Ortigão e Eça de Queirós, ambos correspondentes da *Gazeta de Notícias*. O *Jornal do Comércio*, por sua vez, contava com a constante colaboração de Maria Amália Vaz de Carvalho e Jaime de Séguier. Alberto de Oliveira, Luís da Câmara Reis, Carlos Malheiro Dias e tantos outros igualmente contribuíram e tiveram seus nomes estampados em páginas brasileiras (GUIMARÃES, 2009, p. 53).

Através das "Cartas de Paris", no ano de 1915, conseguimos obter a informação de que *O País* também mantinha um correspondente internacional em Berlim provavelmente antes mesmo da virada do século. Assim como Xavier de Carvalho, o português Hermano Neves (1884-1929), "seu velho amigo e um dos mais distintos colegas de jornalismo" (*O País*, 9 dez. 1915, p. 2), foi um antigo colaborador do jornal carioca, onde escreveu por mais de 10 ou 12 anos "as interessantes cartas de Berlim".

É possível conjecturar que, com o passar dos anos, os jornais não investiam, com a mesma frequência, no envio e manutenção de representantes brasileiros em outros

países, mas convidavam escritores brasileiros ou estrangeiros que já residiam por lá para colaborar como correspondente, assim como pode ter sido o caso de Xavier de Carvalho ao atuar como correspondente estrangeiro do *País*, "tal como fez o *Jornal do Comércio*, cujo representante em Paris era o brasileiro Santa-Anna Nery, e a *Gazeta de Notícias*, que contou com Eça, Ramalho e também com Guilherme de Azevedo, que acertou sua transferência de Lisboa para Paris em 1880" (LUCA, 2018, p. 28-9).

As atividades dos correspondentes aqui referidas são comprovações dos constantes intercâmbios de notícias, informações, ideias, correntes de pensamento e bens históricos que entrecuzavam os mares rumo a diferentes direções. Através desse processo, é importante destacar o papel significativo dos correspondentes, que tornaram-se elementos de ligação entre as diversas culturas e "atuavam como intermediários e difusores de gostos, modos de vida, propostas estéticas e políticas, conectando culturas" (LUCA, 2016, p. 116).

1.7 Panorama da atividade de correspondente internacional em Paris no ano de 1909

Selecionamos os jornais diários *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Comércio*, *A Noite*, *Jornal do Brasil*, *O Imparcial*, *A Capital*, *O Século*, *A Imprensa* e *A Notícia* para averiguarmos quais deles dispunham de colunas alimentadas por crônicas de correspondentes em Paris, em 1909, ou seja, o primeiro dos dez anos da atividade de Xavier de Carvalho no *País* analisados por nós, ou no primeiro ano de atividades dos jornais em questão.

Com a finalidade de traçar um panorama dessas correspondências estrangeiras, já considerávamos, de antemão, que seria muito mais provável a identificação de um número maior de correspondências a partir de Portugal e que talvez pudessem ser um pouco mais raras as oriundas de Paris e esta hipótese se confirmou.

A *Gazeta de Notícias*, em nosso rastreamento, demonstrou ser o órgão de imprensa que mais susteve correspondentes internacionais no período recoberto. Suas edições mostraram constantes contribuições oriundas de Madrid, Londres, Buenos Aires, Paris, além das duas principais cidades portuguesas, Lisboa e Porto, e, apesar de não

especificar o nome da cidade, também existem correspondências provenientes da Alemanha.

Encontramos, pelo menos duas vezes por mês, crônicas provindas de Paris, mas não há um nome exclusivo para a coluna, o que ocorre é utilização do título da crônica conforme o assunto tratado nela, como por exemplo: *O último incidente Balcânico* (*Gazeta de Notícias*, 31 jan. 1909, p. 8), *Uma aventureira de alto bordo* (*Gazeta de Notícias*, 12 fev. 1909, p. 1), *A greve dos correios* (*Gazeta de Notícias*, 9 abr. 1909, p. 4) e *Uma festa latina* (*Gazeta de Notícias*, 28 abr. 1909, p. 1).

No início do ano de 1909, as correspondências não eram assinadas, apenas vinham com a inscrição introdutória de que haviam sido escrita pelo correspondente especial em Paris. A partir de junho, elas começaram a vir assinadas pela abreviação "D.T." e logo no final de julho a rubrica se desvendou como sendo de Demétrio de Toledo, um diplomata, escritor, jornalista e astrólogo renomado, nascido em Recife 1870 e morto em 1949, no Rio de Janeiro.

Não há como precisar se Demétrio de Toledo foi um enviado especial da *Gazeta de Notícias*, ou se já era um morador de Paris e, por isso, exercia a função de correspondente internacional, bem como Xavier de Carvalho. Se levarmos em consideração que o Demétrio de Toledo foi cônsul do Brasil em Paris e em Boulogne de 1929 a 1934, talvez fosse mais provável que ele já tivesse fixado moradia por lá havia algum tempo, nesse caso, seria um correspondente internacional.

A contribuição do correspondente da *Gazeta de Notícias* tem detalhes diferentes da mantida por Xavier de Carvalho no *País*, uma vez que o português sustentava uma coluna com um nome fixo, "Cartas de Paris" e que trazia, em cada edição, vários assuntos. Mas é viável afirmar que em ambas as colaborações, ou seja, tanto de Xavier de Carvalho quanto de Demétrio de Toledo, os teores das crônicas são semelhantes ou exatamente os mesmos.

No *Correio da Manhã* foi possível perceber que a única coluna mantida com regularidade por correspondente internacional, no ano de 1909, é "Vida Portuguesa", porém nenhuma das crônicas encontradas foi assinada. A única informação que nos permite afirmar que se tratava de correspondências oriundas de Portugal, além do nome sugestivo, é a nota introdutória que diz "Correspondente especial no Porto" ou

"Correspondente especial na cidade de Braga"; nesse sentido, não somos capazes nem ao menos de garantir se a coluna era mantida apenas por um correspondente.

Em todo o ano de 1909, encontramos uma correspondência oriunda de Madrid, escrita por Gusman Bianco, para (o que parece ser) a coluna "Pela Espanha" e outra proveniente de Londres, assinada por Gil Vidal, para a coluna "De Londres", além de outras duas correspondências de Paris, denominadas *Émile Zola* (*Correio da Manhã*, 1º out. 1909, p. 1) e *O Rei de Portugal* (*Correio da Manhã*, 18 out. 1909, p. 1), ambas publicadas no mês de janeiro, porém nenhuma delas foi assinada e ambas continham apenas a inscrição de costume: "Do nosso correspondente especial em Paris".

O *Jornal do Comércio*, ao que tudo indica, parece sustentar com maior regularidade apenas duas colunas de correspondentes internacionais e ambas são oriundas do país lusitano. A primeira é denominada "Portugal", vem da capital e é escrita por Cândido Ferreira; já "Norte de Portugal" é procedente da cidade do Porto, mas em nenhuma das ocorrências durante o ano de 1909 foram assinadas.

As pesquisas no *Jornal do Comércio*, de 1909, revelaram que M. Blèriot é o correspondente de Londres e Francisco Guimarães de Buenos Aires, mas em nenhum dos casos foi possível identificar colunas supridas por eles, tampouco crônicas, já que geralmente tais correspondentes enviam notícias curtas, espécie de manchete, por telegrama ao jornal.

Por outro lado, e o que nos interessa, quatro crônicas de correspondente em Paris foram encontradas e apesar de não estarem concernentes a uma coluna, se assemelham muito à atividade desenvolvida por Demétrio de Toledo, para a *Gazeta de Notícias*, e consecutivamente se aproximam ao trabalho de Xavier de Carvalho, já que os assuntos elegidos por eles são equivalentes.

As crônicas encontradas levavam os seguintes títulos: *A música em Paris* (*Jornal do Comércio*, 2 abr. 1909, p. 2), *A parede dos correios e dos telégrafos* (*Jornal do Comércio*, 28 abr. 1909, p. 3), *O Grand Prix de Paris* (*Jornal do Comércio*, 28 jun. 1909, p. 3) e *O gabinete de Clemenceau* (*Jornal do Comércio*, 18 ago. 1909, p. 3), mas diferentemente da *Gazeta de Notícias* em nenhuma dessas ocorrências há a assinatura do correspondente do *Jornal do Comércio* em Paris.

O *Jornal do Brasil* contava com vários correspondentes internacionais: da Itália, mais precisamente de Roma, é Carlo Palagreco; de Londres, Manuel Abad é quem cumpre esse ofício; José Marcal é o correspondente de Nova York; de Portugal, tanto J. P. Cardoso Jr., quanto Jaime Vítor exercem esse papel; já o correspondente do *Jornal do Brasil* em Paris é o marquês de Barral Monferrat.

No ano de 1909, não encontramos correspondências assinadas por Marquês de Barral Monferrat no *Jornal do Brasil* que sejam semelhantes às contribuições de Xavier de Carvalho no *País*, já que não foi possível identificar uma coluna que tenha sido mantida com regularidade por ele, o que encontramos são pequenas notícias, que não esmiúçam o assunto.

O jornal *A Noite* começa suas atividades no ano de 1911, mas nesse seu primeiro ano não foi encontrada nenhuma contribuição de enviados especiais, o mesmo acontece com *O Imparcial*, que inicia os seus trabalhos em 1912. Já no jornal *A Notícia*, que é lançado em 1910, encontramos apenas duas ocasiões em que correspondências internacionais foram publicadas, uma proveniente de Londres e outra de Lisboa, mas em nenhum dos casos houve a identificação de seus respectivos correspondentes.

Dos dez jornais selecionados para efetuarmos o rastreamento de colunas nutridas por enviados especiais ou correspondentes internacionais em Paris no ano de 1909, foi possível identificar que muito possivelmente apenas *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Comércio* e *Jornal do Brasil* recebiam colaborações semelhantes a de mediadores como Xavier de Carvalho.

Colunas mantidas por correspondentes internacionais são encontradiças, como "Cartas da Alemanha", "Notícias de Paris", "De Londres", "Pela Espanha" ou "Norte de Portugal" e muitas delas têm como subtítulo expressões semelhantes a "Do nosso correspondente especial em Buenos Aires", por exemplo; entretanto, alguns fatores dificultam a busca e a identificação desses tipos de contribuições, já que nem sempre as colunas sustentam nomes determinados e constantes, ademais, não há uma regularidade no envio ou publicação desses textos e, além de tudo, os correspondentes raramente assinam suas crônicas.

Embora as sondagens dos jornais não tenham demonstrado a existência de colunas mantidas por correspondentes internacionais na França, assim como foram as "Cartas de Paris", encontramos colaborações muito semelhantes. O trabalho mais próximo ao de

Xavier de Carvalho é a contribuição constante de Demétrio de Toledo à *Gazeta de Notícias* que, embora não mantivesse uma coluna fixa, enviava periodicamente suas crônicas ao jornal. Mesmo que o texto do brasileiro abrangesse apenas um assunto e não um compilado deles, como faz o português, é visível que o intuito da colaboração seja o mesmo, tanto que os teores das crônicas são equivalentes. Nesse mesmo sentido, estão as contribuições do correspondente do *Jornal do Comércio*, que embora não tenham sido encontradas em grande número, seguem o mesmo princípio.

Através dessa perspectiva, é provável que o correspondente internacional do *Correio da Manhã* em Paris exercia um trabalho análogo ao de Demétrio de Toledo na *Gazeta de Notícias* e do correspondente do *Jornal do Comércio*, já que encontramos duas crônicas denominadas *Émile Zola* e *O Rei de Portugal*, como já mencionado anteriormente. Devido apenas às notas introdutórias que declaravam que os textos escritos eram de autoria do correspondente internacional em Paris é que foi exequível a nossa afirmação de que realmente o jornal *Correio da Manhã* investia nessa atividade.

As potenciais alegações para não termos encontrado mais crônicas escritas por esse correspondente, durante todo o ano de 1909, são as ausências de dados ou informações importantes como essa costumeira epígrafe, a falta de uma coluna fixa para esses textos e a inexistência da assinatura do correspondente. Mas certamente as contribuições do correspondente do *Jornal do Comércio* e do *Correio da Manhã* em Paris foram muito mais amplas e não se restringiram a essas crônicas encontradas, o que nos faltam são evidências para comprovarmos isso.

Uma outra hipótese plausível é a de que os correspondentes especiais, na maioria dos casos, enviavam notícias através de agências telegráficas, como Havas-Reuters (às vezes para a coluna "Telegramas", muito comum nos jornais da época) por meio de um texto curto e puramente jornalístico, colocando em primeiro plano o caráter engessado da notícia, assumindo o compromisso com a realidade dos fatos, sem que houvesse o transpassar para além da fronteira do real para o ficcional, subjetivo ou até mesmo o engajador. Por esse motivo tais contribuições têm a função de informar com lealdade e não alimentar o imaginário do leitor com as ditas "cousas miúdas", tampouco persuadi-los por meio de um discurso engajado, como acontece com as crônicas de "Cartas de Paris", escritas por Xavier de Carvalho.

Por outro lado, obtivemos informações de que jornais brasileiros enviavam ou mantinham representantes em Paris através das crônicas de "Cartas de Paris" (*O País*, 15 jan. 1914, p. 1-2), confirmando o nosso rastreamento. Na ocasião, houve uma celebração organizada pelo *Comité France-Amérique* com a finalidade de estreitar os laços intelectuais entre Brasil e França e para cobrir os acontecimentos a imprensa do Rio de Janeiro estava representada pelos correspondentes do *Jornal do Comércio*, *Jornal do Brasil* e do *País*, já do estado de São Paulo, apenas o representante do *Diário Popular* esteve presente.

Diretamente da França, de Portugal, da Inglaterra ou qualquer que seja a localidade e cultura, os correspondentes trabalhavam para uni-las e interligá-las, não apenas "davam a conhecer as últimas novidades, completavam e interpretavam os telegramas remetidos pelas agências, mas também assumiam o papel de formadores de opinião, com atuação em diferentes espectros do campo político" (LUCA, 2016, p. 115). Nesse sentido, atuavam como mediadores culturais ao intermediar e difundir diferentes tendências, propostas estéticas, orientações políticas e modos de vida ao conectar culturas distintas.

Figura 2 – Xavier de Carvalho[12].

[12] Disponível em: http://arepublicano.blogspot.com/2009/10/xavier-de-carvalho.html

CAPÍTULO SEGUNDO

2 OS BASTIDORES DOS EVENTOS ARTÍSTICOS, INTELECTUAIS E HISTÓRICOS NAS "CARTAS DE PARIS"

Mergulhamos em anos de publicação sobre o envolvimento de Xavier de Carvalho em todos os percalços enfrentados por ele em relação à estátua de Camões. Essa história, não fosse um relato real e veiculado em uma sequência de publicação que cruzaram anos de sua contribuição para o jornal carioca *O País*, se assemelharia a um romance rocambolesco, tamanho foi o imbróglio causado especialmente pela rigidez de princípios nacionalistas em um período em que a evolução da *Belle Époque* ditava os preceitos para as relações socioculturais. Tal ítem é o primeiro a ser aludido neste segundo capítulo.

Já o segundo e o terceiro subtítulos deste capítulo, buscam trazer o papel social de Xavier de Carvalho no apoio à causa feminista e na denúncia contra a burguesia, que tanto foi privilegiada com as benesses oriundas da *Belle Époque*, mas que também sofreu efeitos colaterais no que tange o caráter de toda uma classe, uma vez que o esnobismo, egoísmo e preconceitos dos mais variados foram incutidos a ela.

O início do século XX foi marcado pela revolução dos valores estéticos não apenas nos grandes centros culturais europeus, mas também por aqui, onde a *Belle Époque* também foi vivenciada, especialmente ao ter o estilo *artenovista* aclimatado. Tal assunto foi abordado no terceiro ítem deste capítulo.

O período recoberto pela nossa pesquisa compreende o surgimento da vanguarda futurista. Xavier de Carvalho, na função de correspondente internacional do *País* em Paris, elege algumas situações para comentar determinadas ocorrências, geralmente tumultuosas, provenientes dos ideais marinettianos e, ao efetivar a liberdade mais intimista do gênero crônica, transmite sua opinião marcadamente contrária, quase na totalidade, ao que é apregoado pelo futurismo. Sendo assim, o futurismo, aos olhos de Xavier de Carvalho, é o conteúdo do quarto subtítulo deste capítulo.

A busca por novos rumos das artes e da literatura fomentava, dentre tantas pautas, uma reflexão acerca da própria identidade e não uma renovação estritamente artística. Nesse ínterim, a ideologia nacionalista tem papel decisivo em qualquer que seja a cultura.

Por isso, ao voltarmos os olhares à recepção brasileira do legado futurista marinettiano nos permite associar o quanto foi assimilado ou rechaçado na formação do nosso futurismo. Esse assunto ficou concentrado sobretudo no último subtítulo deste segundo capítulo, já que se fez necessária a compreensão da rejeição das propostas futuristas de Marinetti, que decorreu da oposição díspar entre a ideologia nacionalista e a importação de ideias, em um período em que a afirmação da identidade nacional para a construção de uma sociedade culturalmente independente estava sendo gestada, mas que para frutificar, encontrou nos manifestos futuristas europeus, mesmo que de forma virulenta, os ideais capazes de fundamentar seus posicionamentos e concretizá-los.

2.1 A ESTÁTUA DE CAMÕES, O NACIONALISMO E AS QUESTÕES POLÍTICAS E RELIGIOSAS

O recorte dos últimos dez anos da colaboração de Xavier de Carvalho para *O País* acabou por revelar dois momentos distintos: de início, a euforia da *Belle Époque* e, posteriormente, o espanto com o morticínio e a destruição causados pela I Guerra Mundial. Entretanto, há um elemento que os une e prevalece do início ao fim desse intervalo de tempo delineado, que é o nacionalismo.

Culturalmente o nacionalismo é anterior ao imperialismo, teve suas raízes no romantismo e "remonta ao período das guerras de libertação do domínio político de Napoleão" (WERNET, 1991, p.16), período em que a língua era tida como a verdadeira pátria, exatamente em um território (o europeu) em que as fronteiras linguísticas raramente coincidiam com as fronteiras dos Estados, desencadeando casos sombrios de nacionalismos como "do pangermanismo, do pan-eslavismo, e do pan-islamismo que juntamente com o nacionalismo da Grande Sérvia, o revanchismo francês e o movimento irridento da Itália deram aos conflitos imperialistas ingredientes muito agressivos".

Esse sentimento nacionalista foi capaz de provocar transformações profundas nas relações das nações entre si, apesar de cada grupo manter conceitos idênticos, esses mesmos conceitos os afastavam, já que o nacionalismo tem como princípio a preservação e a exaltação dos elementos históricos e culturais que definem a identidade nacional própria de cada povo. Tanto a *Belle Époque*, quanto a I Guerra Mundial, sem dúvidas, são experiências ligadas a essa perspectiva nacionalista e tal afirmativa é perfeitamente fundamentada a partir das "Cartas de Paris".

O nacionalista, como disseminador de uma ideologia, prega a exaltação da nação à qual pertence em detrimento de tudo o que é estrangeiro, escancarando as potenciais condutas altamente destrutivas incutidas no nacionalismo. As crônicas que Xavier de Carvalho enviava para *O País* evidenciavam esse sentimento de exaltação dos interesses nacionalistas de forma alarmante.

Acompanhamos o desenrolar de uma iniciativa de Xavier de Carvalho, que propôs erguer uma estátua de Camões em Paris e outra de Victor Hugo em Lisboa, como sinal de fraternidade entre França e Portugal, duas nações latinas. Ele nos oferece inúmeros detalhes desde a confecção da estátua do poeta português, os intelectuais envolvidos, mas principalmente os percalços enfrentados por ele e o desfecho que seu projeto obteve, o que nos leva a crer que um dos motivos pelo fracasso tenha sido o nacionalismo exacerbado, mas sobretudo os fatores políticos e religiosos, já que é possível depreender que os reacionários que promoveram não somente a dificultação do erigir do monumento à Camões, mas também a sua supressão, tinham aversão ao sistema de governo republicano, recém-instaurado em Portugal.

A ereção de estátuas, bustos, fotografias, enfim, de monumentos de modo geral, em homenagem a personalidades notáveis era prática comum em Paris, tanto que havia comitês responsáveis pela organização das inaugurações dos monumentos, que também angariavam contribuições para a concretização de tal atividade. Xavier de Carvalho sempre esteve envolvido em tais iniciativas e anunciava com constância esse tipo de evento.

Por volta de 1907, Xavier de Carvalho lançou o projeto de erguer um monumento de Camões em uma bela e importante praça de Paris. Conforme suas correspondências, inúmeras figuras de renome aderiram à ideia, tais como Anatole France, Jean Richepin, Léon Dierx, Frédéric Mistral e "todos os homens de letras, de teatro, de arte e mesmo da política" (*O País*, 1º maio, 1912, p. 7), no entanto, os motivos para que o projeto se mantivesse no papel foram muitos.

Xavier de Carvalho destacou que, na época, o grande empecilho foi o orçamento, já que o croqui que mais agradou a todos foi do escultor português Teixeira Lopes, que faria uma estátua monumental, porém com um preço das mesmas proporções. Em concordância com sua personalidade, o cronista ironizou o fato dizendo que havia

alcançado “todas as adesões morais e intelectuais” e nada além disso, dificultando o custeio e portanto o prosseguimento do projeto.

Ademais, o correspondente relatou que as convulsões políticas de Portugal contribuíram para a estagnação de sua proposta. A morte de D. Carlos (1908), o novo reinado, a proclamação da República (1910) e tantos outros acontecimentos dessa ordem fizeram com que a atenção pública fosse atraída por eles, lançando à margem a consagração condigna ao “épico imortal” e esfriando a sua determinação, como idealizador.

No entanto, em uma correspondência de 1912 (*O País*, 26 jun. 1912, p. 4), Xavier de Carvalho mencionou aquilo que possivelmente havia sido o real motivo do projeto não ter sido consumado ao acusar o ministro plenipotenciário português em Paris do tempo da monarquia, o Sr. Sousa Rosa, de ter-se “embirrado” com a obra de Teixeira Lopes e por esse vil motivo opôs-se terminantemente ao monumento.

Na correspondência publicada no dia 7 de janeiro de 1909 (*O País*, 7 jan. 1909, p. 4), já temos a primeira demonstração de que Xavier de Carvalho estava engajado no propósito de erguer a estátua de Camões em Paris. Na ocasião, o cronista mencionou que a revista parisiense *Mundo Elegante* havia publicado um artigo sobre o trabalho que Teixeira Lopes estava desenvolvendo e que foi elogiado até mesmo pela rainha Dona Amélia, mas aproveitou para incentivar portugueses e brasileiros a aderirem ao projeto para que o quanto antes a estátua estivesse pronta, a tempo de ser inaugurada em um ano, na próxima visita de D. Manuel a Paris.

Logo em julho desse mesmo ano (*O País*, 30 jul. 1909, p. 6) e sem muitas delongas, o cronista relatou que um busto de Camões, feito pelo português Silva Gouveia, seria definitivamente inaugurado na Avenida Camões. Xavier de Carvalho, então, teceu alguns elogios à obra, mas não mencionou os motivos pelos quais o projeto original não havia sido executado. A edição seguinte das “Cartas de Paris” (*O País*, 17 ago. 1909, p. 5) foi a última ocorrência sobre esse tema por um tempo considerável, nela o cronista comentou que, ao invés da monumental estátua de Teixeira Lopes, seria erguido um “belo busto do cantor dos *Lusíadas*, sobre um sulco de mármore, com ornatos de estilo manuelino”. Nas correspondências subsequentes a inauguração não foi anunciada; tal fato denota que o evento não aconteceu.

Passados aproximadamente cinco anos após a primeira investida, portanto em 1912 (*O País*, 1º maio, 1912, p. 7), e em comemoração ao aniversário de *Os Lusíadas*, celebrado no dia 10 de junho, o correspondente internacional do *País* em Paris resolveu retomar a ideia para enfim erigir um monumento em homenagem a Camões. Dessa vez, todas as exorbitâncias precisaram ser reduzidas pelo avançado do tempo (meados de abril) e pela verba; sendo assim, ficou decidido que um busto de bronze, dessa vez esculpido pelo italiano Luigi Betti, seria colocado na entrada da Avenida Camões.

A crônica em que Xavier de Carvalho explicou todo o percurso do início da sua ideia até o momento da sua escrita, na verdade tem um objetivo patente: trata-se de uma propaganda com o fim de pleitear dinheiro para cobrir as despesas da consagração de Camões em Paris. Segundo ele, cinco mil francos seriam suficientes, mas não possui esse valor e indagou "aos portugueses residentes no Rio de Janeiro e aos brasileiros cultores das letras" se seria possível auxiliar com a quantia de três mil e quinhentos francos com a garantia de que teriam seus nomes publicados no *Figaro* e no *Livro de Ouro* do evento; dessa forma, Xavier de Carvalho apelou à vaidade e ao esnobismo, que ele tanto criticava. Mas, para o seu infortúnio, o apelo não parece ter surtido grandes efeitos.

Como evidência de que as "Cartas de Paris" tinham uma boa recepção, por aqui, a iniciativa de Xavier de Carvalho chamava a atenção, tanto que despertou a necessidade de se fazer o mesmo primeiramente com os célebres brasileiros e posteriormente com as personalidades consagradas pelo mundo, bem como é demonstrado no artigo "Os monumentos: a glorificação dos mortos no Brasil", da *Gazeta de Notícias* (30 maio 1912, p. 1). No entanto, o texto também destacava as grandes dificuldades para a concretização deste desígnio e inclusive fazia menção aos desafios encarados "em Paris, por Xavier de Carvalho que comunicava a quase impossibilidade de arranjar o necessário para o monumento a Camões".

O correspondente enviou uma série de crônicas para descrever os desdobramentos do projeto. Dentre os principais assuntos estão a formação de um comitê internacional em prol das homenagens a Camões, presidido por Frédéric Mistral, os nomes dos intelectuais que abraçaram a causa e contribuíram financeiramente, os insistentes pedidos de colaboração aos brasileiros, as atrações previstas para o festejo, os nomes escalados para discursar e a sua exaustão por organizar o evento sozinho, embora houvesse um comitê destinado a isso:

> Sabes tu, querido e bom leitor que há tantos anos lê estas despretensiosas croniquetas de Paris [...], o que é um homem metido em uma camisa de onze varas? Se não sabes o que é, vem até Paris, atravessa o *boulevard* e sobe o terceiro andar do n. 45 da Rua de Echiquier, onde mora quem escreve estas linhas. E de frente a frente verás, querido leitor, um homem enrascado, como se diz no calão alfacinha. E por que, santo Deus? Porque nós nos metemos na alta empresa de lançar... Camões em Paris! [...] Por vezes tenho vontade de enviar ao diabo o nosso querido e bem amado Camões! (*O País*, 1º maio, 1912, p. 7)

Em especial, é patente a indignação de Xavier de Carvalho com a colônia portuguesa em Paris, que segundo ele vivia de esnobismo, tinha prazer em ver sua terra natal sofrer chacotas e não se interessava por nada que dizia respeito ao seu país, tampouco acreditava e incentivava Portugal. Contudo, o cronista salientou que o motivo para tanto seria o "ar de *boulevard* que altera-lhe o sentimento da nacionalidade e torna-o indiferente [...]; temos bem experimentado o português que a toxina de Paris envenenou... e que se ri da sua terra!" (*O País*, 27 maio 1912, p. 3). Portanto, acaba deixando transparecer que o nacionalismo francês vivia o auge de seu recrudescimento e as manifestações eram tão contundentes, ativas e eloquentes que toda a vaidade, pompa e euforia do momento foram enraizadas até mesmo nos estrangeiros que por lá viviam.

Além da falta de apoio, senso moral e amor à pátria, Xavier de Carvalho reclamou da ingratidão e do desdém pela sua iniciativa e esforço. Comentou que era considerado um "patriota fanático", que perdia tempo com ideais fúteis, ao invés de dedicar-se a consagrar Paris. Embora Xavier de Carvalho possa ter conjecturado que o patriotismo português tenha sucumbido diante da força do nacionalismo francês, é possível depreender que a verdadeira causa das desavenças entre parte de ambas nações seja o regime republicano.

Em contrapartida, foi possível encontrar demonstrações de nacionalismo por parte dos portugueses (ao menos os que vivem em Portugal). Xavier de Carvalho relatou que o português Santos Tavares escreveu um artigo que foi publicado no jornal lisboeta *Mundo*, questionando especialmente o motivo de não ter sido o escultor português Teixeira Lopes o eleito para esculpir o monumento em homenagem a Camões, mas um italiano.

Em resposta, o correspondente considerou a falta de dinheiro, mas principalmente o adiantado do tempo o motivo fundamental para essa decisão e detalhou a causa pela

qual o prazo foi determinante. Segundo ele, a Avenida Camões era uma via particular, que em breve deixaria de ser, já que seria entregue aos domínios do município e existia uma resolução[13] recente em Paris que impedia que se erigissem novas estátuas em um período de dez anos naquela capital e finalizou, na tentativa de amenizar os preceitos nacionalistas, dizendo que Betti era "da terra latina por excelência" (*O País*, 26 jun. 1912, p. 4) e representante da Itália na apoteose de Camões em Paris.

Enfim, a crônica publicada em 15 de junho de 1912 trouxe as informações sobre a realização do evento e é toda dedicada a esse fim. Com muita satisfação, Xavier de Carvalho mencionou que as festividades surpreenderam até mesmo a ele, como único organizador da celebração, já que obteve mais de 15 mil adeptos, dentre eles alguns célebres brasileiros como Oliveira Lima e outros membros da Academia Brasileira de Letras, como Graça Aranha, Afonso Arinos e Rodrigo Otávio.

Não obstante, Xavier de Carvalho relatou que nem tudo ocorreu como o planejado e que os obstáculos não deixaram de existir, já que não somente o nacionalismo francês exacerbado entrou em cena, mas principalmente a militância anti-republicana. Nessa oportunidade, a figura de um certo conselheiro municipal de Paris, "chefe dos *Camelots du roy*", tentou brutalmente impedir a realização da cerimônia, justificando que não queria "que no bairro de Passy tremulasse a bandeira da ignóbil República Portuguesa" (*O País*, 15 jul. 1912, p. 5).

O correspondente internacional do *País* em Paris não ofereceu detalhes do ataque sofrido, apenas finalizou esse assunto declarando que "embora seja a obra de um estrangeiro... e elevado à memória de um estrangeiro... o que nem sempre agrada aos espíritos mesquinhos da intransigência nacionalista", o monumento em homenagem a Camões produziu grande comoção e as melhores impressões.

Várias correspondências após a efetivação da iniciativa de Xavier de Carvalho trouxeram relatos a respeito do evento, seja para reproduzir os discursos proferidos na ocasião, ou para referir à publicação do *Livro de ouro de Camões*, volume com todos os discursos pronunciados e inúmeras gravuras das festividades, ou ainda para atualizar os leitores do jornal carioca sobre os reparos e melhorias que o busto vinha galgando e até mesmo para comunicar as honrarias recebidas pelo escultor Betti pelo busto de Camões

[13] "Crise das estátuas"

e pelo poeta e músico, Sr. Galland, pelo *Hymne à Camões*, dado a conhecer no banquete em homenagem ao poeta dos *Lusíadas*.

Quando tudo parecia estar em ordem, as questões de ordem política, religiosa, bem como o nacionalismo exacerbado reapareceu, e Xavier de Carvalho anunciou em uma de suas crônicas (*O País*, 8 mar. 1913, p. 6) que nada estava resolvido sobre a permanência do monumento de Camões em Paris. Tudo porque o conde Fortunato d'Andigné se opôs à conservação do monumento na Avenida Camões; por isso a *Société des Gens de Lettres* entrou no caso e encarregou a romancista Daniel Lesueur de realizar o inquérito.

O cronista declarou que, antes mesmo da conclusão do inquérito, já era possível imaginar a sentença desfavorável, já que a mencionada era esposa de "um funcionário dependente da comissão de belas artes a que preside o famoso inimigo do nosso Camões", portanto de Fortunato d'Andigné, e realmente o esperado se concretizou, uma vez que Mme. Daniel Lesueur condenou o símbolo das letras portuguesas em Paris à destruição.

Xavier de Carvalho se prontificou a iniciar uma campanha "quase tão difícil como aquela que empreend[eu] para fazer levantar [o monumento]" (*O País*, 10 mar. 1913, p. 2); porém, dessa vez, o objetivo era tentar evitar a sua demolição. Segundo o correspondente, inúmeras petições assinadas por grandes nomes da literatura francesa já tinham chegado até ele, mas a grande preocupação era concluir alguns retoques no monumento, para "lhe dar uma forma mais estética", o que nos leva a crer que um dos motivos alegados por d'Andigné em relação à demolição fosse a plástica, a beleza da estátua; para solucionar essa questão, recorreu mais uma vez aos brasileiros admiradores de Camões que ao menos cumprissem as promessas de auxílio financeiro feitas antes mesmo da inauguração do monumento.

Com um acentuado tom de revolta e deliberadamente irônico, Xavier de Carvalho declarou que o comitê Camões não existia mais e o fim da comissão se deu exatamente no dia seguinte à inauguração, mas, como já tinha sido assinalado por ele reiteradas vezes, tal comitê também não exerceu as funções necessárias antes do ato inaugural, evidenciando que apenas nos dias das festividades os membros se apresentaram, ou melhor, se exibiram.

E como sempre, "apenas a entidade do correspondente parisiense dessa folha" (*O País*, 8 jun. 1913, p. 5) existia para tal fim; o mesmo que assinou todos os documentos

que diziam respeito ao monumento e que foi intimado judicialmente a demolir o busto de Camões dentro de dez dias, custeando todas as despesas, caso contrário o sindicato dos proprietários da avenida executaria a demolição e os gastos seriam judicialmente cobrados do secretário do comitê de Camões, ou seja, dele.

Xavier de Carvalho explicou que, antes de efetivar a fixação do monumento na avenida Camões, conversou com o arquiteto e chefe do Conselho Municipal para saber se haveria alguma objeção, mas o mesmo afirmou não haver motivo algum para a oposição do município; no entanto, o correspondente salientou que uma cláusula do contrato dizia que se, no momento de transformar a via privada em via municipal, surgisse qualquer dificuldade criada pelo monumento, o sindicato dos proprietários exigiria o que lhe competia de direito.

Apesar do monumento não oferecer empecilho algum, a vaidade do conselheiro municipal, movido pela sua "birra política", o que nos leva às oposições ao regime republicano que havia sido recentemente instaurado em Portugal, definiu que a Avenida Camões só seria aceita após a demolição do busto. Xavier de Carvalho ponderou que o conselho queria se isentar dos "encargos de limpeza, canalização etc"; no entanto, é evidente que os motivos iam muito além disso e que o regime político que se opõe à monarquia ainda eram fortemente refutado e que, além disso, havia a discriminação, hoje tida como o crime de xenofobia, fomentada pelo nacionalismo eram as matrizes de todo o conflito.

Por outro lado, o escultor Betti comunicou que caso sua obra fosse derrubada, exigiria, com o amparo da lei, de 20 a 30 mil francos de indenização por perdas e danos àqueles que o fizessem, causando certo receio aos membros do Sindicato dos Proprietários, conforme alegação de Xavier de Carvalho, que, por sua vez, declarou ter decidido não agir, já que não se considera membro do Comitê Camões, mesmo porque o tal Comitê não existia desde a inauguração do monumento.

O correspondente finalizou a sua crônica evidenciando o espírito nacionalista exacerbado, que envolve todo o caso, mas especialmente as questões políticas, movidas pelo acentuado antirepublicanismo e também pelo ultramontanismo, ao dizer que "todo este conflito é provocado pela teimosia de um reacionário que odeia Portugal, que odeia Camões... porque é o poeta de uma *ignóbil República que expulsou os frades e as freiras!* [...]. E agora temos o épico dos *Lusíadas*, responsável dos decretos dos Sr. Afonso Costa

em Portugal [realizados] quase cinco séculos depois de terem aparecido os *Lusíadas*" (*O País*, 8 jun. 1913, p. 5, grifos do autor).

Na crônica, Xavier de Carvalho mencionou, com certa parcimônia, que as questões políticas portuguesas também influenciaram para o caos que estava prestes a arruinar a sua singela iniciativa e afirmou que nenhum membro do Comitê Camões, tampouco ele como secretário, intencionou glorificar Camões com incitações políticas ou de sectarismo, tanto que Dr. Manoel de Arriaga, presidente da República Portuguesa, e a Sra. condessa d'Eu, a princesa Isabel, foram igualmente convidados a prestigiar o evento e ambos confirmaram a participação. Portanto, conclui que "o símbolo vivo de uma nacionalidade que foi grande e gloriosa no tempo heróico dos seus reis, nada tem que ver como o movimento de 5 de outubro" (*O País*, 8 jun. 1913, p. 5), ou seja, com a Proclamação da República Portuguesa.

Embora Xavier de Carvalho tenha relatado que as suas intenções ao iniciar o projeto da estátua de Camões em Paris, até a sua definitiva execução, nunca estiveram relacionadas com questões políticas e religiosas, mais especificamente com a instauração da república portuguesa, fica manifesto que alguns antirrepublicanos franceses não concordavam, tanto que, essa minoria, provavelmente muito ruidosa, ainda atuante e organizada politicamente dentro da França, agiu em relação a isso. Pelos relatos de Xavier de Carvalho é possível entender que esses manifestantes conseguiam criar embaraços suficientes para impedir que se fossem realizadas homenagens a tudo e a todos que tivessem, direta ou indiretamente, relação com o sistema de governo republicano, ao ponto de exigirem a retirada do busto de Camões, um dos maiores luminares da recém-instaurada república portuguesa.

Fica implícita, nesse sentido, a existência de uma certa complacência das autoridades superiores francesas que permitiram esse grupo político-religioso de manifestantes agir da forma que agiu, alcançando o objetivo de retirar o busto de Camões da avenida francesa que leva o seu nome. É possível que essa condescendência justifique-se na tentativa de evitar conflitos internos, mesmo que, em função disso, um mal-estar com um país estrangeiro fosse estabelecido por causa dos interesses republicanos dele.

A vertente religiosa, que está intrinsecamente relacionada à instauração da república portuguesa, entra em destaque pela primeira vez através da fala de Xavier de Carvalho, que inclusive a realçou, ao asseverar que o conflito foi provocado por um

reacionário que odeia a "*ignóbil República que expulsou os frades e as freiras*" (*O País*, 8 jun. 1913, p. 5, grifos do autor). Tal dito leva em conta o fato de que o governo provisório português, implantado após a Revolução de 5 de outubro de 1910, presidido por Teófilo Braga, que contava com Afonso Costa como Ministro da Justiça e dos Cultos, reduziu de imediato a interferência da Igreja, intervindo no domínio do religioso de modo a expulsar os jesuítas, extinguir as ordens religiosas e aprovar decretos de cariz anticlerical, acarretando a Lei da Separação do Estado das Igrejas, publicada em 20 de abril de 1911, que determinava definitivamente a laicização do Estado e a liberdade religiosa (ABREU, 2010, p. 157-186).

É possível que o reacionário grupo ultramontano tentasse usar a seu favor o nacionalismo, que, porventura, poderia ser indiferente ao bom relacionamento com outras nações. Nesse sentido, o ultramontanismo, possivelmente forte na França, aliou-se ao nacionalismo para ganhar forças, na intenção de evitar a simbologia do busto de Camões e a sua representatividade naquele momento na França.

Pode parecer estranho que a França, sendo ela uma república, perseguisse outro país republicano; no entanto faz-se relevante destacar que não é pelo fato de um país introduzir determinado sistema político, que a totalidade de seus cidadãos concordem com esse modelo de governo e este parece ter sido o caso. Certamente a homenagem a Camões conseguiu mexer com os ânimos e os interesses de um grupo influente e com ramificações na política, já que tal acontecimento pode ter suscitado feridas mal cicatrizadas na própria França, que já havia enfrentado esse tipo de luta. Ainda que a história da república francesa tenha sido longa, o embate do governo republicano com a igreja tardou a acontecer.

Embora Xavier de Carvalho tivesse buscado se precaver na intenção de garantir que não havia motivos para que lhe fosse imputada qualquer objeção, ao acordar todos termos com o Conselho Municipal, talvez a instância recorrida não fosse suficiente frente a outros poderes, que poderia apenas ter preferido não intervir para evitar possíveis problemas internos.

Manifestamente revoltado e declarando-se exausto do assunto, Xavier de Carvalho relatou que foi chamado ao tribunal para ouvir do advogado do sindicato dos proprietários, que estavam em posse do monumento de Camões, o qual só seria entregue após o recebimento dos custos da demolição. O correspondente elencou todos os esforços

empenhados e os gastos realizados, especialmente na compra do bronze destinado ao busto e também à lira que compunha o monumento, porém o advogado alegou que a lira havia sido feita de madeira e pintada para assemelhar-se ao metal (*O País*, 9 jul. 1913, p. 5).

Incrédulo, o cronista relatou que o valor cobrado pela demolição, não autorizada diga-se de passagem, era astronômico e considerou ter sido "violentamente cambriolado", ou seja, roubado. Contudo, viu-se obrigado a aceitar a arbitrariedade, já que não dispunha de fundos necessários para empreender um processo contra os golpistas, que eram "indivíduos que dispõem de milhões de fortuna", e concluiu reiterando que como sempre o rico venceu.

Com o título "O fim de uma campanha", a crônica publicada no dia 19 de setembro de 1913 (*O País*, p.5), trouxe como assunto aquilo que parece ser o desfecho do longo episódio do monumento em homenagem a Camões. Sem explicar os pormenores, Xavier de Carvalho relatou que o busto do "glorioso épico", esculpido por Betti, encontrou um lugar apropriado para ficar exposto, tratava-se da sala térrea da Biblioteca Mazzarine, Instituto de França. Aparentemente, o correspondente do *País* na França ficou satisfeito, pois considerou o recinto o mais nobre de Paris intelectual, cuja direção competia a um autor dramático e poeta, o Sr. Porto-Riche.

O site *Luso Jornal* contém um artigo escrito por Carlos Pereira denominado "A amaldiçoada estátua de Luís de Camões em Paris[14]", que nos fornece informações necessárias para afirmar que a estátua em questão é justamente a que Xavier de Carvalho tentou erigir na Cidade-Luz.

Sem que houvesse o pormenorizar, Carlos Pereira relata que a estátua simplesmente desapareceu do local onde havia sido inaugurada, portanto da Avenida Camões, e que a Sociedade de Estudos Portugueses, da qual sabemos que Xavier de Carvalho era membro, recuperou a estátua feita por Betti em um antiquário parisiense e a ofereceu à Biblioteca Mazzarine, bem como nos informou o nosso correspondente.

Porém, ao que tudo indica, o busto de Camões também não foi bem aceito por lá, provavelmente pelos motivos originais, e ficou por alguns anos recolhido no subsolo, de onde saiu para figurar na então recém-inaugurada Fundação Calouste Gulbenkian, que

[14] Acesso em 27 fev. 2022. Disponível em: https://lusojornal.com/amaldicoada-estatua-luis-camoes-paris/

mais tarde mudou de sede, mas não levou a estátua que, por sua vez, foi enviada ao Centro Cultural Camões, na Avenida Raffet. Mais tarde, o governo vendeu o edifício, Miguel Magalhães resgatou o monumento e o instalou no jardim da Casa de Portugal André de Gouveia, na cidade universitária internacional de Paris, onde se encontra até o presente momento.

Figura 3 – Busto de Camões, por Luigi Betti.

Hoje em dia, a Avenida Camões, onde foi inicialmente inaugurado o busto de Camões, dispõe de um novo monumento em homenagem ao "grande épico". No dia 19 de outubro de 1980, por iniciativa do engenheiro Rui da Silveira, foi inaugurado pelo Primeiro Ministro e prefeito de Paris, Jacques Chirac, na presença de Mário Soares, o então presidente da República Portuguesa, sem que, dessa vez, houvesse resistência, o mais novo busto de Luís Vaz de Camões, realizado por Clara Menéres.

Figura 4 – Busto de Camões, por Clara Menéres[15].

Ao iniciarmos o assunto da estátua de Camões, ressaltamos que o projeto de Xavier de Carvalho consistia em não apenas erguer um busto do poeta português em Paris, mas, em sinal de confraternização e irmandade, fazer o mesmo com uma estátua de Victor Hugo em Portugal. Todavia, a estátua do autor de *Os miseráveis* nunca entrou em questão, até 1914 (*O País*, 29 mar. 1914, p. 1 e 2), quando Xavier de Carvalho retomou o assunto em resposta a uma nota "pouco exata" do diretor do *Mercure de France*, Alfred Vallette.

O editor do *Mercure* atribuiu aos *Amis de Camões* a iniciativa de erguer um monumento em homenagem a Victor Hugo em Lisboa, mas o correspondente reivindicou a autoria do projeto e acrescentou a informação de que a sua ideia havia sido lançada em 1906, por ocasião da visita do presidente francês de então, o Sr. Loubet, a Lisboa.

[15] Disponível em: http://prosimetron.blogspot.com/2012/04/camoes-em-paris.html

Na intenção de comprovar a sua responsabilidade perante o projeto, relembra que o seu plano foi publicado em mais de 200 cotidianos franceses, portugueses e brasileiros e consistia em uma ideia simples: "a troca das estátuas das duas grandes figuras simbólicas de Portugal e da França. Camões e Hugo". Enquanto o busto do poeta português resistiu apenas 13 meses na Avenida Camões, a estátua do poeta francês, realizada por Jean Boucher, estava destinada a Lisboa desde 1906, mas nunca foi erguida.

Diante da informação de que *Les Amis de Camões* havia dirigido à Câmara Municipal de Lisboa uma solicitação para que o monumento em homenagem a Victor Hugo, feito por Boucher, fosse erguido em um ponto central da capital portuguesa, Xavier de Carvalho replicou uma nota do jornal lisboeta *A República*, rememorando todos os detalhes da ideia inicial, desde a formação do Comitê até a escolha do escultor, que foi atribuída ao correspondente do *País*.

A nota traz justificativas, inclusive já mencionadas por Xavier de Carvalho anteriormente, para que o Comitê inicial não tivesse êxito em glorificar Victor Hugo em Lisboa. Tratava-se das agitações políticas de Portugal, bem como o regicídio de 1908, em que ocorreu o assassinato de D. Carlos I e seu herdeiro Luís Felipe, a revolução e tantos outros tumultos do último reinado.

Xavier de Carvalho ainda reproduziu a resposta de Guerra Junqueiro ao seu pedido de adesão ao Comitê do monumento. Além de se desculpar pela demora em responder, o poeta português relacionou três condições que justificariam a instalação da estátua de Victor Hugo em Lisboa. A primeira exigência era que a homenagem deveria ser grandiosa, pois "Hugo é imenso"; além disso, o monumento deveria traduzir a grandeza do autor de *Notre-Dame de Paris* e salientou que havia artistas capazes de esculpir um "Hugo fulgurante" em Paris. Por último, Guerra Junqueiro considerou que o povo incumbido de levantar a estátua deveria ser digno dela e aí residiria obstáculo, "o povo português [mereceria]; mas não o governo português" (*O País*, 4 abr. 1914, p. 1 e 2).

Após tecer críticas ao governo português, representado por D. Carlos, e salientar que o povo e o governo se odiavam mutuamente, Guerra Junqueiro concluiu que seria uma "burla sinistra, [...] uma infâmia" se as mãos de D. Carlos desvendassem a estátua de Victor Hugo e acrescentou que perfeito seria se ao povo coubesse essa tarefa. A festa, na avenida da Liberdade, seria "um estrondoso ato revolucionário". Sendo assim, o poeta

mais popular da "Escola Nova" aconselhou que se esperasse a Proclamação da República Portuguesa para que o belo projeto de Xavier de Carvalho fosse cumprido.

Com o eclodir da I Guerra Mundial, Xavier de Carvalho não mais tocou no assunto das estátuas; portanto, não tivemos mais notícias do busto de Camões, tampouco da estátua de Victor Hugo. Mas houve um episódio que o correspondente do *País* em Paris fez questão de anunciar (*O País*, 6 maio, 1914, p. 1 e 2). Segundo ele, Afonso Arinos, membro da Academia Brasileira de Letras, adquiriu uma belíssima escultura de Camões em mármore, feita por Luigi Betti, por isso, aproveitou a oportunidade para exaltar o talento do escultor italiano, que teve seu trabalho exposto nos salões do Brasil Exterior do *Grand Palais* e tinha sido muito bem recebido pela crítica superior, impugnando todas as ofensas proferidas pelo conde de Andigné, "quando fez deitar por terra a herma elevada ao poeta dos *Lusíadas*".

O longo episódio da herma em homenagem a Camões não deixa de evidenciar o sentimento nacionalista exacerbado, porém, outras ocorrências também são descritas por Xavier de Carvalho, que nos permitem afirmar que o as questões políticas são as causas que verdadeiramente conduziram a situação, tendo em vista que, a essa altura, homenagear Camões equivaleria a homenagear a república portuguesa recém-instaurada e que inevitavelmente resvalava na vertente religiosa, uma vez que aos olhos dos manifestantes, Portugal havia caído em desgraça ao proclamar a república em função do que eles viam como perseguição à igreja.

O monumento a Camões foi apenas mais um do rol de estátuas que estavam sendo derrubadas ou danificadas em nome do nacionalismo, mas principalmente das questões políticas e religiosas, configurando aquilo que o nosso correspondente denominou de "crise das estátuas" (*O País,* 10 nov. 1913, p. 5). Xavier de Carvalho relatou que a estátua do filósofo do iluminismo, o genebrino Jean-Jacques Rousseau, autor *Do Contrato Social*, havia sido cortada pela base e quebrada em muitos pedaços; além disso, relatou que, a exemplo do que aconteceu com o busto de Camões, Gustave Tery, no *Journal*, reclamou a demolição da estátua de Shakespeare. Até mesmo a estátua de Zola - pró-Dreyfus e, portanto, contrário a setores reacionários, que eram em parte antissemitas - havia sofrido represálias, já que o monumento feito pelo escultor belga Meunier, ainda não tinha sido inaugurado diante da oposição dos *camelots du roy* e, por isso, encontrava-se no porão do Grand Palais.

O monumento funerário de Oscar Wilde, criado pelo nova yorkino Jacob Epstein, também não pôde ser inaugurado no cemitério de Pére Lachaise, certamente pelo escândalo que se levantou por causa da homossexualidade do autor de *O relato de Dorian Gray*. O correspondente, de forma irônica, relatou que "a pudica e protestante" (*O País*, 18 out. 1912, p. 2), mas também "farisaica" polícia de Paris não permitiu que houvesse consagração ao genial escritor irlandês, porque ele foi condenado por atentado à moral em Londres; no entanto, Xavier de Carvalho não deixou de mencionar que a obra ficou exposta por um longo tempo na capital inglesa, onde Wilde havia sido condenado, e todos a admiraram, sem que absolutamente ninguém a tivesse desaprovado. Por outro lado, o correspondente reiterou que a obra de Epstein poderia estar sofrendo "protestos de pudor" e censura já que a polícia dizia ter descoberto umas "bem vagas intenções de apologia ao terceiro sexo".

O crescente nacionalismo também está presente no caso da restituição da Mona Lisa ao museu, que havia sido roubada do Louvre por um imigrante italiano, e que segundo Xavier de Carvalho foi um fiasco por não obter o prestígio esperado. Parte da causa da baixa adesão se deveu ao fato de que toda a arrecadação do evento seria destinada à colônia italiana. Sobre esse incidente, um jornal parisiense "pouco inclinado aos italianos" (*O País*, 20 jan. 1914, p. 4) debochou da caridade francesa, que provavelmente favoreceria a família do italiano que roubou a obra de da Vinci.

O autor do roubo da Mona Lisa também foi assunto de algumas crônicas de Xavier de Carvalho (*O País*, 13 e 19 dez. 1913 e 1º jan. 1914). O imigrante italiano Vincenzo Peruggia veio à capital francesa a trabalho e conseguiu emprego no museu do Louvre, portanto o Estado o admitiu, mesmo tendo boletins de ocorrências contendo sua foto e seus crimes passados. O correspondente diz acreditar que, ainda que Peruggia tenha assumido o crime sozinho, certamente ele havia agido com uma quadrilha. No entanto, é válido destacar que o italiano realmente poderia ter agido conforme seus ideais patrióticos/ nacionalistas ao tentar reaver a obra de um dos maiores pintores da sua terra natal.

Temos a perspectiva de um português que adotou a França como sua pátria, porém jamais deixou de enaltecer o legado de sua terra-natal, tampouco de repudiar ocorrências discordantes. Como português vivendo o período de maior prestígio de Paris, Xavier de Carvalho sentiu na pele as agruras da acentuada ideologia nacionalista, mas demonstrou

não se ter corrompido pelo esnobismo cáustico e contagioso característico de certos franceses, especialmente da alta sociedade.

Independente das mobilizações em virtude da guerra, podemos afirmar que Xavier de Carvalho não nutria o ideal nacionalista exacerbado, nem em relação à sua terra natal, nem tampouco ao país que elegeu para viver. Mesmo antes do eclodir do grande conflito, o correspondente sempre esteve comprometido com a missão de irmanar a latinidade. A leitura integral dos dez últimos anos de sua contribuição ao *País* nos permite concluir que suas aspirações e seus projetos a todo momento estiveram relacionados a essa pauta.

Além de envolver-se na organização de eventos comprometidos com os países latinos, ou simplesmente cumprindo com as atribuições de sua profissão ao participar e estar a par de mobilizações com esse fim, Xavier de Carvalho sempre divulgou e prezou a latinidade, tanto que foi membro da equipe gestora da revista *Latina*, responsável pela maioria das celebrações nesse contexto, mas especialmente por manter, em cada edição de sua correspondência, assuntos voltados ao conjunto dos povos de origem latina.

Todo trabalho e engajamento de Xavier de Carvalho nos permite perceber o quão significativa era a sua contribuição para inúmeras causas. O episódio da homenagem a Camões, em específico, revela-se importante na medida em que apresenta Xavier de Carvalho como um mediador cultural que atuava além da mera redação de textos e de correspondências para os mais variados órgãos de imprensa. O correspondente do *País* em Paris indubitavelmente desempenhava sua mediação de maneira ampla, ainda que dos bastidores, fato que não invalida a sua preocupação com a latinidade e a promoção dela, evidenciando o seu papel como mediador cultural nas mais variadas contingências.

2.2 XAVIER DE CARVALHO: UM APOIADOR DA CAUSA FEMINISTA

Para além das inúmeras crônicas sobre a estátua de Camões, que acabamos de analisar, a I Guerra Mundial e muitas das suas vicissitudes também se tornaram dos assuntos mais aludidos por Xavier de Carvalho, assim como veremos no capítulo a seguir; porém, um dos temas a que ele sempre esteve vinculado e não passou despercebido em suas "Cartas de Paris" foi o movimento feminista. Crônicas intituladas "Congresso do Feminismo Internacional", "Conferência Sobre a Mulher Portuguesa", "Clube das

Mulheres Brasileiras", "Banquete Feminista" ou "*Meeting* Feminista" são regularmente encontradiças na coluna mantida pelo correspondente do *País* em Paris.

É muito provável que essa propensão pela causa feminista venha antes mesmo de sua mudança para Paris, tendo em vista que, ainda em Portugal, foi fundador e um dos redatores da revista *A Mulher*, publicada na cidade do Porto. A Hemeroteca Municipal de Lisboa[16], em sua versão digital, disponibiliza o primeiro número da publicação, datada a 15 de abril de 1879, cujo editorial de inauguração esclarece, entre outras coisas, que:

> O programa da *Mulher* está, pois, traçado: é altamente reformador: é um brado de indignação contra essa falsa educação de nossos dias. *A Mulher* é o órgão, entre nós, da renovação que lá fora se vai declarando de um modo simpático. Nas suas colunas encontrar-se-ão abundantes artigos de literatura, de moral, de higiene, e de vários conhecimentos úteis, como monografias, viagens, crítica, com um ideal elevado como a ciência e sublime como a justiça. (*A Mulher*, 15 abr. 1879, p.2)

Por outro lado, o programa também revela que as mulheres são "incapazes de compreender o ideal moderno" por serem educadas visando a frivolidades como a moda. Infere inclusive que a educação burguesa recebida pelas mulheres as torna inúteis e é justamente neste ponto que a revista se declara essencial, já que pretende "educar a mulher pela moral, pela economia, pela filosofia, pela ciência, pela literatura, pela arte, pela crítica, por todos os ramos da atividade humana; [já que] é preciso que ensinemos a ser boa mãe e boa dona de casa; excelente esposa e carinhosa filha".

Podemos afirmar que o editorial, apesar de não ter sido assinado, foi escrito por um homem - quiçá até mesmo Xavier de Carvalho? - que atribui a culpa a ele e a todos os outros homens, pelo "egoísmo" por não educar as mulheres "modernamente". Sendo assim, julga estar em um momento ideal para lançar "um olhar de pai, de amigo que zela [pelos] direitos [das mulheres]" através da revista *A Mulher*, que tem como preceito a doutrinação daquelas que "t[ê]m muito a aprender".

Obviamente que retiramos do editorial (que é todo ele, no mínimo contraditório, ao menos para os dias atuais) os excertos mais contundentes, que apesar de revestido por princípios "modernizantes" e inclusivos, não deixa de reverberar um certo machismo, ou

[16]Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AMulher/AMulher_master/JPG/AMulher_N01_0002_branca_t0.jpg. Acesso em 19 jan. 2023.

moralismo masculino, comuns às sociedades dominadas pelo sistema patriarcal, que apenas enxerga a mulher condicionada ao homem.

Em verdade, os preceitos do editorial não parecem destinar-se à equidade entre homens e mulheres, à valorização da mulher na sociedade ou mesmo dentro de casa, mas muito mais à doutrinação delas, visando conceder-lhes condições melhores, ao retirá-las do limbo do extremo alheamento. Talvez os primeiros ideais ainda não estivessem na ordem do dia, em uma escala progressiva de diligências para a causa feminista, já que as mulheres possivelmente não tinham sequer conseguido atingir esse nível de maior autonomia para ser percebida, ouvida, considerada, respeitada e valorizada, sem que necessariamente estivessem subordinadas aos homens.

No entanto, tal caso não invalida a relevância e o mérito da iniciativa da revista em que Xavier de Carvalho era o editor, pelo contrário, simplesmente revela o quanto a mulher era negligenciada e sofria por não lhe ser permitido o direito à liberdade em todas as suas instâncias e dimensões, e o quão inovador e até mesmo subversivo foi para a época o simples fato da mulher ser enxergada, ao ponto de se tornar o público-alvo de uma revista de tendência revolucionária e, mais do que isso, dar oportunidades às raras delas que alcançaram um patamar de autonomia e instrução tão substanciais, mesmo que o mundo ainda as coibisse.

Há de se considerar também que, para a imprensa do século XIX, um periódico feminino nada mais era do que uma publicação criada por homens destinada ao público feminino; ou seja, produções que os homens acreditavam ser do interesse das mulheres ou simplesmente decidiam que deveria fazer parte do repertório delas, valendo-se, em contrapartida, de poucas contribuições propriamente femininas.

Tais considerações são comprovadas pela materialidade do primeiro número da revista, que tem como proprietário F. Maria Rodrigues e conta com Xavier de Carvalho e Xavier Pinheiro como redatores. Folheando as 40 páginas que compõem a edição, encontramos contribuições de Teófilo Braga, Fialho de Almeida, Guerra Junqueiro, além dos redatores e do proprietário. Salvo estes, no mínimo, mais 28 nomes masculinos, contribuíram, totalizando ao menos 34 colaboradores homens e apenas seis (6) mulheres. São elas: Olívia Telles de Menezes, Maria Amália Vaz de Carvalho, Angelina Vidal, Andrea Neyrand, Clorinda de Macedo e Amália Janny.

Embora haja essa discrepância considerável entre o número de colaboradores do sexo feminino e masculino, torna-se difícil dimensionar o quão significativa era, para a causa feminista, a existência de um órgão de imprensa que além de ser direcionado às mulheres, dava abertura para contribuições delas, que obviamente não poderiam ser muitas, ao levarmos em consideração o contexto histórico em que viviam.

Ainda que não tenhamos encontrado evidências suficientes para afirmar que Xavier de Carvalho foi o autor do editorial de inauguração da revista *A Mulher*, fica subentendido que ele corroborava com os preceitos nele manifestados, tanto é que ele não era só um de seus fundadores, como também um de seus editores. O programa da revista apregoava que o seu ideal era um cenário em que o homem proporcionasse à mulher condições para que ela fosse seu amparo, portanto ainda androcêntrico, e não necessariamente inclusivo, em que ela pudesse alcançar um patamar igualitário, tampouco autônomo e emancipatório, mas sem dúvidas extremamente relevante para aquelas que sequer eram lembradas.

Ao estabelecer moradia em Paris, podemos conjecturar que a manutenção desse interesse pela causa feminista esteja relacionada a Blanche Xavier de Carvalho, a esposa do correspondente internacional do *País*. Ao que tudo indica, Blanche era uma adepta dos princípios feminista da época, tanto que era a representante em Paris da revista paulistana de Presciliana Duarte de Almeida, *A Mensageira*, a "revista literária dedicada à mulher brasileira", da qual o próprio Xavier de Carvalho era colaborador e nela tinha papel relevante, já que agia como crítico e conselheiro da revista, na condição de seu "observador externo", bem como assevera Leonora De Luca (2004), ao considerar que:

> Coube [...] ao jornalista português Xavier de Carvalho, residente na Europa, assumir de modo mais perfeito possível o papel de "observador externo" no âmbito da produção editorial desse periódico: seu distanciamento geográfico e seu alheamento das nossas condições sociais teriam permitido que atuasse como crítico dos conteúdos veiculados pela própria *A Mensageira* – e ainda como conselheiro, indicando-lhe os novos rumos a serem tomados, na qualidade de carro-chefe do "movimento feminista" no Brasil (DE LUCA, 2004, p. 143).

Um dos exemplos de textos que evidencia esse papel de Xavier de Carvalho foi retomado por Leonora De Luca da *Mensageira*[17]. Sendo o único artigo em língua estrangeira que compõe a revista, ele é intitulado *Le féminisme au Brésil*, publicado em 1899; nele, o português tece conselhos que visam atitudes mais revolucionárias em busca da emancipação da mulher. Conforme as ponderações de Leonora, o motivo do texto ser mantido na língua original em que foi escrito por Xavier de Carvalho, portanto em francês, se deve à possibilidade de as redatoras da *Mensageira* considerarem os ideias por ele propagados demasiadamente ousados "para o leitor médio brasileiro":

> *A Mensageira* a peut-être le tort d'être plutôt une revue littéraire qu'une revue de combat et de ne pas se laisser entraîner dans une voie résolument révolutionnaire. Au Brésil, où l'éducation catholique (comme au Portugal e en Espagne) a empoisonné l'esprit de la femme, il faut faire par tous le moyens une très vive et très grande agitation, pour arriver à des résultats pratiques (...). Nous avons l'espoir que le mouvement, encore timide, de la *Mensageira* de Saint-Paul, aura fait donner un grand pas à l'idée feministe au Brésil. L'organe pauliste nous a dejá démontré qu'il y a au Brésil un noyau de femmes vraiment supérieures mais nous attendons encore plus de la *Mensageira* qui a pour directrice une des muses du Brésil nouveau[18] (*A Mensageira*, 28 fev. 1898, apud DE LUCA, 2004, p. 143).

Através desse texto escrito por Xavier de Carvalho é possível perceber não apenas o quanto ele se interessava pela causa feminista e era reconhecido por isso, estando a par dos desdobramentos do feminismo inclusive no Brasil, ao ponto de ser considerado autoridade no assunto, mas também o quanto suas objeções poderiam ter sido pertinentes para a trajetória da revista *A Mensageira*. No entanto, de acordo com o que a estudiosa da revista declarou, a verdadeira intenção desse órgão da imprensa feminina brasileira estava voltada para uma prática jornalística eminentemente literária, não demonstrava o anseio por uma conjuntura sociopolítica, que incluísse a causa feminista, conforme pretendia ou prezava o seu conselheiro.

---

[17] A hemeroteca digital, do site da Biblioteca Nacional Digital, disponibiliza apenas três edições da revista *A Mensageira*, sendo elas a 1ª, publicada no dia 15 out. 1897; a 17ª, no dia 15 jul. 1898; e a 18ª edição, que foi publicada no dia 30 jul. 1898; sendo assim, não foi possível perscrutar a publicação em questão.

[18] Tradução nossa: *A Mensageira* talvez incorra no erro de ser antes uma revista literária do que uma revista de luta e de não se deixar arrebatar por uma via resolutamente revolucionária. No Brasil, onde a educação católica (como em Portugal e na Espanha) envenenou o espírito da mulher, é necessário fazer por todos os meios uma bem viva e muito grande agitação, para alcançar resultados práticos (...). Nós temos a esperança de que o movimento, ainda tímido, de *A Mensageira*, de São Paulo, terá dado um grande passo rumo ao ideal feminista no Brasil. O órgão paulista já nos demonstrou que existe no Brasil um núcleo de mulheres realmente superiores, mas nós esperamos ainda mais de *A Mensageira*, que tem como diretora uma das musas do Brasil novo.

Já nas "Cartas de Paris", Xavier de Carvalho não apenas anunciou os eventos que tinham como escopo a causa feminista, como também fez a cobertura de vários deles, participou como convidado de tantos outros, mas principalmente deu visibilidade ao tema e contribuiu para a disseminação de seus princípios.

Logo nos primeiros meses de 1909, nas "Cartas de Paris", Xavier de Carvalho relatou que faria uma conferência sobre a "Mulher Brasileira", no Congresso do Feminismo Internacional, que seria realizado nos salões da Universidade Feminina, *La Française*, e que faria o possível para agradar a audiência, mas principalmente se esforçaria para "não merecer censuras das gentis fluminenses, sobretudo das que [lhe] d[avam] a honra de ler estas missivas 'à la diable', de Paris" (*O País*, 15 maio 1909, p. 5).

Na correspondência seguinte e mantendo o ritual comum aos anúncios dos eventos que se propunha a divulgar, Xavier de Carvalho, divulgou que a presidência do congresso fora confiada à duquesa de Rohan, "uma dama da mais alta aristocracia francesa e ao mesmo tempo uma dama da mais alta cultura intelectual" (*O País*, 21 maio 1909, p. 3). Conforme a crônica, mais de 500 mulheres francesas e estrangeiras já haviam confirmado a presença no Congresso do Feminismo Internacional; no entanto, um detalhe que nos chamou a atenção é que Xavier de Carvalho trouxe, em francês, o cronograma das conferências que seriam realizadas no Congresso do Feminismo Internacional. Dentre as conferencistas, - inclusive de vários países, como Austrália, Holanda, Rússia e Canadá - somente o correspondente do *País* na França era do sexo masculino. Tal fato acaba por revelar o quão representativa era a sua figura para a causa feminista.

Em contrapartida, outra questão que merece ser ressaltada tem relação com o movimento feminista brasileiro, uma vez que diferentemente da primeira crônica que visava a publicidade do Congresso do Feminismo Internacional, na qual Xavier de Carvalho declarou ser o conferencista responsável por falar sobre a "Mulher Brasileira", nesta segunda, através do cronograma, é possível identificar que, na verdade, Xavier de Carvalho estava encarregado de falar sobre as mulheres portuguesas, já que sua conferência intitulava-se "La femme portugaise". Seria este o motivo do cronograma ter sido publicado em francês no jornal carioca?

De qualquer forma, o assunto "Mulher Brasileira" não foi mais tocado nas "Cartas de Paris" em relação ao Congresso; por outro lado, o correspondente afirmou que a causa

internacional do feminismo na França, embora distante dos "maravilhosos resultados dos povos do norte da Europa", estava se desenvolvendo muito bem, como comprovava o evento. Além disso, Xavier de Carvalho não deixou de falar sobre a sua "humilde pessoa" e da conferência que realizou sobre a "Mulher Portuguesa" no referido Congresso:

> Realizamos ontem, no "salon" do Centro do Progresso Feminino, a anunciada conferência sobre a mulher portuguesa e a operária da cidade e dos campos. Historiamos a evolução da mulher nas letras, desde as princesas que nos tempos áureos da monarquia portuguesa presidiam as cortes de amor, ouvindo os madrigais dos trovadores, até as escritoras do último quartel do século XIX. Rendemos a devida homenagem a Ana Osório de Castro, Angelina Vidal, Maria Veleda, Olga de Moraes Sarmento, Branca de Gonda, as novas escritoras lusitanas. Fizemos notar o atraso mental da mulher portuguesa, sobretudo a camponesa das aldeias, que raramente sabe ler. Lastimamos a falta de cultura nas burguesas pretensiosas, que não leem senão folhetins ou livro da missa. E no fim, apresentamos um plano de reivindicação feminina, fazendo votos pelo progresso da mulher moderna, que não deve ser, nem escrava do marido, nem rainha, para ser adulada, mas apenas companheira do homem e o seu complemento, o mais indispensável, na família (*O País*, 2 jun. 1909, p. 7).

Apesar de quase trinta anos após o lançamento da revista portuense, *A Mulher*, ainda é possível perceber a constância do tom do discurso de Xavier de Carvalho, que conserva concepções e propósitos semelhantes e inclusive mantém a mesma perspectiva paradoxal para a nossa atualidade. Embora declare almejar o êxito da mulher, tem em conta que todas as conquistas devam ser empregadas a fim de torná-la o "complemento" do homem, sem que jamais seja desvinculada do contexto familiar. Por outro lado, também relata sobre a evolução histórica da mulher portuguesa ao adentrar em um campo praticamente exclusivo dos homens: a literatura. Saindo de uma função basicamente irrelevante e completamente restrita, a mulher conseguia atingir o reconhecimento através da atividade propriamente literária, ao se tornar escritora.

Na tentativa de acomodar a mulher em uma posição intermediária - nem escrava e nem rainha - acaba por reafirmar o nicho subsidiário em que ela deveria estar ao concebê-la, mais uma vez, condicionada ao homem. No entanto, esse movimento por si só já pode ser considerado um grande avanço para a causa feminista da época, na medida em que a efetivação dessa classificação seria o mesmo que promovê-la a uma condição mais favorável, tendo em vista que indubitavelmente a maioria das mulheres não seria rebaixada de sua condição de rainha, mas ascendida da sua posição de escrava.

Além do mais, não é possível sequer afirmar que Xavier de Carvalho menosprezava muitas mulheres sem levar em consideração o contexto em que elas estavam inseridas ao considerá-las ignorantes, por não saberem ler, ou "desaculturadas", por lerem apenas "folhetins ou livro de missa", o real sentimento do correspondente parecia ser bem mais de insatisfação, uma vez que era justamente essa a realidade que ele pretendia mudar, tanto que declara ter formulado um plano de reivindicação feminina. Ao expressar esse sentimento de revolta, Xavier de Carvalho torna-se um dos raros homens de sua época a ter o olhar voltado para a condição das mulheres.

Ademais, talvez seja por meio de um discurso mais virulento a forma encontrada pelo correspondente para despertar o interesse ou atenção não só das mulheres, mas da sociedade em geral, pela causa feminista, tendo em vista especialmente que, embora Xavier de Carvalho se identificasse com a opinião de que os homens eram responsáveis pela educação das mulheres, ele tinha a consciência de que a luta das mulheres era desleal justamente por lhes serem negado o essencial para a igualdade de gênero.

O padrão dos textos de Xavier de Carvalho sobre a causa feminista, de certa forma, conserva-se, sobretudo no que tange o tom de conselho e a exposição de princípios, por vezes através de um teor mais reivindicatório, possivelmente por ser direcionado à publicação em órgãos de imprensa. Ainda que a visão da mulher subordinada ao homem seja mantida em seus discursos, outras críticas sistêmicas são constantes, bem com as desferidas contra a educação religiosa, às desventuras da classe operária, mas o que intriga o "observador externo" e conselheiro da revista brasileira é o fato da vertente literária ser priorizada em detrimento de uma luta feminista verdadeiramente revolucionária, já que se refere à leitura de folhetins como sendo uma atividade frívola, bem como consta o seu discurso no Congresso do feminismo Internacional.

Sendo assim, essa atitude que é amiúdas vezes reprovada por Xavier de Carvalho, ou seja, a leitura indiscriminada de folhetins, era, ao que tudo indica, o que estava sendo promovido pela *Mensageira* e, consecutivamente, a ausência de leituras tidas como culturais, bem como as científicas, instrutivas e sobretudo as revolucionárias inclinadas à causa feminista.

Em comentário à crônica de Xavier de Carvalho sobre a conferência realizada por ele sobre as mulheres portuguesas no Congresso do Feminismo Internacional, a colaboradora do *País*, Carmen Dolores, na coluna "A Semana" realizou uma espécie de

desabafo sobre a situação da mulher brasileira diante do parecer do "simpático e brilhante correspondente [do *País*] em Paris" sobre as mulheres parisiense e do norte europeu (*O País*, 6 jun. 1909, p. 1).

A escritora exaltou a mentalidade parisiense em sua vertente espiritual e entusiástica, que sempre foi e continuava sendo capaz de estimular a inteligência global em relação às questões mais elevadas de qualquer época e que, por ser um "meio adiantado", tornou-se "foco favorável ao triunfo das liberdades que dignificam a criatura". No entanto, a cronista brasileira asseverou que essa mesma capital mundial das luzes é acusada, por Xavier de Carvalho, de estar aquém dos bons resultados do norte europeu quando o assunto é a filoginia e, por isso, Carmen Dolores, demonstrando consternação e constrangimento, se questiona sobre o que o correspondente em Paris pensaria caso "lhe fosse dado a verificar [...] o atraso em que nos rebolamos aqui", onde há homens:

> [...] arrogantes julgando que a mulher inteligente é uma desqualificada, que a mulher que trabalha é um ente de que se devem rir até os obeliscos, que a independência do pensar é um desaforo, uma pouca vergonha e que isto assim é que é bom, está muito bem, não deve, não pode ser de maneira alguma alterado pela evolução do progresso, ou bordoada em quem tenta essa asneira formidável?

E cita o caso da advogada brasileira, Mirtes de Campos, que estava sendo obrigada a se calar diante dos "contínuos ultrajes" desferidos por homens "desaforados e covardes", mesmo estando no exercício de sua profissão, em que pelo esforço e talento se diplomou, mas infelizmente foi apenas para "acumular dissabores". Enquanto a advogada francesa, Helena Miropolski, pôde exercer sua atividade "sem medo algum das farpas do ridículo, sem a ameaça dos insultos vis, soltando a torrente da sua eloquência, usando do verbo e do gesto em um tribunal de homens com a plena segurança da sua profissão", bem como retrata a gravura da *Ilustração Francesa*, que foi copiada pela *Ilustração Brasileira*.

Carmen Dolores elogiou a modernização da *Ilustração Brasileira* pela novidade que havia conquistado ao reproduzir de forma tão bem acabada a imagem da sessão do tribunal, considerada por ela extremamente empolgante. Por outro lado, fica patente que toda modernidade caiu por terra, quando o "terror do preconceito e o desejo de agradar certas camadas intransigentes" entraram em cena a partir do texto que segue a imagem

que, dentre outras coisas, diz: “Entre nós, embora já tenhamos algumas senhoras diplomadas em direito, a profissão não parece que, ao menos por agora, lhes possa convir. A única ocupação intelectual para o sexo feminino no Brasil é o magistério primário, que lhe está quase exclusivamente entregue”.

Carmen Dolores asseverou ainda que, para escrever, a mulher brasileira tem que ter ainda mais cuidado, já que transformam tudo o que ela diz para lhe “dar pancada”, mesmo porque ela não tem liberdade para escrever, como têm as europeias. Como forma de exemplificação, a brasileira tece elucubrações ao cogitar o que aconteceria à Mme. Émile de Girardin caso lançasse seus “deliciosos folhetins” no Brasil sob o pseudônimo de visconde de Launay, “flagelando homens, costumes e fatos com um riso aparente, que escond[e] o látego, representado pela fina pena feminina”. A cronista acredita que certamente a escritora seria, no mínimo, “proclamada cínica”.

Trazendo o caso para a sua realidade, Carmen Dolores relatou que mesmo ela, que não se considerava à altura de Mme. Girardin, foi pega em “flagrante ironia” em um artigo escrito para outro jornal e por isso foi “atrozmente injuriada”, mesmo tendo ela preconizado aquilo que seu espírito, em “revolta e amarga zombaria contra determinados conceitos alheios”, havia clamado. A escritora pediu aos leitores, inclusive Xavier de Carvalho, que imaginassem o que poderia acontecer caso a “ironia mais fina, maliciosa, enlaçante, cheia de sinuosidades e paradoxos” de Mme. Girardin fosse interpretada por aqui. Carmen Dolores assevera que seria muito provável que “não lhe compreenderiam jamais as piadas” e indubitavelmente a francesa seria alvo de pedradas.

Para concluir, Carmen Dolores, ironicamente, relatou que quanto à sua experiência, o espanto foi a reação que lhe tomou ao perceber que sua ironia havia sido devidamente interpretada e exclama: “Mas já é... inteligência! Como estamos adiantados!”. Além disso, convidou o correspondente do *País* em Paris a vir para o Rio de Janeiro, estudar as ideias retrógradas, estabelecer comparações entre a maneira de encarar a mulher aqui e na Europa, pois assim teria provas de que, “embora o norte europeu [fosse] mais favorecido pela triunfante evolução social”, ainda assim a “luminosa Gália” poderia ser considerada o “centro da mais bela e nobre independência do pensar e do sentir”, especialmente quando comparada ao Brasil.

Xavier de Carvalho, na edição do dia 17 de julho, mencionou em suas “Cartas de Paris” a crônica em que Carmen Dolores, tida por ele como uma mulher de “espírito de

‘elite’, alma cheia de ideal, coração de enternecida bondade”, teceu um lamento em relação às condições da mulher brasileira, que “tão cheia de preconceitos, [vinha] sofrendo a guerra desleal da tirania masculina, do homem que faz todas as leis, e que as impõe à mulher”.

O correspondente do *País* em Paris atribui a misoginia recorrente no Brasil ao fato de termos sido educados pelo dogma católico. Segundo Xavier de Carvalho, por sermos um país adepto ao catolicismo, temos “uma mentalidade inferior”, ao vivermos baseados em credulidades antiquíssimas. No entanto, por mais que a luta seja árdua para as mulheres brasileiras, o cronista disse acreditar que elas teriam o lugar que mereciam e a que têm direito, bastava que houvesse engajamento por parte das letradas para elevar a excelência de todas as brasileiras e assim desbancar o pensamento retrógrado que tanto atrapalhava não somente a vida e a integridade da mulher, mas também o desenvolvimento do país:

> Compete à mulher de espírito superior, como Carmen Dolores, trabalhar ativamente para o levanta mérito do nível intelectual e moral da brasileira, vasculhando o cérebro das cariocas, limpando as teias de aranha, que ainda, infelizmente, causam tantos e tantos embaraços ao desenvolvimento integral da mulher, nessa jovem América, mais jovem pelos anos de existência política, mas ainda de crendices seculares, fruto da importação colonial, no período antigo, em que o jesuíta e o monge eram os senhores absolutos na obra da educação. (*O País*, 17 jul. 1909, p.4)

Para comprovar a inclinação de Xavier de Carvalho à causa feminista, a crônica intitulada “Clube das damas brasileiras” (*O País*, 4 abr. 1910, p.5) traz mais um indício de que a sua atuação era significativa, inclusive para a colônia brasileira em Paris, já que “foi o correspondente parisiense do *País*, que lançou as bases [...] do novo núcleo de propaganda social e mundana do Brasil” na França, que visava à formação da seção brasileira no círculo do feminismo internacional da *Française*.

Com o respaldo de Mme. Jane Misme, diretora da *Française*, Xavier de Carvalho organizou a sessão que elegeu a Mme. Piza, esposa do ministro do Brasil em Paris, ao cargo de presidência de honra; a Mme. Clotilde do Rio Branco, como presidente efetiva, e as Mmes. de Souza Dantas e Pacheco e Silva, como as vice-presidentes. O correspondente ainda mencionou que a recém-formada seção brasileira da *Française* já estava organizando uma recepção ao poeta Olavo Bilac.

O grupo feminista do Brasil na *Française* realizou uma festa organizada pela sua presidente, Mme. Clotilde do Rio Branco, sobre a "Mulher brasileira" (*O País*, 4 abr. 1910, p. 5). Conforme o correspondente, este foi o primeiro dos inúmeros eventos sobre a causa feminista que estavam programados e dispôs de uma conferência de Quintino Bocaiúva, intitulada "A brasileira no lar e na vida social". A festa contou também com concertos de nomes de relevo da música brasileira da época, como os tenores Chico Redondo e seu filho Abreu de Souza, a pianista Tagliaferro e até mesmo Clotilde do Rio Branco, que entoou canções escritas pela irmã, Mme. Hamoir do Rio Branco.

Xavier de Carvalho também escreveu sobre um banquete feminista, presidido pelo poeta Jean Richepin e organizado pelo grupo de mulheres denominado "Umas internacionais". O correspondente foi convidado como representante dos escritores latinos e relatou que teve a honra de saudar, através de um discurso, a pintora Madeleine Lemaire, a homenageada da noite. A festa artística e literária foi considerada "deliciosa e de um feminismo refinado" pelo colaborador do jornal carioca (*O País*, 30 jun. 1910, p.4).

Uma das notícias veiculadas por Xavier de Carvalho foi o *Meeting* Feminista, que tinha como objetivo reclamar a participação imediata das mulheres no direito de voto. O movimento feminista político reuniu mais de 3 mil pessoas, conforme relato do correspondente, que também salientou que "o feminismo marcha[va] a passos agigantados" e por isso seu triunfo era apenas uma questão de tempo.

O correspondente conclui sua crônica considerando que "a mulher, como parte integrante da humanidade, reclama direitos iguais ao homem. E o homem não pode recusá-los, em nome dos princípios de justiça" (*O País*, 5 abr. 1910, p. 5). Portanto, fica claro que Xavier de Carvalho entendia que se a própria justiça dava condições melhores aos homens, ela não poderia ser chamada de justiça e, por isso, os homens deveriam admitir que não estariam sendo justos ao serem beneficiados em desfavor das mulheres, uma vez que contavam com privilégios que eram negados a elas.

É possível afirmar que as mulheres que participavam de campanhas de reivindicação pelos seus direitos viam em Xavier de Carvalho um grande aliado, ao levar em conta especialmente um episódio inusitado, cujo relato pelo correspondente se deu nas "Cartas de Paris" do dia 28 de novembro de 1910. Em sua crônica, o correspondente relatou que havia saído da região central de Paris para visitar um amigo em um bairro

distante e andando pelas ruas avistou um cartaz, posto em evidência, sobre a realização de um evento promovido pela "Liga *Solidarista* das Mulheres Sufragistas", cujo objetivo era a organização de uma onda de protestos que visavam à conquista do direito constitucional de voto às mulheres portuguesas. Para a sua surpresa, o nome que constava no cartaz como sendo o presidente do *meeting* era o seu: "Sem nos consultarem, sequer, sem o mínimo aviso, estamos arvorados em presidente de *meeting*!" (*O País*, 28 nov. 1910, p. 4).

Xavier de Carvalho prosseguiu o relato dizendo que no dia seguinte recebeu a visita de uma das organizadoras que, só então, realizou o convite, dizendo: "Desejamos que o senhor presida ao *meeting* feminista, porque queremos apresentar aos franceses... um português". Ao que tudo indica, foi a forma em que o convite foi feito e sobretudo o motivo dele que verdadeiramente aborreceu o correspondente e não exatamente o fato das sufragistas contarem como certa a sua participação no encontro sem que ao menos ele soubesse da realização do evento, já que ele relatou que não estava disposto a enfrentar a exposição pela qual seria submetido, possivelmente por ser um dos únicos, se não o único homem a estar envolvido na causa e além de tudo na posição de um estrangeiro, tanto que a sua justificativa foi:

> De maneira que éramos para essas sufragistas... um "clou", a atração da festa, o aborto exposto, [recusei]. Oh, não minhas senhoras. Tudo, menos isso, tudo, menos o de servir de curiosidade para o público, ser o bicho raro. Será escusado acrescentar que não pusemos o pé na reunião anunciada e que devia ter lugar (como realmente o teve), no vasto salão do palácio das Sociedades Sábias, rua Danton. (*O País*, 28 nov. 1910, p. 4)

É possível conjecturar, ainda, que a recusa de Xavier de Carvalho ao convite das sufragistas pudesse estar relacionada às questões mais anímicas, na medida em que ele - na condição de homem, jornalista conceituado e, inclusive, de organizador de eventos - não tenha se sentido à vontade para assumir um papel, que, pelo menos a princípio, poderia parecer que lhe foi imposto por mulheres e que, se assim fosse, poderia estar se submetendo à subversão dos "sentidos de gênero e sexualidade enquanto símbolos", de acordo com a visão cultural, que ele mesmo já apregoava ao entender a mulher condicionada ao homem, bem como demonstram os casos etnográficos relatados por Ortner e Whitehead (1974, apud ALMEIDA, 2003) sobre as oposições binárias

metafóricas como Natureza/Cultura ou auto interesse/bem social, para definir a "linguagem" do gênero, em que se verificou que:

> 1) Os homens surgem definidos por categorias de *status* ou papel social; 2) ao passo que as mulheres são definidas por e em relação aos homens e/ou parentes; 3) os mesmos eixos que separam as mulheres dos homens atravessam as categorias de gênero no seu interior e 4) em todos se dá a separação conceptual entre um mundo dos homens e um mundo das relações homens-mulheres (ALMEIDA, 2003, p.14).

Independentemente de ter recusado o convite e fosse qual fosse o motivo, ficou manifesto que Xavier de Carvalho era uma pessoa respeitada pelas mulheres que reivindicavam seus direitos, certamente porque enxergavam nele um apoiador, que além de tudo era munido de uma representatividade considerável, já que era colaborador de vários jornais, não somente franceses, mas também portugueses e brasileiros. Neste caso em específico, a intenção das sufragistas parecia ser a conquista da oportunidade de contar com a presença de um dos raros intelectuais ilustres adeptos à causa, que tinha grande visibilidade e que, além de tudo, era português, uma vez que a reivindicação era sobre o direito das mulheres portuguesas ao voto.

As "Cartas de Paris", na pessoa de seu responsável, Xavier de Carvalho, sempre deu visibilidade às produções femininas. Os nomes da poetisa francesa Madame Catule Mendés, da pianista brasileira, Magdalena Tagliaferro, da conferencista portuguesa, Olga de Moraes Sarmento, da escritora brasileira, Julia Lopes de Almeida, da artista multifacetada francesa, Valentine Saint Point; da escritora portuguesa, Maria Amália Vaz de Carvalho e de tantas outras mulheres e eventos feministas sempre tiveram lugar de destaque nas crônicas do correspondente do *País* em Paris.

O trabalho de Xavier de Carvalho nos permite perceber, inclusive, o quanto ele foi capaz de abalar a invisibilidade e o silêncio historiográficos construídos social e politicamente ao longo dos anos em relação à mulher. O simples fato de Xavier de Carvalho dar condições às mulheres transgressoras, que subvertiam a ordem imposta pela sociedade, de serem conhecidas ao publicar feitos delas e sobre elas, também contribuía para a luta feminina.

Não somente por ter subsidiado acontecimentos dessa espécie, mas, por manter a postura em favor da causa feminina ao longo de sua trajetória, Xavier de Carvalho pôde entrar para o diminuto rol de homens que colaboraram para a revisão da história, na

medida em que foi capaz de liberar mulheres de opressões, especialmente as regidas pelos intelectuais e pelos órgãos de imprensa, dando-lhes oportunidades e visibilidade, mas também sendo reconhecido por lutar a mesma luta delas.

Com o olhar dos dias atuais, foi possível observar, inclusive, uma evolução dos posicionamentos de Xavier de Carvalho em favor do tema do feminismo. A princípio, por mais que seu discurso apontasse para certo moralismo masculino, sua representatividade para a causa já poderia ser tida como extremamente progressista para o seu tempo; no entanto, com o passar do tempo, suas colocações começaram a soar não apenas mais inclusivas, mas principalmente mais equânimes, especialmente ao colocar na balança da justiça as prioridades dos homens em detrimento das mulheres.

Mesmo tendo comprovado o interesse de Xavier de Carvalho pela causa feminista e constatado seu reconhecimento ao ser considerado uma espécie de conselheiro e porta-voz masculino pelas mulheres que lutavam pelos seus direitos, a nossa perspectiva hodierna nos fez questionar em várias ocasiões se o correspondente do *País* em Paris poderia realmente ser considerado um adepto aos preceitos do feminismo de tão controvérsas, inapropriadas e até preconceituosas consideramos ser as suas falas, especialmente nos primeiros registros sobre a temática.

Foi necessário um esforço para desconstruir a imagem, no mínimo paradoxal, de um homem que se indignava com os casos de feminicídio, dizendo que certas mulheres tinham uma mentalidade inferior; que reconhecia a injustiça que as mulheres viviam ao serem obrigadas a cumprir as leis estabelecidas por homens, pregando que elas deveriam ser ensinadas por eles para que assim se tornassem dignas de serem subordinadas a eles; ou ainda, quando fundou uma revista feminina que contava com poucas contribuições de mulheres.

No entanto, na medida em que se levou em consideração as duas realidades, separadas por mais de um século, é possível perceber o quão hostil era o período, a ponto das considerações de Xavier de Carvalho serem consideradas revolucionárias em favor da causa feminista e o quanto o seu posicionamento foi significativo para ela, tendo a comprovação na materialidade de suas contribuições para *O País*. Nesse sentido, faz-se relevante destacar que ideais ambíguos coexistiam não somente para Xavier de Carvalho e seus contemporâneos, mas também para a nossa sociedade, mesmo porque um:

> Período de conturbados debates disciplinares e políticos [foi] o final do século XIX e os inícios do século XX [que] podem ser resumidamente descritos como períodos de espanto por parte dos observadores autorizados (cientistas, homens, ocidentais) face a uma mescla de subalternidades políticas e "bizarrias" biomédicas: crianças, mulheres, homossexuais, perversos, primitivos. Este afã classificatório permitia, simultânea e ambiguamente, a prescrição da normalidade e a crítica da normalidade [...] Uma ambiguidade da qual não nos libertamos completamente (ALMEIDA, 2003, p.14).

A situação de marginalização que sempre foi imposta às mulheres (e não só a elas), ao serem sujeitas a atuar a serviço do patriarcado, apenas eleva o homem como protagonista na construção da história, que é firmada na discriminação estrutural, mas que também o fez entrar em constante desconcerto e imprecisão. Isso não ocorreu apenas com Xavier de Carvalho, que agia a favor de uma reforma dos costumes e até mesmo do empoderamento feminino, mas que também prezava pela manutenção da ordem em vigência ao primar pela mulher condicionada ao homem. Ambiguidades nessa mesma perspectiva são comuns inclusive na sociedade dos dias atuais.

2.3 A *BELLE ÉPOQUE* E AS DESVENTURAS DA CLASSE BURGUESA SEGUNDO XAVIER DE CARVALHO

Belle Époque foi um período de inegável prosperidade, grande otimismo, animação e confiança especialmente nas descobertas científicas, tecnológicas e culturais que estavam sendo experimentadas. Tais sentimentos geraram a convicção de que os avanços alcançados seriam a solução para todos os problemas; por essa perspectiva, essa relativa paz social somada à prosperidade econômica viabilizou inovações em todos os âmbitos, criando um clima de euforia que permitiu o delineamento de novos contornos da modernidade.

Evidentemente esse período histórico foi marcado pela estabilidade, mas principalmente para classes sociais privilegiadas e não exatamente para os operários das indústrias, tampouco para os camponeses, já a burguesia europeia vivia o seu auge, "brilhava sobre o mundo, vivendo no apogeu de uma sociedade liberal e capitalista que estava hegemônica sobretudo nos países mais industrializados como a Inglaterra, a Bélgica, a Itália, a França e a Alemanha" (WERNET, 1991, p. 10), que mais tarde se viram envolvidos no maior confronto que o mundo haveria de presenciar.

A cidade de Paris, onde foi erguida a Torre Eiffel e construído o Museu das Luzes, é considerada o maior símbolo da *Belle Époque*, sua atmosfera emanava luzes que se irradiavam ao redor do mundo. O desenvolvimento em todas as esferas começou efetivamente a se desencadear por lá, onde as ideias mais avançadas constituíam-se e para onde todos os olhares se voltavam. Por isso, o sentimento de orgulho começou a se extremar, resultando em uma parcela da população extremamente arrogante, presunçosa e preconceituosa. Tal porção da sociedade era justamente aquela que usufruía das benesses da *Belle Époque*, ou seja, os membros da alta sociedade.

A vida mundana no famoso bairro boêmio de Montmartre, em Paris, conforme descreve Otto Maria Carpeaux (1968, p. 40) é tão simbólica que esse ambiente em que o modernismo nasceu parecia um mundo paralelo, "uma espécie de organização literária fora da organização da sociedade", que transbordava inovação e permitia empreendimentos audaciosos em um clima propício para "destruir o mundo existente e criar outro". Conferências, peças teatrais, sessões de cinema, exposições de arte e todas as agitações da *Belle Époque* pareciam emergir de uma única fonte, o bairro de Montmartre, que jorrava luz para o restante de Paris e dela para o mundo.

A "região parisiense do pagode" (*O País*, 19 dez. 1910, p. 5) sempre promoveu eventos pitorescos e, apesar de representar o parisianismo intenso, na visão de Xavier de Carvalho, o mais curioso bairro de Paris é também o mais representativo do Brasil moderno, já que o brasileiro "é um civilizado como qualquer burguês do *boulevard* [...], vestindo com toda elegância e pensando com a mentalidade do meio requintado parisiense". Usando frases de efeito para descrever os brasileiros, o cronista mencionou estereótipos para imediatamente asseverar que foram superados, ao dizer, por exemplo que: "o brasileiro de hoje já não é o mulato com dedos cheios de brilhantes... das operetas do segundo império".

As crônicas de Xavier de Carvalho dão conta de evidenciar laivos do entusiasmo e, do mesmo modo, do esnobismo oriundos da *Belle Époque*. No entanto, são comuns ocorrências de eventos em que a soberba e o narcisismo das altas classes sociais parisienses são expostos e rechaçados. Peças teatrais demonstram o empenho em denunciar as negligências e a hipocrisia da alta sociedade; por sua vez, o correspondente não deixa de comentá-las e manifestar sua opinião, algumas vezes de um modo mais comedido, outras nem tanto.

Esse período pródigo em novidades técnicas também emanava a opulência em todos os aspectos da vida cotidiana. O comportamento dos indivíduos que eram capazes de usufruir das benesses oriundas desse momento foi convertido desde o modo de falar, vestir, até comer, beber e principalmente ostentar, demonstrando o caráter da nova sociedade que desventuradamente ficou raiado pelo egocentrismo e pelo preconceito.

Xavier de Carvalho, através da crônica "Os tumultos na Comédia Francesa nas representações do *Foyer*" (*O País*, 1º jan. 1909, p. 4.) relatou os acontecimentos acerca da peça denominada *O Foyer*, de Otávio Mirbeau e de Tadeu Natansons, que foi encenada na Comédia Francesa. Conforme o correspondente, o enredo escancarou acontecimentos abusivos no orfanato de mesmo nome da peça.

Aparentemente o tom de denúncia é que moveu a peça. Em seus atos foram representados episódios ocorridos no orfanato *Foyer*, que era mantido pela alta sociedade, mas que, na verdade, tinha apenas o objetivo de "açoitar as pobres crianças" e se gabar pelo ato oficioso de generosidade e jamais se mobilizava, de fato, pela caridade genuína e pelo senso de humanidade. Além da demonstração da hipocrisia envolta à caridade e às ações da elite de forma geral, a peça tematizava também o ato do adultério, que "demonstra o cinismo a que se desceu nas altas camadas sociais", desvelando, dessa forma, algumas mazelas da alta sociedade.

O apuro linguístico nem sempre se destaca nas crônicas de Xavier de Carvalho, talvez nem seja esse o seu objetivo, mas nesse caso, a veia sarcástica se sobressai, posto que sua linguagem incute elementos mais agressivos. Logo no início do seu texto, o cronista demonstra pesar ao relatar que a peça tinha sofrido retaliações e foi vaiada pelo auditório; no entanto, a partir do momento em que expos tais reações do público, seu discurso se torna mais percuciente:

> O *Foyer* salvou-se do "fiasco" por causa do bom desempenho. A trupe da Comédia Francesa desempenha essa peça brutal, audaciosa e cruel com maestria deliciosa. Bartel é admirável. Féraudy também. E todos os outros atores são dignos dos maiores elogios, [...] mas o público habitual da Comédia não aplaude [já que] no *Foyer* demonstram-se a hipocrisia da caridade aristocrática [...], a imprensa em geral mostra-se severa para com a peça. (*O País*, 1º jan. 1909, p. 4.)

Pela passagem, é perceptível que a peça havia agradado ao cronista, mas não ao restante da imprensa, tampouco aos espectadores, já que ela tinha sido "sublinhada

tristemente com assobios e apupos". Segundo o correspondente, a peça atraiu apenas aos revolucionários, mas não ao público elitizado, que não aplaudiu e nem poderia fazê-lo, uma vez que a população com condições financeiras capaz de assistir às representações na Comédia Francesa era a mesma que estava sendo atacado no *Foyer*; por esse motivo, a peça não foi bem recebida.

Contudo, o cronista destaca, de forma irônica, que a peça "segundo nos parece, bem pouco tempo se conservará em cena [e por isso] deixará saudades ao público da elite da Comédia Francesa". À vista disso, Xavier de Carvalho, com a aparente intenção de condoer-se com a alta sociedade (que com o fim das apresentações, se sentiria nostálgica, vendo-se obrigada a voltar à habitual ociosidade, comum nesse período da *Belle Époque*) acaba por culpá-la pelo fracasso do espetáculo ocasionado pela reprovação da exposição dos seus próprios desvios de conduta e não pela falta de qualidade da peça.

O desenvolvimento industrial em pleno ápice e o capitalismo em todo ímpeto imperialista proporcionaram alterações significativas nos ânimos e nos hábitos da sociedade burguesa que enriquecia rapidamente, enquanto a aristocracia demonstrava uma decadência vertiginosa. Os privilégios dessa parcela da população não apenas atingiam os bens materiais, mas também os intelectuais e os artísticos, já que constantes manifestações das várias tendências do pensamento e da arte afetaram a consciência da camada burguesa.

Nesse período, os avanços culturais, científicos e tecnológicos alastravam-se pela Europa em uma escala sem precedentes, tais como a energia elétrica, os telégrafos e telefones contribuíram demasiadamente para a conexão interpessoal ao acelerar as relações humanas através da comunicação iniciada pelo jornal. O aperfeiçoamento da fotografia, bem como o aprimoramento do cinescópio, que deu origem ao cinematógrafo, por sua vez está associado aos primórdios do cinema, tido hoje como a sétima arte, inauguraram uma linguagem diferente que remetia aos já tradicionais teatro e artes plásticas.

Xavier de Carvalho acompanhou o nascimento do cinema, mas sua postura ostensivamente tradicional e conservadora não lhe permitiu acatar e apreciar de forma integral a novidade oriunda da *Belle Époque*; tanto que classifica os filmes do momento como sendo "sensacionais e rocambolescos" (*O País,* 20 jan. 1914, p.4), com episódios de romances policiais, "a maneira de fabricar bandidos".

No entanto, em sua crônica “Moral cinematográfica”, o correspondente relatou que a companhia cinematográfica estava dando passos rumo ao verdadeiro êxito, ao agregar certa intelectualidade aos seus filmes. A iniciativa digna de aplausos refere-se ao grande concurso entre os “libretistas mais célebres do mundo”, incumbidos de oferecer suas histórias aos filmes, que só a partir de então serão “dramáticos, completamente despidos de inépcias, de cenas sanguinárias de bandidos, de tudo que possa envenenar a alma do povo”.

O correspondente ressaltou que era preciso educar dignamente o público consumidor da nova arte, sendo essencial “livrá-lo de espetáculos degradantes, que nos rebaixam”. A preocupação foi justificada pelo número de clientes do mais novo empreendimento, que aumentava vertiginosamente, já que “todas as semanas se abr[iam] novas salas de cinemas”. Esse fato evidencia a atividade lucrativa em que se tornaram os cinematógrafos, pois, apesar da má qualidade, tinham seus espetáculos intensamente aplaudidos.

Tais motivos causavam preocupação a Xavier de Carvalho, que demonstrou perceber que o público estava preferindo o cinema ao teatro; por isso, considerou necessário “regenerar o gosto do público” e acreditava que o projeto da companhia Cinematógrafos Modernos seria uma ótima solução.

Um dos traços característicos da *Belle Époque* é a “estetização da vida”, termo cunhado por Antonio Candido (2001), para referir-se à concepção de que a vida cotidiana deveria se transformar em obra de arte. A camada mais abastada intelectualizou-se, mas também se tornou fútil, cultuava os prazeres esdrúxulos, o luxo e o conforto, empregando o requinte em cada minúcia do seu dia a dia em função de sua egolatria.

À medida em que os progressos tecnológicos e científicos refletiam na vida cotidiana e na íntima, a arte, igualmente e na mesma proporção, passava por processos de revoluções rumo à modernização, que foi desencadeada pelo sentimento de euforia e teve a sua representação no estilo *art nouveau*. Essa nova concepção estilística, sem dúvidas, é a expressão artística mais representativa da vida da *Belle Époque*.

O estilo artenovista é partilhado por todas as artes e fez-se presente em vários aspectos da vida daqueles que usufruíam das vantagens da *Belle Époque*. Em reação à arte acadêmica, o *art nouveau* teve, originalmente, um sentido nacionalista, que emergiu para revolucionar não apenas as artes, mas também a sociedade e o pensamento; além

disso, como tendência do 1900, esteve intimamente ligado ao sentimento finissecular francês, em busca de uma ressignificação intelectual.

Apesar de figurar um considerável interregno de transição entre os estilos mais tradicionais e o modernismo, o *art nouveau* foi, acima de tudo, uma nova expressão espiritual, que procurava se desvincular dos condicionalismos do passado; por isso, adquiriu uma grande diversidade de estilo, em que o exótico sempre sobressaiu. A arte por si só se bastava e tudo era em sua função, desde que houvesse o emprego da originalidade em detrimento da imitação.

2.4 O ESTILO ARTENOVISTA NO BRASIL: UM PRODUTO DAS TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS

A *Belle Époque* foi um efêmero, mas singular momento da história da literatura brasileira também. Por aqui, ela foi composta por muita heterogeneidade de pensamentos, tendências e doutrinas e, por isso, adquire um caráter mestiço tão complexo. Sua relevância é indiscutível para a sistematização e robustez da nossa literatura, já que suas projeções delinearam os contornos da modernidade em um período que precede a Semana de Arte Moderna.

José Paulo Paes (1985), no texto "O *art nouveau* na literatura brasileira", faz um dos mais singulares apontamentos sobre o período. O estudioso percorreu os conceitos retomados por alguns historiadores literários relativos ao termo "Pré-Modernismo", na intenção de sintetizar e estabelecer uma definição através do que já foi dito sobre tal período da nossa literatura.

Para isso, propõe a transposição do conceito *art nouveau* (ou arte nova), oriundo das artes plásticas, para a seara da arte literária e justifica sua aplicabilidade a parcela significativa da produção literária brasileira entre os anos de 1890 e 1920. Paes evidencia, ainda, que o estilo artenovista é partilhado em diferentes artes e aspectos da vida desse período conhecido como *Belle Époque*.

O surgimento do *art nouveau* não se deu através de manifestos e teorias radicais: "afirmou-se, antes, pela silenciosa mas eloquente atividade criadora de artistas de vários países europeus que, sem estar propriamente arregimentados em um movimento ou

escola, tinham em comum o empenho de reagir contra o academicismo" (PAES, 1985, p. 65) e produziam em harmonia, no tocante aos princípios estilísticos.

O momento histórico brasileiro correspondia consideravelmente a esse novo estilo de vida e de arte em voga na Europa, uma vez que, também por aqui, verificava-se essa espécie de *Belle Époque*. O *art nouveau*, então, foi importado e logo se difundiu por nosso país, já que "imitado por toda parte, marcou indelevelmente a nossa paisagem urbana e a nossa vida mundana, artística e literária, definindo o *Zeitgeist* do Pré-Modernismo" (PAES, 1985, p. 70).

A literatura brasileira aparentava viver momentos de prostração; tal condição começou a se transformar em torno da Semana de Arte Moderna, conforme pondera Bosi ao dizer que "[...] só por volta de 1922, quando as várias tendências do pensamento e da arte europeia afetaram a consciência brasileira, é que será compreendida e assimilada a verdadeira revolução espiritual e estética que trazia em seu bojo o Simbolismo" (BOSI, 1969, p. 12).

Os escritores envolvidos na formulação dos princípios do modernismo tiveram conhecimento das vanguardas europeias por duas vias principais: ou viajaram e se informaram, sendo eles os agentes das transmissões culturais; ou utilizaram os objetos culturais mediadores e informaram-se a partir das fontes impressas, já que muitos só podiam se valer do que liam, e os jornais eram uma fonte relevante para os intelectuais de parcos recursos, que não tinham condições de instruir-se lá fora.

Por meio do texto *Futurismo e Futurismos em Portugal*, de Rita Marnoto (2009), obtivemos a informação de que Xavier de Carvalho noticiou aos portugueses em primeira mão, através do *Jornal de Notícias*, do Porto, o *Manifesto de fundação do Futurismo*, de Marinetti, que havia sido publicado no parisiense *Le Figaro*, em 20 de fevereiro de 1909.

Xavier de Carvalho, naquela ocasião, escreveu o artigo "Uma nova escola poética – o Futurismo", para a edição do citado jornal publicada apenas seis dias após a publicação do *Manifesto*. Segundo Marnoto (2009, p. 65), além de realizar as apresentações gerais, Xavier de Carvalho tomou posição contrária ao programa que compõe o *Manifesto* e não lhe deu crédito, "classificando-o como um ror de *disparates* ao jeito *blague* carnavalesca".

Ainda que não houvesse aderido aos princípios vanguardistas, Xavier de Carvalho não só acompanhou o seu desenrolar, como também manteve os leitores do *Jornal de Notícias* a par da novidade, já que se verificou a retomada do assunto em publicações futuras e assim consolidou o seu papel de agente das transferências culturais.

Para o Brasil, através do jornal carioca *O País*, Xavier de Carvalho, como seu correspondente internacional, não nos enviou informações sobre a publicação do *Manifesto Futurista*; por outro lado, não nos poupou de seu posicionamento em todas as oportunidades em que elegeu manifestações futuristas para figurar em suas crônicas da coluna "Cartas de Paris".

2.5 O FUTURISMO AOS OLHOS DE XAVIER DE CARVALHO

O futurismo é considerado um movimento especificamente italiano, já que partiu de ideais nacionalistas. A visão que se tem do futurismo comumente está vinculada aos movimentos de apoio à guerra e diretamente relacionada ao fascismo; no entanto, reduzir esse movimento tão complexo a essas vertentes ideológica e política seria o mesmo que desconsiderar os verdadeiros benefícios dele, oriundos sobretudo da esfera artística e estética de vanguarda.

Em busca de uma "missão" relevante para a nação italiana, os esforços de seus intelectuais se davam pela ascensão e glória no âmbito cultural, artístico e intelectual, não apenas através do turismo, como era de praxe. Quanto aos ideais políticos, certamente a contribuição foi relevante, na medida em que o fascismo chegou a conquistar o poder na Itália; contudo, a primeira guerra precipitou o fim do futurismo e tentativas malogradas de reavivá-lo após o conflito tiveram pouco impacto.

Ligado às artes plásticas, o nascimento do futurismo se deu especialmente através dos italianos Umberto Boccioni e Gino Severini, que foram atraídos pela capital internacional da pintura, Paris. Por lá associaram-se a seu compatriota, Filippo Tommaso Marinetti, um "escritor malogrado, que acreditava obter repercussão maior escrevendo em francês" (CARPEAUX, 1968, p. 49). Marinetti se impunha à atenção do público, e a partir de um tom radical, virulento e arrogante publicou no jornal francês *Le Figaro*, no dia 20 de fevereiro de 1909, o primeiro Manifesto Futurista, que acabou alcançando o efeito desejado daquele que se tornaria reconhecido como pai do movimento.

A proclamação do fim da obra-prima, bem como a destruição das estéticas tradicionais, do academicismo, dos museus e das fronteiras entre a vida e a arte, foram assomadas à exaltação da guerra, tida como "a única higiene do mundo, [...] capaz de destruir os símbolos do passado para possibilitar a renovação e a reconstrução de novos símbolos para a humanidade" (PLOEG, 2013, p. 18). Sendo assim, os ideais de destruição foram estendidos à estética, já que consideravam ser esse o único meio de se alcançar uma expressão artística realmente nova.

Em meio às efervescências após a publicação do Manifesto Futurista, Xavier de Carvalho relatou ter assistido à peça *Le Roi Bombance*, de Marinetti, apresentado como "o poeta italiano, [...] chefe da escola futurista e diretor da revista de Milão *La Poesia*" (*O País*, 25 abr. 1909, p. 6). O correspondente descreveu como havia sido a recepção da peça por parte do público e evidenciou o espanto causado pela ruptura estética e temática, claramente proporcionada pelo experimentalismo artístico oriundo das ideias vanguardistas. A repercussão frente a essa nova e avançada concepção de arte não foi encarada como uma tendência vindoura, mas as manifestações ruidosas de Marinetti permitiram certo desvelo que ressoa até os dias atuais, tanto que "a história do futurismo realmente se confunde com a de seu líder F. T. Marinetti" (TELES, 1976, p. 78).

A tragédia-burlesca foi tida pelo cronista como um espetáculo "fantástico, extraordinário, abracadabrante", o que a princípio nos remete a uma apreciação positiva da peça, embora o último adjetivo denote algo misterioso, mágico, estranho e excêntrico; no entanto, só temos a percepção da real avaliação a partir de seu detalhamento. Xavier de Carvalho descreveu os quatro atos da peça e atestou não ter visto nada além de: "caminheiros, bichos de casinhola, *marmitons*, gente com o ventre cheio, gente com o estômago vazio, uns a reclamarem a sopa, outros a morrer de indigestão, uma mixórdia fantástica, extraordinária, tudo envolvido em frases de lupanar, palavrões de casas suspeitas, ditos de prostitutas, festas equívocas e imorais etc".

O estranhamento causado pela forma é indiscutível e a audácia de Marinetti reverberou de maneira inquietante; segundo o correspondente, a reação do público foi semelhante à sua; isso se confirma na medida em que considera que a peça do italiano recebeu o que merecia: "assobios, vaias, apupos". O autor foi alvo de todas as manifestações de chacota, uma vez que, no final de cada ato, a audiência reivindicava a sua presença em meio a gargalhadas. Xavier de Carvalho declarou ainda que a obra parece

ter sido escrita por um tresloucado, visto que "há muita gente no hospício [...] com menos motivo para ali estar", do que o próprio Marinetti.

Em contrapartida, o correspondente do *País* em Paris afirmou que, em termos de literariedade, a peça é curiosa, suas cenas possuem façanhas de um "ultrarromantismo burlesco e outras com a nota de Rabelais"; porém, como a intenção de Marinetti era polemizar, Xavier de Carvalho assevera que tudo é "sem pé nem cabeça", evidenciando que cada um de seus atos era descomunal e disforme. O correspondente conclui, satiricamente, dizendo que a peça *O Rei Glutão* foi o "epitáfio do futurismo", portanto considerando que a apresentação da obra inaugural do movimento de vanguarda após a publicação do *Manifesto Futurista* é exatamente a obra que tragicamente o encerra.

É possível que *Le Roi Bombance* tenha conseguido imprimir no público o intento de seu autor, que ansiava promover um movimento estético de "exaltação da vida moderna", o "culto à velocidade" e, concomitantemente, a "destruição do passado cultural" (TELES, 1976, p. 80) ao causar tamanho estranhamento. No entanto, mesmo com essa recepção, parece que "a peça não seria tão revolucionária quanto pretenderiam o dramaturgo e seus amigos, quase se limitando, segundo alguns, a continuar as experiências de Alfred Jarry" (NEVES, 1987, p. 20), o dramaturgo simbolista francês, inspirador do teatro do absurdo e autor de *Ubu Rei*.

Ainda que não haja ineditismo, os fundamentos propostos foram sistematizados de tal forma que lhe permitia alcançar o estatuto de nova estética, assim como assinala Annateresa Fabris ao ponderar que Marinetti soube dar "a essas ideias difusas, às vezes vagas, uma coesão lapidar, um certeiro efeito de choque, sobretudo graças à arma do escândalo, e, o que é mais importante, transfundi-las em efetivas formas estéticas, em verdadeiros princípios de um tipo de criação que se liberta cada vez mais dos modelos do passado" (FABRIS, 1987, p. 35). Ao propor um código, através de novos instrumentos de captação em relação com o público, inegavelmente Marinetti torna-se inovador.

A quebra dos meios tradicionais e o rompimento da ordem ao usar as palavras em liberdade inauguraram uma técnica expressiva que causou grande alvoroço, entejo e certa resistência; no entanto, o exótico, o erótico e o espírito revolucionário empregados favoreceram *Le Roi Bombance*, na medida em que o conteúdo, mesmo que através de evasões da vida real ou tradicional juntamente com episódios escatológicos, asseguraram

certa literariedade e também, mesmo que aos poucos, o interesse do público, provocando a popularidade de Marinetti.

Definitivamente o idealizador do futurismo estava sob todos os holofotes parisienses e conseguiu se colocar em um lugar de visibilidade, através de sua ousadia em manifestos, de suas ideias incomuns e de suas palavras de ordem em comícios futuristas. Por isso, já era tido como "o escritor da moda" pelo correspondente do *País* em Paris. Xavier de Carvalho dedicou uma crônica para elencar os feitos e as peripécias do italiano, em uma escala cronológica dos fatos. Mas antes declara que o italiano está conquistando Paris e, por sempre figurar entre os assuntos preferidos dos franceses, poderia ser considerado um "triunfador" (*O País*, 10 maio, 1909, p. 5).

O correspondente destacou, primeiramente, que o vanguardista lançou o futurismo a partir de teorias fantásticas, que causaram agitação e encolerizaram a capital francesa. Depois, apresentou a peça *Le Roi Bombance*, que produziu tanto espanto que foi ridicularizado de uma forma tão intensa, como nunca se viu antes. E, por último, Marinetti esteve envolvido em um duelo contra Charles-Henry Hirsch, poeta, romancista e dramaturgo francês.

Sobre o acontecimento derradeiro, o correspondente relatou não ter informações sobre as causas, embora cogitasse ter sido por motivos fúteis; por outro lado, mencionou que o desenrolar e o desfecho da briga eram de seu conhecimento, portanto detalhou que a troca de ofensas e murros aconteceram no Teatro das Artes, enquanto o intervalo do primeiro ato da última peça desenrolava. Como resultado, Marinetti feriu gravemente o seu adversário, que teve seu braço machucado, a ponto de precisar de curativos e ataduras, ao passo que o fundador do futurismo não sofreu sequer um arranhão, motivo pelo qual ficou ainda mais célebre.

Tal situação pode até mesmo ser entendida como proposital, uma vez que era "uma estratégia futurista, a confrontação física e psicológica com o público. [Era dessa forma que] os futuristas salienta[va]m o papel do artista como ativista modificador da realidade" (PLOEG, 2013, p.31), utilizando-se de táticas agressivas ao provocar debates que colocassem em xeque todos os aspectos que se tornaram obstáculos para a solidificação de uma nova estética.

Após um longo interregno sem que o futurismo figurasse entre os assuntos elegidos por Xavier de Carvalho em suas crônicas destinadas à coluna "Cartas de Paris",

em março de 1912, o correspondente traz a pintura futurista para o rol de temas a serem abordados (*O País*, 9 mar. 1912, p. 4). Nessa ocasião, por exemplo, a crônica de Xavier de Carvalho evidencia uma abordagem comum aos textos de imprensa (mas não só eles) de Eça de Queirós, que são considerados textos doutrinários, no sentido de que buscam propor orientações para produções artísticas, baseadas em sua própria experiência cultural. Embora no caso do escritor do *Primo Basílio* a vertente artística a que se refere seja a literária, Xavier de Carvalho não se limita a estabelecer orientações apenas a ela, ao estender suas sugestões para as mais variadas artes, mesmo que refutando a produção aludida para tecer suas recomendações.

O cronista relatou ter participado de uma exposição de arte futurista, mas logo de início fez uma objeção, dizendo que o evento que presenciou não foi exatamente de arte, como havia sido anunciado, mas de "*blague* carnavalesca", já que tudo não passava de piada, uma incansável busca do inédito "na troça", uma procura confusa e complicada do "arquifantástico". Tais fatos que confirmariam que, "de um modo geral, [...] esse movimento estava sob o signo da desorganização do universo artístico de sua época" (TELES, 1976, p. 22), em busca da destruição do passado, visando a valores estéticos incomuns e inovadores; portanto, efetivando a negação do presente também.

Para exemplificar a sua opinião, o correspondente descreveu um quadro denominado *Risos*; tratava-se de "uma escova, um par de punhos, a cauda de um gato e meia dúzia de castanhas assadas" (*O País*, 9 mar. 1912, p. 4). Asseverou que todos os outros tinham a mesma concepção. O cronista considerou que a pintura futurista só tem potencial para superar a pintura cubista, tida como uma "ignóbil brincadeira".

Sendo assim, afirmou que o futurismo na pintura ultrapassa a linha do cômico e atinge o domínio da loucura; por esse motivo, os pintores futuristas não deveriam ser levados a sério, uma vez que "não se inspiram em princípio algum de arte" e são raros os que dispunham do mínimo de talento. Xavier de Carvalho arrematou a sua crônica dizendo que a exposição de arte futurista foi um verdadeiro fiasco, muito provavelmente porque não só ele, mas também o público em geral foi obrigado a sair de sua zona de conforto e entrar em contato com um estilo de arte com que não estava acostumado ou disposto a considerar.

Podemos entender, através dos relatos de Xavier de Carvalho, que o intento de Marinetti e todos os adeptos do futurismo, independentemente da arte à qual pertenciam,

foi alcançado, tendo em vista que essa atitude provocativa e descomunal, em relação à arte tradicional e ao cânone, que era adotada nas exposições, acaba por promover debates que põem em discussão o conceito de arte. Esse tipo de atitude visava justamente a incomodar o público acostumado ao encantamento resignado e, sobretudo, provocar reações desconcertantes na plateia que já não contribuía para a verdadeira interação artística, na visão dos futuristas.

Do ponto de vista dessa vanguarda artística, a vaia tinha justamente um significado muito positivo. Ao ser vaiado, o artista enfim havia conseguido atingir o público que, acostumado às comodidades da arte tradicional, não era capaz de compreender a genialidade dos futuristas como verdadeiros artistas. Sendo assim, a vaia era sinônimo de glória para tais vanguardistas que enxergavam a real função do artista naqueles que agiam como ativistas no papel de modificar a realidade.

O *Salon des Indépendants* foi uma tradicional exposição de arte, localizada às margens do rio Sena e, conforme correspondência de abril de 1913, o evento daquele ano acabava de ser inaugurado. Segundo o correspondente, a "audaciosa e por vezes bem incoerente" (*O País*, 11 abr. 1913, p. 2) exposição existia há cerca 25 anos e fora responsável por revelar Cézanne, Van Gogh, Signac, Luce, Perinet e os cubistas.

Passaram pelo *Salon* personalidades inovadoras e acima de tudo curiosas, as quais lutavam contra todas as orientações da tradição romântica e das inspirações naturalistas; portanto, foram os *independentes* os responsáveis pelo advento das manifestações pontilhistas, impressionistas e cubistas, bem como do movimento orfista.

Xavier de Carvalho, deixou de falar especificamente da exposição de arte e se deteve um pouco mais no orfismo, utilizando uma linguagem satiricamente mais empolada na intenção de replicar a teoria à maneira de seus cultores mais extremistas. Sendo assim, destacou que o orfismo é a "pintura pura onde as medidas e as proporções da luz nos revelam os estados de alma" e tal luz não é exatamente um processo, já que a sensibilidade vem dos olhos e sem a sensibilidade não existe o movimento; nesse sentido, "os nossos olhos são a sensibilidade natural entre a natureza e a alma", que mantém a vida em harmonia.

Mantendo a mesma linha sarcástica, o correspondente declarou que a teoria da pintura moderna é um tanto quanto metafísica, já que a beleza ideal não é apenas a

expressão da espécie, mas do universo, na medida em que "ele se humanizou na luz". Além disso, destacou que audaciosamente, o orfismo tem como base "*le beau em soi*[19]".

Ao concluir suas colocações e sustentando sua veia irônica, o correspondente se dirigiu aos leitores para indagar-lhes se por acaso entenderam os princípios do movimento e, imaginando a resposta negativa, finaliza: "também nós, pouco ou nada compreendemos. Mas é o suficiente para ser iniciado e receber as três luzes".

Depois dessa pequena digressão, o correspondente explanou que a exposição continha mais de trinta salas e, ao percorrer cada uma delas, percebeu telas triviais e do "senso comum", como *As impressões da Bretanha*, de Louis Perinet e de tantas outras telas da mesma vertente, como de Juste, de Luce, de Quesnel, de Francis Jourdain, d'Angrand; mas também relatou de forma explicitamente irônica, que encontrou obras cubistas, futuristas e, portanto, "em plena incoerência".

Sobre o cubismo, Xavier de Carvalho declarou que seus adeptos são "arquifantásticos", já que "pintam uma virgem nua..." e completam com uma "confusão de quadros que parece um jogo de xadrez"; além disso, denuncia que, na escultura, os artistas conseguem superar a pintura, porque são "ainda mais extraordinários".

A crônica é finalizada pelo correspondente de forma a pontuar sua simpatia pelas expressões e estéticas tradicionais e a fixar sua absoluta repulsa pelos movimentos vanguardistas. Para isso, Xavier de Carvalho relatou que um crítico de arte tentou iniciá-lo nos ideais cubistas, futuristas e orfistas, o que nos remete ao pretensioso desvio anterior, porém fez menção ao seu inevitável abandono da exposição dos "independentes selvagens", já que fugiu para "o meio de Paris luminoso e humano", para não parar em um consultório de alienados.

Valentine Saint-Point, a primeira mulher a redigir um manifesto futurista, ministrou a conferência *Mulher Futurista*, provavelmente de onde originou o seu manifesto. Tal evento foi prestigiado pelo correspondente do *País* na capital francesa e, segundo ele, tinha o objetivo de defender a audaciosa e disparatada "apologia da luxúria e da violação da mulher" (*O País*, 22 jul. 1912, p. 4), portanto tratava-se da "defesa do bruto da era das cavernas". No entanto, o público não esteve de acordo com os inúmeros paradoxos proferidos pela "elegante" e "mundana" Mme. Saint-Point.

[19] A beleza em si.

Ao que tudo indica, a conferência tomou proporções nacionalistas e rudes, já que em meio à plateia um pequeno grupo de italianos futuristas reagiram às queixas soltando "vivas à guerra" e "abaixo a França", mas Xavier de Carvalho, fazendo uso de um vocabulário que remete ao combate quando o assunto é guerra, relatou que a maioria francesa respondeu à provocação esquecendo-se da hospitalidade ao contra-atacar brutalmente os agressores.

Mme. Valentine de Saint-Point, engajada no seu ideal revolucionário dos movimentos artísticos da *Belle Époque* e nas transformações culturais que visavam à renovação dos modos de pensar e viver o cotidiano, mais uma vez é alvo das crônicas de Xavier de Carvalho, que parece ter realizado uma entrevista com a artista multifacetada.

Dessa vez, a artista francesa, reconhecida pela sua versatilidade em artes completamente distintas, declarou qual seria a sua mais nova pretensão: "dançar os seus poemas" (*O País*, 12 jan. 1914, p. 2). A promessa consiste em exibir o futurismo por meio de coreografias geométricas e incutir à dança algo "superiormente cerebral", já que até então ela apenas cumpriu o seu papel de arte plástica, que nunca evoluiu, pois é sempre um acessório da música.

Xavier de Carvalho perguntou à bisneta de Alphonse de Lamartine como ela pretendia aplicar a geometria à dança e a explicação foi a seguinte: "Muito simples. Escrevo graficamente a minha dança como uma partitura, e de uma maneira racional. Quando o poema reclama uma ideia sintética de serenidade absoluta, enquadro geometricamente a minha figura em um quadrado. Para representar uma evocação ao sol recorro à figura cônica".

O cronista demonstrou interesse em presenciar a efetivação dos ideais de Valentine de Saint-Point, já que os apontamentos da artista revelaram-se mais comedidos, mesmo em se tratando de inovações vanguardistas, que eram sempre repudiadas por ele. A crônica é concluída de forma receptiva e elogiosa, especialmente ao dizer que a artista revolucionária tenta realizar o "máximo da harmonia estética, conservando a pureza da linha", e se diz ansioso para assistir à tão anunciada conferência da célebre futurista.

A próxima correspondência já relatou aquele que foi "um dos maiores acontecimentos" (*O País*, 15 jan. 1914, p. 4) do teatro dos Campos Elíseos, "um verdadeiro escândalo". Tratava-se do evento sobre a dança futurista promovido por Vallentine de Saint-Point que, "quase nua", ministrou sua conferência através de poses

extravagantes, exibindo “quadrados e triângulos, ovais e ângulos” para exprimir os diversos sentimentos dos seus poemas.

Xavier de Carvalho destacou que Mme. Saint-Point usava o cognome “Anjo da Luxúria” para se apresentar em Paris e declarou que suas sucessivas conferências espalhavam dogmas no mínimo exóticos e bizarros que induziam até mesmo ao incesto. O correspondente anunciou que a artista futurista pretendia levar sua série de preleções de “pouca-vergonha refinada” à América do Sul, sendo o Rio de Janeiro um dos prováveis destinos.

O correspondente estabeleceu um paralelo entre o simbolismo e o futurismo, na medida em que considerou a dança futurista como sendo destinada “para os raros apenas”, bem como são os “versos simbolistas”. Nesse sentido, Xavier de Carvalho resgatou a declaração de Eugênio de Castro a respeito de seu livro “*Horas*”, de 1891, que era “para os raros apenas”, identificando no futurismo o mesmo desprezo pelo grande público ou o público burguês.

Por outro lado, Xavier de Carvalho manifesta que as conferências de Valentine Saint-Point que visavam a espalhar as doutrinas da “luxúria futurista” na então capital brasileira certamente causariam um grande frenesi, alcançando um sucesso superior às que realizaram “Paul Doumer ou Jaurés”, ambos políticos aclamados pelo público e exímios oradores, Doumer inclusive foi eleito presidente da França de 1931 a 1932, ano de seu assassinato.

No entanto, o correspondente deixa nítido que o presumível êxito das conferências da artista futurista não se concretizariam pelo cultismo ou pelo espírito inovador dos intelectuais brasileiros, mas sobretudo por conquistar a “rapaziada alegre do Rio”, que recepcionaria e aclamaria a conferencista que “em fralda e de cabeleira ruiva” apresentaria “as mais apetitosas formas”, geométricas ou não.

Pela passagem fica evidente que, na percepção de Xavier de Carvalho, é o erotismo e não a erudição que marcaria a presença de Mme. Saint-Point no Brasil, onde seria escoltada por “tenentes do diabo” e acompanhada por vários “Zés Pereiras”. Nesse sentido, o correspondente internacional do *País* na capital francesa faz uma correlação sarcástica e estereotipada com o carnaval carioca.

O que se pode depreender da avaliação de Xavier de Carvalho sobre o futurismo, através de suas crônicas para as "Cartas de Paris", sendo ele parte integrante desse público que, não apenas assistiu, mas também participou dos confrontos promovidos escandalosa e provocativamente pelo seu idealizador, Marinetti, é que o choque em relação à estética causou tamanho estranhamento que a tomada de posição verdadeiramente artística ficou encoberta, mas não o suficiente para que a literariedade passasse despercebida aos olhos daquele que muito contribuiu para a divulgação e até mesmo formação do decadentismo-simbolismo em Portugal, ao identificar um "ultrarromantismo burlesco" e algumas "nota[s] de Rabelais" em *Le Roi Bombance*, por exemplo.

A literariedade da peça de Marinetti é tida de uma forma velada, pretensiosamente clandestina ou até mesmo subliminar, mas através de uma perspectiva mais técnica, Xavier de Carvalho conseguiu enxergá-la e até mesmo elogiá-la; tal peripécia não atingiu as outras artes avaliadas por ele. Na pintura, o correspondente não aponta sequer um elemento positivo, tampouco na dança futurista; no entanto, o que se sobressai de suas avaliações é a recorrente associação de tais manifestações ao carnaval.

É possível que a insistente subversão dos preceitos futuristas, que provocam a marginalização dos padrões comuns à arte, cultura e até mesmo à vida em sociedade tradicionais, possa ter levado o correspondente a essa associação com o carnaval. Além do mais, ao avaliar a peça de Marinetti, o correspondente cita Rabelais, que é tido como o autor que mais exemplarmente utiliza-se da carnavalização em suas obras, segundo o próprio criador de tal conceito literário, Mikhail Bakhtin (1895-1975).

A partir desse viés, esses momentos em que Xavier de Carvalho observa nas manifestações futuristas a ridicularização de uma condição transcendente em busca de renovação, ou ainda a transformação e a exposição exagerada de imagens grotescas ou do baixo corporal, bem como a abolição das formalidades estão diretamente relacionadas à teoria da carnavalização bakhtiniana. Portanto, o correspondente internacional do *País* em Paris demonstrou que sua compreensão holística da cultura, da arte e também da vida em sociedade em termos de visão de mundo era coerente, na medida em que essas transgressões que dão suporte à carnavalização, estão presentes nas manifestações futuristas.

2.6 FUTURISMO NO BRASIL: MESTIÇAGEM

Conforme Mário da Silva Brito, em "História do Modernismo Brasileiro" (1971, p. 29), Oswald de Andrade foi o responsável por trazer o futurismo de Paris para o Brasil, onde chegou de regresso em 1912. Por outro lado, o próprio Oswald menciona a importância dos textos de imprensa para a efetivação de tal evento ao dizer que se "habituara a frequentar uma grande livraria da Rua 15 de Novembro, a Casa Garraux, onde o editor José Olympio iniciou a sua carreira". Aí se encontravam todas as novidades da Europa. Editoras, livros e revistas [que] sempre foram preocupações paulistas" (ANDRADE, 1954).

Portanto, o jovem intelectual brasileiro exerceu a função de mediador cultural, ao efetivar as atribuições de um agente das transferências culturais entre o Velho e o Novo Mundo por intermédio das duas vias possíveis de ser realizadas, já que foi direto à fonte por intermédio de suas viagens, mas também assimilando e se fundamentando nas informações adquiridas por meio dos impressos. Tal conduta é característica daquilo que Jardim considera ser o primeiro de dois tempos do movimento modernista brasileiro (compreendido os anos entre 1917 e 1924), ao dizer que "nesse primeiro tempo, intensificou-se o contato dos brasileiros com as vanguardas europeias. Livros e revistas foram importados, e, aqueles que podiam, viajavam para Paris (JARDIM, 2022, p. 7).

O processo inaugural de transferências culturais acerca do futurismo marinettiano para o Brasil a partir da imprensa, do qual temos notícia, realizou-se poucos meses após a divulgação do "Manifesto Futurista em Paris", de Marinetti, que foi publicado no dia 20 de fevereiro de 1909. Trata-se de uma crônica do jornal carioca *Correio da Manhã*, denominado "O Futurismo" e assinado por Manoel de Souza Pinto, certamente o correspondente do diário carioca em Lisboa, de onde foi remetido no dia 17 de março e publicado na coluna "À hora do Correio", no dia 6 de abril de 1909.

Manoel de Souza Pinto introduziu seu texto evocando o poder da palavra e o fato de "uns jovens eloquentes" (*Correio da Manhã*, 6 abr. 1909, p.1), "esperançosos mancebos italianos" terem criado "barulhentamente" mais uma palavra "com tão dissonoro vocábulo", através de um "manifesto berrante": "*futurismo*". O correspondente procurou definir a nova escola literária, utilizando-se da ironia, ao dizer que o tempo empregado por ela é o "tende ser", pois que "sem nunca ter presente, nem muito menos

passado, [...] se deve contentar em esperar o futuro", mas acrescentou que se enganam quem pensa que o futurismo é tão original que não tenha precedentes ou raízes pregressas, já que muitos lojistas utilizam-se do mesmo "sistema imitadíssimo" a tempos, ao declarar aos fregueses algo do tipo: "fiado, só amanhã".

Sendo ainda sarcástico, Manoel de Souza Pinto disse que o futurismo "em definição maneirinha, ao alcance de todas as inteligências", poderia definir-se como "as cócegas de imortalidade que um grupo de artistas incipientes sentiu do futuro". O correspondente elencou alguns dos pontos mais "audaciosos" e polêmicos do "bombástico documento", bem como a exaltação da "insônia e da bofetada"; a glorificação da guerra; a demolição das bibliotecas, tidas como dormitórios, e dos museus, verdadeiros cemitérios; além do desprezo pela mulher e teceu algumas considerações igualmente irônicas, para enfim concluir que:

> [...] os iconoclastas da última hora [continuam] curtindo a sua temerosa indigestão de Nietzsche, Wagner e Savonarola. [...] Com trinta anos, é certo, que estes senhores – a cuja frente está o literato F. T. Marinetti, de que um dia vos hei de falar – já podiam ter mais juízo; mas, enfim, com a alimentação que tem seguido, nada admira que aguentem ainda tais ideias. [...] Com tal programa, não digo que seja muito interessante lê-los, mas deve ser sobremaneira pitoresco vê-los devorar os seus suculentos almoços de ódios, fogo e velocidade... não lhes admiramos, por enquanto, os cérebros; invejamos-lhes sinceramente os estômago...

Como uma das primeiras, se não a primeira, notícia que os brasileiros puderam ter sobre o Manifesto Futurista de Marinetti, o artigo de Manoel de Souza Pinto carrega a mesma carga negativa que Xavier de Carvalho imprimiu às suas avaliações a tudo o que dizia respeito à vanguarda futurista. Possivelmente, as imprensas, tanto a brasileira, a portuguesa e até mesmo a francesa da época, reagiram de forma semelhante ao relacionar o futurismo à loucura e tantas outras características do mesmo campo semântico.

As notícias sobre o futurismo que chegaram ao Brasil, em sua maioria, foram esparsas, superficiais e já carregadas de deliberações, fato que pode ter contribuído para a falta de repercussões mais relevantes no meio intelectual daquele momento; bem como relata Bosi (1975, p. 300) ao dizer que "o termo futurismo, com tôdas as conotações de 'extravagância', 'desvario' e 'barbarismo', começa a circular nos jornais brasileiros a partir de 1914 e vira ídolo polêmico na boca dos puristas. Por outro lado, é importante ressaltar o papel da imprensa como suporte das transferências culturais, pois ao veicular

novos horizontes culturais certamente aguçou a curiosidade intelectual daqueles que tinham condições financeiras suficientes para conhecer de perto o movimento futurista.

Faz-se relevante destacar que, o "Manifesto Futurista em Paris", de Marinetti, foi publicado no dia 20 de fevereiro de 1909, no jornal parisiense *Le Figaro*, como dito anteriormente, e foi reproduzido na sua integralidade no mesmo ano em dois jornais brasileiros; "em 5 de junho em *A República*, de Natal-RN; e em 30 de dezembro no *Jornal de Notícias*, da Bahia-BA" (VENSON, 2016, p. 1); embora seja possível que tenham "passado despercebido[s]", conforme o relato de Gilberto Mendonça Teles (1976) sobre a publicação do *Jornal de Notícias*.

Alguns dos nossos escritores modernistas pertenceram a uma classe social privilegiada e, por isso, gozaram de condições especiais para as suas formações artísticas e culturais; bem como pondera Bosi ao dizer que "só um grupo fixado na ponta de lança da burguesia culta, paulista e carioca, isto é, só um grupo cuja curiosidade intelectual pudesse gozar de condições especiais como viagens à Europa, leitura dos *derniers cris*, concertos e exposições de arte, poderia renovar efetivamente o quadro literário do país" (BOSI, 1975, p. 301). Assim foi o caso de Oswald de Andrade, por exemplo, que realizou viagens pela Europa e teve contato com o "Manifesto Futurista, de Marinetti, [que] anuncia[va] o compromisso da literatura com a nova civilização técnica, prega[va] o combate ao academismo, guerrea[va] as quinquilharias e os museus e exalta[va] o culto às 'palavras em liberdade', [tudo isso] foi-lhe revelado em Paris" (BRITO, 1971, p. 29), de onde trouxe esse manancial de ideias para uma renovação estética que poria em prática posteriormente por aqui.

Não apenas o combate ao academismo, mas sobretudo o culto às palavras em liberdade, através dos versos livres, conquistaram o jovem brasileiro, uma vez que sua grande inabilidade de metrificar, tinha a chance de se transformar em virtude e alcançar a glória. A coroação de Paul Fort como príncipe dos poetas franceses teve mais significado para Oswald de Andrade do que propriamente toda a repercussão das doutrinas futuristas de Marinetti, justamente porque o francês era tido como "o mais formidável desmantelador da métrica de que há notícias" pelo brasileiro (BRITO, 1971, p. 30).

Nunca foi intenção de Oswald de Andrade abdicar dos aprendizados adquiridos na Europa, mesmo sendo rechaçado ou escarnecido por isso. Seu intento era fazer com

que o futurismo (inegavelmente já praticado por ele e por tantos outros antes, mas também com novos preceitos importados em 1912) circulasse pela sua terra natal, "não imitativamente, mas como um processo a ser, com o tempo, absorvido pela cultura" (BRITO, 1971, p. 35) e, portanto, através da configuração da mestiçagem.

Embora a figura de Oswald de Andrade esteja em realce, como forma de exemplificação, faz-se necessário a abertura de parênteses para mencionar que vários escritores brasileiros priorizaram novos ideais estéticos, inclusive trouxeram da Europa, através de viagens ou não, notícias das vanguardas;

> Manuel Bandeira travara contatos com Paul Eluard, na Suíça, e viera marcado por um neo-simbolismo de cuja dissolução nasceria o seu modo de ser modernista; Ronald de Carvalho, embora pouco tivesse de revolucionário, ajudara em 1915 a fundação de uma revista da vanguarda futurista portuguesa, Orfeu, centro irradiador da poesia de Fernando Pessoa e de Sá Carneiro; Tristão de Ataíde e o próprio Graça Aranha conheceram igualmente as vanguardas europeias centradas em Paris; e da Paris de Apollinaire, Max Jacob e Blaise Cendrars vinha a poesia moderníssima de Sérgio Milliet, escrita embora em Genebra (*En singeant, Le départ sous la pluie*) (BOSI, 1977, p. 300).

Para além dessa questão puramente financeira que permitiu a ida de intelectuais brasileiros à França e tantos outros países europeus, faz-se importante relatar também que alguns artistas brasileiros receberam bolsa de estudos do governo paulista, na pessoa do mecenas José de Freitas Valle, para estudar na Europa, tal iniciativa pública levava o nome de Pensionato. Dentre os pensionistas estão os nomes de Anitta Malfatti, Souza Lima, Victor Brecheret, bem como Dario e Mário Vilares (os irmão pintores que eram frequentemente aludidos por Xavier de Carvalho em suas crônicas), que puderam entrar em contato com as vanguardas e contar com os mais variados impulsos da modernidade (CAMARGOS, 2011, p. 53-31).

A difusão das ideias vanguardistas aqui no Brasil despertou polêmicas que acirraram a dicotomia "passadistas" *versus* "futuristas" entre os intelectuais. Os contemporâneos de Oswald de Andrade eram em sua maioria parnasianos, outros poucos, mais progressistas, tendiam ao simbolismo. Dessa forma, as questões históricas acerca do modernismo vindouro foram marcadas por controvérsias, especialmente porque as ideias pretensiosas de renovação da arte nacional não tiveram a melhor recepção.

Não podemos nos esquecer de que para além de uma ruptura estética, que visava ao fim da arte pela arte e a aproximação dela com a vida, bem como a renovação radical dos valores do passado, o programa futurista marinettiano propunha também a destruição dos preceitos burgueses; além disso, a sua relação com uma série de ideais reacionários, nos leva diretamente à vinculação de Marinetti ao fascismo. Assim sendo, certos conceitos expressos nos manifestos, como a apologia à guerra, podem ter contribuído para que segmentos importantes da cultura e até mesmo da política brasileira tenham demonstrado contrariedade, mas não sem antes fomentar aquele que se tornaria um dos debates culturais mais representativos da história do Brasil.

Por aqui, o consumo da palavra futurismo foi intenso em 1920, porém "os modernos não se declaram dentro da escola de Marinetti, e há, mesmo, os que a combatem, mas são todos considerados futuristas pelos inimigos das novas tendências" (BRITO, 1971, p. 161). Por esse ponto de vista, os opositores da estética consagrada são forçosamente arregimentados ao futurismo, sobretudo pelo futurismo ser uma espécie de sinônimo de diferente, estranho e inusitado.

Bastava que um leitor, quanto mais um crítico, denunciasse a produção estranha, para que o artista fosse colocado "à margem da corrente geral" e com o tempo o termo futurismo adquiriu um sentido pejorativo, significando, "no mínimo, falta de equilíbrio; [...] ligado à ideia de loucura, de patológico" (BRITO, 1971, p. 162). Os críticos, ao apartar os artistas tidos depreciativamente como futuristas, não se equivocaram ao agrupá-los, porque realmente eles se distanciaram da arte acadêmica e, mais tarde, estariam reunidos na Semana de Arte Moderna.

Por outro lado, é importante destacar que a palavra futurista não está necessariamente ligada à ideia de que tais artistas eram seguidores incontestáveis da estética italiana; tampouco esse era o anseio deles, uma vez que não pretendiam ser "reconhecidos como cultores da arte apoiada nos padrões estéticos aceitos pacificamente" (BRITO, 1971, p. 164), mas insistiam nas inúmeras modalidades possíveis da nova estética, talvez por esse motivo, pouco depois, se convencionou a alcunha modernista.

Desta forma, o panorama artístico brasileiro começou a se transformar a partir da formação ou reformulação de uma vida intelectual mais inconformista, pois, na busca por emancipação cultural e atualização da literatura brasileira, seus integrantes chegavam a refutar as obras nacionais já consagradas atribuindo-lhes uma espécie de reprodução

servil, pura imitação e mero simulacro das tendências internacionais, mesmo que para isso fosse preciso "importar ideias nascidas em [outros] centros culturais", o que de forma alguma "implicava uma renegação do sentimento brasileiro", uma vez que o propósito era a "aplicação de novos processos artísticos às inspirações autóctones" (BRITO, 1971, p. 32).

Aos olhos dos jovens vanguardistas, o Brasil vivia certo marasmo cultural, já que o progresso estético já inaugurado logo nos primeiros anos do novo século era renegado, e o passado essencialmente parnasiano não era renunciado. Os ideais apregoados por Oswald de Andrade para o plano da cultura vislumbravam não apenas a inovação, a modernização e a libertação dos cânones acadêmicos, mas concomitantemente uma manifestação de nacionalidade através da preservação, ou melhor, da exaltação das raízes nacionais e da natureza tropical, campos inegavelmente férteis para as artes.

Inicialmente e durante um longo interregno, os idealizadores da Semana de Arte Moderna relutavam a adoção do cognome futurista. Mesmo com a simpatia por várias revoluções oferecidas por Marinetti, que além de tudo proporcionou o esquema perfeito para combaterem as artes passadistas ainda realizadas no Brasil, os vanguardistas ansiavam pela preservação do ineditismo e sobretudo da personalidade própria.

Nesse sentido, destaca-se o que escreveu Mário de Andrade no "Prefácio Interessantíssimo": "Não sou futurista (de Marinetti). Disse e repito-o. tenho pontos de contato com o futurismo. Oswald de Andrade, chamando-me de futurista errou. A culpa é minha. Sabia da existência do artigo e deixei que saísse". Mário se remete ao poema "O meu poeta futurista", de Oswald de Andrade, publicado no *Jornal do Comércio* em 1921 "que deu o que falar, provocou escândalo [e] aborreceu o escritor" (BRITO, 1969, p. 93).

Porém, a "utilização polêmica dos instrumentos de trabalho fornecidos pelo iconoclasta italiano" venceu os "impulsos do próprio temperamento" (BRITO, 1971, p. 247) e, independentemente de algumas tentativas de refutações, os jovens paulistas foram classificados como futuristas e todas as suas ambientações, atualizações, adaptações e aclimatações realizadas na doutrina futurista de Marinetti contribuíram muito para as artes brasileiras de forma inovadora e original.

Mário da Silva Brito ainda relata que, após as ponderações ressentidas de Mário de Andrade sobre "O meu poeta futurista", a palavra futurismo e suas derivadas angariaram uma nova energia, já que "antes, é exato, o vocábulo já era conhecido, e

provocara, mesmo rumor e polêmica. Mas, agora, correspondia a uma realidade nossa, não mais dizia respeito a uma situação apenas estrangeira" (BRITO, 1969, p. 94)

Surge dessa forma, o chamado futurismo paulista, que teve sua histórica forma de representatividade pública na semana de 13 a 18 de fevereiro de 1922, portanto na Semana de Arte Moderna. A partir dela, os ideais modernistas alcançaram todo o país; por outro lado, a Semana não pode ser considerada como marco inaugural do movimento (uma vez que o grupo entusiasta já se havia consolidado e trabalhava nesse sentido anos antes), mas puramente parte do processo e quiçá o auge de uma "rebelião estética" (BOAVENTURA, 2008, p. 14) para expor o emergir de uma nova mentalidade, arregimentar novos adeptos e esboçar o produto mestiço do ideário estético do modernismo.

Embora seja impossível desconsiderar a relação de semelhança e até mesmo de parentesco entre ambos os movimentos (já que o futurismo de Marinetti foi aclimatado por aqui pelos jovens brasileiros), no momento do recrudescimento da rebelião paulista, o futurismo italiano já se encontrava em decadência manifesta por toda a Europa. Em todo caso, a vanguarda italiana chegou ao Brasil vinculada ao conceito de moderno e "nada mais natural do que usar suas bandeiras para, no início, desarmar os espíritos locais resistentes às novidades" (BOAVENTURA, 2008, p. 22).

Os manifestos de Marinetti e a forma como eram difundidas as doutrinas literárias eram atraentes pelo poder incisivo de persuasão, especialmente aos olhos sequiosos por novidades como os introdutores do nosso modernismo que, admirados pela dinâmica e eficiência na difusão do futurismo, ansiavam sistematizar as premissas da inovação do código literário tão bem quanto o italiano e companhia.

O grupo dos intelectuais paulista reunido, a par do movimento futurista europeu, encontrara-se em plena harmonia principalmente quanto à revolta em relação às artes acadêmicas praticadas no país, à época, fato que o tornaria perturbador da ordem estética. Para que pudesse apresentar o projeto modernista em oposição aos passadistas, aceitava inclusive ser associado puramente ao futurismo marinettiano, a essa altura; "ser futurista poderia valer por um título de glória" (BRITO, 1971, p. 167), justamente pela rebeldia da doutrina e das realizações do italiano que, de certa forma, faziam parte dos planos modernistas.

Os ideais vanguardistas dos paulistas foram, de fato, apregoados de forma um tanto quanto apelativa, por isso soavam arrogantes, beirando a imposição. No entanto, o

entusiasmo pela renovação da linguagem artística, pela modificação do padrão estético vigente e por todos os ideais modernistas não foi o suficiente para convencer os intelectuais. Um grupo deles condenava aquela espécie de delírio coletivo e também havia aqueles que recorreram à indiferença, mas o fato é que o conservadorismo desde o início tolheu a consolidação dos novos ideais e a soberania do parnasianismo parecia não esmaecer.

Já pelo grande público, as vanguardas europeias não eram conhecidas antes da efetivação da Semana de Arte Moderna. A imprecisão em torno do assunto gerara a sensação de que a rebelião paulista não passava de reverberação do movimento futurista italiano; a princípio, muito dessa associação e até mesmo confusão se deu pela imprensa.

No entanto, os vanguardistas não apenas aceitaram a alcunha de futuristas, como se autodenominaram os futuristas de São Paulo, mesmo que através de rebeldia na intenção de aborrecer os opositores conservadores e delimitando as discrepâncias entre eles. Mas, sobretudo, por conseguirem admirar a beleza do futurismo e identificá-lo como "coisa séria, raciocinada e honesta", sem que para isso precisassem "aplaudir-lhe as aberrações", bem como relatou o porta-voz público dos modernistas, Menotti del Picchia, sob o pseudônimo Helios, para a coluna "Crônica Social" do *Correio Paulistano*. (*Correio Paulistano,* 6 dez. 1920, p. 3).

Sem dúvida, as estratégias fundamentais do movimento italiano serviram aos literatos de São Paulo na definição das diretrizes de atuação por aqui. Fato relevante é como o modo negativo por que a imprensa nacional caracterizou o futurismo italiano permitiu aos nossos vanguardistas assumirem o termo como poderoso artifício na provocação de converter em algo positivo, ou pelo menos em alegoria da modernidade ansiada, o que até então era alvo de críticas ferrenhas.

Por outro lado, o nacionalismo tão priorizado pelos jovens vanguardistas paulistanos, especialmente por Mário de Andrade, manteve resistências no que se refere às várias tomadas de decisões e posições contra o servilismo colonial e a importação pacífica de estéticas, técnicas, poéticas, ou simplesmente nomenclatura, assim como relatou Oswald de Andrade, ao dizer que, "a princípio, aceitou-se sem hesitação o epíteto 'futurista'. Depois, começaram os escrúpulos partidos, sobretudo, de Mário de Andrade. Ele nacional e nacionalista como era, não se sentia à vontade dentro do rótulo estrangeirante. Assim, pouco a pouco, foi encontrada a palavra 'modernista' que todo

mundo adotou" (ANDRADE, 1958). Enfim, com o passar do tempo os vocábulos foram incorporados à dicção correntia e tornaram-se de domínio comum.

É inegável a atenção dos primeiros modernistas brasileiros aos recursos de modernização proporcionados pela Europa, fato que não invalida a busca pela autenticidade abalizada pelo conceito de nacionalismo em repúdio ao passadismo. De outra maneira, esse processo em prol do nacionalismo também existiu nas literaturas europeias que, para ser evidenciado, precisou do radicalismo vanguardista. Porém, o simples fato de serem nações diferentes, o processo de mestiçagem já se configura, especialmente pelas adaptações que necessitavam ser feitas ao adentrarem a realidade brasileira.

O projeto de autenticidade coligado ao nacionalismo foi priorizado pelos brasileiros, que estavam dispostos a segui-lo desde que amoldado à nossa realidade e sobretudo associando a ele a negação à imitação inescrupulosa de qualquer literatura, mas especialmente as literaturas francesas, italianas e até mesmo portuguesa (como julgavam já ter acontecido demasiadamente por aqui), em prol de uma cultura norteadora de sua identidade nacional.

O ano do centenário da independência do Brasil foi escolhido para celebrar a autonomia política, mas também para conquistar "acima de tudo a independência mental e [...] moral" (BRITO, 1971, p. 174), já que a questão psicossocial brasileira era um dos propósitos da idealizada estética original.

Já a cidade de São Paulo foi eleita como a sede do evento pelos modernistas, justamente pelo seu inegável cosmopolitismo e por ser a cidade que mais ostensivamente se transformou, em um crescente aprimoramento em todas as instâncias, não somente a artística e, por isso, o modernismo é um movimento "mais do que brasileiro, é paulista. Ou, em outros termos, é brasileiro enquanto paulista" (BRITO, 1971, p. 177). Sobre a eleição de São Paulo como sede da Semana de Arte Moderna, explica Oswald de Andrade (1954):

> Se procurarmos a explicação do porquê o fenômeno modernista se processou em São Paulo e não em qualquer outra parte do Brasil, veremos que ele foi uma consequência da nossa mentalidade industrial. São Paulo era de há muito batido por todos os ventos da cultura. Não só a economia cafeeira promovia os recursos, mas a indústria, com sua ansiedade do novo, sua estimulação do progresso, fazia com que a competição invadisse todos os campos de atividade

É inegável que a construção basilar do nosso modernismo se deu através de importações das inovações de vanguarda estética advinda da Europa. Ainda que haja a possibilidade de que os ideais nacionalistas brasileiros tenham criado certo tipo de resistência à estabilização do futurismo marinettiano por aqui, especialmente à medida em que o centenário da nossa independência se aproximava, a recepção do futurismo no Brasil, mesmo que polêmica, foi essencial para a nossa literatura, tendo em vista que aguçou a percepção sobre nossa própria realidade e ampliou nossos horizontes culturais.

Ainda que "o nosso futurismo [tenha sido] muito menos ousado em suas formulações teóricas" (PLOEG, 2013, p. 75) e ainda que os futuristas paulistanos não tenham aceitado todos os postulados futuristas marinettiano, ambos os movimentos utilizavam-se das técnicas da publicidade, através dos meios de comunicação em massa, para difundir suas propostas, seja por via dos jornais, ou ainda através de revistas culturais criadas para essa finalidade. Nesse sentido, os vanguardistas dos dois lados do oceano serviam-se das armas que possuíam para polemizar, sendo a polêmica o principal gatilho na função de promover debates. Para além dessa particularidade, conforme Annateresa Fabris, o movimento brasileiro aproxima-se do futurismo italiano especialmente em relação à:

> Exaltação marinettiana da velocidade; o culto do progresso, desvinculado, porém, da negação do passado; a dialética destruição/construção como prefiguração da arte por vir; o ataque mordaz e sistemático ao passadismo, considerado não apenas apego ao já consagrado, ao estabelecido, obediência a esquemas, mas também a cristalização expressiva de descobertas anteriores. (FABRIS, 1990, p. 76)

Embora houvesse confusão entre os termos "futurismo" e "modernismo" especialmente por parte da imprensa da época, por não haver uma distinção sistematizada entre os conceitos, não havia como negar que a arte modernista brasileira surgiu a partir de fortes bases do futurismo de Marinetti; por isso se amalgamavam. No entanto, apenas com um pouco de distanciamento temporal, mesmo sem respaldos teóricos e metodológicos, a diferenciação entre o futurismo italiano e o modernismo brasileiro se desenharam, sobretudo ao serem levado em consideração os diferentes contextos sócio-político-culturais entre a Itália e o Brasil.

A bem da verdade, pode-se dizer que o modernismo brasileiro estava em processo de tomada de consciência sobre si mesmo, enquanto assimilava as influências estrangeiras; por isso, as situações paradoxais eram constantes, bem como a dialética nacionalismo e cosmopolitismo, uma vez que as inovações estéticas oriundas da Europa despertaram a necessidade do discurso nacionalista. O paradoxo atingiu inclusive a cidade de São Paulo, tida como a mais cosmopolita do Brasil, mas escolhida para negar as interferências estrangeiras; ou ainda, enquanto a prática discursiva apregoava a destruição do passado e da tradição, sendo que, verdadeiramente, o que se buscava era a construção de uma identidade; ou então, preparar uma comemoração da independência política sem ser completamente capaz de produzir arte com independência cultural.

O que resta é o fato de que as realidades brasileira e italiana eram completamente díspares; tanto que, quando o futurismo italiano voltou à tona com a vinda de Marinetti ao Brasil, para realizar uma série de conferências, em 1926, já não se teve um encantamento por parte da elite intelectual brasileira, que julgava o movimento futurista ultrapassado, uma vez que já havia sido aclimatado e reformulado por aqui, compondo o amálgama que recebeu o epíteto de modernismo adotado por todos. Sendo assim, Marinetti é, ironicamente, mal recebido pelos modernistas brasileiros. Mário da Silva Brito tece um apanhado das considerações realizadas pelos "ex-futuristas" como:

> Cassiano Ricardo, antigo passadista, ora compondo o grupo *Verde-e-Amarelo*, considera a vinda de Marinetti retardatária e inoportuna. Afirma que o futurismo não interessa ao espírito brasileiro. Assinala que ele constituiu um efêmero completamente estranho para nós outros. "O que queremos, agora, é coisa muito diversa. Queremos ser arrogantes, dentro da nossa terra. Queremos falar um idioma que identifique as nossas aspirações. Rumo ao Brasil, como disse, ainda há pouco, o grande poeta de Chuva de Pedra. Estamos cansados de tutela europeia. Nada de futurismo" – escreve. Menotti Del Picchia assevera que o Brasil não precisava do futurismo porque éramos o país do futuro. O que devera ter sido destruído no Brasil, já o fora e eram, precisamente, as ideias importadas. Antonio de Alcântara Machado, de outra facção modernista, também o repudia, achando que Marinetti faria melhor se ficasse lá na Itália. "Ela é que precisa de sua atividade renovadora. Nós não. O que nós precisamos com certeza é fechar as portas às manifestações injustamente batizadas de artísticas (são mercantis e mais nada) que a sua terra, entre outras também da Europa, vive nos mandando. Isso sim que é necessário" – lembra em artigo no *Jornal do Comércio*. Mário de Andrade recusou-se a saudá-lo e, na sua opinião, "esse carcamano veio fazer a gente perder quase metade do caminho andado". (BRITO, 1969, p. 95)

Por outro lado, a resistência do público brasileiro, como não poderia deixar de ser, também foi em relação à divulgação do fascismo promovido pelo pai do futurismo, tido como "um agente de Mussolini", que na ocasião viria "surrupiar a bolsa da colônia italiana para o fascismo de Mussolini" (BRITO, 1969, p. 15). O fato é que, no dia 24 de maio de 1926, diante de uma plateia numerosa do Cassino Antártica, em São Paulo, Marinetti não conseguiu proferir sua conferência tamanha rejeição do público, que não atendeu aos apelos nem mesmo de antifuturistas como Moacir Chagas e Laurindo de Brito e vaiaram, atiraram ovos, legumes e bombas durante duas horas e meia até que o italiano, por fim, desistiu de realizar o seu intento em terras brasileiras.

Os princípios futuristas marinettianos, no entanto, foram gradualmente abandonados à medida em que foram aclimatados e reconfigurados por aqui, alguns outros foram, de certa forma, rechaçados, tendo em vista que não se aplicavam à realidade do Brasil como, por exemplo, o repúdio ao passado e a incitação à demolição da arte para rejuvenescê-la, sendo que o nosso país estava em vias de construção de uma história da civilização e formando seus cânones literários, tão caros e recentes para serem tão rápido e brutalmente destruídos. Sem contar a aversão da maioria dos brasileiros ao fascismo, cujo extremismo, conservadorismo e violência adotados para alcançar os objetivos da nação não dialogavam com o nacionalismo brasileiro, tão mais pacífico e menos radical.

Portanto, a prodigiosa Semana de Arte Moderna, através dos jovens vanguardistas de São Paulo, nos revelou que a ruptura dos padrões artísticos em vigência no período permitiu que uma nova estética fosse experimentada através de uma liberdade criadora associada à nossa cultura, realidade e nação, mesmo que, a princípio, tivesse sido baseada em doutrinas europeias. Nesse sentido, faz-se relevante destacar que o movimento modernista brasileiro foi alicerçado a partir das vanguardas europeias, bem como o futurismo, mas que as características nacionais foram priorizadas de tal forma que o inovador ultrapassou os limites de qualquer tipo de influência estrangeira.

O legado da Semana de 1922 marca a revolução da arte e da cultura brasileira, que em um processo legítimo de mestiçagem se beneficiou das manifestações especialmente do futurismo, na figura de seu fundador, o italiano Filippo-Tommaso Marinetti, edificando de forma decisiva o período cultural modernista brasileiro. Mas foi também no movimento modernista que abandonou-se definitivamente antigos estigmas e idealizações ao ser dado espaço para o homem brasileiro, superando qualquer necessidade

de assimilação do externo e constrangimentos que costumavam ser inerentes à ambiguidade cultural da nossa nação, bem como assevera Antonio Candido, ao dizer que:

> Na nossa cultura há uma ambiguidade fundamental: a de sermos um povo latino, de herança cultural europeia, mas etnicamente mestiço, situado no trópico, influenciado por culturas primitivas, ameríndias e africanas. Esta ambiguidade deu sempre às afirmações particularistas um tom de constrangimento, que geralmente se resolvia pela idealização [...] O Modernismo rompe com este estado de coisas. As nossas deficiências, supostas ou reais, são reinterpretadas como superioridades. O mulato e o negro são definitivamente incorporados como temas de estudo, inspiração, exemplo. O primitivismo é agora fonte de beleza e não mais empecilho à elaboração da cultura. Isso, na literatura, na pintura, na música, nas ciências do homem (Candido, 1976, p. 119).

Sendo assim, a realidade brasileira, como forma típica de expressão do nosso povo inaugurou uma nova era com o movimento modernista. A arte brasileira constituiu um caráter que pode ser considerado o mais original do nosso pensamento até então, uma vez que as reformulações oriundas dele ressignificaram o modo de pensar da nação e contribuíram, dessa forma, para nossa (re)construção cultural.

CAPÍTULO TERCEIRO

3. A I GUERRA MUNDIAL NAS CRÔNICAS DE XAVIER DE CARVALHO

Neste capítulo, estruturado em cinco ítens, buscamos explorar o evento matricial do século XX: a I Guerra Mundial. É evidente que o olhar de Xavier de Carvalho nos guiou em nossa abordagem, já que o conflito mobilizou a imprensa e, como forma de combate, alguns jornais brasileiros tomavam posições antes mesmo do fim da neutralidade. Através das contribuições de Xavier de Carvalho, é possível afirmar que *O País* não se ausentou dos debates, fornecendo aos seus leitores interpretações, ainda que tendenciosas, do conflito.

No período de guerra, o Brasil angariava um ritmo acelerado, embora incipiente, de industrialização e urbanização em busca da tão almejada modernização, e a imprensa jornalística não passou imune a todo esse processo. Para além do progresso tecnológico que vivíamos em relação aos maquinários, bem como a difusão de fotografias e as notícias oriundas da Europa através dos cabos submarinos, desde o final dos oitocentos, a imprensa brasileira se mostrou eficiente na difusão das notícias sobre a guerra e até mesmo na sua inserção nos debates sobre o conflito.

É nesse sentido que Xavier de Carvalho se destaca, já que, ao se tornar correspondente de guerra, produziu materiais significativos a respeito do grande conflito para os brasileiros através do jornal *O País*. Seu trabalho mais subjetivo como cronista, que vai além dos liames da função imparcial de jornalista, não lhe permitiu a isenção de opiniões e a tomada de partido; portanto, seus textos são repletos de concepções pessoais e engajamento. Sendo assim, para revelar o trabalho daquele que foi também um correspondente de guerra é que o primeiro ítem deste terceiro capítulo foi construído.

Embora não tenhamos recolhido a completude dos materiais sobre a guerra, produzidos por Xavier de Carvalho em suas passagem pelo *País*, em nossa indexação, já que o intuito era a vertente cultural e literária, a guerra se colocou na ordem do dia para o correspondente, como não poderia deixar de ser naquele período. Por isso, acompanhamos o engajamento de Xavier de Carvalho ao realizar verdadeira propaganda de guerra nos veículos de imprensa em que ele contribuía, em especial no *País*, já que o

Brasil contava com uma corrente sólida de germanofilia, especialmente oriunda dos intelectuais que compunham o movimento sociocultural que nasceu nas dependências da Escola do Recife e que contou com a liderança de Tobias Barreto, que, por sua vez defendeu o germanismo contra o predomínio da cultura francesa no Brasil.

O comprometimento (daquele que escolheu Paris para seu lar) com os aliados e tudo o que dizia respeito à guerra era tamanho que a sua propaganda de guerra em busca de angariar adeptos foi tão intensa, persuasiva e decisiva, que resvalou em si mesmo, através da figura de seu filho que, decidido a pôr em prática os ideais apregoados pelo pai, alistou-se voluntariamente na guerra e acabou sendo vencido. Todos os entraves relacionados a esse significativo e comovente episódio da vida de Xavier de Carvalho estão apresentados no segundo subtítulo deste terceiro capítulo.

Já no terceiro ítem deste capítulo, entramos em contato com a guerra ideológica que se desenvolvia concomitante e certamente por causa do conflito armado. A guerra ideológica ganhou destaque nas crônicas de Xavier de Carvalho a partir do momento em que um grupo de intelectuais alemães decidiram divulgar um manifesto que tinha como objetivo contestar a alcunha de "bárbaros" que recebiam dos oponentes. O correspondente internacional do *País* na França não só nos revelou todas as peripécias que envolveram esse evento, como justificou a aplicabilidade do insulto, mesmo que rememorando grandes feitos dos alemães.

Em meio às desavenças da guerra ideológica, uma importante figura brasileira entra em cena. Trata-se de Oliveira Lima, um intelectual diplomata e, acima de tudo, um historiador esquecido pela história brasileira, muito provavelmente por ser um colecionador de polêmicas, que inclusive marcou seu posicionamento na guerra, bem como salientou Xavier de Carvalho, através de sua contribuição para o jornal carioca *O País*.

Neste período de guerra, Oliveira Lima deixava a Bélgica, onde havia sido ministro do Brasil, para residir na Inglaterra, ao se aposentar, e de onde começou a escrever a favor da Alemanha. Depois de uma estadia nos Estados Unidos da América por conta de uma série de conferências que por lá realizou, não pôde retornar à Inglaterra, tendo sido considerado *persona non grata* e, por isso, se autoexilou em Pernambuco, para depois firmar residência em Washington, onde viveu seus últimos dias. Apenas por essas situações, dá para se ter uma ideia de como e do quanto a vida pessoal, profissional e

intelectual de Oliveira Lima foi atribulada e alguns detalhes dela, por intermédio de Xavier de Carvalho, foram levantados nesse espaço, mais especificamente no quarto ítem do capítulo.

Para finalizar o capítulo, buscamos identificar a inclinação do diário carioca, *O País*, na I Grande Guerra Mundial e tomamos como base especialmente a contribuição do correspondente internacional do jornal em Paris, mas também os editoriais assinados pelo diretor do *País*, João Lage, que evidenciam o posicionamento.

3.1 XAVIER DE CARVALHO: UM CORRESPONDENTE DA I GUERRA MUNDIAL.

É sabido que o período da *Belle Époque*, tido como um dos mais prósperos no Velho e no Novo Mundo, suscitou um clima intelectual e artístico inédito, que foi marcado pelos avanços tecnológicos, científicos e culturais, mas também estimulou, de certa forma, o nacionalismo exacerbado, na medida em que a ideia de unidade nacional se sobrepôs ao propósito do coletivismo exterior. Conforme o sentimento de superioridade, o egocentrismo e o esnobismo sobrepujavam a comunhão entre nações distintas.

Paralelamente a esse sentimento de euforia oriunda da iluminação em todos os âmbitos e ao recrudescimento dos ideais nacionalistas, alguns conflitos estavam sendo travados e em função deles os primeiros passos rumo à I Guerra Mundial foram dados. Enquanto a burguesia europeia vivenciava o fortalecimento econômico e ascendia politicamente naquele contexto capitalista, movimentos nacionalistas dentro e fora do continente marcavam inclusive a grande agitação das maiores potências para não somente manter, mas especialmente ampliar seus domínios coloniais, visando sobretudo a liderança econômica através da industrialização.

Já em 1911, Xavier de Carvalho nos proporcionou o primeiro ensejo de nos embrenharmos em assuntos que posteriormente fariam parte das causas para a eclosão da I Guerra Mundial. Na sequência de crônicas denominadas "Terror de momento", "Teremos a Guerra ou a Alemanha recua" e "A Inglaterra impôs-se" (*O País*, 19 ago. 1911, p. 7), o correspondente relatou o clima de tensão gerado nas últimas 48 horas, as quais foram marcadas pela entrada em cena da Inglaterra e pelo seu posicionamento nos conflitos que já existiam especialmente entre Alemanha e França.

Algumas tensões herdadas do século XIX foram determinantes para o eclodir da I Guerra Mundial, tais como as concorrências comerciais oriundas da Revolução Industrial, que já dividiam os países do Velho Mundo, por exemplo. Além disso, conflitos pré-existentes como a Guerra Franco-Prussiana, escancararam o "revanchismo francês", esquentando os ânimos contra a Alemanha, que por sua vez acumulava indisposições no continente pelo seu temperamento ganancioso que lhe atribuíam os adversários.

A própria unificação da Alemanha contribuiu para o conflito, pois a partir do momento em que ela começou a investir todos os esforços na sua industrialização e na disputa marítima, houve a quebra do equilíbrio que havia anteriormente na Europa. Ao se transformar em uma grande força econômica, a Alemanha tornou-se também uma ameaça, incomodando especialmente a Inglaterra, que era até então a principal potência mundial. Desde a Revolução Industrial, o título de potência mundial da Inglaterra inquietava demasiadamente os germânicos, não apenas por ter-se industrializado primeira e fortemente, mas por ter a maior frota marítima, por ser uma grande exportadora e por ser o maior país imperialista daquele período.

A Alemanha frequentemente se indispunha com vários outros países Europeus, mas tinha a França como a sua principal rival, mesmo após a vitória na Guerra Franco-Prussiana, quando conquistou a Alsácia-Lorena, território muito próspero e importante para a França. A derrota francesa foi humilhante nesse sentido e despertou um sentimento de vingança, ao ansiar a retomada do território.

Além de tudo isso, povos que não se sentiam representados pelas demais etnias intencionavam criar Estados Autônomos. Na região dos Bálcãs, território vasto no sudeste da Europa, havia o Império Austro-Húngaro, o Império Turco-Otomano e inúmeros outros povos, tais como os romenos e os croatas, que visavam à independência, mas acabaram criando um conflito generalizado, que teve relevância significativa para o rebentar da I Guerra Mundial.

As disputas imperialistas entre os países Europeus em busca de territórios da Ásia e da África eram constantes, assim como relatou Xavier de Carvalho, ao mencionar a disputa de Marrocos (*O País*, 19 ago. 1911, p. 7), "que todas as potências cobiçam [...] e

que hoje [...] a França, a Espanha e um pouco também as potências signatárias do tratado de Algeciras [dominam][20]".

O correspondente explicou que, com o posicionamento da Inglaterra em apoio à França, sua principal rival, a Alemanha se sentiu inferiorizada e por isso recuou nos projetos de ataque, mas não deixou de conjecturar a catástrofe que seria, caso "a França, a Inglaterra e a Rússia marcha[ssem] contra a Alemanha, que ter[ia] ao seu lado a Áustria e a Itália (bem contra vontade do povo italiano)" ao considerar o eventual acontecimento como "o grande crime da diplomacia".

A Rússia, como defensora do pan-eslavismo, tinha os impérios Austro-Húngaro e Turco-Otomano como inimigos, pois não apoiavam os ideais russos de unificação dos povos eslavos em um único país, já que para isso a Rússia tomaria os seus territórios. A Sérvia era uma adepta dos ideais pan-eslavistas e intencionava a expansão dos seus territórios para transformá-los na Grande Sérvia, onde unificaria os povos eslavos, mas, para tanto, necessitava conquistar as tão disputadas terras balcânicas.

Por esses motivos, os países começaram a realizar acordos e formar alianças. França e Inglaterra tinham a Alemanha como inimiga em comum e juntamente com a Rússia formaram a Tríplice Entente. Como sabemos, a Rússia tinha a Áustria-Hungria e o Império Turco-Otomano como inimigos, mas se aproximava da Sérvia. Em contrapartida, a Alemanha uniu forças com a Áustria-Hungria e a Itália na formação da Tríplice Aliança.

No último semestre de 1912, é possível identificar episódios que evidenciam a fixação de alianças e a busca por fusões através das "Cartas de Paris". Marrocos, mesmo após o tratado de Algeciras, continuava despertando interesses conflituosos e o correspondente relatou que tanto a França quanto a Espanha, já beneficiadas pelo tratado, passavam por momentos delicados quando dois diplomatas espanhóis no Marrocos adaptavam atitudes agressivas contra a França, ao aprisionar agentes franceses, por exemplo. Em resposta, o comandante das forças francesas no país do continente africano,

[20] O Tratado de Algeciras aconteceu nessa cidade espanhola, em 1906, e teve como a finalidade amenizar a primeira crise marroquina entre França e Alemanha. Foi estabelecida a internacionalização econômica de Marrocos, sob o poder soberano do Sultão, embora a França tenha levado vantagens, já que a Alemanha, além de ter concedido um empréstimo ao Sultão, que ficou obrigado a efetuar o pagamento em tal conferência, já havia realizado investimentos no território marroquino.

o general Lyautey, exigiu que os diplomatas fossem retirados de lá e o governo espanhol demitiu os dois funcionários.

Xavier de Carvalho não deixou de comentar o caso empregando certa ironia ao denunciar a personalidade vaidosa do rei Afonso XIII, da Espanha, e dizer que o monarca não hesitou em assinar o contrato franco-espanhol no conflito marroquino, porque "quer[ia] ser aclamado nos *boulevards*" (*O* País, 13 out. 1912, p. 3) da capital francesa e que não poderia contar com "festas de espavento" caso não fechasse o acordo. E para finalizar o assunto, o cronista salientou que a preocupação maior da França sempre foi manter a "boa entente entre as duas nações, [...] que vulgarmente [eram conhecidas como] as duas irmãs latinas".

Mesmo pertencendo à Tríplice Aliança, a Itália se manteve neutra no início da Guerra, já que o acordo com a Alemanha determinava que a Itália interferiria apenas se o território alemão fosse atacado, o que não aconteceu. Com o transcorrer da Guerra, a Inglaterra ofereceu à Itália colônias na África, caso firmasse aliança com a Tríplice Entente; só então, em 1915, a Itália entrou para a Guerra concretizando a sua mudança de lado.

Os países começaram a formar seus arsenais, desde metralhadoras, granadas e bombas até tanques, submarinos, aviões e armas químicas sem que o conflito eclodisse efetivamente. Esse período foi considerado como "Paz Armada", já que apenas a excitação da *Belle Époque* reslumbrava, enquanto, na surdina, todos os países preparavam seus exércitos, movidos pelo sentimento de nacionalismo que exalava a convicção de pertencimento a uma etnia superior em detrimento das outras.

Um desses momentos de inquietação, mobilização e preparação para o embate também foi descrito por Xavier de Carvalho, em sua correspondência escrita no dia 28 de julho de 1911, quando relatou seu receio frente aos últimos acontecimentos, marcados pelo fato da França ter acionado a esquadra do norte e preparado forças para a sua fronteira, já que a Alemanha estava "com a mão na espada" e a Inglaterra havia organizado os "seus couraçados [que estavam] prontos à primeira voz" (*O País*, 19 ago. 1911, p. 7).

Já no ano seguinte, em 1912, Xavier de Carvalho dedicou uma crônica (*O* País, 13 out. 1912, p. 3) para comentar um evento de manobras militares do exército francês destinado ao grão-duque Nicolau da Rússia, evidenciando a definição da aliança entre os

dois países e principalmente a existência da “Paz Armada”, que se deu a partir da Guerra Franco-Prussiana, em que a força bélica francesa se viu vencida por estar sucateada diante do exército prussiano munido de arsenais inovadores e potentes.

Esse período conhecido como “Paz Armada” foi marcado por uma grande corrida armamentista em busca de ampliação da capacidade bélica na Europa. Uma característica interessante dele, que explica a controvérsia da expressão, foi o constante desencadear de conciliações e negociações até mesmo comerciais entre as nações envolvidas no conflito sem que de fato a Guerra rebentasse.

O acontecimento descrito na crônica de Xavier de Carvalho foi, na verdade, uma exposição, visando à ostentação do poder bélico da França aos aliados russos e à elite de oficiais estrangeiros. Segundo o cronista, a França demonstrou “a boa, excelente e forte organização militar de que dispõe, [...] com chefes inteligentes e com soldados de primeira ordem. [...] A artilharia é magnífica, a infantaria não tem rival na Europa, a cavalaria mostrou um progresso enorme”.

O encontro também expôs a eventual fragilidade da Tríplice Entente. Conforme o relato do correspondente, tratava-se da “questão palpitante da aviação”, que até aquele momento estava indefinida, já que a França possuía uma equipe sólida e preparada de aviadores e aeroplanos mas, em contrapartida, a Alemanha contava com uma organização administrativa e militar extremamente disciplinada, e também inúmeros dirigíveis, além de hangares, que contribuíam para a locomoção aérea. Por isso, o estado-maior francês estava estudando a melhor maneira de armar, proteger e transformar “em armas terríveis de luta e de ataque” os seus aeroplanos.

Por outro lado, a supremacia naval da Tríplice Entente “tem dado o que falar nos jornais da Tríplice Aliança”, já que uma boa parte da esquadra francesa estava atracada nos portos do sul, guardando toda a bacia do Mediterrâneo. Segundo Xavier de Carvalho, as folhas italianas pouco comentaram sobre o fato, mas os austríacos e sobretudo os alemães estavam demonstrado inquietação e mau humor, pois os jornais de Berlim e de Frankfurt declaravam que a França não possuía navios e agora buscavam subterfúgios para explicar as falsas alegações.

E em uma tentativa de demonstrar a união da Tríplice Entente, o correspondente relatou que a concentração dos navios franceses nos portos do Mediterrâneo é um sinal

de plena confiança na esquadra inglesa, que ao lado da russa "é mais do que suficiente para arrasar a esquadra da Alemanha".

Através de um anúncio de lançamento do livro *L'Enigme Allemande: um inquérito aos alemães, o que eles pensam, o que eles querem e o que eles podem*,[21] de Georges Bourdon, redator político do *Fígaro*, temos notícias não apenas de que a "Paz Armada" era de conhecimento de todos, como também havia o anseio, pelo menos em parte, da população europeia de que esse período desgastante cessasse e não confluísse para a guerra armada, por assim dizer.

Xavier de Carvalho avaliou o livro tecendo comentários sobre algumas temáticas nele abordadas, mas é através de seu desejo de conciliação entre Alemanha e França que se evidencia o impasse relativo à "Paz Armada", assim como ele ponderou: "Estes dois países que a geografia, a etnografia e a história têm sempre separado, devem, enfim, não cair nos braços um do outro, mas chegarem a uma entente, a fim de se evitar essa *paz armada* que esgota todas as energias saudáveis da Europa!" (*O País*, 29 dez. 1913, p. 3 - Grifos nossos).

A "Paz Armada" e a *Belle Époque* são momentos históricos que coexistiram e tiveram o auge de suas atuações entre os anos de 1871 e 1914, uma vez que ambos tiveram início após a Guerra Franco-Prussiana e dissolução a partir do rebentar da I Guerra Mundial. Embora tais períodos sejam aparentemente opostos, eles são acima de tudo complementares, uma vez que as benesses advindas das conquistas tecnológicas e científicas da *Belle Époque* contribuíram demasiadamente para o desenvolvimento beligerante que, por sua vez, aguçava o sentimento de confiança e otimismo de vitória em uma provável guerra. Era como se o lutar pela pátria desse sentido à vida, levando em consideração que os interesses nacionalistas foram um dos fatores principais da eclosão da guerra.

Embora o aparente momento de tranquilidade vigorasse, muitos conflitos aconteciam nesse interstício, porém não eram suficientes para suscitar a conflagração geral. O verão europeu de 1914 testemunhou inúmeras negociações diplomáticas entre as maiores potências do continente, mas o estopim foi o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono da Áustria-Hungria, e de sua esposa, no dia 28 de julho de

[21] Subtítulo traduzido por Xavier de Carvalho

1914, cometido por um nacionalista sérvio, na ocasião de mais uma das várias tentativas complicadas de formação de sistemas de alianças, que foi a de Serajevo.

Sendo assim, a Áustria-Hungria declarou guerra contra a Sérvia e os aliados de cada uma das tríplices aderiram à declaração, gerando uma reação em cadeia e, o que era para ser mais um conflito restrito, se transformou na eclosão da I Guerra Mundial:

> Quando o Império Austro-húngaro declarou guerra à Sérvia no dia 28 de julho de 1914, e a Rússia imediatamente mobilizou suas tropas em defesa da Sérvia, a questão dos Bálcãs chegou a seu auge. O Império Austro-húngaro não poderia permitir o crescimento da Sérvia, correndo o perigo da completa desintegração de suas várias etnias, e o segundo país – a Rússia – o fez para impedir a expansão austro-húngara e salvar a simpatia dos povos eslavos. Quando a Alemanha se mobilizou ao lado do Império Austro-húngaro e a França ao lado da Rússia e da Sérvia, no dia 1º de agosto de 1914, foi porque nenhuma dessas potências queria perder o apoio de seus aliados, fosse por pensar na segurança do próprio país, fosse tendo em mente as metas estabelecidas pelos políticos e pelos Altos Comandos Militares dentro dos parâmetros dos interesses imperialistas e nacionalistas. Quando a Alemanha declarou guerra à França e invadiu a Bélgica, no dia 3 de agosto de 1914, país cuja neutralidade deveria ser respeitada, ela o fez de acordo com o Plano Schlieffen para que o exército alemão conseguisse uma vitória rápida no norte da França, antes que o exército russo pudesse atacar na frente oriental. Quando a Grã-Bretanha deu um ultimato à Alemanha, o que equivaleria a uma declaração de guerra, no dia 4 de agosto de 1914, foi por causa dos acordos feitos com a França e pelo medo do poder naval germânico. Em seguida vieram as declarações de guerra da Sérvia à Alemanha e da Áustria-Hungria à Rússia, dia 6 de agosto de 1914; da França à Áustria-Hungria, dia 11 de agosto de 1914; e da Grã-Bretanha à Áustria-Hungria, dia 12 de agosto de 1914. Quando o Japão declarou guerra à Alemanha, no dia 23 de agosto de 1914, foi para apoderar-se de suas possessões na China e nas ilhas do Pacífico. E quando, finalmente, o Império Turco e a Bulgária se juntaram à Alemanha, o fizeram porque o primeiro era inimigo da Rússia e o segundo alimentava ressentimentos com a Sérvia. Dessa maneira, já em fins de agosto de 1914, ou seja, um mês depois, configurava-se uma situação de guerra mundial, antes da declaração de guerra de outros países, como, por exemplo, Itália, Grécia e Estados Unidos, que se deu mais tarde. (WERNET, 1991, p. 28)

Pela primeira vez na história, todas as principais potências mundiais de todos os continentes estavam envolvidas em um conflito, que encerrava definitivamente um período histórico marcado pela paz e estabilidade (das classes sociais privilegiadas, obviamente), que foi a *Belle Époque*. No entanto, o fim desse período marca também a queda da hegemonia do Império Britânico e o emergir dos Estados Unidos da América

como potência, bem como o estabelecimento de um estado socialista na Rússia, que só foram possíveis ou antecipadas por conta do rebentar da I Guerra Mundial.

Quando a guerra foi declarada, devido à "Paz Armada", todos os exércitos já estavam prontos para atacar e a euforia oriunda da *Belle Époque* parecia ter-se transferido também para o embate, pois, associada ao nacionalismo, elevou o sentimento de confiança, envaideceu, ludibriou e permitiu que ambos os lados ansiassem pela luta. Campanhas em prol da guerra eram frequentes e Xavier de Carvalho engajava-se nesse papel com muito ímpeto; por causa de atitudes semelhantes muitos alistamentos voluntários foram realizados.

No dia 31 de julho de 1914, portanto momentos antes do início dos ataques à França, na I Guerra Mundial, Xavier de Carvalho enviou sua correspondência ao *País* e o assunto obviamente não deixou de ser a "Catástrofe enorme" (*O* País, 16 ago. 1914, p. 4). O cronista relatou, então, que o clima do pré-guerra entre os civis era de terror e de muitas incertezas, mas também de comportamentos "delirantes". Entre as estratégias dos homens, os choros das mulheres e as profecias dos idosos estava a empolgação dos jovens, que mal dormiam e ficavam pelas ruas cantando refrões patrióticos. Por outro lado, os soldados que partiam para a fronteira entoavam a "Marselhesa" e eram aclamados pela população em geral.

Conforme o correspondente, a nação que ocasionou a guerra foi a Áustria e até mesmo a Alemanha já havia recuado, mas, diante das forças russas, se viu obrigada a se defender. O governo austro-húngaro enviou um *ultimatum* a Belgrado, capital da Sérvia, que deveria ser aceito até às 6 horas daquele dia, caso quisessem evitar o combate, mas a Sérvia não aceitou as condições que a Áustria lhe havia imposto e a guerra foi definitivamente declarada.

A Primeira Guerra Mundial teve duas fases. A primeira ficou conhecida como "guerra de movimentos", em virtude do avanço desenfreado das tropas alemães rumo aos ataques, especialmente a Paris, mas com o tempo, a expansão dos territórios inimigos começou a estagnar por encontrarem mais resistência, fato que deu origem à segunda fase.

"Guerra de trincheiras" ou de "posição" são as denominações referentes à segunda fase da I Guerra Mundial. Nessa etapa do conflito, os soldados já não lutavam corpo a corpo, mas, de cada lado, dentro desses grandes buracos abertos no solo, cuja

profundidade servia de abrigo e proteção. As trincheiras eram de vastas dimensões, muitas delas tinham incontáveis quilômetros de extensão e cortavam a Europa de um extremo ao outro.

Essa vida de imobilidade dentro das trincheiras causou danos psicológicos irreversíveis nos soldados, tendo em vista que saíram do clima otimista da *Belle Époque* para (sobre)viver em trincheiras nas condições mais insalubres possíveis, já que, afora a falta de alimento, as condições climáticas e todas as dificuldades óbvias de se viver dentro de um buraco, tinham que lidar com corpos em decomposição, com muito medo, traumas e pouca perspectiva de vencer.

A participação brasileira na I Guerra Mundial não foi tão significativa, uma vez que os brasileiros não entraram efetivamente em embate, a não ser por voluntariado; de acordo com Xavier de Carvalho (*O País*, 3 abr. 1915, p. 1), na primeira fase foram 45 brasileiros e portugueses a se alistarem de forma voluntária no exército francês. No entanto, oficialmente o Brasil enviou uma junta médica e uma naval em apoio à Tríplice Entente.

As ações filantrópicas comandadas por membros da colônia brasileira em Paris foram anunciadas pelo correspondente com certa constância. Um comitê franco-brasileiro foi formado em Paris com a finalidade de socorrer os inválidos da guerra e, para tanto, organizavam eventos para arrecadação de fundos. Xavier de Carvalho relatou ter participado de um concerto musical promovido pelo comitê, que contou com a apresentação do cantor brasileiro Camargo, da Gaité Lyrique, de Mlle. Delgado, da Ópera Cômica; do cantor brasileiro Vilaça e muitos outros artistas, que foram apreciados pelas principais famílias brasileiras em Paris, inclusive do ministro das Relações Exteriores, Olinto de Magalhães.

O cantor brasileiro Camargo também foi o responsável pela organização de um concerto ocorrido em um hospital auxiliar localizado no *boulevard* de Clichy, em Paris, onde outrora funcionava a célebre Academia Julian. A festa realizou-se em favor da obra humanitária do Dr. Sautrian, que tratava mais de cem mutilados da guerra e angariou uma quantia significativa (*O País*, 24 maio 1915, p. 3).

Outra obra de altruísmo é anunciada por Xavier de Carvalho. Nesse caso, o evento seria promovido por Anatole France, como membro de um comitê franco-luso-brasileiro, no teatro d'Action et Pensée, e tinha como finalidade a arrecadação de doações para os

45 soldados brasileiros e portugueses, quase todos desamparados e sem familiares, que se alistaram voluntariamente; no entanto, tal evento só se concretizou através da organização do correspondente parisiense do *País*.

Xavier de Carvalho relatou que a festividade (*O País*, 27 jun. 1915, p. 6) em agradecimento e auxílio aos soldados brasileiros e portugueses alistados voluntariamente contou com uma singela homenagem a dois deles, que foram abatidos enquanto defendiam a França. Maxime Formont realizou um discurso emocionante e não deixou de mencionar as provas de apoio que o Brasil oferecia à França através da Liga dos Aliados no Rio de Janeiro, que tinha como membros a intelectualidade brasileira.

O caos da I Guerra Mundial também repercutiu aqui no Brasil, que sentiu a necessidade de investir na sua industrialização, porque muitos dos produtos importados da Europa já não chegavam por aqui; no entanto, a questão que mais afetou a nossa economia foi a queda exponencial das exportações, sobretudo do café, e foi também nesse quesito que o Brasil foi afetado diretamente pela guerra, já que a nossa marinha mercante, através dos navios Paraná, Tijuca e Lapa, foi torpedeada pelos alemães, e esse assunto foi tema da festa oferecida pela elite política da França em comemoração à Independência do Brasil.

A celebração aconteceu no salão de honra do Centro Comercial e Industrial Republicano e contou com a presença de nomes importantes da política brasileira, como Olinto de Guimarães, Emílio Gautier e Souza Dantas, membros dos consulados brasileiros, bem como o secretário da legação, o Sr. Castelo Branco (provavelmente Cândido Borges Castelo Branco).

Os representantes dos jornais *Temps*, *Petit Journal*, *Figaro* e *Journal* cobriram o acontecimento, que contou com o discurso eloquente de Irineu Machado, que descreveu os ataques aos navios brasileiros pelos submarinos germânicos, a crise diplomática com a Alemanha e "no fim, [...] reclamou o direito da sua pátria às trincheiras" (*O País*, 25 nov. 1917, p. 6), haja vista que tinha como dever se solidarizar sem hesitação com a Tríplice Entente, para que as ações militares assomadas às econômicas permitissem ao Brasil ter o "direito de entrar na Sociedade das Nações" e pudesse cumprir com o seu dever de prezar a paz.

Logo no início do ano de 1916, já se percebia a exaustão dos povos beligerantes e a decadência do entusiasmo nacionalista das massas populares. A impopularidade da

guerra abria margens para propostas de paz, no entanto, por não serem exatamente realistas, eram consideradas inadmissíveis pelo lado oposto do proponente. A rigidez das posturas não permitiu que as tentativas de paz lograssem êxitos.

O ano de 1917 foi muito significativo para o desfecho da guerra, que aconteceria no ano seguinte. Houve dois episódios determinantes para isso. O primeiro deles foi a saída da Rússia da guerra, pois esse país que vivia momentos de instabilidade interna, resultando na "Revolução Russa", que tornaria o país socialista no futuro. Em função da Revolução, a Rússia fez um acordo de paz em segredo com a Alemanha, cedendo-lhe alguns territórios em troca de sua retirada. A esse acordo foi dado o nome de Tratado de Brest-Litovsk.

Os Estados Unidos da América eram favoráveis à Tríplice Entente, mas não participavam efetivamente dos combates. Apenas em 1917, quando a Alemanha se despontava nas batalhas e estava rumo à vitória, o país norte-americano filiou-se à Tríplice Entente, configurando o segundo acontecimento que definiu o fim da I Guerra Mundial. O país liderado pelo presidente Wilson auxiliou significativamente tanto a população civil quanto as forças armadas ao enviar mantimentos, tropas médicas e soldados; sendo assim, a participação dos Estados Unidos da América foi decisiva para a vitória da Tríplice Entente.

O presidente dos Estado Unidos da América, Woodrow Wilson, sugeriu um cessar-fogo a partir de uma tese de como a I Guerra Mundial deveria acabar e propôs os "Catorze Pontos de Wilson". O destaque foi para o item que recomendava um acordo de paz que visasse ao fim da guerra sem vencedores, para que assim não houvesse culpabilidade e punições a qualquer dos lados. Para tanto, sugeria a criação de um órgão internacional chamado "Liga das Nações", que teria como principal função assegurar a manutenção da paz entre os países.

Xavier de Carvalho mencionou as sugestões louváveis do líder estadunidense, ao destacar que o presidente Wilson, em nome dos sentimentos mais nobres, "se colocou no ponto de vista da justiça e da humanidade" (*O País*, 20 jun. 1917, p. 2) e propôs negociações em favor "de uma paz sem vitória", para que assim houvesse uma reconciliação entre os adversários. Era primordial que houvesse não somente um equilíbrio europeu, as exigências agora eram de fortes e verdadeiras políticas de diplomacia mundiais.

Entretanto, Woodrow Wilson pôde ver a franqueza da Tríplice Entente ao garantir o estabelecimento de uma paz durável, mas também a deslealdade dos alemães, que mantiveram as suas intenções em segredo, na tentativa de atrair os adversários à cilada e acima de tudo "eliminar toda a intervenção Americana". Por isso, o presidente "declarou ao [seu] Congresso [...] que havia soado o momento da guerra, e era preciso que todas as forças dos Estados Unidos fossem empregadas em vencer o militarismo alemão". Diante do posicionamento do presidente americano, Xavier de Carvalho assevera que foi dado um grande exemplo, cujos efeitos começavam a ser vistos em muitos países, que, anteriormente, mantinham a neutralidade como se fosse um dever, a exemplo do Brasil.

Em 1918, a I Guerra Mundial teve seu fim decretado tanto porque os países da Tríplice Aliança, especialmente a Alemanha, haviam perdido muitas batalhas depois da entrada dos Estados Unidos da América, quanto porque todos estavam devastados economicamente, por isso a guerra perdeu o apoio da população e a Tríplice Aliança se rendeu em novembro daquele ano. Mas para tanto, a I Grande Guerra Mundial promovida pelas duas alianças deixou o espantoso "saldo que [...] compreende 10 milhões de mortos, além de incontáveis feridos, mutilados, viúvas e órfãos" (ALMEIDA, 2017, p. 15).

Como se poderia imaginar, as sugestões do presidente Wilson não foram acatadas e em uma conferência em Paris estabeleceu-se o Tratado de Versalhes, que, teoricamente, traria os acordos para o fim da guerra; no entanto, não foi isso o que aconteceu na prática, já que tal tratado apenas agravou a situação e se tornou o principal motivo para a II Guerra Mundial.

3.2 A PROPAGANDA DE GUERRA POR XAVIER DE CARVALHO E OS EFEITOS EM SUA VIDA PESSOAL.

As propagandas de guerra foram muito importantes para a causa, algumas conquistas foram alcançadas através delas pelo mundo afora e, nesse sentido, é possível reconhecer a sua relevância em nosso país, através das contribuições de Xavier de Carvalho. Tendo em vista que por aqui vigorava uma forte corrente do germanismo, especialmente proveniente da Escola do Recife, o correspondente concentrou suas fundamentações francófilas visando angariar aceitação e adeptos consciente das prováveis objeções.

O empenho de Xavier de Carvalho para salvaguardar os ideais dos franceses e, por extensão, da Tríplice Entente na guerra foi louvável, especialmente em um período em que a censura vigorava intensamente e demonstrava-se intolerante. Sempre a serviço do ideal de união latina contra a dita barbárie alemã, seu comprometimento distanciou-se de sua liberdade individual de escolha em favor de um ideal que afeta uma consciência coletiva, proporcionada pela sua profissão de jornalista e pela atividade de correspondente internacional.

Xavier de Carvalho tomou a guerra como um problema ético e sua participação ativa na campanha intervencionista alcançou um pragmatismo de resistência e até mesmo moral extremamente significativo, que nos permite adentrar nesse período tão conturbado da história mundial através de seu posicionamento e da militância exercida por ele por intermédio de sua função de correspondente internacional.

As crônicas de Xavier de Carvalho sempre manifestaram uma tendência significativa para a propaganda no seu sentido lato, ou seja, tanto na divulgação de fatos, eventos, ideias e até mesmo produtos com a simples finalidade de propagação, com o objetivo de contribuir para que todos pudessem conhecê-los e porventura aderirem ao que estava sendo anunciado, efetivando a essência da publicidade; quanto na campanha de ideais, princípios e causas, cujo propósito não é apenas de difusão com o efeito de vulgarização, mas também de promover, convencer e persuadir com fins ideológicos.

A finalidade da propaganda de guerra realizada por Xavier de Carvalho era tornar-se uma poderosa ferramenta bélica. Ao utilizar o seu poder de influência e o seu alcance através da imprensa, o correspondente buscava primeiramente conquistar a desaprovação do público leitor para as atitudes tomadas pelos alemães, seja na guerra armada, seja na ideológica. Mas também criava um discurso envolvente ao recorrer aos princípios e valores do público-alvo para despertar comoções através de frases impactantes em uma conexão emocional.

Xavier de Carvalho, antes mesmo do eclodir da guerra, já manifestava sua propaganda de união dos povos latinos. Em sua trajetória cultural, foram muitas instituições, comitês e sociedades que adotavam as causas da latinidade e tiveram o apoio, ou até mesmo o comando do correspondente do *País* em Paris. O comitê de organização do Congresso das Nações Latinas, a revista *Latina* e a Sociedade dos Estudos Portugueses foram responsáveis pela organização de muitos eventos em prol da latinidade, todos

contavam com o engajamento de Xavier de Carvalho não somente como membro da equipe gestora, mas também de seus pronunciamentos em discursos.

Anúncios de inauguração de órgãos de imprensa sobre o movimento sociocultural, político, intelectual e até mesmo econômico das nações latinas sempre figuraram entre os temas de preferência de suas crônicas, como *L'Oeuvre Latine* e a própria revista *Latina*, que além de tudo contavam com as suas contribuições. Sendo assim, é comprovável que o correspondente sempre se mostrou comprometido em anunciar eventos que tinham a finalidade de promover os países latinos no pré-guerra.

Com o rebentar da guerra e presenciando os ataques a Paris, o correspondente pôde perceber que a desvantagem da Tríplice Entente era gritante e a propaganda de guerra realizada por ele se intensificou de certa maneira que, ao se dirigir aos países neutros, através de um tom efusivo, o seu discurso beirava a violência. O inconformismo oriundo das alegações de neutralidade de países como (e especialmente) Brasil e Portugal era insustentável para Xavier de Carvalho, que não encarava a decisão de isenção como imparcialidade, mas como cumplicidade com a Tríplice Aliança e traição dos povos latinos.

Como correspondente internacional de jornais brasileiros e portugueses, Xavier de Carvalho não media esforços e tampouco palavras na propaganda de guerra a favor da França. Há, inclusive, oportunidades em que ele sugere a ajuda brasileira através das riquezas minerais dirigindo-se francamente ao presidente Nilo Peçanha (*O País*, 25 jun. 1917, p. 4). Ou então, após a entrada oficial do Brasil na guerra (que, segundo ele, não era exatamente uma "potência militar ou naval", mas sua adesão era significativa pelo fato de seu apoio representar uma grande vantagem "moral"), a propaganda - um tanto quanto estereotipada, diga-se de passagem - é dirigida aos homens civis brasileiros, na intenção de atrair alistamentos, já que eram considerados "aptos aos esportes da floresta" (*O País*, 4 jul. 1917, p. 4).

Foi possível perceber, através das "Cartas de Paris", que Xavier de Carvalho, talvez em uma tentativa de incentivar os brasileiros, anunciava com constância a intervenção portuguesa na guerra, mas sempre, na edição seguinte, seu discurso era, por ele mesmo, invalidado, já que o feito não havia se realizado completamente. O correspondente chega a criticar o fato do exército português enviar o seu arsenal, mas não os soldados à guerra, considerando que tal atitude poderia revelar a falta de probidade e

até mesmo a incompetência dos militares, ao insinuar que os "soldados portugueses não são suficientemente dignos para poderem manejar [as próprias armas enviadas]" (*O País*, 9 jul. 1915, p. 6).

O correspondente também fez a sua propaganda de guerra ideológica. Tal fato é notório na ocasião em que a cobrança de posicionamento de Guerra Junqueiro é instigada, ao relatar que desconhece o motivo do silêncio do poeta mais representativo de Portugal, já que esse conflito deveria inspirá-lo a escrever "poemas assombrosos" (*O País*, 23 set. 1915, p. 1) de revolta ou elegíacos, assim como estavam fazendo Jean Richepin e Paul Fort, na França, Gabriele d'Annunzio, na Itália, e Émile Verhaeren, na Bélgica.

Toda essa campanha engajada em relação à união da latinidade em favor da França e consequentemente da Tríplice Entente na guerra e seus ideais intervencionistas interferiram profundamente em sua vida pessoal, assim como ele mesmo nos relatou através de uma sequência de correspondências sobre a adesão voluntária de seu filho à guerra.

Acompanhamos as declarações orgulhosas de Xavier de Carvalho no contexto do alistamento de seu filho, Rafael Xavier de Carvalho, na guerra. Não foram poucas as menções de exaltação à coragem, bravura e hombridade do jovem rapaz nas "Cartas de Paris". Através desse canal o correspondente também mantinha os brasileiros informados sobre a trajetória do filho e estabelecia uma espécie de diálogo com os seus leitores sobre a atuação não só da França, como também de Rafael no grande conflito.

Em resposta às cartas remetidas de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro em busca de notícias de seu filho, Xavier de Carvalho relatou que Rafael continuava na linha de fogo, no 1º regimento de marcha da legião estrangeira, batalhão B, companhia 3ª, por onde serviu na Alsácia durante três meses; mas, com a mudança de setor, o soldado voluntário precisou se realocar para Champanhe, onde "os combates têm sido mais violentos e terríveis" (*O País*, 27 out. 1915, p. 3). O cronista mencionou que havia oito dias não recebia notícias do filho.

Já sem esperanças e depois de 14 dias sem notícias do paradeiro do filho, Xavier de Carvalho relatou que desde o alistamento não houve sequer um dia sem que Rafael mandasse notícias e por isso o silêncio prolongado era torturante. A última carta que recebeu dele foi datada no dia 23 de setembro e dizia: "Que enfermeira! Há horas sem

conta que ouvimos o troar da artilharia. Vai preparar-se um ataque formidável. Estou a 400 metros das trincheiras 'boches'" (*O País*, 13 nov. 1915, p. 2).

Certamente, com a proximidade da zona inimiga e prestes a rebentar um grande ataque, o temor de que o filho tivesse sofrido algo mais grave torna-se inegável e aterrorizante; sendo assim, Xavier de Carvalho começou a conjecturar as possibilidades do que poderia ter acontecido ao filho e todas as hipóteses levavam a apenas um desfecho: a morte de Rafael.

Demonstrando ansiedade e desespero, Xavier de Carvalho teceu inúmeras suposições sobre como poderia ter sido a morte do filho: na ofensiva às trincheiras ou através dos ataques aéreos; poderia também ter sido feito prisioneiro, mas, ao se declarar pertencente à legião estrangeira, indubitavelmente teria sido considerado franco-atirador e por isso fuzilado, ou ainda ter sofrido ataques de bombas asfixiantes e ter morrido de uma forma agonizante. Sendo assim, o correspondente deixou claro que independentemente da forma, a morte de seu filho era basicamente tida como certa. No entanto, esclarece que, caso tivesse acontecido, menos importante é o como se deu a morte de seu filho; haja vista que, independente de todas as especulações, o correspondente confidenciou que seu coração de pai já se encontrava enlutado e por isso disse: "bendita seja a memória do filho que tanto amei! Invejo-lhe a morte".

Xavier de Carvalho relatou que o filho, como residente em Portugal, poderia usufruir da "quase" neutralidade do país e viver em paz e tranquilo fosse no Porto, fosse em Lisboa; mas, consciente que era e por livre e espontânea vontade, preferiu oferecer tudo o que tinha – a própria vida – pela causa da Tríplice Entente.

Além disso, o correspondente rememorou a última conversa entre eles. Nela Rafael explicava as causas por trás de seu alistamento ao dizer que estava sendo motivo de chacota nas ruas do Porto, onde morava, por não seguir os ideais intervencionistas do próprio pai e, para se livrar das zombarias e ser coerente com as convicções do pai, resolveu guerrear. Na conclusão do diálogo, Rafael declarou: "Se eu morrer, meu querido pai, morrerei contente, porque segui os teus conselhos!".

O correspondente relatou que Rafael tomou a decisão de se alistar antes mesmo de conversar com o pai e tenta convencer os leitores de que o filho resolveu participar da guerra sem que houvesse o seu envolvimento na decisão. No entanto, mesmo que

indiretamente, Xavier de Carvalho assumiu a sua parcela de culpa pela provável morte do filho e por isso prometeu vingança aos alemães.

Na publicação do dia 27 de novembro de 1915, a coluna "Carta de Paris" é toda dedicada à morte de Rafael Xavier de Carvalho. Através de um relato comovente, o correspondente anunciou a morte de seu filho, ocorrida na batalha de Champanhe, no ataque da "Fierme de Navarin", tida como uma das ações de guerra mais notáveis dos franceses (*O País*, 27 nov. 1915, p. 2).

Xavier de Carvalho explicou que seu filho morreu após um violento corpo a corpo contra a guarda prussiana, ao ser atingido por seis balas inimigas. O moço de 18 anos, nascido nas proximidades de Paris, tem uma breve biografia composta pelo pai, que declarou todo o seu orgulho pela curta porém notável trajetória do filho.

Rafael, segundo seu pai, sentiu-se impressionado com as primeiras notícias de guerra e lhe escreveu pedindo autorização para se alistar no exército francês; no entanto, Xavier de Carvalho assumiu que hesitou em enviar a autorização, especialmente pelo fato de que seu filho poderia ser mais útil às tropas portuguesas, quando enfim Portugal aderisse à Tríplice Entente, ao servir de "*agente de liaison*[22]" entre os soldados franceses e portugueses no campo de batalha, por suas habilidades em ambos os idiomas.

Porém, os contingentes portugueses não eram anunciados e aflito para voltar à França para se alistar na legião estrangeira como voluntário português, Rafael começou a trabalhar na intenção de arrecadar dinheiro para a viagem; no entanto, a ansiedade do rapaz lhe fez pedir auxílio ao major Magalhães Lima e outros amigos para enfim partir para a França sem que fosse preciso recorrer ao pai.

Já na França, entusiasmado e temendo a oposição do pai, Rafael foi à primeira reserva de recrutamento, o de Baiona, e se alistou no 1º regimento da legião estrangeira. Já como voluntário, partiu para Lyon e para o campo de tiro de Valbonne, onde fez sua preparação militar. Só obteve licença de 24 horas para ver a família em Paris, esse encontro foi marcado pelo clima de despedida. Foi nessa oportunidade também que o moço revelou que sofria com os comentários que ouvia no Porto, principalmente os dirigidos ao pai, quando afirmavam que este queria a guerra para os outros e não para os seus.

[22] Agente de ligação

Nos campos de batalha, Rafael esteve primeiro na floresta de Argonne, depois na Alsácia e por último em Champanhe. Independentemente da localização, diariamente ele enviava cartas, por vezes, uma para o pai e outra para a mãe, mas a partir do dia 24 de setembro correspondência alguma foi recebida. Apenas no dia 9 de outubro chegou uma carta remetida pelo cabo brasileiro Manoel Lippmann que dizia: "Rafael caiu brava e heroicamente no campo de batalha". Depois chegaram mais duas cartas de seus camaradas, dando outros detalhes e por último uma carta de um oficial do seu regimento que enaltecia o heroísmo do jovem rapaz.

Na crônica, Xavier de Carvalho expôs uma preocupação potente com o cadáver do seu filho. Pelo que lhe foi informado, os corpos abatidos na região estavam sendo enterrados em um local lamacento, onde bombas alemãs caiam constantemente, abrindo grandes buracos, motivo que o fez imaginar que o corpo de seu filho tivesse sido reduzido a pedaços.

O correspondente relatou ter recebido inúmeras cartas de pêsames e muitas delas de autoridades políticas, como o presidente português, Dr. Bernardino Machado; membros de consulados de vários lugares do mundo, como o diplomata do Brasil em Paris, Dr. Olinto de Magalhães; intelectuais renomados, como Guerra Junqueiro e Jean Richepin, e inúmeros representantes da imprensa mundial de países como Portugal, Brasil, Inglaterra, Itália e Espanha.

A conclusão da crônica é uma espécie de homenagem aos guerreiros abatidos em todos os combates, especialmente aos voluntários que, assim como seu filho, deram a vida em defesa do "ideal latino". Xavier de Carvalho ainda consagrou os dias que lhes restam de vida à memória de seu filho, "que morreu enchendo de glória o modesto nome de seu pai", que lhe envia a derradeira bênção.

A próxima correspondência para as "Cartas de Paris" continuou mantendo a morte de Rafael como assunto principal. A princípio, Xavier de Carvalho agradeceu todas as palavras de conforto que ele e a família continuavam recebendo pela morte do filho, bem como as saudações em sua memória. No entanto, mencionou que uma das cartas recebidas de um "amigo seguro" (*O País*, 9 dez. 1915, p. 2), assinala que muitas pessoas deixaram de prestar condolências por receio de terem seus nomes estampados em jornais que recebiam a sua colaboração, bem como o *País*, e ficarem comprometidos com os alemães.

Extremamente irritado com a situação, o correspondente alegou que nunca esmolou pêsames a ninguém, sobretudo de pessoas com esse tipo de mentalidade. Acrescentou que tem recebido as mais sinceras condolências das altas autoridades mundiais da política, dos exércitos, da imprensa e das letras, que saúdam respeitosamente a morte heroica de seu filho e que de maneira alguma se incomoda com a abstenção dos "boches" do Rio de Janeiro, mesmo porque suas palavras poderiam conspurcar a memória daquele que deu o sangue "pela libertação da raça latina" e conclui: "Apenas me contento com a opinião dos espíritos sérios, com as palavras dos homens dignos, com o aplauso dos que têm honra. O que pode dizer um 'apache', mesmo bem engravatado, não tem a mínima importância".

Xavier de Carvalho também relatou as inúmeras homenagens que seu filho vinha recebendo, inclusive a mudança do nome da rua Graviers, em Rueil, onde nasceu o filho do correspondente, no dia 22 de abril de 1896, para Rafael Xavier de Carvalho e também a publicação de um livro, pela livraria Magin, contendo todos os artigos e cartas em homenagem a ele, que seria oferecido a todos os colaboradores do volume, ou seja, a todos que lhe renderam homenagem. O correspondente, no entanto, pediu desculpas aos leitores pelo fato de ocupar boa parte de sua crônica com as referências ao seu filho e se justificou dizendo que apenas cumpre o seu dever de honrar a memória de seu ente querido.

Por outro lado, faz-se necessário ressaltar a relevância do incansável proselitismo de Xavier de Carvalho na sua função de correspondente de guerra, não somente na medida em que fez chegar até os seus leitores informações sobre as inúmeras batalhas, ainda que tomadas pelos seus ideais tendenciosos, cumprindo também o papel de mediador, mas por se fazer de canal entre o seu público, a guerra e sua vida pessoal, sendo inclusive um importante recurso de dimensões psicológicas, embora de forma inconsciente e desintencional, em relação ao despertar de emoções, opiniões e sentimentos em seus leitores, que frente a sua necessidade de vingança, poderia despertar sentimentos semelhantes no seu público.

Sendo assim, não seria difícil imaginar que, em qualquer fase da guerra, propagandas tais como de Xavier de Carvalho angariassem adeptos, mesmo que no plano moral, através do empenho da sociedade, ou até mesmo a partir de voluntarismo, bem como sucedeu com o próprio filho. Certamente ao expor suas estratégias persuasivas, Xavier de Carvalho não contava com a morte de seu filho ou quiçá de outros voluntários;

no entanto, tinha ciência dos reveses que a sua atividade poderia causar e decerto tal condição não lhe causou conforto algum.

Figura 5 – Rafael Xavier de Carvalho[23]

[23] *O País*, 28 set. 1918, p. 7

3.3 Guerra Ideológica: a barbárie alemã e o posicionamento de Xavier de Carvalho

Após o início da guerra, a primeira correspondência de Xavier de Carvalho foi publicada pelo *País* no dia 14 de outubro de 1914, porém enviada no dia 10 de setembro do mesmo ano e com uma diferença: o correspondente já não estava mais residindo em Paris, que passava por um estado de sítio, mas refugiado em Bordéus. Por isso, a coluna recebe o nome de "Carta da Guerra".

Logo na segunda publicação da velha coluna com o título diferente, o cronista relatou que recebeu do estado maior o benefício denominado "carta de correspondente de guerra" (*O País*, 2 nov. 1914, p. 3). Trata-se da permissão para adentrar os campos de batalha e acompanhar as operações da guerra; a carta também lhe garantia o direito de enviar para Portugal e para o Brasil a *História oficial e completa* na versão traduzida. Por isso, garante que a publicação, detalhada até mesmo com gravuras inéditas, chegaria entre nós.

Indubitavelmente o assunto mais abordado na "Carta de Guerra" era o conflito armado que afligia a Europa naquele momento. Nesse sentido, as questões culturais e mais especificamente literárias, para as quais nosso trabalho está voltado, sofreram grande impacto nesse período. A *Belle Époque* marcada pela vida boêmia, em especial a de Montmartre, que foi muitas vezes abordada em "Cartas de Paris", já não existe mais. Em contrapartida, a guerra armada instaurou outro tipo de conflito: a guerra ideológica, que teve início quando um grupo de intelectuais alemães publicou um manifesto renegando a alcunha de "bárbaros" que recebiam de seus inimigos no confronto.

O manifesto é considerado, por Xavier de Carvalho, mais um ato de excessiva vaidade germânica, tendo em vista que era um apelo às outras nações para afirmar que a Alemanha era a única nação civilizada do mundo e "negar imbecilmente as atrocidades praticadas pela soldadesca prussiana". Apesar das alegações e das exigências do documento serem consideradas falsas e incabíveis, "o pedaço de papel irrelevante" estava proporcionando grande alvoroço por toda a Europa.

Os gregos, de forma estereotipada, hostil e xenofóbica para os dias atuais, consideravam bárbaros todos os povos estrangeiros que não compartilhavam da mesma cultura, economia, organização político-social, ou idioma. No final da Antiguidade, os

romanos adotaram o termo e o associaram diretamente aos germânicos, povos que viviam ao redor de suas terras e, para agravar a questão, os germânicos iniciaram o processo de migração e invasão dos domínios do Império Romano; nesse sentido, o epíteto se vinculou exclusiva e definitivamente a eles.

Em 1914, os ataques alemães a monumentos, bibliotecas, catedrais, museus, bem como o morticínio à traição, acabaram por suscitar a apodadura aplicada pelos gregos aos germânicos. Há um ponto, mais especificamente no auge da guerra, em que Xavier de Carvalho observou que, enquanto a França e o mundo todo cultivavam a arte, no clima da *Belle Époque*, a Alemanha se preparava para o combate e por esses motivos o correspondente defende tal denominação:

> O século XIX organizou brilhantíssimas exposições universais, em que se reuniram em congressos sábios e filósofos, em que se proclamou a vida, em que a poesia cantou a lírica emoção da alegria! [...] Na sombra, a Alemanha militarista preparava, em segredo, a morte... E obteve o resultado de quarenta anos de sinistra e pavorosa preparação. [...] Eis o triunfo [...] do seu trabalho paciente: as estradas cheias de moribundos, nos campos devastados pelos obuses os feridos a uivar de dor e, além, as viúvas e os órfãos com as mãos enclavinhadas na cabeça pela visão de horror, soluçando! O espectro da fome substituindo o quadro outrora risonho das primaveras, quando a terra refloria nos rebentos da seiva criadora! (*O País*, 5 fev. 1916, p. 2)

Através da crônica sugestivamente denominada *Discussão entre os intelectuais alemães e os do mundo civilizado* (*O País*, 13 out. 1914, p. 3), Xavier de Carvalho expôs sua opinião sobre a contestação realizada por cerca de 90 intelectuais alemães em forma de um manifesto contra a denominação de "bárbaros" aplicada a eles.

O cronista relatou que havia uma discussão em jornais do mundo todo, mas especificamente suíços, dinamarqueses, italianos e estadunidenses sobre o epíteto "bárbaros" que a França, Inglaterra, Rússia, Espanha, Itália e Portugal estavam atribuindo aos alemães e menciona que todas as "nações civilizadas" demonstravam indignação contra os "atos de barbaridade" praticados pelos germânicos que, por sua vez, protestaram contra o insulto.

O dramaturgo Gerhart Hauptmann foi um dos intelectuais alemães que mais contestou a alcunha e, conforme o correspondente, o escritor exigia no manifesto o reconhecimento da supremacia intelectual germânica. Xavier de Carvalho demonstrou sua indignação de maneira extremamente irônica ao relatar que o célebre dramaturgo

afirmou que os soldados alemães que tinham partido para a guerra "levaram na mochila um volume de Goethe, outro de Nietzsche ou de Schopenhauer, que [...] o[s] intelectua[is] le[em] repousadamente no 'bivouac[24]', no intervalo de duas batalhas, devaneando nos idílios de *Hermann e Doroteia*, ou parafusando nos dilemas do Ser e do Não ser" (*O País*, 13 out. 1914, p. 3).

Xavier de Carvalho demonstrou que conhecia e admirava as produções intelectuais alemães, inclusive as de Gerhart Hauptmann, ao dizer que prestigiou o autor "dos *Tecelões* e das *Almas inimigas*" e o aplaudiu no Teatro Livre. Por várias vezes, o correspondente teceu apreciações elogiosas às criações alemãs, mesmo depois da Guerra Franco-Prussiana, como foi o caso da primeira ocorrência após o referido combate.

Trata-se da turnê da trupe do *Schauspielhaus*, promovida por Lugné-Poe, esposo da atriz Suzanne Desprès. Nessa ocasião, o correspondente considerou que a "companhia dramática tão curiosa, [...] revelou uma arte moderna de grande e forte expressão" (*O País*, 29 mar. 1909, p. 2) e, após avaliar positivamente alguns pormenores, concluiu dizendo que os espetáculos do teatro alemão, em Paris, "produziram [...] a melhor impressão. Era a primeira vez que desde 1870 aparecia um artista alemão, representando em alemão, em um teatro de Paris!".

O Salão de Outono, no Grand Palais, recebeu uma exposição de arte no ano de 1910 e Xavier de Carvalho marcou presença. Dentre as obras comentadas, o cronista considerou que a grande novidade do evento havia sido a exposição da arte alemã de maneira geral e transpareceu certo espanto, não apenas da parte dele como também do público francês, em relação à singularidade do *Art nouveau* ou *Jugendstil* alemã que, aparentemente, não foi influenciada pelo *Art nouveau* francês, como era comum para tantos outros países:

> Os franceses ficam admirados com os progressos estéticos da Baviera, da mobília moderna, dos quadros tão exóticos e tão originais da arte nova alemã, que se não parece muito com a arte nova francesa. A seção dos teatros é muito curiosa. Só para ver essas salas de Munique vale bem a pena vir visitar a exposição. (*O País*, 30 out. 1910, p. 5)

Na obra *Aux Allemands*, publicada na Suíça, conforme a crônica de Xavier de Carvalho, o autor M. Matisse explica as razões pelas quais a Europa e a América estavam

[24] Acampamento.

nutrindo, naquele momento, o sentimento de ódio em relação aos alemães. Antes do eclodir da guerra, todas as nações consideravam os alemães um dos povos mais "inteligentes, probos e ativos" do mundo e sustentavam uma grande admiração pelos seus "sábios, industriais, moralistas etc", mas a guerra fez reverberar a ambição que há muito tempo vinha sendo camuflada e arrancou "a máscara que disfarçava os austro-alemães, pondo-lhes a nu a alma, o caráter e o espírito" (*O País*, 2 jun. 1915, p. 4).

Conforme o anúncio sobre *Aux Allemands*, M. Matisse considera que a mudança brusca da opinião especialmente dos continentes mencionados se deu quando o mundo inteiro testemunhou a iniciativa ambiciosa dos alemães de dominá-lo e, na tentativa de efetivar a conquista, empregaram "a brutalidade atávica da sua raça, o desdém pelos fracos, a ausência absoluta de princípios humanos". Como forma de exemplificação, suscitou a devastação causada na Bélgica e no norte da França, bem como o morticínio na Sérvia e na Polônia Russa.

Xavier de Carvalho esforçava-se na diligência de angariar adeptos à causa da Tríplice Entente e apelava para a progenitura latina em detrimento do povo germânico. Segundo ele, a moral alemã era apregoar que "o perdão e a bondade são dois vícios latinos"; nesse sentido, as virtudes são encaradas como fraquezas pelos alemães, fato que expõe a perplexidade da ausência de civilidade e de caráter desse povo tido como cruel, que já vinha travando uma "guerra surda" contra todos os países, inclusive a Inglaterra, a qual se desenvolvia em uma velocidade vertiginosa, mas sofria com a emulação e pela "concorrência desleal" alemã.

Em contrapartida, o manifesto da intelectualidade alemã foi respondido por personalidades de renome não somente francesas, como o filósofo Henri Bergson e o artista Romain Rolland, mas também de outros países, como no caso do poeta belga Maeterlinck, que demonstrou como o alemão age por instintos bárbaros.

Xavier de Carvalho traduziu alguns trechos da réplica escrita por Rolland, que por vezes é diretamente dirigida ao criador do manifesto alemão, o dramaturgo Hauptmann, exigindo-lhe a tréplica. O francês disse que não se surpreendeu, tampouco protestou em relação aos ataques extremamente violentos à neutralidade da Bélgica, já que apenas se tratava da execução de mais uma tradição dos reis prussianos. No entanto, os ataques à "Bélgica morta", representada pelos seus "tesouros de arte e de ciência", definitivamente confirmava o epíteto de bárbaros aos conterrâneos de Gerhart Hauptmann.

Em mais um episódio da guerra ideológica entre a intelectualidade latina contra a alemã, o correspondente relatou o ponto de vista do francês Weterlé, um ex-deputado de Colmar, que viveu durante 38 anos na Alemanha como professor universitário e por isso era considerado tarimbado para opinar.

Weterlé certificou que os "sabichões alemães [vivem] do vácuo, do fiasco, da inanidade, da falência, do absoluto vazio" e que "herr[25] professor é geralmente o mais ignaro e o mais insuportável pedante que podemos conceber". Além disso, considerou que a sabedoria e a cultura dos professores alemães não passavam de aparência e suas produções, salvo "raras e honrosas exceções" são estudos "indigestos [de] fraseologia enervante [...] por meio de vários contos do vigário". O professor francês ainda deixou subentendido que os ditos intelectuais alemães têm a habilidade de surrupiar e adaptar estudos latinos, ingleses, anglo-americanos e eslavos e por isso são reconhecidos indevidamente por produções que não são exatamente deles.

Xavier de Carvalho, por sua vez, acreditava que apenas no domínio da ciência alguns sábios têm-se destacado, porém relatou que até mesmo na opinião de um alemão, o "grande e talvez único crítico", o Sr. Effertz considerava os cientistas, seus compatriotas, "uns *blaffeurs* arranjadistas de textos estrangeiros, [que adotavam] teorias funambulescas, sobrecarregadas de incidentes e citações pedantes, a que os alemães, embora raros de senso, chamavam de *professor rendenthsch*".

Em todas as oportunidades, Xavier de Carvalho demonstrava um sentimento de desapontamento e declarava a sua inconformidade em relação aos ataques às cidades como Lovaina e Reims, ambas conhecidas pelos pontos turísticos, monumentos históricos e culturais de grande importância e renome. Em contrapartida, rebaixava cidades alemãs como Heidelberg, Bona, Munique, Jena e Berlim ao dizer que estavam se destacando pelo militarismo e consequentemente pela barbárie e não mais pela cultura e erudição.

O correspondente ainda considerava a literatura contemporânea alemã medíocre e acreditava que as influências francesas sempre foram determinantes para o êxito da intelectualidade alemã em todos os domínios. Ademais exaltava os nomes de romancistas e poetas de origem latina para asseverar a superioridade deles em comparação aos

[25] Senhor.

germânicos. São mencionados inclusive nomes de brasileiros, já que é esse o público-alvo e a quem a campanha pró-França na guerra estava direcionada:

> Sem Descartes nunca teria podido existir Kant, sem Lhomond não poderia ter havido Graeber, e Behring é um servil imitador (em via reduzida) de Berthelot. Nem mesmo na literatura moderna apresentam os alemães desde os meados do último século até hoje um único romancista que de longe mesmo se possa aproximar de Balzac, de Flaubert e de Zola, em França, de Eça de Queirós em Portugal, ou de Machado de Assis. Qual poeta alemão contemporâneo que possamos comparar a Coelho Neto ou a Bilac, ou que possa chegar aos calcanhares do nosso Guerra Junqueiro? Nenhum.

A cultura é compreendida como amálgama entre os povos latinos nesse período de guerra. Por essa lógica, fez-se necessário o apelo pela união da latinidade contra os germânicos e Xavier de Carvalho não hesitou em trabalhar nesse sentido, sempre exaltando a cultura dos povos latinos, especialmente para angariar adeptos, e desprestigiando a intelectualidade alemã. Tal desvalorização só é cabível nesse contexto de guerra, já que pouco antes do eclodir, o próprio correspondente tecia elogios às produções alemãs.

A crônica denominada "O famoso manifesto dos intelectuais alemães" (*O País*, 13 dez. 1914, p.7), publicada no dia 13 de dezembro de 1914, no *País*, expressa uma perspectiva sobre a guerra ideológica a respeito do manifesto dos intelectuais alemães ainda não explorada por Xavier de Carvalho. Trata-se de uma espécie de redenção de parte dos intelectuais que assinaram o manifesto, tidos como nomes vulneráveis, tais como Ernst Haeckel, Hauptmann, Brentano e de Oswald (provavelmente Oswald Spengler).

Xavier de Carvalho relatou que o manifesto repleto de mentiras foi coagidamente assinado pelos "chefes do monismo, do materialismo, do livre-pensamento alemão, das ciências físicas e químicas, professores das mais famosas universidades e diretores das principais academias" e o motivo é simples: todos eles são funcionários do Estado.

Conforme as alegações do cronista, os sábios não tiveram outra alternativa circunspecta que não fosse assinar o documento imposto pela autoridade militar, já que corriam risco de vida caso demonstrassem uma pequena hesitação e, se protestassem, "iriam parar com os ossos e com a ciência para o fundo de uma masmorra, em qualquer fortaleza", por isso todos assinaram.

Em contrapartida, Xavier de Carvalho elencou algumas considerações feitas pelo filósofo francês Émile Boutroux, em um artigo publicado na *Revue de Deux Mondes*, em que demonstra que a alma germânica é incutida pela barbárie mesmo em seres aparentemente mais cultos. Segundo o intelectual francês, "em todo cérebro teutônico há o vinco profundo, vestígio da rudez primitiva do conquistador bárbaro, tipo anormal, repugnante à nossa civilização greco-latina".

Além disso, Bourtroux realizou uma análise profunda das ideias do filósofo alemão Fichte[26] em relação à pura essência germânica e chegou à conclusão de que a nefasta perversidade do critério alemão se concentra na noção de que "a humanidade só tem um valor mecânico" e por isso os alemães "opõem-se a toda concepção da bondade, da doçura, da consolação e da piedade". Já que a força é o único ideal do povo germânico, ela também fundamenta a vaidade, que é a base de todo o imperialismo alemão.

Xavier de Carvalho declarou que somente a partir das considerações de Bourtroux foi capaz de compreender a subscrição do "glorioso Haeckel" à apologia da barbárie e à defesa dos crimes cometidos contra a população belga e francesa através do manifesto da intelectualidade alemã. No entanto, já na correspondência seguinte (*O País*, 18 dez. 1914, p. 1), o inconformismo em relação à adesão de Haeckel ao manifesto é novamente expresso e uma série de questões são levantadas com a finalidade de assinalar as controvérsias entre o manifesto e a *História da criação natural*, considerada a melhor obra científica do apóstolo da teoria evolucionista da filosofia monista, Ernst Haeckel. Dentre as considerações do filósofo alemão, levantadas por Xavier de Carvalho, da *História da criação natural*, ficou categoricamente declarado que:

> O militarismo representa infelizmente um triste papel no que se chama civilização; o mais claro da força e da riqueza dos Estados civilizados mais prósperos é desperdiçado para levar o militarismo ao seu mais alto grau de perfeição. E isto passa-se assim entre os povos que pretendem fazer-se passar como sendo os representantes mais distintos da mais alta cultura intelectual e que se julgam à testa da civilização! (*O País*, 18 dez. 1914, p. 1)

Sem perder a oportunidade de contestar o comportamento dos alemães que executavam exatamente o que foi apregoado como incorreto e condenável por um de seus maiores nomes, Xavier de Carvalho ironicamente questionou os leitores do *País*, tidos

[26] Johann Gottlieb Fichte (1762-1814)

como homens conscientes: “Quando é que Haeckel falava com critério, aos 45 anos, em plena força das suas faculdades intelectuais, ou hoje, aos oitenta e tantos anos, quase um demente, renegando todos o seu glorioso passado?”

Ernst Haeckel figurou mais uma vez como protagonista/antagonista da guerra ideológica. Desta vez, o jornal suíço *Die Freie Gemunde*, órgão da Comunidade Livre de Berlim, publicou um artigo escrito pelo Dr. Harndt em contestação às condutas não apenas de Haeckel, mas também de Oswald ao considerá-los traidores por serem favoráveis à destruição da Inglaterra.

Nesta crônica intitulada “Alemães conscientes que protestam” (*O País*, 28 dez. 1914, p. 3), o correspondente concordou com as acusações publicadas no *Die Freie Gemunde* ao elencar mais uma incoerência da parte do professor da Universidade de Jena, Ernst Haeckel, que pregava o combate à Inglaterra intelectual, sendo ele discípulo de Darwin, o autor da *Origem das espécies*, obra que proporcionou ao alemão a criação da teoria monista e lhe permitiu escrever o *Enigma do Universo*.

Mais uma ocorrência dessa ordem acontece quando Xavier de Carvalho trouxe para o embate o nome do filósofo alemão Nietzsche, tido como um dos raros, senão o único cérebro original da Alemanha, mas também um grande orgulho de seus compatriotas, que desconhecem a verdadeira aversão à mentalidade bárbara que o autor de *Zaratustra* nutria desde 1870.

Conforme Xavier de Carvalho, Nietzsche orgulhava-se em declarar sua naturalidade eslava e sua ascendência polaca por parte de seus avós. Após exonerar-se do cargo de professor em Bale, o filósofo foi morar na França, onde estudou os clássicos, enveredou nos livros de Taine e Saint-Beuve e permitiu-se influenciar pelos irmãos Goncourt e por Stendhal.

De *Ecce Homo*, o correspondente retirou algumas citações na tentativa de comprovar a preferência de Nietzsche pela França em detrimento de seu país de origem: “Só acredito na cultura francesa. [...] Os raros casos que encontro na Alemanha, de alta cultura, são apenas de origem francesa. [...] Tudo o que há de nobre na Europa, no que diz respeito a sentimento e a bom gosto, vem da França”.

Em outra passagem, segundo Xavier de Carvalho, existe uma frase célebre, escrita por Nietzsche, que introduz o primeiro capítulo de um de seus livros, onde se diz: “Há

filósofos alemães? Há poetas alemães? – perguntam-me no estrangeiro. Coro de vergonha, mas com a coragem que possuo nos casos, desesperados, respondo: sim, temos Bismark." Que na verdade foi o "chanceler de ferro" e estadista mais importante da Alemanha no século XIX.

Xavier de Carvalho ainda transcreve o que seria um trecho de tal livro de Nietzsche:

> Não posso suportar a vida na Alemanha, com o espírito de mesquinharia e de servilismo que penetra por toda a parte, até nos pequenos jornais dos casais e aldeias, envolvendo artistas e os sábios. Ajuntai a isso uma arrogância de pobres de espírito para com todos os homens e para com todos os povos independentes. [...] Os alemães imaginam que a força se deve manifestar pela dureza e pela crueldade. [...] O orgulhoso servilismo do alemão não provoca senão desprezo! (*O País*, 28 dez. 1914, p. 3)

Para concluir, o correspondente salientou que dentre as obras póstumas de Nietzsche figura o *Alemão*. Trata-se de um estudo, repleto de ironia, que compreende capítulos com títulos sugestivos de ódio ao alemão, tais como: "A corrupção do sangue", "A velhacaria moral", "A falta de clareza", "Os retardatários", "O professor alemão e o oficial", que por si só já revela o desprezo pela pátria incutido no ideário de uma das maiores personalidades do mundo.

Com apenas quatro meses de conflagração, Xavier de Carvalho não deixou de declarar a incontestável hegemonia militar alemã. No entanto, vislumbrou a sua derrota e o triunfo da Tríplice Entente ao relatar metaforicamente que "a águia negra principia a ter um vago aspecto de galinha molhada e esperando o cozinheiro que a vai depenar para o guisado e cabidela apetitosa" (*O País*, 17 jan. 1915, p. 4). Ao considerar a esfera militar em crescente instabilidade, o cronista mencionou que a luta comercial alemã da mesma forma demonstrava sinais de vulnerabilidade, já que economicamente o país estava impelido a agir, uma vez que seus portos estavam fechados.

Todavia, a esfera intelectual também foi aludida, por isso o manifesto da intelectualidade alemã é resgatado. Conforme o correspondente, as declarações só reproduziram repugnância e tristeza em toda parte e cada vez mais alcançaram protestos contra as audácias ali escritas, tanto que até mesmo os países neutros e todas as nações

latinas protestavam contra elas, efetivando o fim do advento intelectual alemão, que "cobriu-se, para sempre, de lama".

Para celebrar a união da latinidade em oposição ao manifesto das intelectualidades alemães realizou-se uma grande festa na Sorbonne. Sob a presidência de Paul Deschanel, membro da Academia Francesa de Letras e presidente da câmara dos deputados, o evento contou com discursos fervorosos de Guilherme Ferrero, Gabriele d'Annunzio, Ernest Lavisse e Pichon. Além disso, a celebração teve como organizadores senadores e deputados franceses, bem como o vice-reitor da Sorbonne, Dr. Appel e jornalistas, entre eles Xavier de Carvalho, representante do Brasil e de Portugal, que também fez um pronunciamento.

O correspondente salientou que o evento da latinidade em refutação aos 93 intelectuais alemães que assinaram o manifesto não contou com nenhum brasileiro e, por isso, não deixou de expressar sua indignação. Por outro lado, mencionou que, no Rio de Janeiro, houve uma conferência (*O País*, 5 abr. 1915, p. 2) proferida por Julia Lopes de Almeida sobre a obra *Vestiaire des blessés*, de Pierre Loti, Mme. Catulle Mendés e outros parisienses ilustres, e esse fato agradou demasiadamente Paris, mesmo porque na ocasião, não somente a conferencista, mas também Graça Aranha e Medeiros e Albuquerque denunciaram a barbárie germânica e enalteceram a luta da civilização latina.

Na crônica "Um bravo aos brasileiros conscientes" (*O País*, 2 maio 1915, p. 7), Xavier de Carvalho orgulhosamente relatou que foi constituído um comitê brasileiro em favor da Tríplice Entente na guerra. Dentre os nomes listados por ele, além de Julia Lopes de Almeida, Graça Aranha, Medeiros e Albuquerque já mencionados anteriormente também figurou o nome de José Veríssimo. Como representantes políticos, os senadores Azeredo e Rui Barbosa, Irineu Machado e Alcindo Guanabara são apresentados como exímios patriotas.

Além de aplaudir a iniciativa dos intelectuais brasileiros, Xavier de Carvalho também advertiu que as invasões germânicas aos territórios de Antuérpia e Flandres poderiam igualmente acontecer nas regiões do sul do Brasil, por já ter sido declarada essa intenção nos jornais de Berlim e de Hamburgo. E finaliza como quem pronuncia um grito de guerra ao dizer: "O Brasil aos brasileiros!", realizando, sobretudo, uma campanha em prol do Brasil na guerra e destacando a necessidade de desvinculação entre os brasileiros, especialmente da região sul, dos imigrantes alemães naquela região.

Tal reivindicação remete não somente à crescente germanofilia que já vigorava em alguns lugares brasileiros no pré-guerra, mas sobretudo à ideologia que despertava reações positivas em parte dos intelectuais e até mesmo dos governantes brasileiros, que estavam "empenhados na construção do estado e da identidade nacional", a partir de um "real ou hipotético patrocínio [...] do imperialismo germânico" em alguns territórios do Brasil Meridional, que, por sua vez, "deveriam ficar como área de influência econômica ou de dominação direta da Alemanha" (VOGT, 2007, p. 225). Foram essas questões que deram a origem à crença do "perigo alemão".

Embora a população de ascendência alemã no Brasil do início do século XIX fosse em menor número, especialmente quando comparada a outras nacionalidades, como a italiana, a portuguesa e a espanhola, a sua concentração demográfica permitiu manifestações socioculturais germânicas expressivas. Já a partir do final daquele século, imigrantes alemães e seus descendentes começaram a promover a defesa da "ideologia da germanidade ou do *Deutschtum*", mas sem deixar de provocar reações adversas em vários setores da sociedade brasileira, sobretudo naqueles que estavam empenhados na construção da identidade nacional e que desacreditavam no êxito de uma nação que comportasse dupla identidade, como seria o país dos *Deutschbrasilianer* (teuto-brasileiros), como era proposto. Sendo assim, a região sul do país começou a ser tachada de estrangeira, já que desenvolvia "quistos étnicos" (VOGT, 2007, p. 226).

Curiosamente Sílvio Romero, um adepto dos preceitos da Escola do Recife e discípulo de Tobias Barreto, foi um dos intelectuais que mais ferrenhamente defendeu a tese do "perigo alemão", justamente porque não concordava com a maneira que a imigração alemã estava sendo conduzida no tocante à economia e à política no Brasil, principalmente na região sul, já que temia a independência dos *Deutschbrasilianer* do resto do país. Por isso, Romero propunha que a colonização alemã se espalhasse por todo o território brasileiro, não apenas para descentralizá-la demograficamente, evitando os perigos da afluência, mas também contribuindo para o processo de branqueamento da população brasileira, através da mestiçagem; portanto, defendia a "assimilação acelerada dos denominados 'quistos étnicos estrangeiros'" (VOGT, 2007, p. 254).

Em todo caso, a germanofilia iniciada no Brasil com a Escola do Recife sofreu um forte revés no período da Primeira Guerra Mundial (e também da Segunda), muito por conta dos vínculos reforçados entre as culturas brasileiras e francesas, que, por sua vez, deve muito às atividades de mediadores culturais como Xavier de Carvalho.

3.4 O "VELHO AMIGO" OLIVEIRA LIMA: DA GLÓRIA AO INFORTÚNIO.

Dono de uma personalidade controversa e inconfundível, o pernambucano Manoel de Oliveira Lima sempre se destacou por onde esteve, mas nem sempre a distinção era positiva. Tido como homem abominável, era pintado caricaturalmente como glutão e ambicioso, que incitou o ódio de Graça Aranha e o rancor de Medeiros e Albuquerque. Além disso, era acusado de ser uma pessoa de inferioridade moral e intelectual, marcado especialmente pela vaidade e pela inveja que nutria por Joaquim Nabuco e pelo Barão do Rio Branco, conforme as declarações de Gilberto Freyre em *Oliveira Lima: Don Quixote Gordo*.

Uma legião de intelectuais e políticos atuaram contra Oliveira Lima de uma forma significativa para quem prezava a história, já que foi intencionalmente negligenciado por quem a mantém, "através de silêncios de jornais em torno de seu nome e dos seus livros" (FREYRE, 1970, p. 21) e, mesmo em vida, Oliveira Lima era um mero desconhecido no Brasil. Prejudicou-se também pela sua impaciência e pelo seu modo explosivo de agir.

Oliveira Lima sempre andou na contramão da maioria dos intelectuais brasileiros seus contemporâneos. As relações eram conflituosas não apenas quando havia divergências temperamentais e ideológicas sobre qualquer que fosse o assunto, mas também quando havia semelhanças, uma vez que tais equivalências criavam mais incompatibilidade do que aproximações, pelos contrastes de orientação ou de formação intelectual (FREYRE, 1970, p. 81).

Os métodos de análise histórica pelos quais Oliveira Lima é exaltado são inspirados sobretudo em anglo-saxões e alemães. Característica resultante de sua dedicação à diplomacia, Oliveira Lima é tido como um verdadeiro cosmopolita; no entanto, seu apego à sua terra é indiscutível, embora seu brasileirismo nunca permitisse que as raízes europeias fossem arrancadas de sua terra natal.

A predominância de afinidades, para convívios intelectuais e até mesmo sociais, permitia relações de amizade que perduravam durante toda a vida, como se verificou entre José Veríssimo e Oliveira Lima, sem deixar de levar em consideração o fato de que Veríssimo tenha sido "um mestre brasileiro de equilíbrio, de sobriedade e de inteligência compreensiva" (FREYRE, 1970, p. 24).

Por essa perspectiva, o seu amigo pessoal e "quase discípulo" Gilberto Freyre, o autor de *Oliveira Lima, Don Quixote gordo*, afirma que, apesar dos defeitos humanos de Oliveira Lima, suas virtudes eram incomuns e dignas de reconhecimento: "corajoso nas ideias, bravo nas atitudes, insuperável na independência do seu pensar e do seu sentir. Quixotesco a seu modo" (FREYRE, 1970, p. 21).

Oliveira Lima foi um homem cultuado e apaixonado por livros, tanto que a sua biblioteca particular, a Brasiliana, conta com 58 mil livros e é considerada o terceiro maior acervo sobre o Brasil, mas encontra-se em Washington, na Pontifícia Universidade Católica da América, para a qual ainda em vida doou, já que tanto a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro ou qualquer outra do Recife não ofereceriam os recursos necessários para a preservação da integridade da Brasiliana.

Desde o primeiro ano da nossa investigação, o nome de Manoel de Oliveira Lima apareceu constantemente como assunto e dos mais notáveis. Logo em janeiro de 1909, Xavier de Carvalho cogitou a possibilidade do célebre brasileiro realizar uma conferência em Paris. Na época, além de membro da Academia Brasileira de Letras, Oliveira Lima era ministro do Brasil em Bruxelas; portanto, o embaixador brasileiro na Bélgica.

O tema de sua conferência giraria em torno do Brasil intelectual, mas quase toda ela seria dedicada a Machado de Assis e, por esse motivo, o correspondente relatou que tal conferência possuía todos os elementos para ser considerada "uma das maiores manifestações do Brasil moderno no grande centro mundial que é Paris" (*O País*, 31 jan. 1909, p.5). À frente da organização do evento estava a *Société des Études Portugaises*, para cuja presidência foi eleito Anatole France.

Machado de Assis foi objeto do contagioso entusiasmo do "revelador da cultura brasileira" ao público intelectual estrangeiro que foi Oliveira Lima. A conferência sobre o célebre escritor brasileiro em Paris estava, ao lado da conferência sobre o Padre José Maurício, em destaque no rol de ação de Oliveira Lima no setor da diplomacia cultural, segundo Gilberto Freyre (1970, p. 28), pois nesse quesito ele é considerado o pioneiro na instauração de formas modernas. Mesmo sendo um importante influenciador, infelizmente nenhum de seus sucessores em postos diplomáticos conseguiu manter a atividade da diplomacia cultural tão vigorosa, conforme as ponderações de Freyre.

Xavier de Carvalho se dirigiu a Oliveira Lima como o "querido e bom amigo" e exaltou o grande preparo intelectual, o espírito elevado, mas acima de tudo cultivado, já

que é "o homem de letras dos mais distintos" e aquele que conta com "*grandes simpatias em Paris"* (*O País*, 31 jan. 1909, p.5 – grifos nossos).

Com o título de "Novas várias" (*O País*, 4 fev. 1909, p. 3), a próxima correspondência trouxe, a pedido da *Société des Études Portugaises*, de Paris, a confirmação da realização da conferência regida por Oliveira Lima, que iria acontecer na Sorbonne, no mês de março. Comprovou-se também o assunto: "Machado de Assis e o estado atual das letras brasileiras".

O anúncio deixa em suspenso, dessa vez, a realização de um banquete oferecido não somente a Oliveira Lima, mas também a Olavo Bilac e a João do Rio. Ambos os eventos deveriam contar com a presidência do "glorioso escritor francês" Anatole France, que estava incumbido de pronunciar um discurso sobre "as relações intelectuais [entre a] França e as nações da América do Sul", que seria publicado em folheto posteriormente.

Xavier de Carvalho demonstrou ser um membro muito ativo da *Société des Études Portugaises* e relatou, na crônica publicada no dia 16 de março de 1909 (escrita e enviada para o Rio de Janeiro em 26 de fevereiro do mesmo ano), que estava fazendo o possível para que Anatole France fosse definitivamente o presidente do evento e que escolheu a célebre Universidade de Paris, a Sorbonne, para receber as comemorações em homenagem a Machado de Assis, que já estavam sendo programadas um mês depois da morte do "saudoso brasileiro" (*O País*, 16 mar. 1909, p. 3), inclusive anunciadas nas "Cartas de Paris". As únicas novidades dessa correspondência dizia respeito a que a conferência havia sido adiada para o início de abril e que provavelmente apareceria publicada em uma grande revista de Paris, que tinha uma tiragem de cerca de três mil exemplares.

Para confirmar a intensa atuação de Xavier de Carvalho na *Société des Études Portugaises*, na crônica seguinte, ele relatou que "todas as manifestações em honra do Brasil intelectual foram da iniciativa do correspondente parisiense do *País*, na qualidade de secretário geral" (*O País*, 15 abr. 1909, p. 1-2) da referida instituição. Apesar de dizer que não competia a ele falar sobre a celebração que estava empreendendo, se diz plenamente satisfeito, já que tem conquistado o que desejava: "a glorificação em Paris dos primeiros e mais ilustres vultos do Brasil literário".

Nesta mesma correspondência, Xavier de Carvalho anunciou que no sábado, dia 3 de abril, no anfiteatro Richelieu da Faculdade de Letras da Sorbonne seria realizada a

festividade da intelectualidade brasileira. Além de confirmar a presidência de Anatole France, que também discursaria sobre o Brasil, e a conferência de Oliveira Lima, que falaria sobre Machado de Assis, o correspondente anunciou que o Dr. Charles Richet faria um pronunciamento sobre "a influência intelectual da França no Brasil". O escritor e tradutor belga Victor Orban havia traduzido alguns versos de Machado de Assis que então seriam recitados pelas atrizes Madeleine Roch e Lea Misley na noite do Brasil na França.

O almoço em homenagem a Oliveira Lima foi confirmado para o dia seguinte e seria realizado no salão nobre do café Riche, "o célebre restaurante do *boulevard* dos italianos [...] o ponto de reunião da elite de Paris"; porém, não seria oferecido pela *Société des Études Portugaises*, mas pelo grupo parlamentar da *Union Latine*.

A última correspondência de Xavier de Carvalho antes da "grandiosa manifestação *franco-brésilienne*" é datada justamente no dia 3 de abril, portanto no mesmo dia do evento. Por isso, as últimas novidades são relatadas; dentre elas estão o breve discurso em agradecimento às adesões recebidas pelas autoridades brasileiras em Paris, proferido por ele, como organizador, e a participação de Gabriel Piza, ministro do Brasil em Paris.

Além disso, relatou que o *Paris-Journal*, uma importante folha diária, publicou um artigo de sua autoria sobre a literatura brasileira, a propósito da comemoração de Machado de Assis, e que a livraria Garnier distribuiu um pequeno trabalho, resumindo as obras *Memorial de Aires* e *Dom Casmurro*.

Já o almoço do dia seguinte, aparentemente, teve algumas alterações em relação aos homenageados e ao que foi anunciado por último. Com efeito, Xavier de Carvalho afirmou que o banquete organizado por ele era em homenagem a Olavo Bilac e que contaria com a adesão do grupo parlamentar da *Union Latine*, em honra a Oliveira Lima. Portanto, unindo basicamente a ideia original, homenagear Olavo Bilac e João do Rio, (com a exceção deste último, já que o nome do pioneiro da crônica-reportagem não foi citado) e a intenção da *Union Latine*.

Logo no dia 7 de abril, Xavier de Carvalho escreve sobre as festividades em homenagem à intelectualidade brasileira e toda sua correspondência é dedicada ao assunto. Segundo o cronista, há muito tempo não acontecia na França festa mais

deslumbrante e, apesar de vários embaraços, causados por "pequeninas invejas[27]", o Brasil intelectual foi definitivamente consagrado.

A celebração que tinha como fim principal glorificar Machado de Assis, organizada pela *Société des Études Portugaises*, contou com a importante adesão de grupos da *Union Latine* e também da *Société des Universités et Grandes Écoles de France* e das Universidades Populares.

A partir de então, com a ampla propaganda da intelectualidade do Brasil, o cronista mencionou que este país não ficaria conhecido apenas por ser o "produtor do café, da borracha e do mate", mas, sobretudo, por ser a pátria de "Gonçalves Dias, de Machado de Assis, de Luiz Murat, de Raimundo Correia, de Olavo Bilac, de José Veríssimo, de Coelho Neto e tantos outros luminares das letras, inteligências de elite de igual valor às primeiras celebrações europeias".

A festa contou com a colaboração de três escritores de "grande renome": Anatole France, Charles Richet e Oliveira Lima. Cada um teve a atenção especial do cronista que compôs uma espécie de biografia deles. Teceu inúmeros elogios à genialidade de Anatole France, bem como à sua nobre personalidade; glorificou o dom da oratória do grande médico pacifista, que esteve no Brasil para realizar uma conferência ao lado de Olavo Bilac e Ferri, e de onde voltou encantado com a hospitalidade e erudição de seu povo. Já a apresentação de Manuel de Oliveira Lima foi mais detalhada:

> O atual ministro do Brasil em Bruxelas [...] é um dos membros mais distintos e mais dignos do corpo diplomático e da Academia Brasileira de Letras. Nascido a 25 de dezembro de 1867, na noite de natal, na cidade de Pernambuco, tinha apenas 6 anos de idade quando veio para Portugal, acompanhado de sua família, passando toda a mocidade em Lisboa, onde frequentou o curso superior de letras, sendo um dos mais distintos discípulos do grande sábio Teófilo Braga. Nessa época já colaborava em jornais portugueses e brasileiros, sobretudo no *Repórter*, de Oliveira Martins, onde publicou uma admirável série de artigos em favor da abolição da escravatura e em prol das doutrinas democráticas. Quando foi proclamada a República no Brasil, o general Quintino Bocaiúva, então ministro dos negócios estrangeiros, escolheu-o para o posto de 1º secretário da legação do Brasil em Portugal. No ano seguinte, em 1890, casou-se com a descendente de uma das mais dignas e nobres famílias brasileiras Madame Flora Cavalcanti de Albuquerque, senhora de raras virtudes, de uma grande bondade e de uma inteligência superior. Em 1892 foi nomeado secretário da legação do Brasil em Berlim, onde esteve três anos sob a direção do barão de Itajubá. Depois

[27] O cronista não nos dá mais informação sobre os contratempos desencadeados por inveja, mas podemos considerar que tais ocorrências podem estar relacionadas ao nacionalismo/ *O País*, 2 maio, 1909.

> esteve no Brasil, onde empreendeu muitos trabalhos históricos e literários. Em 1896 foi nomeado 1º secretário em Washington, onde esteve até 1900, passando depois para Londres. Na capital inglesa dirigiu durante alguns meses o importante cargo de encarregado de negócios. Em seguida, vemo-lo no Japão como ministro, residindo três anos em Tóquio, onde escreveu um dos seus belos livros, *No Japão*. Do extremo Oriente foi nomeado sucessivamente para ministro no Peru e mais tarde para a Venezuela. [...] veio para a Bélgica, onde hoje se encontra. Mas o Dr. Manoel de Oliveira Lima não é apenas um diplomata notável – é um homem de letras de incontestável valor. Tem trabalhos de primeira ordem, que o designaram para um dos "*fauteuils*" da Academia Brasileira. Entre as suas obras principais devemos destacar: *Pernambuco e o seu desenvolvimento histórico, Sete anos de República no Brasil, Aspectos da literatura colonial brasileira,* [...] *A história diplomática do Brasil, No Japão* [...] o drama histórico *O secretário do Rei* [...] e o discurso que pronunciou quando foi recebido na Academia Brasileira. E trabalha agora numa obra histórica sobre D. João VI no Brasil, e que vai aparecer em junho. Tem colaborado assiduamente na *Revista Brasileira,* na *Nouvelle Revue* de Paris, *na Revista Portuguesa*, no *Jornal de Recife,* no *Diário de Pernambuco*, no *Correio da Manhã,* no *País,* no *Estado de S. Paulo*, no *Jornal do Comércio* do Rio [...]. É um letrado dos mais distintos e dos mais notáveis do Brasil[28].

O evento foi intensamente prestigiado, tanto que o correspondente salientou que as seções das conferências iniciavam às 21 horas, mas com meia hora de antecedência o anfiteatro já estava tomado em sua capacidade máxima e cerca de 500 pessoas não puderam adentrar. O evento superou as expectativas e mesmo com a delonga da conferência de Oliveira Lima, (cerca de 1h15m) os espectadores escutaram atentos e admirados, aplaudindo intensamente ao fim o nobre conferente. Segundo os discursos de Xavier de Carvalho na íntegra, bem como a relação dos nomes de personalidades francesas e brasileiras, inclusive Olavo Bilac, presentes no anfiteatro.

O banquete ocorrido no dia seguinte em homenagem a Oliveira Lima (e apenas a ele, visto que não foram aludidos os nomes de Olavo Bilac e tampouco de João do Rio) também foi mencionado pelo correspondente. Xavier de Carvalho relatou que mais de 100 convidados encheram o recinto e, como organizador da festa, se justifica "pelas mesas tomadas de assalto", já que membros do comitê se ausentaram e ele não obteve auxílio na distribuição dos lugares. No entanto, todos saíram satisfeitos da manifestação a que se referiram com elogio "os jornais mais lidos de Paris, sobretudo os órgãos da colônia".

[28] O excerto contém trechos ilegíveis.

Manoel de Oliveira Lima, a quem era dedicado o banquete, discursou e teceu inúmeros elogios e agradecimentos a Xavier de Carvalho, na figura do organizador do evento. Léon Simon, "negociante de São Paulo e domiciliado havia anos em Paris" também tomou a palavra, bem como o diretor do *Mundo Elegante* e da *Ilustração Universal*, A. de Souza, que proferiu um discurso patriótico; além deles, os deputados Beauguler e Nicol, o professor da Sorbonne Paulo Vibert e Max Nordau, médico e ativista do sionismo também se pronunciaram em honra do Brasil intelectual. As festividades não se encerraram por aí, foi no dia seguinte ao banquete, Gabriel Piza, o embaixador do Brasil em Paris, ofereceu um "*rout*" a Oliveira Lima.

As celebrações demonstraram simpatia, admiração e respeito da colônia brasileira em Paris, mas também das "notabilidades do mundo oficial francês" ao eminente brasileiro que, como já afirmou Xavier de Carvalho, era tido como um dos nomes mais queridos e admirados do Brasil na Europa.

Oliveira Lima continuou sendo muito aclamado em Paris, mesmo após as homenagens recebidas na semana voltada à glorificação da intelectualidade brasileira. Xavier de Carvalho aludiu o nome do distinto homem de letras e diplomata em suas crônicas em várias ocasiões, assim como no anúncio (*O País*, 5 set. 1909, p.3) da publicação do livro organizado por Victor Orban, editado pela casa Michaud, em Bruxelas, contendo a conferência de Oliveira Lima, o discurso de Anatole France e as traduções das poesias de Machado de Assis realizadas pelo organizador da obra (e também tradutor de Gonçalves Dias, Luiz Murat, Bilac e outros brasileiros).

O correspondente do *País* em Paris realizou uma viagem à Bélgica, em missão especial (*O País*, 13 set. 1909, p. 5), para acompanhar o andamento de uma exposição, que estava programada para o próximo ano, 1910, mas que, para a desilusão do cronista, estava extremamente atrasada. Lá, foi recebido pelo amigo Victor Orban, que estava preparando "uma antologia da poesia romântica e parnasiana do Brasil" e esteve também em companhia de Oliveira Lima, que o presenteou com o volume sobre Machado de Assis.

Xavier de Carvalho aproveitou a oportunidade e dedicou uma crônica ao célebre brasileiro, a quem dispensou inúmeros enaltecimentos, mas também deixou nas entrelinhas que o ilustre ministro do Brasil em Bruxelas estava tendo de enfrentar uma

espécie de retaliação por parte de positivistas, que provavelmente não viam o conhecimento científico sendo verdadeiramente priorizado por Oliveira Lima:

> [...] o digno ministro do Brasil em Bruxelas é não só uma inteligência de elite, mas um nobre e generoso espírito. Desconhecendo a baixa intriga, tendo o máximo horror à calúnia pelo que se distinguem certos e determinados "positiveiros", arvorados em diplomatas, esse homem de alto critério e de um são espírito tem sabido sempre conquistar a admiração, impondo-se ao universal respeito. É um diplomata em toda a larga e completa extensão da palavra, um diplomata que sabe o que é a diplomacia.

No teatro La Monnaie, em Bruxelas, houve um evento em homenagem ao Brasil. Lecointe[29] iniciou os trabalhos descrevendo a ótima fase econômica que a Bélgica estava vivendo, e cedeu a palavra a Georlette, cônsul brasileiro em Antuérpia, que teve como tema de sua palestra a crescente economia brasileira e, por fim, Oliveira Lima, que intitulou sua conferência de "A conquista do Brasil pelos brasileiros" (*O País*, 25 abr. 1910, p.2), fazendo um panorama da história de seu país e traçando belas e animadoras projeções para o futuro. Xavier de Carvalho mais uma vez vangloriou a atuação de Oliveira Lima na Europa, já que primeiramente consagrou o Brasil intelectual em Paris e então fez o mesmo em Bruxelas em relação até mesmo à economia.

A primeira ocorrência de substituição do título da coluna "Cartas de Paris" deu-se no dia 27 de julho de 1910, em ocasião da exposição que já estava sendo anunciada pelo correspondente desde o ano anterior. Xavier de Carvalho cobriu o evento como enviado especial do *País* a Bruxelas para acompanhar o novo presidente do Brasil, o marechal Hermes da Fonseca. A coluna, então, exclusivamente nessa circunstância levou o nome de "Na exposição de Bruxelas".

Dentre os acontecimentos sobre a "Exposição Universal e Internacional" da capital belga, Xavier de Carvalho propiciou bastidores ao falar sobre a festa oferecida por Oliveira Lima ao marechal Hermes da Fonseca, no *Grand Hotel Britanique*, que contou com a participação de importantes nomes oficiais de vários países e com a cobertura da imprensa, tendo os correspondentes Gastão Argolo, pelo *Brésil*; F. Guimarães, pelo *Jornal do Comércio*; Jaime Argolo, pelo *Courrier du Brésil* e Mendes de Almeida, pelo *Jornal do Brasil*.

[29] Georges Lecointe (1869-1929) oficial da marinha e cientista belga.

As crônicas de "Na exposição de Bruxelas" contam com a reprodução dos dois discursos proferidos por Oliveira Lima; o primeiro no já citado almoço em homenagem ao marechal Hermes da Fonseca e o outro em ocasião da inauguração do pavilhão brasileiro na exposição. Nesta mesma oportunidade, o comissário do Brasil, Dr. Ferreira Ramos, discursou em favor do ministro do Brasil em Bruxelas, ao destacar, assim como salientou Gilberto Freyre (1970, p. 28), o seu papel inovador ao promover "festas espirituais", regadas a muita instrução e erudição nas conferências diplomáticas:

> Quero exprimir também a S. Ex., o Sr. Ministro do Brasil, que representa com tanta distinção em Bruxelas, que [...] até agora as chancelarias não tomavam parte senão em conferências diplomáticas. Mas, hoje os diplomatas, sedentos de ciência, partilham os frutos dos seus estudos. Nesta capital, Sr. Ministro, nós consideramos V. Ex. entre os príncipes das conferências.

A correspondência de 9 de dezembro de 1910, conta com a crônica intitulada "Oliveira Lima em Paris" (*O País*, 5 jan. 1911, p.7), que versa sobre a ida do ministro do Brasil na Bélgica a Paris para tratar de mais uma atividade que pretende desenvolver por lá. Trata-se de uma série de doze conferências sobre a história do Brasil, desde suas origens, a chegada dos portugueses, o período colonial, a proclamação da República até o fim do governo de Nilo Peçanha. Para tanto, tem-se reunido com o reitor e com os principais professores da Sorbonne, onde pretende realizar suas "*causeries*". Tal fato, por si só, já demonstra a tamanha influência que Oliveira Lima mantinha na capital francesa.

Em decorrência do que foi anunciado por Xavier de Carvalho nessa ocasião, Oliveira Lima inaugurou, no ano de 1911, em Paris, a cadeira de estudos brasileiros na Sorbonne, onde apresentou as doze lições que seriam reunidas para a formação do livro *Formação histórica da nacionalidade brasileira* (VELLOZO, 2012, p. 193).

Em ocasião da formação do comitê francês da Sociedade Greco-Latina, que teve origem em Roma, Xavier de Carvalho sugeriu que se fizesse o mesmo no Rio de Janeiro, ademais indica o nome de Oliveira Lima para o cargo de presidente, tendo em vista que ele é, sem dúvida, "o homem todo indicado para presidir esse agrupamento, porque é o nome de escritor brasileiro mais conhecido e apreciado na Europa".

Manoel de Oliveira Lima conseguia atrair sobre si a atenção dos intelectuais. Sempre muito festejado, o então ministro do Brasil em Bruxelas era lembrando em inúmeras ocasiões. Sua intelectualidade, seu determinado culto à erudição e

representatividade fizeram dele um dos mais notáveis brasileiros na Europa, sobretudo na França. No entanto, quando já não ocupava a função de diplomata na Bélgica, provavelmente escancararam-se seus possíveis ideais políticos, os quais divergiam em relação aos da Tríplice Entente em um momento extremamente significativo: a I Guerra Mundial.

Seu nome chegou a ser cotado para a embaixada brasileira em Londres, mas um conjunto de situações não permitiu a sua indicação. A princípio, a defesa de Oliveira Lima da neutralidade brasileira na guerra não era aceitável pelo governo britânico, mesmo porque a sua proximidade intelectual com os germânicos era inegável, já que não poupava elogios às obras filosóficas da Alemanha, assim como provou Medeiros e Albuquerque à legação britânica na ocasião. Além disso, suas declarações sobre o legado de Dom Pedro II demonstravam simpatia à monarquia, levando o Senado a temer seus possíveis intentos restauracionistas e a rejeitar a indicação do diplomata ao cargo (VELLOZO, 2012, p. 27). Por causa desses acontecimentos, Oliveira Lima se aposentou.

A primeira notícia da eventual cisão entre Oliveira Lima e a dita latinidade encontra-se na crônica publicada no dia 17 de março de 1915, portanto com a guerra em andamento, e é toda ela voltada à "Festa da Civilização Latina" (*O País*, 17 mar. 1915, p. 3), basicamente uma celebração da Paris culta em resposta ao Manifesto da intelectualidade alemã, já mencionado anteriormente; Oliveira Lima não participou do evento.

A cerimônia realizada na Sorbonne, organizada pela *Revue Hebdomadaire* e pela Sociedade de Conferências, contava com a presença de Oliveira Lima, tanto que o lugar reservado a ele ficou vago durante toda a festa e, por causa de sua ausência, "não se executou o hino brasileiro", como havia sido programado.

Xavier de Carvalho lamentou o fato de seu "velho amigo" não ter conseguido sair de Londres para participar da celebração, na qual "o grande propagandista da civilização latina" faria um discurso. Não poderia ser designado outro a falar em nome do Brasil, já que, conforme o cronista, apenas ele reunia todos os motivos para tal; nesse sentido, o Sr. Martinenche, professor da Sorbonne, e o general Reis, ex-presidente da República da Colômbia, o substituíram no programa.

No dia seguinte, aconteceu um banquete no Hotel Lutetia e novamente não houve nenhum representante do Brasil; em contrapartida, no vasto salão do Hotel, a bandeira

brasileira estava hasteada entre todas as outras das nações latinas, conforme relatou o cronista que, na condição de representante intelectual de Portugal, proferiu um discurso em solidariedade à França em um tom engajado, pungente, mas também comovente sobre as atribulações da guerra. O correspondente não deixou de saudar o Brasil, a "República amiga que só conta admiradores sinceros neste país".

No terceiro e último dia de celebração de Paris como a "capital da inteligência humana" contra a barbárie germânica, houve mais um banquete que reuniu quase todos os membros diplomáticos em Paris. A mesa de honra era presidida pelo ex-ministro Piachon, o poeta d'Annunzio e o historiador Ferrero.

Xavier de Carvalho relatou que, da imprensa brasileira, apenas ele, como representante do *País*, encontrava-se na cerimônia e destaca que a imprensa alemã ridicularizou a manifestação latina. Em contra-resposta, o correspondente, de forma irônica, disse que seria impossível reproduzi-la em Berlim, pois apenas Paris seria capaz de dominar "o mundo pelos seus sábios, os seus oradores e seus poetas!".

No semanário publicado em Paris, *Le Brésil*, foi divulgada uma carta de autoria de Oliveira Lima explicando as razões pelas quais recusou o convite das Agremiações e Academias Latinas de Paris para representar o Brasil nas festividades em consagração da latinidade. Conforme Xavier de Carvalho, o ilustre membro da Academia Brasileira de Letras assim se manifestou:

> Nem como antigo diplomata, nem como brasileiro, nem como americano do sul, tinha o direito de denunciar a barbárie alemã. Estava de acordo em glorificar o espírito latino, como o tem feito tantas vezes, mas não podia associar-se a uma manifestação em que as suas palavras poderiam ferir a neutralidade de um país que não deve tomar partido no atual conflito. Mais tarde, quando vier a paz, a paz tão ardentemente desejada, poderá então saudar quem tiver realizado essa grande vitória do espírito da humanidade. (*O País*, 3 abr. 1915, p. 1)

O correspondente do *País* em Paris dirigiu-se ao velho amigo, por quem sempre nutriu o mais profundo afeto (sentimento que não deixou de expressar em suas crônicas), para realizar um desabafo, em que sobressai a tristeza frente à recusa de se manifestar a favor da latinidade e contra a barbárie germânica. Xavier de Carvalho acusou Oliveira Lima de usar sua antiga função de diplomata como subterfúgio (e também da condição de brasileiro, já que o Brasil mantinha a neutralidade) para esquivar-se da responsabilidade de impor-se, e esse ato é encarado pelo cronista como traição:

> A sua carta causou-nos um desgosto enorme! Sentimos os olhos cheios de lágrimas, como em frente de uma grande, de uma infinita dor! Como? Então esse admirável Oliveira Lima, que nós sempre aqui consideramos em França, o grande campeão da latinidade da América do Sul, hesita, mesmo um instante em querer denunciar a barbárie germânica, escudando-se na sua qualidade de antigo diplomata e de brasileiro? Mas, querido e excelente amigo, isso é quase (desculpe-nos o termo odioso) uma traição a todos os latinos que tanto o estimam e consideram. Como latino e membro dessa nação latina por excelência na América do Sul, que é o Brasil, é que nós tanto havíamos desejado ouvi-lo na Sorbonne. Não, grande e generoso espírito, honra e glória das letras brasileiras! A sua carta causou-nos uma grande tristeza, e foi uma surpresa para todos os amigos (e eles são muitos) que Oliveira Lima conta em Paris. E sobretudo nessa Sorbonne onde estamos habituados a ouvi-lo e aplaudi-lo com tanta justiça. Que desilusão nesta horrível guerra! Ontem, o autor dos *Enigmas do Universo*, o chefe do monismo, o venerando Ernesto [ilegível], assinando o manifesto de apologia aos autores das atrocidades da Bélgica e da França, e hoje ver o nosso querido e velho amigo Oliveira Lima, o conferente da Universidade de Lovaina – queimada pelos bárbaros! – apresentar absurdas hesitações em denunciar a "barbaridade germânica", como latino e como brasileiro. Se o Brasil, por pundorosas razões políticas que nós todos acatamos, guarda a mais absoluta neutralidade neste horrível conflito mundial, isso não obriga a todos os brasileiros a guardar idêntica maneira de ver e considerar a luta a que o mundo todo assiste, transido de infinito pavor. Como aqui já dissemos e de novo repetimos, não compreendemos a neutralidade individual neste conflito terrível. Ou estar com os bárbaros, ou estar contra os bárbaros. Deste dilema é que não podemos sair. (*O País*, 3 abr. 1915, p. 1)

Depois desse desabafo do correspondente, o nome de Oliveira Lima não foi mais mencionado na coluna "Cartas de Paris". O fato de Oliveira Lima não declarar um posicionamento e permanecer no limbo da ambiguidade causou indignação. Sabemos que o Brasil declarou neutralidade nesse período específico, mas, aos olhos de Xavier de Carvalho, o recentemente ex-ministro do Brasil na Bélgica e o intelectual sempre aclamado na França preferir se abster e manter uma justificativa dúbia e hesitante o levou a ser definitivamente rechaçado pelo cronista e certamente pelos aliados.

A crônica intitulada "Por que o alemão é detestado?" (*O País*, 2 jun. 1915, p. 4) traz como assunto o anúncio da publicação do livro *Aux Allemands*, do suíço M. Matisse. Xavier de Carvalho, ao elencar possíveis respostas à indagação, resgata alguns dos motivos, extraídos do livro recém-publicado, de países como Rússia, Polônia, Inglaterra e Bélgica nutrirem tal sentimento e salienta que, mesmo um intelectual natural de um país neutro, deixa de lado a imparcialidade e se declara "um dos inimigos mais implacáveis"

da Alemanha. Esse certamente foi o comportamento que o correspondente do *País* esperava de Oliveira Lima.

O fato de Oliveira Lima ter caído em desgraça frente à intelectualidade latina nos permitiu levantar algumas hipóteses. Temos entre nós brasileiros uma espécie de germanofilia, que vem especialmente da Escola do Recife da década de 1870, e passa por seus conterrâneos e contemporâneos Sílvio Romero e Joaquim Nabuco. Caso tenha Oliveira Lima ao menos tido contato com o movimento intelectual, oriundo de sua terra natal, é possível que ele tenha se impregnado dessa cultura germânica, daí a dificuldade de se posicionar enfaticamente contra a Alemanha.

Tobias Barreto é considerado o principal representante dessa corrente de pensamentos da Geração de 1871 e teria sido ele o introdutor dos estudos e teorias alemães nesse movimento intelectual e quiçá no Brasil todo, haja vista que a Faculdade de Direito do Recife, instituição que proporcionou a formação da agremiação, juntamente com a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, foram as primeiras faculdades brasileiras da categoria.

Não sabemos se Oliveira Lima recebeu formação educativa no Brasil diretamente, através do prestigiado Tobias Barreto, e se porventura tenha adquirido com ele "todas as demolições do Direito Natural e da Teologia". Se assim fosse, poderia estar apto a "propagar todas as revoltas contra a metafísica, contra a ordem política e social" (VELLOZO, 2012, p. 34 apud. ARANHA, 1969, p. 539), assim como Graça Aranha, cuja trajetória biográfica assemelha-se à de Oliveira Lima.

Teria Oliveira Lima recebido igualmente influências da Escola do Recife e consecutivamente aderido às tendências germanófilas? Não nos é possível afirmar com total convicção, mesmo porque o pernambucano colocou-se em um "ponto intermediário entre o pacifismo e uma simpatia pela Alemanha" e não se declarou definitivamente partidário da Tríplice Aliança e nem mesmo expôs os motivos para tal. No entanto, é impossível deixar de considerar a afinidade à cultura germânica nutrida pelo intelectual brasileiro.

Uma perspectiva que podemos considerar é a de que Oliveira Lima supostamente tenha recebido influências de expressão germanófila, sobretudo de anglófobos, mas de Portugal, tendo ele, em sua juventude, tido contato com mestres adeptos a essas orientações através do curso superior de Letras (VELLOZO, 2012, p. 164-5), onde

estudou obras de historiadores alemães considerados paradigmáticos, como Ranke e Mommsen; assim como já havia constatado uma das bio-bibliógrafas de Oliveira Lima, Teresa Malatian, ao dizer que "no curso de Letras esteve em contato com a cultura germânica, a qual exerceu grande influência em sua obra" (MALATIAN, 2001, p. 12)

Caso possa ser confirmada, tal circunstância não invalida as suas próprias convicções, como se o intelectual brasileiro, na fase adulta, não dispusesse de senso crítico para entender e lidar com situações dessa complexidade, independentemente de suas predileções, mas com toda certeza o partidarismo recebido na juventude lhe permitiu uma visão tendenciosa em relação à Alemanha, que se sobrepôs ao ideal da latinidade.

Conforme Vellozo (2012, p. 162), a admiração nutrida por Oliveira Lima pela Alemanha refere-se muito mais ao fato da nação germânica ter alcançado um desenvolvimento exemplar, que poderia nos servir de modelo, do que a qualquer outro princípio, inclusive o político. E acrescenta que, na época, existiam basicamente dois parâmetros significativos de perspectiva sobre a nacionalidade: um de matriz alemã e outro de matriz francesa e inglesa. A nação pelo viés alemão só poderia ser perscrutada através de estudos profundos das tradições populares; já na perspectiva francesa e inglesa, a nação era tida através de um pacto político, em que a cultura era apenas mais uma possibilidade.

Embora a nossa elite intelectual não se filiasse rigorosamente em qualquer das correntes, havia a "apropriação difusa" (VELLOZO, 2012, p. 162) realizada conforme a conveniência e as exigências da realidade brasileira, e foi exatamente esse o caminho percorrido por Oliveira Lima que, dentre as opções de ambos os polos, absorveu as influências diversas conforme as suas convicções. No entanto, sua admiração pelas modernizações realizadas a partir de um "poder forte" sustentava-se fundamentalmente nos princípios de nações como Alemanha e Japão, onde já havia exercido a função de diplomata.

"Terá sido germanófilo em face da guerra de 14?" - é a pergunta feita por Gilberto Freyre, cuja subjetividade lhe permitiu responder negativamente, pois acredita que o empenho de Oliveira Lima sempre foi por uma "neutralidade brasileira semelhante à argentina" (FREYRE, 1970, p. 71), uma vez que suas convicções coincidiram com as de Estanislau Zeballos, eminente internacionalista e amigo argentino.

Mesmo residindo em Londres desde os primeiros meses de guerra, a atmosfera britânica, nesse primeiro momento, permitia debates "relativamente democráticos", o que contribuía para a ampliação da visão crítica de Oliveira Lima. Por causa dessa abertura, o brasileiro repercutia as opiniões discutidas, sem que houvesse retaliações sob forma de qualquer tipo de censura, e por isso seus posicionamentos receberam a forte aparência de "propaganda antibritânica", mesmo difundindo um discurso ponderado que visava ao pacifismo (VELLOZO, 2012, p. 166).

Conforme Garambone (2003, p.57), os principais órgãos da imprensa brasileira buscavam conscientemente a neutralidade sem demonstrar simpatia editorial por qualquer um dos polos beligerantes; no entanto, foi observável "certo fascínio pela máquina de guerra alemã no início das hostilidades" de forma tímida, mas tangível.

Essa admiração pela Alemanha se dava muito mais pela mágoa em relação às atitudes políticas do império inglês do que propriamente a um posicionamento deliberadamente pró-Alemanha. O ressentimento do Brasil com a Inglaterra originou-se na virada do século XIX para o XX através da disputa territorial da Guiana Inglesa. A Itália foi escolhida para mediar o duelo e o rei Vítor Emanuel "optou pelo pragmatismo europeu" (GARAMBONE, 2003, p. 58) para não desagradar a poderosa Inglaterra. Todo o desenrolar do caso foi acompanhado pela imprensa brasileira, que provavelmente se solidarizou com essa antiga causa brasileira e demonstrou resquícios de rancor pela Inglaterra e consecutivamente de afeição pela Alemanha.

Segundo Xavier de Carvalho, o órgão parisiense *L'Information* publicou um artigo, intitulado "A propaganda alemã no Brasil", de autoria de seu correspondente, o jornalista brasileiro Mendes de Almeida Junior, que tinha como intuito a denúncia do aumento da influência alemã em solo brasileiro, especialmente no sul, onde a atuação germânica já era consideravelmente grande antes mesmo da guerra. Tal fato poderia ser indicativo de que a visão da guerra, aos olhos da jovem nação, estaria alinhada com as condutas alemãs. Nos círculos intelectuais, havia grande convicção a respeito do "perigo alemão". Como já anunciado anteriormente, um dos intelectuais que mais diretamente combatera o suposto risco foi Sílvio Romero, discípulo de Tobias Barreto.

Conforme elucidado no artigo, o Brasil contava com muitos estabelecimentos comerciais alemães e todos eles adotavam a propaganda ativa da Agência Wolff, a agência telegráfica prussiana de notícias, que inclusive anunciava as pretendidas

“atrocidades dos aliados”, na tentativa de convencer os brasileiros da superioridade moral alemã na guerra.

Além do mais, o jornal a *Tribuna*, que atuava especialmente na região sul e sudeste, é tido como o órgão oficial da Alemanha no Brasil. Os germanófilos, através da imprensa, estariam espalhando notas falsas sobre o desenrolar da guerra, colocando a Alemanha na posição de mártir e a França como impiedosa, conseguindo impressionar o público brasileiro. Nesse sentido, o jornalista brasileiro faz emergir a falha da propaganda de guerra da França no Brasil, que recebia em número muito superior informações tendenciosas dos alemães.

A denúncia de Mendes de Almeida Junior também abrange a organização dos grandes estabelecimentos comerciais alemães no Brasil que antes da guerra já estavam preparados para receber os telegramas e repassá-los em linguagem convencional para a população brasileira, e salienta que há em Pernambuco um comitê de informação alemã em plena vigência em uma casa comercial, que tem angariado muitos adeptos da causa germânica.

O artigo do *Information* tem como propósito principal a queixa dos jornalistas brasileiros, representados por Mendes de Almeida Junior, referente ao pouco auxílio que têm recebido dos poderes públicos franceses na atuação da contrapropaganda alemã, já que não contava com as facilidades técnicas para trabalharem em prol da França no Brasil.

Em contrapartida, uma organização da sociedade civil, mas especificamente da intelectualidade brasileira, a chamada “Liga pelos Aliados”, fundada em 1915, no Rio de Janeiro, começa a ganhar espaço nos noticiários. Mesmo que seu funcionamento se desse através de um caráter estritamente informal, a presença de nomes influentes como Coelho Neto angariava adeptos e contribuía para a formação de opiniões a favor da Tríplice Entente.

Nesse sentido, há de se destacar que o trabalho de Oliveira Lima como jornalista talvez fosse o pioneiro em uma terceira vertente, cuja base assentava nos conceitos internacionalistas de paz. Ainda que sua simpatia fosse relativamente tendenciosa à Alemanha, isso pouco transparecia em suas contribuições.

Oliveira Lima atuava como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo* em Londres e, exercendo sua função de jornalista, julgava importante reportar os fatos aos

brasileiros, através de seus ideais pacifistas visando a uma cultura universal. No entanto, suas convicções não soavam bem para a intelectualidade brasileira que buscava denunciar a suposta barbárie alemã.

Oliveira Lima começou a ser atacado por aproximar-se de ideias em defesa da Alemanha, mesmo estando em Londres. Como argumento de defesa, ele dizia que muitos, na própria Inglaterra, mantinham posicionamento pacifista como ele, mas tal afirmativa não era suficiente para sustentar sua neutralidade, tendo em vista que a radicalização fazia com que qualquer posição intermediária fosse considerada covarde ou apenas uma preferência disfarçada por um dos lados.

Na coluna "Ecos da Guerra" do *Estado de S. Paulo*, publicada no dia 13 de março de 1915, a crônica é assinada por Oliveira Lima. Seus relatos evidenciam os paradoxos existentes no período de guerra, afirmando acima de tudo que pacifistas "tornam-se guerreiros nas palavras e nos atos" e por isso "corre[m] mais risco que um beligerante" e que o "patriotismo hoje em dia é belicoso" (*O Estado de S. Paulo*. 13 mar. 1915, p. 3).

Mas o que de fato o inclui como assunto de sua crônica é a declaração de orgulho ao considerar-se pacifista. Nessa ocasião, ele protestou por não ser permitido a um neutro, "que trata de ser imparcial e que se não envergonha de ser pacifista, [...] de enxergar em toda guerra um mal e apreciar o estado de alma de um beligerante".

Confessando sua neutralidade através de um posicionamento pacifista, é possível identificar o tom de revolta na crônica de Oliveira Lima, ao dizer que ninguém declara o desejo do fim da guerra a não ser alguns raros pacifistas, que, assim como ele, não têm receio de assim se proclamar, mas por isso sofrem muito mais represálias e não deixam de ser verdadeiros combatentes, justamente pelo fato de não tomar um posicionamento favorável a um dos lados e desejar categoricamente o fim da guerra através de um trabalho árduo, perigoso e sem reconhecimento.

Sabemos que a sua imparcialidade, carrega na verdade pontos tendenciosos a favor da Alemanha e talvez fosse essa uma das questões que estivessem sendo abordadas na crônica. Mas ao se considerar incompreendido por admirar uma característica de um belicoso (provavelmente alemão), tenta justificar que essa empatia em nada interfere em seu posicionamento em prol da paz, do mesmo modo que é capaz de vislumbrar um mal, não compactuar com ele e acima de tudo rechaça-lo em nome da mesma paz.

Para o trabalho de um historiador, qualquer anotação de impressões pessoais zelosamente elaborada sugere a intenção de transmitir experiências para a posteridade. E quando as anotações preservadas em cadernos, datados de 8 de novembro de 1917 a 9 junho de 1918, pertencem a Oliveira Lima e são resgatados e examinados de forma inédita por uma historiadora do porte de Teresa Malatian, estamos diante de um recurso preciosíssimo para nossos estudos.

As anotações compreendem uma fração significativa tanto no que se refere ao decurso da guerra, quanto na relação com o momento da vida de Oliveira Lima, que na época encontrava-se em autoexílio no Recife, já que estava impedido de regressar à sua residência em Londres, uma vez que havia sido acusado de germanofilia.

Diante dos fatos relatados nos diários, reunidos a todas as outras referências de experiências vividas, Teresa Malatian considera que Oliveira Lima "manteve [...] inabalável convicção germanófila, ainda que revestida de pacifismo" (MALATIAN, 2013, p. 145), mesmo frente a situações que poderiam fazê-lo reconsiderar, como por exemplo a maior garantia de manutenção de trabalho, e não o fez. Nota-se o destemor de Oliveira Lima ao manter a coluna "Écos da Guerra", no *Estado de S. Paulo*, na qual reiteradas vezes criticou a atuação da Tríplice Entente e evidenciou sua adesão à germanofilia, mesmo estando ciente de que tal periódico era dirigido por Júlio de Mesquita, declaradamente aliadófilo em seus artigos destinados a outra coluna, "Boletins da Guerra", do mesmo jornal. Sendo assim, a sua participação foi cancelada, fazendo com que ele se submetesse ao acolhimento de outro jornal, no caso, *O Diário de Pernambuco*, para manter o seu sustento, mas principalmente ter acesso a uma tribuna.

Malatian destaca um trecho recolhido dos cadernos em que se evidencia o afastamento de amigos aliados à Tríplice Entente e indica o roteiro das memórias de guerra ainda em construção, sem deixar de demonstrar o quanto a revelação de seu pretendido posicionamento neutral já não era desassociado de sua germanofilia encoberta:

> Eu mantive-me firme. José Veríssimo afastou-se (carta dele de março a q. respondi em abril, diz G. Freyre, q. de forma evangélica). Recusa de falar na Sorbonne em set.[embr]o (carta de Martinenche). Fui-me criando reputação de pró-germânico, ajudando portanto a cabala de Fontoura, embora disto tivera consciência. Não hesitei. Vi 1. o ataque de Zepelins em 1. de set. 1915. Parti p[ara] Harvard em fins de set[embro]. Aí encontrei uma atmosfera furiosam.te inglesa [...]. Quando ia regressar, aviso de Kelsch. Fui p[ara] o Brasil: encontrei atmosfera de desconfiança: boatos de expulsão. Impossível voltar. [...].

> Fui ao Rio (pretendia voltar p[ara] Londres e queria cultivar meus estudos históricos). Legação britânica avisa-me de q. não poderia desembarcar. Tinha havido outra denúncia (minha conf[erência] em Clark University sobre neutralidade). Artigos meus explorados p[ara] comprovar minhas opiniões, e rumor de q. tinha ido aos E.U. fazer propaganda germânica. Morgan foi único a tomar minha defesa. Telegrafou a Coolidge perguntando se nas minhas lições havia eu tomado atitude unneutral (LIMA, ms, s/d. In: MALATIAN, p. 145, 2013).

Nem mesmo as negociações diplomáticas foram capazes de proporcionar o regresso de Oliveira Lima à Inglaterra; sendo assim, precisou permanecer em Pernambuco até que conseguisse se estabelecer na capital estadunidense, onde levou uma vida ativa até a sua morte, em 1928. Todavia, enquanto viveu, ainda que acuado pela "pecha de germanófilo", Oliveira Lima "manteve-se firme em sua simpatia aos alemães embora manifestamente pacifista, desejoso do fim da guerra" (MALATIAN, p. 147, 2013).

A historiadora nos lembra inclusive, que os cadernos de anotações de memórias de guerra não escaparam à autocensura de Oliveira Lima, porém ele não se conteve em registrar seu posicionamento desfavorável ao governo federal e à entrada do Brasil na guerra, por exemplo. Por outro lado, não media esforços para minimizar ou até mesmo eximir as responsabilidades da Alemanha em ataques ao Brasil, inclusive aos navios mercantes nacionais em terras europeias; fato que desencadeou a suspensão da neutralidade assumida pelo presidente da república, Wenceslau Braz, e sucessivamente a declaração de guerra do Brasil à Alemanha.

O diário ainda revelou o tal descontentamento de Oliveira Lima com a entrada do Brasil na guerra, ao dizer que o país "foi arrastado à guerra sem querer" e não adotou a postura irredutivelmente neutral da Argentina, quando tal atitude era perfeitamente possível. Além disso, expõe que a relação que tínhamos com os Estados Unidos, especialmente através da gestão de Rio Branco no Ministério das Relações exteriores, foi a causadora da entrada do Brasil na guerra. Recai também sobre os Estados Unidos o controle da imprensa nacional por um serviço de censura comandado pelo país norte-americano.

Seu temperamento incisivo e, por vezes, controverso não permitia instabilidades de opinião, justamente pela teimosia e obstinação inerentes à sua personalidade. Por mais questionável e polêmico que seja o seu posicionamento pacifista diante da guerra,

Oliveira Lima jamais titubeou e manteve-se fiel aos seus princípios até o fim. Embora a sua simpatia pela Alemanha fosse declarada, seu gosto refinado nutria por Londres o deslumbramento de local ideal para a instalação de sua Brasiliana, onde pesquisaria e viveria até os últimos de seus dias, não fosse impedido pelo governo britânico de adentrar à Inglaterra no período de guerra. Foi então para Washington, concretizando a sua característica de cosmopolita e justificando o seu desejo de universalização da paz, mas acima de tudo colhendo as implicações de suas condutas, ao ser acolhido pelo país que intensamente criticara durante a guerra. Gilberto Freyre sumariza seus percalços:

> O cosmopolita pacifista não se acovardaria [...], diante da explosão terrível de rivalidades que dividiu então a Europa e dividiu o mundo. Não sacrificaria seu pacifismo de Quixote à sua comodidade pessoal de Sancho pronto a instalar-se em Londres, com sua sólida gordura e com seus livros magníficos. Definiu-se pacifista. Tornou-se suspeito de ser pró-alemão aos olhos dos próprios ingleses. Teve seu sonho de residir na cidade para ele ideal. Viu-se repelido pela Inglaterra que estivera durante anos entre suas maiores admirações. Mas não transigiu; conservou-se pacifista. Quixotescamente pacifista. Cosmopolita no melhor sentido da palavra, embora muito brasileiro. Mas muito brasileiro sem que seu brasileirismo se confundisse com o dos demagogos. Ou com o dos ingênuos que deram então para aliadófilos desvairados. (FREYRE, 1970, p. 128)

A metáfora quixotesca empregada na característica de Oliveira Lima por Gilberto Freyre, ao que tudo indica, retrata a condição de seus ideais serem defendidos quase que exclusivamente por ele próprio, fato que o tornaria uma espécie de cavaleiro solitário, ao defender posicionamentos minoritários. Por outro lado, existem também as peripécias encaradas por ele durante a vida em favor de seus princípios, que o levaram a derrotas épicas, sendo uma das mais significativas a que se refere ao corpo diplomático nacional.

Seu quixotismo imprudente lhe permitiu encarar debates por inúmeras temáticas ao longo da vida, as quais lhe renderam muitos inimigos e, por mais que fosse reconhecido pelo seu arrojo incansável, não deixava de ser um herói de causas impossíveis e, por isso, cavava a sua própria ruína na carreira diplomática. Sua obstinação irredutível lhe mantinha a disposição de sustentar suas convicções, ideais e princípios contra qualquer obstáculo, inclusive o tempo.

Figura 6 – Manuel de Oliveira Lima[30]

[30] Disponível em: https://www.editoradanubio.com.br/wp-content/uploads/2021/02/autor-Manoel-de-Oliveira-Lima-2.jpg

3.5 A INCLINAÇÃO DO *PAÍS* NA I GUERRA MUNDIAL CONFORME AS CRÔNICAS DE XAVIER DE CARVALHO.

Embora o jornalismo brasileiro não estivesse preparado para perceber o quão grave era o quadro eminente da rivalidade europeia no pré-guerra, as informações não deixavam de ser dadas pelos principais veículos, mas "muito era relatado, pouco era analisado" (GARAMBONE, 2003, p. 59), obrigando o leitor a tirar suas próprias conclusões. E mesmo depois de um ano do início da I Guerra Mundial, ainda "não [contávamos com] simpatias declaradas nem por um lado nem por outro. [...] A neutralidade era quase natural, tanto a do governo quanto a do povo (GARAMBONE, 2003, p. 77).

Os jornais brasileiros de vertentes mais conservadoras, como do *Jornal do Comércio*, relatavam as diversas realidades dos países antagônicos, que eram tratadas através da mesma forma jornalística, "uma ao lado da outra, na mesma página" (GARAMBONE, 2003, p. 78), fazendo com que a neutralidade editorial atingisse uma resistência a qualquer tendencionismo.

Embora o *Correio da Manhã*, através de sua linguagem mais atual e de sua arejada apresentação gráfica, oferecesse as versões de ambos os lados sobre o mesmo episódio, também abria espaço para artigos de correspondentes eventuais, fato que, porventura, demonstrava mais afinidades à Alemanha, já que até mesmo integrantes do exército alemão tinham voz em suas páginas.

Em contrapartida, as ações da "Liga pelos Aliados" também começaram a ganhar notoriedade em seus noticiários. Mas o que se sobressai é que a pretendida isenção do *Correio da Manhã* nem sempre era mantida, já que amiudadamente suas edições, inclusive de primeira página, demonstravam certa preferência para o lado alemão.

O País, à época, era tido como um dos principais jornais do Brasil, sua patente postura republicana não permitia a sua completa isenção frente aos assuntos políticos e partidários, mesmo se declarando um jornal neutro, imparcial e isento de qualquer posicionamento; mas a característica que o definiria após anos de sua circulação foi a sua propensão ao situacionismo.

A abertura que Xavier de Carvalho, como o correspondente internacional do *País* na França, teve para tecer suas declarações, mas acima de tudo para realizar a sua

propaganda de guerra, em uma atuação árdua na campanha pró-França em suas crônicas, já diz muito sobre a inclinação do jornal, mesmo com a censura em pleno vigor. Caso essa propensão não fosse real, dificilmente haveria publicações semelhantes.

Por vezes, Xavier de Carvalho mencionava que o direcionamento do *País* seguia a mesma vertente que a sua, especialmente quando ele apelava aos seus leitores que aderissem à causa, ou se dirigia aos políticos em busca de apoio, inclusive financeiro, à França. No entanto, o que sobressai dos discursos do correspondente é que ele conseguia entender o posicionamento neutral adotado pelo Brasil, reconhecendo como uma das principais causas a fragilidade militar. Não obstante, mostrava-se satisfeito com o apoio do povo e da elite intelectual.

A coluna "Carta da Guerra", escrita por Xavier de Carvalho, publicada no *País*, mesmo que por um curto tempo (de setembro de 1914 a janeiro de 1915), contou com dez edições que compõem a coletânea e são constituídas especialmente por propagandas pró-França e consecutivamente contra a Alemanha na guerra (não apenas a guerra armada, mas principalmente a ideológica), por ações de repúdio aos ataques alemães tidos como covardes e traiçoeiros e por denúncias de fraude alemã, uma espécie de *fake news*, nas publicações em jornais brasileiros e portugueses.

Ainda que a coluna "Carta da Guerra" tenha ocupado o espaço das "Cartas de Paris", nesse curto interregno, o teor principal das crônicas de Xavier de Carvalho continuou sendo a guerra mesmo antes e sobretudo depois de sua aparição. É possível que essa momentânea rubrica tenha sido adotada nos primórdios da guerra especialmente pelo fato do correspondente não estar mais vivendo na capital francesa, mas em Bordéus, na intenção de se proteger dos ataques bélicos, e também devido à carta de correspondente de guerra recebida por ele do estado-maior francês.

Mas o motivo da coluna "Carta da Guerra" ter durado tão pouco tempo, permitindo que as "Cartas de Paris" retomassem o seu espaço, não tem explicações facilmente dedutíveis ou perfeitamente aplicáveis, a não ser pela possibilidade de que a equipe gestora do *País* tenha preferido manter o nome original da coluna, já que o jornalista responsável por mantê-la era o mesmo, bem como o assunto em voga que, independente do nome da coluna, continuaria sendo a guerra, já que esse era o principal evento acontecendo não só em Paris, mas também na Europa e no mundo todo.

Dessa forma, o jornal poderia manter a sua pretensa neutralidade, na medida em que não era viável uma coluna com um nome tão generalista como "Carta da Guerra" trazer apenas informações completamente a favor da França e não ter outra coluna com a mesma finalidade oriunda de qualquer um dos países da Tríplice Aliança para fazer o contraponto.

Por outro lado, *O País*, ao que tudo indica, também permitiu que houvesse o lugar de fala para os alemães em suas páginas. Foi isso que aconteceu no dia 4 de outubro de 1914, na coluna responsável por trazer todo tipo de informação sobre a guerra, denominada "A Grande Catástrofe", que muitas vezes ganhou a primeira página por causa da relevância das notícias sobre a guerra.

Nessa edição, sob o subtítulo "A propósito de uma crônica" (*O País*, 4 out. 1914, p. 3), um comerciante alemão, de forma anônima, reclamou das hostilidades proferidas contra os seus conterrâneos por Xavier de Carvalho em uma das crônicas da coluna "Carta da Guerra" do dia 1º daquele mesmo mês e ano, edição cuja existência, em uma infeliz coincidência, não consta do acervo da hemeroteca.

Além de elencar alguns trechos tidos por ele como ofensivos e fazendo as refutações correspondentes, o comerciante alemão destacou que o seu maior estranhamento estava no fato de que os insultos figuravam nas páginas do *País*, o "jornal respeitado e querido" por todos. Tal episódio pode demonstrar que, aos olhos do comerciante alemão como leitor, *O País* prezava a imparcialidade e conseguia garantir o equilíbrio naquele momento em relação à guerra.

Finalizadas as palavras do leitor alemão do *País*, há uma nota editorial dizendo que, apesar de se solidarizar com muitos conceitos do seu correspondente internacional na França, o jornal não compactuava com a veemência e o exagero das palavras de seu colaborador, cujos sentimentos foram afetados pela identificação e amizade criadas na terra onde decidiu viver e por esse motivo *O País* afirmou não subscrever suas expressões (*O País*, 4 out. 1914, p. 3). Por essa passagem, é possível asseverar que o jornal mantinha o mesmo posicionamento de Xavier de Carvalho, mas condenou a agressividade excessiva adotada pelo seu colaborador.

A réplica de Xavier de Carvalho aconteceu na edição do dia 18 de dezembro (*O País*, 18 dez. 1914, p. 1). Nela o correspondente disse que sustentava tudo o que havia dito anteriormente e, acima de qualquer coisa, orgulhava-se de suas convicções. Além

disso, admitiu que se sentia completamente satisfeito e honrado com as ofensas dirigidas a ele pelo "boche anônimo", uma vez que qualquer elogio vindo de um alemão, ao contrário, o envergonharia.

O correspondente internacional do *País* salientou que, nos mais de 25 anos de contribuição para tal jornal, suas crônicas sempre refletiram a sua opinião pessoal e jamais envolveu ou atribuiu a outrem, tampouco *ao País*, as suas responsabilidades, embora suas colocações sejam a tradução fiel dos sentimentos do público nos centros civilizados europeus. Portanto, Xavier de Carvalho eximiu a direção do *País* de qualquer interferência ou autoria em relação à sua crônica. Por outro lado, acusou a agência Wolff de espalhar informações falsas, as quais fundamentaram os argumentos do comerciante alemão.

Depois desse evento, ocorrido nos primeiros meses de guerra, as "Cartas de Paris" mantiveram o posicionamento incisivo de seu colaborador por todos os anos até o fim da guerra e o da própria coluna. Em contrapartida, *O País* não parece ter conseguido sustentar a pretendida imparcialidade com o decorrer da guerra; mesmo na publicação da carta do comerciante alemão em repúdio à crônica do correspondente, um pequeno detalhe nos permitiu levantar a suspeita de que a simpatia do jornal era em favor dos franceses, na medida em que se declara que a publicação da carta do alemão se deu "por obediência às praxes de imprensa" (*O País*, 4 out. 1914, p. 3) e, possivelmente, não por qualquer solidariedade intelectual.

Já no dia 5 de agosto de 1917, a sede do *País*, o edifício localizado na Avenida Rio Branco, sofreu um terrível incêndio e esse infortúnio produziu grande alvoroço também em Paris. Xavier de Carvalho relatou que de pronto expôs suas impressões completamente guiadas pela sua intuição sobre o ocorrido através de um artigo publicado na grande folha vespertina francesa, o *Temps*.

No texto, Xavier de Carvalho expôs sua hipótese sobre a causa do incêndio que, segundo seu *feeling*, seria inteiramente criminoso. O correspondente acreditava que o fato se deu devido à vingança alemã, pois sempre considerou que os "boches" seriam capazes dos maiores atos de barbárie para afetar quem se posicionasse contra eles. Nesse sentido, o cronista relatou que "o *País* foi sempre o órgão por excelência da 'Entente', no Rio, o jornal que sempre [...] defend[eu] com tanto entusiasmo a causa dos aliados" (*O País*, 21 out. 1917, p. 6) e por esse motivo teria sofrido o atentado.

Conforme Xavier de Carvalho, a sua publicação no *Temps* rendeu inúmeras aprovações de todos os integrantes da direção e dos colaboradores do *País*. Na mesma proporção, o correspondente disse ter recebido mensagens de solidariedade dos parisienses e membros da colônia brasileira admiradores do jornal. E concluiu alegando que confiava na reconstrução da folha carioca, especialmente porque João Lage, seu diretor, seria completamente capaz de "insuflar vida nova [...] a um dos principais órgãos da imprensa latina [...], que tão cruel desastre sofreu".

Desde o início das publicações após o incêndio, mesmo o editorial assinado por João Lage, dois dias após o incidente (*O País*, 6 e 7 ago. 1917, p. 1), a questão que foi amplamente levantada foi a negligência do corpo de bombeiros no atendimento à ocorrência, tanto que foi inaugurada uma enquete sobre o assunto. No entanto, as causas não foram postas em primeiro plano até publicação do laudo pericial (*O País*, 21 ago. 1917, p. 1), que apontou como possível causa um atentado criminoso.

Embora João Lage tenha relatado o fato de colecionar inúmeros inimigos (alguns dos quais atribuíam a culpa do incêndio a ele próprio, como é o caso do fundador do *Correio da Manhã*, Edmundo Bittencourt; de Salvador Santos, então proprietário da *Gazeta de Notícias*; mas principalmente do diretor do *Imparcial*, Macedo Soares), um fotógrafo alemão, Sr. Hubner, contratado pelo *País*, conhecedor da rotina do jornal, poderia ter posto em prática o plano em pleno domingo; porém, Lage declarou que não tinha provas suficientes para acusar aquele que sempre foi "um homem sério e honesto", a não ser pelo fato de ser alemão. O presidente do jornal alegou inclusive que, durante todo o tempo que Hubner trabalhou no *País*, sempre fez jus à sua consideração e jamais levantou qualquer suspeita que pudesse recair sobre ele a autoria ou coparticipação no crime. Por outro lado, Lages sustentou a hipótese de crime político com palavras fortes:

> O fanatismo patriótico dos alemães, como está provado nestes três anos de guerra, exerce-se justamente de modo mais violento sobre os homens mais pacatos, mais trabalhadores, mais honrados e mais aparentemente inofensivos, levando-os à pratica das maiores barbaridades, dos maiores atentados, das mais glamorosas atrocidades, das mais torpes vinganças. O alemão não constitui hoje uma nacionalidade, mas uma máfia, uma seita, uma mão negra, uma quadrilha de malfeitores, contra todos os que combatem a causa germânica (*O País*, 22 ago. 1917, p.1).

Mesmo após declarar "essa regra geral" sobre os alemães, Lage ressaltou que tal preceito não o autoriza a responsabilizar o Sr. Hubner pelo incêndio do *País*, no entanto,

o aconselhou a rescindir o contrato com jornal, dadas as circunstâncias que regiam a política internacional e sobretudo visando a poupar a sua integridade das falsas acusações, como porventura poderia estar acontecendo ao sujeitar-se que recaíssem, talvez inocentemente, sobre ele as suspeitas do incêndio.

Na próxima crônica de Xavier de Carvalho, denominada "O telegrama de João Lage" (*O País*, 21 out. 1917, p. 6), o correspondente relatou que o diretor do *País* enviou um telegrama para o *Figaro* comprovando, a princípio, o que Xavier de Carvalho afirmava no *Temps*. Apesar de destacar que os informes dados ainda não haviam sido comprovados, o próprio diretor do *País* considerou um atentado alemão a possibilidade mais provável. O cronista expressa sua satisfação ao declarar reais as suas suposições, sobretudo aos "timoratos e hesitantes, que duvidavam" das suas desconfianças e então puderam ver que ele tinha razão.

Contudo, o próprio Xavier de Carvalho nos deu informações que nos permitiram entender que as suas suposições não eram exatamente oriundas de um pensamento inédito ou uma hipótese puramente intuitiva, mas acima de tudo um crime, de certa forma, anunciado, inclusive para ele.

O correspondente nos revelou que havia pouco menos de um ano tinha recebido uma carta anônima oriunda do Rio de Janeiro, presumivelmente de um alemão, que anunciava, em tom de confidência e ameaça, "a próxima destruição do 'covil' onde se imprime a 'ignóbil folha vendida à Inglaterra e à França', isto é, o *País*". Nesse sentido, os "boches" apenas cumpriram o que outrora haviam ameaçado e o que se tornava praxe naquele momento, bem como salientou João Lange ao dizer que "em várias partes do mundo, jornais que depois da guerra assumiram a atitude que o *País* assumiu a favor dos aliados, voaram pela dinamite, ou foram reduzidos à cinzas pela ação criminosa dos súditos do Kaiser" (*O País*, 22 ago. 1917, p. 1).

Apesar do *País*, bem como o *Correio da Manhã*, darem sinais sobre o seu posicionamento, em uma campanha velada em favor dos aliados, foi só a partir do rompimento diplomático entre os Estados Unidos da América e a Alemanha que as redações brasileiras se situaram no conflito. Ao noticiarem tal rompimento, os jornais também emitiram o convite do presidente Wilson às nações neutras, tais como o Brasil, para acompanharem o gesto dos EUA. O reflexo é imediato e, pela primeira vez, a imprensa pressiona o governo de Venceslau Brás ao exigir um posicionamento frente à

grave situação que estava sendo vivida no hemisfério norte. (GARAMBONE, 2003, p. 82)

Presumivelmente essa súbita postura da mídia brasileira está vinculada ao novo paradigma americanista que havia sido adotado pela diplomacia brasileira. O sentimento de lealdade aos EUA, tem na verdade muito mais a ver com os modelos adotados pelo Brasil do desenvolvimento econômico dos EUA e o bom relacionamento brasileiro com a potência norte-americana, que foram levados em consideração na análise da forma como "a autonomia brasileira [foi] gerida e como os objetivos [eram] traçados" (MARIANO, 2015, p. 39). Nesse sentido, não foi exatamente por um sentimento de idolatria e reverência, sem o estudo da política externa pela diplomacia oficial brasileira, que se adotaram medidas conforme as exigências da época:

> O paradigma americanista revela-se como realidade inerente à condição brasileira na medida em que se consolida o poder norte-americano enquanto potência mundial. Dadas as características nacionais e a sua posição na estrutura de poder mundial, a análise das escolhas brasileiras, de alguma forma, não pode deixar de considerar os posicionamentos adotados pela política externa norte-americana em relação ao continente e, mais especificamente, à América do Sul e ao Brasil. Este paradigma se estabelece já a partir da Proclamação da República e tem seu auge no período Rio Branco (MARIANO, 2015, p. 39-40).

A boa relação com os EUA tinha fundamentos estratégicos no que diz respeito às aspirações de liderança brasileira, mesmo porque o mercado norte-americano, mais do que qualquer outro, movimentava intensamente a exportação brasileira do café. Nesse sentido, é possível afirmar que qualquer paradigma, nesse caso o americanista, ter-se-ia fortalecido conforme as aspirações do período histórico.

A partir da pressão diplomática oriunda do incipiente poder hegemônico mundial, também para a mídia o recomendável, nesse momento histórico, era adotar as condutas impostas pelos EUA. Até então, a política militar brasileira não havia tomado partido e o jornalismo viu-se invadido pela atitude decisiva do presidente norte-americano e prestou apoio moral à nova decisão, exigindo posicionamento semelhante do governo.

Com a perda do Barão do Rio Branco, o "chanceler imortal", o Ministério das Relações Exteriores sofria pela ausência de uma postura firme e os jornais "encontraram espaço para influenciar a política externa brasileira" (GARAMBONE, 2003, p. 85) e, por

isso, assumiram o posicionamento sem qualquer tipo de pensamento titubeante. Os reflexos foram sentidos na opinião pública, que começava a questionar ferrenhamente a neutralidade brasileira.

Pela primeira vez durante o período de guerra, "os jornais assum[iram] o papel de formadores de opinião pública" (GARAMBONE, 2003, p. 84). O Palácio do Catete conseguiu resguardar a postura neutral e apesar da louvável prudência da diplomacia brasileira, a covardia internacional era um risco eminente, uma vez que os países neutros já não conseguiam se manter afastados do círculo beligerante, como alertou *O Correio da Manhã*.

O Brasil não era o único país a se declarar neutro desde o início da guerra; a Espanha e a Suíça também mantiveram o posicionamento diplomático assumido nos primórdios e tal fato não permitiu que a atitude brasileira fosse tida como "insana e isolada" (GARAMBONE, 2003, p. 87). Embora o Brasil permanecesse oficialmente adotando os princípios da neutralidade, a opinião pública e a mídia exigiam do governo um posicionamento mais contundente.

Após cinco meses de pressão popular, bem como depois da intimidação midiática e de três navios mercantes brasileiros torpedeados, o governo brasileiro resistia irredutivelmente, até o quarto navio sofrer ataques de submarinos alemães e vários de seus tripulantes serem feitos prisioneiro pela marinha alemã. A partir de então, o presidente Venceslau Brás proclamou o estado de guerra, e só a datar desse momento foi possível encontrar editoriais declarando o posicionamento do *País*:

> *O País* é o glorioso jornal da abolição, da República, da legalidade por ocasião da revolta e, ainda agora, da campanha que levou o Brasil a dignificar-se perante o mundo, assumindo a posição que lhe competia no conflito das nações, ao lado dos países cultos que se batem pelos ideais da civilização, da justiça, da humanidade, pondo-se denodadamente à testa das inequívocas reclamações da opinião nacional! (*O País*, 6 e 7 ago. 1917, p. 1)

Apesar da consciência da fragilidade militar brasileira, fica explícita a satisfação do povo e da mídia com a entrada do nosso país na guerra. Os jornais começam a cobrir com maior ênfase a movimentação das tropas beligerantes, ainda que a presença brasileira fosse quase insignificante no combate com poucos soldados na Legião de Honra e raros aprendizes de aviadores na esquadra britânica. Mas, por causa dessa nova conduta, os

jornais começaram a identificar a intensificação das hostilidades no início do ano de 1918, o que inclusive resultou no afundamento de mais dois navios brasileiros.

Em resposta legítima, uma canhoneira alemã foi rendida em Itapagipe, na Bahia, pela marinha brasileira, mas seus próprios tripulantes afundaram-na. Além disso, o Brasil confiscou trinta navios da Tríplice Aliança no litoral brasileiro e, na Conferência Interaliada ocorrida nos EUA, concordou em cedê-los à França. Além disso, o Brasil enviou cem cirurgiões à França, a pedido do ministro e escritor Paul Claudell.

Embora louváveis, as iniciativas de formação de uma missão médica e do envio do comboio de nove navios brasileiros para a patrulha marítima no sul da Europa e norte da África não receberam a cobertura merecida e esperada dos órgãos da nossa imprensa, tampouco pelas "Cartas de Paris", já que os interesses estavam voltados para a batalha no Marne, onde as derrotas alemãs começavam a ter significados jamais vistos antes.

Se a imprensa brasileira não cobriu com total afinco os passos dos próprios brasileiros na guerra, tampouco a estrangeira, infelizmente para o orgulho nacional. Porém, a negligência jornalística em relação à missão naval no sul da Europa, a princípio, teve uma explicação: a gripe espanhola, que havia abatido dezenas de combatentes da marinha brasileira e também alguns dos médicos da missão na França.

Nesse sentido, as colunas ou notícias que traziam como título "A Guerra", ou "Uma grande catástrofe" começaram a ser substituídas por "A Paz" e imediatamente por "A Epidemia" ou "A Influenza Espanhola", como no caso do *País*, e em meados de novembro de 1918, "A Guerra" e "Uma grande catástrofe" desaparecem por completo das primeiras páginas dos principais jornais brasileiros.

Sendo assim, faz-se importante ressaltar que o período de guerra permitiu que o engajamento de Xavier de Carvalho angariasse outro patamar em sua atividade de correspondente. Seu constante proselitismo em função de adquirir voluntários para a guerra ou até mesmo a adesão dos países, - já que tinha a especial pretensão de que Portugal e o Brasil aderissem o quanto antes - escancara a sua influência no sentido em que contribuiu para reforçar os vínculos com a cultura francesa, através dessa sua campanha antigermânica, na reafirmação dos estereótipos contra os alemães, exercendo dessa forma mediação cultural. Sendo assim, a Alemanha começa a perder espaço e confiança muito em função de todo esse tipo de propaganda e mediação cultural realizadas também por Xavier de Carvalho.

CONCLUSÃO

Um olhar às práticas da imprensa periódica a partir do viés das transferências culturais sem dúvida é uma atividade significativa na medida em que trabalhos de correspondentes internacionais como Xavier de Carvalho são contemplados. Suas crônicas podem ser vistas como um manancial de documentos pouco estudados, que nos permitem conhecer, dentre tantos interesses, o papel de um mediador cultural.

A presença da França no Brasil, especialmente no século XIX e início do XX, é fato indiscutível. Contudo, nem sempre o sentido inverso dessa relação é facilmente aceitável ou levado em consideração. Ignorar essa realidade significa negligenciar a noção de conexões, intercâmbios, cruzamentos e trocas; é, sobretudo, não admitir as transferências culturais. Portanto, é essencial reiterar que a imprensa se revela como a grande responsável por proporcionar as mais variadas possibilidades de inter-relações e, dada a impossibilidade das transferências culturais acontecerem a partir de um único sentido, a imprensa jamais deve ser menosprezada diante desse contexto em que ela imperou.

A teoria das transferências culturais, formulada por Espagne e Werner, consegue sobrepujar todo e qualquer estereótipo histórico e anacronismos ao inaugurar uma nova e, sobretudo, equânime perspectiva sobre as manifestações culturais, ao considerarem os movimentos intercambiais entre as diferentes nações, as relações de reciprocidade, os princípios da plurilateralidade e também as condições de disseminações de bens de cada espaço cultural. À vista disso, entendemos que a atuação de Xavier de Carvalho, na sua função de correspondente, foi capaz de interconectar espaços culturais distintos, ao traduzir realidades diversas, estando imerso em uma cultura midiática; por isso, concluímos que ele pode ser considerado um agente dessas transferências culturais, sendo, portanto, um mediador cultural.

Ao contextualizarmos os principais elementos que permeiam a situação em que as transferências culturais intermediadas por Xavier de Carvalho se deram, levamos em consideração o panorama do cenário jornalístico brasileiro que sofreu mudanças midiáticas orquestradas pela França, que se refletiam por aqui, sobretudo por força do fenômeno das transferências culturais. Destacamos, nesse sentido, que as minúcias obtidas a partir das "Cartas de Paris", através das crônicas detalhadas sobre os

acontecimentos artísticos, sociais e políticos do início do século XX, mas principalmente da atuação de Xavier de Carvalho, na função de mediador cultural, nos revelaram que o processo de transferências culturais, especialmente ligado à literatura, não se materializa apenas no e pelo texto literário, mas por inúmeras outras vias, atingindo os mais variados sistemas extraliterários.

Naquele momento, não somente as trocas comerciais eram intensamente difundidas, mas também tudo o que estava relacionado aos impressos periódicos, que iam para além da informação, atingindo inclusive as inúmeras correntes de pensamentos e ideais que cruzavam os oceanos. É justamente nesse contexto que o papel dos correspondentes atingiu relevância para os estudos das transferências culturais que envolvem as fontes primárias, especialmente os periódicos, já que tais mediadores "constituíam-se em importantes elementos de ligação entre culturas distintas e não apenas davam a conhecer as últimas novidades, completavam e interpretavam os telegramas remetidos pelas agências, mas também assumiam o papel de formadores de opinião" (LUCA, 2016, p. 115-16). Ao conectar culturas, atuavam como difusores das mais variadas tendências, inclusive estéticas e políticas.

O gênero textual comumente adotado pelos correspondentes internacionais na produção de seus textos de imprensa é a crônica, certamente pelo fato de proporcionar certo grau de liberdade no exercício da função, que dificilmente seria encontrado em outro gênero, mesmo porque nenhum outro transita tão bem entre a literatura e o jornalismo. Xavier de Carvalho se autodenomina cronista e por isso percorremos seus textos, mas principalmente alguns referenciais teóricos, para que pudéssemos garantir que a coluna "Cartas de Paris" foi alimentada por crônicas que se tornaram não só o produto, mas também o objeto das transferências culturais.

Além disso, buscamos pontuar, através de comentários, os traços do estilo e da linguagem de Xavier de Carvalho a partir de suas crônicas, e constatar sua função social como escritor, sublinhando o seu engajamento a partir da mediação para termos condições de afirmar que Xavier de Carvalho foi um cronista engajado, uma vez que "um escritor é engajado quando trata de tomar a mais lúcida e integral consciência de ter embarcado, isto é, quando faz o engajamento passar, para si e para os outros, de espontaneidade imediata ao plano refletido. O escritor é mediador por excelência, e seu engajamento é a mediação" (SARTRE, 2004, p.61-2).

As ligações seculares das culturas francesa, portuguesa e brasileira, que se conectaram profundamente através da imprensa periódica, renderam práticas artísticas, sociais, políticas e culturais mestiças, que foram determinantes, em maior ou menor grau, na (re)construção das identidades nacionais. Os jornais, como a forma de circulação de ideias mais democrática da época, são capazes de nos revelar, ainda hoje, o quão frutíferas foram as relações envolvendo França, Portugal e Brasil. Ainda que um olhar aos movimentos transculturais dessa tríade nos revele que, embora o processo de troca tenha sido desigual, não deixou de ser recorrente e, acima de tudo, recíproco.

Levando em consideração que a história do jornal *O País* esteve ligada por muitos anos a Xavier de Carvalho pela sua constante contribuição, foi possível apresentar tanto o correspondente internacional em Paris como agente das transferências culturais, quanto o jornal carioca como o órgão de imprensa que viabilizou tal atividade. A partir de então, acreditamos ser plausível considerar que a efetividade da mediação cultural exercida por Xavier de Carvalho no diário carioca, dentro do processo de transferências culturais, de forma voluntária (ou não), é autêntica, sendo capaz de ser observada pela materialidade de suas produções que cruzaram o oceano.

Na medida em que um sujeito proporciona o trânsito de uma cultura, mesmo que no domínio das ideias, de uma área para outra, onde esse bem é acolhido e adaptado ao seu contexto, inevitavelmente houve a transferência cultural, e ele foi o agente dela. Pelo ativismo na imprensa franco-luso-brasileira e por se revelar um arquétipo de mediador cultural, cujo reconhecimento e valorização só seriam possíveis a partir do final do século XX, é que buscamos suscitar parte do legado de Xavier de Carvalho.

Xavier de Carvalho foi um correspondente internacional e, no caso do *País*, podemos identificar o esforço em manter correspondentes estrangeiros ou enviados especiais desde 1884. Portanto, vários passaram por ali, porém Xavier de Carvalho foi um remanescente desse período, manteve uma longa colaboração e chegou à década de 1910. Por outro lado, a atividade desempenhada pelo correspondente internacional do *País* em Paris, de certa forma, pode ser considerada inédita, no que se refere às contribuições oriundas da França, ao menos no primeiro ano recoberto pela nossa pesquisa, isto é, 1909. Embora houvesse práticas semelhantes às de Xavier de Carvalho, como é o caso de Demétrio de Toledo para a *Gazeta de Notícias*, eram muito mais comuns atividades nos mesmos moldes de "Cartas de Paris" oriundas de Portugal e não da França.

As crônicas do correspondente do *País* em Paris mantinham uma visada mais voltada aos bastidores, talvez porque Xavier de Carvalho sempre esteve envolvido na organização dos mais variados tipos de eventos. Nesse sentido, resgatamos algumas ocasiões, em que os seus relatos demonstraram que a sua atividade profissional atingiu determinada função social, marcada especialmente pelo seu engajamento, em um momento histórico, que embora experienciasse as efervescências e as benesses da *Belle Époque*, também foi repleto de situações incandescentes, como foi o caótico caso da estátua de Camões, regido pelo nacionalismo exacerbado, mas também pela questão política-religiosa aclarada por Xavier de Carvalho em suas crônicas.

Faz-se relevante relatar que notou-se no primeiro período de sua contribuição, representado pela *Belle Époque*, um acentuado nacionalismo francês raiado de xenofobia e antissemitismo, mas permeado pela busca da promoção da latinidade. No segundo, portanto na temporada de guerra, ao enfrentar um inimigo poderoso, prevalecem os apelos pela unidade da civilização latina contra a suposta barbárie germânica, evidenciando o esforço na formação de grupos mais amplos, com fundamentos históricos em comum. Nesse sentido, há a demonstração concreta de que as ações tomadas por Xavier de Carvalho, independente do período, estavam seguindo um propósito de mediação cultural entre as nações.

Nesse mesmo sentido, a importância do engajamento de Xavier pela causa feminista também foi observado. Depois de lermos alguns princípios defendidos pelo correspondente do *País*, na capital francesa, nos pareceu estranho considerá-lo um adepto de seus preceitos ou um verdadeiro filógino; no entanto, foi preciso levar em consideração, obviamente, os mais de cem anos que separam as nossas gerações, mas também a gama de registros que comprovam a intervenção positiva de Xavier de Carvalho para o movimento feminista. Nesse sentido, fez-se relevante destacar episódios em que tais acontecimentos se deram através das "Cartas de Paris" para termos condições de sustentar a afirmativa de que Xavier de Carvalho foi um importante apoiador do feminismo. Sua atuação social também se mostrou relevante no que se refere às denúncias e exposições de abusos da alta sociedade.

Na Europa, das maiores convulsões sociais, um conjunto de vanguardas surgiram tanto em um sinal de contestação às conjunturas estéticas em voga, bem como em uma necessidade de declarar a falência dos moldes acadêmicos. Dentre elas, o futurismo presumivelmente tenha sido o primeiro a ecoar no Brasil que, por ser um país de tradição

colonialista, paulatinamente buscava se modernizar através de uma incipiente industrialização, buscando referências bem sucedidas, especialmente da capital das luzes (como já acontecia na aclimatação brasileira do estilo artenovista, por exemplo), ao passo que atingia um processo crescente de urbanização e consequentemente um profundo hibridismo cultural.

O futurismo também foi o movimento que mais ocupou as páginas de Xavier de Carvalho, publicadas no Rio de Janeiro. Esse processo de transferências culturais mediado pelo correspondente do *País* em Paris contribuiu para que a nossa intelectualidade entrasse em contato com as manifestações virulentas dos vanguardistas, especialmente na repercussão das produções de Marinetti, mas não só dele, como outros artistas adeptos aos preceitos futuristas, como Valentine Saint Point, para então terem subsídios suficientes para formularem a Semana de Arte Moderna brasileira e mais do que isso, o nosso modernismo, mesmo que a partir de comentários e julgamentos contrários à vanguarda, mas conscientes da recepção pelo público.

Embora Xavier de Carvalho tenha contribuído para se formar uma avaliação condenatória das vanguardas, em especial da futurista, frustrando as expectativas de que ele poderia ser um difusor e quiçá um adepto das vanguardas, algumas surpresas positivas compensaram tal fato, já que ele se mostrou um jornalista vigoroso, que cumpriu um papel muito importante na divulgação da cultura francesa, e também europeia de uma forma geral, fez um trabalho relevante para a intelectualidade, promovendo não somente portugueses, mas também brasileiros, como João do Rio, Bilac e Oliveira Lima.

Para além das questões culturais e artísticas oriundas principalmente da *Belle Époque*, identificada por nós como sendo a primeira fase da colaboração do correspondente para o jornal carioca, outros acontecimentos de cunho mais político e diplomático - que determinam, portanto, a segunda fase - estavam rumo a um momento que marcaria a história da humanidade de uma forma até então sem precedentes, culminando na Primeira Guerra Mundial.

A eclosão da guerra, em 1914, determinou uma guinada diferencial na colaboração de Xavier de Carvalho, que passou a defender os aliados, reforçar a propaganda contrária à Alemanha e estimular a adesão do Brasil aos aliados. Seu engajamento adquiriu tons mais eloquentes, transformando sua propaganda de guerra em uma poderosa ferramenta beligerante, uma vez que era capaz de conquistar alistamentos

voluntários em prol da França, bem como aconteceu com o seu próprio filho, que, desafortunadamente, morreu no campo de batalha.

Nesse período de grande tensão, o foco do correspondente recai sobre um conflito paralelo à guerra armada, mas que seu início se deu em função dela, e entre os mesmos polos beligerantes; trata-se da guerra ideológica, iniciada especialmente pela contestação da alcunha de bárbaros recebida pelos alemães. É nesse cenário que a figura de um brasileiro entra em cena, o intelectual e ex-ministro do Brasil em Bruxelas, Oliveira Lima, que já era muito conhecido em Paris, por onde proferia conferências, mas acabou sendo rechaçado especialmente pela intelectualidade francesa, por demonstrar tendências germanófilas.

A guerra estremeceu o mundo todo e esse fato não poderia ter sido diferente no Brasil, que manteve por muito tempo sua neutralidade, mas que se viu na inevitabilidade de declarar guerra à Alemanha, já que seus navios mercantes estavam sendo incessantemente atacados e poderia contar com a potência dos Estados Unidos da América, que também aderiram à guerra em favor dos aliados.

Por mais que o governo buscasse manter a neutralidade, a maioria da população brasileira sustentava seu parecer, bem como os órgãos de imprensa; por isso, buscamos comprovar qual seria o posicionamento do *País*, já que apenas o provável tendencionismo em favor da França, verificado pelas publicações de Xavier de Carvalho, não eram suficientes para que atestássemos a francofilia do jornal carioca. Sendo assim, buscamos evidências nos editoriais assinados pelo proprietário do *País*, João Lange, que nos deu condições satisfatórias para comprovar tal posição.

Mediante o período de guerra, Xavier de Carvalho manteve sua atuação e contribuição no que se refere à sua atividade de mediador cultural, tendo em vista que o constante proselitismo disseminado por ele, mantido pelo seu incansável engajamento, não apenas colaborou para a construção de uma campanha antigermânica, mas principalmente serviu para reforçar os vínculos com a cultura francesa e enaltecer a centralidade dela.

Esse tipo de atuação pode ter ao menos colocado em suspensão ou comprometido a crescente germanofilia que existia no Brasil, onde vários territórios, especialmente na região Sul, eram tidos como germanófilos. Muitos intelectuais brasileiros se declararam a favor da Alemanha, bem como é o caso de Tobias Barreto e Sílvio Romero, que eram

exemplos calorosos de germanófilos, muito pelo fato de não apenas terem tido acesso à filosofia alemã, mas também por difundi-las no âmbito acadêmico da Escola do Recife.

Nesse sentido, as duas fases de atuação de Xavier de Carvalho (identificadas a partir da observação dos últimos dez anos da existência da coluna "Cartas de Paris"), ou seja, a *Belle Époque* e a Primeira Guerra Mundial, são exemplos de que o correspondente parisiense do *País* realizou a função de um agente das transferências culturais, portanto desempenhou o papel de um mediador cultural. Na primeira fase, destaca-se todo o seu trabalho na difusão de bens culturais não somente através de suas contribuições aos jornais, como também a partir de sua disposição em promover eventos culturais. Já na segunda fase, é possível perceber o seu esforço no sentido de reforçar a centralidade da cultura francesa e por isso agir de forma a apregoar a superioridade cultural francesa, em detrimento da alemã. Sendo assim, acreditamos ser possível considerar que Xavier de Carvalho atuou como um mediador cultural, tanto que a sua contribuição e o seu legado tornam-se evidências que comprovam a afirmativa.

Faz-se relevante mencionar também que esse recorte dos dez últimos anos da contribuição de Xavier de Carvalho para a coluna "Cartas de Paris", do jornal *O País* contou com 901 crônicas que abordavam os temas relacionados à cultura e à literatura; portanto as temáticas foram delimitadas de maneira a enfocar tais áreas de interesse. Mesmo as crônicas sobre a I Guerra Mundial - embora algumas tenham sido abordadas neste trabalho - não foram privilegiadas em sua completude, já que a maioria delas não tinha a questão cultural ou literária como plano de fundo, mas puramente política e diplomática. Tais recortes e delimitações foram necessários diante da magnitude do material, uma vez que os desafios da pesquisa nos obrigou a encontrar os fios que amarrassem esse conjunto tão heterogêneo de assuntos; no entanto, uma infinidade de temas precisaram ser negligenciados, fato que evidencia a grande quantidade de dados, abrindo a possibilidade de explorações futuras nas mais diferentes áreas das ciências humanas.

Destacamos que, a princípio, a tabela de indexação foi criada apenas para nos servir de auxílio para melhor identificação e acesso aos temas abordados e aos ideais professados por Xavier de Carvalho, uma vez que, apesar de disponíveis no acervo da hemeroteca digital, tornar-se-ia inviável acessá-lo em toda necessidade observável para a composição do trabalho. Contudo, decidimos mantê-la como parte anexa à tese não apenas para o nosso benefício, mas também contribuir para oferecer um acesso facilitado,

personalizado e completo a quem possa ter interesse nos assuntos relacionados à cultura e à literatura abordados pelo correspondente do *País* em Paris nos últimos dez anos de sua colaboração, portanto de 1909 a 1919, especialmente porque uma grande variedade de temas em suas crônicas não foram contemplados em nosso trabalho.

Mesmo contando com a praticidade da ferramenta de busca por palavras-chaves, disponível no site da Hemeroteca Digital Brasileira, foi possível constatar que o mecanismo de assistência por vezes demonstrou falhas, tendo em vista que das 341 ocorrências de contribuições de Xavier de Carvalho para *O País*, pelo menos 73 não foram rastreadas; portanto mais de 21% dos casos poderiam ter sido inexplorados por falhas do recurso, fato que tornou o recurso ineficaz para esta pesquisa. Sendo assim, foi percorrido página por página de todos os exemplares de 1909 a 1919 na tentativa de garantir a integralidade do trabalho proposto; por outro lado, alerte-se que não é admissível descartar a possibilidade de existirem outras ocorrências que porventura passaram despercebidas.

Faz-se necessário, ainda, exaltar a utilidade do serviço de reprodução digital disponibilizado pela Hemeroteca, que permite a preservação e o acesso remoto de impressos raros. Por outro lado, interessante seria se os pesquisadores de fontes primárias pudessem ter acesso ao material físico fonte de inúmeras pesquisas, ainda que para comprovar o que a versão digitalizada proporciona, já que tal restrição imposta pelas políticas da Biblioteca Nacional, por vezes, é capaz de limitar a excelência das pesquisas e produções.

Tornou-se indispensável a inclusão de algumas reproduções das “Cartas de Paris”, a título de exemplificação, ainda que com a ortografia atualizada, não apenas para oferecer a oportunidade de apreciar a produção de Xavier de Carvalho, observar a estruturação da coluna e contemplar seu estilo de escrita, mas principalmente para evidenciar os traços relevantes de sua atividade como mediador cultural, ao atuar nas mais variadas formas como agente das transferências culturais.

REFERÊNCIAS:

ABREU. Adélio Fernando, *A Igreja Católica e a Primeira República*. Porto: Humanística e Teologia, 2010. Disponível em: https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/19201/1/A%20Igreja%20Cat%C3%B3lica%20e%20a%20Primeira%20Rep%C3%BAblica.PDF. Acesso em: 5 abr. 2023.

ANDRADE, Oswald de. *O Modernismo*. São Paulo: Revista Anhembi, 1954. Disponível em:https://cartacampinas.com.br/2014/08/em-texto-de-1954-oswald-de-andrade-discute-a-construcao-do-movimento-modernista/. Acesso em: 27 nov. 2022.

ARRIGUCCI JR., D. Fragmentos sobre a crônica. In: *Enigma e comentário*: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ALMEIDA, Carlos Roberto de Melo. *A Grande Guerra (1914-1918) e os Boletins Semanais de Júlio Mesquita*. 2017. 120 f. (Dissertação em História). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2017.

ALMEIDA, Miguel Vale. *Antropologia e sexualidade: consensos e conflitos teóricos em perspectiva histórica*. In: A sexologia, perspectiva multidisciplinar, org. Ligia Fonseca, C. Soares e Júlio Machado Vaz, Coimbra: Quarteto, vol II, 2003.

ASSIS, Machado de. *Balas de estalo de Machado de Assis*. Heloisa Helena Paiva De Luca (org.). São Paulo: Annablume, 1998.

_____. *Bons dias!*; introdução, e notas: John Gledson. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

_____. *Notas semanais*; John Gledson e Lúcia Granja. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

_____. *O espelho*; organização, introdução e notas: João Roberto Faria. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

_____. *História de quinze dias*; organização, introdução e notas: Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

_____. *História de quinze dias, história de trinta dias: crônicas de Machado de Assis, Manassés*. Silvia Maria Azevedo (org.). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. *O Futuro*; organização, introdução e notas: Rodrigo Camargo Godoi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

BARTHES, Roland. *Grau zero da escrita*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BILAC, Olavo, *Registro: crônicas da Belle Époque carioca*; organização, introdução e notas: Alvaro Santos Simões Jr. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1974.

BRITO, Mário da Silva. Marinetti em São Paulo. In: ANDRADE, Oswald de. *Ângulo e horizonte*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1969.

_____. *História do modernismo brasileiro*: antecedentes da Semana de Arte Moderna. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1971.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956.

_____. *Naturalistas, parnasianos e decadentistas:* vida literária do realismo ao pré-modernismo. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

BOAVENTURA, Maria Eugenia (org.). *22 por 22: A Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos*. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BOTREL, Jean-François. Impressos sem fronteiras no século XIX (França/Espanha/América Latina). In: GUIMARÃES, Valéria (org.). *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil.* Campinas: Mercado de letras; São Paulo: Edusp, 2012.

CAMARGOS, Marcia. *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana.*São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

CAMPARELLI, André. A imprensa como modelo de construção nacional: algumas hipóteses metodológicas. In: GUIMARÃES, Valéria (org.). *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas: Mercado de letras; São Paulo: Edusp, 2012.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

_____. *Literatura e sociedade:* estudos de teoria e história literária. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

_____. A vida ao rés-do-chão. In: Idem et. al. *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

CARPEAUX, Otto Maria. *As revoltas Modernistas na Literatura*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1968.

CARVALHO, Xavier. Cartas de Paris. *O País*, Rio de Janeiro, 1909-1919.

COLLISON, Robert Lewis. *Índices e indexação:* guia para indexação de livros e coleções de livros, periódicos, partituras musicais, discos, filmes e outros materiais. São Paulo: Polígono, 1972.

COOPER-RICHET, Diana. As revistas portuguesas publicadas em Paris na primeira metade do século XIX, In: GUIMARÃES, Valéria (org.). *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas: Mercado de letras; São Paulo: Edusp, 2012.

_____ Transferts culturels et passeurs de culture dans le monde du livre (France - Brésil, XIX siècle) São Paulo, Unesp, v. 9, n.1, p. 128-143, janeiro-junho, 2013.

COUTINHO, A. Ensaio e crônica. In: Idem. (Dir.); Coutinho, E. de F. *A Literatura no Brasil*. 4ed. ver. e ampl. São Paulo: Global, 1997. v.6.

ESPAGNE, Michel. La notion de transfert culturel, *Revue sciences/lettres* [Online], v. 1, p.1-9, 2013. Disponível em: https://journals.openedition.org/rsl/219. Acesso em: 17 ago. 2019.

FABRIS, Annateresa. *Futurismo: Uma poética da Modernidade*. São Paulo: Ed. Perspectiva: Ed. da Universidade de São Paulo, 1987.

_____. A questão futurista no Brasil. In.: BELLUZZO, Ana Maria de Moraes (org.) *Modernidade: Vanguardas Artísticas na América Latina*. São Paulo: Memorial; UNESP, 1990, p.66-80.

FEITOSA, Rosane Gazolla Alves. *Eça de queirós na Gazeta de notícias (Rio de Janeiro): a função social do jornal.* Convergência Lusíada, 2013.

FERREIRA, Ana Emília Cordeiro Souto; CARVALHO, Carlos Henrique de. *Escolarização e analfabetismo no Brasil: estudo das mensagens dos presidentes dos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Norte (1890-1930)*. [Online], p. 1-12, 2018. Disponível em: https://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/Ana-Em%C3%ADlia-Cordeiro-Souto-Ferreira_-Carlos-Henrique-de-Carvalho.pdf . Acesso em: 20 out. 2022.

FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima: D. Quixote Gordo*. Recife: UFPE, 1970.

GARAMBONE, Sidney. *A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GRANJA, Lúcia. França e Brasil: transferências da crônica e do folhetim-variedades. In: GUIMARÃES, Valéria (org.). *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas: Mercado de letras; São Paulo: Edusp, 2012.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2001.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. A luso-brasilidade e o projeto da revista Atlântida, *Cultura* [Online], vol. 26 | 2009, posto online no dia 16 Setembro 2013, consultado a 2 out. 2016. URL: http://cultura.revues.org/381; DOI: 10.4000/cultura.381. Visitado em 17 ago. 2018.

GUIMARÃES, Valéria. *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas: Mercado de letras; São Paulo: Edusp, 2012.

_____. Imprensa francesa no Brasil do dezenovinte: redes e conexões. In: ABREU, M.; DEAECTO, M. M.. (Org.). *A circulação transatlântica dos impressos: circulações.*

1ed.Campinas: UNICAMP/IEL, 2014, v. 1, p.231-244. Disponível em: https://issuu.com/marciaabreu/docs/circulacao_transatlantica_dos_impre. Acesso em: 5 nov. 2022.

_____. *Relações transnacionais: jornais franceses publicados no Brasil (1854-1924).* Escritos Nove, 2015. Disponível em: file:///D:/Meus%20Documentos/Desktop/argui%C3%A7%C3%A3o%20Dani%20e%20Tania/escritos%20transnacionais.pdf. Acesso em: 5 dez. 2022.

HUYSMANS, J. –K. *Às avessas*; tradução José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

JOYEUX-PRUNEL, Béatrice. Les transferts culturels: um discours dela méthode, *Hypotheses* [Online], v. 1 (6), p. 149 - 162, 2003. Disponível em: https://www.cairn.info/revue-hypotheses-2003-1-page-149.htm. Acesso em: 17 ago.2019.

LANCASTER, F. M. *Indexação e resumos: teoria e prática*. Brasília: Brinquet de Lemos/Livros, 1993.

LIMA, Alceu Amoroso. *Quadro sintético da literatura brasileira*: Livraria Agir: Rio de Janeiro, 1956.

LUCA, Tania Regina de. *A Ilustração (1884-1892): circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

_____, *Correspondente no Brasil: Origens da atividade nas décadas de 1870 e 1880*, Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo [online], Vol 5, n°1 - 2016. Disponível em: http://surlejournalisme.com/rev. Acesso em: 25 dez. 2021.

_____; SILVA, Ana Cláudia Suriani. *Maria Amália Vaz de Carvalho: conversas lisbonenses & outros escritos (1884-1889)* [e-book] / [organizadores] Alexandro Henrique Paixão; Ana Cláudia Suriani da Silva; Tania Regina de Luca. – Compinas, SP: FE/UNICAMP, 2022.

MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: FAPESP, 2001.

_____. *"Não me atemorizou a pecha de germanófilo"*: a Grande Guerra nos diários de Oliveira Lima (1917-1918). São Paulo: Dimensões, vol. 31, 2013, p. 137-158. ISSN: 2179-8869. Disponível em: file:///D:/Meus%20Documentos/Desktop/argui%C3%A7%C3%A3o%20Dani%20e%20Tania/oliveira%20lima.pdf. Acesso em: 29 nov. 2022.

MARIANO, MP. Autonomia e desenvolvimento na política externa brasileira. In*: A política externa brasileira e a integração regional:* uma análise a partir do Mercosul [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, pp. 37-65. ISBN 978-85-68334-63-8. Available from SciELO Books.

MARNOTO, Rita. Futurismo e futurismos em Portugal. *Estudos italianos em Portugal*, Coimbra, Instituto italiano de cultura, v. 4, p. 61-75, 2009.

MOLINA, Matías M. *História dos jornais no Brasil:* Da era colonial à Regência (1500-1840). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MOLLIER, Jean-Yves: *A leitura e seu público no mundo contemporâneo*: ensaios sobre história cultural; tradução Elisa Nazarin. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

NEGREIROS, Carmem; OLIVEIRA, Fátima e GENS, Rosa. *Belle Époque: a cidade e as experiências da modernidade*. Belo Horizonte, MG: Relicários, 2019.

NEVES, João Alves das. *O movimento futurista em Portugal*. Lisboa: Dinalivro, 1987.

OLIVEIRA, Aline Cristina de. *Faustino Xavier de Novais e as conexões entre Portugal, França e Brasil nas paginas do* ***Futuro*** *(1862-1863).* 2017. 198 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciencias e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2017.

ORPHEU: (1915-2015): *Textos doutrinários e fortuna crítica* (antologia); organização, prefácio e notas: Carlos Felipe Moisés. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PAES, José Paulo. *Gregos & baianos*. São Paulo: Brasiliense,1985.

PERCHI, Amanda. *Os periódicos franceses na imprensa carioca oitocentista:* uma leitura dos editais de primeira edição. Revista Almanack, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2236-463320181811. Acesso em: 18 nov. 2022

PEREIRA, José Carlos Seabra. Introdução ao estudo do Decadentismo e do Simbolismo em Portugal. In: *Decadentismo e Simbolismo em Portugal*. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1975, p. 1 - 102.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. 2.ed. Coimbra: Almedina, 1999.

_____. Introdução. In: _____ ; PEIXINHO, Ana Teresa (Edição). Textos de imprensa. I (da Gazeta de Portugal). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004. p.15-52. (Edição crítica das obras de Eça de Queirós).

RODRIGUES, Ernesto. Decadentes e modernidade. In: *Svět Literatury / O Mundo da Literatura. Dossié Século XXI. Que modernidade, hoje?* Praga: Univerzita Karlova, Filozofická Faculta, 2017. p. 49-6.

SARAIVA, A. J.; LOPES, Óscar. 7ª época: Época contemporânea. In: *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2001.

SARTRE, Jean-Paul. *O que é a literatura?* Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004.

SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. Repercussão do Decadentismo-simbolismo português em periódicos cariocas (1890-1892): primeiros resultados. Rio Grande: *Cadernos Literários*, v. 23, n. 1, p. 5-18, 2015.

_____. Um cronista provinciano na capital do mundo: Bilac como correspondente. In: *Bilac vivo*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

THÉRENTY, Marie-Ève. *La littérature au quotidien*: poétiques au XIX e. siècle. Paris: Éditions du Seuil, 2007.

PLOEG, Susana Rodrigues Cavalcanti van der. *A recepção do modernismo no Brasil*. Dissertação de Mestrado em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 160, 2013.

VELLOZO, Júlio César de Oliveira. *Um Dom Quixote no deserto do esquecimento*: Oliveira Lima e a construção de uma narrativa da nacionalidade. Dissertação de Mestrado em Culturas Brasileiras da Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 219. 2012.

VOGT, Olgario Paulo. *O alemanismo e o "perigo alemão" na literatura brasileira da primeira metade do século XX*. Santa Cruz do Sul: Signo, v. 32 n 53, p. 225-258, 2007. Disponível em: https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/240/190

WERNET, Augustin. *A Primeira Guerra Mundial*: origens remotas e imediatas, os exércitos e as batalhas, efeitos sociais e políticos. São Paulo: História Contexto, 1991.

APÊNDICE

Título	Ano	Pág.	Col.	Edição	Data publ.	Data da correspondência	Temas de interesse cultural e literário
C. P.	XXV	4	1 e 2	8856	1º jan.1909	11 dez..1908	**Os tumultos na Comédia Francesa nas representações do *Foyer***: A peça leva o nome de um orfanato. Otávio Mirbeau e Tadeu Natansons são os dramaturgos. Os atores principais são Bartel e Féraudy. *Foyer*, segundo o cronista, é sobre a hipocrisia da caridade aristocrata e, por isso, recebeu vaias, justamente porque a plateia era constituída pela elite burguesa, a imprensa também condenou a peça. **Uma conferência em esperanto sobre o Brasil**: O conferencista foi o engenheiro da Escola Politécnica do Rio de Janeiro e membro da agência de Propaganda do Brasil, Everaldo Backheuser. A conferência foi realizada no Anfiteatro da Sociedade de Geografia de Paris e teve como tema "o esperanto como poderoso auxiliar na luta pacífica das raças para realização do sonho de fraternidade universal". Xavier de Carvalho menciona a referência que o conferencista fez a Medeiros de Albuquerque e também a tradução em esperanto do soneto *Ouvindo estrelas* de Olavo Bilac e outro de Raimundo Correia. **A Itália ilustrada e o Brasil**: Os últimos números das duas revistas que Alexandre d'Atri dirige em Paris (*Italia* e *Italie Illustrée*) contam com artigos sobre o Brasil, em especial Rio de Janeiro e São Paulo.

							Uma carta de Jaime de Séguier: A coluna traz a reprodução da carta do escritor e também correspondente internacional, Jaime de Séguier a Xavier de Carvalho que tem como assunto o agradecimento pelo livro *Poesia Humana*. Séguier faz uma avaliação positiva do que pode ler e o cronista se diz lisonjeado com a devolutiva de seu colega.
C. P.	XXV	4	3 e 4	8862	7 jan.1909	18 dez.1908	**Um novo livro de Rémy de Gourmont**: Xavier de Carvalho tece uma avaliação positiva da obra *Couleurs*, que acaba de ser lançada, e também à *Mercure*, que é considerada a principal obra de Gourmont. **A estátua de Camões em Paris**: A revista parisiense *Mundo Elegante* publicou a maquete de uma bela estátua de Camões feita pelo escultor Teixeira Lopes, que será erguida em Paris. O artigo declara que o projeto foi admirado até mesmo pela rainha Dona Amélia. Xavier de Carvalho pede a subscrição de portugueses e brasileiros para que a estátua possa ser levantada em um ano, na próxima visita do Rei D. Manuel à Paris. **No teatro do Oeuvre: A cocote moderna**: A peça de Falamond, *La Dame qui n'est plus aux xamelias,* foi encenada pelos atores Corlier; Lugué Pai e Danjou. Segundo Xavier de Carvalho, o público rejeitou a peça, mas o cronista tece elogios. **Uma peça curiosa**: *Le Lys* teve como protagonista a renomada atriz Suzanne Després. Tanto o público quanto o cronista foram ao delírio.

C. P.	XXV	4	3 e 4	8871	16 jan.1909	25 dez.1908	**O drama *Le Lys:* o direito de amar**: A peça *Le Lys*, dos dramaturgos Pierre Walf e Gaston Leroux, foi mais uma vez mencionada por Xavier de Carvalho, que dá alguns detalhes do enredo e elogia a "esplêndida peça teatral" **Um banquete latino:** Xavier de Carvalho foi convidado, como representante dos jornais brasileiros, a participar de um banquete organizado pela *Union Latine*. Fez seu pronunciamento e, como secretário geral da sociedade *L'Alliance Franco-Americaine*, ficou incumbido de levantar um monumento comemorativo da independência da América do Sul. **A Sociedade dos Estudantes Portugueses:** Comentário sobre a inauguração da sede da *Société des Études Portugaises*, onde, sobretudo brasileiros e portugueses, encontram jornais e livros de seus países.
C. P.	XXV	5	1 e 2	8886	31 jan.1909	8 jan.1909	**(Sem título)** O *Diário Popular* inicia uma série de publicações com a revista franco-brasileira *O Mundo Elegante* sobre Clotilde do Rio Branco e gravuras consagradas à imprensa brasileira. **Um artigo da *Revue***: O artigo foi escrito pelo poeta e romancista francês Maxime Formont sobre "a moderna corrente da literatura brasileira e portuguesa". **Uma conferência sobre o Brasil**: O conferencista é o diretor da Correspondência Política, Sr. Casabona, que falou sobre o Brasil e, em especial, sobre São Paulo. Xavier de Carvalho diz que, como sempre, poucos brasileiros participaram.

							A tragédia real: *A Tragedie Royale* é uma peça de Saint Georges de Bouhelier. Tal peça não agradou a Rochefort, tampouco à imprensa, mas a Xavier de Carvalho sim. **Conferência sobre Machado de Assis**: Xavier de Carvalho faz um anúncio sobre a conferência que será realizada por Manoel de Oliveira Lima, membro da Academia Brasileira e ministro do Brasil em Bruxelas e terá como assunto o Brasil intelectual e Machado de Assis.
C. P.	XXV	3	6 e 7	8890	4 fev. 1909	15 jan. 1909	**A exposição de pintura dos irmãos Dario e Mário Villares Barbosa:** Menção aos triunfos alcançados pelas exposições de pintura dos irmãos gêmeos brasileiros, alunos da academia de Belas Artes de Paris e da Academia Julian. Os irmãos são considerados por Xavier de Carvalho como "a honra de S. Paulo". Além disso, o correspondente faz o anúncio da próxima exposição que iria acontecer no *Correio do Brasil*, na rua de Grammont, em Paris. Não há o detalhamento das pinturas, mas, de modo geral, o cronista diz que "as paisagens são magníficas, os retratos excelentes, de uma técnica moderna, realizados com largo fôlego, com todo o relevo moderno [...] e devem ombrear com os pintores franceses". Comenta sobre a carta elogiosa e entusiasta recebida por um dos irmãos do senador francês e inspetor das *Bellas Artes*, Gustave Rivet, bem como os "mais rasgados elogios" às telas dos irmãos que estampavam as páginas do *Journal des*

							Artistes, além das fotos-gravuras dos quadros estampadas no *Mundo Elegante*. **Novas várias: -** Anúncio da conferência sobre Machado de Assis e sobre o estado atual das letras brasileiras, que será realizada em março, na Sorbonne, pelo diplomata, Sr. Manoel de Oliveira Lima. - Comentário sobre um banquete que a *Société des Études Portugaises* realizará, que será oferecido a Oliveira Lima, Olavo Bilac e João do Rio e presidido pelo escritor francês Anatole France, incumbido de discursar sobre as relações intelectuais da França e nações da América do Sul. - Anúncio sobre as representações da artista Mercedes Blasco "tão conhecida no Rio", que após tocar e cantar o fado em Paris, iria para Londres, Bruxelas, Berlim e Viena. "Temos, portanto, o fado popularizado na Europa inteira!". - "Propaganda" do Cabaré Fursy, onde portugueses e brasileiros não devem deixar de ir, já que acolheu os jornalistas portugueses na ocasião da visita oficial de D. Carlos. Além do mais, as atrações contam artistas como: Lyse Berty, Ivonne Malec, Blanche d'Horfeuil, Moy, Mevisto, Aine, Blasco, Casa e Deyrmon, Rivers. As canções *rosses* de Angelo Pitou e as modinhas da Bahia dos Geraldos também são mencionadas.
C. P.	XXV	5	6 e 7	8898	12 fev. 1909	22 jan. 1909	**Uma grande e bela manifestação artística do Brasil em Paris/ Os pintores brasileiros Mário e Dario Villares Barbosa:** Os irmãos paulistas fizeram uma exposição nos salões do *Courrier du Brésil* e foram

							aclamados, já que demonstraram que o "Brasil acompanha a evolução artística dos grandes centros de intensa civilização". O cronista lamenta que os brasileiros residentes em Paris são "dados a mundanidades" e não se interessam por manifestações artísticas. **Olavo Bilac em Paris:** O correspondente relata seu encontro com seu "velho amigo e camarada", Olavo Bilac, com o qual conversou sobre "o que se passa no *boulevard"*, porém a conversa os levou ao saudosismo ao relembrar de "vários ausentes". **A glorificação do poeta Paul Verlaine:** Xavier de Carvalho noticia que todos os anos, na manhã do dia 11 de janeiro, os admiradores do poeta vão ao cemitério de Batignolles prestar-lhe homenagens, no entanto, o clima tem ficado cada ano mais frio, por isso, pretendem levantar uma estátua no centro da cidade para realizarem o tributo. O cronista elenca alguns dados biográficos de Verlaine e comenta sobre o "fundo católico de várias poesias do homem que na vida normal fora sempre irregular".
C. P.	XXV	4		8902	16 fev. 1909	29 jan. 1909	**A morte de Coquelin/recordações do convívio com o grande artista/Coquelin nos almoços do Visconde de Azevedo Ferreira/Paris e Coquelin:** Anúncio da morte do artista (comediante noturno) Coquelin, diretor do teatro, fundador da casa hospitalar dos atores e atrizes, amigo do falecido conde de Azevedo Ferreira e de Rostand, que sente profundamente a sua partida. O cronista lamenta

							também porque não haverá ninguém à altura para interpretar o galo do *Chantecler*. **Na academia Francesa:** Posse de Henry Poincarré na Academia Francesa, em substituição do falecido Sully Poudhomme (autor de poesias científicas e filosóficas, em que há os "mais altos pensamentos da crítica religiosa e filosófica do que na totalidade das obras de Hugo"). **Um livro sobre o Brasil:** A livraria Colin publica "*Le Brésil au XX sciecle"*, de Pierre Denis, "um economista francês moderno que melhor tem estudado o Brasil". **Greve dos tipógrafos:** Xavier de Carvalho noticia sobre a greve dos operários linotipistas que trabalhavam nas tipografias que imprimiam os principais jornais e exigiam aumento de salário. O cronista se posiciona a favor dos patrões, já que considera o salário dos operários do ramo demasiadamente alto; tanto que, tipografias têm fechado e editores mandado imprimir nas províncias ou até mesmo na Itália e na Bélgica. **Novas artísticas:** Anúncio do concerto do violinista brasileiro Chaffitelli e da "pianista e professora de moças brasileiras", Virginia Suggia. **O Brasil em Paris:** Anúncio sobre uma exposição de arte brasileira que ocorrerá na Galeria Georges Petit e que contará com o apoio do escultor Sá, responsável pela feitura do monumento do marechal Floriano Peixoto no Rio de Janeiro. Xavier de Carvalho provoca os burgueses brasileiros dizendo que só se

							interessam pela arte para demonstrar esnobismo e não auxiliam os artistas "ingênuos", que se queixam.
C. P.	XXV	1 e 2	7, 1 e 2	8910	24 e 25 fev. 1909	5 fev. 1909	**Uma caricatura de Joana d'Arc:** Um grupo de estudantes quebrou a vitrine da loja de um "alfaiate qualquer" que havia feito uma caricatura da heroína francesa de uma maneira "pouco decente". O alfaiate tinha o costume de expor caricaturas, por vezes, inconvenientes.
C. P.	XXV	4	1, 2 e 3	8920	7 mar. 1909	12 fev. 1909	**A morte de Catulle Méndes/Um grande escritor/ O seu enterro/Última entrevista com Catulle Mendés:** Xavier de Carvalho anuncia a morte de um dos "mais célebres" poetas franceses, conhecido como "Divino Pagão". Mendés era neto de portugueses, por isso tinha simpatia pelo país e falava a língua portuguesa. Presidia o banquete anual dedicado ao "poeta simbolista lusitano Eugenio de Castro", foi presidente da festa do centenário de Garret e por isso foi condecorado com a comenda da Ordem de S. Thiago pelo governo português. Contribuiu com o lançamento de um monumento a Camões em Paris. Promovia reuniões semanais com Jules Bois, Paul Maurice, Léon Dierx e Richepin. A morte foi acidental, após o "imprudente Mendés cair de um trem e ser atropelado por outro meia hora mais tarde." O cronista comenta que os principais representantes da arte e da literatura em Paris, seguiu comovidamente o coche funerário de Mendés." **A morte de Coquelin Cadet:** Segundo Xavier de Carvalho, morte do artista da Comédia Francesa não foi surpresa, estava doente e sendo tratado como

							louco. Em um de seus raros momentos de lucidez foi abatido pela notícia da morte de seu ídolo e irmão mais velho. **Os concertos de Chiaffitelli e Mlle. La Suggia:** O violoncelista paulista, Francisco Chiaffitelli, tocou para uma importante plateia, que além das "principais famílias da colônia brasileira em Paris", contava com o "tão laureado e apreciado White, Victor Staub, G. Prado e J. Volterra" e foi intensamente saudado pelo seu talento. Contando com quase o mesmo público, dias depois, Mlle.Virginia Suggia e sua irmã Guilhermina Suggia tocaram piano, a apresentação foi muito aclamada. **O poeta Saint-Pol Roux:** relato sobre o "belo jantar festivo em honra do poeta simbolista [...], *le magnifique*", que contou com inúmeros nomes célebres. O poeta é tido como o "literato mais falado em Paris, vivendo em pleno sucesso. O *Figaro* escreve sobre ele um artigo sensacional. As ilustrações publicam o seu retrato. É o triunfador com justiça o que é bem raro!".
C. P.	XXV	3	4 e 5	8922	9 mar. 1909	19 fev. 1909	**Recepção acadêmica do poeta Richepin/Festa brilhantíssima:** Xavier comenta como foi participar da festa de recepção do "incomparável e deslumbrante" poeta, recebido pelo "admirável prosador" Maurice Barrès, dizendo que as obras de ambos são "soberbas de retórica moderna, que hão de ficar nas antologias, que hão de ser citadas e de que hão de servir de modelo nas lições de retórica."

							Frederic Masson e Paul Hervien eram os padrinhos do novo acadêmico. **Eduardo Garrido:** em comemoração aos 50 anos da primeira peça escrita pelo dramaturgo português, *De noite todos os gatos são pardos*, Xavier tece loas ao compará-lo a Siribe e a Sardou. Menciona que o único erro de Garrido foi ter nascido em Portugal e não na França. Justifica o envio da crônica sobre Garrido ao *País* por este ser muito apreciado no Rio de Janeiro. **(Sem título)** crítica à decisão de demolir a galeria das máquinas e o antigo palácio Serre, onde havia exposições dos "pintores impressionistas e independentes". Esse fato, segundo Xavier de Carvalho, contribui para o desaparecimento das "formidáveis e assombrosas" exposições de Paris. **A obra da missão de expansão econômica do Brasil em Paris**: anúncio de três volumes em francês e italiano da obra *O Brasil, centro industrial*, que serão publicadas também em inglês e alemão. O cronista descreve a obra como sendo "importantíssima" e "interessante"; além disso, comenta que o triunfo se dá com a justiça devida, pela opinião da imprensa francesa, "onde nem sempre o Brasil fora bem tratado outrora". **(Sem título):** anúncio da conferência sobre Machado de Assis, por Oliveira Lima, a realizar-se em abril, será presidida por Anatole France, tendo como assunto o "movimento intelectual do Brasil moderno" e possivelmente será publicada em uma grande revista de Paris, em uma tiragem de 3 mil exemplares. Xavier

							de Carvalho lembra que tal conferência já havia sido anunciada um mês depois da morte do "saudoso brasileiro". **Uma peça nova no Ginásio:** sobre a peça de Robert de Flers, *L'ane de Buridan*, Xavier de Carvalho deprecia tanto o dramaturgo, quanto o ator protagonista, assim como o início da peça, já que apenas após a entrada da atriz Mistinguenette é que a peça atingiu um nível de aceitação.
C. P.	XXV	4	1, 2 e 3	8929	16 mar. 1909	26 fev. 1909	**A morte trágica de uma atriz:** Iréne Muza, uma jovem atriz, que acabara de voltar de uma turnê na Argentina, sofreu um acidente ao descolorir seus cabelos com tintura a base de petróleo perto das chamas do fogão, causando-lhe a morte por queimadura. **(sem título):** A atriz portuguesa, Mercedes Blasco, irá se apresentar em Paris após se curar de uma forte gripe. Além disso, o correspondente anuncia a quarta edição de seu livro *As memorias de uma atriz*, que está sendo redigido. **Banquete italiano:** O correspondente relata sua participação em um banquete presidido pelo embaixador da Itália, conde Salina, e se diz admirado com o concerto que assistiu.
C. P.	XXV	2	4 e 5	8942	29 mar. 1909	4 maio* (mar.) 1909	**Os famosos *Camelots du roy*/ Garotadas contra as estátuas em Paris:** Um grupo de jovens tem causado grandes prejuízos aos patrimônios públicos, mas especialmente às estátuas de grandes nomes franceses, como Joana d'Arc e Zola.

							Dama da melhor roda que entra para o teatro: Juliette Dietz Monnin, uma jovem da "melhor sociedade de Paris", abandonou sua vida luxuosa para se tornar atriz - ofício que tem desempenhado muito bem - e esse fato tem chamado a atenção dos parisienses, que lotam os teatros. **Um pintor francês que morre de fome:** Blanchon, um pintor laureado pela crítica, tido como o melhor discípulo de Cabanel, morre em um hospital de Paris como indigente, depois de ter sido socorrido, sem sucesso, várias vezes pela sociedade de Belas Artes. **(Sem título):** Inimigos pessoais de Jules Bois dirigiram-se à Comédia Francesa para ridicularizar a peça *La Furie*, do dramaturgo. **O teatro no Rio:** O cronista celebra a notícia de que Celestino da Silva é o novo diretor do teatro municipal do Rio de Janeiro e que contará com a atriz parisiense, Réjane, para a inauguração. **Artistas alemães:** A trupe alemã Schauspielhaus, por intermédio de Lugné-Poe, marido de Suzanne Desprès, se apresentou em Paris e revelou "uma arte moderna de grande e forte expressão". **(Sem título):** Anatole France pretende visitar o Rio de Janeiro na volta de Buenos Aires.
C. P.	XXV	2	2 e 3	8945	1º abr. 1909	12 mar. 1909	**Anatole France na América do Sul:** O escritor francês está de viagem marcada para Buenos Aires, onde fará uma série de conferências sobre Rabelais. O correspondente aproveita o anúncio para instigar aos brasileiros a convidarem "o culminante espírito das

							letras francesas” para visitar o Brasil em sua volta da Argentina. **O monumento de Berthelot:** O Sr. Emile Loubet, presidente do comitê para o monumento de Berthelot, conduziu a reunião em que se estabeleceu que o escultor Saint-Marceaux fará o monumento, que ficará na praça do Colégio de França, onde o “grande sábio” trabalhou durante 50 anos. Xavier de Carvalho menciona que vários países têm constituído comitês para angariar contribuições em favor do monumento e incentiva o Brasil a fazer o mesmo.
C. P.	XXV	1 e 2	7 e 1	8959	15 abr. 1909	19 mar. 1909	**A greve dos empregados do correio e telégrafo**: Xavier de Carvalho demonstra irritação perante a decisão do sindicato dos correios e telégrafos ao decretar greve, considerada por ele “estúpida” e “antissocial”, já que coloca a França “no meio de uma ilha deserta”. **Festa em honra ao Brasil:** Anúncio da festa da intelectualidade brasileira, a ser realizada no dia 3 de abril, no anfiteatro Richelieu da Sorbonne, que contará com a alocução de Anatole France; além disso, Charles Richet falará sobre a influência da França no Brasil, Oliveira Lima discursará sobre Machado de Assis e as atrizes Madeleine Roch e Lea Misley “recitarão versos de Machado, traduzidos por Victor Orban”. No dia seguinte haverá almoço oferecido pela Union Latine em honra do Dr. Oliveira Lima. Xavier de Carvalho termina a crônica dizendo que todas as manifestações em honra do Brasil

							intelectual foram de sua iniciativa, já que é secretário geral da *Société des Études Portugaises* de Paris.
C. P.	XXV	5	5 e 6	8965	21 abr. 1909	26 mar. 1909	**A questão da greve dos funcionários/ A pressão tirânica dos revolucionários:** o desfecho da greve foi marcada pelo posicionamento rígido do governo, na figura do Sr. Clemenceau. Mesmo vencidos, os grevistas ameaçam nova greve ao lado da indústria privada. Xavier de Carvalho se posiciona a favor do governo, considerando a atitude dos grevistas como anarquista e dá detalhes da situação calamitosa do pós-greve. **A festa franco-brasileira/ O Brasil em Paris:** relato sobre os motivos que levaram Xavier de Carvalho a organizar a "festa da intelectualidade brasileira". Segundo o cronista, a festa é voltada a um público novo para que possam conhecer o "Brasil de Machado de Assis, Carlos Gomes, Benjamin Constant, o Brasil que marcha na vanguarda dos progressos científicos em toda América do Sul"; além disso, o evento tem como propósito mostrar aos argentinos que a "única grande capital civilizada da América do Sul" não é Buenos Aires. **Teatro Italiano em Paris:** apreciação sobre a representação da trupe lírica italiana, que aconteceu no teatro *Folies Dramatiques*, que segundo Xavier de Carvalho "esteve imponente [...] e todos os artistas foram vitoriados, e com justiça". **Anatole France:** Xavier de Carvalho descreve uma conversa com Justino Montalvão (colaborador do *País*) sobre a prisão do professor Ferrer em Portugal e

							uma nota de uma folha reacionária de Lisboa insinuando que a visita de Anatole France à capital portuguesa era para frequentar "os elementos mais perigosamente revolucionários", fato que também lhe renderia a prisão. Para os correspondentes esse acontecimento seria "uma degradação moral" para Portugal. **(Sem título):** comunicado de que a apresentação em português, espanhol e italiano da cantora Mercedes Blasco no Casino de Paris foi um sucesso. **Os *Camelots du roy*:** continuação do inquérito sobre um atentado à estátua de Zola, que mantém quatro rapazes em prisões republicanas.
C. P.	XXV	6	3 e 4	8969	25 abr. 1909	3 abr. 1909.	**A grandiosa manifestação *franco-brésilienne*/ No anfiteatro Richelieu/ Anatole France, Dr. Charles Richet, Oliveira Lima/ Victor Orban, Gabriel Piza e Xavier de Carvalho:** anúncio e detalhes sobre a festa já mencionada anteriormente, com algumas informações adicionais, tais como: a presença de Dr. Gabriel de Piza, ministro do Brasil em Paris; a publicação de um artigo de Xavier de Carvalho sobre literatura brasileira em *Paris-Journal*; a distribuição dos resumos de *Memorial de Aires* e de *Dom Casmurro* pela livraria Garnier. **(Sem título):** comunicado sobre o almoço organizado por Xavier de Carvalho a Bilac, "com adesão [...] da *Union Latine*". **(Sem título):** Hugues Le Roux iniciou uma série de artigos no *Courrier du Brésil*, sobre a economia brasileira e está sendo muito apreciado.

							(Sem título): Mário e Dario Villares Barbosa apresentaram seus quadros, (do primeiro *Interior bretão* e do segundo *Frachade bigoudaine*) na exposição dos Campos Elysios. **Teatros:** Xavier de Carvalho expõe sua opinião sobre a peça *Le Roi Bombance*, do italiano Marinetti, "o chefe da escola *futurista*". Segundo ele, trata-se de um "espetáculo verdadeiramente fantástico, extraordinário, ab(r)acadabrante!"; faz alguns comentários sobre o enredo, menciona que a reação do público foi de reprovação, tanto que o autor foi "alvo de todas as manifestações de troça" e conclui avaliando que algumas "cenas [são] de um ultrarromantismo burlesco e outras com a nota de Rabelais. Mas tudo é disforme, descomunal, sem pés nem cabeça. Parece uma obra dramática escrita por um doido! [...] O Rei Glutão, o Rei Bombance, foi o epitáfio do futurismo!"
C. P.	XXV	5	1, 2 e 3	8976	2 maio 1909	7 abr. 1909	**A festa da intelectualidade brasileira em Sorbonne/ Os discursos/Anatole France/ O Dr. Charles Richet/ Oliveira Lima/ Victor Orban/ O Dr. Gabriel de Piza/ Xavier de Carvalho/ O banquete do café Riche/ Homenagens ao Dr. Manoel de Oliveira Lima/ Opinião unânime da Imprensa francesa, belga, espanhola, portuguesa etc/ O Paris intelectual saudando o Brasil moderno:** A festa foi tida como a consagração definitiva do Brasil intelectual pela França. O evento organizado pela *Société des Études Portugaises* teve adesão da

							Union Latine, *Société des Universités et Grandes Écoles de France*, das Universidades Populares, entre outras. Com a finalidade de glorificar Machado de Assis, os colaboradores contribuíram para que todos soubessem que o Brasil "não é apenas o produtor do café, da borracha e do mate, é igualmente a pátria de Gonçalves Dias, de Machado de Assis, de Luiz Murat, de Raymundo Correia, de Olavo Bilac, de José Veríssimo, de Coelho Neto e tantos outros luminares das letras". Charles Richet teceu elogios "à mocidade das escolas" que o acolheram, juntamente com Ferrer e Bilac, nas conferências que realizou por aqui. Xavier de Carvalho faz uma espécie de biografia de Anatole France, o presidente da festa, e de Manoel de Oliveira, membro da Academia Brasileira de Letras, que tem "entre suas principais obras *Pernambuco e o seu desenvolvimento histórico, Sete anos de República no Brasil, Aspectos da literatura colonial brasileira, Nos Estados Unidos, Memória sobre a descoberta do Brasil, A história diplomática do Brasil, No Japão, Pan-Americanismo; Coisas diplomáticas; O drama histórico; O secretário do Rei; Elogio do Varnhagem; o discurso que pronunciou quando foi recebido na Academia*". O cronista elenca alguns nomes que estavam presentes, dentre eles Bilac.
C. P.	XXV	5	1 e 2	08984	10 maio 1909	16 abr. 1909	**O Congresso de línguas vivas/ 2000 professores das grandes escolas admitem o português como língua facultativa ao ensino secundário da França:** A pauta mais importante discutida durante o congresso

							é o ensino da língua portuguesa na França, junto ao ensino da literatura brasileira e portuguesa. **Marinetti:** O cronista destaca que italiano "lançou o futurismo", uma escola literária de "teorias fantásticas", por isso, tem conquistado Paris, já que "é o homem mais discutido, é o escritor da moda, é o triunfador"; além disso, menciona que Marinetti representou uma peça "escandalosa", *Le Roi Bombance*, que foi intensamente reprovada e ridicularizada, e, por esse motivo foi "vaiado como raras vezes o tem sido qualquer outro autor dramático em França". Porém, o verdadeiro intuito da crônica é comentar o duelo entre Marinetti e o escritor Carles Henry Hirsch, no intervalo de uma peça teatral. Xavier de Carvalho salienta que o motivo não é de todo conhecido, no entanto, garante ser completamente fútil e finaliza dizendo que Marinetti feriu gravemente seu adversário e não sofre sequer um arranhão. **A exposição de Belas Artes:** O *Vernissage* é um evento que reúne a alta sociedade para prestigiar incríveis obras artes, dentre elas encontrava-se uma assinada por uma artista brasileira, que, conforme o correspondente, trata-se de uma "belíssima tela da Viscondessa de Sistello".
C. P.	XXV	5	1 e 2	08989	15 maio 1909	24 abr. 1909	**A viagem de Anatole France à América do Sul:** Um dos 40 membros da Academia Francesa está de partida para Buenos Aires e possivelmente passará pelo Rio de Janeiro para uma conferência em memória de Machado de Assis.

							A mulher brasileira: Xavier de Carvalho relata que recebeu um convite para fazer uma conferência sobre a mulher brasileira, na universidade feminina *La Française* e salienta que fará "o possível para não merecer censuras das gentis fluminenses", tampouco das mulheres que o convidaram. **A exposição de belas artes:** O correspondente relata a sua visita ao *salon* da Sociedade Nacional de Belas Artes, onde pintores como Lhermitte, Roll, Bernard, La Gandara, Boldini, Gervex, Damoxe, Dagnan Bouveret, Aman Jean, Bastien Lepage, Jean Beraud, Jasques Blanche, e os escultores Rodin e Enjalbert, ou seja "a fina flor da arte francesa" expuseram suas obras. Xavier de Carvalho alude algumas telas e seus conceitos e assinala que dois artistas brasileiros, Viscondessa de Sistello e Antonio Parreiras, também expuseram. **Sessões de poesia:** O cronista relata a existência de um salão dos pintores independentes em Paris, onde se realizam "*les aprésmidi de la poesi"* destinados aos burgueses. Appolinaire era quem falava "dos ritmos estranhos, quem nos dizia as sensações raras, quem nos inicia". Xavier de Carvalho declara ter participado de dois encontros, que lhe impressionou, mas que burguês nenhum participou. **Conferência sobre Camões:** O escritor e professor do liceu alemão de Antuerpia, Brinn Gaubert, realizará uma série de conferências, na Universidade dos Anciões, sobre Camões, Gil Vicente e a evolução literária de Portugal e do Brasil.

C. P.	XXV	3	4 e 5	08995	21 maio 1909	Sem data*	**A partida de Anatole France para a América do Sul:** O correspondente anuncia que depois da Argentina, o poeta francês irá para o Rio de Janeiro e posteriormente para São Paulo, a convite de estudantes. **O meio dia da França celebra Mistral:** a França dedicou uma estátua para celebrar o "glorioso Mistral, o poeta da Mireille" e o correspondente anuncia várias festividades em homenagem ao poeta. **(Sem título):** O cronista anuncia o Congresso do Feminismo Internacional e confirma a sua contribuição ao falar da questão feminista em Portugal. **Nos salões de pintura:** Xavier de Carvalho relata ter ido à inauguração do *Salon* dos Artistas Franceses, onde as obras de alunos dos cursos de pintura franceses e estrangeiros estão reunidas; no entanto, o correspondente salienta que o salão medíocre quando comparado ao rival, *Salon* de Belas Artes.
C. P.	XXV	7	1 e 2	09007	2 jun. 1909	6 maio 1909	**O rei da Inglaterra em Paris:** O Rei Eduardo VII visitou a exposição *Cem Retratos de Damas,* considerado os melhores quadros das escolas francesa e inglesa. Segundo o cronista, o Rei reconheceu a maioria das obras **O monumento a Jules Verne em Amiens:** O romancista Jules Verne, "reconhecido universalmente e apreciado pela juventude", foi homenageado por meio de um monumento em Amiens. **O concerto Chiaffitelli:** O artista brasileiro alcançou grande sucesso com a sua rabeca.

							Conferência sobre a mulher portuguesa: A conferência, realizada por Xavier de Carvalho, teve como tema o progresso feminino nas letras e levantou questões como as dificuldades que as escritoras portuguesas enfrentam para terem suas obras aceitas, além de seu reconhecimento e merecido respeito na sociedade enquanto mulher.
C. P.	XXV	4	2, 3, 4 e 5	09025	20 jun. 1909	26 maio 1909	**Festa em honra de Mistral:** O cronista comenta sobre a festa provençal-portuguesa, em homenagem ao poeta da Provença. Destaca os pontos significativos de cada um dos discursos proferidos, inclusive o dele e descreve as principais atrações artísticas, como a apresentação de Mercedes Blasco. **A pianista Figueiredo:** A pianista brasileira, Sylvia de Figueiredo, realizou uma festa artística, tocando músicas de autores brasileiros, acompanhada pelo rabequista (hoje em dia, violinista) brasileiro, Francisco Chiaffitelli, e conquistaram muitos aplausos. **Mme. Adam:** Xavier de Carvalho expõe a programação de uma festa franco-luso-brasileira que será promovida por ele e pela ilustre escritora Mme. Adam. A festa será uma espécie de matinê literária e artística em prol dos prejudicados pelo terremoto em Ribatejo.
C. P.	XXV	4	6 e 7	09038	3 jul. 1909	3 jun. 1909	**A festa luso-franco-brasileira em casa de Mme. Adam/ Triunfo admirável/ Uma obra de solidariedade humana:** Mais de 300 pessoas prestigiaram a conferência de Mme. Adam e todas as outras manifestações artísticas com fins altruístas, já

							que toda a renda foi destinada às vítimas do terremoto na região de Ribatejo. **A obra do visconde de Faria sobre Mistral:** O correspondente relata que visconde de Faria escreveu um belo volume repleto de gravuras sobre as festas de Mistral, mas que não foi posto à venda.
C. P.	XXV	4	1 e 2	09039	4 jul. 1909	9 jun. 1909	**Exibição parisiense:** Xavier de Carvalho discorre sobre a festa que houve na câmara municipal de Paris em honra dos emissários das cidades italianas em ocasião do levantamento dos monumentos dos poetas Carducci e Tasso. O cronista, aproveitando o assunto, questiona quando levantarão um monumento de Camões em terras parisienses. **A Rússia em Paris:** Xavier de Carvalho comenta que um crítico e poeta notável considerou que os franceses receberam dos russos três importantes influências: a arte voltada à criação de joias; a arte da literatura, a partir de grandes mestres, como Gogol, Dostoiévski, Tolstoi, Gorky; e, por fim, à ópera russa. O correspondente contesta, com ressalvas, a literatura, ao salientar que muitos romancistas russos receberam influências de Balzac e Stendhal primeiramente, mas o "neo-cristianismo" e o "revolucionarismo terrorista" realmente entusiasmou os franceses, mas não de forma tão generalizada quanto a ópera Russa.
C. P.	XXV	4	2 e 3	09044	9 jul. 1909	18 jun. 1909	**Os estudantes das grandes escolas da França no Brasil:** O cronista relata que, acompanhado de Nelson Libero e Medeiros e Albuquerque, foi se despedir dos cinco estudantes franceses que estavam prestes a viajar para o Brasil, onde participariam do Congresso

							Acadêmico Brasileiro. Alguns dos estudantes eram filhos de grandes nomes, como do pintor Dagnan Bouveret e o escritor Sr. Kurs, autor do volume *Leurs marques*. **O pai de Malato e Marcel Lamy:** O correspondente anuncia a morte do pai de seu colega de redação da *Revue du Brésil* e também do escritor de Debandade, Marcel Lamy, que deixou um livro inédito sobre Portugal. **O *Oeuvre Latine*:** O correspondente anuncia o lançamento da revista, dirigida pelo seu amigo, Sr. visconde de Faria, que trará, em seu primeiro volume, uma gravura de Nilo Peçanha e um artigo sobre os progressos do Brasil moderno. **O Brasil na exposição de Nancy:** Foi uma exposição organizada pela revista *France-Brésil*, em que vários produtos brasileiros foram exibidos, especialmente do Estado de São Paulo e da região Sul, como o café de Campinas, o mate do Paraná, a tapioca, o arroz e as bananas.
C. P.	XXV	4	5 e 6	09052	17 jul. 1909	26 jun. 1909	**Jeanne Landre:** A escritora parisiense lançou o romance *Echalotte et ses amants*, publicado pela livraria Michaud. A obra em si produziu muitos ruídos, especialmente pela temática envolvida em torno de tribunais, condenações e atentado à moral. Mas o cronista sintetiza a trama dizendo que o trabalho da autora é sobre o pecador de Montmartre, retratando toda a luxúria em um "realismo, um pouco temperado de humorismo" desse bairro francês.

							***L'Oeuvre Latine*:** é o mais novo órgão literário sobre o movimento intelectual e econômico das nações latinas em Paris. **Para Carmem Dolores:** O correspondente reage à crônica de Carmem Dolores, na coluna "A Semana", do *País*, publicada no dia 6 de junho do ano corrente, sobre uma das crônicas da "Carta de Paris[31]", que tinha como tema o feminismo. Nessa ocasião, Xavier de Carvalho incentiva Carmem Dolores e outras mulheres de "espírito superior" a trabalharem ativamente para elevar o mérito nas esferas intelectual e moral das brasileiras. **A união literária dos países latinos:** O correspondente anuncia que Mme. Aurora de Cárceres, filha do antigo presidente do Peru, criou uma nova sociedade que tem por objetivo divulgar a vida intelectual das nações latinas. Um de seus principais intentos era criar um comitê no Rio de Janeiro para fortalecer o movimento.
C. P.	XXV	3	6 e 7	09061	26 jul. 1909	2 jul. 1909	***A Latina*:** Xavier de Carvalho anuncia a inauguração do primeiro volume da revista *Latina*, essa edição de luxo contaria com uma "larga propaganda do Brasil intelectual". **A obra de Machado de Assis:** O cronista comenta sobre a impressão do volume *Machado de Assis e a sua obra*, pela livraria Michaud de Paris. Conforme Xavier de Carvalho, o volume é todo ilustrado e possuí uma bela estética.

[31] 2 jun. 1909

C. P.	XXV	6	1 e 2	09065	30 jul. 1909	8 jul. 1909	**O monumento de Camões:** Xavier de Carvalho comenta sobre a inauguração do busto de Camões, feito pelo escultor português, Silva Gouveia, através de uma "arquitetura moderna [...] que constará de um pedestal com emblemas da época manuelina".
C. P.	XXV	5	1 e 2	09083	17 ago. 1909	15 jul. 1909	***Latina*:** O correspondente relata o sucesso alcançado pela nova revista em seu número de estreia, que vendeu cerca de 3 mil exemplares, esse fato movimentou toda a imprensa parisiense, que saudou a novata. **O livro de Ernest Gaubert:** Ernest Gaubert e Jules Veran publicaram um volume denominado *Anthologie de l'Amour Provençal*, com um prefácio do professor da Universidade de Nancy, o Sr. Anglade. O cronista considera o "livro extremamente curioso", tanto que parece ser "inspirado nos melhores trechos do glorioso João de Deus" e precisa ser lido por quem aprecia a "emoção lírica". **O monumento de Camões em Paris:** No final da *Avenue Camoens* que, segundo Xavier de Carvalho, é bela apesar de pequena, será, em breve, erguido o monumento de Camões. O cronista comenta que não será a escultura de Teixeira Lopes, mas um belo busto feito pelo português Silva Gouveia.
C. P.	XXV	5	1 e 2	09092	26 ago. 1909	30 jul. 1909	**(Sem título):** O cronista anuncia que o próximo número de *Latina* trará um estudo sobre o porto de Santos, acompanhado de gravuras.
C. P.	XXV	6	5 e 6	09100	3 set. 1909	7 ago. 1909	**A *Latina*/ Sobre o porto de Santos:** O correspondente relata que a revista *Latina* acaba de publicar um artigo de sua autoria sobre o porto de

							Santos e anuncia que o próximo número será sobre os progressos do Rio de Janeiro
C. P.	XXV	3	3 e 4	09102	5 set. 1909	12 ago. 1909	**Trabalho sobre Machado de Assis:** O escritor e ministro do Brasil em Bruxelas, Oliveira Lima, publicou um livro, editado pela casa Michaud, sobre Machado de Assis. Segundo o cronista, a edição é um "primor" e conta, além da conferência do ministro, um discurso de Anatole France e traduções de Victor Orban das melhores poesias do "gênio latino".
C. P.	XXV	5	4 e 5	09110	13 set. 1909	20 ago. 1909	**(Sem título):** Em viagem para Bélgica, Xavier de Carvalho esteve com Oliveira Lima, que lhe presenteou com a "edição primorosa, [...] sob a direção de Victor Orban", de seu trabalho sobre Machado de Assis. Também esteve em companhia de Louis de Brins Goulart, "o erudito crítico que é hoje um das primeiras autoridades nos assuntos literários do Brasil". **A morte de Simões da Fonseca:** Morre Simões Fonseca, o autor do "dicionário tão popular francês-português, e de uma imitação do 'Pequeno Larousse', em língua portuguesa", diretor de tradução de uma revista de medicina e farmácia e tradutor de textos variados.
C. P.	XXV	5	6 e 7	09122	25 set. 1909	27 ago. 1909	**Anatole France em França:** O correspondente informa que uma folha reacionária de Paris publicou que o escritor francês, enquanto esteve na América do Sul, inclusive no Brasil, praticou vários erros, "dizendo disparates sem conta, nem peso, nem medida". No entanto, Xavier de Carvalho assegura que tudo não passa de comentários maldosos e que os

							brasileiros, que o receberam, podem confirmar a boa-fé do intelectual.
C. P.	XXV	8	3 e 4	09137	10 out. 1909	17 set. 1909	**Quem é Francisco Ferrer Chiaffitelli:** O violinista brasileiro, Chiaffitelli, tem conquistado não só a França, mas toda a Europa, por isso, fará uma turnê a começar pela Alemanha e Áustria. **A viagem de Guerra Junqueiro ao Brasil:** O correspondente anuncia que Guerra Junqueiro está com a saúde debilitada e não poderá vir ao Brasil, como planejava. **A morte de Guimarães Passos:** O cronista comenta que teve o conhecimento tardio, assim como toda a imprensa brasileira, da morte do poeta Guimarães Passos. Ele lamenta a perda e não entende o motivo da imprensa não ter sido avisada.
C. P.	XXV	3	5 e 6	09139	12 out. 1909	10 set. 1909	**(Sem título):** O quadro denominado *O retrato de Henri II*, de Le Nain, exposto no Louvre, foi rasgado por um vândalo. **Zuirval's/ Artistas franceses que vão ao Brasil:** Rodrigues Silva, um dos famosos artistas de Paris, está de partida para Belém do Pará, juntamente com a trupe do *music-hall* Zuirval´s para apresentar o número *O pintor trapeiro*. O cronista salienta que mais de quarenta artistas estão dispostos a se apresentar em São Paulo e no Rio de Janeiro, mas sem a intervenção das agências, que lucram demasiadamente e ludibriam os diretores dos teatros brasileiros.
C. P.	XXV	6	1 e 2	09154	27 0ut. 1909	*Sem data	**As festas em honra de Victor Hugo:** A celebração é por conta do 50º aniversário da publicação de

							Legenda dos séculos. O cronista anuncia muitas atrações, inclusive a inauguração de um monumento do poeta. **(Sem título):** Xavier de Carvalho relata que recebeu a edição de 1910 do almanaque da livraria Garnier e destaca os dados curiosos da "parte artística [e] literária". **(Sem título):** A revista *Latina* trará um artigo do escritor italiano Angelo de Gubernatis a favor da expansão dos povos latinos e outro sobre o progresso econômico brasileiro.
C. P.	XXVI	2	2 e 3	09160	2 nov. 1909	1º out. 1909	**A semana de Victor Hugo:** Xavier de Carvalho comenta sobre o clima de tributo na semana dedicada ao grande poeta francês. Dentre as celebrações está a inauguração de um monumento em sua homenagem, trata-se de uma estátua de Rodin, que retrata Victor Hugo como um "verdadeiro deus de epopeia, [que] se encontra sentado sobre um rochedo nu, em atitude pensativa".
C. P.	XXVI	7	1 e 2	09165	7 nov. 1909	8 out. 1909	**Manifestação a Victor Hugo/ Os latinos e Hugo:** O cronista anuncia a festa em homenagem a Victor Hugo organizada pela revista *Latina*. Os escritores Emile Blemont, Gustave Simon, Jules Bois, Jean Richepin dentre outros intelectuais confirmaram a presença na cerimônia, bem como a Sociedade dos Estudos Portugueses, a União Ibero-americana e várias outras instituições. Camillo Flammarion e Magalhães Lima discursariam.
C. P.	XXVI	6	3, 4 e 5	09173	15 out. 1909	15 out. 1909	**Manifestações a Hugo:** O correspondente anuncia a manifestação em homenagem a Victor Hugo. A

							celebração promete não ser apenas literária, mas também em aclamação à "vítima da inquisição espanhola", Francisco Ferrer.
C. P.	XXVI	7	5 e 6	09177	19 out. 1909	23 out. 1909	**(Sem título):** Um monumento em homenagem a Piron, "o Bocage francês", será levantado em Dijon, mesmo em transgressão aos ideais de "críticos puritanos ridículos". A obra é do escultor renomado Eugène Piron, um parente distante do homenageado. **A falência da boemia em Montmartre:** O cronista menciona que a temporada de peças teatrais está aberta; porém relata que a boemia está em crise, os cabarés desertos e o bairro todo está em uma monotonia cansativa, mas diz ter confiança na boemia de Paris e a crise será passageira.
C. P.	XXVI	6	6, 5 e 4	09183	25 nov. 1909	29 out. 1909	**O congresso das nações latinas:** O correspondente menciona que foi criado um comitê de organização do congresso das nações latinas e "o cronista parisiense do *País*" foi eleito secretário da seção latina dos povos que falam a língua portuguesa.
C. P.	XXVI	5	1 e 2	09186	28 nov. 1909	5 nov. 1909	**(Sem título):** O cronista anuncia a organização de manifestações em homenagem a Quintino Bocaiúva; além disso, menciona que um dos grandes quotidianos de Paris publicará um artigo sobre o "patriarca da República Brasileira".
C. P.	XXVI	7	1 e 2	09188	30 nov. 1909	12 nov. 1909	**Por que é que não foi inaugurado o monumento de Camões:** Xavier de Carvalho diz que o monumento de Camões ainda não pode ser inaugurado. O adiamento se deu pelo fato do ministro português ter visto problemas tanto em relação à obra, quanto ao local em que ela seria exposta. Xavier lamenta a

							delonga, mas entende a situação e esperará pela inauguração da obra para noticiar o acontecimento.
C. P.	XXVI	5	1 e 2	09198	10 dez. 1909	17 nov. 1909	**O visconde de Faria:** O escritor e diretor da revista *Latina* foi condecorado com a comenda da ordem do libertador de Bolivar, de Venezuela. O correspondente considera uma distinção merecida, já que o visconde tem se dedicado com vigor aos povos da América Latina na França.
C. P.	XXVI	7	5, 6 e 7	09204	16 dez. 1909	26 nov. 1909	**O ator Montheous:** Montheous escreveu uma peça, denominada *A morte de Ferrer*, que tem causado furor pelo seu caráter de combate, uma vez que, do ponto de vista literário, tem pouco valia, conforme as considerações do cronista.
C. P.	XXVI	5	2 e 3	09211	23 dez. 1909	3 dez. 1909	**Dr. Rodolpho Miranda:** A revista *Latina* fará uma homenagem ao "ilustre brasileiro" que assumiu a pasta da agricultura no governo federal, recentemente criada.
Título	**Ano**	**Pág.**	**Col.**	**Edição**	**Data publ.**	**Data da correspondência**	**Temas de interesse cultural e literário**
C. P.	XXVI	8	1 e 2	09223	4 jan. 1910	10 dez. 1909	**Repúdio ao livro *História de França*:** Xavier de Carvalho comenta que o livro cita algumas ocorrências pontuais da cidade de Paris e considera que por esse motivo os autores do livro da *História de França*, os Srs. Aulard, Debidour e Doyen foram repudiados pelo arcebispo-cardeal de Paris. **O artigo do senador Louis Pauliat:** Xavier de Carvalho diz que o próximo número de *Latina* contará com um belo artigo do senador Louis Pauliat sobre o Brasil e o atual presidente Dr. Nilo Peçanha. A edição contemplará também outros artigos sobre o Brasil, um

							deles tendo como tema o Barão do Rio Branco; além disso, trará um estudo do ministro da agricultura, o Dr. Rodolpho Miranda.
C. P.	XXVI	6	1 e 2	09227	8 jan. 1910	15dez. 1909	**Henni Scarabin:** Em *Latina* aparece um artigo do escritor Henni Scarabin, sobre o Barão do Rio Branco e sobre a propaganda do Brasil na Europa.
C. P.	XXVI	5	6 e 7	09231	12 jan.1910	25 dez. 1909	**Escritora Séverine**: Xavier de Carvalho relata que a escritora Séverine, estará no Brasil para realizar uma série de conferências a respeito das "questões mais palpitantes de economia social e solidariedade humana". Em sua companhia irá, na função de secretário, um escritor reconhecido por todo Brasil, mas que não tem o seu nome divulgado. Esta "gloriosa oradora" publicará um volume sobre o País, editado pela casa *Larousse* que se faz conhecida universalmente.
C. P.	XXVI	6	6 e 7	09241	22 jan. 1910	30 dez. 1909	**Charles Louis Philippe:** Nesta edição é anunciada a morte de Charles Louis Philippe, o romancista do *Baba de Montparnasse*, e de "meia dúzia de belos volumes de uma técnica superior". **O poeta Richepin:** Tal poeta foi reconhecido pela Academia e Legião de Honra. Por esse fato se tornou, juntamente com Diers, um dos poetas máximos da França. **José Campas:** Campas é um pintor português, que através do seu estudo e trabalho ganhou espaço e reconhecimento no meio artístico não somente na França como também no Brasil e em Portugal. **A revista parisiense *Latina***: *Latina* traz em suas páginas uma gravura do Sr. Barão do Rio Branco.

							Várias de suas páginas foram elaboradas pelo Sr. Henri Scarabin, considerado um distinto escritor francês, sobre o ministro brasileiro das relações exteriores, "o belo medalhão do Dr. Rodolpho Miranda". A revista traz também um artigo acerca da Sociedade de Animação à Agricultura, além de um trabalho sobre a propaganda do Brasil na Europa, bem como um artigo do senador Louis Pauliat que trata de assuntos desenvolvidos por Nilo Peçanha e por Visconde Saint Leger. O cronista não deixa de ressaltar que a tiragem desse número da revista foi de 25 mil exemplares, que foram espalhados por todos os grandes centros de Paris. **Audição**: Xavier de Carvalho comenta sobre especulações acerca da provável realização de uma audição da ópera do maestro brasileiro Macedo, *O Tiradentes*. No mesmo subtítulo, o cronista menciona também que a Sociedade de Estudos Portugueses organiza a festa do centenário de Alexandre Herculano e igualmente será responsável pela solenidade sobre Machado de Assis.
C. P.	XXVI	3	4, 5 e 6	09244	25 jan. 1910	7 jan. 1910	**O aniversário de Paul Verlaine:** Xavier de Carvalho foi convidado a participar de uma romaria rumo ao "cemitério extremo de Paris", onde o corpo do poeta recordado como o "poeta delicioso" está sepultado. O momento nostálgico permitiu ao cronista rememorar a organização do centenário de Tasso na Sorbonne, em que, acompanhado de Verlaine, participou de um almoço em um pequeno restaurante da praça do Odeon. O cronista menciona o grande prazer pelas

							bebidas alcoólicas distintivo do memorável poeta, por outro lado, declara que Verlaine "sempre teve uma imagem viva e ardente", tido pelos mais íntimos como um "excelente homem" e para os franceses de forma geral como "um dos maiores poetas do século XIX", tornando-se em um ídolo da nova geração literária. **Teatro da Porte Saint Martin:** Ocorre em Paris um debate sobre a direção do Teatro da Porte Saint Martin. Além disso, Xavier de Carvalho comenta sobre as reclamações acerca da ilustração do *Paris Journal* que publicou vários trechos da peça de Rostand, denominada *Chanteder*. Segundo o cronista, os amantes de Rostand, ao tentar desvendar "os mistérios da mágica da obra fantasista" do ídolo acaba cometendo um ato criminoso, do mesmo modo seria tentar desvendar os "mistérios da deusa Iris". **Revista Francesa *Latina*:** Anúncio sobre a nova edição de *Latina* que apresenta uma gravura do marechal Hermes da Fonseca, eleito como o próximo presidente da República Brasileira. O cronista destaca que a venda foi de dez mil exemplares.
C. P.	XXVI		2 e 3	09262	13 fev. 1910	13 jan. 1910	**Eduardo de Sá/ A despedida do ilustre escultor brasileiro:** O escultor brasileiro (autor do monumento de Floriano Peixoto, que seria inaugurado no Rio de Janeiro, em abril daquele ano, devido ao aniversário do Tiradentes) despediu-se de Paris, onde estava a trabalho nos últimos quatro anos. A sua partida, no gare do cais de Orsay, reuniu artistas como Sr. Helios Seelinger, Lucilio de Albuquerque, Arthur Timotheo da Costa, Edgard Parreiras, Paulo Valle

							Junior, Mário e Dario Villares Barbosa, bem como Diogenes de Campos Ayres, além desses pintores brasileiros, também estavam presentes o arquiteto Sr. Aluizio Stahlembrecher, o jornalista francês Henri Scarabin, Albert Cahen, dentre outros intelectuais. O cronista menciona que entre "abraços, beijos e muitas lágrimas", o regresso de Eduardo Sá transformou-se uma "bela e grandiosa manifestação".
C. P.	XXVI	8	1 e 2	09279	2 mar. 1910	8 fev. 1910	**Exposição Internacional**: Xavier de Carvalho dá detalhes de sua ida à Lisboa e comenta sobre uma grande exposição que ocorrerá no Parque Eduardo VII, a qual, juntamente com o engenheiro francês, o Sr. Theo Garnier, tem planejado. Em virtude desse fato, uma gazeta portuguesa repudiou a iniciativa, já que a exposição em projeto poderia prejudicar outro evento organizado por ela. O cronista relata, então, que teve seu nome vinculado a esse jornal, através de uma "Carta aberta ao Sr. Xavier de Carvalho", assinada pelo seu diretor, em que algumas ofensas foram dirigidas a ele.
C. P.	XXVI	3	1 e 2	09280	3 mar. 1910	11 fev. 1910	**O Chantecler, de Rostand – A crítica e a obra do poeta/ O que é Chantecler, uma obra prima ou um desastre/ Simbolismo lírico/ A primeira representação/ Paris e Chantecler:** O cronista dedica toda a *Carta de Paris* ao exame da peça teatral que tem sido alvo de toda atenção em Paris e em "todas as capitais onde chega a influência do teatro francês". O enredo é sintetizado, e segundo o correspondente, Rostand é um poeta excelente, mas o Chantecler tem sido ovacionado pelo "excesso de

							publicidade à americana"; por outro lado, relaciona os destaques positivos da obra, porém menciona que a crítica tem sido "exageradamente fantasista".
C. P.	XXVI	6	1, 2, 3 e 4	09291	14 mar. 1910	18 fev. 1910	**Por alma de Joaquim Nabuco:** O correspondente relata o acontecimento de uma missa realizada pela alma do político e jornalista brasileiro que reuniu os nomes mais representativos da colônia brasileira e de tantas outras da América do Sul e europeia.
C. P.	XXVI	9	6 e 7	09294	17 mar. 1910	23 fev. 1910	**A condenação de um escritor revolucionário:** Conforme Xavier de Carvalho, o jornalista Gustavo Hervé foi condenado a prisão devido a publicação de um artigo permeado de "ideias violentas, fazendo apologia ao famoso Liebeuf", com isso amigos e seus maiores inimigos vieram depor, fato que culminou em quatro anos de prisão. **Estudantes Brasileiros em Paris:** Os estudantes brasileiros foram à Paris para participar das festas universitárias e se tornaram alvos de grande alvoroço, fato que despertou interesse da revista *La Poetique*, ao darem a "maior atenção" aos estudantes.
C. P.	XXVI	5	1 e 2	09312	4 abr. 1910	3 mar. 1910	**Um livro sobre o Brasil:** O publicista italiano, A. d'Atri, diretor da *Italie Illustrée*, publicará a obra *O Brasil farol do universo*; trata-se de um grande volume em defesa aos ataques sofrido pela jovem nação, composta de "trechos de fina ironia e de verdadeiro sarcasmo [...] aos caluniadores e invejosos do crescente progresso da República". **Clube de damas brasileiras:** A revista *Françoise* organizou um núcleo de feminismo internacional e a seção brasileira foi composta por nomes de relevo da

							comunidade brasileira em Paris. Além disso, tal seção brasileira já tem organizado a recepção do poeta Olavo Bilac.
C. P.	XXVI	5	1 e 2	09313	5 abr. 1910	11 mar. 1910	**Os estudantes brasileiros em Paris:** Os estudantes brasileiros estão maravilhados pela recepção calorosa dos franceses e, por isso, manifestam imensa gratidão, sobretudo ao professor da Sorbonne, o Sr. Martinenche, já que além do acolhimento tem desempenhado o papel de guia turístico. Tais estudantes foram convidados para muitas festas, inclusive contemplados com camarotes oficiais para apreciar peças teatrais em três dos mais renomados teatros de Paris, o Ópera, Ópera Cômica e Theatro da Comédia Francesa. **(Sem título):** O cronista salienta que o Sr. Goffredo Telles realizou uma conferência sobre a Literatura Brasileira nos salões da revista *La Poetique* e irá fazer outra no anfiteatro da Sorbonne sobre o desenvolvimento Literário e Científico do Brasil Moderno. **Jean Moréas:** Xavier de Carvalho relata a fragilidade da saúde de Jean Moréas, um poeta Grego que se naturalizou francês. O poeta estudou e publicou seus primeiros versos em Paris. A Literatura Francesa o considera francês de "alma, coração e espírito". ***Chantecler*:** A peça de Rostand, *Chantecler*, segundo Xavier de Carvalho, foi considerada um trabalho literário inferior e o seu desempenho deixou muito a desejar. O cronista sinaliza que as pessoas que foram

							assistir lamentaram o dinheiro gasto na Porte Saint Martin. ***Latina:*** o próximo número de Latina trará uma foto do novo presidente da república brasileira, o marechal Hermes da Fonseca. Já a do mês de maio conterá artigos sobre todas as repúblicas do Sul e do Centro da América. **Mayol:** O ator, cantor e um dos *clous* parisienses, Sr. Mayol, levou aos tribunais o dramaturgo Sr. Befthe, por sentir-se ridicularizado e com a reputação afetada na peça chamada *Petite mains de femme*. **Café concerto e revistas do ano:** Diante do *Music-hall* do *Boulevard* de Strasbourg, a revista anual *Ohé, Caroline* publicou um "quadro pitoresco" que se parece com o rei D. Manoel II, de Portugal, juntamente com uma "atriz provocadora". O cronista, no entanto, destaca que o fato foi considerado inofensivo, uma vez que a intenção não seria deixar a nação vizinha chateada. Por outro lado, a revista *Eldorado* tem sido foco de repúdio pelas folhas de Lisboa, porém o cronista não explica o motivo. **Meeting feminino:** Foi organizado um grande *Meeting* na sala das Sociedades Sábias, em que as mulheres reclamaram a participação imediata no direito ao voto. Esteve presente mais de 3 mil pessoas que demonstraram o apoio à causa.
C. P.	XXVI	3	1 e 2	09317	9 abr. 1910	18 mar. 1910	**Exposição de pintura:** O correspondente relata sua visita à Exposição dos Independentes, dizendo que havia "muitas telas curiosas, originais, muitas coisas fantásticas [...]", porém "poucos quadros de sério e

							verdadeiro valor", a não ser pelas obras de Louis Perinet, que é "um pintor que vive nas suas telas". Xavier de Carvalho salienta que a Exposição dos Independentes sempre foi uma tentativa de conceber uma estética revolucionária, mas "desandou em uma pepineira", salvo por obras de artistas já consagrados que, eventualmente, expõem seus trabalhos, como Mauricio Diniz, Signae, Perinet. **O centenário de Herculano em Paris:** Xavier de Carvalho anuncia a conferência que será ministrada por ele no centenário de Herculano.
C. P.	XXVI		1, 2, 3 e 4	09321	13 abr. 1910	25 mar. 1910	**O centenário de Herculano:** Graças à iniciativa de Xavier de Carvalho, será realizada a comemoração do centenário de Herculano, "uma festa literária e artística nos vastos salões do *Journal"*. O evento contará com grandes nomes. O cronista discursará sobre os livros que Herculano deixou como herança literária. **A semana Santa e a Páscoa:** Durante a semana santa, o "famoso orador" Sebastien Faure realizou uma conferência no salão das Sociedades Sábias, cujo título foi "De todos os crucificados desde Cristo a Ferrer". O cronista destaca que o evento obteve um grande público.
C. P.	XXVI	6	3 e 4	09328	20 abr. 1910	1º abr. 1910	**A morte de Jeans Moréas:** Xavier de Carvalho anuncia a morte de Jean Moréas, tido como "um dos maiores símbolos poéticos e um dos fundadores da renascença literária da França". A morte do intelectual deixou os parisienses em profunda tristeza.

							***Latina*:** Xavier de Carvalho comenta a importância de *Latina* na divulgação do progresso do Brasil. A revista trará, em seu próximo número, o projeto da fundação de uma Academia Aeronáutica, que levará o nome de Bartholomeu de Gusmão, na intenção de afirmar que o primeiro balão livre foi construído por um brasileiro. **Conflito na Comédia Francesa**: O correspondente descreve um conflito que, ao que tudo indica, está longe do fim. A divergência principiou na Casa de Molière, vulgo Comédia Francesa, entre o ator La Bargy e o administrador do estabelecimento, Sr. Jules Claretie. O ator alega que responsável pela casa pratica inúmeras injustiças com os artistas, já o gestor afirma que o ator é um traidor e não desenvolve as suas funções.
C. P.	XXVI	2	1 e 2	09335	25 abr. 1910	6 abr. 1910	**A conferência de Oliveira Lima em Bruxelas/ O triunfo do maestro Macedo:** Ocorreu na capital Belga uma grande festa no Theatre de la Monnaie. O evento, apesar de ter sido idealizado pelo ministro Oliveira Lima e presidido pelo Rei Alberto e outros convidados ilustres, teve como responsável Victor Orban. Vários artistas marcaram presença, assim como: Alberto Nepomuceno, diretor do Conservatório do Rio de Janeiro, Carlos Gomes e o maestro brasileiro, Sr. Macedo, que teve sua música inédita orquestrada pelo professor do Conservatório Real de Bruxellas, o Sr. Greef. O cronista relata que o evento foi encerrado com o hino Nacional do Brasil e agradou ao público.

C. P.	XXVI	7	3, 4 e 5	09344	6 maio 1910	15 abr. 1910	**Duas festas brasileiras/ Na Sorbonne e na rua d'Athenas/ O sucesso do artista Chiaffitelli:** O brasileiro e estudante de literatura francesa, Sr. Telles, realizou uma conferência no anfiteatro Richelieu da Sorbonne no mesmo horário da apresentação do rabequista brasileiro Chiaffitelli, na sala dos agricultores na rua d'Athenas, por esse motivo o público ficou dividido. **A condessa de Sistello:** A viscondessa de Sistello expôs o quadro *Grand-mere*, no *salon* da Sociedade Nacional de Belas Artes e tem recebido muitos elogios da crítica artística.
C. P.	XXVI	4	6 e 7	09350	12 maio 1910	21 abr. 1910	**A recepção de Paris a Roosevelt:** O ex-presidente norte americano, Roosevelt foi recebido em Paris como um ilustre cidadão. Ele visitou todos os museus e os teatros da cidade, enquanto os parisienses aguardavam a sua conferência. Sua recepção foi calorosa, tornando-se um ídolo popular. **Jean Rameau:** O poeta escreveu "A chegada de Barbaros", trata-se de um desabafo em forma de artigo sobre a inconformidade com a "invasão da arquitetura moderna" na cidade de Paris. De acordo com Xavier de Carvalho, outros literatos são conservadores "à raiz da alma" quando se trata de preservar o passado, assim como Rameau. **Um novo livro de Maximo Formont:** O romancista moderno acabou de publicar seu novo trabalho intitulado *Florentine*. Xavier de Carvalho sintetiza o enredo, que tem como cenário a cidade de Florença, "no tempo de Boticelli" e compara Formont a Bourget

							e Loti, tidos como os melhores escritores da França do momento. A obra lançada contou com 15 edições, fato que vislumbra um sucesso de vendas. **(Sem título):** Ferrer fez a tradução de uma boa parte do artigo que foi publicado na revista *Latina* sobre o ministro brasileiro da agricultura, Dr. Rodolpho Miranda, para a revista franco-espanhola *El Correo de Paris*. **A liga contra os termos grosseiros:** Foi criado uma liga contra o vocabulário inadequado que circulou nos teatros e salões de Paris. Para os parisienses é inaceitável a adesão dessa "nova moda entre os atores e músicos".
C. P.	XXVI	5	6 e 7	09358	20 maio 1910	29 abr. 1910	**A celebração do Centenário de Herculano em Paris/ Festa expendida:** O evento, presidido pelo escritor Maxime Formont, contou com a presença de literatos portugueses, brasileiros, franceses, espanhóis e italianos. Além do retrato do homenageado, o local contou com os retratos de Eça de Queiroz, Machado de Assis, Junqueiro, Teófilo Braga e João de Deus. Xavier de Carvalho, no decorrer da celebração, leu um estudo sobre o intelectual homenageado. Representantes de jornais de vários países realizaram uma série de pequenos discursos, bem como A. de Souza e R. Raqueni e Justino de Montalvão. Como organizador do evento, Xavier de Carvalho, recebeu inúmeras felicitações. **Festas brasileiras em Bruxelas:** O maestro brasileiro Macedo foi homenageado em um concerto de gala, que contou com as apresentações de Alberto

							Nepomuceno, Chiaffitelli, além do homenageado. O correspondente relata as participações especiais do espetáculo e a inauguração do busto em bronze de Macedo, do escultor Rixjeus e afirma que tal iniciativa "honrou a riqueza artística brasileira". **O panorama do Rio:** Após a inauguração do *Panorama*, o Sr. Meslier ofereceu um almoço aos jornalistas e amigos do Brasil. **Festa dos viscondes de Hamilton:** Os Srs.Viscondes de Hamilton deram uma festa em casa, com direito a concertos de Mlle. Tagliaferro, de Bellah de Andrada e de Chiaftitelli. Conforme o cronista, a celebração foi considerada uma das mais belas festas realizadas pela colônia brasileira em Paris. **O *salon* de Paris:** Xavier de Carvalho garante que, para a próxima crônica, elencará a relação dos artistas brasileiros que se apresentarão no *Salon*.
C. P.	XXVI	7	1 e 2	09367	29 maio 1910	6 maio 1910	**Aurora Caceres:** A revista *Latina* oferece um banquete, presidido pela Mme. Juliete Adan, em homenagem à escritora e fundadora da União Literária dos Povos Latinos, D. Aurora de Caceres, **No *Salon*:** A exposição de pintura dos Campos Elysios conta com a apresentação de apenas três brasileiros, os senhores Luculio Albuquerque, Simões da Fonseca e Vauthier. Depois de uma breve avaliação das obras, o cronista reprova a participação reduzida dos artistas brasileiros em eventos semelhantes.
C. P.	XXVI	4	1 e 2	09368	30 maio 1910	12 maio 1910	**Cometa:** Nos teatros, revistas e livros o assunto que está sendo abordado incessantemente é a passagem de

							um cometa. Houve uma conferência com o famoso astrônomo Flamarion, que contou com a participação de mais de mil ouvintes no salão das Sociétés Savantes. **O novo imortal Brieux:** De acordo com Xavier de Carvalho, "nasceu um novo acadêmico", já que o Sr. Brieux, autor de inúmeras peças teatrais, ingressou à academia, ocupando a cadeira de Ludovic Halévy. As obras de Brieux, segundo o correspondente, apresentam um "profundo conhecimento sobre os assuntos sociais", mas salienta que, para alguns críticos há bastante "declamação" nos dramas do novo acadêmico. O Marquez de Segur, em companhia de Brieux realizaram dois belos discursos. **(Sem título):** A revista *Latina* organizou um banquete com cerca de cem convidados, para Mme. Aurora de Carceres, filha do ex-presidente da República do Peru. Xavier de Carvalho discursou nesse evento que também contou com a sua organização. **Ópera Tiradentes:** A Ópera Tiradentes, do maestro brasileiro Macedo, é anunciada como possível atração na Sorbonne, em decorrência da festa em comemoração da independência da América do Sul.
C. P.	XXVI	7	1 e 2	09377	8 jun. 1910	20 maio 1910	**O pintor Sala:** O correspondente relata que o pintor espanhol Sala expôs uma "detestável pintura" e recebeu pouca atenção da crítica. Mas não reagiu bem ao lhe negarem a disposição pretendida para o seu quadro no *Salon* de Belas Artes de Paris; por isso, tentou esfaquear uma tela e disparou dois tiros de revólver no quadro *Trop de bruit pour rien***.**

C. P.	XXVI	6	6 e 7	09388	19 jun. 1910	27 maio 1910	**O novo imortal da Academia:** Monsenhor Duchesne, doutor em teologia, autor de livros notáveis e professor das universidades de Cambridge, Wurtzbourg e Lorrain, torna-se o mais novo membro da Academia Francesa, sucedendo o cardeal Mathieu.
C. P.	XXVI	7	4, 5, 6 e 7	09426	27 jul. 1910	30 jun.1910	**Na exposição de Bruxelas:** Xavier de Carvalho foi convidado a representar o *País* na exposição que ocorreu em Bruxelas. Foram seis dias de visitas a museus e participação em congressos internacionais. O evento foi considerado um grande sucesso.
C. P.	XXVI	6	5 e 6	09395	26 jun. 1910	3 jun. 1910	**A companhia lírica italiana/ O esnobismo:** O correspondente comenta que um amigo lhe convidou para assistir ao musical *Palhaços*, protagonizada por Caruso e relata que suas expectativas foram frustradas, especialmente por perceber que a plateia era composta por "esnobes", que pagaram um valor absurdo para "aplaudir Caruso [...] mas são incapazes de compreender a verdadeira arte, a arte pura, a arte superior".
C. P.	XXVI	4	1 e 2	09399	30 jun. 1910	9 jun. 1910	**A inauguração do pavilhão brasileiro em Bruxelas:** Xavier de Carvalho anuncia, para o próximo dia 25, a inauguração do pavilhão do Brasil na exposição Universal e Internacional de Bruxelas e destaca que a seção brasileira está sendo considerada uma das mais artísticas. Além disso, salienta que haverá um banquete oferecido, na véspera da inauguração, pelo comissariado geral do Brasil para a imprensa e membros de outras seções estrangeiras. **Banquete feminista:** O cronista relata sua participação ao discursar na festa artística e literária,

							presidida pelo poeta Jean Richepin, em homenagem à pintora Madeleine Lemaire.
C. P.	XXVI	8	6 e 7	09404	5 jul. 1910	17 jun. 1910	**A academia Bartholomeu de Gusmão/ Pelo Brasil:** O cronista anuncia o lançamento de um livro sobre a Academia Aeronáutica Bartholomeu de Gusmão, que tem por finalidade reivindicar para o Brasil e Portugal a descoberta dos balões. Salienta também, que a revista *Latina* é o órgão oficial da agremiação.
Na exposição de Bruxelas	XXVI	7	4, 5, 6 e 7	09426	27 jul. 1910	30 jun. 1910	**O marechal Hermes da Fonseca na Bélgica/ A inauguração do pavilhão do Brasil/ O almoço de Oliveira Martins ao marechal Hermes da Fonseca/ O banquete do comitê brasileiro da exposição/ O Brasil em Bruxelas:** O correspondente relata sua ida à Bruxelas, como representante do *País*, para acompanhar a Exposição Universal e Internacional. Destaca a participação de Hermes da Fonseca nos eventos e o almoço em homenagem ao marechal, oferecido por Oliveira Lima. Xavier de Carvalho faz uma relação dos nomes presentes no almoço, bem como reproduz o discurso do ministro brasileiro em Bruxelas. Descreve a inauguração do pavilhão brasileiro ao estilo Luiz XVI, criado pelo belga Van Ophen e tido como um dos mais belos. Além disso, relata que o banquete oferecido pelo comitê da seção brasileira contou uma orquestra de mais de 50 membros.
C. P.	XXVI	6	6 e 7	09431	1º ago. 1910	8 jul. 1910	**O banquete Venezuelano:** O banquete venezuelano contou com a participação de ilustres convidados, dentre eles vários franceses do âmbito literário e diplomático. Alguns intelectuais foram elencados

							para o pronunciamento dos discursos, inclusive o correspondente internacional do *País*.
C. P.	XXVI	10	1, 2 e 3	09441	11 ago. 1910	14 jul. 1910	**Prestígio Francês:** Xavier de Carvalho dedica uma crônica para exaltar a França, que é considerada por ele como uma grande referência pela sua literatura, pelos seus artistas, pelos seus poetas, pelos seus filósofos. **Festas Brasileira:** Em homenagem ao Marechal Hermes da Fonseca, foi organizado um almoço pela Viscondessa de Faria. O evento contou com a presença de vários intelectuais, que puderam desfrutar das declamações de Mlle. René du Minil e prestigiar alguns trechos de músicas clássicas cantadas pelo português, Sr. Caldeira. **Festas brasileira**: Xavier de Carvalho relata que o "grupo feminista do Brasil", liderado por Mme. Clotilde do Rio Branco, organizou uma belíssima festa, que contou com a conferência de Mr. Bocaiúva sobre "a brasileira no lar e na vida social", os concertos do pianista Tagliaferro, bem como de Abreu e Souza; além disso, a anfitriã cantou músicas compostas pela irmã, Mme. Hamoir do Rio Branco. **Um comitê da imprensa latino-americana:** Em Paris, foi constituído o comitê da imprensa latino-americana, composto apenas de correspondentes. Xavier de Carvalho foi um dos membros fundadores e designado como um dos integrantes da direção.
C. P.	XXVI	9	1 e 2	09442	12 ago. 1910	21 jul. 1910	**Crimes misteriosos:** A pedido da polícia de Londres, os policiais parisienses procuram Dr. Crippen e a

							amante, Miss. Le Neve, que são acusados de matar a atriz Eleonora. **Uma atriz que cai de um automóvel:** Mlle. Cavell, "a deliciosa atriz dos *Bouffes Parisiens*", declara ter sofrido um ataque do Mr. Mouillero com um revólver dentro do automóvel, por isso, se jogou do veículo em movimento; porém o acusado nega.
C. P.	XXVI	4	5 e 6	09448	18 ago. 1910	29 jul. 1910	***Latina*:** O correspondente anuncia que a revista mudará de formato e será publicada quinzenalmente e o seu representante no Brasil será o "distinto literato Dr. Leopoldo de Freitas". **Um livro de Jeanne Landre:** O cronista anuncia o lançamento do livro *Contes de Montmartre et d'ailleurs*, tido como "uma maravilha de perfeição artística".
C. P.	XXVI	7	1 e 2	09455	25 ago. 1910	5 ago. 1910	**Pela memória de Bartholomeu de Gusmão:** O correspondente anuncia a celebração do 201º aniversário da descoberta da navegação aérea.
C. P.	XXVI	8	5 e 6	09461	31 ago. 1910	12 ago. 1910	**Bartholomeu de Gusmão:** Em homenagem ao "descobridor da navegação aérea, Bartholomeu de Gusmão", o correspondente do *País*, responsável pelo banquete, indicou Magalhães Lima para realizar o discurso, fato que, em sua avaliação, não deixou dúvidas sobre a sua escolha acertada.
C. P.	XXVI	8	1, 2 e 3	09477	16 set. 1910	20 ago. 1910	**Desastre na exposição de Bruxelas:** A feira mundial da capital belga teve parte da exposição tomada pelo fogo. Os pavilhões belga e francês tiveram sérios prejuízos, mas o desastre maior aconteceu na seção inglesa, já que muitas obras primas foram devastadas. O pavilhão brasileiro ficou intacto.

C. P.	XXVI	5	6 e 7	09479	18 set. 1910	25 ago.1910	**Magalhães de Lima:** Em Bruxelas ocorreu o Congresso do Livre Pensamento, em que o governo oportunizou manifestações à memória de Ferrer. Estava presente Dr. Magalhães Lima, os escritores Otávio de Mirbeau e a Paul Hervleu.
C. P.	XXVI	7	1 e 2	09485	24 set. 1910	2 set. 1910	**Carmen Dolores:** Xavier de Carvalho lamenta a morte da escritora brasileira, Carmen Dolores, que sempre fez referências gentis às *Cartas de Paris* em suas crônicas. ***Latina*:** A edição do mês de novembro da revista *Latina* foi selecionada para ser inteiramente consagrada ao Brasil, sendo um meio de propaganda do país na Europa Central.
C. P.	XXVI	8	6 e 7	09488	27 set. 1910	9 set.1910	**Um belo livro de propaganda literária do Brasil:** *La Littérature Brésillienne*, de Victor Orban, é um livro com cerca de 400 páginas que contém mais de 100 retratos de escritores brasileiros. Conforme Xavier de Carvalho, é "uma obra útil" e de "grande reconhecimento entre os críticos franceses". ***Latina*:** Em mais uma de suas edições, a revista traz como assunto principal a república do Brasil, em comemoração ao dia 15 de novembro. **Patand sindicalista e o ator dramático:** Xavier de Carvalho relata a saída de Patand do setor do sindicalismo para se dedicar à vida de ator dramático. Patand é o autor do drama *Demain*. De acordo com o cronista, os que tiveram a oportunidade de ler alguns trechos da obra, julgam-na como um "drama bastante inferior".

C. P.	XXVII	7	1, 2, 3 e 4	09499	8 out. 1910	16 set.1910	**Uma nova revista:** Segundo o correspondente internacional do *País*, a revista *From Paris*, dirigida pelo Sr. Gandolphe, será a precursora de um grande acontecimento mundial, em especial em relação ao Brasil, já que consagrará a literatura de cada país latino. **A verdade sobre a morte de Littré:** Xavier de Carvalho relata o ruído que se levantou acerca da personalidade e dos atributos de Emillio Littré após a sua morte. Mas conforme o cronista, os livros de cunho filosófico e científico do finado "falam mais alto do que o desejo de seus seguidores em querer convertê-lo".
C. P.	XXVII	5	7	09521	30 out. 1910	30 set. 1910	**A exposição do salão d'outono:** O correspondente relata a sua visita ao *salon* do Grand Palais e ressalta que o quadro *Os frescos*, de Mauricio Diniz, é inspirador, mas dois quadros de Louis Perinet são os mais formosos; além disso, menciona que os progressos estéticos da arte alemã têm se destacado, especialmente porque "não aprece muito com a arte-nova francesa". **Magalhães Lima:** O cronista anuncia a conferência do democrata português sobre a situação interior de Portugal. **Exposição em Lisboa:** Xavier de Carvalho menciona que está sendo desenvolvido um projeto de realização de uma exposição internacional em Lisboa. **O livro de Victor Orban:** *La literature Brésilienne* tem alcançado um grande sucesso, já que cumpre o verdadeiro papel de uma antologia.

C. P.	XXVII	9	1 e 2	09526	4 nov. 1910	15 out. 1910	**Replica a quem nos ataca injustamente:** O correspondente parisiense do *País* responde a "uma nota profundamente agressiva" publicada no *Courrier du Brésil* sobre a sua entrevista ao *Figaro* e ressalta que o ataque não passa de nativismo, já que foi um português que se atreveu a falar sobre o Brasil.
C. P.	XXVII	6	2 e 3	09533	11 nov. 1910	22 out. 1910	**(Sem título):** O cronista declara ter recebido o *Almanaque da livraria Garnier* e o considera extremamente útil e indispensável; além disso, menciona que o livro traz gravuras, mapas, estatísticas, artigos literários, retratos de escritores notáveis e caricaturas.
C. P.	XXVII	7	5 e 6	09539	17 nov. 1910	27 out. 1910	**Um artigo do *Figaro*:** Foi publicado um longo artigo sobre a literatura portuguesa compreendendo os destaques desde os tempos de Garrett até os dias da publicação, que foi preparada por Maxime Formont, na grande folha parisiense *O Figaro*. O artigo também faz menção a Xavier de Carvalho, por seu volume de versos *Poesia Humana*, em que lhe é atribuído diversos elogios. O cronista externa sua imensa satisfação pelo fato. **(Sem título):** Xavier de Carvalho relata a visita do prosador brasileiro, Sr.Curvello de Mendonça, a Paris e menciona que o ilustre intelectual regressou ao Rio de Janeiro extremamente satisfeito com a recepção parisiense.
C. P.	XXVII	6	1, 2 e 3	09547	25 nov. 1910	3 nov. 1910	**(Sem título):** Xavier de Carvalho anuncia o banquete, organizado por ele, em homenagem ao Sr. Felix Bocaiúva, que contará com a orquestra L'Harmonie de la Muette.

							Conflito por causa de Racine: Sr. Fauchois realizou uma conferência sobre Racine, porém levantou alguns pontos que feriram a imagem do poeta dramático na visão dos racinianos presentes, que contestaram de forma violenta, ao ponto de invadirem o palco, obrigando o conferencista a fugir. **Uma conferência ultra chique:** No *Femina* houve as conferências das atrizes Mlle. Marcele Lender, sobre o que é ser chique, e de Mlle. Mistinguette, sobre o *chic endiablé des petites femmes ultra parisiennes.* O público composto de "lindas mulheres" também dispôs de canções, recitações e representação do *Pantalon de la baronne*.
C. P.	XXVII	4	6 e 7	09550	28 nov. 1910	10 nov. 1910	**O banquete franco-luso-brasileiro/ Manifestação internacional em honra ao Brasil organizada pelo correspondente do *País* em Paris:** Xavier de Carvalho anuncia que dentro de poucos dias o banquete em homenagem a Felix Bocaiúva será realizado. Gustavo Rivet é o presidente geral e os presidentes de honra são Anatole France e Teófilo Braga; Dr. Alves da Veiga discursará sobre o governo provisório da República Portuguesa. **Um *meeting* de sufragistas:** O correspondente relata que, em visita a um amigo em um bairro distante, se deparou com um cartaz da Liga Solidária das Mulheres Sufragistas que anunciava uma reunião para aclamar à República Portuguesa o direito constitucional de voto para as mulheres, mas o que lhe chamou a atenção foi o fato de ser declarado o presidente do *meeting*, sem ao menos ser consultado

							ou avisado. Porém, no dia seguinte uma das organizadoras foi fazer o convite, mas a justificativa não agradou ao cronista, que negou o convite.
C. P.	XXVII	5	6 e 7	09564	12 dez. 1910	17 nov.1910	**A matinê no *cercle la française*:** A festa do *Française* contou com uma conferência de Felix Bocaiúva sobre os poetas brasileiros e uma matinê de músicas brasileiras. **Banquete do hotel Continental:** O banquete foi organizado pelo correspondente internacional do *País* e contou com uma orquestra e também com os concertos do rabequista Chiaffitelli, da pianista Tagliaferro e do cantor Abreu de Souza. Conforme o cronista, o evento trouxe grande reconhecimento à cultura brasileira, mesmo porque o seu pronunciamento em felicitação a Felix Bocaiúva se tornou uma matéria da revista *Latina*. Além disso, a repercussão do banquete figurou como assunto principal da maioria dos jornais de Paris. **Deslumbrante glorificação da República brasileira e da República portuguesa:** Em comemoração ao dia 15 de novembro, está sendo organizada uma festa brasileira em Paris. Xavier de Carvalho diz que o cartaz de divulgação e programação anuncia um "cortejo de escolas". **(Sem título):** Xavier de Carvalho felicita o amigo jornalista, poeta e prosador, Jaime Morse, que obteve o diploma da escola Superior Pieger e, através de seus méritos, foi aplaudido pelo governo francês. **(Sem título)**: *Excelsior* é o nome do novo diário parisiense, conforme o cronista, a repercussão foi tão

							grande que um milhão de exemplares não foram o suficiente.
C. P.	XXVII	5	1 e 2	09571	19 dez. 1910	25 nov. 1910	**Opinião sobre a imprensa francesa:** O diretor do jornal Argentino *Prensa* foi convidado a opinar sobre o jornalismo francês. Da avaliação, o cronista destacou a admiração pela "forma literária das folhas de Paris"; além disso, o Sr. Davila frisou que na França a "arte de escrever chegou a máxima perfeição". **Um livro de Kropotkine:** O escritor russo publicou um livro chamado *Champs, Usines et Ateliers*. Trata-se de um estudo completo de todos os meios de aproveitar a terra. De acordo com Xavier de Carvalho, o livro é indispensável para todos os agricultores que intencionam melhorar o cultivo de suas terras. ***Latina*:** A revista *Latina* foi a fonte responsável por reproduzir a opinião geral da imprensa sobre o banquete franco-luso-brasileiro. Em conformidade, os órgãos asseguram ter sido uma das mais belas festas. **Montmarte:** Em homenagem ao Brasil, foi realizada uma "festa pitoresca", denominada *Le Tabarin*, na região parisiense do pagode, Montmarte. **Maxime Formont:** O poeta, contista e romancista, Maxime Formont, acaba de publicar um volume de versos denominado *Triunfo da rosa*. O literato relata que esse será o seu último livro de versos. O correspondente lamenta o fato, já que Formant é considerado um ídolo especialmente pelos seus versos que encantam as parisienses.

C. P.	XXVII	5	1 e 2	09573	21 dez. 1910	2 dez.1910	***Latina*:** A publicação sobre o banquete organizado por Xavier de Carvalho trouxe todos os discursos que foram realizados no evento, juntamente com alguns retratos. O correspondente salienta que a edição vendeu, somente nos dois primeiros dias, dois mil exemplares. **O escritor Silva Gouveia:** Para presentear Xavier de Carvalho, o escultor fez um medalhão do correspondente do *País*, que se sentiu honrado, já que Silva Gouveia é autor das estatuetas de Eça de Queiroz, João Chagas dentre tantos outros renomados.
Título	**Ano**	**Pág.**	**Col.**	**Edição**	**Data publi.**	**Data da correspondência**	**Temas de interesse cultural e literário**
C. P.	XXVII	7	6 e 7	09588	5 de jan.1911	9 dez. 1910	**Oliveira Lima em Paris:** O ministro do Brasil na Bélgica está em Paris, onde realizará uma série de conferências sobre o Brasil, "desde as suas origens, época das descobertas, período colonial, proclamação da república até o fim do governo de Nilo Peçanha". **(Sem título):** Mme. Jane Catulle Mendés apresenta um pequeno volume denominado *Chez soi*, que de acordo com Xavier dever ser lido por todos aqueles que admiram o "parisianismo e gostam da prosa amorosamente íntima".
C. P.	XXVII	9	1 e 2	09591	8 jan. 1911	15 dez. 1910	**Um livro sobre o Brasil:** O cronista anuncia o livro do encarregado de uma missão comercial no Brasil, Paul Walle. Denominado *Au Brésil: du Rio São Francisco au d'Amazone*, o livro versa sobre planos geográficos, mapas e gravuras sobre o país. Por esse motivo, Xavier de Carvalho o considera indispensável

							para os brasileiros que desejam conhecer melhor o seu país. **Révue de la *Société des Études Portugaises*:** O lançamento da revista se deu em uma festa oferecida pela Sorbonne, tida como a "maior universidade de estudos humanos da França, talvez do mundo" e onde a obra do homenageado, Teófilo Braga, ficará conhecida. Houve o lançamento de um número especial da revista, que contou com uma publicação de Xavier de Carvalho, o qual alega fazer de "tudo em prol da língua portuguesa".
C. P.	XXVII	3	6 e 7	09596	13 jan. 1911	23 dez. 1910	**O senador Berenger:** Conhecido como "Tio Pudor", o senador denunciou aos tribunais uma cena da peça *Femme et le patin*, em que uma atriz aparece quase nua. Xavier de Carvalho diz que não há o "mínimo traço obsceno" e que Brenger, "velho e puritano", seria capaz de denunciar a própria "Venus de Millo", repudiando o fato de a deusa utilizar uma "tanga". O cronista conclui dizendo que Berenger já havia causado graves desordens em um período de 15 anos.
C. P.	XXVII	5	4 e 5	09606	23 jan. 1911	30 dez. 1910	**Luiz Guimarães**: O correspondente comenta sobre a estadia de Luiz Guimarães em Paris; além disso, antecipa que o poeta e prosador está prestes a publicar um volume sobre o Japão. **O pintor assassino:** O correspondente internacional do *País* em Paris demonstra indignação com a justiça francesa, já que um "pintor burguês" assassinou sua esposa a tiros e foi absolvido. Por outro lado, o operário Durand (citado em outra crônica da mesma edição) foi condenado a morte.

C. P.	XXVII	6	1 e 2	09607	24 jan. de 1911	7 jan. 1911	**A morte do ator Regnard**: O ator Regnard foi assassinado por um bêbado dentro de um restaurante. O ocorrido causou grande comoção em Paris. Xavier de Carvalho lembra que "ainda no natal havia o aplaudido na revista do ano".
C. P.	XXVII	10	2 e 3	09640	26 fev. 1911	1º fev. 1911	**O museu da Revolução:** O cronista alude o período em que visitou o seu país natal. Em Lisboa, pode avaliar a República e participar de diversas manifestações de cunho político. Nessa crônica, Xavier de Carvalho alude a boa intenção na criação do Museu da Revolução, no entanto, considera a exibição das armas e objetos insatisfatória. Por esse motivo, acredita que o museu pode ser alvo de críticas e receber uma péssima impressão vinda da "Europa culta e civilizada".
C. P.	XXVII	8	6 e 7	09643	2 mar. 1911	3 fev. 1911	**Porto-Riche e sua nova peça:** M.de Porto Riche apresenta mais uma peça de grande sucesso que, segundo o cronista, é uma "evolução na maneira dramática". **(Sem título):** O correspondente expõe o seu ponto de vista sobre o "teatro impressivo", pautando-se na peça *Escultor de máscaras*, que acaba de assistir. De acordo com ele, os artistas falam por símbolos, tornando tudo mais complicado que Ibsen e conclui que não compreende essa arte, que é para raros, já que é uma "arte nefelibata, nevroseada e fantasista". Considera a o autor imaturo, bem como o teatro simbolista "dos rapazes de Coimbra, nos primeiros tempos de Nnobre e de Eugenio de Castro".

							Um livro de Savanit: Xavier de Carvalho recebe um volume de *Les Solitaires*, um romance de C.M. Savanit, que foi muito apreciado pelo correspondente.
C. P.	XXVII	7	1 e 2	09650	9 mar. 1911	19 fev. 1911	**A primeira representação de "*Malazarte*":** Xavier de Carvalho dá um grande destaque à peça de Graça Aranha. O correspondente internacional do *País* em Paris considera a personagem principal "um aventureiro e astucioso representante do Brasil", além disso, enaltece Graça Aranha por conseguir criar uma personagem "cheia de imprevisto e individualismo". Após mencionar detalhes do enredo, o cronista declara, em tom de indignação, que os críticos franceses definitivamente não levam em consideração as representações artísticas dos não europeus, mas destaca que Graça Aranha conseguiu a proeza de ser aplaudido. Por fim, o cronista avalia que a obra é melhor em leitura do que no teatro. **Um clube português em Paris:** Xavier de Carvalho anuncia a fundação do *Club da Libre Pensée Portugaise* e, como membro, convida todos os brasileiros que intencionam entrar em contato com um "clube de propaganda moderno" a dirigir-se ao local.
C. P.	XXVII	5	5 e 6	09658	17 mar. 1911	23 fev. 1911	**As saias calções:** Xavier de Carvalho demonstra indignação perante as críticas que o drama *Aprés moi*, de Henri Bernstein recebeu. O cronista cogita que tais críticas se devam ao fato do diretor ser judeu e pondera que se a suspeita for confirmada o episódio será "grande escândalo".
C. P.	XXVII	6	2 e 3	09663	22 mar. 1911	3 mar. 1911	**Camelots du roy:** O cronista retoma o caso que envolve os protestos contra Henri Bernstein e

							acrescenta a informação de que os ataques foram cometidos pelo grupo de extrema direita *Camelots du Roy*. Xavier de Carvalho declara que a peça foi interrompida por diversas vezes e destaca que até mesmo fora do teatro são constantes as agressões contra a polícia. **Um jornal republicano português:** O cronista menciona que, a partir do dia 7 de março de 1911, também publicará pelo jornal *La Republique Portugaise* e antecipa que em sua contribuição falará sobre poema *Ave Patria*, de Camillo Fróes e algumas gravuras de Teófilo Braga, Alves da Veiga e Bernardino Machado.
C. P.	XXVII	12	1 e 2	09672	31 mar. 1911	7 mar. 1911	**Um ataque à literatura:** Completando a saga dos *Camelots du Roy*, Xavier de Carvalho declara que o grupo venceu a luta contra a arte e, principalmente, contra os judeus. Conforme o cronista, o fato acabou desencadeando em uma onda de protesto de todos os homens de letras e artistas franceses.
C. P.	XXVII	3	1 e 2	09687	15 abr. 1911	24 mar. 1911	**Pretos brasileiros em Paris:** Segundo Xavier de Carvalho, alguns empresários dos pequenos *music-halls* estavam fazendo "uma propaganda curiosa do Brasil". Tais empresários apresentavam negros de qualquer outra nacionalidade como sendo brasileiros, sobretudo ao relacioná-los ao café, já que seriam eles os "responsáveis" pela produção desse produto tão apreciado em todo o mundo, e associavam às habilidades na lida com o café a outros talentos que eram exibidos nos shows. A estratégia rendeu êxitos de grandes dimensões em Paris. Xavier de Carvalho,

							na tentativa de se eximir de qualquer tipo de discriminação, diz não possuir preconceito, porém conclui sua crônica dizendo que "não podemos apresentar o tipo do negro como o genuíno tipo do brasileiro nato".
C. P.	XXVII	8	4 e 5	09718	16 maio 1911	28 abr. 1911	**Uma carta de Magalhães Lima sobre o pacifismo:** Xavier de Carvalho reproduz a carta do advogado, jornalista, político e escritor português, Magalhães Lima e retoma alguns princípios da Revolução Francesa ligadas à fraternidade e ao amor. Por fim, diz que a República é o meio de realizar a democracia.
C. P.	XXVII	8	1 e 2	09734	1º jun. 1911	12 maio 1911	**Vários salões de pintura:** O autor comunica que a temporada de exposições iniciou e já está bem intensa. As exposições permitem que artistas independentes e de diferentes nacionalidades apresentem suas obras. O destaque é dado para a viscondessa de Vitello, "uma brasileira que se dedica às artes".
C. P.	XXVII	8	1 e 2	09744	11 jun. 1911	19 maio 1911	**A celebração de Camões:** Em razão do centenário de aniversário de Camões, em 11 de junho de 1911, será realizada uma celebração pela *Société des Études Portugaises* de Paris. **As festas de Paris:** Xavier de Carvalho relata que foi convidado para várias festas, todas em um único dia, dentre elas está a inauguração do Theatro de Verdura, em Argenteuil, tendo sido requisitado para realizar um discurso para a ocasião.
C. P.	XXVII	7	4 e 5	09758	25 jun. 1911	1º jun. 1911	**Camões:** Xavier de Carvalho prenuncia a festa de Camões e ressalta que o poeta é "a maior glória dos países de língua portuguesa".

							Verlaine: O cronista relata que Paris consagrou um dia inteiro ao poeta que entrou para a "imortalidade da história literária", Paul Verlaine. Em sua homenagem, um busto foi inaugurado e, posteriormente, houve um banquete em sua honra. **Tagliaferro:** A grande pianista brasileira, Mlle. Magdalena Tagliaferro, apresentou dois concertos na sala dos Agricultores na França. Conforme o cronista, a artista tocou admiravelmente Listz, Chopin e Beethoven. Por sua performance, arrancou aplausos da elite que lhe assistia.
C. P.	XXVII	7	6 e 7	09772	9 jul. 1911	15 jun. 1911	**A festa de Camões em Paris/ A apoteose do grande épico/ Os discursos/ Grandiosa manifestação luso-brasileira:** O evento contou com a presença e discursos de Maxime Formont, Paul Vilert, João Chagas, Nilo Peçanha, Jules Bois entre outros intelectuais. A festa contou a declamações de poemas de Camões e em seu louvor. **O *Cuorrier du Brésil*:** O órgão da imprensa brasileira em Paris publicou um artigo sobre a festa de Camões.
C. P.	XXVII	6	4 e 5	09778	15 jul. 1911	22 jun. 1911	**A consagração do grande poeta Mistral:** Xavier de Carvalho foi convidado a participar da festa literária em homenagem a Mistral, considerado uma das mais belas figuras da poesia contemporânea francesa.
C. P.	XXVII	8	5 e 6	09782	19 jul. 1911	30 jun. 1911	**O centenário de Théophile Gauthier:** Em comemoração ao centenário de nascimento do poeta, preparam-se conferências, uma edição especial de suas obras e um monumento em sua homenagem; além disso, um dos biógrafos de Gauthier discursará

							na intenção de findar as injustiças levantadas contra ele. **Um manifesto de Wells:** Wells, romancista inglês, é comparado por Xavier de Carvalho a Julio Verne, "mas com mais estilo e melhor forma" e, como apaixonado pela cultura, mas principalmente pela literatura francesa, tem o seu manifesto publicado pelo *Temps*, de Paris, em que reivindica o direito de escrever o que se sente, bem como Zola e Flaubert, em uma revolta contra a tradição do romance da Inglaterra.
C. P.	XXVII	5	1 e 2	09788	25 jul. 1911	8 jul. 1911	**Novas literárias:** Xavier de Carvalho anuncia o lançamento de *Equivoque du classicisme*, de Gaston Lauvebois e indica o livro a todos que se interessam pelo movimento das ideias francesas, já que se trata de um estudo abrangente, que contempla especialmente o *status* da "literatura francesa moderna".
C. P.	XXVII	7	4 e 5	09813	19 ago. 1911	28 jul. 1911	**Mme. Jane Catulle Mendés:** Segundo Xavier de Carvalho, "uma das mais inteligentes mulheres do período", Mme. Jane Catulle Mendés, realizará uma série de conferências no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Montevideo e em Buenos Aires. O cronista ressalta que ela é tida como "uma rainha" pelos parisienses; além disso, reporta que Mme. Catulle Mendés mantém relações íntimas com o Brasil, sendo "quase uma conterrânea".
C. P.	XXVII	4	5, 6 e 7	09822	28 ago. 1911	9 ago. 1911	**Um novo livro de Maxime Formont:** Xavier de Carvalho anuncia a publicação do último livro da trilogia de Maxime Formont, intitulado *A Glória da*

							Rosa. De acordo com o cronista trata-se de uma obra de "alta e maravilhosa inspiração", mesmo porque é de autoria de um "verdadeiro poeta" e, por esses motivos, a obra figurará como o "triunfo do ocidente europeu".
C. P.	XXVII	5	1 e 2	09834	9 set. 1911	19 ago. 1911	**O monumento de Zola:** Xavier de Carvalho comenta com satisfação que será inaugurado em Paris um monumento em homenagem a Emile Zola. Mas ressalta que, por outro lado, essa notícia não agradou os membros da congregação.
C. P.	XXVIII	8	1 e 2	09896	10 nov. 1911	*Sem data	**O cronista doente:** Xavier de Carvalho relata que ficou acamado, por conta de uma febre de 42ºC. Seu estado de saúde lhe impediu de participar de exposições, peças de teatro e outros eventos limitando suas "publicações e críticas artísticas".
C. P.	XXVIII	7	6 e 7	09902	16 nov. 1911	27 out. 1911	**Um livro condenado pela Igreja:** *Le Mariage des prêtres* foi escrito pelo padre católico, Jules Claraz. O lançamento do livro gerou alvoroço entre os religiosos franceses, devido ao posicionamento contra ao celibato. Os argumentos favoráveis ao casamento dos padres se tornaram um combate ao celibato, já que seria algo contrário à "natureza e ao senso moral". Xavier de Carvalho comenta que boa parte do clero parisiense não foi hostil com o abade, que chegou a receber várias cartas e felicitações, mas também muitas ameaças. O cronista pondera que o sacerdote sempre foi tido como um "homem simples e digno" e, ainda que seu livro possa ter criado problemas dentro da igreja francesa, não deve sofrer tantas represálias.

C. P.	XXVIII	3	1 e 2	09934	18 dez. 1911	30 nov. 1911	**A morte de Paul Lafargue e de Laura Lafargue:** Xavier de Carvalho relata os suicídios de dois dos maiores estudiosos do socialismo, Laura Lafargue Marx, a segunda filha de Karl Marx, e seu esposo Paul Lafargue. Segundo o cronista, a ocorrência causou profunda comoção em Paris, por isso, descreve algumas questões levantadas pela opinião pública, além de tecer comentários próprios sobre o suicídio ao associá-lo ao aborto, aproximando ambos os atos pela escolha em romper com as leis naturais. O correspondente internacional discorre sobre fatos importantes da vida de Paul Lafargue, especialmente os ligados à amizade com o sogro e à relação com o socialismo. Quanto a Laura, o cronista ressalta a sua cultura elevada e o seu importante papel de tradutora das obras de seu pai, como a *Crítica à economia*.
C. P.	XXVIII	8	1 e 2	09944	28 dez. 1911	8 dez. 1911	**A obra da propaganda portuguesa:** Xavier de Carvalho dá indícios a publicação de um livro escrito por "um português republicano", que terá como foco Portugal. O livro promete escancarar os impasses dos negócios públicos do país. Ademais, um dos capítulos ressalta o "pouco cuidado de Portugal para com os interesses no Brasil", já que até mesmo o consulado encontra-se abandonado. Portanto, o livro tem como objetivo denunciar a diplomacia falha de Portugal e assegura anunciar as verdades amargas e revelar a falta de experiência da jovem República Portuguesa.
Título	**Ano**	**Pág.**	**Col.**	**Edição**	**Data publ.**	**Data da correspondência**	**Temas de interesse cultural e literário**

C. P.	XXVIII	7	7	09953	6 jan. 1912	15 dez. 1911	**Greves exóticas/ Os *chauffeurs*, os cantores do café concerto e as dançarinas:** O correspondente relata que inúmeras categorias de trabalhadores estão aderindo à greve, inclusive cantores e dançarinas dos cafés; no entanto, ressalta que um fenômeno interessante tem acontecido, já que o público que deveria estar sendo prejudicado pela greve, na verdade tem "enobrecido o espírito", já que tem ido ao teatro assistir às "comedias e dramas de literatura séria".
Da Holanda	XXVIII	7	4, 5 e 6	09957	10 jan. 1912	18 dez. 1911	**A conferência Internacional do ópio**: O correspondente relata que viajou para Haya a fim de assistir à conferência e destaca a visita que realizou aos museus de Amsterdam. Sobre o evento, Xavier de Carvalho menciona a famosa conferência de Ruy Barbosa, que sempre se destacou por seu talento como orador.
C. P.	XXVIII	6	3 e 4	09962	15 jan. 1912	27 dez. 1911	**Uma visita a Mme. Catulle Mendés/ O que diz a delicada poetisa do Brasil/ As suas conferências/ Recordação do Rio/ O que vai Mme. Mendés escrever sobre o Brasil:** O correspondente informa que recebeu de regresso a Mme. Catulle Mendés, que durante três meses esteve de viagem no Brasil e na Argentina. Xavier de Carvalho entrevistou a poetisa, que relatou sua grande admiração pelo país, destacando o acolhimento recebido e principalmente a distinção da sociedade culta, que participou de suas conferências sem a menor dificuldade em compreendê-la por causa da língua; além disso,

							declarou que publicará um livro sobre o Brasil, que pretende intitulá-lo de *Le beau pays*.
C. P.	XXVIII	4	1 e 2	09963	16 jan. 1912	29 dez. 1911	**Uma nova livraria:** Manoel Ignacio, antigo empregado da livraria Garnier, abrirá uma editora franco-brasileira. **(Sem título):** Jane Catulle Méndes tem sido largamente aclamada em Paris e já tratou a publicação do livro sobre o Brasil com uma grande editora.
C. P.	XXVIII	5	6 e 7	09976	29 jan. 1912	5 jan. 1912	**O busto de Augusto Severo:** O correspondente relata que a *Société des Études Portugaises* ofereceu ao Brasil, há mais de oito anos, um busto, feito por Elise Bloch, do brasileiro piloto dirigível Pax, que morreu vítima de um acidente em Paris, porém a ingratidão dos brasileiros não permitiu que o monumento fosse inaugurado; por isso, parisienses tomaram a iniciativa e farão a homenagem ao piloto brasileiro.
C. P.	XXVIII	9	5 e 6	09980	2 fev. 1912	12 jan. 1912	**A colônia brasileira:** Xavier de Carvalho relata que os *five-ó-clock tea* da colônia brasileira em Paris começaram. Essas reuniões mundanas são semanais e geralmente oferecidas pela condessa do Alto Mearim e sua irmã, a viscondessa de Sistello, e também pela Mme. Gonçalves Pereira e sua mãe, a viscondessa de Faria. Para a próxima reunião está previsto o concerto do barítono brasileiro, Sr. Abreu de Souza, e da pianista paulista Mlle. Guiomar Novaes. Toda renda será destinada à inauguração do monumento de D. Pedro II e ao comitê infantil, do qual fazem parte as filhas dos principais membros da colônia.
C. P.	XXVIII	6	1 e 2	09986	8 fev. 1912	19 jan. 1912	**O conflito da Ópera/ Dançarinas em greve/ A troça de Montmartre:** As dançarinas da Grande Ópera

							entraram em greve por causa da admissão de duas novas bailarinas. A justificativa seria de que as novas contratadas não pertencem ao sindicato; no entanto, o cronista se diz hesitante em relação ao argumento, já que as dançarinas não vivem do pequeno salário mensal oriundo da direção da Grande Ópera, mas da "generosidade de seus amantes".
C. P.	XXVIII	8	1, 2 e 3	09996	18 fev.1912	25 jan. 1912	**A conferência de Mme. Catulle Mendés:** A poetisa francesa realizou uma conferência intitulada *Uma parisiense no Brasil.* O relato especifica os lugares e pessoas que conheceu no Brasil. O cronista menciona que o nome do poeta Olavo Bilac foi aludido com enaltecimento. A conferência foi um grande sucesso e contou com traduções de versos de Gonçalves Dias. **Nos teatros de Paris**: Xavier de Carvalho relatou o sucesso da nova peça no teatro Renascença. Trata-se de um drama de Ives de Mirande e de André Rivoire denominado *Pour vivre heureux*. Dividido em três atos, o drama conota, conforme o cronista, a impossibilidade da felicidade antes da morte. Já no Gaité–Lyrique houve uma ópera (musical) em quatro atos, denominada Os girondinos, que trouxe a música de La Borne e o libreto dos Senhores Leneka e Choudens, todo o evento foi um grande sucesso desde a primeira noite. **Camões em Paris:** Juntamente com poeta e romancista Jules B., Xavier de Carvalho propôs levantar um monumento a Camões em Paris; no entanto, os "acontecimentos graves de Portugal" fizeram com que essa iniciativa fosse postergada.

C. P.	XXVIII	6	1 e 2	10003	25 fev.1912	3 fev. 1912	**Um banquete a Maxime Formont:** Em homenagem ao escritor, Maxime Formont, o correspondente do *País* organizou um almoço, em que inúmeros nomes ilustres marcaram presença, assim como o romancista Marcel Prévost, o poeta Harancourt e o dramaturgo Rivoiré. Além disso, o tradutor de Bilac e Coelho Netto, Sr. Formont, foi enaltecido por difundir a literatura brasileira na França.
Barão do Rio Branco em Paris	XXVIII	7	4	10015	8 mar. 1912	16 fev. 1912	**Barão do Rio Branco em Paris:** Xavier de Carvalho envia uma carta de condolências em memória do "marechal da paz nos países latino-americanos" e antecipa o pedido de desculpa pelo atraso da correspondência, já que o seu trajeto demora cerca de 15 ou 20 dias até o destino. O correspondente menciona a formação de um comitê de brasileiros que se encarregou do ofício fúnebre e da missa solene, que contou com a presença dos filhos do morto e de inúmeros personagens da colônia brasileira e da alta sociedade francesa.
C. P.	XXVIII	8	5 e 6	10017	9 mar. 1912	16 fev. 1912	**Os futuristas na arte:** A exposição de artes com obras futuristas foi considerada um grande fiasco por Xavier de Carvalho, ao dizer que a exposição "não é arte: é a grande *blague* carnavalesca, a busca do inédito na troça, a procura arrevessada e complicadíssima do arqui-fantástico". Ao descrever um quadro, salienta que a pintura futurista pertence ao domínio da loucura e considera os pintores desprovidos de talento. **Uma Agência Portuguesa:** O cronista anuncia que, na intenção de manter os portugueses que viviam em

							Paris informados sobre o seu país natal, foi criada uma agência de informações, que recebeu o nome de Agence Portugaise. **A produção Literária em França e no estrangeiro:** Xavier de Carvalho expõe alguns números sobre a publicação anual de livros no mundo, bem como o número de escritores e até mesmo de leitores. O cronista levanta alguns fatores que influenciam a diminuição da quantidade de livros lançados na França, especialmente o fato de ser um produto caro no país, o que reflete na qualidade da leitura dos franceses, que cada vez mais aderem outras alternativas inovadoras, tais como os avanços do automobilismo, da aviação, dentre tantos outros recursos de lazer. Por esses motivos, o correspondente internacional considera que o setor da livraria estava prestes a enfrentar uma crise de grandes proporções. **A condessa do Alto Mearim e a viscondessa de Sistello:** As duas brasileiras foram os destaques da exposição de pintoras e escultoras do *Grand Palais*. As irmãs tiveram seus quadros apreciados pela crítica artística de Paris.
C. P.	XXVIII	9	4, 5 e 6	10021	14 mar. 1912	23 fev. 1912	**D. Olga Moraes Sarmento:** A escritora portuguesa, que acaba de chegar do Brasil, fará uma conferência em Paris e outra na Suíça sobre "o espírito brasileiro e o desenvolvimento da sociedade do Rio". **Uma obra admirável de Jean Finot:** O escritor e filósofo enviou ao correspondente do *País* o livro *Prejugé et probleme des sexes*, que o considerou extremamente importante do ponto de vista científico

							por sua solidez e aprofundamento na questão do feminismo. Xavier de Carvalho destaca as questões principais de cada capítulo e finaliza a crônica considerando a obra como "um belo trabalho de crítica científica e de polêmica filosófica", o verdadeiro "novo evangelho das mulheres".
C. P.	XXVIII	6	4, 5 e 6	10027	20 mar. 1912	1º mar. 1912	**O jubileu de Camilo Flammarion:** Xavier de Carvalho elencou alguns detalhes da festa em homenagem ao astrônomo Camilo Flammarion. Dentre as atrações, a festa contou com uma orquestra e belos discursos como o de Edmond Harancourt, "poeta lírico dos mais célebres do parnaso moderno francês", que não deixou de mencionar a contribuição de Flammarion para a literatura contemporânea. **A pianista brasileira Mlle. Guiomar:** O concerto organizado pelo barítono brasileiro, Sr. Abreu de Souza, contou com a participação da grande pianista Mlle. Guiomar Novaes, que tocou canções portuguesas e brasileiras e foi muito aclamada. **O romance de Maxime Formont:** Xavier de Carvalho anuncia e recomenda a todos os leitores o romance *La Louve* do escritor consagrado oficialmente pela França. O cronista também elenca alguns dados biográficos do escritor e do enredo da obra anunciada. **(Sem título):** Conforme o correspondente internacional do *País*, a *Société des Études Portugaises* de Paris é responsável por promover os grandes nomes das literaturas brasileira e portuguesa na França e na última sessão realizada, elegeram

							como membro de honra o ministro das relações exteriores, Dr. Lauro Muller.
C. P.	XXVIII	3	1, 2 e 3	10034	27 mar. 1912	8 mar. 1912	**(Sem título):** O teatro Marigny, dos Campos Elysios, foi o palco escolhido para a representação da peça de cunho político e social, considerada de grande sucesso, da escritora dinamarquesa, Mme. Karen Bramson. Xavier de Carvalho sintetiza o enredo da peça, que tem como finalidade protestar a sociedade patriarcal, como a terra natal da dramaturga.
C. P.	XXVIII	3	5, 6 e 7	10041	3 abr. 1912	15 mar. 1912	**O *Bel Ami*:** A peça de Noziére utilizou como base o romance homônimo de Guy de Maupassant, mas o cronista destaca que o dramaturgo fez modificações profundas na personagem principal do romancista; tudo porque, a personagem tipo de Maupassant é um jornalista que não representa mais o jornalismo moderno. **Conferência de D. Olga Da Silveira:** O correspondente anuncia que Mme. Olga de Moraes Sarmento da Silveira realizará uma conferência a respeito da alma brasileira.
C. P.	XXVIII	2	5, 6 e 7	10047	9 abr. 1912	22 mar. 1912	**Mercedes Blasco em Paris:** Xavier de Carvalho relata ter recebido a visita da cantora portuguesa em casa e conversaram sobre os projetos futuros de sua conterrânea, que descreve seus triunfos nas turnês pela Alemanha, Suíça e Bélgica e pondera ir ao Brasil, mas em uma companhia francesa de opereta, já que tanto no Brasil, quanto em Portugal o cachê é pequeno e por isso não pretende voltar por conta própria a esses países.

C. P.	XXVIII	2	1, 2 e 3	10056	18 abr. 1912	29 mar. 1912	**O drama lírico *Dona Ignez de Castro*:** Xavier de Carvalho anuncia a representação da tragédia lírica, *Ignez de Castro*, que será realizada no teatro François Coppée. O cronista salienta que a peça é curiosa, mas "onde a legenda histórica parece diluída em uma mixórdia de neocatolicismo quase infantil". **Conferência à pátria brasileira:** A escritora, D. Olga de Moraes Sarmento, publica em uma revista de literatura e arte lisboeta, chamada *A sociedade futura*. De acordo com Xavier de Carvalho, D. Olga é uma ótima escritora e dá destaque ao livro *Marquesa d´Alorna*, também evoca alguns de seus trabalhos de crítica e sobre o feminismo; além disso, anuncia uma série de conferências que será realizada pela portuguesa sobre a pátria brasileira, de onde acaba de chegar de viagem.
C. P.	XXVIII	3	1 e 2	10064	26 abr. 1912	5 abr. 1912	**A conferência de Olga Sarmento a Pátria Portuguesa/ Uma grande festa franco-brasileira:** Xavier de Carvalho participou da conferência sobre a Pátria Portuguesa que foi realizada por D. Olga Moraes Sarmento da Silveira e afirma que foi um grande sucesso, especialmente em relação aos enaltecimentos dedicados ao Brasil.
C. P.	XXVIII	7	1, 2 e 3	10069	1º maio 1912	12 abr. 1912	**As letras portuguesas e brasileiras e Camões/ O que devemos fazer no dia 10 de junho deste ano/ Para a colônia portuguesa do Rio de Janeiro:** Para homenagear Camões, o cronista sugeriu levantar um monumento do escritor português em Paris, a sugestão já foi dada há cerca de cinco e resgatada novamente. Xavier de Carvalho ressaltou que a ideia foi bem

							aceita entre os literatos; no entanto, não há dinheiro suficiente para pagar o busto esculpido pelo italiano Betti, cerca de 5 mil francos, e, por isso, o correspondente pede a colaboração de 3 mil francos da colônia portuguesa no Rio de Janeiro. **Uma festa mundana luso-brasileira/ Em casa de Souza Costa:** O Sr. Costa e Souza e esposa ofereceram um banquete em homenagem à "dama de letras portuguesa", D. Olga Moraes Sarmento da Silveira, que contou com a presença do Maestro Massenet. **Quadros portugueses e brasileiros no *salon*:** O cronista comentou sobre duas obras de artes que foram expostas e ganharam destaque no *Salon da Nacionale*. A primeira é assinada por Bordalo Pinheiro e a outra pela brasileira, viscondessa de Sistello.
C. P.	XXVIII	6	1 e 2	10082	14 maio 1912	26 abr. 1912	**(Sem título):** O correspondente comenta sobre a conferência realizada por Jane Catulle Mendés sobre a Argentina, dentre os assuntos a literatura foi o destaque. Versos de poetas argentinos foram declamados e trechos do livro *A glória de Don Ramires*, de Larretta foram lidos. Além disso, o tango foi "deliciosamente dançado". **O monumento de Camões em Paris/ Adesões valiosas:** O correspondente relata que a "fina flor da literatura francesa" tem aderido à ideia da consagração a Camões e composto o comitê internacional, como o presidente Frédéric Mistral.

							Além disso, mantém o pedido de apoio à colônia portuguesa no Rio de Janeiro.
C. P.	XXVIII	3	5 e 6	10095	27 maio 1912	4 maio 1912	**O monumento de Camões em Paris/ O esnobismo de vários descrentes da pátria:** Em tom de desabafo, o cronista relata sua exaustão em organizar a inauguração do monumento em homenagem ao poeta português e sobretudo a indignação em relação aos portugueses que vivem em Paris, que desmerecem a pátria e tudo o que é oriundo dela e por isso não colaboraram com o evento.
C. P.	XXVIII	6	1 e 2	10098	30 maio 1912	9 maio 1912	**O monumento de Camões em Paris/ Sucesso superior ao que esperávamos:** Xavier de Carvalho anuncia, para o mês de junho, a inauguração do monumento, seguido de um banquete com atrações musicais em homenagem a Camões. Além disso, elenca alguns nomes de doadores e os valores dedicados ao evento **O livro do Dr. Nilo Peçanha:** *Impressões da Europa* é o título do livro do brasileiro, que "estudou a fundo os principais problemas econômicos das nações que visitou". Segundo o cronista, a obra é maravilhosa e o "estadista revelou-se um estilista fino, um observador delicado, um escritor de primeira plana". **Jaime de Séguier:** O também colaborador português de muitas folhas brasileiras, Jaime de Séguier, assumirá o consulado geral de Portugal em Roma e é saudado por Xavier de Carvalho.
C. P.	XXVIII	6	1, 2, 3 e 4	10104	5 jun. 1912	17 maio 1912	**Monumento de Camões, em Paris/ Entusiasmo na colônia/ Adesões importantes/ A primeira lista de subscrição:** Xavier de Carvalho anuncia que a obra

							de Betti está pronta e que as festividades contarão com uma cerimônia na Sorbonne, sob a presidência do reitor ou de algum membro da Academia Francesa, com a inauguração do monumento e com o banquete. O cronista declara ter recebido 4.440 francos, lista os nomes contribuintes e ressalta não ter recebido nada do Brasil **O livro de Nilo Peçanha:** O cronista reuniu trechos de opiniões emitidas por diversas personalidades do meio literário, como Guerra Junqueiro e Anatole France, sobre a nova obra do Dr. Nilo Peçanha, intitulada *Impressões da Europa.* De maneira geral, todos afirmaram que se trata de uma obra que merece aplausos.
C. P.	XXVIII	5	5 e 6	10011	12 jun. 1912	25 maio 1912	**O hino da Portuguesa traduzido*:*** M. Felix Castanier traduziu para o francês as estrofes escritas por Sr. Henrique Lopes de Mendonça, denominadas *Portuguesa*, para a Agence des Illustrations de Presse, de Paris. Além disso, Xavier de Carvalho traz a poesia *Stances á Camões*, que Castanier dedicou a ele **O monumento de Camões em Paris/ A inauguração está próxima/ O Camões oficial e o Camões dos poetas:** O correspondente menciona que a data da cerimônia ainda não pode ser firmada e descreve a estátua de Camões, que já está pronta, mas salienta que os poetas mais jovens defendem a ideia de dividir a festa de acordo com as duas facetas predominantes de Camões, ou seja, enfatizar a peculiaridade de ser "o poeta do amor", mas também

							realçar, em outra ocasião, o perfil oficial do português.
C. P.	XXVIII	5	6 e 7	10020	21 jun. 1912	31 maio 1912	**A inauguração do monumento de Camões/ A festa em projeto/ Grande cerimonia literária:** O cronista salienta que a data das festividades em homenagem a Camões está próxima e que os poetas Jean Richepin e Sebastian Charles Leconte devem discursar. Xavier de Carvalho menciona que, para o pesar dos "invejosos", o dinheiro já foi totalmente angariado e ilustres do meio universitário, científico e artístico já confirmaram presença. O correspondente registra que os portugueses no Brasil ainda não contribuíram para o evento, mas se assim fizerem o dinheiro será destinado à criação da escola de língua portuguesa em Paris, a Escola Camões.
C. P.	XXVIII	4	1 e 2	10125	26 jun. 1912	7 jun. 1912	**Nas antevésperas da festa/ O monumento de Camões:** Xavier de Carvalho ressalta que tem organizado as festividades em homenagem a Camões sozinho, que seu esforço tem sido sobre-humano e que, mesmo assim, tem sofrido injustiças como de seu conterrâneo Santos Tavares, que escreveu um artigo questionando o motivo de não ter sido o escultor português, Teixeira Lopes, o eleito para realizar a obra, mas um italiano; o correspondente elenca os motivos, dentre eles o alto custo cobrado pelo português.
C. P.	XXVIII	5	4, 5 e 6	10144	15 jul. 1912	14 jun. 1912	**A festa de Camões em Paris/ Uma apoteose/ O que fez Paris à memória de Camões/ O banquete do hotel Continental/ Festa brilhantíssima/ O discurso admirável de Guerra Junqueiro/ Chave**

							de ouro: Conforme o cronista, a solenidade em tributo a Camões foi brilhante e continua sendo assunto não apenas para as "Cartas de Paris", mas também para inúmeros outros jornais, já que contou com cerca de 15 mil pessoas. O correspondente destaca os pronunciamentos de Richepin, do grande romancista naturalista, Paul Brulat e do poeta Boequet, além da leitura das cartas dos que não puderam comparecer, como Guerra Junqueiro. No banquete, o correspondente destaca a presença dos membros da Academia Brasileira de Letras, Graça Aranha, Afonso Arinos e Rodrigo Otávio. Para finalizar a crônica, Xavier de Carvalho transcreve o discurso de Guerra Junqueiro, realizado em Zurich, também em homenagem a Camões.
C. P.	XXVIII	7	6 e 7	10146	17 jul. 1912	21 jun. 1912	**Ainda o monumento de Camões/ O álbum e o livro de ouro do monumento/ A medalha comemorativa:** Após a inauguração do monumento de Camões, o comité publicará um volume com todos os discursos pronunciados, juntamente com mais de cem gravuras. A publicação receberá o nome de *Livro de ouro de Camões*. **O monumento de Eça de Queiroz/ Recordações saudosas do grande e sempre querido Eça de Queiroz:** Xavier de Carvalho menciona que após a ampla aquiescência do monumento de Camões em Paris, agora cogitam levantar um monumento a Eça de Queiroz no Rio de Janeiro. O correspondente realça que dentre as leituras do escritor português estava "Machado de Assis, os versos de Bilac e de

							Coelho Neto". Além disso, rememora que Emilio Zola lhe disse que não conheceu "escritor superior a Eça de Queiros" e garante que o naturalista francês lia também os artigos de Eça na revista em que ele, Martinho Botelho e Eduardo Prado redigiam. **Eleição do novo príncipe dos poetas de França/ Poucos eleitos e muitos eleitores poéticos:** Ocorreu em Paris uma votação para escolher o príncipe dos poetas após a morte de Léon Dierx. O cronista relatou que muitos nomes prestigiados entraram para a seleção, como Henri de Regnier, Richepin, Rostand, Paul Fort, René Ghil, Mistral, Jules Bois, Montesquiou e Verhaeren, o que dificulta a escolha.
C. P.	XXVIII	4	1, 2 e 3	10151	22 jul. 1912	26 jun. 1912	**Ainda a festa de Camões/ O discurso de Teófilo Braga/ O monumento/ Resposta a vários críticos e explicações/ A subscrição:** O correspondente transcreve, em português, a carta de Teófilo Braga em homenagem a Camões, que foi lida, em francês, na inauguração do monumento. Acrescenta, também, que algumas melhorias ainda estão sendo feitas na escultura e finaliza com uma planilha para declarar os gastos aos críticos de seu trabalho. **O novo livro de Maxime Formont:** O cronista anuncia a publicação, muito aguardada, de *La torture*, pela livraria Lemesse, mas salienta que o romance já havia sido publicado em forma de folhetim em um jornal de grande circulação de Paris. **Uma conferência sobre o futurismo:** Mme. Valentine Saint Point realizou uma conferência sobre a *Mulher futurista*. Segundo o cronista a defesa da tese

							de Valentine foi audaciosa, já que consistia em uma apologia "à luxúria e à violação da mulher"; no entanto o público não concordou e chegou a um nível agressivo de reprovação.
C. P. (Assinada por Justino de Montalvão [32])	XXVIII	6	7	10154	25 jul. 1912	5 jul. 1912	**A consagração de Leonardo da Vinci na Sorbonne/ Oposição dos *camelots du roy* contra Rousseau:** O cronista relata que houve outros dois eventos em homenagem à personalidades estrangeiras em Paris, Leonardo da Vinci e Jean Jacques Rousseau; porém, houve manifestações da organização jovem de extrema direita na tentativa de interromper a glorificação de um estrangeiro em Paris, no caso apenas do suíço Rousseau, já que a liga franco-italiana conseguiu imprimir uma significação diversa ao evento ao anunciar uma manifestação da aviação.
Camões em Paris	XXVIII	7	1 e 2	10154	25 jul. 1912	*sem data	**Camões em Paris:** Xavier de Carvalho dirige palavras encomiástica a Camões e enaltece os seus esforços desde a iniciativa até a realização de sua "aspiração patriótica". **(Sem título/ O príncipe dos poetas):** O correspondente anuncia o resultado da eleição do Príncipe dos Poetas e, com 380 votos, Paul Fort venceu a disputa. O poeta eleito, considerado o sucessor de Verlaine, Mallarmé e agora Dierx, é tido como generoso, mas sobretudo rebelde e anarquista contra a "célebre realeza". **(Sem título/ Um bom livro):** José Augusto Correia enviou o livro *Philosofia divina e humana* ao cronista,

[32] Erro do jornal

							que se diz surpreso com “tanta distinção aos estudos de filosofia [...] e tanto relevo literário” desse “livre-pensador [...] do materialismo científico”, mas ainda mais do “racionalismo radical”.
C. P.	XXVIII	3	6 e 7	10178	18 ago. 1912	13 jul. 1912	**Novas literárias:** O cronista anuncia a estreia de mais uma modalidade de condecoração literária, trata-se da insígnia de Príncipe dos contistas. Tal ideia foi lançada pela folha vespertina, *Intransigent* e, de pronto, acatada. Xavier de Carvalho elenca os nomes mais votados até então, como: Henri Duvernois, Annie de Pene, Maurice Level, Formont e o seu favorito Anatole France.
C. P.	XXVIII	7	1, 2 e 3	10181	21 ago. 1912	18 jul. 1912	**Ainda o monumento de Camões:** O correspondente informa que enfim a escultura de Camões tomou seu lugar na praça da avenida Camões, em Paris, e explica que o atraso se deu pelo excesso de despesas, mas que ainda aguarda a demonstração de “patriotismo dos que no Brasil ainda nos não puderam auxiliar”.
C. P.	XXVIII	8	5 e 6	10187	27 ago. 1912	27 jul. 1912	**Paris de estio/ Assuntos de verão:** O cronista relata que os letrados e políticos estão em férias, os teatros e concertos estão fechados e a ausência de assunto lhe obriga a falar sobre as tempestades, que com seus raios, fulminou um aristocrata ilustre e tem incendiado florestas e moradias.
C. P.	XXVIII	5	1, 2 e 3	10188	28 ago. 1912	3 ago. 1912	**A bela Mme. Block, literata e assassina:** A colaboradora de revistas e escritora dramática, Mme. Block, matou a tiros de revólver a amante de seu esposo. O cronista relata que a alta sociedade parisiense apoia a esposa traída e que, caso seja condenada, se transformará em “uma das heroínas de

							Paris, citada nas crônicas, apontada nas primeiras representações, com retratos em todas as ilustrações e nos cinematógrafos". **O monumento de Jean Lorrain:** Xavier relatou que durante anos o contista e poeta Jean Lorrain foi tido como o mais espirituoso contista de Paris e deixou um valioso acervo de "livros com impressões sentidas, vivas e deliciosas" e por isso é merecedor da homenagem recebida na cidade de Fécamp, onde foi erguido o seu busto. **(Sem título):** A folha parisiense *Intransigeant* promoveu uma enquete visando eleger um príncipe contista ou poeta. Os nomes levantados foram Paul Fort e Anatole France. Xavier de Carvalho declara seu voto e torcida para o amigo Anatole France, considerado por ele como "o primeiro prosador moderno da França". O resultado da votação será divulgado em uma próxima edição. **Reaparece a *Joconda:*** O correspondente relata que um homem misterioso entregou o quadro de da Vince ao embaixador da Inglaterra em Paris, mas os peritos desconfiam da autenticidade da obra e Xavier de Carvalho pondera que o motivo seja a recompensa de meio milhão.
C. P.	XXVIII	5	1 e 2	10191	31 ago. 1912	9 ago. 1912	**O poeta Jean Richepin:** Um acidente na estrada de ferro, em que os vagões saíram dos trilhos, tinha como passageiro o poeta Jean Richepin. O correspondente afirma que o poeta não se feriu e ajudou os feridos, até mesmo dirigindo-lhes palavras de "conforto e esperança".

C. P.	XXVIII	6	3 e 4	10194	3 set. 1912	15 ago. 1912	**A morte de Massenet/ Uma grande perda para a arte francesa:** O cronista relatou a grande tristeza que tomou Paris pela morte do ilustre maestro.
C. P.	XXVIII	5	5 e 6	10203	12 set. 1912	22 ago. 1912	**O hino de *Camões:*** Mesmo após a inauguração do monumento de Camões, as consagrações ao "maior escritor da língua portuguesa" permaneceram. Dessa vez, quem concebeu a honraria foi o senhor Galland, com a música *Hymne à Camões*, cuja letra é do poeta Felix Castanier e foi cantada pela primeira vez pelo Sr. Génecand, no banquete em homenagem ao poeta dos *Lusíadas*. **A casa *Lumiére* e *Jougle:*** O atelier mais importante da França, *Lumiére et Jougle*, enviou ao correspondente do *País*, fotografias "enormes e belas" das cenas da inauguração do monumento de Camões em Paris. Xavier de Carvalho relatou também, que uma das fotografias expandidas ficou exposta na sede da *Société des Études Portugaises.*
C. P.	XXVIII	5	1 e 2	10209	18 set. 1912	29 ago. 1912	**(Sem título):** Segundo o cronista Paris está triste porque "os teatros [estão] fechados, porque o *monde chic* se encontra ainda nas praias e no campo".
C. P.	XXVIII	9	1, 2 e 3	10218	27 set. 1912	6 set. 1912	**O suicídio de Paulo Robin:** Tido como o patriarca da educação moderníssima, o ex-diretor do colégio de Cempins, onde tentou a coeducação dos sexos, tira a própria vida aos 70 anos. Xavier de Carvalho menciona que o intelectual deixou muitas obras notáveis de educação, mas seu último trabalho, ainda inédito, diz muito sobre ele e leva o título de *Manual técnico do suicídio.*

C. P.	XXVIII	3	1, 2 e 3	10234	13 out. 1912	20 set. 1912	**A crônica da semana:** Comentários sobre a guerra "Não acreditamos numa guerra próxima. Mas, se ela vier, será formidável e bem diversa em resultados do que a de 1870.
C. P.	XXVIII	5	3, 4 e 5	10229	8 out. 1912	13 set. 1912	**O Instituto de jornalistas em Paris:** O cronista apresenta o Instituto de jornalistas, que se auto custeia, já que não conta assistência e sustento do Estado e oferece inúmeros cursos, como: filosofia, moral, pedagogia social, arte e jornalismo. Além disso, o correspondente aconselha a formação de um instituto semelhante no Rio de Janeiro. **O governo italiano e o monumento de Camões em Paris:** Luigi Betti, escultor do busto de Camões recém-inaugurado, foi condecorado pelo governo italiano como grau de cavaleiro da coroa Italiana.
C. P.	XXVIII	2	3, 4, 5 e 6	10239	18 out. 1912	27 set. 1912	**Em memória de Zola:** Como de costume, haverá uma romaria de escritores à Medan, no intuito de "visitar a casa do mestre amado". **O monumento de Oscar Wilde:** O correspondente relata que o túmulo de Oscar Wild, no cemitério de Père Lachaise, ainda não foi inaugurado com o monumento funerário criado por Jacob Epstein; o motivo seria a condenação do "genial poeta inglês" por atentado à moral, em Londres, no entanto, o cronista acredita que o real motivo seja o fato da polícia francesa ter descoberto "umas vagas, bem vagas intensões de apologia ao terceiro sexo, na obra deliciosa e digna do escultor". **Versos de um poeta brasileiro:** O cronista relata que recebeu o livro intitulado *Versos de um diletante*, do

							distinto poeta e advogado, Dr. Adherbal de Carvalho e considera apenas o título irregular e injusto.
C. P.	XXVIII	4	1 e 2	10245	24 out. 1912	5 out. 1912	**A festa do aniversário da República Portuguesa:** O correspondente relatou que, mesmo mediante ao cenário de guerra, a celebração do 2º aniversário da República Portuguesa aconteceu e apesar de ter sido modesta, foi muito significativa, já que um grupo de literatos franceses e portugueses levaram flores ao monumento de Camões, onde Xavier de Carvalho proferiu algumas palavras. **(Sem título):** O escultor Betti apresentou um admirável busto em mármore da Mme. Caio Prado, uma ilustre senhora da colônia brasileira em Paris. A revista *A Carteira de Paris* ficou responsável pela publicação da gravura do busto e de um artigo sobre o artista.
C. P.	XXVIII	2	1, 2 e 3	10251	30 out. 1912	10 out. 1912	**A ideia de uma missão industrial francesa no Brasil:** O cronista relata que publicou um artigo na revista francesa de língua portuguesa, *Carteira de Paris*, sobre o senador Mascuraud, "respeitado[...] nos círculos políticos [...] e no alto comércio e indústria", na intenção de incentivar o investimento de Mascuraud em terras brasileiras. Além do mais, o diretor da revista emitiu uma nota em concordância com as ideias de Xavier de Carvalho.
C. P.	XXVIII	5	2, 3 e 4	10258	6 nov. 1912	17 out. 1912	**A morte de Lemerre:** O correspondente anuncia a morte de Alphonse Lemerre, o editor da célebre livraria Lemerre, responsável por lançar muitos escritores e poetas modernos, como Catulle Mendés,

							Verlaine, Sully Prudhomme, Le Comte Lisle, Bourget e Maxime Formont.
C. P.	XXVIII	4	1, 2 e 3	10270	18 nov. 1912	25 out. 1912	**Virgílio Mauricio:** Xavier de Carvalho relata que recebeu a visita do pintor brasileiro, que tenciona organizar uma exposição de seus quadros em Paris e o cronista menciona que o evento será um sucesso pelo fato do artista ser inspirado pela escola francesa moderna. **Um novo livro de Rémy Gourmont:** O cronista anuncia o livro *Souvenirs du symbolisme* e salienta que poucos homens são capazes de falar sobre essa época "curiosa de lutas literárias", como Goumont. O período culmina com a chegada de Xavier de Carvalho à Paris e, por esse motivo, ele rememora os seus estudos sobre o movimento decadentista e simbolista, na casa de Mallarmé ou na cervejaria da *Source*, com Verlaine e Jean Moréas; ademais, o cronista promete a publicação de suas memórias com "notas curiosas e originais" sobre o movimento.
C. P.	XXVIII	4	1, 2, 3 e 4	10275	23 nov. 1912	1º nov. 1912	**O Sr. Alfaya Rodrigues:** O brasileiro regressa a Santos depois de firmar um contrato com o escultor Massa, para a conclusão dos monumentos de Bartholomeu Lourenço de Gusmão e de Xavier da Silveira.
Título	**Ano**	**Pág.**	**Col.**	**Edição**	**Data publ.**	**Data da correspondência**	**Temas de interesse cultural e literário**
C. P.	XXVIII	3	1, 2, 3 e 4	10318	5 jan. 1913	12 dez. 1912	**As festas de Paris:** O correspondente relata alguns eventos que aconteceram na França. O destaque foi dado à venda do quadro *As dançarinas*, de Henri Rouart por 450 mil francos e ao festival Kropotkine.

							Além disso, menciona que algumas revistas iriam conceder prêmios a romancistas desconhecidos. **O aniversário de Kropotkine:** O filósofo, humanitário e grande pensador do anarquismo recebeu uma comemoração pelo seu aniversário de 70 anos. Xavier de Carvalho ressalta a jovialidade do intelectual, que estava presente até mesmo em seu discurso, já que suas palavras não eram sobre "o fim da vida", mas expressavam o vigor "pela causa da emancipação humana".
C. P.[33]	XXVIII	3	6	10321	8 jan. 1913	19 dez. 1912	***Elegâncias*:** O correspondente comenta sobre a revista *Elegâncias*, que além de lindas gravuras, contém várias crônicas escritas por "nomes poderosos" da literatura brasileira.
C. P.	XXVIII	4	1 e 2	10324	11 jan. 1913	19 dez. 1912	**Pensamentos de um grande escritor sobre o Brasil:** Xavier de Carvalho relata que o romancista francês, Paul Adam, esteve no Brasil, de onde saiu muito entusiasmado. O parisiense ressaltou tanto a beleza natural quanto a grandiosidade no domínio do pensamento e das artes brasileiras; além disso, considerou organizar uma exposição de artistas franceses no Brasil. O correspondente internacional do *País* em Paris sugere que um livro de Paul Adam sobre o Brasil seria um sucesso enorme.
C. P.	XXVIII	1 e 2	6, 1 e 2	10334	21 jan. 1913	27 dez. 1912	**O fim de um grande artista:** A arte francesa perdeu um dos seus mais importantes pintores, Eduardo Detaille, que foi vencido, aos 64 anos, por problemas cardíacos. Discípulo de Meissonier, o artista produziu

[33] Excerto retirado da correspondência destinada à coluna Carta de Paris, do dia 19 dez. 1912, mas publicada avulsa, já que a coluna não foi publicada no dia.

							telas diversas e ganhou notoriedade na cena francesa. O cronista destaca a percepção aguçada de Detaille, por conta dos pormenores que imprimia em suas obras. Por sua genialidade, foi nomeado à Academia de Bellas Artes em 1892, bem como para a Sociedade dos Artistas Franceses. **Alexandre Mercereau:** Um dos autores da geração literária moderna francesa, Alexandre Mercereau, estava prestes a publicar dois trabalhos instigantes. Um deles seria o livro *La Congue miraculense*, com ilustrações de Albert Gleizes. Xavier de Carvalho ressalta que Mercereau é mais conhecido pela sua prosa, marcada por um "estilo firme, claro e filigranado".
C. P.	XXVIII	2	1, 2 e 3	10335	22 jan. 1913	3 jan. 1913	**Richepin:** Uma solenidade em homenagem ao poeta Richepin, em meados de fevereiro, estava sendo preparada. Dentre os eventos em planejamento está um banquete, que promete ser esplendoroso ao lado de outros poetas. Conforme o cronista, Richepin foi um dos mais "belos e nobres poetas da Europa Ocidental". **D. Carlos Íntimo:** Xavier de Carvalho comenta sobre um livro de Brito Camacho, intitulado *D. Carlos Íntimo*. O cronista relata que, devido aos grandes erros, Camacho não deveria sequer ser mencionado no jornal, no entanto, empregou o nome dessa coluna de maneira depreciativa. Por esse motivo, o correspondente diz que o escritor esgotou todo seu talento em "piadas e sueltos".

C. P.	XXVIII	5	5, 6 e 7	10348	4 fev. 1913	10 jan. 1913	**Contra o maxixe:** O correspondente relata que a Áustria "católica e intransigente" proibiu o maxixe brasileiro no país, com a justificativa de que "ofende os bons costumes e excita as almas ao pecado". **A revista *Elegâncias*:** Xavier de Carvalho anuncia o lançamento do primeiro número da revista "ultramundana", que foi inaugurada com sucesso e destaca que 30 mil exemplares foram enviados ao Rio de Janeiro.
C. P.	XXVIII	6	5 e 6	10379	8 mar. 1913	14 fev. 1913	**Daniel Lesueur contra Camões:** A permanência da estátua de Camões em Paris está sendo questionada devido a uma oposição vinda de "um homem forte de Belas Artes". Por esse motivo, a romancista Daniel Lesueur ficou encarregada de realizar um inquérito para descobrir o motivo; porém, o marido da escritora é "dependente do comissário" e, por essa razão, a sua opinião foi contrária a manutenção da estátua. O fato revoltou muitos, inclusive Xavier de Carvalho. **Palestra com Guerra Junqueiro:** O cronista relata ter passado duas horas em uma palestra com Guerra Junqueiro, que estava prestes a concluir seu livro filosófico *a Unidade do ser*. Xavier de Carvalho menciona que, em relação a questões políticas, o poeta foi muito compassivo até mesmo com alguns casos de repressão.
C. P.	XXVIII	1 e 2	6, 7, 1 e 2	10381	10 mar. 1913	20 fev. 1913	***Elegâncias:*** O número que se encontrava no prelo trará uma prosa de Maria Amália Vaz de Carvalho, poemas de poetas portugueses e brasileiros e iniciará a publicação do romance de Maurice Vaucarie, *A profissão de Mlle. Pip*.

							O monumento de Camões: Xavier de Carvalho comanda uma campanha contra a demolição do monumento de Camões e relata ter recebido petições assinadas por inúmeros nomes da literatura francesa.
C. P.	XXVIII	1 e 2	6 e 1	10389	18 mar. 1913	28 fev. 1913	***Elegâncias*:** Xavier de Carvalho comenta sobre o último número da revista *Elegâncias*, destacando os artigos e poesias, que enfatizam o estudo da mulher moderna por D. Maria Amália Vaz de Carvalho, os versos de Affonso Lopes Vieira e de Heitor Lima. Por fim, o correspondente afirma que *Elegâncias* é "a mais bela revista que existe em língua portuguesa".
C. P.	XXVIII	6	5 e 6	10400	29 mar. 1913	6 mar. 1913	**O terceiro volume de *Elegâncias*:** Xavier de Carvalho comenta a publicação do romance de Vancaire denominado *O emprego de mademoiselle Pip*, que conta com ilustrações, mencionado no novo volume da revista *Elegâncias.* **Fotografias pornográficas:** Um fotógrafo, residente no bairro Montparnasse, foi preso devido a exploração infantil em bilhetes postais. Segundo informações, o fotógrafo retratava crianças de 10 a 12 anos posando completamente nuas em seu atelier. Posteriormente, as fotografias eram enviadas à América Latina, sobretudo Buenos Aires.
C. P.	XXVIII	2	1 e 2	10407	5 abr. 1913	14 mar. 1913	**O artigo de Germain:** Xavier de Carvalho cita o artigo de Germain, que versa sobre a questão da ideologia anarquista não ter nenhuma base filosófica, justificando que não se pode fazer dela uma experiência substancialmente sociológica, uma vez que uma sociedade anarquista só poderia ser imaginável através de homens perfeitos. O cronista

							ressalta que com a falta de leitura de clássicos como Kropotkine e Proudhon, o movimento perdeu muito do seu valor.
C. P.	XXVIII	1 e 2	6, 7 e 1	10413	11 abr. 1913	21 mar. 1913	**Uma cadeira de literatura portuguesa em Paris:** Um curso de língua e literatura portuguesa será ministrado na Sorbonne. **O livro de versos de Mme. Jane Catulle Mendés/ A cidade maravilhosa:** *La ville merveilleuse* é o título da obra tida como "o cântico dos cânticos das belezas do Rio de Janeiro". **A exposição dos independentes/ Cubistas, futuristas e alienados:** O cronista relata a inauguração do Salon des Indépendants, uma exposição de arte "audaciosa e por vezes bem incoerente" revelada por Cesanne e Van Gogh, Signac e Luce, Perinet e os cubistas.
C. P.	XXVIII	1 e 2	6, 7 e 1	10433 (danificada)	1º maio 1913	11 abr. 1913	**Contra as estátuas:** Depois do ato de vandalismo contra a monumento funerário de Oscar Wilde, os governantes decidiram suspender as glorificações em bronze e em mármore de grandes personalidades.
C. P.	XXVIII	6	1, 2, 3 e 4	10448	16 maio 1913	18 abr. 1913	**Tese médica do Dr. Paulo de Rio Branco:** Xavier de Carvalho enaltece a tese de doutorado do médico Paulo do Rio Branco, intitulada *Anatomie et medicine operatoire du tronc coeliaque, em particulier de l'artere hepatique*. Trata-se de um volume de 800 páginas, com muitas gravuras e gráficos. O cronista ressalta que não irá fazer uma análise por não ser de sua alçada, visto que não se trata de um romance ou poema; no entanto, enfatiza a importância e a sabedoria do médico.

C. P.	XXVIII	2	1, 2 e 3	10451	19 maio 1913	22 abr. 1913	**Um grande pintor italiano que visita o Brasil/ Augusto Crotti:** Xavier de Carvalho elenca alguns dados biográficos de Crotti e salienta que o pintor "vai reaparecer no Rio, como nova técnica, mais profundamente moderno, cheio de audácia".
C. P.	XXVIII	5	1, 2 e 3	10471	8 jun. 1913	10 maio 1913	**A estátua de Camões e a sua demolição/ O escultor Betti:** Xavier de Carvalho relata que o comitê Camões, que organizou a inauguração do monumento em homenagem ao poeta português não existe, especialmente porque o responsável deverá arcar com as despesas da demolição e, por isso, cabe ao correspondente a responsabilidade, porque foi o idealizador, mas declara que não fará nada para evitar ou efetivar a demolição; por outro lado, menciona que o escultor pedirá 20 a 30 mil francos de perdas e danos aos que demolirem sua obra. **Uma nova publicação de A. d'Atri:** *Les Etats Unis du Brésil* voltará a ser publicada depois de três meses suspensa e trará entrevistas com Antonio Prado e Pinheiro Machado, além da conferência de Graça Aranha. **Um busto a Rio Branco:** O escultor Hamoir fez um busto em mármore, homenagem ao seu sogro, barão do Rio Branco. Muito elogiado também tem sido o monumento de D. Pedro II, obra de Maillard, que será destinado ao Ceará.
C. P.	XXVIII	1 e 2	6, 7 e 1	10472	9 jun. 1913	15 maio 1913	**A morte da célebre Thereza:** A cantora, outrora muito aclamada, morre "quase esquecida" aos 82 anos. O correspondente elenca alguns dados

							biográficos e curiosos da vida da artista, que tinha como nome verdadeiro Emma Valadan. **O monumento de Catulle Mendés:** O cronista anuncia a romaria ao cemitério de Montparnasse para a celebração em homenagem ao poeta, romancista, crítico de arte e dramaturgo, Catulle Mendés. **A conferência de Hamilton Pires:** O brasileiro realizou uma conferência sobre sua terra natal e elencou inúmeras projeções. **Jorge Colaço:** O pintor português, acompanhado da esposa, a poetisa Branca de Gonta, está em Paris hospedado na casa da escritora Olga de Moraes Sarmento da Silveira. **Theotonio Filho:** O jovem escritor brasileiro e também correspondente de vários diários fluminenses em Paris, acaba de publicar um livro de contos, "que principia pelo *Bruno Ragaz*, *anarquista* e que termina pelo *Amor e o vício*". ***La vie des lettres*:** A revista, tida como o "pendão da vanguarda dos novos", acaba de ser inaugurada. Dirigida pelo jovem romancista e poeta, Nicolas Beauduin, *La vie des lettres* conta com prosas e poesias de Henri de Régnier, Comtesse de Noailles, Vielé Griffin, Émile Verhaeren e tantos outros.
C. P.	XXVIII	3	1, 2 e 3	10476	13 jun. 1913	23 maio 1913	**Um novo livro de Krapotkine:** Intitulado de *La Science moderne et l'anarchie*, o livro do filósofo russo é tido como um sério trabalho sobre muitas correntes como das ideias jacobinas, do capitalismo, mas principalmente a próprias ideias anarquistas.

							A revista *Elegâncias:* A Mme. Oliveira Lima, esposa do ministro do Brasil na Inglaterra terá seu retrato publicado na revista, juntamente com versos e prosas de escritores de renome, além de uma página dedicada ao conde de Sabugosa com dois de seus sonetos.
C. P.	XXVIII	5	1, 2 e 3	10502	9 jul. 1913	19 jun. 1913	**Ainda a questão do monumento Camões/ A má fé do sindicato dos proprietários:** Xavier de Carvalho relata que foi chamado ao tribunal para ouvir do advogado do sindicato dos proprietários que o busto de Camões só seria devolvido após o Comitê Camões pagar o custeio da demolição. O cronista se revolta, mas diz que deve aceitar e conclui retificando que "mais uma vez o rico insolente se vinga sobre a miséria". **Um livro sobre a Espanha:** O cronista recebeu um livro da editora Armand Colin, escrito por Angel Marvaud, com o título *L'Espagne au XX Siécle*. A obra, com mais de 500 páginas, aborda a vida política e econômica do país e conta com fatos e documentos curiosos, que fundamentam a aprofunda decadência espanhola nos últimos séculos. ***Elegâncias*:** Xavier de Carvalho comenta sobre o artigo publicado na revista *Elegâncias*, escrito por Olga de Moraes Sarmento sobre o Rio de Janeiro. O cronista destaca que o artigo é acompanhado de "gravuras originais e curiosas". Além disso, menciona que o mesmo volume da revista também versou sobre o busto de Camões que foi ser destruído.
C. P.	XXVIII	2	2 e 3	10507	14 jul. 1913	25 jun. 1913	**A "Revue" e Teixeira de Queiroz:** A revista *La Revue*, conhecida pelo seu grande valor literário,

							publicou um estudo sobre Teixeira de Queiroz, "um ilustre acadêmico e escritor a quem a literatura portuguesa deve muito". Xavier de Carvalho expõe alguns trechos desse estudo, ressaltando a tendência clássica do escritor e lamenta que as obras de seu conterrâneo não tenham a popularidade que merecem, mas acredita que o futuro dará às obras de Teixeira de Queiroz o seu devido valor.
C. P.	XXVIII	5	1, 2 e 3	10523	30 jul. 1913	11 jul. 1913	**A *suirée das mil e uma noites* que Mme. Du Gast ofereceu à elite de Paris:** A noite artística contou com a presença de jornalistas e da elite parisiense e dispôs de tantas atrações, como concertos musicais, danças típicas e até mesmo uma espécie de gincana, que foi comparada as *Mil e uma noites*.
Ecos e Fatos	XXVIII	1 e 2	7 e 1	10531	7 ago. 1913	18 jul. 1913	**O Brasil na exposição de Gante:** Xavier de Carvalho relata ter ido à cidade de Gante, na Bélgica, para participar de uma exposição internacional e confidenciou que o seu maior interesse era o pavilhão dos cafés de São Paulo. Na ocasião, teve oportunidade de encontrar Victor Orban, autor de *Literature Brésilienne* e vice-cônsul do Brasil em Bruxelas e o maestro brasileiro Macedo
C. P.	XXVIII	4	1 e 2	10546	22 ago. 1913	25 jul. 1913	**Pela memória de Severo:** Xavier de Carvalho anuncia o evento em homenagem ao brasileiro vítima de um acidente aéreo em Paris.
C. P.	XXVIII	4	1, 2 e 3	10548	24 ago. 1913	1º ago. 1913	**O livro de Mme. Lacombe:** O correspondente anuncia o lançamento do livro, *Lettres d'un poitrinaire à sa fiancée*, de Mme. Magdalena Frondini Lacombe. Os versos alexandrinos que compõem a obra são traduzidos no mesmo volume e considerados

							pelo cronista como “da mais pura e sincera inspiração poética e [...] sem complicados símbolos”.
C. P.	XXVIII	4	1 e 2	10555	31 ago. 1913	9 ago. 1913	**(Sem título):** Xavier de Carvalho comenta sobre a publicação dos “versos sentimentais” de Frondeni Lacombe. A coletânea é intitulada de *Lettres d’un poitrinaire à sa fiancée*. O cronista diz ter lido com todo o prazer os mais “belos e emocionais” versos e saúda o triunfo da poetisa.
C. P.	XXVIII	7	1, 2 e 3	10568	13 set. 1913	14 ago. 1913 (Não foi assinada)	**Pela memória de Severo e de Bartholomeu de Gusmão:** Através da iniciativa da Academia Aeronáutica Bartholomeu de Gusmão, realizou-se o evento de inauguração da lápide do aeronauta e deputado do Rio Grande do Norte, Severo. Apesar da ausência de boa parte da colônia brasileira, Xavier de Carvalho destaca a presença de Coelho Neto e Medeiros de Albuquerque.
C. P.	XXVIII	5	5, 6 e 7	10574	19 set. 1913	21 ago. 1913	**Camões no Instituto de França/ O fim de uma campanha/ Um lugar de honra em Paris ao poeta dos *Lusíadas*:** A obra de Betti, que foi mandada demolir pelo conde d’Andigné, encontrou um local adequado para ser exposta: o salão de honra da Biblioteca Mazzarine, onde foi acolhida pelo diretor do Instituto, mas também dramaturgo e poeta, Sr. Porto-Riche. **O novo drama da Comédia francesa/ *Yvonie*:** O correspondente descreve a peça intitulada *Yvonie*, de Paul Ferrier e sua filha Jeanne Ferrier, que acaba de ser lançada, como “um drama lacrimoso [...] de três atos românticos”.

							O livro de Jeanne Landre: A escritora "tão audaciosamente parisiense" acaba de publicar um livro de contos denominado *Le doigt dans l'oeil*.
C. P.	XXVIII	4	1 e 2	10578	23 set. 1913	30 ago. 1913	**Gonçalo de Reparaz:** O cronista relata que seu amigo, Gonçalo de Reparaz, viajou para a Espanha após a morte do pai. Lá se estabeleceu e se tornou redator de vários jornais, escrevendo em três idiomas. A especialidade de Reparaz são os assuntos geográficos; no entanto, nos últimos tempos, tem escrito sobre a política internacional. **O livro de Alberto Lamego/ A terra de Goitacá:** *Terra de Goitacá*, de Alberto Lamego, é um estudo de uma das tribos do Brasil antigo. Dividido em dois volumes, o extenso trabalho conta com muitas reproduções coloridas, diversos quadros e mapas antigos. Segundo Xavier de Carvalho, todos os brasileiros deveriam ler essa edição de luxo. **A França e a Espanha:** Nos últimos números do jornal *Echo de Paris*, foi publicado um artigo do general Bourety, intitulado *França e Hespanha*, em que é elucidado a aliança entre Inglaterra, Espanha e França, formando uma "tríplice entente" para discussão de questões geopolíticas.
C. P.	XXVIII	2	1, 2 e 3	10581	26 set. 1913	5 set. 1913	**A imprensa de Paris e o busto de Camões:** O cronista transcreve um trecho de um artigo da *Humanité*, felicitando a *Société des Études Portugaises* et Bresiliennes, que conseguiu instalar definitivamente o busto de Camões no salão nobre da Biblioteca Mazarine.

C. P.	XXIX	3	1, 2, 3 e 4	10589	4 out. 1913	12 set. 1913	***Elegâncias:*** Xavier de Carvalho relata que o último número da revista conta com versos e prosas de Odette de Carvalho, Antônio Correia de Oliveira, Irineu de Mello Machado, Nuno Simões, Annie de Vene, Affonso Lopes de Almeida e dele próprio. **José Campas no Rio:** O correspondente anuncia a ida de José Campas, "um dos mais distintos e dos mais notáveis artistas modernos de Portugal" à capital brasileira.
C. P.	XXIX	8	1, 2 e 3	10597	12 out. 1913	18 set. 1913 (Não foi assinada)	**(Sem título):** O pintor português, José Campas, inaugurará uma exposição de suas telas no Brasil.
C. P.	XXIX	2	1, 2 e 3	10603	18 out. 1913	25 set. 1913	**Les amis de Camões:** A sociedade literária publicará o primeiro boletim de versos e prosa de escritores franceses que cultuam o poeta português.
C. P.	XXIX	1 e 2	6 e 1	10620	4 nov. 1913	10 out. 1913	**(Sem título):** O correspondente salienta que inúmeros personalidades ilustres brasileiras estão em Paris, dentre elas estão Coelho Neto, Filinto de Almeida e a esposa Julia Lopes de Almeida **Pela memória de Diderot:** Xavier de Carvalho relata sua iniciativa em reunir um grupo de cerca de quinze portugueses para visitar o túmulo do enciclopedista Diderot. A singela homenagem foi rápida, mas honrosa.
C. P.	XXIX	5	5 e 6	10626	10 nov. 1913	17 out. 1913	**A crise das estátuas em França:** O correspondente denuncia que algumas estátuas em homenagem a grandes escritores, como Émile Zola e Jean Jacques Rousseau estão sofrendo graves "acidentes", já que tem surgido "cortes ou rachaduras" inexplicáveis. Além disso, havia a possibilidade da estátua de

							Shakespeare ser derrubada, a exemplo do que havia ocorrido com o monumento de Camões. **A próxima inauguração do túmulo de Benoît Malon:** Xavier de Carvalho anuncia que um túmulo em homenagem ao grande socialista Benoît Malon seria inaugurado no dia 9 de novembro. O autor da obra *Le Socialisme Integral* e o correspondente internacional do *País* em Paris trocavam cartas e até mesmo dedicatórias e, segundo este, "ninguém teria defendido com maior entusiasmo a República do Brasil do que Malon".
C. P.	XXIX	2	1, 2 e 3	10633	17 nov. 1913	23 out. 1913	***Elegâncias:*** O correspondente anuncia que o próximo número da revista trará a baronesa de Mattos Vieira, "a distinta dama brasileira, da colônia em Paris", na primeira capa.
C. P.	XXIX	3	1, 2 e 3	10637	21 nov. 1913	31 out. 1913	**Richepin e o tango/ Da Academia a Montmartre/ Tanguices várias:** O ilustre poeta, Jean Richepin, provou, no salão da Academia Francesa, que o tango "nem era indecente nem antiestético" e, por isso, a dança argentina voltou a ser admitida nos salões parisienses. **O prêmio Nobel é o Dr. Charles Richet:** O poeta, filósofo, dramaturgo e sobretudo fisiologista, Charles Richet, foi honrado com o prêmio Nobel de medicina, pela descoberta da anafilaxia. Dr. Richet foi um dos conferencistas na evento em homenagem a Machado de Assis, em 1909. **A obra greco-latina em Paris:** Xavier de Carvalho relata a formação de um comitê francês da Sociedade Greco-Latina, iniciada em Roma e que deveria ser

							organizada também no Rio de Janeiro, conforme a sugestão do correspondente, que também sugere Oliveira Lima ao cargo de presidente, já que é o "nome de escritor brasileiro mais conhecido e apreciado na Europa".
C. P.	XXIX	6	1, 2 e 3	10643	27 nov. 1913	7 nov. 1913	**Decadência nas ruas e nas artes:** O cronista lamenta a mediocridade em que todos os ramos da arte se encontram, já que o esnobismo invadiu as manifestações artísticas. **O amor das damas futuristas:** A poeta, Valentine de Saint Point, anuncia em vários jornais a série de conferências que pretende ministrar sobre a sua "teoria do amor", fato que tem intrigado muitos críticos, especialmente da *Revue Independante*.
C. P.	XXIX	2	1 e 2	10651	5 dez. 1913	13 nov. 1913	**O almoço dos amigos de Camões:** O cronista relata ter participado do primeiro almoço do grupo literário, organizado por Camilo Fróes e presidido por François Deloncle.
C. P.	XXIX	4	1, 2, 3 e 4	10668	22 dez. 1913	20 nov. 1913	**A sociedade literária dos amigos de Camões:** O correspondente relata ter participado do almoço que teve por objetivo constituir o grupo literário e planejar a série de conferências sobre o poeta português e sua obra. Presidido François Deloncle, a comissão ficou composta por Magalhães Lima, René Ghil, Maxime Formont, René Bonnamy, André Salomon, H. Scarabin, Joelas Bois, Rosa Limpo, José Augusto Correia, José Barbosa de Araújo, Camillo Fróes. **O concerto do professor de canto Carlos de Carvalho:** O concerto de canto, piano e violoncelo realizado pelo brasileiro, Carlos de Carvalho, foi

							composto inclusive por cânticos de sua terra natal, como: *As virgens mortas*, de Bilac, música de F. Braga; as *Trovas*, de Duque Estrada, música de Nepumuceno e a canção de Fontoura Xavier.
A passagem do Natal	XXIX	3	1, 2, 3, 4, 5 e 6	10671	25 dez. 1913	*Sem data	**Jesus de Nazaré: o culto da natividade/ Messias/ a obra de Jesus.**
C. P.	XXIX	4	1, 2, 3, 4 e 5	10672	26 dez. 1913	29 nov. 1913	***Elegâncias:*** Xavier de Carvalho relata que o número especial de natal da revista contará com sonetos de Gomes Leal, contos de Ruben Dario e Gomes Carrillo, poemas de Mário Pacheco, Xavier Lobato, Annie de Pene e Maurice Vancaire, além de um estudo, de sua autoria, sobre as origens dos mitos cristãos.
C. P.	XXIX	3	1 e 2	10675	29 dez. 1913	8 dez. 1913	**O livro *Enigme Allemande*, de Georges Bourdon:** O redator do *Figaro,* Georges Bourdon, publicou um livro com o título *L'Enigme Allemande*, que aborda a relação entre França e Alemanha, partindo das velhas discussões e intrigas entre ambos os países, em especial a disputa da Alsácia-Lorena após a guerra de 1871. O cronista destaca que o livro discute muitas questões diplomáticas, mas sobretudo o desejo de guerrear dos alemães, que se consideram pacíficos.
Título	**Ano**	**Pág.**	**Col.**	**Edição**	**Data publ.**	**Data correspondência**	**Temas de interesse cultural e literário**
C. P.	XXIX	4	1, 2 e 3	10685	8 jan.1914	13 dez. 1913	**A *Gioconda* reaparece/ O fim de um pesadelo/ O perigo de introduzir estrangeiros em obras do Estado:** Xavier de Carvalho relatou a volta do quadro *Gioconda* (*Mona Lisa*) ao salão do Louvre depois do roubo sofrido. Para o cronista a tela carrega em si a reputação da mais "bela, enigmática e melancólica"

							obra de arte. Segundo ele e de forma irônica, a *Gioconda* enfastiou-se da movimentação frenética da capital das luzes e foi em busca de findar a nostalgia que sentia de sua terra natal. E faz suposições sobre o possível "larápio", dizendo que provavelmente seria um imigrante italiano que trabalhava no museu. **O que ganham os artistas parisienses nos teatros e concertos:** Conforme o cronista, um parisiense publicou uma reportagem falando sobre os lucros que os grandes atores recebem diariamente e que caches astronômicos de 500 a 800 francos são comuns em Paris. Finaliza ressaltando que muitos trabalhadores não recebem por mês a metade que os artistas recebem por noite. **Ainda e sempre o Tango:** O correspondente internacional menciona como foi o processo de aceitação do Tango em Paris. Comenta que apesar de ser muito combatido, o seu sucesso só cresce. Mesmo tento os presidentes da república, do senado e da câmara dos deputados proibido a dança, os cidadãos parecem não ter excomungado a dança "maldita e diabólica". Com certa ironia, o cronista diz que a decadência do tango é certa, mas por ser "abandalhado em demasia". ***Elegâncias:*** Com versos de vários escritores, inclusive de Gomes Leal, e gravuras de lindas atrizes. O último número de *Elegâncias*, de acordo com o cronista, ficou maravilhoso.
C. P.	XXIX	2	3, 4 e 5	10689	12 jan. 1914	19 dez. 1913	**A volta da *Gioconda*/ Algumas palavras sobre o quadro célebre/ A obra prima de Leonardo da**

							Vinci: Depois do roubo do quadro de Leonardo da Vinci, a obra viajou de museu em museu para receber homenagens de todos os admiradores. Xavier de Carvalho comenta que a polícia esteve com o verdadeiro ladrão em mãos e não o prendeu; além disso, crítica o Estado por admitir que um estrangeiro, que tinha seu retrato na prefeitura, onde existia um "dossiê das suas proezas passadas" trabalhasse no museu. Menciona que o caso é inverossímil que chega a suspeitar que o ladrão tenha agido em quadrilha mesmo este tendo assumido a responsabilidade plena de sua proeza. O correspondente internacional do *País* relata que fez a tradução de um artigo de uma revista francesa sobre a *Gioconda*, em que se destaca o processo de criação da obra de Leonardo da Vinci, conhecida como *Mona Lisa* ou *Gioconda* e a genialidade de da Vinci que é tido pelo correspondente como "superior entre todos os pintores". Xavier de Carvalho faz, ainda, uma espécie de apreciação crítica da obra e exalta o criador da dona do "sorrido inquietador", que passou a ser assunto entre escritores e críticos, mas manteve o seu mistério. **A evolução futurista da dança:** Mme. Valentine de Saint-Point, poetisa, romancista, compositora de música, pintora impressionista e conferencista inovou trazendo a dança aos seus poemas. Xavier de Carvalho relatou que a pretensão da artista era exibir o futurismo por meio de coreografias geométricas. O propósito despertou o interesse de todos e promete ser um grande acontecimento.

							Monumento de Camões: É cogitado a criação de um novo monumento em homenagem a Camões em uma das principais praças da capital francesa. O cronista relata que seu nome não está vinculado com a iniciativa, diferentemente da primeira ocasião e que a obra será financiada pelo governo português. E aproveita para criticar o momento político que seu país estava passando, ao mencionar que os portugueses acolheriam uma estátua de Victor Hugo com honrarias, mas que isso só seria possível quando os operários manifestantes fossem soltos das prisões para homenagear o "poeta da justiça e da bondade", que certamente seria o primeiro a reclamar "esse ato de justiça à República portuguesa".
C. P.	XXIX	4	1, 2 e 3	10692	15 jan. 1914	25 dez. 1913	**A noite de Natal/ Pantagruélicas ceias/ Paris diverte-se:** O cronista relata que seu estado de saúde não lhe permitiu participar das festividades de Natal. Não foi aos restaurantes, teatros e concertos, às missas do galo, consideradas "grandes manifestações de arte", já que cantores renomados cantam "trechos de músicas clássicas dos grandes maestros, dos chefes da música sacra, como Palestrina, Bach, etc.", tampouco ao convento de freiras do "bairro latino", onde "se canta o religioso natal do século XV, e se executa o cantochão dos maestros da idade média [...], os mais requintados amigos da música clássica [vão] saborear esses trechos do mais alto valor artístico." **A morte de Jules Claretie/ Um excelente homem/ A amabilidade de Jules Claretie:** Xavier de Carvalho anuncia, mesmo com alguns dias de atraso,

							a morte do escritor Jules Claretie, por quem nutria uma amizade de pelo menos 15 anos, desde o Congresso Internacional da Imprensa, em Lisboa; a partir de então, os encontros agradáveis oferecidos pelo escritor em seu "artístico apartamento" nunca deixaram de existir. O cronista ressalta que todo pedido de colaboração em festas portuguesas e brasileiras o "bondoso" escritor aceitava de bom grado. Em relação a sua obra literária, o cronista relata que "não causou assombros, mas sempre [foi] bem recebida, aplaudida, muito querida. Não deixou um livro qualquer do mais alto valor". Finaliza dizendo que com a morte de Claretie "desaparece da cena literária de Paris uma das mais belas figuras da França, representando tudo quanto [há] de mais fino, de mais delicado, de mais profundamente *boulevardier* nas letras deste país!" **Valentine de Saint Point e a dança futurista:** o evento ocorrido no teatro dos Campos Elísios, segundo o cronista, foi "um verdadeiro escândalo", já que Valentine, "quase nua, [mostrou-se] em poses extravagantes, exibindo quadrados e triângulos, ovais e ângulos, para exprimir diversos sentimentos dos seus poemas". Salienta que a dança futurista é "para os raros apenas", assim como "os versos dos simbolistas". O correspondente relata que a poetisa pretende levar a sua série de "pouca-vergonha refinada" à América do Sul; o Rio de Janeiro seria um dos locais previstos para espalhar "os dogmas abacadabrantes da luxúria futurista".

C. P.	XXIX	4	3, 4, 5 e 6	10697	20 jan. 1914	1º jan. 1914	**O crânio ensanguentado de Fragson:** O cantor de café concerto, dono de um gênero especial de música, famoso especialmente na Inglaterra e na França, foi assassinado pelo seu próprio pai. Essa tragédia ganhou grande repercussão, já que o seu crânio foi exposto pelo "velho macabro". **O fiasco da *Gioconda*:** Segundo o correspondente internacional, a fantástica obra de Leonardo da Vinci não obteve o prestígio esperado ao ser realocada. O motivo certamente é devido ao alto custo cobrado pelo museu, mas especialmente porque a arrecadação seria destinada à colônia italiana, fato que irritou a população a ponto de um jornal "pouco inclinado aos italianos" debochar da caridade francesa que acabaria por favorecer até mesmo a família de Peruggia, o italiano que "rapinou tão habilmente a *Gioconda*". **Moral Cinematográfica:** De acordo com Xavier de Carvalho, a companhia cinematográfica, com seus filmes "sensacionais e rocambolesco" com "tudo que possa envenenar a alma do povo", que tem abandonado os teatros, enquanto novas salas de cinema são abertas, está prestes a tomar uma decisão acertada: promover um concurso entre escritores célebres para produzir seus filmes. O cronista finaliza dizendo que se deve "regenerar o gosto do público".
C. P.	XXIX	1 e 2	6, 7 e 1	10703	26 jan. 1914	8 jan. 1914	**A morte de Eugênio Fournière/ A vida de um grande sociólogo/ Manifestação de Paris intelectual a Fournière/ Discurso do cronista:** O correspondente notificou, com pesar, a morte do ilustre representante do pensamento francês, o

							sociólogo Eugênio Fournière, de quem era amigo há anos e que foi auxiliar deste na "campanha em favor da República Brasileira, na imprensa francesa". O cronista lembra que o falecido escreveu inúmeros artigos defendendo o Brasil, servindo, dessa forma, de propaganda para "levantar o nome da República nascente", sem ao menos receber "um simples agradecimento". O cronista elenca alguns dados biográficos de Fournière destacando sua origem humilde, suas inúmeras profissões com distinção na docência, foi um escritor aclamado e homem público, foi preso ao discursar a favor do povo, escrevia em muitas folhas de Paris e da província e era diretor da *Revue Socialiste*. Xavier de Carvalho discursou em seu funeral e reproduziu sua fala na crônica. O destaque se dá ao agradecimento em nome da nação brasileira por toda dedicação.
C. P.	XXIX	1 e 2	6, 7 e 1	10716	15 jan. 1914	8 fev. 1914	**A grande manifestação franco-brasileira/ O banquete do comitê França-América/ A arte francesa no Brasil/ O brilhante discurso do ministro do Brasil em Paris/ O Brasil e a França:** Xavier de Carvalho saúda a manifestação promovida pelo Comitê *France-Amérique*, sob a presidência do subsecretário das Belas Artes, o Sr. Jacquet e o ministro do Brasil na França, Dr. Olinto de Magalhães. A imprensa carioca estava representada pelos correspondentes do *Jornal do Comércio*, do *Jornal do Brasil* e do *País*; já a paulista pelo *Diário Popular*. Pintores, políticos, civis, comerciantes, industriais e professores importantes prestigiaram a

							festa. Além dos discursos do deputado Sr. Carnot e do pintor Roll, as palavras do comissário geral, Sr. Hoverticq prenderam a atenção do auditório, especialmente ao elogiar os progressos da cidade de São Paulo. Xavier de Carvalho reproduz trechos do discurso do ministro brasileiro, que teve como foco a influência intelectual francesa sobre a "juventude política e literária [que] não se envergonha" de tal interferência. Além disso, o ministro salienta que o motivo da celebração é a exposição de arte francesa em São Paulo, que é tida como sementes que foram germinadas em solo tupiniquim. O Sr. Jacquet agradeceu a recepção brasileira da arte francesa.
C. P.	XXIX	1 e 2	6, 7 e 1	10726	18 fev. 1914	29 jan. 1914	**Ódio sacerdotal contra o tango/ Um professor de dança contra o cardeal arcebispo de Paris/ O tango e a igreja:** Xavier de Carvalho relatou o inconformismo do professor de tango, o Sr. Stilson, em relação ao sacerdote cardeal Amette, que baniu o gênero. Com essa medida anunciada à população parisiense, o professor dessa dança "ultramoderna" perde suas alunas e consequentemente sua renda. A discussão terminou nos tribunais, onde o professor questionou o cardeal se ele já havia assistido a dança para poder condená-la, depois que o sacerdote assistiu uma apresentação, quis retirar a excomunhão, fato que o cronista considera inválido, já que "as beatas têm [...] vivo horror ao tango... como ao próprio diabo". **(Sem título)** O correspondente antecipa uma possível manifestação em honra à escritora brasileira D. Julia Lopes de Almeida.

							Os amigos de Camões Xavier de Carvalho menciona que o *Comité des Amis de Camoens* deseja representar, por meio de um filme, toda a vida de Camões e disponibilizar edições de *Os Lusíadas* mais acessíveis ao grande público. **A morte de Deroulede:** A crônica anuncia o falecimento do poeta Paul Deroulede, reconhecido por seu patriotismo, por esse motivo, Xavier de Carvalho mencionou que "ninguém amou a França com tanto entusiasmo como Deroulede", dono de versos que devem ser "recitados [...] quase de joelhos, como orações piedosas!".
C. P.	XXIX	3 e 4	6, 7 e 1	10745	9 mar. 1914	5 fev. 1914	**O enterro do patriota Deroulede:** O cronista relata sobre o "enorme e deslumbrante" cotejo fúnebre do poeta e político Paul Deroulede. Xavier de Carvalho menciona que, apesar do falecido não ter despertado o entusiasmo que havia "sentido por Hugo, ou por Zola" e ter possuído ideais "políticos, religiosos e econômicos" reversos, o patriotismo de Deroulede, que "era um homem que tinha um coração e um espírito de sacrifício e [...] um passado honrado" é inquestionável. **Por D. Julia Lopes de Almeida:** Xavier de Carvalho foi o responsável pelo banquete de confraternização franco-brasileira dedicado à escritora D. Julia Lopes de Almeida. **A princesa dançarina:** O correspondente relata o desaparecimento da princesa de Mestchersky. A partir de um discurso permeado de ironia, Xavier de Carvalho relata o desaparecimento da princesa russa,

							que é uma dançarina "fantástica e fantasista", que dança "tocando flauta pastoril, de pernas nuas". A polícia e a imprensa se esforçaram para descobrirem o paradeiro da moça, que reapareceu depois de seis dias sem explicar o motivo do seu sumiço. **(Sem título)** O conto do autor brasileiro Costa Macedo, cujo título é "Socialista", estará no próximo número de *Elegâncias* e contará com ilustrações de Julião Machado. **Paulo Brulat:** É feito o anúncio do lançamento de *La vie de Rivette*, do romancista moderno Paulo Brulat, "discípulo direto do naturalismo, um dos grandes amigos de Zola", que dentre os escritores novos, Brulat "ainda não tem no Brasil o renome suficiente".
C. P.	XXIX	4	3, 4 e 5	10746	10 mar. 1914	11 fev. 1914	**As questões literárias que interessam ao Brasil/ O livro de Victor Orban sobre a literatura brasileira/ O Brasil literário em Paris:** O correspondente anuncia a edição corrigida e aumentada de *Literatura brasileira*, de Victor Orban, também vice-cônsul do Brasil na Bélgica. O prefácio é do diplomata Manoel de Oliveira Lima e frontispício do pintor Antônio Parreiras. Xavier de Carvalho menciona a amizade de longa data com o escritor e elenca alguns de seus dados biográficos para enfim comentar a obra, que se dedica a relacionar escritores brasileiros desde o século XVI até então e, por isso, "é um documento indispensável da evolução de tão curiosa literatura". **O banquete de D. Julia Lopes de Almeida:** O correspondente anuncia que dentro de cinco dias, ocorrerá o banquete em homenagem "às letras

							brasileiras na pessoa da distintíssima escritora e colaboradora do *País*, D. Julia Lopes de Almeida", que por ser muito querida em Paris, cerca de 150 pessoas já havia confirmado presença na festa.
C. P.	XXIX	5	1, 2 e 3	10749	13 mar. 1914	18 fev. 1914	**Uma grandiosa e deslumbrante festa franco-brasileira/ Em honra da escritora D. Julia Lopes de Almeida/ O banquete/ Os discursos/ O concerto esplêndido:** O correspondente detalha o banquete dedicado à ilustre romancista brasileira Mme. Julia Lopes de Almeida. Estiveram presentes cerca de 160 pessoas, entre jornalistas e grandes damas da sociedade francesa e brasileira, além de Olavo Bilac e Medeiros e Albuquerque, este último fez um belo discurso em francês, devidamente trajado como membro da Academia Brasileira de Letras; além do acadêmico, outros discursos foram mencionados, como de Mme. Catule Mendés, Mme. Daniel Lesueur e Ernest Gaubert. O banquete contou também com concertos, em que brasileiros e franceses se apresentaram. Em agradecimento, a escritora brasileira publicou uma carta nos principais jornais de Paris. **Um livro de Berthe Dangennes:** O cronista anunciou a publicação da obra *Pour vire as vie*, de Berthe Dangennes, que, segundo ele, não restringe suas atividades apenas aos romances, mas se dedica a "educar as massas e, em especial, a elite" sobre o "movimento das ideias [sobre] o feminismo". Xavier de Carvalho considera o livro esplêndido, "que pode servir de evangelho de uma raça!".

C. P.	XXIX	1e 2	6, 7 e 1	10763	27 mar. 1914	27 fev. 1914	**D. Julia Lopes:** De partida para Lisboa, a romancista brasileira promoveu uma reunião regada "à chá e champanhe a todas as suas amigas, tanto da colônia brasileira, como do meio literário de Paris". O banquete devotado à D. Julia Lopes foi retomado para ressaltar o belo discurso proferido pelo "ilustre presidente da Crítica", o escritor Ernest Gaubert, que também exaltou o *País*, "folha fluminense onde a literatura francesa é tão querida e apreciada". **A glorificação de Sara Bernhardt:** O cronista descreveu a celebração dedicada à Sarah Bernhardt, que contou com a presença de poetas franceses e membros do governo e foi considerada uma linda festa, especialmente pela presença de "personagens da elite", que salvaram a festa que "poderia ter caído no ridículo".
C. P.	XXIX	1 e 2	6, 7 e 1	10765	29 mar. 1914	6 mar. 1914	**Banquete das *Gens de Lettres*:** O correspondente comenta que o próximo grande banquete será realizado pela *Société des Genns de Lettres*, com o intuito de firmar a aproximação franco-brasileira, por isso alguns literatos brasileiros residentes em Paris foram convidados. Xavier de Carvalho menciona que o evento se deve ao grande sucesso do banquete em honra de Julia Lopes de Almeida, organizado por ele e destaca que não foi convidado pela sociedade, mas finaliza dizendo que apenas riu do fato. **O monumento de Victor Hugo/ A verdade exata:** Xavier de Carvalho relata que a revista *Mercure de France*, dirigida por Alfred Vallette, publicou uma "nota pouco exata", dizendo que a iniciativa de

							levantar um monumento a Victor Hugo em Lisboa seria do grupo Les Amis de Camoens, porém o correspondente contesta a responsabilidade ao asseverar que "a iniciativa [...] deve apenas a uma pessoa: ao correspondente parisiense do *País* em Paris [...] lançamos a ideia em 1906, por ocasião da visita do presidente da República Francesa, o Sr. Loubet, a Lisboa" e pondera que a intenção, veiculada em mais de 200 periódicos da época, era a troca das estátuas de Camões e Victor Hugo entre Portugal e França. Além disso, o cronista relembra a demolição do monumento de Camões sob a justificativa de que era pequeno.
C. P.	XXIX	1 e 2	6, 7 e 1	10771	4 abr. 1914	13 mar. 1914	**Antevéspera da mi-Carême:** Xavier de Carvalho conta que recebeu entradas para participar do Baile da Ópera, que acontece devido ao segundo carnaval parisiense, o Mi-Carême; porém, garante que não irá participar, já que as festas atuais já não tem o mesmo encanto da geração de anos atrás, pois a atual "parece uma geração criada por Des Esseintes, o herói do *À Rebours*, de Huysmans." **A exposição de Leal da Camara, no Cércle Berhelot/ A obra de um grande caricaturista**: Paris recebeu, no Cércle Berthelot, uma exposição do caricaturista português de Leal da Câmara, que através de uma "verve cruel", porém "filosófica", possui uma "expressão viva e sentida [..] curiosa e completamente original". No entanto, o cronista deixa latente uma certa insatisfação com o caricaturista que não abordou os acontecimentos portugueses de cunho político.

							A estátua de Victor Hugo, em Lisboa/ Uma carta inédita de Guerra Junqueiro: O correspondente salienta que a recém-formada sociedade *Les Amis de Camões* pediu consentimento à Câmara Municipal de Lisboa para levantar um monumento em homenagem a Victor Hugo; no entanto, salienta que a estátua construída há seis anos por Jean Boucher e vencedora da medalha de honra do Salon de 1912, que seria destinada a Portugal, foi de sua iniciativa e traz uma nota do jornal lisboeta *A República*, confirmando a sua alegação e justificando que as agitações políticas de Portugal não permitiram a concretização da ideia de Xavier de Carvalho. Enquanto esperava por uma resposta lusitana para a inauguração em Lisboa, o cronista pediu ajuda a Guerra Junqueiro para que o processo fosse acelerado. Em concordância, o poeta, enviou uma carta apontando as condições para que a estátua fosse levada à Lisboa e impeditiva era o governo, já que seria uma "infâmia [...] a mão de D. Carlos [...] desvendar a estátua de Victor Hugo" e por esse motivo, o ideal seria esperar a república. **Livros novos**: C. M. Savarit enviou a Xavier de Carvalho um volume de versos chamado *Elévations Sentimentales*. O correspondente classificou a obra como sendo "do mais puro idealismo, com [...] ritmos adoráveis, imagens novas, [de] uma inspiração alta e bela [...] de poeta moderno que sem a audácia dos inovadores, tem seguido [...] estradas libertadoras, em busca do ideal superior de Beleza". Outra nova publicação é a obra do escritor Sr. Georges Rossignol,

							intitulada *No País dos celibatários e dos filhos únicos*, que é dedicada "a todos os franceses", já que o real problema do país é a "falência da natalidade".
C. P.	XXIX	2	1, 2, 3 e 4	10775	8 abr. 1914	19 mar. 1914	**O crime de Mme. Caillaux e o assassinato do diretor do *Figaro*/ O que foi a campanha contra o ex-ministro e a causa do crime/ O enterro de Calmette:** O correspondente anuncia a morte de Gaston Calmette, diretor do prestigiado *Figaro*, cometida pela esposa do ministro das finanças francesa, Mme. Caillaux, que planejou a morte daquele que vinha publicando acusações ao seu esposo político. **Um livro sobre Portugal:** Xavier de Carvalho anuncia a nova publicação do Sr. Lebergue, denominada *La Republique Portugaise*, que tem como um dos assuntos a atividade literária e, por esse motivo, vários autores portugueses são citados. Menciona o brasileiro Múcio Teixeira, "o homem que hoje encarna a arte cientifica e filosófica". Além disso, questões de ordem política também são aludidas; no entanto, o cronista salienta que "um livro[...] sobre a evolução da democracia francesa [...] não se fará tão cedo", já que poderia ferir a vaidade de muitos. **O fiasco da mi-carême/ Os bailes de máscara:** O correspondente relata que a forte chuva atrapalhou o desfile e que, além do lamaçal resultante, a falta de comunicação entre os foliões deixou a festa com o clima de desconfiança.

C. P.	XXIX	3	3, 4, 5, 6 e 7	10782	15 abr. 1914	27 mar. 1914	**A luta de todos os elementos reacionários contra o espírito radical/ Para esmagar o Sr. Caillaux/ A situação da criminosa/ Por que foi morto Calmette:** O cronista relata que todas as instituições, do clero ao setor militar, têm atribuído seus erros ao ministro Caillaux, que vem sofrendo pelo ato "tresloucado", porém "calculado" de sua esposa, tanto que foi demitido. Mme. Caillaux parece ter entendido o seu equívoco e precisa ser vigiada na prisão para não cometer suicídio. **Mistral/ O fim do cantor de Mireille/ A poesia de luto:** Xavier de Carvalho anuncia a morte do literato, prêmio Nobel, Mistral, com quem mantinha "relações epistolares". O correspondente relata que o poeta morreu "cheio de anos e glória [...] em plena apoteose!" **A festa brasileira de Luna Park:** Conforme o cronista, as brasileiras se destacam nas "festas mundanas". Além disso, o grande destaque se dá à dança de roda conhecida como "Vira", apresentada por um maestro brasileiro. **A *France-Amérique*:** O correspondente indica a adesão da revista aos brasileiros que vivem em Paris, pois sempre traz artigos que dizem respeito ao desenvolvimento intelectual dos latino-americanos. **Olinta Braga:** O cronista relata que a tarde de arte promovida por um pianista argentino e pela cantora brasileira, Olinta Braga, foi admirável e tece inúmeros elogios à brasileira.

							***Elegâncias*:** O último número da revista traz o artigo "O Brasil científico em Paris", que tem como assunto as contribuições de brasileiros, como Dr. João B. Canto e Dr. Paulo do Rio Branco, grandes nomes na área da medicina que atuam em Paris. **O pintor Campos, no Rio de Janeiro:** O corresponde relata que o pintor português, José Campos, depois de passar por Paris, algumas cidades da Itália e de Portugal, está de partida para o Rio de Janeiro, "onde a cultura artística se desenvolve" consideravelmente e onde também certamente obterá a "consagração crítica".
C.P	XXIX	4	1, 2 e 3	10800	3 maio 1914	3 abr. 1914	**A nova peça de Lavedan no Ginásio:** A peça teatral *Petard*, de Henri Lavedan, foi considerada um dos maiores sucessos em Paris, mesmo porque representa a "nossa época de covardia em frente do dinheiro", em que indivíduos, que "saíram do nada", chegam à extrema riqueza pela audácia. Lucien Guitry protagonizou a peça e seu desempenho foi louvável **O concerto de Mlle. Olinta Braga:** A Cantora brasileira Mlle. Olinta Braga recebeu muitos aplausos pelo seu concerto. Xavier de Carvalho a considera como uma grande artista, "com um futuro promissor". **A triste aventura do museu de Balzac**: O Sr. Royaumont organizou, na casa de Balzac, uma espécie de museu em homenagem ao romancista imortal da *Comedia Humana*. Porém a casa foi tomada pela proprietária e o acervo acabou nas mãos de um "adeleiro da pior espécie". A ocorrência foi frustradamente destinada ao Conselho Municipal,

							representado pelo conde de Andigné, “o inimigo de Camões, e que agora declarou guerra a Balzac”.
C. P.	XXIX	1 e 2	6, 7 e 1	10803	6 maio 1914	10 abr. 1914	**No Odéon/ Antoine:** O cronista relatou a saída de Antoine da direção do teatro Odéon. Com uma dívida de cerca de 120 mil francos, o teatro era frequentado por estudantes e professores e agora busca por um novo diretor. **O Camões de Betti:** O ilustre poeta português ganhou uma escultura feita por Betti e adquirida por Affonso Arino, membro da Academia Brasileira. A estátua seria exibida no Salon do Grand Palais. **O complicado crime bretão:** O cronista resume elementos de um crime, em que as suspeitas recaem sobre dois indivíduos e menciona que o caso misterioso provoca em toda Bretanha muita curiosidade. Ao finalizar a crônica, Carvalho evidencia que se trata de um romance folhetim “e dos mais curiosos!”. **Uma nova associação ibero-americana:** O correspondente comenta que recebeu o projeto de uma nova Associação Franco-Ibero-americana, que tem como fundador “um dos mais importantes editores de Paris”, Louis Michaud, e um dos sócios fundadores é o Dr. Paulo do Rio Branco. A finalidade é facilitar as relações sociais e, dentre tantas coisas, **“**ajudar os talentos ibero-americanos, por manifestações artísticas, científicas, exposições, conferências, concertos”.
C. P.	XXIX	3	1, 2 e 3	10810	13 maio 1914	16 abr. 1914	**(Sem título):** Xavier de Carvalho relatou como foi à exposição da Sociedade Nacional de Pintura e

							Escultura, realizada no Grand Palais, dizendo que, devido à multidão, não pode dedicar a atenção que o evento merecia, mas que notou grandes artes de Raffaelli, Zuluaga, Manfra, Giran Max, Lhermitte, Roll, La Gandara, Besnard, além do "retrato do Sr. Graça Aranha, pintado pelo artista hispânico Vasquez Diaz" e o quadro intitulado *Envoi de flours*, da brasileira viscondessa de Sistello. **A questão do teatro Odeon/ Os redentores do Odeon:** O correspondente menciona que, para a elite, questão nenhuma é mais interessante do que o fechamento do teatro Odeon, ocorrido pelo simples fato de que era administrado por Antoine, "um ilustre boêmio das letras". **Um belo artigo do *Courrier du Brésil***: Fernando Mendes de Almeida Junior, diretor do semanário, escreveu um artigo repudiando os folhetos, que depreciavam o Brasil e atacavam "um morto ilustre", o barão do Rio Branco, de autoria de um ex-diplomata que, segundo um "médico alienista, está prestes a ser internado", confirmando a implicância que o cronista sempre nutriu pelo "pobre demente". **O último livro de Ernest Gaubert:** O romance de Ernest Gaubert, *L'amour marié*, é indicação de leitura do correspondente que, assim como a crítica literária, considera um "belo e admirável romance", tanto que foi ganhador do prêmio nacional de Ministério de Instrução Pública e está em sua 20ª edição; portanto, não pode deixar de ser lida pelos brasileiros.

C. P.	XXIX	3	1, 2 e 3	10812	15 maio 1914	23 abr. 1914	**Uma visita à exposição das artes decorativas inglesas:** O cronista menciona que a exposição de ornamentação inglesa no pavilhão de Marean, no Louvre, foi inaugurada pelo Rei Jorge V e a Rainha Mary e foi um sucesso e demonstrou o quanto os ingleses estão adiantados em relação aos franceses nesse quesito. **No teatro lírico dos Campos Elisios:** Xavier de Carvalho relata que a ópera do maestro Montemezzi, *Amore dei ter Re*, foi um grande "triunfo artístico". Todos os que estavam presentes aplaudiram entusiasmados. O cronista também anuncia que, em breve, a ópera estará nos palcos da América do Sul. **Elegâncias:** O correspondente menciona que o próximo número da revista trará uma longa crônica sobre a reprodução dos quadros dos artistas brasileiros da última exposição. **O pintor A. Parreiras:** Xavier de Carvalho relatou que a obra do pintor brasileiro está sendo exposta em uma das salas principais do *salon* da Sociedade de Belas Artes e é um dos mais belos quadros "com o estudo do nu". **A gala franco-brasileira no Femina**: A poetisa francesa, Mme. Jane Catulle Mendés, pronunciará um discurso em forma de conferência intitulada *Pourquoi j'aime le Brésil* e contará com a presença de ilustres convidados, que prestigiarão uma apresentação de um "tango brasileiro".
C. P.	XXIX	1 e 2	6, 7 e 1	10820	23 maio 1914	1º maio 1914	**Elegâncias/ José Campas:** Xavier de Carvalho se dirige a "todas as damas do Rio de Janeiro" para

							recomendar a revista *Elegâncias*, já que a revista tem como conteúdo a "moda, os últimos acontecimentos e belos artigos" e anuncia a ida do paisagista de "espírito moderno", José Campas ao Rio de Janeiro. **A conferência de Mme. Catulle Mendés**: Mme. Jane Catulle Mendés realizou "uma manifestação adorável e brilhante", no teatro Femina. Trata-se de uma conferência sobre a fauna e a flora brasileira. Dentre as atrações estavam declamações de poemas brasileiros pelas mais belas atrizes parisienses, danças e concerto instrumental. **No salão/ Os pintores e escultores brasileiros:** O correspondente informou que a exposição no *Salon* dos Artistas contou com a participação de ilustres pintores, como os irmãos Dario e Mário Barbosa, Madruga, Visconti, Wanthier, Simões da Fonseca e Lopes da Silva, além dos escultores M. Hamoir do Rio Branco, Magalhães Correia, Magrou, Fourcade. Todos os artistas têm relações com o Brasil, podendo ser brasileiros ou suas obras são sobre o país ou figuras brasileiras, tal fato permitiu que o Brasil fosse muito bem representado.
C. P.	XXIX	1 e 2	6, 7 e 1	10827	30 maio 1914	8 maio 1914	**Uma visita ao ateliê de Luiz de Burnay:** O jovem pintor português, neto de Ramalho Ortigão, é largamente elogiado pelo belo desempenho de seu ofício. ***Elegâncias*:** O último número da revista traz fotografias dos principais quadros dos artistas brasileiros e portugueses no atual *Salon*.

							Novas literárias: A revista *Latina* voltará a ser publicada e seu número de reestreia será destinado à literatura brasileira.
C. P.	XXIX	1 e 2	6, 7 e 1	10834	6 jun. 1914	15 maio 1914	**Ainda o *salon* de pintura e escultura/ Sobre vários artistas brasileiros/ A escultura Brasileira no *salon*:** O cronista retoma o assunto da exposição de arte para dar os créditos devidos ao pintor Magrou - que fez um busto de A. de Azevedo e o *Adieu*, figura simbólica que ornará o túmulo da esposa do deputado brasileiro Irineu Machado - e também aos escultores brasileiros Z. Paraná - que apresentou um busto de D. Pedro II e uma estátua de Dionísio, que revelam qualidades e técnicas superiores, e João Turim - que esculpiu um busto de Léon Mac Auliffe e medalhões do barão do Rio Branco, do poeta Bilac e do general Pinheiro Machado. O correspondente também menciona os nomes do escultor, genro do barão do Rio Branco, Amadée Hamoir, além a desenhista Fedora do Rego Monteiro e do pintor Virgílio Mauricio. **O concerto de Magdalena Tagliaferro:** A cantora/pianista realizou um recital de músicas clássicas e encantou "o meio ultra-mundano da colônia [...] com o seu raro e precioso talento".
C. P.	XXIX	1 e 2	6, 7 e 1	10837	9 jun. 1914	22 maio 1914	**A resposta do Dr. Affonso Arinos a um explorador:** o escrito brasileiro Arinos escreveu um artigo em resposta às ofensas "arqui-fantásticas sobre o norte do Brasil" proferidas por Savage Landor em uma conferência realizada na Sorbonne.

							Os insultos a Joana d'Arc e a apologia de Mme. Caillaux/ O cotejo em honra de Joana d'Arc: Xavier de Carvalho relatou que houve uma manifestação organizada em memória da heroína Joana d'Arc. Essa que "sofreu em prol da liberdade da Pátria", vem sendo difamada pelo ex-deputado Thalamas, que chegou a aplaudir a assassina do jornalista Calmette. **Pela glória de Victor Hugo:** O correspondente foi convidado, pelo presidente da Société Victor Hugo, para fazer parte da cerimônia em memória do glorioso poeta. Na ocasião será inaugurado um monumento esculpido por Jean Boucher em sua honra. A estátua foi feita, a princípio, para ser posta em Lisboa, como já foi mencionado pelo correspondente, porém tomará lugar na ilha de Guarnesey, onde Hugo se exilou. **Uma nova revista brasileira:** A *Tribune Franco-Brésilienne* é uma revista da intelectualidade do Rio Janeiro, Minas Gerais e São Paulo situada na Europa e dirigida pelo Sr. Rosenberg. O correspondente menciona o número em que o poeta Paul Fort faz uma saudação a Olavo Bilac e traz uma música do maestro brasileiro Manoel Joaquim de Macedo. **A cantora Tagliaferro:** O cronista retoma o principal assunto entre a elite da colônia brasileira em Paris, que é o triunfo da pianista, que continua sendo intensamente saudada. **O novo livro de Rémy de Gourmont:** Xavier de Carvalho anuncia o livro *Divertissements*, de Rémy de

							Gourmont, que é o "poeta francês mais querido entre os brasileiros".
C. P.	XXIX	2	6 e 7	10849	21 jun. 1914	29 maio 1914	**Em honra de Joana d'Arc/ A tradição que se esquece/ No Pantheon/ Pela memória de Victor Hugo:** Após uma breve retomada da história da jovem heroína, Xavier de Carvalho relata, fazendo uso da ironia, que os católicos fizeram um cotejo em homenagem a ela; além disso, menciona que foi uma bela manifestação, mas que preferiu participar da romaria dos poetas franceses ao túmulo de Victor Hugo, no Pantheon, que foi presidida pelo escritor Victor Marguerite. **O Brasil na exposição de Lyon:** O cronista relata que um pavilhão do Brasil será inaugurado e a seção principal será dos cafés brasileiros. A iniciativa é da condessa de Conceição, que pretende dispor o pavilhão para realizações de conferências de "notabilidades francesas sobre o Brasil". **Barrès na Síria:** Maurice Barrès, membro da Academia Francesa está de partida para o Oriente a fim de estudar as regiões de influência francesa e o cônsul geral da França, Sr. Reffy, o acompanhará. ***As Elegâncias:*** O próximo número da revista trará contribuições literárias, das quais se destacam os versos de José de Azevedo Castello Branco e algumas páginas consagradas aos artistas brasileiros que expuseram no *Salon.* Além disso, também trará um artigo sobre o "templo da dança", fundado por Izidora Duncan e a publicação de um novo romance chamado

							May, a biscainha, de Geiger, o romancista "mais em moda em França".
C. P.	XXIX	1	6 e 7	10864	6 jul.1914	6 jun. 1914	**Justino de Montalvão no Rio de Janeiro:** O correspondente tece muitos elogios ao seu conterrâneo, destacando seu espírito moderno, ironia e inteligência. Destaca que virá acompanhado de Alberto de Oliveira, "outro escritor de um alto e maravilhoso talento", e um dos próceres do fascismo português, diga-se de passagem, seu livro *Palavras loucas* foi muito lido. **O Brasil na exposição de Lyon/ Os cafés de S. Paulo e a condessa da Conceição:** O cronista menciona que fará parte da festa franco-brasileira em Lyon, que tem como presidente o Dr. Fonseca, mas como idealizadora a Condessa da Conceição. A festa tem a intenção de atestar o progresso e a força econômica do Brasil. **Carlos de Mesquita:** Considerado um dos melhores pianistas de Paris, Mesquita realizou um "esplêndido concerto". **O tenor Camargo:** O brasileiro, segundo o correspondente, é "um dos melhores tenores modernos", tem alcançado grande sucesso nos teatros da França e da Itália e recebendo a consagração da crítica. **A *Tribune Franco-brésilienne*:** O último número da revista, dirigida por Rosenberg, traz um artigo de Xavier de Carvalho, sob o pseudônimo de Otávio Mendes, sobre os artistas brasileiros que participaram da exposição do *Salon*. Dentre outras menções ao

							Brasil, o cronista destaca um artigo de Victor Orban sobre o escritor brasileiro Manoel de Oliveira Lima.
C. P.	XXIX	4	1 e 2	10869 (danificada)	11 jul. 1914	11 jun. 1914	**A inauguração do pavilhão de S. Paulo na exposição de Lyon/ A obra patriótica da Condessa da Conceição Serra Negra:** O cronista exalta os esforços da condessa brasileira, esposa do grande fazendeiro Manoel Ernesto da Conceição, que tem feito importante serviço ao levar o café paulista para Europa. Além disso, menciona que a exposição foi um sucesso e contou com a presença de muitos ilustres. **Sr. Elpídio Pereira:** O representante do Brasil no Congresso Internacional de Música é o Sr. Elpídio Pereira. O músico ficou incumbido de apresentar a "boa música brasileira" no concerto e, conforme o correspondente, essa missão foi realizada com louvor. **Amis de Camões:** Na comemoração do aniversário de *Os Lusíadas* (10 de junho), cerca de 50 intelectuais se reuniram para um almoço presidido pelo escritor Victor Marguerite.
C. P.	XXIX	1 e 2	6, 7 e 1	10871	13 jul. 1914	18 jun. 1914	**Caravana para Escócia:** O correspondente relata que as "municipalidades da Inglaterra" convidaram alguns escritores para visitar a Escócia e financiaram todas as despesas. Nesse mesmo sentido, Xavier de Carvalho menciona que mais de 50 correspondentes internacionais da imprensa estrangeira partiram para a Exposição de Lyon com todas as despesas pagas pelos diretores do evento; no entanto, relata que os representantes brasileiros não foram lembrados e se solidariza com o colega do *Courriére du Bresil*, que denunciou o descaso.

							Uma conferência de Hamilton Pires: Xavier de Carvalho noticiou a conferência do Sr. Hamilton Pires, tido como um grande patriota brasileiro, já que "está sempre a enaltecer o Brasil em suas falas" e tem feito um belo trabalho na propaganda do Brasil na França.
C. P.	XXIX	1 e 2	6, 7 e 1	10880	22 jul. 1914	28 jun. 1914	**A bela e admirável festa parisiense da celebração do 5º aniversário do Comité France Amérique/ Os discursos de Hannotaux e do presidente da República/ O concerto latino americano:** Xavier de Carvalho relata que participou da festa de aniversário do *Comité France Amérique*, em que as "canções repletas de emoção" e os hinos de vários países da américa marcaram a noite; além disso, destaca um trecho do discurso do presidente do comitê, Mr. Hannotaux e do presidente francês, Mr. Poincaré. O cronista não deixa de destacar a apresentação do maxixe brasileiro e assinalar o sucesso que o trecho de *Palmier*, de Medeiros e Albuquerque, recitado pela atriz Moreno alcançou. **Hamilton Pires:** O correspondente relata que participou de uma das conferências do brasileiro, que fez uma "obra sã de propaganda brasileira, fugindo de exageros e dando nota real, exata e nítida do que é o Brasil". **A *matinée* de Araújo Beltrão**: A esposa do diplomata Araújo Beltrão promoveu uma reunião para amigos das colônias da América Latina, em que versos foram recitados e trechos musicais foram cantados pelo tenor Camargo.

							O Rio de janeiro em Lyon/ O Dr. Carlos Seidl: O correspondente anuncia a inauguração da Exposição Urbana do Rio de Janeiro, organizada por Carlos Seidl, na Exposição de Lyon.
C. P.	XXIX	5	1, 2, 3 e 4	10899	10 ago. 1914	8 jul. 1914	**A exposição urbana do Rio de Janeiro na Exposição de Lyon/ A obra de Dr. Carlos Seidl/ Os discursos:** Em uma longa crônica, Xavier de Carvalho relata a sua viagem para participar da exposição sobre o Rio de Janeiro. Referente ao galpão, menciona o cuidado com itens de higiene e as maquetes das medidas sanitárias inovadoras do Rio, que ocupam a entrada. Relaciona os nomes dos ilustres que participaram da exposição. Exalta o discurso de Olynto de Magalhães. Destaca que o comissário geral, Mr. Courmont, saudou o Dr. Carlos Seidl, considerando-o "um dos primeiros higienistas do século" e trouxe na íntegra o discurso em francês de Seidl. No pavilhão das conferências, Mme. Jane Catulle Mendés fez um panorama das riquezas do Brasil, incluindo os escritores mais notáveis. **O belo banquete do Brasil no restaurante das Nações/ O discurso do Sr. Carlos Seidl:** O correspondente descreve a decoração, o menu, as atrações musicais e de dança; além disso, relaciona os convidados mais ilustres e apresenta o novo discurso de Seidl.
C. P.	XXIX	4	5, 6 e 7	10905	16 ago. 1914	17 jul. 1914	**As festas do monumento de Hugo/ Explicações inéditas sobre a obra do escultor Boucher/ Por que é que Hugo não foi inaugurado em Lisboa e foi parar a Guernesey:** A cerimônia de inauguração do

							monumento de Victor Hugo, em Guernesey, contou com o pronunciamento do poeta Richepin, e dos prosadores Hervieu e Victor Margueritte. O cronista menciona que a obra de Boucher, feita há 7 anos, não foi para Lisboa por causa da crise do regime monárquico e a inauguração do monumento poderia desencadear uma manifestação republicana sem precedentes, por isso, o escultor resolveu vender a obra para o governo francês.
C. P.	XXIX	1	2, 3 e 4	10906	17 ago. 1914	31 jul.1914	**O conflito horrível:** O cronista relata o clima na França nesse período pré-guerra e salienta que "a liberdade política, de reunião e de imprensa está amordaçada."
C. P.	XXIX	2	6 e 7	10913	24 ago. 1914	26 jul. 1914	**Uma carta de Justino de Montalvão:** O cronista reproduz a carta que recebeu de seu conterrâneo e amigo de profissão, que agradece a crônica a seu respeito publicada no *País*. **Rodrigo Soares no Brasil:** Xavier de Carvalho relata que o retorno de Rodrigo Soares para o Brasil depois de 15 anos, certamente, se deu devido às exposições de suas obras, inclusive da apoteose do poeta João de Deus, obra que recebeu os aplausos de todos os críticos franceses.
Carta da Guerra	XXIX	3	4, 5 e 6	10963	13 out. 1914	10 set. 1914	**Discussão entre os intelectuais alemães e os do mundo civilizado:** Diante do cenário da Guerra, Xavier de Carvalho relata ter se mudado para Bordéus, de onde acompanha a discussão sobre o adjetivo "bárbaro" para denominar os alemães, especialmente os envolvidos nos bombardeios de Lovaina, Liège e da catedral de Malinas. O

							dramaturgo alemão Gerhart Hauptmann foi quem protestou sobre a alcunha; em contrapartida, o escritor e músico francês, Romain Rolland, o poeta belga, Maeterlinck e o filósofo Bergson se posicionaram em resposta ao alemão. O correspondente traz um trecho do artigo de Rolland, em que o francês diz que os compatriotas de Hauptmann não estavam satisfeitos em "guerrear a Bélgica viva" por isso guerrearam também a "Bélgica morta", através de seus museus, catedrais e instituições históricas. Para demonstrar sua posição, o correspondente diz desejar que a "Alemanha bárbara fique marcada a ferro em brasa com a maldição da história através de todos os séculos". Além disso, encoraja a mocidade brasileira, bem como os jornalistas, artistas e professores a assinarem um protesto contra as barbaridades alemãs e enviar ao Rei Alberto, da Bélgica, em repúdio aos atos que ceifaram a vida de estudantes brasileiros em Liège e "contra os brutos que maltrataram o venerado Dr. Bernardino de Campos e toda família".
C. G.	XXIX	3	1, 2 e 3	10968	18 out. 1914	15 set. 1914	**A opinião do romancista Wells:** O correspondente traz trechos de um artigo do escritor inglês, H. G. Wells, intitulado *Todo o gladio empunhado agora contra a Alemanha é um gladio mais em favor da paz*, que foi publicado no jornal *New-York World*. Dos fragmentos elegidos, destaca-se o prognóstico do romancista para fim da guerra, que seria em três meses, já que a França está "preparada para a sombria guerra [...] mesmo sem nós (a Inglaterra)"; bem como, o relato de que a marinha alemã, por mais agressiva

							que fosse, teria o mesmo fracasso da aeronáutica, simplesmente pela "falta de invenção". **O cronista e a guerra:** Xavier de Carvalho anuncia que recebeu do estado-maior a carta de correspondente de guerra, fato que o possibilita visitar os campos de batalha, seguir de perto as operações da guerra e o direito de traduzir para o português "a história oficial e completa da guerra" e promete iniciar a publicação detalhada e com gravuras inéditas o mais breve possível.
C. G.	XXIX	3	1, 2 e 3	10983	2 nov. 1914	22 set. 1914	**A destruição da catedral de Reims:** O correspondente demonstra indignação ao dizer que "há vinte e quatro horas podíamos ver com os nossos olhos essa admirável glória da arte gótica, de que hoje só restam madeiras calcinadas, pedras [...]" e finaliza de forma irônica ao mencionar que essa é a "obra da intelectual Alemanha!". **O fiasco da cultura teutônica:** De acordo com Xavier de Carvalho, a literatura alemã é "medíocre", já que não há poetas ou romancistas que possam servir de comparação às literaturas francesa, brasileira e portuguesa.
C. G.	XXIX	5	3 e 4	10997	16 nov. 1914	2 out. 1914	**(Sem título):** Xavier de Carvalho diz compartilhar do mesmo medo do escritor Hanotaux. Ambos temiam que os alemães destruíssem a catedral de Lyon, assim como já tinham feito com outros ilustres patrimônios da cidade das luzes.
C. G.	XXIX	2	3 e 4	11011	30 nov. 1914	7 out. 1914	**O novo Ubu-Roi:** O romancista Paul Margueritte escreveu um artigo relacionando o chefe dos exércitos invasores a um personagem da tragédia burlesca de

							Jarry, já que ambos têm "a mesma crueldade baixa, a mesma luxuria fantástica, o mesmo ar autoritário de 'parvenu' coroado". É possível perceber que o teor premonitório de uma obra de vanguarda, *Ubu-Roi*, começa a ser percebido. A adesão dos artistas é significativa. **Uma Carta de Anatole France**: O escritor francês, Anatole France, redigiu uma carta denominada *Guerra Sociale*, com o intuito de motivar a vitória da França contra seus invasores. Em nova carta, ao ministro da guerra, Anatole pede para ser incorporado ao exército, "como simples soldado"; a mesma atitude foi tomada pelo poeta Laurent Tailhade.
C. G.	XXX	4	6 e 7	11014	3 dez. 1914	12 out. 1914	**A espionagem alemã:** Xavier de Carvalho acusa agentes alemães de pagar jornais portugueses e brasileiros para publicar "notas mentirosas das agências alemãs e [...] entrevistas de falsos enfermeiros da Cruz Vermelha prussiana"; por isso, se diz temeroso pela possível influência que tais apologias à Alemanha podem causar.
C. G.	XXX	7	1 e 2	11024	13 dez. 1914	15 out. 1914	**O famoso manifesto dos intelectuais alemães:** O correspondente relata que vários jornais franceses publicaram a tradução de um manifesto, assinado por intelectuais como Ernesto Haeckel, Hauptmann, Brentano, Oswald e, portanto pelos "chefes do monismo, do materialismo, do livre-pensamento alemão, [...] professores das mais famosas universidades e diretores das principais academias". Segundo o cronista, o intuito do manifesto é o protesto contra o espírito de bárbaros com que o povo alemão

							tem sido designado e uma tentativa de justificar ou negar os ataques atribuídos a eles; porém, Xavier de Carvalho considera o manifesto "mais um ato da excessiva vaidade germânica" repleto de mentiras e falsificações. **(Sem título):** O cronista menciona que Martinho Botelho publicou, no *Brasil Magazine*, um número especial dedicado à guerra, abordando o que se passou com os diferentes núcleos das colônias brasileiras na Europa.
C. G.	XXX	1	6 e 7	11029	18 dez. 1914	6 nov. 1914	**Resposta a um alemão/ a verdadeira história e o senso moral acima de tudo/ Um sugestionado da agência Wolff/ Testemunho insuspeito e real:** Xavier de Carvalho responde a carta do leitor alemão, publicada no dia 4 de outubro, em que o imigrante repudia o posicionamento tido como hostil do correspondente para com seus compatriotas; nesse sentido, o português diz sentir-se honrado com as ofensas dirigidas a ele pelo alemão e que mantém o mesmo ódio que expressou na crônica em questão. Ademais, menciona que o "*alboche*" se fundamentou em telegramas falsos da agência Wolff e tenta desmentir as atrocidades que o próprio estado-maior prussiano comprovou. Para finalizar, o cronista salienta que apenas ele responde pelas suas crônicas e não envolve as responsabilidades a quem quer que seja, mesmo que nas suas crônicas sejam traduzidos os sentimentos do público nos centros civilizados europeus.

							A morte do jornalista Gairaud: O correspondente anuncia a morte do escritor Clement Gairaud, que assinava, por vezes, com o pseudônimo G. de Michelet. Xavier de Carvalho comenta sobre alguns dados biográficos do ex-diretor da *Gazeta dos países latinos* e menciona a relação próxima deste com escritores brasileiros. **Ainda o sábio Haeckel:** Xavier de Carvalho salienta que os intelectuais franceses não conseguem entender o fato do "apóstolo da teoria evolucionista" ter aderido ao manifesto dos intelectuais alemães, que nada mais é do que uma "apologia às atrocidades da atual guerra". Além disso, o cronista traz trechos da *Morfologia geral dos organismos*, de Haeckel e assinala as controvérsias entre o manifesto e a obra.
C. G.	XXX	1 e 2	6, 7 e 1	11032	21 dez. 1914	1º nov. 1914	**Contra os jornalistas:** O correspondente internacional relatou que os jornalistas parisienses vêm recebendo ameaças por terem escrito artigos violentos contra o imperador Guilherme II da Alemanha.
Título	**Ano**	**Pág.**	**Col.**	**Edição**	**Data publ.**	**Data da correspondência**	**Temas de interesse cultural e literário**
C. G.	XXX	1 e 2	6 e 7, 1 e 2	11044 (danificada)	2 jan. 1915	19 out.	**O estado de guerra:** O correspondente relata que manter a coluna está cada dia mais complicado, visto que não possui nada além das notícias de estado-maior e pequenos detalhes permitidos pela censura; por outro lado, garante que não fabrica vitórias, tampouco arquiteta derrotas, como tem feito várias agências telegráficas e lamenta que os leitores do *País* não

							tenham a noção completa do que se passa durante a guerra.
C. P.	XXX	2	3 e 4	11046	4 jan. 1915	18 nov. 1914	**A verdade sobre a política agressiva da Alemanha/ A opinião de Cipriani:** Tido como um revolucionário italiano, Amilcare Cipriani, publicou um artigo chamado *L'Allemagne se rebiffe*, no qual analisa a "política criminosa" da Alemanha, que tem desencadeado muitos desastres por toda a Europa e condena as atitudes dos intelectuais alemães. **Um artigo de Emilio Gauthier:** De acordo com Xavier de Carvalho, o artigo, publicado no *Petit Journal*, tem como foco demonstrar um pouco da "psicologia das raças" que estão em guerra, e destaca que o autor relembra uma enquete, que alcançou tanto franceses quanto alemães, que visava elencar as sete maravilhas do mundo. As respostas dos alemães mostraram semelhanças com as dos franceses e, por isso, Gauthier fundamenta o conceito de que os alemães são invejosos; nesse mesmo sentido, Xavier de Carvalho aponta que a inveja alemã está em todos os âmbitos, inclusive no literário. Por outro lado, Gauthier destaca o fato de que as diferenças demonstram o gosto dos alemães "pelo monstruoso e pelo anormal", como é o caso do zeppelin.
C. P.	XXX	2	1 e 2	11050	8 jan. 1915	3 dez. 1914	**O que é o livro amarelo da diplomacia francesa:** O correspondente menciona que os jornais franceses publicaram alguns excertos do livro, vindo do ministério das relações exteriores, em que se debate o tema da guerra, em especial as questões geopolíticas, e evidencia que a Alemanha, por inúmeros motivos, é

							a verdadeira responsável pela guerra, na pessoa de Guilherme II.
C. P.	XXX	1 e 2	6,7 e 1	11053	11 jan. 1915	25 nov. 1914	**A situação:** O correspondente relata que a vitória das tropas russas na Polônia trouxe otimismo para todos; nesse mesmo ímpeto, os intelectuais chegam a contemplar a derrota daqueles que destroçaram "os principais monumentos, que fuzilaram os não-combatentes e que espalharam o terror por toda parte". **Uma entrevista com Alves da Veiga, ministro de Portugal em Bruxelas:** O cronista menciona que a atitude altruísta de Alves da Veiga não permitiu que ele contasse seus feitos em prol dos portugueses que viviam na capital Belga, mas destaca que muito se sabe sobre suas atitudes filantrópicas, inclusive com Mercedes Blasco, que para fugir de Liége, precisou de um passaporte para Holanda, concedido pelo ministro. Ademais, o correspondente comenta que a atriz portuguesa está escrevendo um livro de impressões sobre a Bélgica nesse período de guerra, que será dedicado ao rei Alberto I e promete ser "curiosíssimo", já que é escrito por quem presenciou uma boa parte das "crueldades dos alemães na região". Durante a entrevista o assunto da censura da imprensa entrou em pauta, quando Veiga relata que apenas jornais alemães e alguns holandeses são permitidos. **Ainda as ilusões últimas dos intelectuais alemães:** O cronista ressalta que os intelectuais alemães

							estranham a pouca simpatia que a causa imperialista obtém dos povos da América do Sul
C. P.	XXX	4	1, 2 e 3	11059	17 jan. 1915	16 dez. 1914	**A situação da Alemanha:** Dentre os âmbitos militar e econômico, Xavier de Carvalho destaca que a situação da esfera intelectual alemã também tem vivido "tempos nebulosos", já que o apelo dos 93 "sabichões" que pretendiam "desmentir as atrocidades praticadas pelos soldados do kaiser" só tem produzido repugnância em todos os "países neutros".
C. P.	XXX	3	1, 2 e 3	11070	28 jan. 1915	23 dez. 1914	**Alemães conscientes que protestam:** Segundo o correspondente, Haeckel, um dos adeptos ao manifesto intelectual alemão, tem combatido a intelectualidade inglesa, e esse fato tem causado estranheza, uma vez que ele foi um discípulo de Darwin.
C. P.	XXX	6	1, 2, 3 e 4	11097	24 fev. 1915	28 jan. 1915	**Um escândalo em Paris:** O correspondente relata que muitos jornais franceses têm ridicularizado as habilidades poéticas de Guilherme II; porém, destaca que muitos admiram as "poesias imbecis" do imperador, justamente pelo cargo que ocupa. Além disso, traz uma poesia criada pelo soberano juntamente com sua tradução e, ironicamente, alega que para criar tal poesia, "o kaiser levou cerca de duas horas de meditação, a sós na sua cabine!".
C. P.	XXX	2	1, 2, 3 e 4	11116	15 mar. 1915	6 fev. 1915	**A festa latina da Sorbonne:** Xavier de Carvalho anuncia a realização de uma festa latina, presidida pelo acadêmico francês, Sr. Paul Deschanel, que tem por objetivo afirmar a solidariedade latina e proclamar o triunfo da França e seus aliados em oposição à

							“barbaria germânica”. O correspondente declara ser o representante do Brasil e de Portugal e que discursará juntamente com Guilherme Ferrero, Gabriel d’Annunzio, Lavisse e Pichon.
C. P.	XXX	3 e 4	7, 8 e 1	11117	16 mar. 1915	8 fev. 1915	**Uma entrevista com o Sr. Delcassé, ministro das relações exteriores da França:** O correspondente relata que houve uma espécie de coletiva de imprensa com o ministro e que, dentre os assuntos levantados, o projeto do evento promovido pela cultura latina em oposição à Alemanha teve destaque, uma vez que o ministro felicitou a iniciativa e salientou que as publicações alemãs que persistem em desacreditar o apoio latino nunca lhe causaram receio.
C. P.	XXX	3	1 e 2	11118	17 mar. 1915	15 fev. 1915	**A festa da civilização latina:** O correspondente relata que a festa esteve deslumbrante e que o intento de responder aos “93 sabichões [...] das universidades alemãs [...] assinantes de um manifesto” foi alcançado, mas infelizmente não houve sequer um brasileiro que representasse seu país, já que o Sr. Oliveira Lima, não pode sair de Londres. Xavier de Carvalho reproduz o seu discurso e menciona que todos os jornais de Paris, bem como de Milão, Madrid, Lausanne, Roma e Barcelona reproduziram o seu discurso.
C. P.	XXX	1	6 e 7	11135	3 abr. 1915	26 fev. 1915	**Uma carta de Oliveira Lima:** O ex-ministro do Brasil em Bruxelas enviou uma carta ao *Le Brésil* explicando o motivo da sua ausência na festa da civilização latina. Segundo o brasileiro ele não poderia associar-se a uma manifestação em que as suas “palavras poderiam ferir a neutralidade de um

							país que não deve tomar partido no atual conflito sangrento". Xavier de Carvalho, então, demonstra sua total desaprovação com esse fato, dizendo que a carta lhe causou um desgosto enorme, já que encarou a decisão de Oliveira Lima como sendo uma triste traição. **O Brasil em Paris:** Um comitê franco-brasileiro, fundado para socorrer os inválidos da guerra, realizou um concerto dirigido por Mlle. de Noullas. Muitos artistas se apresentaram, tal como Mlle. Delgado, o tenor Camargo e o cantor brasileiro Villaça.
C. P.	XXX	2	6 e 7	11137	5 abr. 1915	8 mar. 1915	**A Alemanha e o Brasil/ O que diz a *Information*:** O órgão parisiense *L'Information* publicou um artigo intitulado *A propaganda alemã no Brasil*, de autoria do jornalista brasileiro Mendes de Almeida Junior, com o intuito de denunciar o aumento da influência alemã em solo tupiniquim, fato que poderia indicar que a visão da guerra, aos olhos da jovem nação, estaria simpatizada com os alemães. Por outro lado, Xavier de Carvalho testifica ser mentiroso o tendencionismo dos brasileiros em relação aos alemães. **A França e Mme. Julia Lopes de Almeida:** O correspondente relata que a notícia sobre a conferência da escritora brasileira ocorrida no Rio de Janeiro causou a melhor impressão em Paris, já que o assunto da conferência foi o *Vestiaire des blessés*, obra de Pierre Loti, Mme. Catulle Mendés e outros parisienses. Além disso, o cronista menciona que tanto Julia Lopes de Almeida, quanto Graça Aranha e

							Medeiros e Albuquerque denunciaram a barbárie germânica.
C. P.	XXX	5	1, 2, 3 e 4	11155	23 abr. 1915	20 mar. 1915	**O senador Pierre Baudin:** O correspondente internacional relata que, em entrevista ao político, soube de sua viagem ao Brasil, motivada não apenas por questões econômicas, mas principalmente patriótica, já que as manobras de intrigas alemãs contra a França estão cada vez mais intensas. Xavier de Carvalho apresenta um artigo do *Information*, que traz, mesmo com a censura, dados importantes que contribuem para a tarefa do ministro. **A morte de Tarrida del Marmol:** Xavier de Carvalho anuncia, com pesar, a morte do professor e jornalista, Fernando Tarrida del Marmol, e elenca alguns dados biográficos do autor de *Conquista do pão* e *Uma vida*. Segundo o correspondente, o intelectual divulgou a economia brasileira tanto na França, quanto na Inglaterra.
C. P.	XXX	7	6 e 7	11164	2 maio 1915	25 mar. 1915	**Um bravo aos brasileiros conscientes:** O correspondente relata que os franceses estão muito satisfeitos com a formação de um comitê brasileiro em favor dos aliados na guerra. Dentre os nomes estão Ruy Barbosa, José Veríssimo, Medeiros e Albuquerque, Graça Aranha e Julia Lopes de Almeida.
C. P.	XXX	2	6 e 7	11178	16 maio 1915	9 abr. 1915	**Um congresso internacional da paz em Ferrol:** O correspondente anuncia que um grupo está organizando um congresso internacional pela paz, que visa o fim da Guerra, sem vencedores e vencidos, para que no futuro o revanchismo não proporcione novos

							conflitos. Porém, o cronista salienta que essa iniciativa aparentemente ingênua pode ter fins obscuros, já que é como se absolvessem os assassinos.
C. P.	XXX	3	6 e 7	11186	24 maio 1915	16 abr. 1915	**Os filósofos alemães e a Guerra:** Xavier de Carvalho evoca o nome de Nietzsche para enaltecer a originalidade do filósofo alemão e a importância da sua obra, mas principalmente para elencar uma série de citações que, segundo ele, estão nas obras de Nietzsche, para demonstrar o ódio que filósofo nutria pelo seu país e afirmar que este sentimento estaria envolto por um amor à França. Finaliza a crônica dizendo que Heinrich Heine, ainda mais que Nietzsche, mantinha um enorme desprezo pela sua pátria. **Um artista brasileiro:** O correspondente declara que muitas festas têm acontecido em favor dos feridos da Guerra e relata a ocorrência de um concerto promovido pelo cantor brasileiro Camargo, em um hospital francês. O cantor lírico, Dupony, e a soprano, Miss Gorlich também se apresentaram. Além disso, o cronista anuncia que mais um evento, presidido por Anatole France, será realizado em prol dos 45 soldados voluntários portugueses e brasileiros.
C. P.	XXX	4	1, 2 e 3	11195	2 jun. 1915	23 abr. 1915	**Por que é o alemão detestado?:** O correspondente anuncia a publicação de *Aux Allemandes*, do suíço M. Matisse, e salienta que mesmo um intelectual natural de um país neutro, deixa de lado a imparcialidade e se declara inimigo da Alemanha. **A obra de Amilton Pires/ Propaganda do Brasil na Europa:** Xavier de Carvalho anuncia a publicação de

							um artigo do cônsul do Brasil em Le Mans, na revista *La Revue Internacionale*, sobre o programa político e econômico do novo presidente brasileiro Venceslau Brás. **Duas caricaturas interessantes:** O correspondente relata que as revistas de caricaturas de Paris trouxeram duas charges que lhe agradaram por suas mensagens profundas. A primeira representa um burguês francês no conforto do seu lar, com fisionomia enfastiada, exclamando com desdém o prolongar da guerra após ler os jornais; a segunda traz um membro da infantaria francesa reconhecendo o rosto do alemão que acabara de matar como sendo o seu antigo patrão. **A morte de Adelia Hugo:** O cronista anuncia a morte da última filha de Victor Hugo, aos 85 anos, que a anos havia sido acometida pela demência.
C. P.	XXX	6	2, 3 e 4	11196	3 jun. 1915	29 abr. 1915	**As bombas asfixiantes/ O bom senso de Gustave Hervé:** O correspondente declara que o jornal *La Guerre Sociale*, de Gustave Hervé, é o mais sensato órgão sobre a Guerra e descreve um de seus artigos que versam sobre o espírito humanitário francês que se opôs a utilizar de meios cruéis como as bombas asfixiantes, mas agora tem sido atacado por elas. **Um banquete latino:** Xavier de Carvalho relata que participou de um banquete franco-italiano na companhia de Medeiros e Albuquerque e menciona que dentre muitos intelectuais do mundo todo, o nome do intelectual brasileiro foi mencionado no discurso do jornalista Requeni, ao se referir à ação da mocidade

							brasileira e à simpatia que nutrem pela causa da França.
C. P.	XXX	6	1 e 2	11220	27 jun. 1915	21 maio 1915	**Uma grande festa franco-luso-brasileira/ Matinê magnifica/ Artistas brasileiros e franceses vitoriados:** O correspondente relata o acontecimento da festa em benefício dos soldados brasileiros e portugueses que estavam em combate e menciona que apesar de ser de sua iniciativa, foram os franceses que realizaram a celebração em agradecimento ao apoio à França na Guerra. Maxime Formont fez um discurso em louvor às grandes obras latinas, especialmente da Liga dos aliados no Rio de Janeiro, já que considera a "literatura brasileira [a] que, na América do Sul, mais se aproxima da literatura francesa". O cantor brasileiro Camargo se apresentou, bem como Carlos Mesquita. Xavier de Carvalho salienta que a arrecadação para os soldados voluntários não foi de uma quantia considerável, por isso sugere que tanto no Rio, quanto em São Paulo sejam promovidos eventos semelhantes com a mesma finalidade.
C. P.	XXX	2	1, 2 e 3	11228	5 jul. 1915	26 maio 1915	**A deliciosa Chichette:** Xavier de Carvalho evoca o nome de Ameline, cantora francesa, para enaltecer suas contribuições nas obras filantrópicas de sua iniciativa ou apoio, como a festa franco-luso-brasileira em favor dos soldados voluntários portugueses e brasileiros.
C. P.	XXX	6	1, 2 e 3	11232	9 jul. 1915	5 jun. 1915	**A condessa da Conceição:** O cronista relata o acontecimento de uma festa filantrópica, organizada pela condessa da Conceição Serra Negra, em prol da Cruz Vermelha Lorena. A colônia brasileira marcou

							presença, prestigiou o cantor brasileiro Camargo e o rabequista Diaz Albertini e contribuiu com uma soma importante. **Um livro de João Chagas sobre Portugal e a Guerra:** O cronista relata ter recebido de um amigo o livro escrito pelo ex-ministro de Portugal em Paris; esse mesmo amigo pede a sua opinião, sendo assim, Xavier de Carvalho expõe sua indignação com o fato de Portugal não se solidarizar com a França nesse momento de Guerra, elencando vários motivos que refutam as palavras do diplomata.
C. P.	XXX	6	1, 2 e 3	11252	29 jul. 1915	15 jul. 1915	**Uma visita curiosa:** Xavier de Carvalho descreve a visita de um desconhecido, chamado F. Wagner da Costa, morador de Santa Catarina, mas de origem alemã, que foi ao encontro do cronista para dizer que depois da recepção de Baudin, o Brasil demonstrou a sua preferência aos aliados.
C. P.	XXX	6	1, 2 e 3	11258	4 ago. 1915	25 jun. 1915	**Uma grande festa artística brasileira:** O correspondente relata o acontecimento de uma festa oferecida pelo Sr. Lauro de Bittencourt, com o intuito de "ouvir as obras do distinto compositor brasileiro, Sr. Elpidio Pereira".
C. P.	XXX	3	1, 2 e 3	11263	9 ago. 1915	5 jul. 1915	**A liga de toda a América Latina contra o pangermanismo:** O correspondente anuncia que, a exemplo do Brasil, intelectuais argentinos, uruguaios e chilenos criaram uma liga dos aliados em seus respectivos países. **Opiniões de grandes cérebros sul-americanos:** O cronista alude a alguns artigos de sul-americanos que demonstram apoio à França, tais como do escritor

							colombiano, Santiago Perez Triana, no jornal londrino, *Hipania*; do argentino, Juan Mas y Pi, na revista *Nosotros*; do chileno, Alberto Mackenna, no jornal *A Pátria*, de Valparaiso, e do também chileno Valdés, na *Revista nueva*, de Santiago do Chile. Xavier de Carvalho finaliza ressaltando Peru, Bolívia, Guatemala, Costa Rica e Venezuela também se colocaram ao lado dos franceses através de seus "escritores da elite". **O complemento da liga dos aliados/ O manifesto dos intelectuais espanhóis:** Xavier de Carvalho anuncia que a Espanha declarou apoio à França através de um manifesto publicado em todos os jornais europeus. **A *União Latina*:** O cronista relata a inauguração de um semanário, dirigido pelo jornalista italiano Mario Simonatti, denominado *Union Latine*, e salienta que o segundo número contará com um artigo escrito por ele, intitulado "Le Portugal fera son devoir".
C. P.	XXX	6	1, 2 e 3	11264	10 ago. 1915	15 jul. 1915	**A festa austera do 14 de julho/ Paris sério e digno/ Manifestações patrióticas/ A trasladação da ossada de Rouget de Lisle:** Xavier de Carvalho relata que a tradicional festa francesa esteve melancólica e que a cerimônia dominante das manifestações foi a trasladação da ossada de Rouget de Lisle, oficial do exército francês na Revolução Industrial e compositor de *Marselhesa*, que se tornou o hino nacional francês, do cemitério de Choisy-le-roi para a capela dos Inválidos.

C. P.	XXX	6	1 e 2	11269	15 ago. 1915	8 jul. 1915	**A *União Latina*:** O correspondente destaca o importante papel desempenhado pelo semanário, *Union Latine*, durante a Guerra e menciona que o último exemplar tem como tema a empolgação em favor da intervenção de Portugal na Guerra.
C. P.	XXX	2	1 e 2	11278	24 ago. 1915	27 jul. 1915	**Um artigo nosso querelado na Espanha:** O cronista relata que um artigo de sua autoria publicado no *France* e no *Italie*, de Paris, foi reproduzido em vários jornais de Madrid, já que se tratava de uma saudação aos espanhóis em agradecimento pelo manifesto em apoio à França, assinado por 80 de seus intelectuais. Porém, o diretor da *Espanha Nova*, Sr. Rodrigo Soriano, entrou em contato com Xavier de Carvalho para informar que o artigo havia sido censurado, porque, segundo o cronista, "havíamos ousado falar nos 45.000 frades da pobre Espanha e nos jaymistas leigos do kaiser", que são assuntos proibidos por lá. **O Brasil e a França:** O correspondente relata que as festas em favor das obras filantrópicas da guerra e em honra da França realizadas no Rio de Janeiro têm sido de grande valia, por isso agradece e pede a mesma postura dos outros estados brasileiros.
C. P.	XXX	5	5, 6 e 7	11283	29 ago. 1915	6 ago. 1915	**Uma conferência:** Xavier de Carvalho relata ter assistido a uma conferência ministrada pelo suíço, Sr. Fuggister, sobre o drama da guerra, traçou projeções que "fizeram [...] estremecer de emoção o auditório", expôs documentos e fotografias da atrocidades cometidas pelos alemães e recusou 100 mil francos pela venda de tais registros ao ministro da Alemanha em Berne.

C. P.	XXX	2	2 e 3	11298	13 set. 1915	13 ago. 1915	**Um conto do vigário herói-cômico:** O correspondente relata que os jornais portugueses têm publicado uma notícia falsa sobre um jovem morador do Minho, que se alistou como cabo voluntário na legião estrangeira, obteve grandes triunfos e recebeu o posto de tenente, pelo general Joffre; porém, na verdade, o rapaz nunca saiu do seu serviço em um hotel de Paris.
C. P.	XXX	2	2 e 3	11307	22 set. 1915	25 ago. 1915	**As festas de Vichy/ O Brasil e a França:** O correspondente relata que fará uma viagem à Vichy, acompanhado de colegas da imprensa brasileira em Paris, os representantes do *Jornal do Brasil*, o *Jornal do Comércio* e a *Noite*, para fazer a cobertura das festividades em favor dos feridos da Cruz Vermelha. Xavier de Carvalho menciona também que os brasileiros terão lugar de honra, já que a colônia brasileira sempre contribui nos momentos de necessidade.
C. P.	XXX	1	6 e 7	11308	23 set. 1915	19 ago. 1915	**As festas de Vichy/ Pela Cruz vermelha francesa e italiana:** O correspondente anuncia novamente o acontecimento das festividades na cidade de Vichy, em prol da Cruz Vermelha da França e da Itália, que contará com várias atrações artísticas. Salienta que a iniciativa dessa festa, deve-se ao jornalista italiano, Alexandre d'Atri. **Opiniões literárias/ Guerra Junqueiro está mudo**: Xavier de Carvalho relata que foi questionado, por um colega do *Mercure de France*, sobre qual teria sido o motivo do poeta mais representativo de Portugal não publicar cantos de revolta ou elegíacos, bem como

							tem feito Jean Richepin e Paul Fort, na França, Gabriele d'Annunzio, na Itália, e Émile Verhaeren, na Bélgica. Como resposta, o cronista diz apenas não saber o motivo, já que a Guerra deveria inspirá-lo a escrever "poemas assombrosos". **O germanófilo Benevente:** O cronista relata que o dramaturgo de Madrid, Sr. Jacintho Benevente, declarou-se partidário a Alemanha, fato que causou revolta em toda colônia espanhola em Paris. Xavier de Carvalho se manifesta e ataca não somente a pessoa, como também toda produção artística do espanhol.
C. P.	XXX	4	6 e 7	11309	24 set. 1915	1º set. 1915	**Em Vichy/ As festas franco-italianas:** O correspondente descreve desde sua viagem à cidade termal, a hospitalidade recebida, os diálogos que teve, até às manifestações artísticas, os banquetes e procissões, assim como os alistamentos que marcaram o evento. **Nas bibliotecas:** O cronista traz o resultado de uma pesquisa que demonstra o aumento considerável de frequentadores das 77 bibliotecas municipais de Paris, bem como o número de volumes emprestados nesse período de guerra. **Pierre Baudin:** Xavier de Carvalho anuncia uma manifestação latina, em homenagem ao senador francês, que esteve no Rio de Janeiro e outras capitais da América do Sul. Nessa ocasião, o político fará um pronunciamento, agradecerá a receptividade e traçará planos para conquistar definitivamente os mercados do comércio e da indústria brasileira, dominados pela influência econômica alemã.

C. P.	XXX	2	2, 3 e 4	11333	18 out. 1915	15 set. 1915	**O discurso de Xavier de Carvalho:** O correspondente descreve a festa, presidida pelo senador Beauvisage, em comemoração da entrada das tropas italianas em Roma e traz o resumo do discurso que fez como representante de Portugal.
C. P.	XXX	3	4, 5 e 6	11342	27 out. 1915	24 set. 1915	**As neutralidades/ A conferência de Montarroyos:** O oficial do exército brasileiro realizou uma conferência, na Liga dos Aliados, em Paris, sobre a impossibilidade de haver povos neutrais nessa guerra que abrange dois continentes. **O meu filho:** Xavier de Carvalho menciona que tem recebido muitas cartas do Brasil que demonstram preocupação com o seu filho; por isso, declara que Rafael Xavier de Carvalho está na linha de fogo, pela legião estrangeira, no combate da Champanhe, mas que não recebe notícias do filho há oito dias. **A morte de Pauliat:** O correspondente anuncia a morte do senador francês, Luiz Pauliat, tido como um grande amigo do Brasil, Pauliat era presidente do comitê latino da Liga franco-italiana e presidente de honra do comitê Franco Bresilien.
C. P.	XXX	2	5 e 6	11359	13 nov. 1915	6 out. 1915	**A festa da república portuguesa em Paris:** O cronista relata que a única demonstração de celebração em Paris dessa data festiva partiu dele, já que os jornais *France* e *L'Italie* publicaram dois de seus artigos. **A morte de Rémy de Gourmont:** O correspondente anuncia a morte do escritor francês, menciona que, no enterro, teceu um discurso em homenagem a essa "figura culminante das letras francesas" e destaca que

							o seu discurso foi publicado integralmente nos maiores jornais parisienses. **Dias de angústia:** Xavier de Carvalho relata que há 14 dias não recebe notícias de seu filho, confessa temer o silêncio, a ponto de imaginar inúmeras atrocidades que poderiam, porventura, ter lhe causado a morte. O correspondente declara que Rafael decidiu alistar-se para ser coerente aos ideais de seu pai, ao dizer-lhe: "Se morrer, meu querido pai, morrerei contente, porque segui os teus conselhos".
C. P.	XXX	2	6 e 7	11373	27 nov. 1915	15 out. 1915	**Na sexta hora da amargura/ Com o coração torturado/ A morte de meu filho:** Xavier de Carvalho confessa estar desolado com a morte do filho, relata como recebeu a infeliz notícia do brasileiro, Sr. Manoel Lippmann, cabo da esquadra de Rafael e traz elementos biográficos da breve vida do rapaz, morto aos 18 anos. Além disso, o cronista elenca alguns dos nomes que lhe desejaram condolências; dentre eles, o presidente de Portugal. E finaliza suas Cartas de Paris, prestando honrarias aos outros camaradas de seu filho que foram abatidos na Guerra.
C. P.	XXX	2	6 e 7	11385	9 dez. 1915	4 nov. 1915	**A morte de meu filho/ As homenagens de Paris e de Portugal:** O cronista agradece a todos brasileiros que enviaram palavras de conforto a ele e toda a família, mas ressalva que várias pessoas não cumpriram o desejo de lhe enviar condolências por receio de verem o nome nos jornais e se comprometerem com os alemães de suas relações; por isso, o correspondente salienta que se apenas palavras

							de homens dignos lhe importa. Xavier de Carvalho menciona que inúmeros órgãos governamentais e da imprensa, tanto franceses, quanto de Portugal têm prestado homenagens ao seu filho. **As conferências de Paul Delannoy:** O correspondente anuncia a ida do bibliotecário para São Paulo e Rio de Janeiro, para realizar uma série de conferências sobre os ataques à Bélgica, especialmente à biblioteca da Universidade Católica de Lovaina.
C. P.	XXX	3	5, 6 e 7	11400	24 dez. 1915	11 nov. 1915	**Uma carta de Teófilo Braga:** A carta do poeta destinada ao amigo, Xavier de Carvalho, tem como objetivo demonstrar condolências pela perda do filho, Rafael que faleceu na Batalha de Champanhe, baleado por alemães. Teófilo Braga emite palavras de consolo e, na tentativa de diminuir a dor do cronista, diz que "morrer assim é viver para sempre".
Título	**Ano**	**Pág.**	**Col.**	**Edição**	**Data publ.**	**Data da correspondência**	**Temas de interesse cultural e literário**
C. P.	XXXII	2	5, 6 e 7	11409	2 jan. 1916	25 nov. 1915	**A morte de José Sampaio, o glorioso Bruno/ Recordações de Sampaio em Paris:** Xavier de Carvalho anuncia a morte de seu amigo de juventude com quem discutia questões filosóficas e literárias. Depois de anos distanciados pelo fato do correspondente se mudar para Paris, Sampaio também foi residir na capital francesa, de onde enviou as *Cartas de Paris* ao *País*, em substituição a Xavier de Carvalho em ocasião de uma grave cirurgia.
C. P.	XXXII	1	5, 6 e 7	11410	3 jan. 1916	3 dez. 1915	**O comitê de propaganda brasileira em Paris:** Xavier de Carvalho anuncia a formação do Comitê

							central de iniciativa e de propaganda franco-brasileira, do qual faz parte como secretário geral.
C. P.	XXXII	2	1, 2 e 3	11429	22 jan. 1916	23 dez. 1915	**O cronista doente/ Do leito da dor aos *boulevards* melancólicos:** Xavier de Carvalho relata estar "seriamente doente". Acometido por uma pneumonia, o correspondente ficou longos dias acamado, o que lhe permitiu refletir sobre as amarguras da guerra que se espalha por toda França.
C. P.	XXXII	2	1, 2 e 3	11443	5 fev. 1916	6 jan. 1915	**O fim do ano trágico de 1915 e o começo do misterioso ano de 1916:** O cronista exprime sua dor pela perda do filho e acusa a Alemanha pela frieza em ser capaz de preparar, em segredo, a guerra e a morte, enquanto o resto do mundo organizava e realizava "brilhantíssimas exposições universais, que reuniam congressos de sábios e de filósofos, que se proclamou a vida, que a poesia cantou a lírica emoção da alegria!".
C. P.	XXXII	2	3, 4 e 5	11452	14 fev. 1916	18 dez. 1915	**A minha conferência em Paris:** Xavier de Carvalho anuncia a conferência sobre *Portugal e a Guerra* e *Portugal Literário*, que será realizada por ele. O correspondente antecipa que demonstrará a simpatia de sua terra natal pelos aliados e falará sobre o movimento de ideias que por lá circulam no meio intelectual. Além disso, as versões traduzidas dos poemas como *Oração ao pão*, de Guerra Junqueiro e tantos outros como de Gomes Leal, Antero de Quental, João de Deus e Antonio Nobre serão recitados.
C. P.	XXXII	2	1, 2 e 3	11464	26 fev. 1916	1º fev. 1916	**Conferência sobre Portugal:** A conferência proferida pelo correspondente sobre a riqueza

							histórica e literária de Portugal e Portugal na Guerra contou com uma plateia de 600 pessoas. O cronista relata que os jornais franceses referiram-se à manifestação franco-lusitana com elogios. Assim como os versos dos poetas já anunciados, *Apotheose camoniana*, de Xavier de Carvalho também foi recitada. **Stuart Mervill:** Umas das vítimas da guerra foi o poeta Stuart Mervill, reconhecido como um dos melhores poetas que a França já perdeu. De acordo com o cronista, o poeta era simples, doce, nobre, "acreditava na paz, na bondade, no amor, na solidariedade, na civilização" e transpassava tudo isso através dos seus "versos harmoniosos".
C. P.	XXXII	2	3, 4 e 5	11481	14 mar. 1916	17 fev. 1916	**A festa da Liga dos aliados:** O correspondente relatou o desenrolar da manifestação intelectual latina que ocorreu no anfiteatro da Sorbonne e contou com a presença do ilustre professor, poeta e grande patriota, Emile Hinzelin. O tenor brasileiro, Camargo, também foi amplamente aplaudido, bem como MMe d'Araujo Kaning, uma cantora brasileira. **Nova publicação:** Uma nova publicação chamada *A verdade* promete trazer à luz as grandes e essenciais verdades sobre a guerra que atingiu a França. **Ruben Dario:** O correspondente notificou o falecimento do poeta espanhol e amigo de trabalho nas revistas *Elegâncias* e *Mundial*, Ruben Dario, "dono de raros versos", que trouxeram beleza e amor através de "rimas de ouro e de pérolas".

C. P.	XXXII	2	5, 6 e 7	11495	28 mar. 1916	26 fev. 1916	**Paris coberto de neve:** Xavier de Carvalho inicia a *Carta de Paris* falando sobre a neve que surpreendeu Paris na antevéspera da primavera. De uma forma mais poética, o cronista usa os cristais de gelo como tema para tecer seu "prólogo" e inspirá-lo através de "alguns adjetivos fantasistas", a fim de desviá-lo das amarguras da guerra.
C. P.	XXXII	4	4, 5 e 6	11604	15 jul. 1916	18 jun. 1916	**A semana Magalhães Lima:** O escritor de *Pela Pátria e pela República* é o centro das homenagens e foi intensamente aplaudido em sua conferência sobre *Portugal e a Guerra*.
C. P.	XXXII	2	6 e 7	11634	14 ago. 1916	30 jun. 1916	**A morte do sábio Maspero:** O correspondente anunciou o falecimento do escritor de *História dos povos orientais*, tido como "uma das maiores intelectualidades" do tempo. Segundo Xavier de Carvalho, Maspero foi mais uma vítima da guerra, mas de forma indireta, uma vez que seu filho morreu em batalha.
Portugal na Guerra	XXXII	5	1, 2 e 3	11669	18 set. 1916	7 ago. 1916	**O que se diz em França sobre a participação de Portugal na Guerra/ O que temos feito:** Xavier de Carvalho relata que todos os jornais de Paris têm demonstrado grande satisfação e admiração pelo "valente povo que se bate pelo ideal latino", que combaterá, com seu exército de terra, nas batalhas de Somme e de Champanhe.
C. P.	XXXII	4	6 e 7	11677	25 set. 1916	25 jul. 1916	**Quermesse *franco-luso-brasileira:*** O correspondente relatou o evento filantrópico organizado pelas sociedades dos *Fréres et Socurs de Guerre*, que reuniu obras e produtos portugueses e

							brasileiros para serem vendidos e obteve "êxito extraordinário". **(Sem título):** O correspondente relata que, certamente, o novo regime de censura tem impedido a comunicação entre países, já que não apenas os atrasos, mas principalmente os desaparecimentos de correspondências estão cada vez mais frequentes.
C. P.	XXXIII	10	1, 2 e 3	11682	1º out. 1916	20 ago. 1916	**A falta de notícias postais do Brasil:** Xavier de Carvalho menciona que muitas correspondências têm chegado com atrasos significativos em seus destinos e especula que o serviço da censura possa estar interferindo, principalmente se as cartas estiverem sendo extraviadas para a Espanha, "onde a propaganda germanófila deseja atrapalhar as boas relações entre a França e os países da América do Sul".
C. P.	XXXIII	6	6 e 7	11709	28 out. 1916	10 set. 1916	**A vinda de Rui Barbosa à França/ A ida de Maurice Barrès/ Oposição de uns e aplausos de outros/ Seria melhor Paul Deschanel:** Os maiores órgãos da imprensa parisiense estão anunciando a viagem à Europa de Rui Barbosa, para afirmar o apoio aos aliados; em contrapartida, Maurice Barrès, membro da Academia Francesa, estava de viagem marcada para o Brasil, porém, Xavier de Carvalho menciona que o acadêmico não seria o melhor representante da vanguarda francesa no Brasil, mesmo sendo amigo de Graça Aranha, Barrès é conservador e não é "bem o equivalente de Rui Barbosa", mas sim Paul Deschanel, também membro

							da Academia Francesa, presidente da câmara dos deputados e orador eloquente. **Guerra Junqueiro em Paris/ O grande poeta fala-nos do Brasil:** Xavier de Carvalho relata que recebeu a visita de Guerra Junqueiro e conversaram sobre os projetos do poeta, que está escrevendo sobre a morte de Miss Cavell e será traduzido por Phileas Lebesgue, em francês, e pelo poeta Wells, em inglês. Além disso, pede ao correspondente do *País* em Paris, que cumprimente o diretor do jornal, João Lage, pela coragem e pelo apoio aos aliados e menciona que deseja visitar o Brasil, de onde tem recebido inúmeras provas de "simpatia da "mocidade".
C. P.	XXXIII	6	6 e 7	11717	5 nov. 1916	5 out. 1916	**O aniversário de morte do filho do cronista do *País*:** Xavier de Carvalho relata que inúmeros jornais franceses e portugueses publicaram artigos em memória de Rafael Xavier de Carvalho, e transcreve trechos do artigo escrito no jornal lisboeta *Mundo*, por José do Valle, em homenagem ao jovem soldado morto na batalha de Champanhe.
C. P.	XXXIII	4	6 e 7	11739	27 nov. 1916	10 out. 1916	**A censura que demora os correios:** O correspondente informa que deve eleger os assuntos abordados por ele em suas correspondências para não "cair nas garras terríveis da censura", já que as cartas que saem de Paris sofrem uma "pesquisa inquisitorial da fronteira francesa e das autoridades portuguesas". Além disso, menciona que a demora para que a carta chegue ao destino é terrível porque deprecia o trabalho do cronista.

							Cinemas de missas negras: Xavier de Carvalho visitou um cinema de animatografo clandestino. Em companhia de dois amigos, assistiram um "misto de missa negra e missa cor de rosa", mais conhecido como culto satânico. **A crise do papel:** A falta do material imprescindível para a elaboração dos jornais causou revolta nos profissionais do jornalismo, já que, diante de um cenário de guerra, a crise contribui para "calar as notícias que precisam ser divulgadas".
C. P.	XXXIII	2	4 e 5	11749	7 dez. 1916	29 out. 1916	**A semana espanhola:** O professor Wilmott, doutor da Universidade de Paris, preparou um artigo para *L'Heure*, falando sobre a visita dos intelectuais espanhóis a Paris, que tiveram todas as atenções dos parisienses, já que estes prepararam algumas festas de confraternização; Xavier de Carvalho menciona que teve a honra de participar de algumas celebrações, das sessões literárias e do banquete. **A revista *France-Brésil*:** O correspondente anuncia a publicação do primeiro número da revista da "ideia francesa no Brasil", fundada por Lerville, o correspondente do parisiense *Messagero de S. Paulo*, e dirigida por Montarroyos. **Mme. Aurel:** A escritora Mme. Aurel enviou para Xavier de Carvalho o seu último volume, *Semaine d'amour*. Segundo o cronista, trata-se de conselhos amorosos para homens e mulheres e por isso "obriga a pensar".
C. P.	XXXIII	6	1 e 2	11773	31 dez. 1916	8 nov. 1916	**Brasileiros ilustres em Paris:** Xavier de Carvalho enaltece a carreira do músico brasileiro, Sr. Camargo,

							que obteve grande sucesso no seu último concerto. O músico é o primeiro brasileiro a pertencer ao primeiro Lírico de França.
Título	**Ano**	**Pág.**	**Col.**	**Edição**	**Data publ.**	**Data da correspondência**	**Temas de interesse cultural e literário**
C. P.	XXXIII	4	3	11775	2 jan. 1917	29 nov. 1916	**A morte de Verhaeren:** O poeta belga Émile Verhaeren faleceu de uma maneira "estúpida", já que tentou subir no comboio em movimento e foi esmagado pelas rodas do vagão. O cronista comenta que, ironicamente, o poeta que "cantava sobre o maquinismo moderno", acabou sendo vítima dele.
C. P.	XXXIII	2	6	11794	21 jan. 1917	8 dez. 1916	**Theodule Ribot:** Xavier de Carvalho anuncia a morte de Ribot, um filósofo considerado o sucessor de Thaine e tido como um crítico do pensamento inglês independente, além disso, foi professor da Universidade de Paris, onde desenvolvia estudos que se baseavam em psicologia experimental.
C. P.	XXXIII	2	6 e 7	11795	22 jan. 1917	22 dez. 1917	**Paris sem alegria/ *O crime de Sylvestre Bonnard*, no teatro:** Para espairecer a tristeza oriunda do clima de guerra, Xavier de Carvalho relata ter assistido à peça *Le crime de Sylvestre Bonnard*, extraída do romance homônimo de Anatole France e considera que o drama cumpriu com as expectativas, além disso, destaca que a interpretação de Gemier foi esplendida. **Respondendo a Carlos Malheiro Dias:** O correspondente menciona que uma de suas "Cartas de Paris" inspirou o outro colaborador do *País* a escrever uma crônica repleta de curiosidade e interesse pelos "desvairamentos da sexualidade" do cinema clandestino visitado por ele em Paris; por isso, explica

							que “os vícios” são sempre alimentados pelo “elemento cosmopolita” e nunca por franceses, do mesmo modo que na prostituição, a parisiense é exceção, por esses motivos, afirma que Paris sempre foi caluniada.
C. P.	XXXIII	7	3 e 4	11815	11 fev. 1917	1 jan. 1917	**O cantor brasileiro Camargo:** Na noite da antevéspera do ano novo, o cantor Camargo interpretou o papel Trybalt, na ópera do maestro francês Gounod, *Romeu e Julieta*. Segundo o cronista, Camargo foi apontado pela crítica e elogiado pelo público. Xavier de Carvalho elenca alguns dados biográficos do paulista e menciona que o cantor auxiliou muitas cirurgias durante os primeiros meses da guerra e não tem poupado esforços em prol das obras beneficentes.
C. P.	XXXIII	7	5 e 6	11876	14 abr. 1917	28 fev. 1917	**De volta de Portugal/ As nossas conferências:** O correspondente relata sua viagem para Portugal, com parada de dois dias em Madrid, onde publicou um artigo sobre as relações hispano-lusitanas no *El Liberal*. Xavier de Carvalho menciona que tanto em Lisboa, quanto no Porto foi recebido com muitas homenagens, banquetes e espetáculos de gala e descreve a reação positiva do público que assistiu às suas conferências sobre Portugal na Guerra; além disso, transcreve um discurso em apoio à França, proferido para 2 mil pessoas, em Lisboa.
C. P.	XXXIII	5	4 e 5	11880	18 abr. 1917	28 fev. 1917	**(Sem título):** Xavier de Carvalho menciona que realizou duas conferências nas regiões de Olides e Peniche, onde foi visitar seus familiares e teve uma recepção calorosa, que contou até mesmo com uma

							orquestra filarmônica. Também descreve a carta polêmica que escreveu para o *Diário de Notícias*, de Lisboa, em que sugestiona o fim do carnaval, por ser considerado um "insulto ao luto dos povos heróicos" e, orgulhosamente, expõe que, mesmo com a reprovação dos "empresários de bailes de máscaras e proprietários de casas de prostituição", o carnaval em Lisboa foi suprimido, com o apoio da "parte seria da população". Além disso, relata que realizou sua última conferência no Centro de Solidariedade Republicana, onde seu filho foi homenageado.
C. P.	XXXIII	2	5, 6 e 7	11938	14 jun. 1917	20 abr. 1917	**A vitalidade francesa**: O cronista levanta alguns dados históricos da França, com todos os acontecimentos que devastaram a nação e destaca que, mesmo assim, em todas as infelizes ocasiões, o país saiu vitorioso e sairá todas as vezes que for preciso.
C. P.	XXXIII	2	6 e 7	11944	20 jun. 1917	5 maio 1917	**A necessidade da vitória:** Xavier de Carvalho tece inúmeros elogios ao presidente Wilson, dos Estados Unidos da América, que propôs negociações em favor de "paz sem vitória", mas com a negativa da Alemanha, decidiu empregar as forças para "vencer o militarismo alemão".
C. P.	XXXIII	4	1 e 2	11949	25 jun. 1917	9 maio 1917	**A morte do filho de madame Catulle Mendés:** O correspondente anuncia a morte de Primice, filho único do "saudoso poeta Catulle Mendés" e da poetisa, Madame Mendés, em combate nas linhas de frente da guerra. **Ernest La Jeunesse:** Xavier de Carvalho anuncia a morte do escritor La Jeunesse e aponta traços de sua personalidade e de suas obras. Tido como um "tipo

							original", seus livros tiveram um sucesso relativo, já que com a sua "irreverência insólita", não poupava os grandes mestres, tampouco deixava de escancarar a hipocrisia da burguesia; por outro lado, o correspondente salienta que o escritor era "um enternecido, um sensível" e guarda consigo a prova: uma carta de pesar pela morte de seu filho. **O livro de Alexandre d'Atri sobre Minas Gerais:** O correspondente relata que os jornais parisienses exaltam o livro *L'Etat de Minas Gerais*, do italiano d'Atri, que tem como tema a cultura, a agricultura e as riquezas minerais do estado brasileiro e, dirigindo-se ao presidente do Brasil, Nilo Peçanha, diz que as riquezas não exploradas das minas brasileiras deveriam ser postas à disposição das nações aliadas; além disso, salienta que o grande "propagandista" do Brasil na Europa, d'Atri, só tem colhido "desgostos e desilusões" da pátria amada.
C. P.	XXXIII	7	1 e 2	11954	20 jun. 1917	22 maio 1917	**A obra de João Chagas:** O ministro português foi responsável por muitas contribuições em jornais franceses na intenção de demonstrar o apoio português aos aliados na guerra. O correspondente salienta que os artigos eram repletos de ilustrações e detalhes do exército lusitano.
C. P.	XXXIII	4	1 e 2	11958	4 jul. 1917	15 maio 1917	**(Sem título):** O jornalista Émile Gautier publicou, no jornal parisiense, *E'veil*, um artigo sobre a relevância da entrada do Brasil na Guerra ao destacar que, mesmo não sendo uma "potência militar e naval", o apoio brasileiro, sem dúvidas, é uma grande vantagem "moral" aos aliados e sugere que os brasileiros, todos

							"aptos aos esportes da floresta" deveriam alistarem-se.
C. P.	XXXIII	6	1	11960	6 jul. 1917	1º jun. 1917	***A ceia dos cardeais*, em Paris/ Peças portuguesas:** A comedia portuguesa, *Ceia dos cardeais*, de Julio Dantas, será representada em Paris com o título *Souper des cardinaux*. Xavier de Carvalho lista outras quatro peças que já foram representadas em Paris, dentre elas *O frei Luiz de Souza*, de Almeida Garret e *Um ato*, de Gil Vicente. **(Sem título):** O correspondente anuncia a morte do dramaturgo e ator, Gaston Salandri, da peça *Prose*, repleta de "amarga ironia" sobre o casamento sem amor dos burgueses **O novo romance de Erlande:** O romancista e poeta, Albert Erlande, publicou uma sinopse do seu próximo romance *A legião estrangeira em Champanhe*, na revista *Le Mercure de France*. Segundo o correspondente, o romance é sobre a experiência vivida por Erlande na campanha de Champanhe, evidenciando cada momento da batalha e como cada evento se desenrolou.
C. P.	XXXIII	5	6 e 7	11971	17 jul. 1917	5 jun. 1917	**A estátua do gênio latino:** A liga da Fraternidade Intelectual Latina teve apoio da República Francesa para homenagear Ruben Dario através de um monumento. Para Xavier de Carvalho, esse feito firmaria a glorificação da raça latina.
C. P.	XXXIII	6	6 e 7	11973	19 jul. 1917	9 jun. 1917	**As trapalhices da imprensa alemã:** Xavier de Carvalho acusa a imprensa alemã de bajular os elementos da desordem, espalhar insinuações falsas e perigosas e persuadir o povo a não temer a guerra,

							especialmente os russos. Ademais, o correspondente alude algumas reportagens contraditórias de jornais alemães, como *Strasburger Post* e *Münch. Nst. Nachrichten*.
C. P.	XXXIII	6	1, 2 e 3	11978	24 jul. 1917	19 jun. 1917	**Camões em Paris/ Os intelectuais franceses celebrando o poeta dos *Lusíadas***: Por iniciativa de Xavier de Carvalho, houve uma festa em homenagem a Camões, presidida por Royaumont. O correspondente relata que os representantes da *Société des Poetas Français* e da Academie Latine marcaram presença e trouxe um resumo do discurso que proferiu.
C. P.	XXXIII	6	Rodapé	12003	19 ago. 1917	10 jul. 1917	**Uma crônica de Serge Basset e os portugueses:** Morreu, na linha de frente da guerra, o jornalista francês Serge Basset, vítima de uma bala na cabeça. Ele foi diretor da crônica teatral do *Figaro* e trabalhava no jornal diário *Petit Parisien*. Em tempos de guerra, o cronista escrevia assiduamente, inclusive, pouco antes de sua morte, escreveu uma crônica sobre o agrupamento português na guerra. Xavier de Carvalho transcreve trechos dessa crônica e pondera que o fato do amigo apreciar a cooperação portuguesa, serve de consolação para todos os corações patriotas.
C. P.	XXXIII	3	6	12040	26 set. 1917	20 jun. 1917	**O próximo congresso anglo-latino:** O idealizador do congresso dos intelectuais anglo-latinos, Antoine Petit, escreveu o livro *Vers l'Union Occidentale*. Segundo Xavier de Carvalho, a obra está repleta de documentos que podem servir para a história da intelectualidade francesa durante a guerra. O correspondente ressalva que o livro conta com a

							tradução em francês de uma de suas "Cartas Parisienses". ***A ceia dos cardeais*:** O secretário do Teatro Frances revelou ao cronista que a peça de Júlio Dantas não será mais representada por falta de trajes de cardeais, mas a justificativa não o convence.
C. P.	XXXIV	4	5 e 6	12052	8 out. 1917	1 jul. 1917	**Palavras de Norton de Mattos sobre a colônia portuguesa no Brasil e sobre o *País*:** Em entrevista ao ministro da Guerra de Portugal, Xavier de Carvalho se apresenta como correspondente do *País*, é recebido com amabilidade por ser representante do jornal de "tradição republicana de Bocaiúva".
C. P.	XXXIV	3	1, 2 e 3	12058	14 out. 1917	3 ago. 1917	**As intrigas alemãs:** Xavier de Carvalho reproduz a tradução de trechos de um artigo do professor alemão Hans Delbruck, publicado na revista alemã *Preussiche Jahrbucher*, em que relata as terríveis intenções da Alemanha com a Guerra.
Seção portuguesa	XXXIV	5	4 e 5	12064	20 out. 1917	*Não contém	**Voluntariado português:** Xavier de Carvalho dirige-se aos leitores como o cronista do *Jornal de Notícias*, de Portugal, para anunciar que é membro do comitê português do Voluntariado du Travail, que tem como objetivo angariar, dos estrangeiros que vivem na França, um dia por semana de trabalho prestado ao país, ou 150 francos anuais, caso não possam ou queiram oferecer os serviços. Salienta também que Eduardo Cardoso, Mello Vianna e Kumpt são os membros do comitê brasileiro.
C. P.	XXXIV	6	1, 2 e 3	12065	21 out. 1917	9 ago. 1917	**O incêndio do *País*/ Testemunhos afetuosos das colônias brasileira e portuguesa pelo *País*/ A confirmação da nossa nota do *Temps*/ O telegrama**

							de João Lage: O correspondente do *País* em Paris relata que a notícia do incêndio da cede do jornal carioca causou "um verdadeiro sentimento de pesar" na capital francesa. Além disso, alude ao artigo que escreveu para o *Temps* sobre a sua intuição em relação ao atentado que o edifício da avenida Rio Branco havia sofrido. O correspondente, no artigo em questão, acusa os alemães pela barbárie, já que o *País* sempre defendeu a causa dos aliados. A acusação se confirma dias depois, já que o *Figaro* publicou um telegrama de João Lage comprovando a sua suspeita. O cronista menciona que há cerca de um ano recebeu uma carta anônima que anunciava a destruição do *País.* **Um belo livro de Erlande:** Xavier de Carvalho anuncia a publicação do livro de guerra denominado *En Champagne avec la Legion Etrangére*, de Albert Erlande e explica que o gênero não é exatamente romance, mas uma série de relatos em quadros que narram as experiências da legião estrangeira. Assuntos como a vida nas trincheiras, os voluntários e personagens de outros países também são abordados, bem como dedicatórias aos mortos na batalha, assim como Rafael Xavier de Carvalho. Além disso, o cronista ressalta que Erlande conviveu cerca de dois anos, entre os soldados, desenvolvendo seus estudos; por esse motivo, o livro merece créditos e credibilidade. O correspondente finaliza pontuando que o livro é indispensável para entender o trabalho da legião estrangeira nessa batalha histórica.

							A dançarina Mata-Hari: A dançarina de "orientalismo exótico", considerada a "Salomé de Montmarte" foi condenada à morte pelo Conselho de Guerra, pelo crime de espionagem em favor da Alemanha.
C. P.	XXXIV	6	1, 2 e 3	12066	22 out. 1917	27 ago. 1917	**A morte do jornalista Almereyda e a vitória de Verdun:** As notícias sobre a morte do jornalista ultrarradical Sr. Vigo, que assinava seus artigos sob o pseudônimo de Miguel Almereyda, têm encoberto até mesmo a vitória de Verdun, tudo porque o redator-chefe do *Le Bonnel Rouge* foi encontrado enforcado na cela da penitenciaria de Fresne, onde estava preso por espionagem em favor da Alemanha, mas há suspeitas de que não tenha sido suicídio e sim por vingança ou necessidade política. **O voluntariado do trabalho:** Xavier de Carvalho explica os motivos econômicos por trás do surgimento do *Voluntariat du Travail*.
C. P.	XXXIV	7	4 e 5	12072	28 out. 1917	1º set. 1917	**Política exterior/ A situação da Alemanha, relativamente aos países neutros e aos seus aliados:** O correspondente informa que Dr. Michaelis subiu ao poder na Alemanha e seu discurso inspirou otimismo. Além disso, destaca que a imprensa alemã tem dado provas contra a própria nação e transcreve uma série de trechos de matérias jornalísticas que comprovam a sua afirmação.
C. P.	XXXIV	3	6 e 7	12077	2 set. 1917	18 jul. 1917	**O Pangermanismo:** Xavier de Carvalho atribui à Guerra e todas as atrocidades oriundas dela ao partido extremamente organizado e poderoso pangermânico, composto por ricos industriais e agrários,

							representado por Hindenburg. O partido, segundo o cronista, dominou os soldados e até mesmo o chanceler; além disso, possuem inúmeros jornais, que são presididos por um único homem, o deputado nacional-liberal Fuhrman, e conclui declarando que o povo alemão também é vítima do partido.
C. P.	XXXIV	4	1, 2 e 3	12078	3 nov. 1917	22 jul. 1917	**Um admirável livro sobre a guerra/ A obra de Hamon:** Xavier de Carvalho apresenta o trabalho de Augustin Hamon, que é um compilado de todas as conferências realizadas pelo sociólogo. Trata-se de um exame dos fenômenos sociais provocados pela guerra, em que é elucidado espécies de ensinamentos passivos de abstração por parte da população. Segundo o cronista, Hamon também examina a guerra em várias obras religiosas, bem como as relações delas com a formação de ideias durante a guerra, e garante que o livro não traz nenhum tipo de polêmica, mas é um exame imparcial dos fatos e suas consequências através de um rigoroso método científico.
C. P. (Seção Portuguesa)	XXXIV	5	4 e 5	12085	10 out. 1917	Out. 1917	**As letras portuguesas no estrangeiro:** Phileas Lebesque publicou no *Mercure de France* publicou um artigo sobre o movimento literário português e citou os seguintes livros: *Materialismo histórico*, de Bento Carqueja; *A conspiração de Gomes Freire*, de Raul Brandão; *Fialho de Almeida*, do visconde de Villa Moura; *Ilhas da bruma*, de Affonso Lopes Vieira e *In memorian*, de Augusto Barradas e Alberto Saavedra. Em breve, Lebesque falará sobre *Paisagens e orquídeas*, de Alfredo Pimenta.

C. P.	XXXIV	8	1, 2 e 3	12086	11 nov. 1917	4 set. 1917	**Uma festa em memória do poeta Charles Baudelaire:** Foi feita uma cerimônia de glorificação ao poeta das *Flores do Mal*. Durante a festa, o trabalho crítico, repleto de notas curiosas, do poeta Ernest Raynaud sobre Baudelaire foi lido. Posteriormente, as poesias do autor foram recitadas por atrizes. Xavier de Carvalho ressalta que apesar da guerra, Paris ainda consegue dispor de algumas horas para a poesia.
C. P. (Seção Portuguesa)	XXXIV	5	1, 2 e 3	12097	22 nov. 1917	*Sem data	**Trupe artística portuguesa no "front" / A opinião de André Brun:** O jornal *República*, de Portugal, anuncia estar organizando uma turnê de artistas portugueses para França. Xavier de Carvalho considera a ideia excelente, contudo, faz alguns apontamentos a serem considerados pelos artistas, tais como informar a intensão aos ingleses, atentarem-se às despesas e disponibilidade do teatro, não vir com intensão de lucrar e representar comédias leves. Além disso, o correspondente transcreve a opinião sobre a ideia do jornal português do dramaturgo, André Brun, que salienta que não somente a saúde física dos soldados deve ser cuidada, mas também a moral e emocional.
C. P.	XXXIV	6	1, 2 e 3	12100	25 nov. 1917	9 set. 1917	**A festa da independência do Brasil em Paris/ O almoço no Centro do comércio e indústria/ a conferência de Irineu Machado:** A festa da elite francesa em homenagem ao Brasil reuniu ilustres da política e das artes para um almoço e contou com um discurso eloquente do político brasileiro, Irineu Machado, que mencionou os torpedeamentos dos navios brasileiros pelos alemães.

C. P. (Seção Portuguesa)	XXXIV	5	3, 4 e 5	12105	30 nov. 1917	10 out. 1917	**Magalhães Lima visita o "front" português:** Em entrevista ao político e escritor português, Xavier de Carvalho pergunta sobre a atmosfera da frente de batalha portuguesa e obtém sempre respostas elogiosas.
Título	**Ano**	**Pág.**	**Col.**	**Edição**	**Data publ.**	**Data da correspondência**	**Temas de interesse cultural e literário**
C. P.	XXXIV	8	1, 2 e 3	12142	7 jan. 1918	17 out. 1917	**A próxima Semana da América Latina em Paris/ O elogio do grande escritor Henrique Rodo pelo notável escritor francês Francis de Mismandre/ A obra de Rodo/ A sensibilidade na literatura sul-americana/ O Brasil no Congresso da Semana da América Latina:** O congresso denominado Semana da América Latina tem por objetivo introduzir a tradução das obras do escritor uruguaio, Henrique Rodo. O escritor e exímio conhecedor da literatura sul-americana, Sr. Francis de Mismandre, é quem desenvolveu as traduções e teceu uma apreciação sobre o valor literário e a ação moral de Rodo, que foi traduzida por Xavier de Carvalho e publicada no *País*, em primeira mão.
C. P.	XXXIV	7 e 8	6, 7 e 1	12146	11 jan. 1918	26 out. 1917	**A inauguração de um curso de português:** Xavier de Carvalho relatou que recebeu, do Sr. Delouche, um convite para a inauguração do curso da língua portuguesa na França, que tem como professor o capitão do exército brasileiro, o Sr. Mantorroyos. O cronista ressalta que esse acontecimento é de suma importância para avanço da língua portuguesa no mundo.

O congresso da América Latina/ A semana festiva em Paris	XXXIV	2	6 e 7	12154	19 jan. 1918	*Sem data	**La presse bresilienne, son evolution et son concours pour la victorie du droit:** Crônica publicada sobre a Segunda Semana da América Latina, na qual Xavier de Carvalho apresentou uma comunicação vangloriando a obra de Quintino Bocaiúva e do jornal o *País*; sendo assim, há a publicação do texto escrito pelo cronista em sua versão original, em francês.
C. P.	XXXIV	5	5, 6 e 7	12160	25 jan. 1918	10 nov. 1917	**A Bélgica e o plano Rathenau.** **Um estudo inédito de Mauricio Milloud.** **A Bélgica heroica e sublime.**
C. P.	XXXIV	10	1, 2 e 3	12202	8 mar. 1918	12 dez. 1917	**O congresso da América Latina:** O correspondente participou do congresso da América Latina, ocorrido no anfiteatro da *Société des Ingenieurs de France*, que tinha como objetivo honrar os povos latinos amigos, que segundo Xavier de Carvalho, o Brasil deveria vir em primeiro plano e depois os outros países, como a Argentina e o Chile, por ainda se manterem neutros na Guerra. Dentre os convidados ilustres, estavam o Sr. Conde de Varim d'Ainvelle, tradutor de poemas de Castro Alves e do famoso drama de Júlio Dantas, *A ceia dos Cardeais*. **Magalhães Lima e Guerra Junqueiro**: O cronista anuncia a visita Magalhães Lima ao Brasil e, possivelmente, Guerra Junqueira o acompanhará.
Suplemento português	XXXIV	1	1, 2 e 3	100 (12204)	10 mar. 1918	*Sem data	**Saudação aos soldados portugueses**
C. P.	XXXIV	10	1 e 2	12211	17 mar. 1918	25 jan. 1918	**Uma grande obra de expansão intelectual francesas no Rio de Janeiro/ O liceu francês da capital federal/ A atividade de M. Brigole / O**

							entusiástico acolhimento de Paris: O fundador do *Lycée Français*, Sr. Brigole, foi cumprimentado pelo cronista por contribuir para o "desenvolvimento da influência francesa na grande capital brasileira".
C. P.	XXXIV	10	6 e 7	12232	7 abr. 1918	4 fev. 1918	**O nosso livro sobre a guerra:** Trata-se de um compilado das conferências que Xavier de Carvalho realizou em sua terra natal. Com o título *Pela França heroica Portugal amigo e aliado*, o livro contou com o prefácio de Magalhães Lima.
C. P.	XXXIV	4	1, 2, 3, 4, 5 e 6	12268	13 maio 1918	20 mar. 1918	**Diversos aspectos históricos de Paris:** O cronista seleciona inúmeros acontecimentos relevantes ocorridos há mais de 100 anos em Paris e dentre eles está a manifestação dos estudantes, em 1868, contra o governo que proibiu a interpretação do drama *Ruy Blas*, de Victor Hugo, por considerá-la subversiva.
Seção portuguesa	XXXIV	8	6 e 5	12279	24 maio 1918	*Sem data	**Pela França heroica Portugal amigo e aliado: o que vim fazer/ reação e democracia.**
Seção portuguesa	XXXIV	8	3 e 4	12280	25 maio 1918	*Sem data	**Os nossos prisioneiros na Alemanha**
Seção portuguesa	XXXIV	9	2 e 3	12284	29 maio 1918	*Sem data	**Pela França heroica Portugal amigo e aliado: França e Portugal.**
C. P.	XXXIV	5	6 e 7	12286	31 maio 1918	15 mar. 1918	**A missão brasileira em Paris/ Algumas figuras de destaque:** O correspondente relata que se vê obrigado a viver "nos subterrâneos de Paris" e por esse motivo ir aos teatros e ler as últimas novidades literárias é impossível
Seção portuguesa	XXXIV	9	1 e 2	12286	31 maio 1918	*Sem data	**Pela França heroica Portugal amigo e aliado: A obra da Alemanha/ A mulher francesa.**
Seção portuguesa	XXXIV	8	7	12287	1º jun. 1918	*Sem data	**Pela França heroica Portugal amigo e aliado: Ação.**

Seção portuguesa	XXXIV	10	2 e 3	12287	2 jun. 1918	*Sem data	**Pela França heroica Portugal amigo e aliado: A França gloriosa/ A Alemanha barbara.**
C. P.	XXXIV	3	6 e 7	12317	1º jul. 1918	12 mar. 1918	**Um artigo da *Croix* sobre a conspiração democrática em Paris:** O correspondente relata que um artigo do jornal *La Croix* o acusou de chefiar uma conspiração democrática em Paris, atribuindo-lhe a criação de uma loja maçônica com o nome de Le Portugal, que nunca existiu. Além disso, o acusam de arregimentar 300 oficiais portugueses para um conluio militar.
C. P. (Seção portuguesa)	XXXIV	8	3	12388	10 set. 1918	30 jul. 1918	**A propaganda de Portugal – a sua ação no estrangeiro:** Sr. Pádua Franco, diretor do Bureau de Paris, foi o responsável pela expansão da cultura portuguesa na França. Seu plano de trabalho compreende a criação de um museu e de uma linha de transportes para os produtos portugueses, visando, acima de tudo, bons efeitos no pós-guerra. **(Sem título)** No Teatro "Trianon" houve um grande espetáculo dedicado à Sociedade de Propaganda de Portugal. Todos felicitaram o diretor, inclusive o correspondente.
Seção portuguesa	XXXIV	7	6	12390	12 set. 1918		**Contos épicos da Guerra**: Xavier de Carvalho publicou o livro *Contos épicos da Guerra*. O anúncio antecipa que Guerra Junqueiro tem participação especial na obra e salienta que a edição foi enviada aos leitores do País.
C. P.	XXXV	6	6 e 7	12462	24 nov. 1918	12 out. 1918	**Jean Finot:** Xavier de Carvalho anuncia o lançamento do livro *Saints, Imitiés et possedes modernes*, de Jean Finot. Trata-se de estudos sobre a

							evolução das religiões e sobre a crise moral da humanidade.
Título	**Ano**	**Pág.**	**Col.**	**Edição**	**Data publ.**	**Data da correspondência**	**Temas de interesse cultural e literário**
C. P.	XXXV	7	1	12613	23 abr. 1919	31 jan. 1919	**Movimentos artísticos e novos salões de arte:** O correspondente relata que há mais de 20 salões de exposição de artes acontecendo em Paris e que, apesar da guerra ser o assunto dominante dos quadros e esculturas, "a arte ressurge". **Gabriel d'Annunzio:** O poeta italiano Gabriel d'Annunzio publicou um artigo, em um jornal de seu país, direcionado a atacar iugoslavos e franceses. O escritor também disparou várias críticas aos americanos. Segundo Xavier de Carvalho, a revolta se deu pelo fato do poeta acreditar que os aliados não deram importância aos feitos italianos durante a guerra; porém, o cronista afirma que essa situação não se confirma, por isso muitos franceses ficaram indignados e d'Annunzio acabou se retratando.
C. P.	XXXV	3	6	12650	30 maio 1919	22 abr. 1919	**Trabalhos do segundo congresso da América Latina:** Xavier de Carvalho relata que o volume que comporta os discursos, memórias e votos do segundo Congresso da América Latina possui mais de 500 páginas e destaca o trabalho apresentado por ele sobre a imprensa brasileira e a sua evolução. **A obra do jornal, *O País*, apreciada no congresso:** O correspondente salienta que a ação do jornal *O País* na evolução política e literária do jornalismo fluminense é fundamental e apresenta dados

							históricos para apresentar a evolução da imprensa em todos os Estados do Brasil. **A transformação da *Revue*:** A revista *Revue des Revues* de, "um dos homens de mais alto critério científico", Jean Finot, terá seu título substituído por *La revue mondiale*, e já que se trata de uma publicação aos moldes de uma "enciclopédia de todo o movimento de ideias do mundo".

ANEXO:

CARTA DE PARIS[34]

PARIS, 11 DE DEZEMBRO.

O drama misterioso de Vangirard – Ainda e sempre Mme. Steinheil – O ditador da Venezuela em França – Um verdadeiro ditador – Os tumultos na Comédia Francesa nas representações do *Foyer* – Uma conferência em esperanto sobre o Brasil – O deputado brasileiro Rodolfo de Miranda – A Itália ilustrada e o Brasil – Uma carta de Jaime de Séguier.

Em 1888, era impossível escrever duas linhas de Paris sem falar de Boulanger, do "bravo general", decantado por Paulus, o Boulanger que morreu tristemente em Bruxelas, suicidando-se sobre a campa da bem amada.

Hoje, sucede o mesmo com Mme. Steinheil.

Não podemos escrever uma carta de Paris, uma crônica parisiense, sem falar de Mme. Steinheil, do crime do impasse Rousin, da tragédia misteriosa em que o pintor e a sua sogra foram barbaramente assassinados. E como? E por quem? De que maneira? Qual a cumplicidade da esposa que hoje tanto mente, caindo em contradições extraordinárias, dizendo agora uma coisa, outra mais tarde, jurando sempre que diz a verdade, mas continuamente mentindo.

Até o momento em que estamos escrevendo esta carta parisiense, nada sabemos de positivo sobre o crime. Há apenas dúvidas, desconfianças... Mas tudo muito vago, extremamente vago.

[34] *O País*, 1º jan. 1909, p. 4

Mme. Steinheil sabe tudo. Só ela é que pode e deve falar. Mas não cremos que fale.

Hoje, essa mulher, sem senso moral, sem dignidade, nevropata, depravada, cínica, hipócrita, volta de novo a afirmar que o crime fora efetivamente praticado por três homens de longas túnicas pretas e de uma mulher ruiva. Foi esta a sua primeira versão do drama. Depois, Mme. Steinheil disse o contrário, acusando o seu criado Renny e o filho da cozinheira, o Alexandre Wolf. Com soluços, jurou sobre a cabeça de sua filha, que o verdadeiro e único assassino fora o rapazela, o tal Wolf, o filho da criada. Agora jura de novo que os assassinos são afinal os misteriosos indivíduos de túnica e a mulher de cabelo vermelho.

E não há meio de a fazer confessar a verdade.

O que se julga pura suposição, é que o assassinato fora organizado pela viúva e executado por sua ordem. E para se não comprometer, não diz (nem dirá) o nome do criminoso, porque este havia de acusar também.

Será o assassino (como muitos pensam) o filho da criada, o vendedor de cavalos, o tal Alexandre Wolf?

E sendo este o criminoso, o drama não teve lugar à meia noite, mas sim quase de madrugada. E devia ser assim: Mme. Stenheil não podia ter ficado durante 6 horas com uma mordaça de algodão em rama e as mãos e os pés atados. Quando o criado Renny a surpreendeu no leito, o estado da sua ama não era o de uma verdadeira e autêntica vítima. Oh! Não! É de crer que estivesse apenas uma hora amordaçada. Ou menos ainda...

Em resumo, continua o mesmo mistério envolta de tão extraordinário crime!

*

O famoso Cipriano Castro, presidente da República da Venezuela, chegou ontem à França. E como devem bem supor o homem que expulsou o representante da França e que tão mal se tem portado com os europeus na república que ditatorialmente governa, não foi aqui bem recebido.

Os jornais crivam-no de epigramas, insultando-no, chamam-lhe o velho macaco sanguinário. E excitam o governo francês a prendê-lo, metendo-o em uma fortaleza, até ele, o velho ditador, abrandar as suas iras, tornando-se enfim um civilizado.

Mas o famoso Castro parece disposto a entrar em transações amigáveis com o governo francês, sobretudo na questão dos cabos submarinos.

O ditador de Caracas!

Castro tem feito fuzilar mais de quinhentas pessoas, tem dividido Venezuela em lutas pessoais terríveis, tem sido a causa de insurreições sangrentas. O seu "fauteuil" presidencial está ensopado de sangue. É o verdadeiro e autêntico ditador, muito superior sob o ponto de vista cruel e autoritário ao ex-presidente do conselho de Portugal, João Franco, que nunca fez fuzilar pessoa alguma, que não desterrou ninguém, que nunca feriu os interesses de nações estrangeiras.

Castro, sim é que é o verdadeiro tipo ditador – que mata e rouba.

João Franco ao lado de Castro é como um ovo de pomba ao lado do Corcovado! Não há mesmo termo de comparação séria...

*

As representações do *Foyer* na Comédia Francesa têm sido sublinhadas tristemente com assobios e apupos.

A peça de Otávio Mirbeau e de Tadeu Natamsons tem agradado aos revolucionários, aos que desejam tudo destruir, os niveladores, aos demolidores de imagens, aos negadores, - mas o público habitual da Comédia não aplaude (nem tal poderia ser) uma peça que ataca ferozmente a burguesia rica, as damas aristocráticas, a caridade oficial e oficiosa, e que é quase a apoteose das teorias as mais extremas do anarquismo libetário.

O *Foyer* salvou-se do "fiasco" por causa do bom desempenho. A "trupe" da Comédia Francesa desempenha essa peça brutal, audaciosa e cruel com uma maestria deliciosa. Bartel é admirável. Féraudy também. E todos os outros atores são dignos dos maiores elogios.

No *Foyer* demonstra-se a hipocrisia da caridade aristocrática. Esse asilo de crianças, chamado o *Foyer*, era um coro de sátiros que iam ver açoitar as pobres crianças. E o ato do adultério demonstra o cinismo a que se desceu nas altas camadas sociais.

A imprensa em geral mostra-se severa para com a peça, - que segundo nos parece bem pouco tempo se conservará em cena. E não deixará saudades ao público da elite da Comédia Francesa!

*

Tivemos o prazer de ouvir a conferência do distinto engenheiro brasileiro da Escola Politécnica do Rio, o Sr. Everardo Backheuser, que é hoje membro da Agência de Propaganda do Brasil em Paris.

Essa conferência teve lugar no vasto e belo anfiteatro da Sociedade de Geografia de Paris e foi feita em... esperanto de que o ilustre conferente é grande entusiasta. Por volta das 8 horas já quase todos os *fauteuils* estavam ocupados, sobretudo de esperantistas franceses.

Falava-se de cadeira em cadeira e de lado a lado da sala... em esperanto, língua de que conhecemos apenas alguns rudimentos e que julgamos de grande futuro, sobretudo nas relações comerciais. Em Paris há mais de 50 mil pessoas que escrevem e falam correntemente o esperanto.

À hora indicada, abriu-se a sessão, sendo o conferente saudado por muitas palmas apenas apareceu no estrado, ao lado do professor Bourlet, do general Serbet e do professor Cart. Presidia à conferência o ministro do Brasil o Dr. Gabriel de Piza.

O professor Bourlet apresentou à numerosa assistência - mais de 600 pessoas, - o Sr. Backheuser, que é com Medeiros e Albuquerque um dos mais ardentes propagandistas do esperanto no Brasil.

O conferente fez uma descrição circunstanciada e vasta o Brasil, auxiliado com interessantes projeções. Citou todos os progressos do Brasil moderno, elogiando a obra do Sr. Miguel Calmon e a do Sr. Pereira Passos (que se achava presente).

O Sr. Backheuser traduziu em esperanto o soneto de nosso amigo Olavo Bilac: *Ouvindo estrelas* e um outro soneto de Raimundo Correia. O conferente afirmou no meio de maiores aplausos do auditório que o esperanto era um poderoso auxiliar na luta pacífica das raças para a realização do grande sonho de confraternidade universal.

Disse mais que o Brasil era o continuador da obra iniciada há séculos por Paris e Roma a expansão latina. Muitos aplausos.

O professor Bourlet, declarou que esta conferência em esperanto era um fato verdadeiramente notável, uma conferência histórica.

Por fim, o Dr. Piza, ministro do Brasil, fechou a sessão lendo um pequeno discurso em que enalteceu a obra do esperanto na propaganda dos princípios de emancipação política e na obra da solidariedade positivista.

O público à saída entoou a Carmagnolle esperantista e no salão de entrada foi largamente distribuído café brasileiro e mapas do Brasil oferecidos largamente pelo Centro de Propaganda. Em resumo foi uma festa boa e brilhantíssima que deixou as mais gratas recordações e que foi um verdadeiro triunfo para o Sr. Backheuser, o jovem e simpático engenheiro brasileiro.

*

Pelo steamer *Aragon*, da Royal Mail partiu para o Rio e São Paulo o nosso excelente amigo, o Dr. Rodolfo de Miranda, acompanhado de sua Exma. esposa que se encontra enfim restabelecida da sua grave doença.

Na *gare* de São Lazaro, à hora da partida do expresso de Cherburgo, dezenas de brasileiros e muitos amigos franceses vieram cumprimentar o ilustre deputado paulista. Vimos ali o Dr. Gabriel de Piza, o Dr. Eduardo F. Cardoso, o vice-consul R. de Mesquita, coronel Ramos, Madruga, Costa Saraiva, Rodrigo Soares, Mme. Lipman, Bocaiúva Filho, Xavier de Carvalho etc.

O Dr. Rodolfo de Miranda parte muito satisfeito das manifestações de estima que recebeu tanto em França, como na Itália e na Inglaterra. Porque em todos os grandes centros europeus este ilustre paulista conta amigos e admiradores das suas nobres e distintas qualidades.

*

No último número do *Italia* e da *Italie Illustrée*, as duas importantes revistas que o Sr. Alexandre d'Atri dirige em Paris, vêm muitos artigos importantes sobre o Brasil e sobretudo sobre o Rio e São Paulo, com vistas curiosas e interessantes dos grandes melhoramentos da Capital Federal e da capital paulista.

Sabemos que a pedido de um importante personagem de São Paulo, o nosso amigo e colega Alexandre d'Atri partiu para Roma onde vai ter uma conferência particular com

o presidente do conselho de ministros da Itália sobre a grave questão da imigração que tantos embaraços e tentas peias nestes últimos tempos tem tido no norte e ao sul das províncias italianas.

O Sr. A. d'Atri vai com certeza conseguir o que por meio de *pourparlers* diplomáticos ainda se não pudera obter. E digam ainda se não são por vezes finnos diplomatas!...

O próximo número da *Itália Ilustrada* deve ser curiosíssimo, porque é a edição de Natal, com uma colaboração escolhida, tendo esplêndidas gravuras.

*

Que nos seja permitido fechar com chave de ouro a nossa Carta Parisiense de hoje, reproduzindo aqui a encantadora carta que recebemos há dias do nosso velho amigo Jaime de Séguier:

"Meu caro Xavier de Carvalho – Estou em grave falta com o meu amigo. Tenho há dias em meu poder a *Poesia Humana* e já devia ter-lhe agradecido o seu delicado brinde. Quisera, porém, fazê-lo depois de haver lido o volume e para isso era necessário achar uma hora, o que não é fácil para mim neste momento apesar da minha boa vontade. Encontrei afinal essa hora ontem mesmo e venho dizer-lhe quanto [ilegível] tornou agradável e variada a leitura dos seus versos em que admirei a flexibilidade da sua inspiração que se adapta aos mais diversos gêneros, desde o romântico até ao satírico, desde o parnasiano até ao simbolista. Fez muito bem o meu amigo em reunir essas composições esparsas em periódicos e revistas, e ainda inéditas, formando com elas um belo açafate de flores, dos mais variegados matizes e dos mais capitosos aromas. Não lhe direi qual delas me parece mais viçosa e rescendente porque não saberia fazer a escolha.

Felicito-o pelo acolhimento caloroso que seu livro receberá necessariamente da parte dessa meia dúzia de espíritos cujo sufrágio representa entre nós a única consagração e recompensa que um artista pode desejar e aperto-lhe cordialmente a mão como seu muito dedicado amigo e admirador – Jaime de Séguier.

Paris, 21/11/1908"

As palavras amigas de tão brilhante estilista, - que é ao mesmo tempo um dos melhores poetas da literatura portuguesa atual, são para nós uma consagração.

Xavier de Carvalho.

CARTAS DE PARIS[35]

PARIS, 7 DE ABRIL DE 1909

A festa da intelectualidade brasileira em Sorbonne – Os discursos – Anatole France – o Dr. Charles Richet – Oliveira Lima – Victor Orban – O Dr. Gabriel de Piza – Xavier de Carvalho – O banquete do café Riche – Homenagens ao Dr. Manoel de Oliveira Lima – Opinião unânime da Imprensa francesa, belga, espanhola, portuguesa etc – O Paris intelectual saudando o Brasil moderno.

Há muito tempo que não assistíamos em França a festa mais deslumbrante. Foi a consagração definitiva do Brasil intelectual pela França intelectual. E não obstante vários embaraços, à mistura com pequeninas invejas, o que tínhamos anunciado nas nossas passadas "Cartas de Paris" realizou-se e com um sucesso superior a todas as nossas esperanças.

Mas vamos relatar como tudo se passou:

No dia 3 de abril teve lugar, no vasto e belo anfiteatro Richileu, da Universidade de Paris, a Sorbonne, a tão anunciada festa da intelectualidade brasileira, organizada pela *Société des Etudes Portugaises*, de Paris, com a adesão dos importantes grupos da *Union Latine*, *Société des Universités et Grandes Écoles de France*, das Universidades Populares etc.

O fim principal desta manifestação intelectual franco-brasileira era celebrar e glorificar Machado de Assis, esse romancista e poeta que encheu de entusiasmo e de admiração a jovem República sul-americana.

Colaboraram nesta festa três escritores de grande renome: Anatole France, Charles Richet e Oliveira Lima. O primeiro, o glorioso autor da *Thais*, deve partir em breve para

[35] *O País*, 2 maio 1909, p. 5

a Argentina, visando de passagem Lisboa e Rio de Janeiro. O segundo, chegou ainda há pouco do Brasil, onde, tanto no sul quanto no norte, recebeu os aplausos de todos os homens de culta inteligência e sério valor. O terceiro é, além de distinto homem de letras, um notável diplomata.

O Brasil deve fazer a mais ampla propaganda da sua intelectualidade. Este país não é apenas o produtor do café, da borracha e do mate, é igualmente a pátria de Gonçalves Dias, de Machado de Assis, de Luiz Murat, de Raimundo Correia, de Olavo Bilac, de José Veríssimo, de Coelho Neto e tantos outros luminares das letras, inteligências de "elite", de igual valor às primeiras celebrações europeias.

Foi esta a grande significação da festa da intelectualidade brasileira.

*

O Dr. Charles Richet, professor da Escola de Medicina, um dos mais ativos propagandistas do movimento pacifista, pronunciou um discurso sobre o Brasil, que ele, o insigne professor, visitou há meses e de onde veio tão profundamente surpreendido pelos progressos intelectuais desse país.

Esse grande pacifista tem feito parte de muitos congressos internacionais de paz e é um colaborador assíduo de todas as revistas do movimento científico moderno.

O Dr. Charles Richet é um orador distinto, falando com grande facilidade e brilho. As suas conferências são muito apreciadas.

Quando ultimamente chegou a Paris, publicou várias entrevistas sobre o Brasil, tecendo os mais rasgados elogios à mocidade das escolas que na conferência realizada no Rio, ao Ferri e de Bilac; o cobriu de aplausos entusiásticos. De resto, a imprensa do Rio teceu os maiores elogios ao Dr. Charles Richet que foi muito bem recebido por todos os intelectuais brasileiros.

Anatole France é hoje a figura culminante das letras francesas.

Na sua prosa há o sol do Oriente, o redondilho gótico das catedrais, a ironia de Paris, o fino espírito do grande século, a bondade de um filósofo budista, a surpresa dos sonhos exóticos e todos os deslumbramentos! Poeta, é um dos parnasianos mais delicados e mais deliciosos, o romancista é um dos prosadores maravilhosos da França moderna.

Um crítico Fernand Gregh disse: é o grande clássico e ninguém escreveu melhor o francês como ele, desde o século XVII até hoje.

O romancista da "Rotisserie de la Reine Padanque", da "Thais", do "Lys Rouge", do "Orne du Mall", do "Mannequin d'Orsier", de "Mr. Bergerat à Paris", vai visitar a América do Sul. E com toda a certeza será brilhantemente recebido em Lisboa, no Rio de Janeiro e em Buenos Aires.

Portugueses, brasileiros e argentinos vão aclamar o representante integral do pensamento francês e o mais avançado.

Antes de partir a bordo do "Amazon", em direção ao Rio de la Plata, Anatole France quis saudar a literatura brasileira. Por isso presidiu na noite de 3 de abril a festa da Sorbonne, em honra e memória de Machado de Assis.

É impossível falar de Anatole France em três linhas de prosa. Este escritor admirável tem sido aplaudido por duas gerações em França e o seu nome é conhecido em todo o velho e o novo mundo.

Nascido em Paris, no "qual" Voltaire, sempre viveu nesta capital. O seu pai, o velho Thibault, era livreiro e France viveu sempre numa atmosfera de saber. Daí o seu amor ao livro, e a sua paixão desde mais tenra idade por tudo que fosse intelectual e artístico.

Hoje Anatole France chegou à cumiada, a mais elevada da literatura. É um homem que se impõe, um nome respeitado, mesmo no estrangeiro.

O atual ministro do Brasil em Bruxelas, o Dr. Manoel de Oliveira Lima, é um dos membros mais distintos e mais dignos do corpo diplomático e da Academia Brasileira de Letras.

Nascido a 25 de dezembro de 1867, na noite de natal, na cidade de Pernambuco, tinha apenas a idade de seis anos quando veio para Portugal, acompanhando a sua família, passando toda a sua mocidade em Lisboa, onde frequentou o curso superior de letras, sendo um dos mais distintos discípulos do grande sábio Teófilo Braga.

Nessa época já colaborava em jornais portugueses e brasileiros, sobretudo no *Repórter*, de Oliveira Martins, onde publicou uma admirável serie de artigos em favor da abolição da escravatura e em prol das doutrinas democráticas.

Quando foi proclamada a República no Brasil, o general Quintino Bocaiúva, então ministro dos negócios estrangeiros, escolheu-o para o posto de 1º secretário da legação do Brasil em Portugal. No ano seguinte em 1890, casou-se com a descendente de uma das mais dignas e nobres famílias brasileiras Madame Flora Cavalcante de Albuquerque, senhora de veras virtudes, de uma grande bondade e de uma inteligência superior.

Em 1892 foi nomeado secretário da legação do Brasil em Berlim, onde esteve três anos sob a direção do barão de Itajubá. Depois esteve no Brasil, onde empreendeu muitos trabalhos históricos e literários.

Em 1896 foi nomeado 1º secretário em Washington onde esteve até 1900, passando depois para Londres. Na capital inglesa dirigiu durante alguns meses o importante cargo de encarregado de negócios.

Em seguida, vêmo-lo no Japão como ministro, residindo três anos em Tokio, onde escreveu um dos seus belos livros *No Japão*.

Do extremo Oriente foi nomeado sucessivamente para ministro no Perú e mais tarde para a Venezuela. Foi dessa república tão célebre hoje pelas proezas do tiranete Castro que veio para a Bélgica, onde hoje se encontra.

Mas o Dr. Manoel de Oliveira Lima não é apenas um diplomata notavél, - é um homem de letras de incontestável valor. Tem trabalhos de primeira ordem, que o designaram para um dos "fauteuils" da Academia Brasileira.

Entre as suas obras principais devemos destacar: *Pernambuco e seu desenvolvimento histórico, Sete anos de República no Brasil, Aspectos da literatura colonial brasileira*, *Nos Estados Unidos*, *Memória sobre a descoberta do Brasil*, a *História diplomática do Brasil*, *No Japão*, o *Pan-Americanismo*, *Coisas diplomáticas*, o drama histórico *O secretário do Rei Elogio do Varnhagem*, o discurso que pronunciou quando foi recebido na Academia Brasileira. E trabalha agora numa obra histórica sobre D. João VI no Brasil, e que vai aparecer em junho.

Tem colaborado assiduamente na *Revista Brasileira*, na *Nouvelle Revue* de Paris, na *Revista Portuguesa*, no *Jornal do Recife*, no *Diário de Pernambuco*, no *Correio da Manhã*, no *País*, no *Estado de S. Paulo*, no *Jornal do Comércio* do Rio etc. É um letrado dos mais notáveis do Brasil.

*

Com estes três elementos, a festa devia ser brilhante, como efetivamente o foi.

A sessão principiou cerca de 9 horas, mas às 8:30 horas era já impossível encontrar um lugar no anfiteatro da Sorbonne – No estrado do fundo, onde falavam os oradores, estavam os Srs. Louis Havet, membro do Instituto; Gabriel Séailler, do Colégio de França; Pelletan, do Apostolado Positivista e livreiro muito conhecido; os Srs. Jaime de Séguier, Olavo Bilac, A. de Souza, Gustave d'Aout, Dr. Veloso de Araújo, ministros do Chile e da Costa Rica.

Tomou a presidência o glorioso escritor Anatole France, que pronunciou uma formosíssima alocução sobre o gênio latino.

Charles Richet falou largamente do Brasil e da intelectualidade brasileira.

Mas o que todos ansiosamente esperavam era a conferência do Dr. Manoel de Oliveira Lima, sobre a obra de Machado de Assis.

Embora longa, porque durou uma hora e um quarto, todos a escutaram com admiração e todos cobriram de aplausos o ilustre conferente. É impossível dar mesmo um "aperçu" dessa bela obra de escrita. O discurso vai aparecer em breve, publicado pela missão de propaganda e será largamente distribuído pelas sociedades literárias, centros de ensino e da imprensa europeia.

Mlle. Mislay (do teatro Sarah Bernhardt), uma encantadora loura de 18 primaveras, leu três poesias de Machado de Assis, deliciosamente traduzidas pelo poeta Victor Orban. O Gabriel Piza leu um belo discurso aplaudindo todas estas manifestações de boa "entente" literária entre a França e o Brasil, discurso que foi muito aplaudido por todos os assistentes.

O presidente Anatole France deu então a palavra ao correspondente parisiense do *País*.

*

Eis o discurso que nós pronunciamos:

"Senhores e damas – em nome da Société des Etudes Portugaises, agradecemos todos os oradores desta bela festa intelectual, em que franceses, brasileiros, portugueses, latinos da velha Europa e da jovem América renderam a homenagem devida à memória

de um dos mais célebres escritores do Brasil moderno, morto em pleno triunfo, Machado de Assis.

Agradecemos, antes de tudo, o mestre tão amado, Anatole France, que nos fez a honra de presidir a esta festa e a quem nós dirigimos o testemunho da nossa simpatia, na véspera da sua partida para a América do Sul, onde vai dar uma série de conferências sobre o sutil clássico Rabelais. Esta festa de confraternidade intelectual é o prólogo do grande triunfo de Anatole France nas cidades do sul da América, onde a juventude literária o espera para aclamar neste escritor o espírito livre e glorioso da França, a eterna emancipadora, sempre à frente de todas as ações de liberdade e justiça.

Agradecemos também ao Dr. Charles Richet, o apóstolo da paz, um sábio e um nobre coração, que falou da influência francesa no Rio e no norte do Brasil. Ele, com os seus próprios olhos, viu os progressos cada vez maiores dessas regiões de tão belo futuro. E voltou do Brasil completamente entusiasmado de ter constatado a obra admirável da França nesse jovem país da América do Sul.

Victor Orban, nosso velho amigo, esse poeta lírico tão delicado, tratou altamente da obra poética de Machado de Assis. As traduções, que uma das mais encantadoras atrizes tão deliciosamente leu, são verdadeiras obras primas.

O mui digno diplomata, o ministro do Brasil em Paris, o Dr. Gabriel de Piza, pelas suas admiráveis palavras, consagrou definitivamente esta festa. Agradecemos-lhes a sua preciosa colaboração.

Mas reservamos em particular os nossos agradecimentos, com um infinito reconhecimento ao Dr. Manoel Oliveira Lima, esse fino letrado que é ao mesmo tempo um fino diplomata brasileiro, a esse notável homem de letras que há tanto tempo honra o nome do Brasil na Europa, na Ásia e nas duas Américas e que hoje, neste anfiteatro da Sorbonne, fez a apoteose de Machado de Assis.

Manifestação como a de hoje, tem por fim tornar conhecido na “elite” europeia o Brasil moderno. A missão brasileira de propaganda e de expansão econômica, que nos ajudou (e nós agradecemos aqui altamente este auxílio) rende serviços enormes ao Brasil, porque é, graças aos seus esforços conscientes e admiráveis, que a jovem República pôde restabelecer o seu crédito nos mercados europeus. Ainda mais uma vez, os nossos

agradecimentos a todos aqueles que nos auxiliaram e que vieram aqui saudar a memória de um dos escritores cuja morte encheu o luto a alma brasileira".

Toda a assistência acolheu com palmas o nosso pequeno discurso e Anatole France levantou a sessão, erguendo um viva à união intelectual, moral e econômica da França e do Brasil.

*

Entre as pessoas presentes na Sorbonne, tomamos os seguintes nomes: M. e Mme. G. de Piza, M. e madame V. Gordilho, M. e Mme. Vieira da Silva, MM. Souza Dantas, P. Pacheco, Anibal Veloso, Afonso Arinos, Paulo Prado e Benjamin de Melo, M. e Mlles. Barros Moreira, M. e madame Passos, MM. Leoni, Chaves Moutier, general Grandprey, Amaro Cavalcante, Mme. Pereira e Souza, Mlle. A. Fleury, viscondessa de Cavalcante, conde e condessa de Figueiredo, madame Magalhães, MM. A. e Ch. Klingelhoefer, Jaime de Séguier, Quintino Bocaiúva Filho, S. Sá Vale, Padua Rezende, M e Mme. Neu; MM. Olavo Bilac, Léon Simon, Fabre Duviard, Richet Filho, Mme. Rosnoblet, Mmes. Macedo e Ragot, MM. Marquez de Peralta, professor Louis Havet, Ch. Drouart, inspetor geral do ensino; A. de Souza, Dr. Nestor Libero, A. d'Aguilar, Raqueni, conde de Araguaia, barão de Nioac, baronesa se Bonfim e seus filhos; Max Nordau, Mme. Rio Branco, madame de Aguiar, M. e Mme. Grumbacher, M. e Mlle. Simões da Fonseca, M. Cardoso, coronel Ramalho, A. Vaz de Carvalho, o violinista Chiaffitelli, Rangel Pestana, A. Marques Reis, G. Guimarães, W. Guimarães, Paul Perin, George Scott, Mme. Denais, madame Wenceslau Guimarães, Mme. C. do Rio Branco, Mme. Soares, M. e madame Ed. Cardoso, Mme. Placido de Souza, Domingos Braga, viscondessa de Sistello e Mlle. Condessa do Alto-Mearim, visconde de Hamilton, Rodrigo Soares, Souza Lopes, M. e Mme. De Oliveira, M. e Mme. de Aguiar, Dr. Lopes, Francisco Guimarães, visconde de S. Leger, o ex-ministro da França no Rio, Mr. Decraix. Mr. Cunha e Silva, Rodrigues Gomes, Manoel Inácio, A. da Silva Lisboa e esposa, pintores Dario e Mário Villares, Dr. Emílio de Sá, Henri Scarabin, Mme. Xavier de Carvalho e suas filhas Yvone e Odete, Justino de Montalvão, Mmes. Camile e Clara Lipman, Mme. Orban, Mme. Lobato, o deputado Pouisson, Victor Charbonnel, o engenheiro Amorim, M. e Mme. Silva Golveia, viscondes de Faria, Luiz de Castro, representantes da imprensa inglesa, americana do norte e do sul, agência Havas, imprensa portuguesa, etc, etc.

O que podemos afirmar é que mais de 500 pessoas não puderam penetrar no recinto da reunião, porque, desde às 9 horas da noite, já não havia sequer um lugar vazio.

Em resumo, uma festa maravilhosa que foi – segundo a opinião unânime da imprensa – coroada do melhor êxito.

*

Que dizer da bela manifestação do dia seguinte: do banquete que teve lugar, a 1 hora da tarde, no salão do Café Riche, em pleno coração de Paris, no boulevard dos Italianos?

Mais de cem convivas enchiam o recinto e as mesas foram tomadas de assalto porque o serviço de ordem não pôde fazer devidamente, por terem faltado dos membros do "comitê". E quem escreve estas linhas – também o iniciador e organizador do banquete – não teve quem o auxiliasse na distribuição dos lugares.

O Dr. Manoel de Oliveira Lima, a quem era dedicado o banquete, pronunciou um discurso admirável. E nós, em particular, temos a agradecer-lhe as suas palavras amigas, expressivamente elogiosas a nosso respeito.

Leon Simon, negociante de S. Paulo, domiciliado há anos em Paris, fez um belo discurso. E devemos também assinalar o improviso cheio de emoção patriótica, do nosso amigo A. de Souza, diretor do *Mundo Elegante* e da *Ilustração Universal*.

Os deputados Beauguler e Nicol pronunciaram também admiráveis trechos de eloquência, enaltecendo o Brasil. O professor de Sorbonne, Mr. Paulo Vibert – que em breve visitará o Brasil – falou do grande futuro desse país. E Max Nordau foi, como sempre, brilhantíssimo.

Xavier de Carvalho – correspondente parisiense desta folha – ofereceu um belo "bouquet" de orquídeas e rosas a Mme. Oliveira Lima.

A festa em honra do ministro do Brasil, em Bruxelas, prolongou-se até as 3 horas da tarde, e todos saíram muito satisfeitos dessa bela manifestação a que se referiram com elogio os jornais mais lidos de Paris, e sobretudo os órgãos da colônia.

No dia imediato o Dr. Piza, ministro do Brasil, em Paris, ofereceu um "raoult" ao seu colega e amigo o Dr. Manoel de Oliveira Lima, que durante a semana foi alvo de todas as mais altas e sinceras manifestações de apreço e estima, tanto da parte da colônia

brasileira, como das notabilidades do mundo oficial francês. Este ilustre diplomata é um dos nomes mais queridos e admirados do Brasil na Europa. E Paris consagrou-o enfim com as entusiásticas aclamações que recebeu na Sorbonne.

Xavier de Carvalho.

CARTAS DE PARIS[36]

PARIS, 15 DE OUTUBRO DE 1915

Na sexta hora de amargura – Com o coração torturado – A morte de meu filho

Há oito dias que me encontro como um condenado à morte no oratório. Tenho o cérebro num estado horrível. Não posso dormir, não posso pensar... Uma parte integrante do meu ser desapareceu! O meu filho querido, o meu adorado Rafael, que era todo o meu orgulho, a continuação do meu eu, acaba de ser morto na batalha de Champanhe, no ataque da "Fierme de Navarin", que foi um das ações guerreiras mais notáveis dos francesas, nestes últimos meses.

O meu filho Rafael que morreu varado por seis balas alemãs, após um violento "corps à corps" com a guarda prussiana que defendia um fortim quase inexpugnável, era um moço de 18 anos e meio. Nasceu na pequena cidade de Rueil, proximidades de Paris, em 22 de abril de 18896. Fizera os seus primeiros estudos numa pensão escolar de Neuilly, onde obteve os primeiros diplomas. Depois meteu-se no estabelecimento de instrução complementar de Rambouillet, onde obteve outros louros, porque era um moço muito inteligente, muito aplicado, muito cheio de [ilegível] e brio, querendo sempre distinguir-se.

Como não soubesse bem a língua de seu pai, porque nasceu em França, fora sempre educado em liceus franceses, resolvi um dia enviá-lo para Portugal. E uma tarde embarcou para o Porto onde graças ao apoio do meu velho amigo o Dr. Angelo Vaz,

[36] *O País*, 27 nov. 1915, p. 2

deputado democrático, pôde entrar para a escola Raul Doria, onde ensinava a conversação francesa.

Ali esteve cerca de dois anos e depois foi para o escritório de umas minas de Vidago. Achando-se doente, veio passar uns meses para a casa de meus pais, na Serra d'El Rei, proximidades de Peniche e de Obidos.

Foi ali, nessa vilegiatura, que lhe chegaram as primeiras notícias da guerra. Entusiasmou-se e escreveu-me logo uma carta pedindo-me a devida autorização para se vir alistar no exército francês, porque se queria bater (dizia ele na carta que ainda conservo), contra os inimigos da sua raça, os "boches" malditos. O pobre rapaz achava-se impressionado com a descrição das primeiras barbaridades que os alemães haviam praticado na Bélgica.

Hesitei em enviar essa autorização, porque acreditando na próxima vinda das tropas portuguesas, era de opinião que o rapaz aproveitando os seus conhecimentos da língua francesa, se alistasse no exército português, para servir de "agent de liaison", nos campos de batalha, em França, entre os nossos soldados e as forças francesas.

Mas os contingentes anunciados em Portugal nunca chegavam e o meu rapaz partiu para o Porto, onde arranjou um pequeno emprego, sempre com a ideia fixa em voltar para a França e vir aqui alistar-se na legião estrangeira, como voluntário português. Não tendo a soma necessária para a viagem, passou uns dias em Lisboa, onde com o auxílio do major Magalhães Lima e outros amigos obteve o dinheiro preciso a fim de partir para a França – sem ter necessidade de me escrever.

Pobre moço, de um entusiasmo ardente, receando (que loucura!) a minha oposição, apenas chegou à fronteira francesa, correu ao primeiro depósito de recrutamento, o de Baiona, e alistou-se no 1º regimento da legião estrangeira. Daí partiu, já como voluntário, para Lyon e Campo da Valbonne, onde fez toda a sua preparação militar. Só obteve uma licença de 24 horas, para vir a Paris ver a família. E com ele os seus pais passaram um dia inteiro. Como nos custou a sua despedida na "gare" quando o pobre moço, mal curado de uma bronquite, regressou no seu quartel de Valbonne! Como ressoam aos nossos ouvidos as palavras enternecidas que nos disse, uma hora antes de nos despedirmos dele, de o beijarmos pela derradeira vez!

"– O pai sabe por que me apressei a vir para a guerra? Porque já não podia mais aturar certas "piadas" que ouvia no Porto. Diziam-me alguns indivíduos: por que é que não vais para a guerra? Então o teu pai anda a pregar a intervenção e tu ficas por aqui? Ele quer a guerra para os outros e não para os seus!"

"E então resolvi vir imediatamente. Não queria que te dirigissem mais piadas destas tão estúpidas. Agora que estou na guerra, eles já não podem escrever ou dizer qualquer coisa contra ti. E crê que não é um sacrifício. É pelo contrário um grande prazer que tenho."

Agracia-lhe com os olhos cheios de lágrimas a sua explicação tão enternecida. Viera oferecer a sua vida em holocausto. Pobre moço de tão ingênua e heroica crença! Como se eu não tivesse de há muito couraçado para todos os coices que de perto ou de longe me atiram alimárias nojentas.

Enfim, o meu querido Rafael foi para o campo de batalha. Primeiramente esteve na Argonne, depois foi para Alsácia, onde assistiu à queda do avião onde ia Pégoud; e por último mandaram-no para o departamento de Champanhe.

Escrevia-me todos os dias e às vezes duas cartas, uma para mim e outra para a mãe que ele tanto adorava.

Mas, do dia 24 de setembro em diante não recebemos mais carta alguma dele. E este silêncio inquietador aterrava-me, porque o sabíamos em perigo nos violentíssimos combates de Champanhe, o ataque de Massifes, de Maison d'Champanhe, e de Ferme d'Navarin.

Em 9 de outubro recebemos a primeira carta de aviso: era a do cabo da esquadra, o Sr. Manoel Lipmann (brasileiro) que nos dizia: "o seu filho Rafael caiu brava e heroicamente no campo de batalha". E depois mais duas cartas de seus camaradas, dando outros detalhes! O meu querido morrera na conquista da herdade Navarin, fortim, terrivelmente artilhado pelos alemães. Um oficial de seu regimento escreveu-nos ainda outra carta, enaltecendo o heroísmo do meu filho, como ele se havia batido contra a guarda prussiana.

Onde está enterrado? Dizem-me que se encontra na encosta que vai da "Barraque" à cumiada Navarin. O terreno ali é todo lamacento e as "marmitas" alemãs revolvem a cada instante a terra, formando buracos enormes.

Estará ainda ali a estas horas o seu cadáver? Não terá sido reduzido em pedaços pela metralha alemã? Porque a sua sepultura ficou nas proximidades da segunda linha a que o inimigo se fixou.

O sangue do meu filho serviu para a vitória francesa de Champanhe: benditos sejam os que morreram gloriosamente, nimbados pela santíssima claridade do heroísmo. Benditos os mártires do ideal!

*

Logo que pelos jornais franceses, e toda imprensa de Paris, se soube da morte de meu filho, recebi um sem número de cartões, pneumáticos, visitas e todos testemunharam altamente a admiração que o heroico ato do meu filho produzira em todas as almas bem formadas. A agência Havas e outros correspondentes de jornais tinham telegrafado para Portugal, Brasil, Londres, Roma e Madrid a notícia dolorosa. E durante cinco dias recebi telegramas de muitas cidades distantes. Entre aqueles que mais nos honraram devo citar: o do presidente da República Portuguesa, o Dr. José de Castro, presidente do conselho de ministros de Portugal em seu nome e em nome do governo português. E os telegramas dos ministros de Portugal em Londres, na Haia, em Roma, os telegramas de Guerra Junqueiro, de Magalhães Lima, do Dr. Alfredo da Cunha, de Alves da Veiga, do Visconde de São Luiz de Braga, de Leal da Camara, dos cônsules de Portugal em Lausanne, em Lyon, em Baiona e no Havre; da imprensa de Madrid, do grupo de estudantes de Genebra, as enternecidas cartas de João Chagas, de Maximo Formont, de Jean Richepin, de Mercereau, de Cipriani, de Montarroyos, de Mendes de Almeida, de Joaquim Eulalio, do Dr. Olinto de Magalhães, ministro do Brasil em Paris, de D. Anna Ozorio de Castro, de D. Alice Oestana, do Grupo de Livre Pensamento do Porto, da "Union Latine", de Paris; do comitê franco-brasileiro, de Paris; de Ernesto Lajeuseuse, de Jean de Gourmont, do grande compositor Cacht, dos escultores Betti e Roujon, dos pintores Souza Pinto, José Campas, Luiz Burnay e Perinet, os telegramas dos deputados republicanos espanhóis Soriano e Locano, as mensagens de pêsames da Sociedade Heleno-latina, da Société Internacionale de Histoire, as palavras enternecidas do cônsul do Brasil no Maris, o visconde de Hamilton, da condessa da Conceição, dos viscondes de Faria, das marquesas de Grimaldi, de Houssalaye e de Val-Flor, da escritora D. Olga Sarmento, dos escritores argentinos Ulaños e Perez Jarba, do grupo catalanista de Paris etc.

Recebemos até o dia que escrevemos esta carta parisiense, 57 telegramas e 217 cartas e bilhetes de pêsames, não contando oito mensagens de coletividades diversas.

E, todos, absolutamente todos, enaltecendo o ato heroico de meu querido filho, a sua morte gloriosa!

*

Não nos cega o amor de pai!

Diante da morte, da horrível morte, não há nem pode haver distinções nem categorias. São todos mártires de um grande ideal – e todos combateram heroicamente.

O meu filho morreu, com as armas na mão, frente a frente ao inimigo. Bateu-se como valente, caindo no campo da honra como herói. Mas não convém colocar, oh nunca! em segundo lugar os outros seus companheiros de luta, voluntários como ele e que, como ele, morreram também nesta horrível guerra.

Que todos se recordem dos nomes de Adolfo Medeiros e de Carlos Ornelas, de Alberto Costa e C. Ferreira e do pobre V. Costa, o cabo da 3ª companhia do 1º regimento estrangeiro e que se acha sepultado próximo do meu filho na encosta de "Barraque" à Ferme d'Navarin.

Uns morreram nas trincheiras, longe do "front", outros faleceram em leitos das ambulâncias, alguns tiveram nas segundas linhas e o crânio despedaçado com estilhaços de obuses. O meu filho foi talvez o único que caiu em pleno combate, de armas na mão, lutando num "corps à corps" formidável.

Se um dia em Portugal alguém lembrar de perpetuar no bronze imortal e no mármore eterno a maioria dos valentes e soberbos filhos da livre lusitana que morreram nos campos da batalha de França, na defesa do ideal latino, - não pode haver distinção de nome. Sou eu que peço essa igualdade tão digna, evocando a memória de meu querido filho Rafael. Ele há de querer estar ao lado dos seus camaradas, - igual a eles todos, porque como eles morreu pelo mesmo supremo ideal de beleza, de liberdade e justiça.

Os dias que me restam de vida, serão consagrados à memória do meu querido filho que morreu enchendo de glória o modesto nome que tenho.

Que ele, o valente herói, receba ainda uma derradeira bênção do pai que tanto o idolatrou!

Xavier de Carvalho.